LIVRO VERMELHO DA BIODIVERSIDADE TERRESTRE DA BACIA DO RIO DOCE

VOLUME II: FAUNA

ORGANIZADORES

Bruno R. Ribeiro
Eline Martins
Rafaela Aparecida da Silva
Rafael Loyola

COORDENAÇÃO E FINANCIAMENTO

Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável

Instituto Internacional para Sustentabilidade

Fundação Renova

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Livro vermelho da biodiversidade terrestre
da Bacia do Rio Doce [livro eletrônico] :
volume II : fauna / organizadores Bruno
R. Ribeiro...[et al.]. -- Rio de Janeiro :
Vallie, 2024.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-983510-3-8

1. Bacia hidrográfica 2. Espécies em extinção - Bacia do Rio Doce 3. Fauna e flora 4. Meio ambiente - Preservação I. Ribeiro, Bruno R.

24-210577 CDD-333.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Fauna e flora : Espécies em extinção : Recursos biológicos 333.95

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

ISBN: 978-65-983510-3-8
9 786598 351038

LIVRO VERMELHO DA BIODIVERSIDADE TERRESTRE DA BACIA DO RIO DOCE

VOLUME II: FAUNA

FICHA TÉCNICA

FUNDAÇÃO RENOVA

Gerente de Programas Socioambientais:
BRÍGIDA GUSSO MAIOLI

Coordenação:
JULIANA OLIVEIRA LIMA
LAILA CARINE CAMPOS MEDEIROS

Equipe técnica:
ALINE GAGLIA ALVES
ANDRÉIA DIAS
ANDRESSA GATTI
CRISTIANO MACEDO PEREIRA
JANE CÉLIA FERREIRA DE OLIVEIRA
LEANDRO FERNANDES ANTONIO SANTOS
LETICIA DE MORAIS
MATHEUS GUIMARÃES CARDOSO NOGUEIRA
VANESSA LACERDA DE QUEIROZ

FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Diretor Executivo:
WALFREDO SCHINDLER

Diretora Científica:
RAFAELA APARECIDA DA SILVA

Gerente Técnico:
BRUNO R. RIBEIRO

INSTITUTO INTERNACIONAL PARA SUSTENTABILIDADE

Diretor Executivo:
RAFAEL LOYOLA

Gerente Técnica:
JULIANA ALMEIDA ROCHA

Gerente de Projetos:
CAROLINA SALCEDO

Coordenador da Equipe de Modelagem e SIG:
EDUARDO LACERDA

FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - FBDS E INSTITUTO INTERNACIONAL PARA SUSTENTABILIDADE - IIS

Banco de Dados e Georreferenciamento:
KARLO GREGÓRIO GUIDONI MARTINS

Especialistas em Avaliação de Risco de Extinção de Espécies:
EDUARDO TOLEDO DE AMORIM
JULIANA AMARAL DE OLIVEIRA
LUCIANA SIGNORELLI
MONIRA BRUNO BICALHO
RENATA DE TOLEDO CAPELLÃO
TATIANNE PIZA FERRARI ABREU JARDIM

APOIO TÉCNICO

Levantamento de Dados Biológicos das Espécies e Seleção de Imagens:
ADRIANO TAMM
ALINE RODRIGUES
FERNANDO RESENDE
JOANA KRIEGER
JULIA VENEGAS
LUISA LIÉVANO LATORRE
MAIARA MENDES
NOAH KOGUT LEVIN
RAÍSA ROMÊNIA VIEIRA
RENATA DE TOLEDO CAPELLÃO
VIVIANE DIB
ZANDER VILAÇA

DESIGN, DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO:

ANGELO DE BARROS GABRIEL
MAGDA CARLOS
PABLO VILELA
SIGRID CORREA WIEDERHECKER

FOTO DA CAPA:

LEONARDO MERÇON

LISTA DE AUTORES(AS) E INSTITUIÇÕES

Ana Carolina Srbek-Araujo	UVV
André Yves	INPA
Augusto Henrique Batista Rosa	UFMG
Bruno R. Ribeiro	FBDS
Eduardo Toledo de Amorim	FBDS
Eduardo Zanette	Seleção Natural
Eline Martins	FBDS
Flávia Guimarães Chaves	INMA
Henrique C. Costa	UFV
Jessica Nayara Reis	Consultora ambiental
Juliana Amaral de Oliveira	FBDS
Karlo Guidoni-Martins	FBDS
Lívia Pires do Prado	The Ohio State University
Luciana Signorelli	FBDS
Marcelo Magioli	IPC, ICMBio/CENAP e FFCLRP/USP
Maria Clara do Nascimento	UFMG
Monira Bruno Bicalho	FBDS
Natália L. Boroni	UFMG
Rafael Loyola	IIS
Rafaela Aparecida da Silva	FBDS
Renata de Toledo Capellão	IIS
Rodrigo de Almeida Nobre	Seleção Natural
Stéphanie Vaz	UFRJ
Tatianne Piza Ferrari Abreu Jardim	FBDS
Vitor Torga	Consultor ambiental

INSTRUÇÕES DE CITAÇÃO

Como citar esta obra:
Ribeiro, B.R.; Martins, E.; Da Silva, R.A. e Loyola, R. (Orgs.). 2024. LIVRO VERMELHO da Biodiversidade Terrestre da bacia do rio Doce. Volume II: Fauna. Rio de Janeiro: Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável e Instituto Internacional para Sustentabilidade, ISBN: 978-65-983510-3-8 p.

Como citar cada espécie:
Autor(es). 2024. Nome completo da espécie. LIVRO VERMELHO da Biodiversidade Terrestre da bacia do rio Doce. Volume II: Fauna. Rio de Janeiro: Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável e Instituto Internacional para Sustentabilidade, incluir intervalo de páginas da referência.

Sumário

Agradecimentos **8**
Siglas **8**
Estrutura do livro **10**
Introdução Fauna **12**
Resultados **14**
Referências **23**
Fichas das espécies da fauna **24**
Anfíbios e Répteis 26
Aves 54
Invertebrados 317
Mamíferos 355
Referências das espécies da fauna **502**
Glossário **538**
Apêndice **540**
Índice remissivo de nomes científicos **550**
Índice remissivo de nomes populares **555**
Crédito das Fotos **558**

Agradecimentos

Os resultados apresentados nos volumes I e II deste livro são fruto do trabalho colaborativo de diversas pessoas.

Expressamos nosso apreço aos pesquisadores e pesquisadoras que, direta ou indiretamente, contribuíram com informações biológicas sobre as espécies. Reconhecemos também o esforço em disponibilizar para este trabalho os vários dados cruciais para a avaliação de risco de extinção das espécies.

Destacamos a contribuição especial de todos os especialistas que participaram ativamente da oficina de avaliação de risco de extinção e estendemos nossos agradecimentos a todas as pessoas que gentilmente permitiram o uso de imagens que ilustram esta publicação.

Finalmente, agradecemos à Fundação Renova e aos membros do Grupo de Assessoramento Técnico que colaboraram com a produção deste livro.

Siglas

AOO	Área de Ocupação
APA	Área de Proteção Ambiental
CENAP/ICMBio	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos/ICMBio
CITES	Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies Silvestres Ameaçadas de Extinção
COPAM	Conselho Estadual de Política Ambiental de Minas Gerais
CTBIO	Câmara Técnica de Biodiversidade
EOO	Área de Extensão de Ocorrência
ESALQ/USP	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/USP

Siglas

ESEC	Estação Ecológica
FBDS	Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável
FFCLRP/USP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP
FLONA	Floresta Nacional
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IEMA	Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Estado do Espírito Santo
IIS	Instituto Internacional para Sustentabilidade
INMA	Instituto Nacional da Mata Atlântica
INPA	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
IUCN	União Internacional para a Conservação da Natureza
MMA	Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima
MONA	Monumento Natural
PABT	Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce
PAN	Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas de Extinção
PARNA	Parque Nacional
PAT	Plano de Ação Territorial para a Conservação das Espécies Ameaçadas de Extinção
PE	Parque Estadual
REBIO	Reserva Biológica
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
SALVE/ICMBio	Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade/ICMBio
TTAC	Termo de Transição e Ajustamento de Conduta
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
UVV	Universidade de Vila Velha

Estrutura do livro

Esta publicação apresenta os resultados da avaliação do risco de extinção das espécies da fauna e da flora que compõem o Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre (PABT) potencialmente afetada pelo Rompimento da Barragem de Fundão (Cäsar *et al.* 2018). As avaliações das espécies foram conduzidas conforme as diretrizes e recomendações da União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN) para avaliações regionais do risco de extinção de espécies (IUCN 2012).

Este volume é dedicado a **fauna ameaçada na bacia do rio Doce**, e contém a lista de autores(as) e instituições, sumário, lista de siglas, capítulo introdutório, principais resultados, fichas de avaliação, tabela com a lista de todas as espécies avaliadas, referências, glossário e índices remissivos de nomes populares e científicos. **As seções iniciais de apresentação, uma contextualização sobre o rompimento da barragem de Fundão e detalhes do método da UICN podem ser encontrados no Volume I.**

O principal resultado desde volume é um compêndio que inclui as fichas da avaliação de risco de **126 espécies ameaçadas de extinção da fauna terrestre na região da bacia do rio Doce**. Cada ficha contém uma gama de informações relevantes sobre a espécie, incluindo:

- **Taxonomia:** nome científico, nome popular, filo, classe, ordem e família;
- **Avaliação de risco de extinção:** critérios, categoria de risco e a justificativa da aplicação da categoria para a espécie na bacia do rio Doce;
- **Informações gerais:** história de vida e ecologia, abrangendo tamanho e tendência populacionais, requisitos ecológicos (habitat, alimentação, reprodução, etc.) e usos;
- **Distribuição geográfica:** descrição da distribuição global da espécie e mapa detalhado da distribuição na região da bacia do rio Doce;
- **Presença em Unidades de Conservação na bacia do rio Doce:** municipais, estaduais e federais;
- **Estratégias de conservação:** presença da espécie em outras avaliações de risco de extinção, em Planos de Ação Nacionais e Territoriais (PANs e PATs) e na Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies Silvestres Ameaçadas de Extinção (CITES);

- **Principais ameaças:** vetores de pressão sobre as espécies, com enfoque no impacto gerado pelo rompimento da barragem de Fundão;

- **Pesquisas recomendadas:** sugestões para pesquisas futuras.

Dada a natureza regional da avaliação, os mapas da distribuição geográfica das espécies incluem, sempre que disponíveis, registros de ocorrência tanto dentro quanto fora da bacia do rio Doce. Essa abordagem é crucial em avaliações de risco regionais, pois a categoria de risco pode ser ajustada com base na presença de indivíduos migrantes de populações vizinhas à bacia do rio Doce.

Todas as informações foram compiladas a partir de fontes confiáveis, como artigos científicos, livros, relatórios e sites especializados em grupos taxonômicos específicos, como BirdLife International (https://www.birdlife.org/) e Wikiaves (https://www.wikiaves.com.br/). Além disso, foram consideradas outras avaliações de risco conduzidas para o Brasil ou internacionalmente, incluindo as disponíveis no Salve/ICMBio para espécies da fauna (https://salve.icmbio.gov.br, ICMBio 2024) e UICN (https://www.iucnredlist.org, IUCN 2024).

Ao final do livro, no Apêndice, é apresentada uma tabela resumo, **listando todas as espécies avaliadas (ameaçadas ou não) e suas respectivas categorias**, seguido pelas referências utilizadas no processo de avaliação. Também é apresentado um glossário dos principais termos e conceitos utilizados no livro, bem como índices remissivos de nomes populares e científicos.

Introdução

O Brasil abriga aproximadamente 127.917 espécies de animais, predominantemente artrópodes (85%) e cordados (10%) (PNUD 2024). Desse total, 14.723 (~ 12%) foram avaliadas quanto ao risco de extinção no país, resultando em 1.253 espécies ameaçadas, sendo 360 espécies Criticamente em Perigo (CR), 425 Em Perigo (EN) e 468 Vulnerável (VU) (ICMBio 2024, Brasil 2022).

O número de espécies da fauna que ocorrem na região da Bacia do rio Doce é incerto. Entretanto, estima-se que pelo menos 70 espécies de répteis (Bérnils *et al.* 2014; Pereira-Ribeiro *et al.* 2022) e 56 anfíbios (Almeida & Gasparini 2014) são encontradas na Reserva Natural Vale e na Reserva Biológica de Sooretama. Além disso, quanto às aves, pelo menos 689 espécies ocorrem ou já ocorreram na região (Reis 2019), representando aproximadamente 83% das espécies de aves conhecidas na Mata Atlântica. No que diz respeito aos mamíferos, 157 espécies já foram registradas na região (Gonçalves *et al.* 2018), correspondendo a 41% das espécies conhecidas na Mata Atlântica.

A lista inicial de espécies da fauna potencialmente afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão foi revisada e publicada no âmbito do Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do rio Doce (PABT) (Cäsar *et al.* 2018). Composta de 216 espécies, a lista inclui 95 Aves, 62 Mamíferos, 15 Répteis e quatro Anfíbios, bem como 32 Invertebrados pertencentes a classe Insecta, sendo 10 da Ordem Lepidoptera (borboletas), 12 Hymenoptera (formigas e abelhas) e 10 Coleoptera (besouros), além de espécies das classes Diplopoda (ordem Polydesmida, n = 3 espécies), Oligochaeta (Haplotaxida, n = 4) e Onychophora (Euonychophora, n = 1) (Cäsar *et al.* 2018).

Várias das espécies potencialmente afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão foram avaliadas quanto ao risco de extinção em diferentes escalas, incluindo a global (IUCN 2024), nacional (Brasil 2022) e regional (para os estados do Espírito Santo, Espírito Santo (2022), e Minas Gerais, COPAM (2010)). Dentre essas espécies, 53 estão ameaçadas em nível global (IUCN 2024), 88 estão ameaçadas em nível nacional (Brasil 2022), 105 estão ameaçadas no estado do Espírito Santo (Espírito Santo 2022) e 106 em Minas Gerais (COPAM 2010).

Resultados

A lista inicial de espécie é composta por 216 espécies, das quais três (*Epiperipatus* sp., *Rhinodrilus* sp. nov.2 e *Urobenus* spp.) foram classificadas como Não Avaliada (NE) devido à incerteza taxonômica associada ao nome científico. Outras 18 espécies foram avaliadas como Não Aplicável (NA) para avaliação na bacia do rio Doce devido a um ou mais dos seguintes fatores: i) ocorrer apenas de forma marginal na região, geralmente com menos que 2% da distribuição geográfica na área da bacia do rio Doce; ii) a população residente na região não é nativa ou está fora de sua área natural; e iii) a espécie é um visitante ocasional na região; iv) a espécie é endêmica de outra região (Apêndice 1).

Dessa maneira, foram conduzidas **avaliações de risco para um total de 195 espécies da fauna terrestre**, compreendendo 89 espécies de Aves, 58 Mamíferos, 26 Insetos, 14 Répteis, 3 Anfíbios, 3 Diplópodes e 2 espécies da Classe Clitellata. O número de espécies avaliadas não considera o total de espécies categorizadas como "Não Aplicável" (NA) (Tabela 1).

Dentre as espécies avaliadas, 54% (n = 106) são endêmicas do Brasil, e quatro endêmicas da bacia do rio Doce: *Nyctipolus hirundinaceus vielliardi* (Ribon, 1827) (Ave), *Odontopeltis aleijadinho* Pena-Barbosa, Sierwald & Brescovit, 2013 (Diplópode), *Rhinodrilus senckenbergi* Michaelsen, 1931 (Clitellata) e *Trinomys moojeni* (Pessôa, Oliveira & Reis, 1992) (Mamífero).

Ao todo, **126 (64%) das espécies avaliadas foram classificadas em alguma categoria de ameaça**, sendo uma espécie Criticamente em perigo - possivelmente extinta (CR - PEX), 10 Criticamente em Perigo (CR), 74 Em Perigo (EN), e 41 Vulnerável (VU). A lista de espécies ameaçadas inclui, majoritariamente, Aves (n = 70) e Mamíferos (n = 37) e, em menor número Insetos (n = 9), Répteis (n = 5), Anfíbios (n = 2), Diplópodes (n = 2) e Clitellata (n = 1) (Tabela 1).

Tabela 1. Quantidade e proporção de espécies da fauna avaliadas quanto a seu risco de extinção na região da bacia do rio Doce. As espécies ameaçadas são categorizadas como Criticamente em perigo - possivelmente extinta (CR - PEX), Criticamente em Perigo (CR), Em Perigo (EN) e Vulnerável (VU). As espécies não ameaçadas são representadas pelas categorias Quase ameaçada (NT) e Menos Preocupante (LC). Outras espécies foram categorizadas como Dados Insuficientes (DD) ou Não Aplicável (NA).

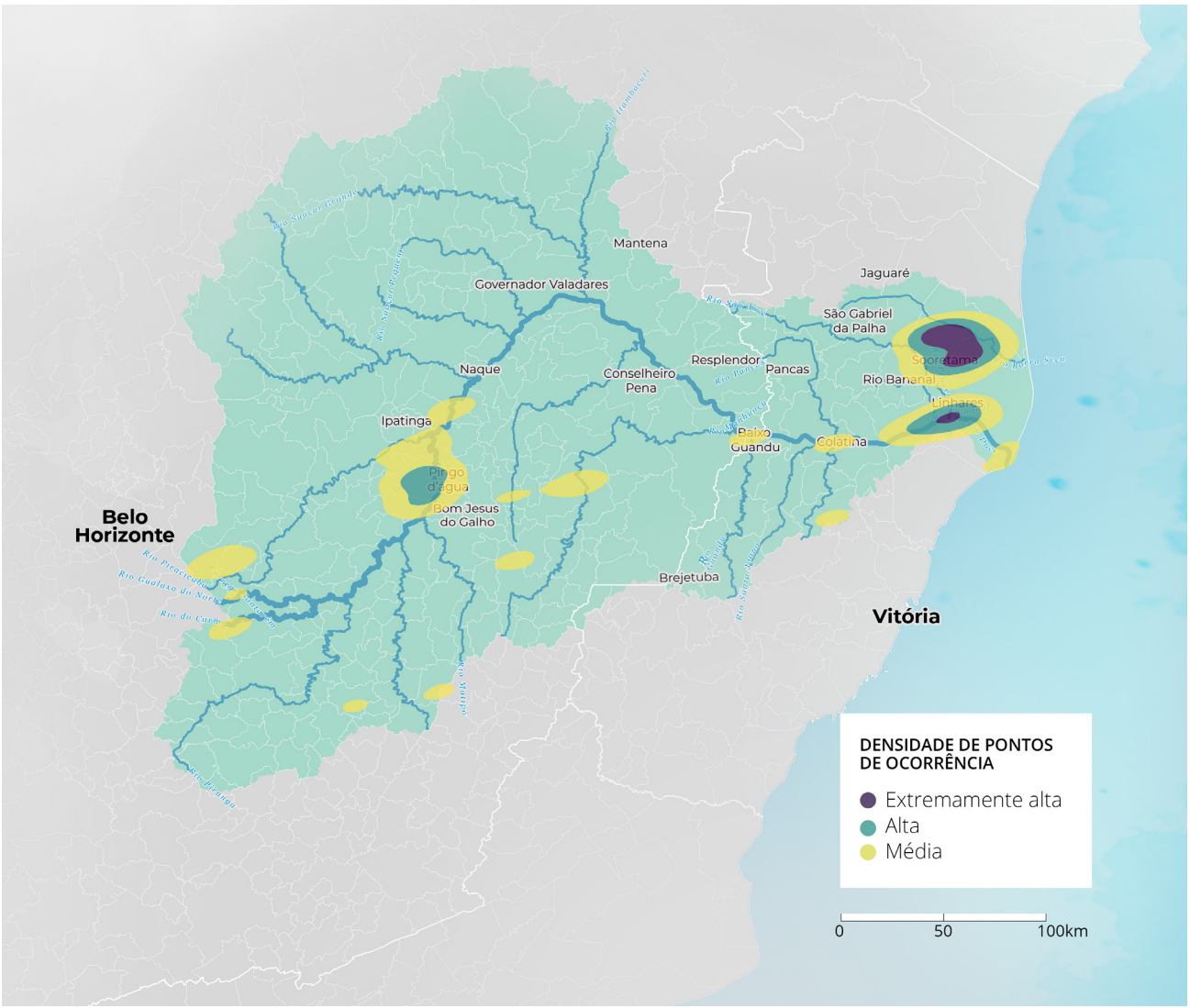
Grupos	Total de espécies	Ameaçadas		Categorias							
		Nº	%	CR(PEX)	CR	EN	VU	NT	LC	DD	NA
Clitellata	2	1	50	0	0	1	0	0	0	1	0
Anfíbios	4	2	50	0	0	2	0	0	0	1	1
Aves	95	70	74	1	6	40	23	4	7	8	6
Diplópodes	3	2	66	0	0	2	0	0	0	1	0
Insetos	32	9	28	0	1	7	1	0	0	16	6
Mamíferos	62	37	60	0	3	18	16	3	8	10	4
Répteis	15	5	33	0	0	4	1	1	5	4	1
Total	**213**	**126**	**—**	**1**	**10**	**74**	**41**	**8**	**20**	**41**	**18**

Dentre as 70 espécies de aves ameaçadas (70% das avaliadas), a ave conhecida como Parau-espelho (*Paraclaravis geoffroyi* (Temminck, 1811)) foi avaliada como CR - PEX na bacia do rio Doce. *Paraclaravis geoffroyi* é uma espécie de médio porte, florestal e de hábito terrícola que ocorria desde o leste do Paraguai, nordeste da Argentina até o sul da Bahia, no Brasil. Os últimos registros confirmados da espécie na natureza são da década de 1980. É seguro afirmar que desde 1993 a espécie tem sido intensamente procurada por pesquisadores. A única ocorrência de *P. geoffroyi* na bacia do rio Doce foi registrada no município de Viçosa, Minas Gerais. Caso ainda não tenha sido extinta, a espécie provavelmente possui pequeno tamanho populacional (< 50 indivíduos), sendo, portanto, avaliada como CR - PEX pelo critério D.

Os registros disponíveis das espécies ameaçadas na bacia do rio Doce indicam uma concentração de esforços de coleta onde inúmeros inventários e pesquisas são comumente realizadas, tais como a Reserva Natural Vale, Reserva Biológica de Sooretama e Floresta Nacional de Goytacazes, localizadas no município de Linhares, e o Parque Estadual do rio Doce, que abrange diversos municípios

de Minas Gerais (Figura 1). Há também uma concentração mais baixa de registros na região entre Ouro Preto e Mariana – MG, bem como outras regiões, incluindo as áreas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão (Figura 1).

Figura 1. Densidade de registros de ocorrência das espécies ameaçadas de extinção na região da bacia do rio Doce, estimada por densidade Kernel.



Embora as ameaças à sobrevivência das espécies na região do rio Doce sejam diversas, 28 espécies (14%) não correm risco iminente de extinção, sendo classificadas como Quase Ameaçadas (NT, n = 8) ou Menos Preocupantes (LC, n = 20 espécies) (Tabela 1). Além disso, 41 espécies (21%) não possuem dados suficientes para serem avaliadas e foram categorizadas

como Dados Insuficientes (DD) (Tabela 1). As espécies avaliadas como NT e DD são consideradas, juntamente com as espécies ameaçadas, como prioritárias para realização de pesquisas sobre o risco de extinção, biologia e ecologia.

Historicamente, a região da bacia do rio Doce encontra-se sujeita a vários vetores de pressão que ameaçam a sobrevivência das espécies. As principais ameaças na região incluem agricultura e pecuária (n = 91, 71% das espécies ameaçadas), efeitos do rompimento da barragem de Fundão (n = 85, 67%), a captura para o comércio ilegal de animais silvestres ou caça (n = 69, 55%) e expansão das áreas urbanas (n = 42, 33%) (Figura 2).

Figura 2. Principais ameaças à fauna terrestre identificadas na região da bacia do rio Doce.

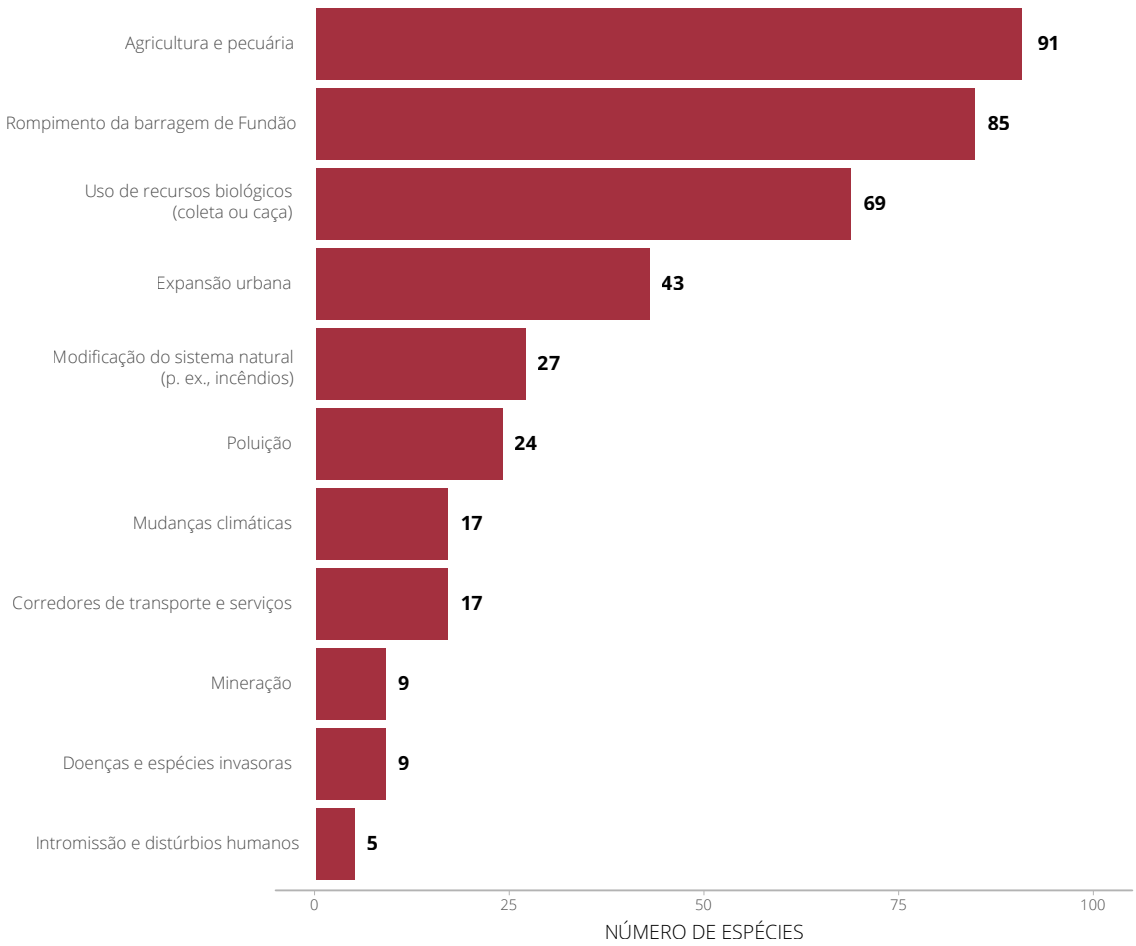
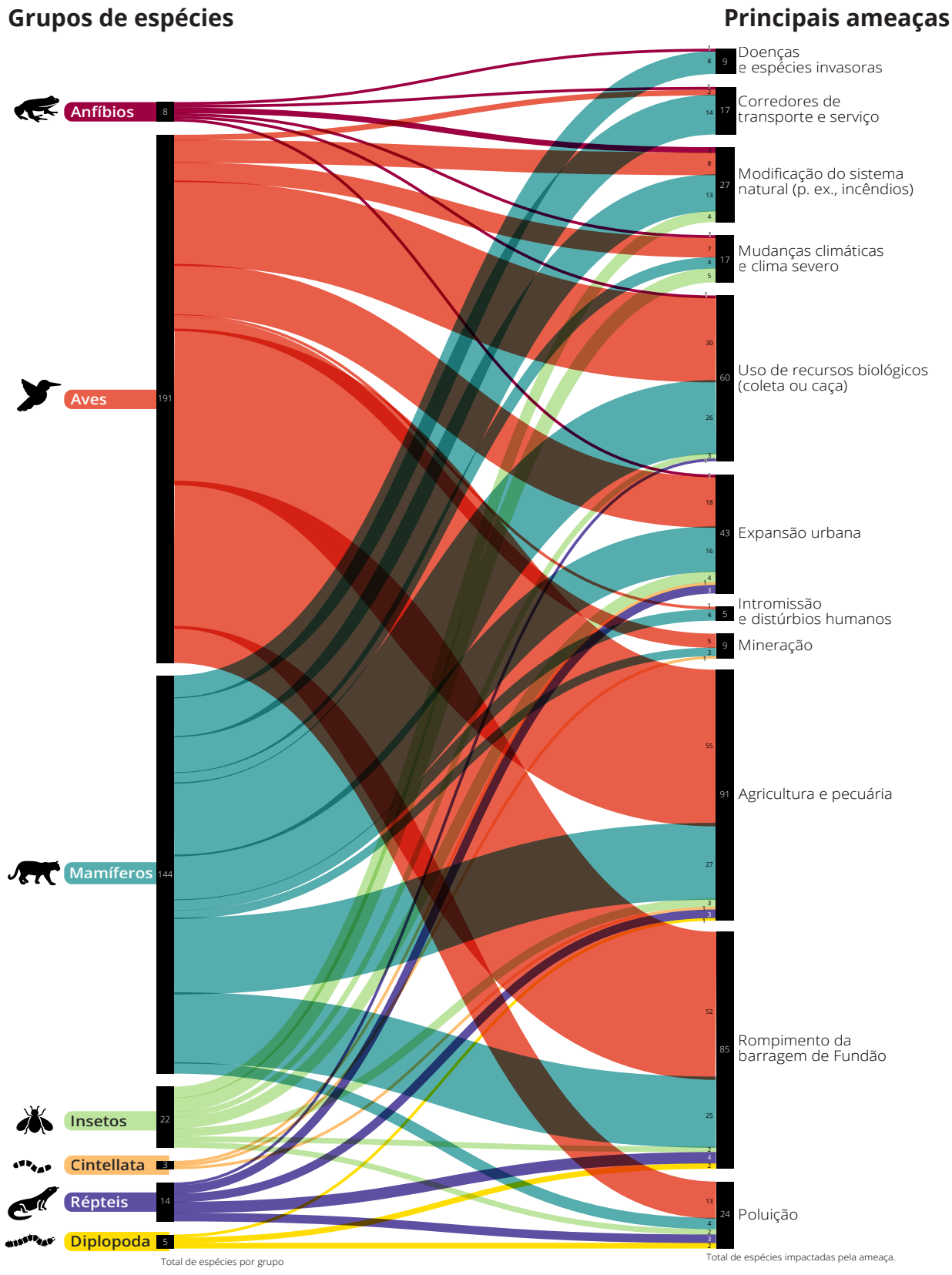


Figura 3. Principais ameaças às espécies de fauna terrestre na região da bacia do rio Doce por grupos taxonômicos.



O rompimento da barragem de Fundão, em 2015, potencialmente agravou o risco de extinção de 85 espécies na região, seja por meio de impactos diretos, como mortalidade causada por inundação e pela deposição de rejeitos, ou indiretos, oriundos da perda e mudanças na qualidade e conectividade do habitat, além da redução nas taxas de sobrevivência e reprodução (Figura 2).

Dentre as espécies ameaçadas, os grupos taxonômicos com maior número de espécies impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão inclui Aves (n = 52 espécies), Mamíferos (n = 25), Répteis (n = 4), Diplópodes (n = 2) e Insetos (n = 2; Figura 3).

Dentre as Unidades de Conservação na região da bacia do rio Doce com maior número de espécies ameaçadas estão a Reserva Biológica de Sooretama (n = 70 espécies) o Parque Estadual do Rio Doce (n = 47), Floresta Nacional de Goytacazes (n = 30) e a Área de Proteção Ambiental Sul-RMBH (n = 10; Tabela 2). O alto número de espécies ameaçadas no Parque Estadual do Rio Doce e na Floresta Nacional de Goytacazes pode estar relacionado ao fato de que estas áreas são banhadas diretamente pelo rio Doce e foram impactadas diretamente pela lama e deposição de rejeitos decorrente do rompimento da barragem de Fundão. Além disso, são áreas comumente bem amostradas, com diversos levantamentos biológicos realizados.

Tabela 2. Número de espécies da fauna terrestre ameaçadas de extinção na bacia do rio Doce registradas em Unidades de Conservação na região.

Unidades de Conservação da bacia do rio Doce	Nº de espécies
REBIO de Sooretama	70
PE do Rio Doce	47
FLONA de Goytacazes	30
APA Sul-RMBH	20
RPPN Recanto das Antas	14
PE Serra do Brigadeiro	13
APA Serra do Timóteo	10
PE do Itacolomi	8
APA Morro da Pedreira	6

Unidades de Conservação da bacia do rio Doce	Nº de espécies
RPPN Mutum Preto	6
PE Sete Salões	5
PARNA da Serra do Gandarela	5
MONA dos Pontões Capixabas	4
PE Serra do Ouro Branco	3
REBIO Augusto Ruschi	3
REBIO de Comboios	3
RPPN Mata dos Jacus - Resgate Vi	3
APA PNM da Estância Ecológica do Cruzeiro	2
APA Santo Antônio	2
ESEC do Tripuí	2
MONA Estadual Pico do Ibituruna	2
MONA Estadual de Itatiaia	2
PARNA do Caparaó	2
PARNA da Serra do Cipó	1
RPPN Aves Gerais	1
RPPN Estação Biológica da Mata do Sossego	1
RPPN Fazenda Macedônia	1
RPPN Miguel Abdala	1
RPPN Santuário da Serra do Caraça	1

* A Reserva Natural Vale não foi listada por não ser considerada uma Unidade de Conservação, segundo o SNUC (Sistema Nacional de Unidade de Conservação).

Um total de 47 espécies não estão representadas em Unidades de Conservação na região da bacia do rio Doce. Destas, 18 espécies estão ameaçadas (CR - PEX = 1, CR = 3, EN = 11, VU = 3; Tabela 3), 26 foram classificadas como DD e três espécies LC.

Entretanto, é importante destacar que cinco espécies ausentes em Unidades de Conservação possuem registros na Reserva Natural Vale (Tabela 3). Por ser uma área particular sem legalização instituída pelo Poder Público, não é considerada uma Unidade de Conservação segundo o Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC) e, por isso, não consta no Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (CNUC, https://cnuc.mma.gov.br/). Apesar disso, é um dos remanescentes mais importantes em termos de diversidade e endemismos da Mata Atlântica, e cumpre um valioso papel na conservação da biodiversidade da região (Rolim *et al.* 2016).

Dentre as espécies ameaçadas ausentes em Unidades de Conservação, sete espécies também não constam em PANs ou PATs, sendo elas: *Ateuchus squalidus* (EN), *Machaeropterus regulus* (EN), *Myotis ruber* (EN), *Nyctidromus hirundinaceus vielliardi* (EN), *Odontopeltis giganteus* (EN), *Rhynchocyclus olivaceus olivaceus* (EN) e *Sporophila angolensis angolensis* (EN). Vale destacar que *Nyctidromus hirundinaceus vielliardi* é uma espécie endêmica do rio Doce (Tabela 3).

Tabela 3. Espécies ameaçadas da fauna terrestre ausentes em Unidades de Conservação na região da bacia do rio Doce. Também são apresentadas informações sobre a presença das espécies na Reserva Natural Vale (que não é uma Unidade de Conservação reconhecida no SNUC) e em Planos de Ação Nacionais (PAN) e Territoriais (PAT).

Espécies	Categoria	Presente na Reserva Natural Vale	Presente em PANs/PATs
Ameivula nativo	EN	Sim	PANs Herpetofauna do Sudeste e Herpetofauna do Nordeste
Ateuchus squalidus	EN	Sim	—
Celeus flavus subflavus	CR	Sim	PAN Aves da Mata Atlântica
Hyalyris leptalina	EN	—	PANs Lepidópteros e Insetos Polinizadores

Espécies	Categoria	Presente na Reserva Natural Vale	Presente em PANs/PATs
Kannabateomys amblyonyx	VU	—	Espécie incluída no PAT Espinhaço Mineiro
Machaeropterus regulus	EN	—	—
Myotis ruber	EN	—	—
Nyctidromus hirundinaceus vielliardi	EN	—	—
Odontopeltis giganteus	EN	—	—
Oxysternon pteroderum	EN	—	Espécie incluída no PAT Espinhaço Mineiro
Paraclaravis geoffroyi	CR(PEX)	—	PAN Aves da Mata Atlântica
Pulsatrix perspicillata pulsatrix	CR	—	PANs Aves da Mata Atlântica e Aves de Rapina
Rhynchocyclus olivaceus olivaceus	EN	—	—
Sclerurus caudacutus umbretta	EN	Sim	PAN Aves da Mata Atlântica
Spizaetus tyrannus	VU	—	PAN Aves de Rapina
Sporophila angolensis angolensis	CR	—	—

Referências

Almeida, A. & Gasparini, J. (2014). Anfíbios na Reserva Natural Vale, Linhares, Espírito Santo, Brasil. *Ciência & Ambiente*, 49, 211–235.

Bérnils, R.S., Almeida, A. de P., Gasparini, J.L., Srbek-Araujo, A.C., Rocha, C.F.D. & Rodrigues, M.T. (2014). Répteis na Reserva Natural Vale, Linhares, Espírito Santo, Brasil. *Ciência e Ambiente*, 49, 193–210.

Brasil. (2022). PORTARIA MMA Nº 148, DE 7 DE JUNHO DE 2022. *Altera os Anexos da Portaria nº 443, de 17 de dezembro de 2014, da Portaria nº 444, de 17 de dezembro de 2014, e da Portaria nº 445, de 17 de dezembro de 2014, referentes à atualização da Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção.*

Cäsar, C., Oliveira, L. de C.O. & Câmara, T. (2018). *Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce*. Fundação Renova/Bicho do Mato Instituto de Pesquisa.

COPAM. (2010). Deliberação Normativa no 147, de 30 de abril de 2010: Aprova a Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna do Estado de Minas Gerais. Diário do Executivo do Estado de Minas Gerais: Diário do Executivo, 04/05/2010.

Espírito Santo. (2022). Decreto Nº 5237-R, de 25 de novembro de 2022. Declara as espécies de fauna ameaçadas de extinção no Estado do Espírito Santo e dá outras providências.

Gonçalves, F., Bovendorp, R.S., Beca, G., Bello, C., Costa-Pereira, R., Muylaert, R.L., *et al.* (2018). Atlantic Mammal Traits: a data set of morphological traits of mammals in the Atlantic Forest of South America. *Ecology*.

ICMBio. (2024). *SALVE - Público*. Disponível em: https://salve.icmbio.gov.br. Acesso em 11 de abril de 2023.

IUCN. (2012). *Guidelines for Application of IUCN Red List Criteria at Regional and National Levels: Version 4.0.* IUCN, Gland, Switzerland, Gland, Switzerland; Cambridge, UK: IUCN.

IUCN. (2024). *The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2023-1*. Disponível em: https://www.iucnredlist.org. Acesso em 7 de março de 2024.

Pereira-Ribeiro, J., Ferreguetti, Á.C., Bergallo, H.G. & Rocha, C.F.D. (2022). A three-year Herpetofauna survey from one of the largest remnants of the Atlantic Rainforest Biome (Reserva Natural Vale). *Papéis Avulsos de Zoologia*, 62.

PNUD. (2024). *Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil*. *Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil. PNUD*. Disponível em: http://fauna.jbrj.gov.br. Acesso em 11 de abril de 2023.

Reis, J.N. (2019). Dois séculos de perda da biodiversidade na bacia do Rio Doce: aves como modelo de estudo. Dissertação (Mestrado em Manejo e Conservação de Ecossistemas Naturais e Agrários) - Universidade Federal de Viçosa, Florestal.

Rolim, S.G., Menezes, L.F.T. de & Srbek-Araujo, A.C. (Orgs.). (2016). *Floresta Atlântica de Tabuleiro: diversidade e endemismos na Reserva Natural Vale*. Editora Rupestre.

FICHAS DAS ESPÉCIES DA FAUNA TERRESTRE

ANFÍBIOS E RÉPTEIS

50%
dos anfíbios
avaliados na bacia do rio Doce
estão ameaçados de extinção

Total de espécies por categoria

2	1
EN	DD

2 espécies do grupo estão na faixa de ameaça de extinção

33%
dos répteis
avaliados na bacia do rio Doce
estão ameaçados de extinção

Total de espécies por categoria

4	1	1	5	4	1
EN	VU	NT	LC	DD	NA

5 espécies do grupo estão na faixa de ameaça de extinção

FAMÍLIA: AROMOBATIDAE

ALLOBATES OLFERSIOIDES (Lutz, 1925)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, André Yves e Henrique C. Costa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: sapinho-foguete-da-mata-atlântica

Filo: Chordata

Classe: Amphibia

Ordem: Anura

Família: Aromobatidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Possivelmente um complexo de espécies.

INFORMAÇÕES GERAIS

Espécie de anfíbio terrestre e diurna, ocorrendo em florestas úmidas primárias e secundárias, folhiço e serrapilheira de ambientes florestais, próxima a corpos d´água em floresta seca de restinga (Costa & Dias 2019). Nas áreas de restinga ocorre em bromélias (Tinôco *et al.* 2008). *Allobates olfersioides* reproduz-se em riachos bem preservados e poças temporárias. A desova é feita no solo de ambientes úmidos e os girinos são carregados pelos pais para ambiente aquático (Costa & Dias 2019). Não há informações sobre tamanho populacional para a espécie, mas suspeita-se de que sua distribuição seja severamente fragmentada e, provavelmente, esteja em declínio populacional. A espécie era considerada abundante em várias localidades no estado do Espírito Santo, mas atualmente poucos indivíduos foram encontrados (Weygoldt 1989; Izecksohn & Carvalho-e-Silva 2001; Ferreira *et al.* 2019).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Allobates olfersioides* é um anfíbio que ocorre em áreas de restinga, florestas úmidas primárias e secundárias e apresenta uma distribuição geográfica severamente fragmentada. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência é de 2.203 km², com Área de Ocupação de 24 km² e com três a quatro localizações condicionadas a ameaças. Sua sobrevivência está intimamente ligada a ambientes úmidos, e o sucesso reprodutivo depende da presença de água. O rompimento da barragem de Fundão resultou no acúmulo de água e sedimentos na região, impactando adversamente a qualidade do habitat e comprometendo a sobrevivência e o êxito reprodutivo dessa espécie. Além disso, a espécie é afetada pela perda e fragmentação de habitat, pela incidência da quitridiomicose (doença causada por fungos), e pela sua relação de dependência de uma espécie de bromélia para a reprodução. Desta maneira, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *A. olfersioides* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: DD (ICMBio 2023b).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Herpetofauna do Sudeste (ICMBio 2019a).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie tem como ameaça a perda e fragmentação do habitat decorrente da substituição de áreas naturais em agropecuária e silvicultura, bem como em rodovias e áreas urbanas (Campos *et al.* 2013; Napoli *et al.* 2017). Além disso, a espécie tem registro de impacto por quitridiomicose, doença causada pelo fungo *Batrachochytrium dendrobatidis* (Bd) (Carnaval *et al.* 2006). Outro fator de ameaça que incide sobre a espécie é sua relação com uma espécie de bromélia (*Hohenbergia littoralis* L.B.Sm.), sendo esta listada como ameaçada em nível nacional (Martinelli & Moraes 2013). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da presença da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como a redução da taxa de sobrevivência ou do sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao monitoramento da tendência populacional da espécie são necessárias. A revisão taxonômica da espécie também se faz necessária, pois ainda existem incertezas quanto às suas subpopulações.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo nas regiões litorâneas dos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (Verdade & Rodrigues 2007; Moura *et al.* 2011).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Allobates olfersioides:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação:
REBIO de Sooretama.

FAMÍLIA: TEIIDAE

Ameivula nativo (Rocha, Bergallo & Peccinini-Seale, 1997)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, André Yves e Henrique C. Costa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: lagartinho-de-linhares, lagartinho-nativo

Filo: Chordata

Classe: Reptilia

Ordem: Squamata

Família: Teiidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Ameivula nativo é uma espécie de lagarto terrestre, diurno, com comprimento rostro cloacal entre 48,8 e 70 mm (Rocha 1997; Menezes *et al.* 2004). Considerado especialista de habitat, *A. nativo* ocorre em florestas de restinga e campo nativo na Mata Atlântica (Rocha 1997; Rocha *et al.* 2005; Peloso *et al.* 2008; Castro & Silva-Soares 2016; Colli *et al.* 2018a), onde forrageia em borda de moitas ou sob vegetação herbácea/arbustiva (Castro & Silva-Soares 2016; Cäsar *et al.* 2019). Sua dieta consiste em larvas e cupins (Rocha *et al.* 2005; Castro & Silva-Soares 2016). A reprodução pode ser unissexual, por partenogênese, inclusive com o registro de populações formadas unicamente por fêmeas (Rocha 1997; Menezes *et al.* 2004; Rocha *et al.* 2005). A ninhada é normalmente composta por até 4 ovos e o período reprodutivo é contínuo ao longo do ano (Menezes *et al.* 2004; Castro & Silva-Soares 2016). Apesar de possuir um hábito especialista com relação ao seu habitat, *A. nativo* é bastante abundante onde ocorre (Pereira-Ribeiro *et al.* 2020). A densidade populacional varia de 0,5 a 20,16 ind/ha (Menezes & Rocha 2013; Pereira-Ribeiro *et al.* 2020), sendo as menores densidades registradas nos locais mais degradados (Menezes & Rocha 2013). O tempo geracional é de 3 anos (Silveira *et al.* 2021a). Não há registro de informação de uso/comércio para esta espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Ameivula nativo* é um lagarto endêmico das florestas de restinga na Mata Atlântica, encontrado nos estados

da Bahia e do Espírito Santo. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 1.670 km², com uma Área de Ocupação (AOO) de 48 km² e de quatro a cinco localidades condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão gerou um baixo impacto nas áreas de Restinga, alterando, mesmo que minimamente, as condições do habitat da espécie em função da erosão e deposição de rejeitos da mineração. Além disso, apenas 11% da EOO da espécie são compostas por áreas de restinga, sendo a maioria delas degradadas. Além disso, as áreas de ocorrência da espécie encontram-se em fragmentos florestais cercados por pastagens e mosaico de usos. Atualmente, cerca de 45% da EOO foram convertidos nessas atividades. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat e localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Herpetofauna do Sudeste (ICMBio 2019a) e Herpetofauna do Nordeste (ICMBio 2022b).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie são em decorrência da perda, fragmentação e degradação do habitat (Colli *et al.* 2018a). Estima-se que grandes áreas de restinga foram destruídas nos diferentes municípios de ocorrência da espécie (Rocha *et al.* 2005), inclusive levando à extinção local de algumas subpopulações (Rocha *et al.* 1999). Na bacia do rio Doce, cerca de 45% da EOO de *A. nativo* foram convertidos em áreas de pastagens; além disso, apenas 11% da EOO correspondem a áreas de Restinga, habitat típico da espécie. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Entretanto, a Restinga foi pouco afetada pelos rejeitos e o impacto mensurado é considerado baixo (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Recomenda-se o monitoramento em longo prazo de suas populações, para de fato compreender a dinâmica populacional da espécie ao longo de sua área de ocorrência, principalmente com o uso de métodos que considerem a probabilidade de detecção para, assim, obter-se estimativas mais precisas (Pereira-Ribeiro *et al.* 2020).

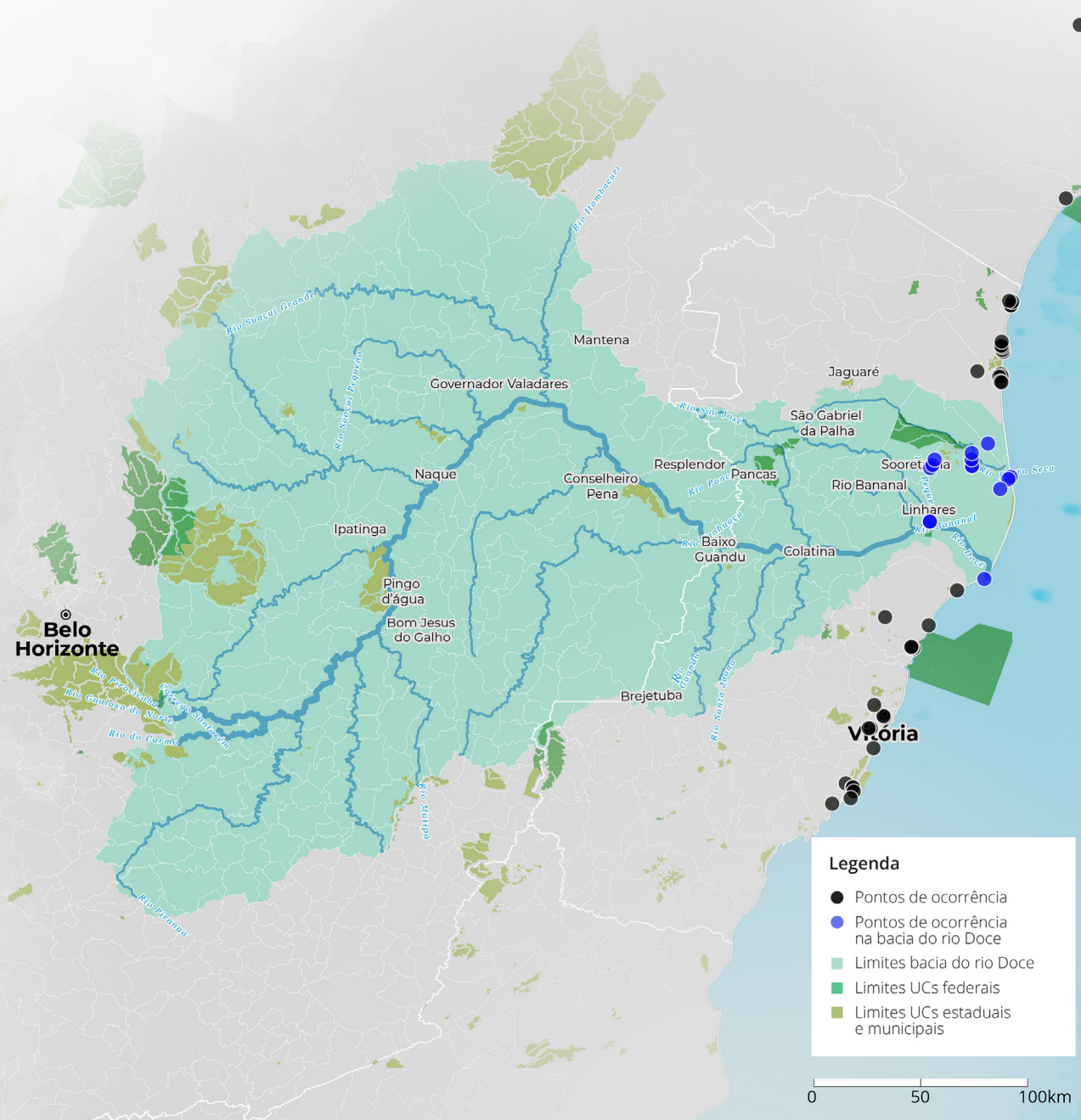
MAPA DE OCORRÊNCIA *Ameivula nativo:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Endêmico do Brasil e da Mata Atlântica, *Ameivula nativo* ocorre nos estados da Bahia e do Espírito Santo (Guedes *et al.* 2023). Na região da bacia do rio Doce, sua distribuição está restrita a áreas de restinga na Reserva Natural Vale e nos municípios de Linhares e São Mateus, Espírito Santo.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: AMPHISBAENIDAE

AMPHISBAENA NIGRICAUDA Gans, 1966

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, André Yves e Henrique C. Costa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: anfisbena

Filo: Chordata

Classe: Reptilia

Ordem: Squamata

Família: Amphisbaenidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Amphisbaena nigricauda é uma anfisbena de pequeno porte (CRC máximo: 168 mm), endêmica de florestas de restinga da Mata Atlântica (Dias & Rocha 2005; Souza e Lima *et al.* 2014), onde habita solos arenosos (Argôlo *et al.* 2018). Possui hábito fossorial e, por isso, sabe-se muito pouco a respeito de sua história natural, tendência e dados populacionais (Cunha 1961; Silveira *et al.* 2014; Souza e Lima *et al.* 2014; Argôlo *et al.* 2018). Em relação ao hábito alimentar, são insetívoros (Golder Associates 2016). A espécie apresenta dimorfismo sexual,

com ausência de poros pré-cloacais nas fêmeas (presente nos machos) e com machos ligeiramente maiores do que as fêmeas (Souza e Lima *et al.* 2014).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Amphisbaena nigricauda* é uma anfisbena de pequeno porte, de difícil detecção, que habita solos arenosos de florestas de restinga nos estados do Espírito Santo e da Bahia. Na região da bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 207 km², com uma Área de Ocupação (AOO) de 20 km² e duas localidades sujeitas a ameaças. Não há registros comprovados de ocorrência da espécie em áreas impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Entretanto, a *A. nigricauda* tem ocorrência potencial próximo à foz do rio Doce e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados a mudanças nas condições do habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos. Há pouca informação sobre seus requisitos ecológicos, de modo a possibilitar a aplicação de outros critérios da avaliação de risco. Ademais, as populações na região da bacia do rio Doce estão fragmentadas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo na AOO, na qualidade do habitat e localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Herpetofauna do Sudeste (ICMBio 2019a) e Herpetofauna do Nordeste (ICMBio 2022b).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie são a perda, fragmentação e degradação do habitat. As restingas onde a espécie ocorre estão constantemente sob pressão, principalmente devido à especulação imobiliária, ao turismo, à extração ilegal de areia e à construção de portos (Silveira *et al.* 2014; Colli *et al.* 2018b). Na região do rio Doce, a espécie ocorre em áreas protegidas, na Reserva Natural Vale e na Reserva Biológica de Sooretama, no Espírito Santo, porém a falta de conectividade entre suas populações pode vir a ser um problema. Não há registros comprovados de ocorrência da espécie em áreas impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Entretanto, conforme a publicação Avaliação de Impacto sobre as Espécies Terrestres Ameaçadas de Extinção (Golder Associates 2016), a espécie tem ocorrência potencial próximo à foz do rio Doce e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às mudanças nas condições do habitat devido à erosão e deposição de

rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Nesta região, a restinga foi pouco afetada pelo rompimento e os impactos são considerados pequenos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Espécie relativamente pouco conhecida, sendo necessárias pesquisas direcionadas ao tamanho da população, distribuição geográfica e tendências de ambos, além de estudos sobre a história natural (Silveira *et al*. 2014; Colli et al. 2018b)

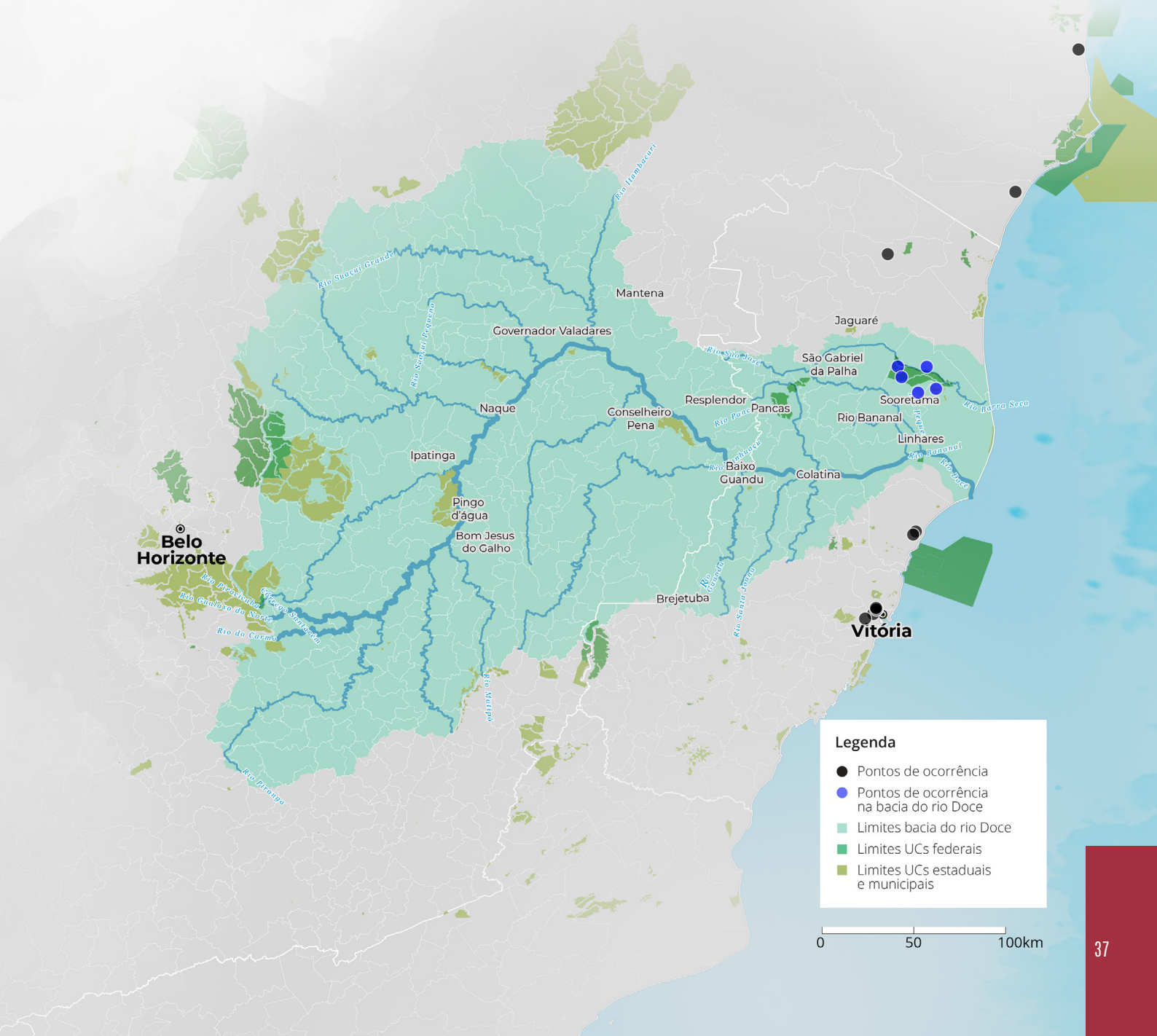
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Endêmica do Brasil e da Mata Atlântica, *Amphisbaena nigricauda* ocorre nos estados do Espírito Santo e da Bahia (Guedes *et al.* 2023). Na região do rio Doce, a espécie ocorre na Reserva Natural Vale e na Reserva Biológica de Sooretama, no Espírito Santo.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Amphisbaena nigricauda:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação:
REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: VIPERIDAE

Bothrops bilineatus bilineatus (Wied, 1821)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eduardo Amorim, Karlo Guidoni,André Yves e Henrique C. Costa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: jararaca-verde, bico-de-papagaio, cobra-papagaio, ouricana, papagaia, paramboia, surucucu-de-ouricana, surucucu-de-patioba

Filo: Chordata

Classe: Reptilia

Ordem: Squamata

Família: Viperidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Bothrops bilineatus é uma serpente encontrada na Amazônia e Mata Atlântica, habitando ambientes florestais (Nogueira *et al.* 2019). Arborícola e noturna, alimenta-se principalmente de anuros e pequenos mamíferos, sendo uma espécie peçonhenta de interesse médico (Marques 2019). Não apresenta hábitos migratórios e não há informações disponíveis sobre tamanho e tendência populacionais para a subespécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Bothrops bilineatus bilineatus*, popularmente conhecida como jararaca-verde, é uma subespécie de serpente arborícola de hábitos noturnos encontrada na América do Sul, com distribuição disjunta tanto na região amazônica quanto na Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) e Área de Ocupação (AOO) são de 8 km², com duas localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou as áreas de ocorrência da espécie, com impactos relacionados às mudanças na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Herpetofauna do Sudeste (ICMBio 2019a) e Herpetofauna do Nordeste (ICMBio 2022b).

CITES: Não consta.

Bothrops bilineatus está incluída no Plano de Ação Nacional para a conservação da Herpetofauna Ameaçada de Extinção da Mata Atlântica da região Sudeste do Brasil e no segundo ciclo do Plano de Ação Nacional para a conservação da Herpetofauna Ameaçada do Nordeste, além de ser encontrada no Parque Estadual do Rio Doce (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) 2015, 2019).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As espécies de répteis na Mata Atlântica enfrentam um declínio significativo devido à perda e degradação de habitats, com informações escassas sobre conservação. No Rio de Janeiro, *Bothrops bilineatus* foi declarada extinta desde 1963, enquanto no Espírito Santo é considerada vulnerável e em Minas Gerais há propostas para sua inclusão na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas (Rocha *et al.* 2000; Feio & Caramaschi 2002; Dias *et al.* 2008; Tozetti *et al.* 2017; Bérnils *et al.* 2019). Devido ao seu habitat arborícola em florestas de baixas altitudes e à degradação da Mata Atlântica, é provável que *Bothrops bilineatus* tenha enfrentado redução populacional

e extinções locais em sua distribuição na região. O Parque do Rio Doce, uma área prioritária para a conservação da fauna em Minas Gerais diretamente afetada pelo rompimento da barragem de Fundão (Golder Associates 2016), provavelmente abrigava uma população significativa da espécie (Drummond & Fundação Biodiversitas 2005; Dias *et al.* 2008; Bernarde *et al.* 2021). Os impactos para a espécie estão associados às mudanças na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessários estudos adicionais, com metodologia adequada para amostragem de dossel, a fim de ampliar o conhecimento sobre a distribuição da espécie, bem como seus padrões de abundância, populacionais e sazonais (Dias *et al.* 2008; Bernarde *et al.* 2021).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Bothrops bilineatus é encontrada na região amazônica da América do Sul, abrangendo diversas áreas do Brasil, incluindo os estados do Norte, Nordeste, e Sudeste (Nogueira *et al.* 2019; Guedes *et al.* 2023). Essa espécie ocorre principalmente em altitudes abaixo de 400 m (Bérnils *et al.* 2019).

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: CE, ES, MT, BA, AM, RO, RR, PA, AP, MG, PE e AL.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Bothrops bilineatus bilineatus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do Rio Doce.

FAMÍLIA: MICROHYLIDAE

Dasypops schirchi
Miranda-Ribeiro, 1924

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, André Yves e Henrique C. Costa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
sapo-cara-de-porco

Filo: Chordata

Classe: Amphibia

Ordem: Anura

Família: Microhylidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Dasypops schirchi é um anfíbio terrestre, de atividade diurna e noturna, que tem como habitat áreas de floresta primária e secundária de dossel fechado e bordas florestais (Pereira-Ribeiro *et al.* 2020). Possui reprodução explosiva que ocorre por um breve período em poças temporárias na floresta e na borda da floresta (Pombal Jr. & Cruz 2016). Ao longo de sua distribuição geográfica, a espécie é considerada rara, embora localmente abundante. Não há informações sobre tamanho

e tendência populacionais (Pombal Jr. & Cruz 2016). Além disso, devido à perda da qualidade de habitat, suspeita-se que a espécie esteja em declínio populacional.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Dasypops schirchi* é um anfíbio associado a áreas de florestas primárias e secundárias, sendo a única espécie do gênero. Apesar de aparentar ser localmente abundante, sua reprodução explosiva dificulta o avistamento e a obtenção de informações detalhadas sobre a espécie. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 2.908 km², com Área de Ocupação (AOO) de 88 km² e entre três a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou de maneira distinta os locais de ocorrência da espécie, sendo as áreas a montante mais afetadas do que as áreas a jusante do rio. Esse desastre resultou no acúmulo de água e sedimentos, comprometendo a qualidade do habitat. Como anfíbio dependente de ambientes úmidos e reprodução aquática, os rejeitos provenientes do rompimento da barragem de Fundão impactaram negativamente a sobrevivência e o sucesso reprodutivo da espécie. Além disso, cerca de 60% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens e silvicultura. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: NT (ICMBio 2023b).

PATs/PANs: Espécie-alvo para a conservação da biodiversidade do estado da Bahia (WWF-Brasil 2015). Além disso, ocorre na área de abrangência do projeto Corredor Central da Mata Atlântica – CCMA, que inclui áreas de extrema importância biológica, prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica da região sul do estado da Bahia (Brasil & MMA 2015; WWF-Brasil 2015).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças para essa espécie estão relacionadas à modificação e fragmentação do habitat devido ao desmatamento, pastagens e silvicultura. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos,

redução na taxa de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares, bem como por mortalidade direta de indivíduos por inundação (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, tendência populacional e ameaças.

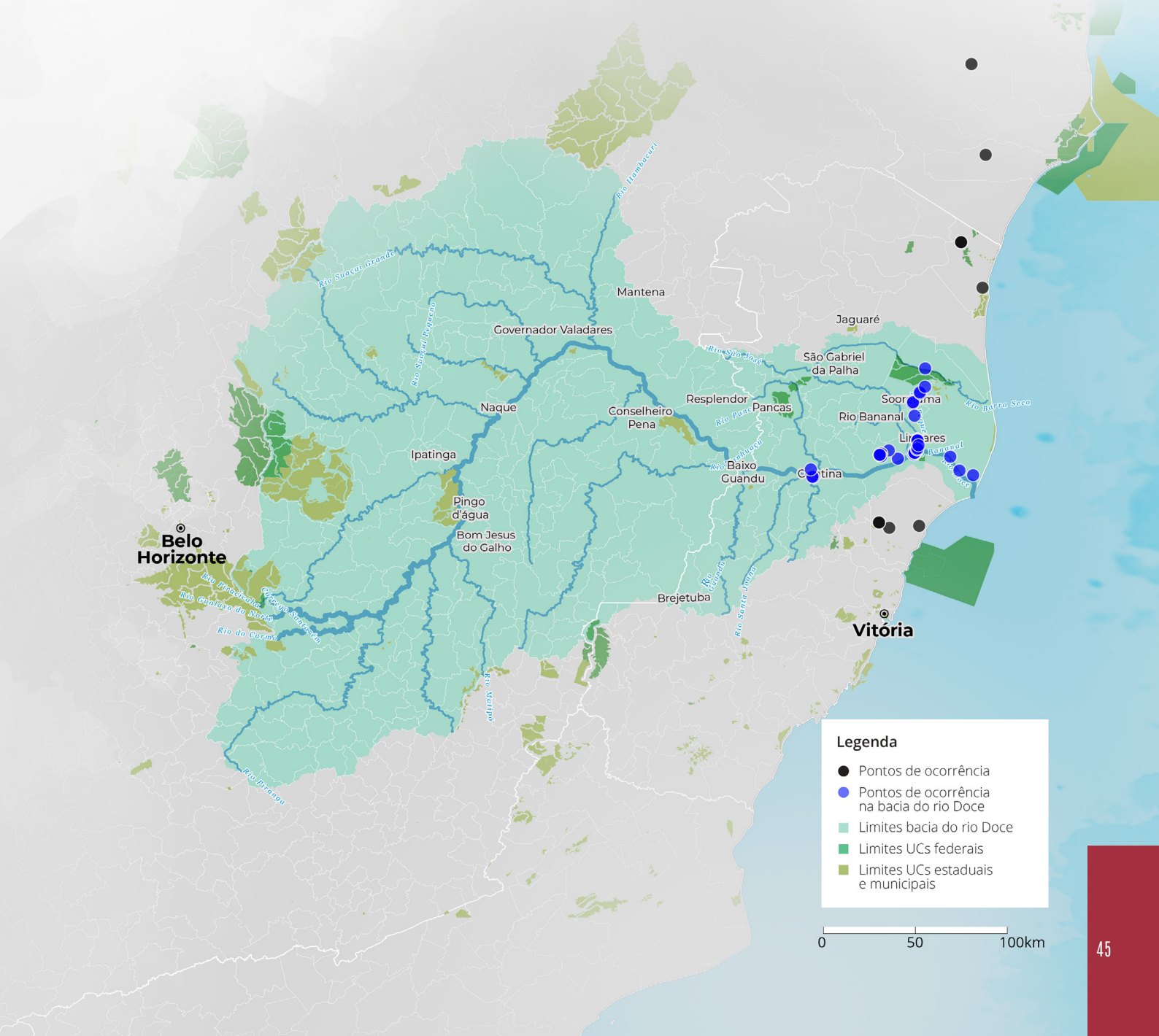
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo nos estados do Espírito Santo e sul da Bahia (IUCN SSC Amphibian Specialist Group & Instituto Boitatá de Etnobiologia e Conservação da Fauna 2023).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Dasypops schirchi:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: CHELIDAE

Hydromedusa maximiliani (Mikan, 1825)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Eline Martins, Karlo Guidoni, André Yves e Henrique C. Costa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: cágado, cágado-da-serra, cágado-pescoço-de-cobra

Filo: Chordata

Classe: Reptilia

Ordem: Testudines

Família: Chelidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Hydromedusa maximiliani é uma espécie de cágado com habitat restrito a pequenos riachos de águas claras, com corredeira, fundo arenoso e com a presença de rochas, geralmente associado a regiões montanhosas (Souza 2005; Souza & Martins 2009; Vogt *et al.* 2021). A espécie é sensível a alterações ambientais, especialmente ao desmatamento (Mendonça & Valadão, com. pess., 2016, *apud* Vogt *et al.* (2021)), e tem preferência por riachos inseridos em florestas conservadas (Souza 2005; Souza & Martins 2009; Vogt *et al.* 2021). A dieta

de *H. maximiliani* é composta por insetos, crustáceos, vertebrados e até animais em decomposição (Souza & Abe 1998). Com baixa vagilidade, a espécie desloca-se em média 2m/dia, podendo alcançar até cerca de 180 m por dia (Souza *et al.* 2004; Famelli *et al.* 2016). Geralmente, as fêmeas e os juvenis deslocam-se em direção às nascentes, enquanto os machos deslocam-se a jusante, sempre pela água (Souza & Abe 1997). A área de vida é de até 1,5 ha (Famelli *et al.* 2016). As fêmeas atingem a maturidade sexual entre 9 e 15 anos e depositam até três ovos (Souza *et al.* 2006; Famelli *et al.* 2014), que possivelmente ficam incubados entre 250 e 300 dias (Souza & Abe 1997). A longevidade dos indivíduos pode ser maior que 100 anos (Souza *et al.* 2006; Martins & Souza 2008). A ocorrência de *H. maximiliani* na natureza é considerada rara em grande parte de sua distribuição geográfica, mas a densidade populacional pode ser elevada nos riachos em que ocorre (Souza & Martins 2009) e a tendência populacional é desconhecida (Vogt *et al.* 2021). As populações da espécie estão estruturadas de acordo com a hidrografia, havendo baixo fluxo gênico entre rios e córregos (Souza *et al.* 2002b). Em relação ao uso, *H. maximiliani* é visada como animal de estimação (Vogt *et al.* 2021).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: A2c

Categoria: **VU**

Justificativa: *Hydromedusa maximiliani* é um cágado com ocorrência restrita a riachos de corredeira, encontrado nas áreas montanhosas da Mata Atlântica. Esta espécie demonstra ser particularmente sensível a alterações ambientais, possuindo uma capacidade de dispersão limitada. Na região da bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 46.868 km², com Área de Ocupação (AOO) de 172 km² e pelo menos treze localizações condicionadas a ameaças. Apesar da sua distribuição abrangente, a sobrevivência da espécie na região está fortemente vinculada a áreas de cabeceira e locais bem preservados, os quais foram os mais impactados pelo rompimento da barragem de Fundão. O desastre ambiental provavelmente teve um impacto significativo na população de *H. maximiliani*, causando mortalidade de indivíduos devido à inundação e deposição de rejeitos. Adicionalmente, a perda e degradação do habitat, incluindo o aumento da turbidez da água resultante da erosão e deposição de sedimentos, comprometeram a conectividade da paisagem e a sobrevivência da espécie. Além disso, os registros fora da área impactada pelo rompimento da barragem estão sujeitos aos efeitos da expansão agropecuária, com cerca de 64% da EOO da espécie convertidas em pastagens

e agricultura. Como resultado desses eventos, suspeita-se que houve uma redução significativa da população no passado, sendo que as causas dessa redução não cessaram, como o avanço do desmatamento, ou não são reversíveis, como a destruição do habitat nas cabeceiras do rio Doce, contribuindo para o declínio na AOO e qualidade do habitat. Diante desse cenário, *H. maximiliani* foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na região da bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Herpetofauna da Mata Atlântica do Sudeste (ICMBio 2019a), Herpetofauna da Serra do Espinhaço (ICMBio 2021a), Herpetofauna do Nordeste (ICMBio 2022b). É considerada espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça à espécie é a perda e degradação de habitat (Rodrigues 2005; Costa 2009; Vogt *et al.* 2021), além das alterações antrópicas nos corpos d'água em regiões de maior altitude (Almeida *et al.* 2007). Esses impactos podem afetar os padrões de migração e deslocamento terrestre, além de isolar populações, prejudicando o fluxo gênico e impedindo a capacidade de colonização de outras áreas (Souza & Abe 1997; Souza *et al.* 2002b; Souza *et al.* 2002b, a; Vogt *et al.* 2021). Somente na bacia do rio Doce, estima-se que 62% de sua EOO foram convertidas em pastagens e agricultura. Adicionalmente, a espécie foi diretamente afetada pelo rompimento da Barragem de Fundão. Os impactos para a espécie estão associados à perda de habitat e mudanças na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos, mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos redução na sobrevivência e sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares a partir dos ambientes aquáticos, além da redução na eficiência de forrageamento em função de alterações na qualidade da água (Golder Associates 2016). Por fim, o rompimento da barragem possivelmente criou uma barreira à dispersão e à conectividade de *H. maximiliani* (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Dada a importância do rio Doce e adjacências para a espécie, torna-se necessário a realização de pesquisas que abordem a estrutura genética, tanto intra quanto interpopulacional, de *H. maximiliani* e sua relação com a diminuição da qualidade da água devido à erosão e deposição de rejeitos, assim como a redução ou bloqueio da conectividade resultante do rompimento da Barragem de Fundão (Golder Associates 2016). Além disso, a espécie carece de pesquisas básicas de ecologia, história natural, tendências populacionais e de habitat, além de estudos sobre impactos de ameaças e conservação (Vogt *et al.* 2021).

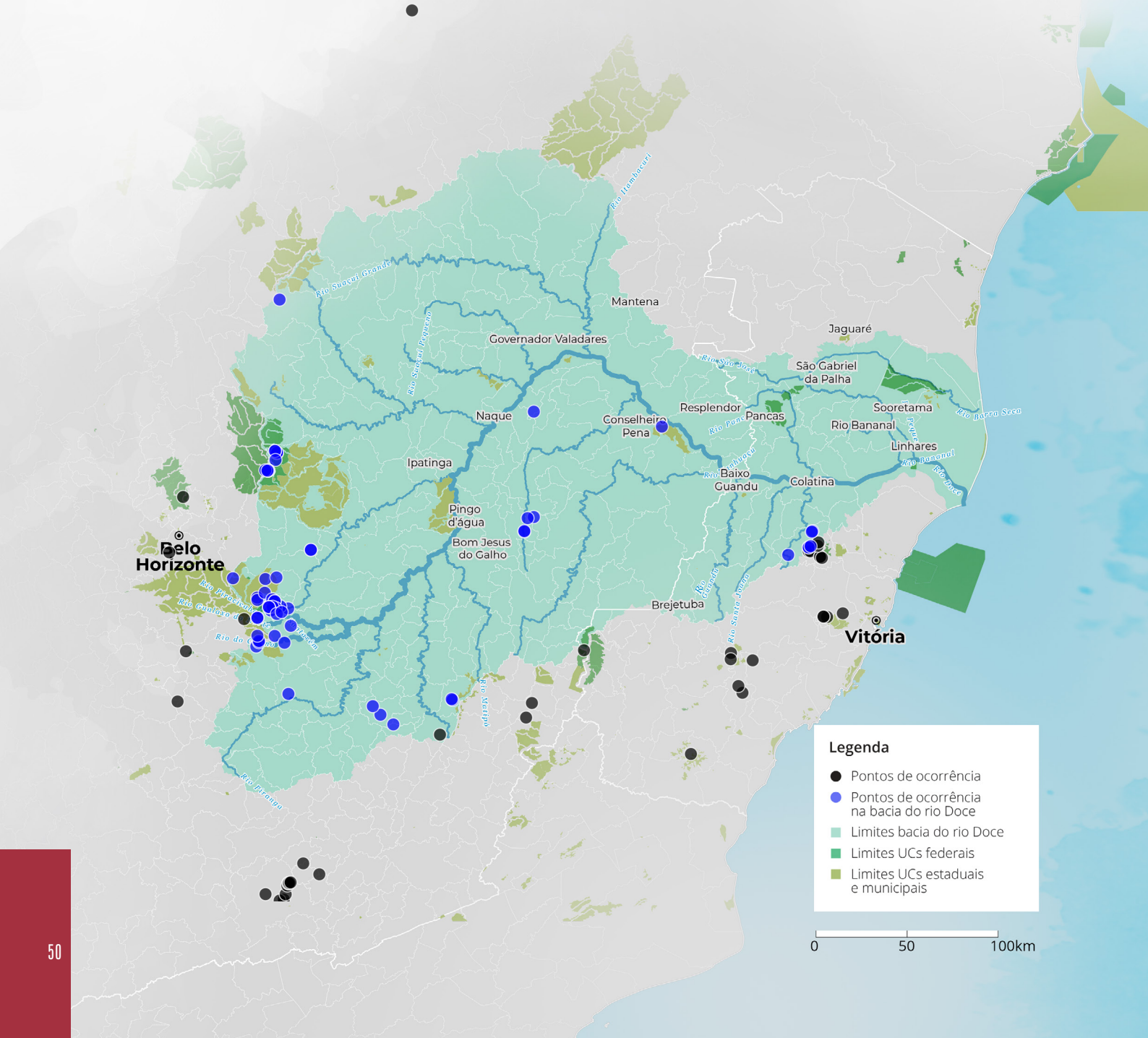
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Endêmica da Mata Atlântica, *Hydromedusa maximiliani* ocorre na região Sudeste do Brasil e no estado da Bahia, região Nordeste (Guedes *et al.* 2023). A espécie possui ampla distribuição na bacia do rio Doce, ocorrendo no Espírito Santo, no município de Santa Teresa, e em Minas Gerais, nos municípios de Araponga, Caratinga, Catas Altas, Coimbra, Engenheiro Caldas, Itabirinha de Mantena, Itamogi, Mariana, Ouro Preto, Piedade de Caratinga, Piranga, Rio Pardo de Minas, Santa Bárbara, Santa Rita Itueto, Serro e Viçosa. A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: MG; ES; RJ; BA; SP.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Hydromedusa maximiliani:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE Serra do Brigadeiro; PARNA da Serra do Gandarela; APA PNM da Estância Ecológica do Cruzeiro; APA Morro da Pedreira; PE do Itacolomi; APA Sul-RMBH; APA Santo Antônio; PE Sete Salões.



FAMÍLIA: VIPERIDAE

Lachesis muta
Linnaeus, 1766

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, André Yves e Henrique C. Costa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: surucucu, surucucu-pico-de-jaca

Filo: Chordata

Classe: Reptilia

Ordem: Squamata

Família: Viperidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Desde a revisão taxonômica "As subespécies de *Lachesis*" em 2004, as subespécies de *L. muta* (*L. m. muta* e *L. m. rhombeata*) não são mais reconhecidas. Desse modo, a avaliação de risco foi realizada para a espécie *L. muta*.

INFORMAÇÕES GERAIS

Lachesis muta é terrícola e noturna, ocorrendo em áreas de floresta, principalmente florestas primárias; contudo, indivíduos translocados tendem a usar ambientes perturbados como florestas secundárias e áreas abertas (Padrón *et al.* 2023). Sua área de vida é de aproximadamente 10 ha. É a única víbora sul-americana ovípara, depositando e cuidando de seus ninhos em tocas de mamíferos, os quais também são suas presas (Padrón *et al.* 2023). Não há informação sobre tamanho populacional, e devido à perda da qualidade e fragmentação do habitat, suspeita-se que a espécie esteja em declínio populacional (Martins & Marques 2000).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Lachesis muta*, popularmente conhecida como surucucu, é uma serpente que tem como habitat áreas florestais, usualmente em áreas de pouca altitude e bem preservadas. Não há informação sobre tamanho e tendência populacionais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 2.747 km², com Área de Ocupação (AOO) de 24 km² e entre três e cinco localizações condicionadas a ameaças. Parte dos registros da espécie está próxima ou na área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão, resultando em perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, cerca de 74% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *L. muta* foi classificada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça para a espécie está relacionada à fragmentação e à conversão do habitat em áreas urbanas e para agricultura (Martins & Marques 2000).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à taxonomia, distribuição, tamanho e tendência populacionais.

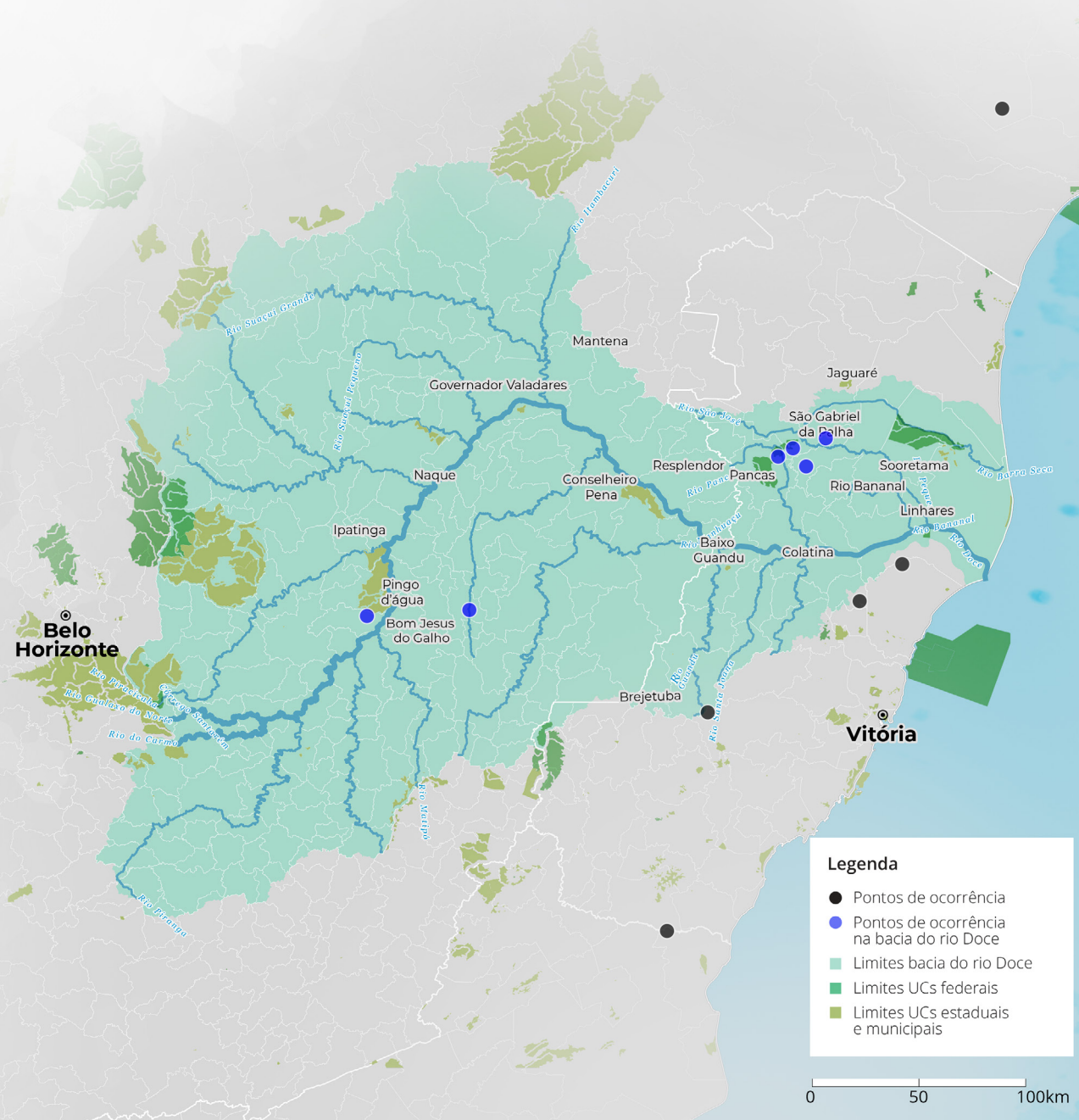
MAPA DE OCORRÊNCIA *Lachesis muta:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, com ampla distribuição na Amazônia e na Mata Atlântica. As populações atlânticas eram tratadas como uma subespécie, *L. muta*, ocorrendo nos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro (Nogueira *et al.* 2019).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do Rio Doce.



AVES

74%

das aves
avaliadas na bacia do rio Doce
estão ameaçadas de extinção

70 espécies do grupo
estão na faixa de
ameaça de extinção

FAMÍLIA: CRACIDAE

Aburria jacutinga (Spix, 1825)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: jacutinga

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica

INFORMAÇÕES GERAIS

Aburria jacutinga é uma ave grande, que mede cerca de 64-74 cm, identificada pela mancha branca em suas asas, sendo o único Cracídeo com essa característica em sua área de ocorrência (WikiAves 2023). A espécie é encontrada em diversas formações da Mata Atlântica, incluindo florestas perenes, matas de galeria e costeiras, habitando áreas de baixada e cadeias costeiras, em altitudes que variam de 900 a 1.850 m (del Hoyo *et al.* 1994; Silveira 2008d). Associada primariamente a florestas intactas, raramente é avistada em áreas de floresta secundária madura (del Hoyo *et al.* 2019). A jacutinga é sensível às modificações e fragmentação de seu habitat, sendo incapaz de transitar por áreas desprovidas de cobertura florestal (Silveira *et al.* 2023e). Sua dieta é composta por diversos frutos (por exemplo, *Cordia silvestris, Cecropia glaziovii, Ficus enormis e Meliosma sinuate*) (Galetti *et al.* 1997), especialmente o palmito juçara (*Euterpe edulis*) e outras palmeiras como *Syagrus romanzofana* (Silveira *et al.* 2023e). A espécie também se alimenta de sementes, grãos e brotos e, ocasionalmente, insetos e moluscos (Silveira *et al.* 2023e).

A importância ecológica de *A. jacutinga* é evidenciada pela regurgitação ou eliminação de sementes nas fezes, desempenhando um papel crucial na regeneração dos ecossistemas que habita, por meio da dispersão de sementes (Silveira 2008d). O período de reprodução da espécie acontece entre os meses de agosto a novembro. Na natureza, produzem dois a três ovos, havendo registros, em cativeiro, de quatro ovos por postura (Silveira 2008d). O tempo de geração estimado para a espécie foi de 5,7 anos (BirdLife International 2018c).

A espécie era considerada abundante no passado, porém devido à caça predatória e ao desmatamento, a espécie sofreu um acentuado declínio populacional, resultando em extinções locais. Pouco se sabe sobre o tamanho populacional real da espécie; suspeita-se que as subpopulações remanescentes são fragmentadas e com poucos indivíduos (del Hoyo *et al.* 2019). Em uma escala global, estima-se um tamanho populacional de 2.500-9.999 indivíduos no total, com 1.500-7.000 indivíduos maduros (BirdLife International 2018c). No Brasil, as estimativas de abundância são raras, entretanto, o estado de São Paulo abriga a maior parte das populações remanescentes, com densidades variando entre 0,4 a 13,3 indivíduos/km² (Bernardo *et al.* 2011).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Aburria jacutinga*, popularmente conhecida como jacutinga, é uma importante dispersora de sementes de grande porte que habita áreas de florestas perenes, matas de galeria e matas costeiras. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) e Área de Ocupação (AOO) são de 12 km², com uma localização condicionada a ameaça. Apesar de ter sido considerada comum ou abundante no passado, as populações desta espécie sofreram um declínio significativo desde o final do século XIX, levando à extinção em diversas áreas de sua ocorrência original, principalmente devido à caça e a perda de habitat. Atualmente, na bacia do rio Doce, a espécie está potencialmente extinta no estado do Espírito Santo, persistindo apenas na Reserva Particular do Patrimônio Natural Fazenda Macedônia, no município de Ipaba, Minas Gerais, graças ao Programa de Reintrodução (Projeto Mutum). Esta área foi impactada pelo rompimento da barragem de Fundão, que resultou no acúmulo de água e sedimentos na região. Os efeitos decorrentes do evento estão presumivelmente relacionados a mudanças nas condições dos habitats, podendo ter afetado a sobrevivência e o sucesso reprodutivo da espécie. Desta maneira, infere-se declínio contínuo da EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças.

Como resultado, *A. jacutinga* foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e Galliformes (ICMBio 2008).

CITES: Não consta.

A espécie é foco de atividades de reintrodução, como por exemplo o projeto da Fundação Crax, que fez a reintrodução de alguns indivíduos nascidos em cativeiro, na região do vale do rio Doce, na Reserva do Patrimônio Natural Fazenda Macedônia, no município de Ipaba, em Minas Gerais (Silveira *et al.* 2008).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie é ameaçada pela perda e fragmentação de seu habitat, resultantes do desmatamento, construção de hidrelétricas e ocupação humana (del Hoyo *et al.* 1994; BirdLife International 2018c; Silveira *et al.* 2023e). Outra ameaça é a caça ilegal, que

ocorre inclusive em unidades de conservação, sendo praticada por caçadores, exploradores de palmito e indígenas (Silveira 2008d). A pressão de caça ilegal é intensa em áreas desprotegidas (BirdLife International 2018c). A espécie, de comportamento geralmente calmo, torna-se um alvo fácil para os caçadores, uma vez que não foge prontamente do observador (Silveira 2008d), o que contribui para seu rápido declínio em áreas sem proteção efetiva contra a caça ilegal (BirdLife International 2018c).

Além disso, devido à dependência de recursos vegetais específicos, o extrativismo descontrolado do palmito juçara também desempenha um papel significativo no declínio das populações da espécie (Straube *et al.* 2004). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos e redução na sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessárias pesquisas para aprofundar o entendimento do tamanho e tendência populacionais da espécie. No âmbito da conservação, é importante desenvolver um Plano de Ação/Recuperação da espécie, contemplando estratégias eficazes para mitigar as ameaças enfrentadas por *Aburria jacutinga*. Paralelamente, são necessários estudos referentes à coleta, ao uso e aos meios de subsistência.

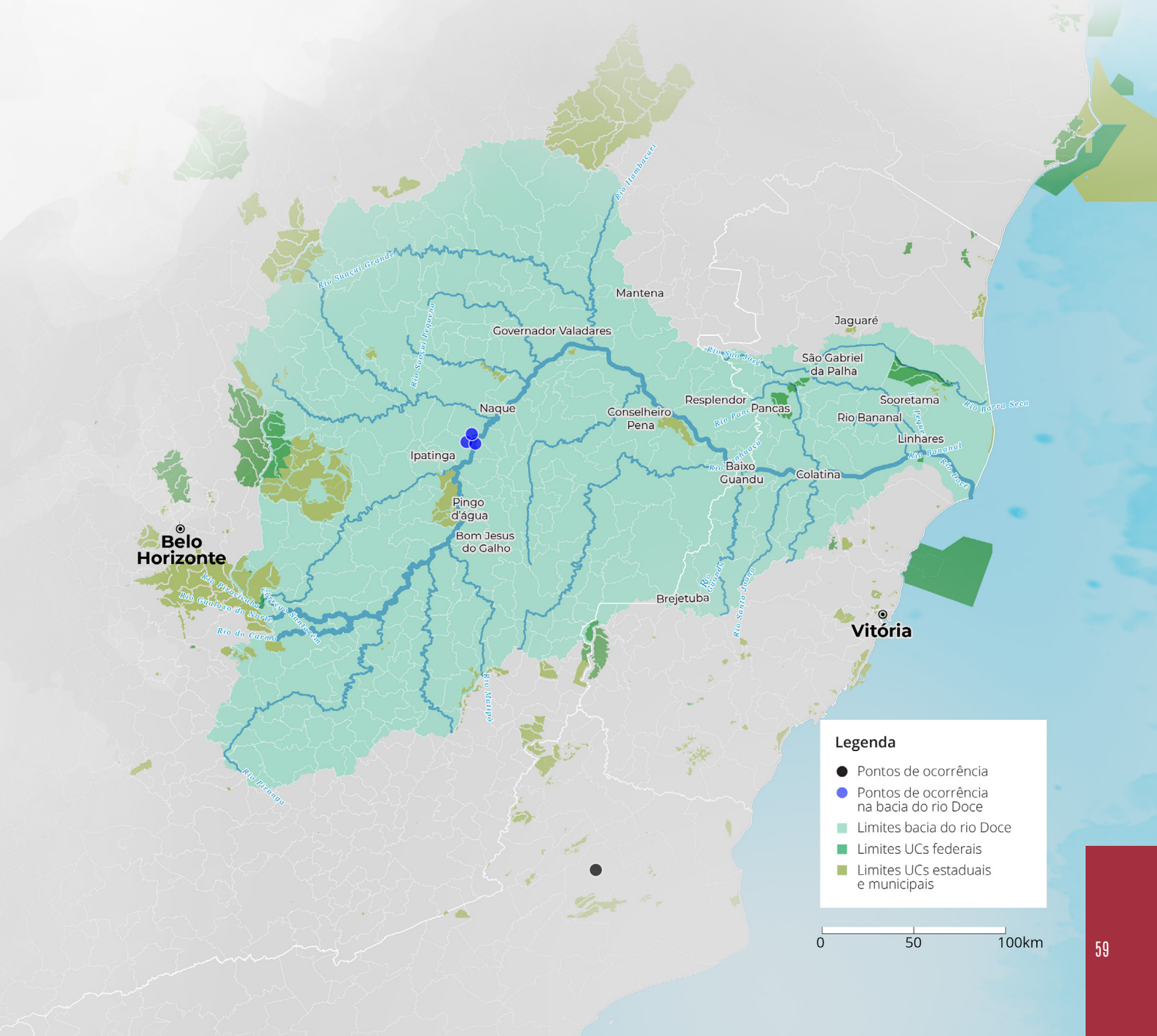
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica da Mata Atlântica, com distribuição na Argentina, Brasil e Paraguai (Grantsau 2010). No Brasil, a espécie apresentava uma distribuição abrangente no passado, com registros que se estendiam desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul (Sick 1997), atualmente a espécie é considerada extinta nos estados da Bahia e Espírito Santo (BirdLife International 2018c), sendo praticamente inexistente fora de áreas de proteção ambiental (Galetti *et al.* 1997; Silveira 2008d; Oliveira Junior 2012). Sua ocorrência atualmente está restrita aos estados do Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo (Silveira *et al.* 2023e). Sendo que os registros em Minas Gerais e Rio de Janeiro são provenientes de programas de reintrodução da espécie (WikiAves 2023).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Aburria jacutinga:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: RPPN Fazenda Macedônia.



FAMÍLIA: ACCIPITRIDAE

Accipiter poliogaster (Temminck, 1824)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
tauató-pintado

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Cathartiformes

Família: Accipitridae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica

INFORMAÇÕES GERAIS

Accipiter poliogaster é uma ave de rapina pouco conhecida que ocupa o dossel e o estrato médio da vegetação em florestas preservadas e matas ripárias (Melo *et al.* 2019; Bierregaard *et al.* 2020c; Silveira *et al.* 2022b), sendo o maior e mais robusto representante do gênero na América do Sul (Bierregaard *et al.* 2020c). Apesar do seu tamanho, *A. poliogaster* possui comportamento críptico e é dificilmente detectado quando não emite vocalizações ou se expõe em poleiros mais visíveis (Pallinger & Menq 2021). Alimenta-se geralmente de vertebrados, tais como aves e mamíferos (Boesing *et al.* 2012). Esse gavião nidifica no alto das árvores e produz cerca de dois filhotes por ninhada, sendo a fêmea a única responsável pela incubação dos ovos. Geralmente, os machos caçam e as fêmeas alimentam os filhotes por aproximadamente 90 dias (Boesing *et al.* 2012). As populações ao sul de sua distribuição possivelmente são migrantes (Bierregaard *et al.* 2020c) e, embora seu tamanho populacional seja desconhecido, a espécie aparentemente é rara em toda distribuição geográfica (Boesing *et al.* 2012; Silveira *et al.* 2022b). O tempo de geração estimado da espécie é de 7,99 anos (BirdLife International 2023b), sendo a idade da primeira reprodução em torno de 2,5 anos e longevidade máxima de aproximadamente 18 anos (Bird *et al.* 2020). Há evidências de que a espécie possa estar passando por um processo de "recuperação populacional" (Sarasola *et al.* 2018). Por ser uma ave de rapina, esse gavião é alvo de caça em algumas localidades (Bierregaard *et al.* 2020c).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Accipiter poliogaster*, popularmente conhecida como tauató-pintado, é uma ave de rapina pouco conhecida, aparentemente rara e com distribuição irregular. A espécie está associada a florestas úmidas, geralmente preservadas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 6.685 km², com Área de Ocupação (AOO) de 12 km² e três localizações condicionadas a ameaças, sendo uma em área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais. Esse desastre ambiental resultou no acúmulo de água e sedimentos, alterando a condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos. Os demais registros fora da região afetada pelo rompimento estão sujeitos aos efeitos da expansão agropecuária, principalmente em pastagens e áreas de cultivo de soja. Atualmente, aproximadamente 67% da EOO da espécie foram convertidas em pecuária. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *A. poliogaster* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na região da bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Aves do Cerrado e Pantanal (ICMBio 2015a) e Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a). É considerada espécie beneficiada nos PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023) e Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Há suspeitas de que as populações da *A. poliogaster* estão reduzindo devido à perda e degradação de habitat, bem como à caça (Alvarado & Mora 2023; BirdLife International 2023b). Atualmente, aproximadamente 67% da EOO da espécie na bacia do rio Doce foram convertidas em pecuária. Além disso, um dos locais de ocorrência de *A. poliogaster* na bacia do rio Doce foi impactado pelo rompimento da Barragem de Fundão: o Parque Estadual do rio Doce. Os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados à mudança na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre história natural, padrões de deslocamento, assim como dinâmica populacional da espécie (Silveira *et al.* 2022b).

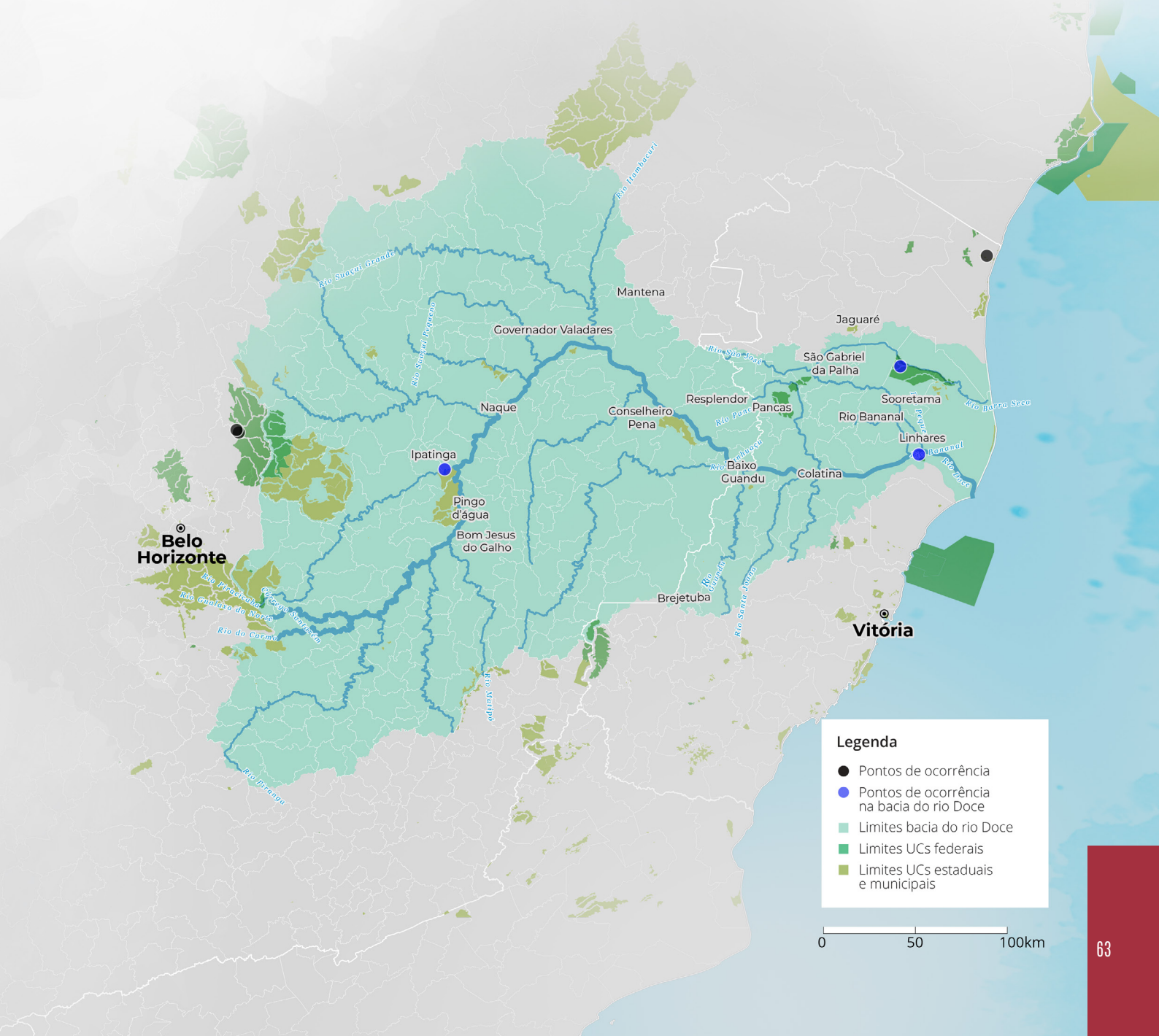
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, com distribuição na América do Sul e em parte da América Central, sendo registrada desde a Costa Rica até o sul do Brasil (BirdLife International 2023b), em áreas com altitude entre 0 e 800 m (Bierregaard *et al.* 2020c; Silveira *et al.* 2022; Alvarado & Mora 2023), embora haja registros da espécie no Brasil em altitudes superiores a 1.500 m (Lombardi *et al.* 2012; Melo *et al.* 2019). No território brasileiro, ocorre nas regiões Norte, Centro-oeste, Sudeste e Sul (Silveira *et al.* 2022b). No Nordeste, sua ocorrência foi registrada somente no Maranhão e historicamente na Bahia (Melo *et al.* 2019; Silveira *et al.* 2022b). Na bacia do rio Doce, a espécie é conhecida em apenas três localidades, sendo duas no Espírito Santo, nos municípios de Linhares e na Reserva Biológica de Sooretama, e a outra em Minas Gerais, no Parque Estadual do Rio Doce (Silveira *et al.* 2022b). Historicamente, a espécie ocorria no município de Viçosa, Minas Gerais (Pinto 1955). A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: BA, PA, RJ, MS, SC, SP, RS, AP, MG, RO, MT, ES, RR, GO, PR, AM, DF, MA, TO e AC.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Accipiter poliogaster:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: ACCIPITRIDAE

AMADONASTUR LACERNULATUS (Temminck, 1827)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
gavião-pombo-pequeno

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Cathartiformes

Família: Accipitridae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica

INFORMAÇÕES GERAIS

Amadonastur lacernulatus é uma espécie pouco conhecida que habita áreas com extensa cobertura florestal (Bierregaard *et al.* 2020b; Pallinger & Menq 2021). Além da floresta, a espécie pode utilizar as bordas e outros ambientes degradados nas adjacências (Pallinger & Menq 2021). Apesar da cor branca destacada de sua plumagem, é uma espécie discreta, ocupando os estratos baixo e médio das florestas, onde caça pequenos vertebrados, artrópodes e moluscos terrestres no solo (Pallinger & Menq 2021). Plana pouco e pode seguir bandos de primatas e formigas de correição para capturar pequenos animais afugentados pela movimentação (Bierregaard *et al.* 2020b; Pallinger & Menq 2021). Devido à destruição e perda de qualidade de habitat, suspeita-se que a espécie esteja em declínio populacional. O tamanho metapopulacional estimado com base em ocorrências mostra baixa densidade populacional, não chegando a 10.000 indivíduos maduros, e com subpopulações com menos de 1.000 indivíduos maduros (Silveira *et al.* 2023f). Não há informação sobre tempo-geração e a espécie não é considerada migratória.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Amadonastur lacernulatus*, popularmente conhecido como gavião-pombo-pequeno, é uma espécie endêmica da Mata Atlântica, distribuindo-se desde a Bahia até Santa Catarina. Apesar de possuir ampla distribuição geográfica, a espécie não é considerada comum e sua ocorrência é restrita a fragmentos florestais. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, cerca de 72% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem e mosaico de usos. Devido aos escassos fragmentos de Mata Atlântica onde sua presença foi confirmada, estima-se que haja menos de 10.000 indivíduos maduros remanescentes, sem nenhuma população contígua com mais de 1.000 indivíduos maduros, sendo também alvo de caça, que ocorre por perseguição humana devido a ataques a animais de criação. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo do número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie

foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A destruição e perda da qualidade de habitat são as principais ameaças à espécie, a qual encontra-se severamente fragmentada. Além disso, a espécie sofre perseguição e caça por humanos devido à crença de que a espécie preda animais domésticos (Machado *et al.* 1998). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da presença da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como por mortalidade direta de indivíduos por inundação (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas a tendência e tamanho populacional, ecologia e história natural da espécie.

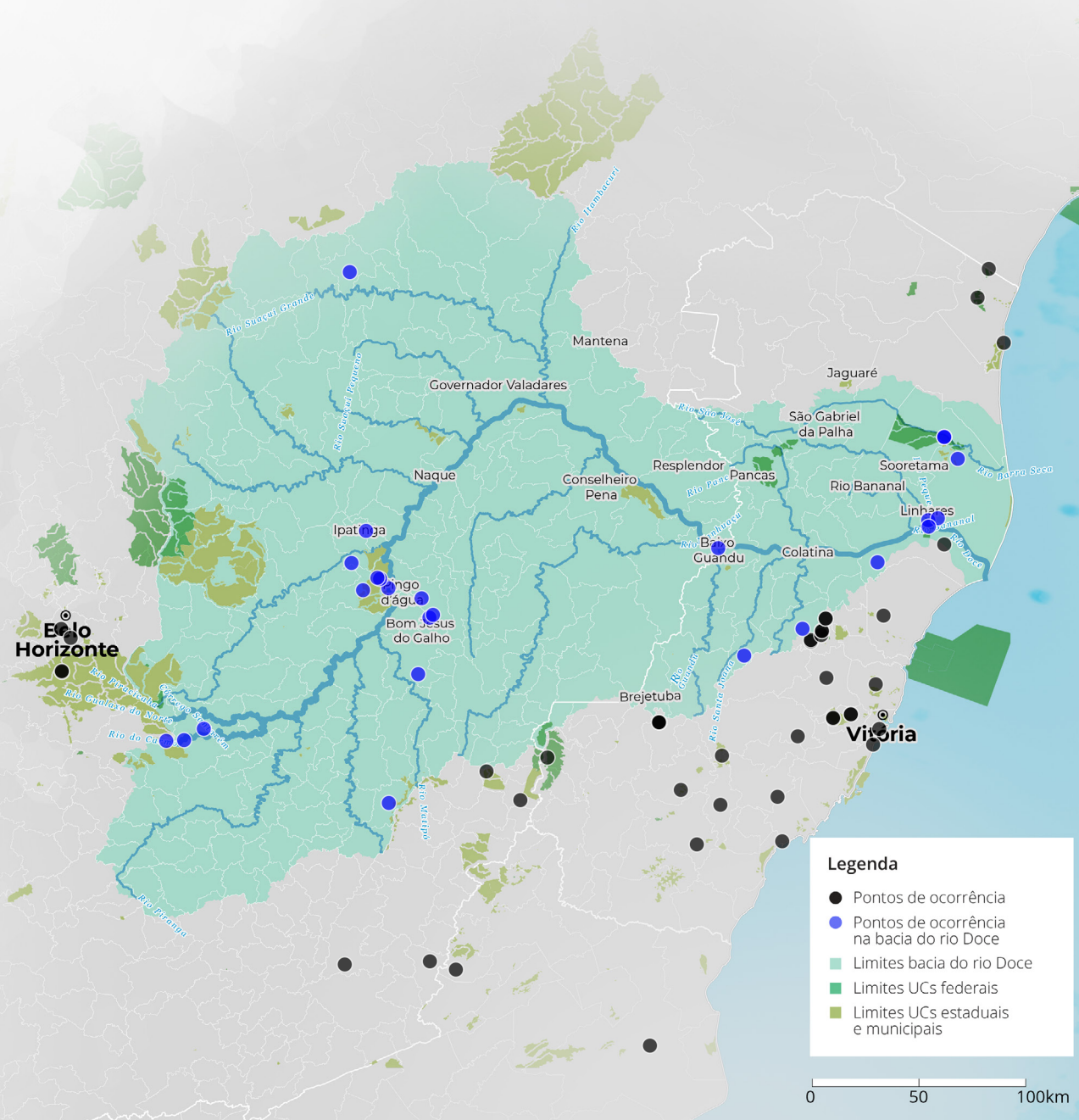
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica da Mata Atlântica, distribuída ao longo dos estados da Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo, geralmente em baixas altitudes, ocasionalmente acima de 900 m (Silveira *et al.* 2023f). Regionalmente, possui registros concentrados nas áreas que ainda apresentam maior cobertura florestal, especialmente nos contrafortes da cordilheira do Espinhaço e próximo ao Parque Estadual do Rio Doce, além do baixo rio Doce, onde ocorre nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 57.886 km² e Área de Ocupação (AOO) de 96 km².

MAPA DE OCORRÊNCIA *Amadonastur lacernulatus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: CARDINALIDAE

Amaurospiza moesta (Hartlaub, 1853)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: negrinho-do-mato

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Cardinalidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Amaurospiza moesta é uma espécie dependente de florestas, habitando vegetação rasteira densa em florestas tropicais, matagais e áreas arborizadas com bambus, preferencialmente em bordas de florestas de porte médio e sub-bosque espesso, sendo vulnerável a perturbações ambientais (Manhães & Loures-Ribeiro 2011; Silveira *et al.* 2021b; WikiAves 2023). Alimenta-se de sementes de bambu, folhas e insetos em matas úmidas com bambuzais, apresentando um período reprodutivo influenciado pela disponibilidade de sementes, geralmente resultando em duas ninhadas por estação, com três ovos em

cada postura (Jaramillo *et al.* 2019; Silveira *et al.* 2021b; BirdLife International 2023c; WikiAves 2023). Não existem dados populacionais disponíveis na literatura, e o tempo de geração é de 3,8 anos (Silveira *et al.* 2021b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Categoria: **VU**

Justificativa: *Amaurospiza moesta*, popularmente conhecida como negrinho-do-mato, é uma ave não endêmica do Brasil que habita a região centro-sul do país em áreas com vegetação rasteira densa, como florestas tropicais, matagais e regiões arborizadas, especialmente locais com bambus. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência é de 19.025 km², com Área de Ocupação de 52 km² e sete a oito localizações condicionadas a ameaças. Embora não tenha sido encontrada na calha do rio Doce, foram encontrados registros da espécie próximos à barragem de Fundão, o que pode indicar que a espécie pode ter sido afetada por alterações em seu habitat. Ademais, cerca de 54% da EOO foram convertidas em áreas de pastagem, 9% em mosaico de usos, 3% em plantações de café, 1% em silvicultura e 1% em área urbanizada. Além disso, a espécie é visada para o tráfico de espécies no Brasil. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e na qualidade do habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

PATs/PANs: PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Embora não tenha sido encontrada na calha do rio Doce, foram encontrados registros da espécie próximos à barragem de Fundão, local do rompimento, o que pode indicar que a espécie foi afetada por alterações em seu habitat. A espécie está listada como alvo para o tráfico no Brasil (Costa *et al.* 2018), e atualmente, cerca de 54% de sua EOO na bacia do rio Doce foram convertidas em áreas de pastagem, 9% em mosaico de usos, 3% em plantações de café, 1% em silvicultura e 1% em área urbanizada.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Estudos populacionais e ecológicos para conhecer as necessidades de habitats, assim como níveis de tolerância em relação à degradação e fragmentação de habitat (Silveira *et al.* 2021b).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Amaurospiza moesta:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, com distribuição no Paraguai e Argentina. No Brasil, *A. moesta* apresenta ampla distribuição na região Centro-Sul do Brasil, com registros de ocorrência nas regiões Norte (AC, AM, AP, PA, RO, RR, TO), Nordeste (AL, BA, CE, MA, PB, PE, PI, RN, SE), Centro-Oeste (DF, GO, MS, MT), Sudeste (ES, MG, RJ, SP) e Sul (PR, RS, SC) (Silveira *et al.* 2021b).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: APA Sul-RMBH.

FAMÍLIA: ICTERIDAE

Anumara forbesi (Sclater, 1886)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: anumará

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Icteridae

INFORMAÇÕES GERAIS

Anumara forbesi tem como habitat bordas de matas, de pastos alagados e áreas de florestas decíduas. Também há registros da espécie em áreas de plantações, como de cana-de-açúcar (BirdLife International 2023d; Silveira *et al.* 2023g).

A espécie possui tamanho populacional reduzido. O tempo de geração é de aproximadamente 4,3 a 5 anos, com tamanho populacional de 600-10.000 indivíduos maduros (BirdLife International 2023d). Suspeita-se que a espécie esteja em declínio populacional devido à fragmentação e perda da

qualidade de habitat. Como resultado, estima-se uma redução de aproximadamente 10% no tamanho da população ao longo de três gerações, correspondendo a um período de 13 anos (BirdLife International 2023d).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Anumara forbesi*, popularmente conhecida como anumará, é uma ave que tem como habitat áreas de mata, pastos alagados, florestas próximas a rios e corpos d'água, bem como florestas decíduas. A espécie também é encontrada em áreas de cultivo, como plantações de cana-de-açúcar e manga. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 10.127 km², com Área de Ocupação (AOO) de 108 km² e cinco a sete localizações condicionadas a ameaça. O rompimento da barragem de Fundão resultou no acúmulo de água, sedimentos e rejeitos nas áreas de ocorrência da espécie, ocasionando a diminuição da qualidade de seu habitat. Como *A. forbesi* é dependente de áreas alagadas e úmidas, o impacto gerado pelo rompimento da barragem pode ter comprometido a sobrevivência das populações a médio e longo prazo. Além disso, não há subpopulações nas regiões próximas à bacia do rio Doce, não sendo possível afirmar que haja migração significativa de indivíduos para minimizar os impactos do rompimento da barragem. Desta maneira, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie é ameaçada pela fragmentação e a perda da qualidade de habitat devido à expansão das atividades de agricultura, que também resulta na poluição hídrica devido ao uso de herbicidas e pesticidas. Além disso, a espécie é alvo de comércio ilegal, sendo comercializada como animal de estimação (BirdLife International 2023d; Silveira *et al.* 2023g). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à tendência e ao tamanho populacional, além de compreender melhor o efeito das diferentes ameaças à sobrevivência da espécie, tamanho da área de vida e estudos de genética. Também são necessários estudos de priorização de áreas para a proteção e manutenção da espécie.

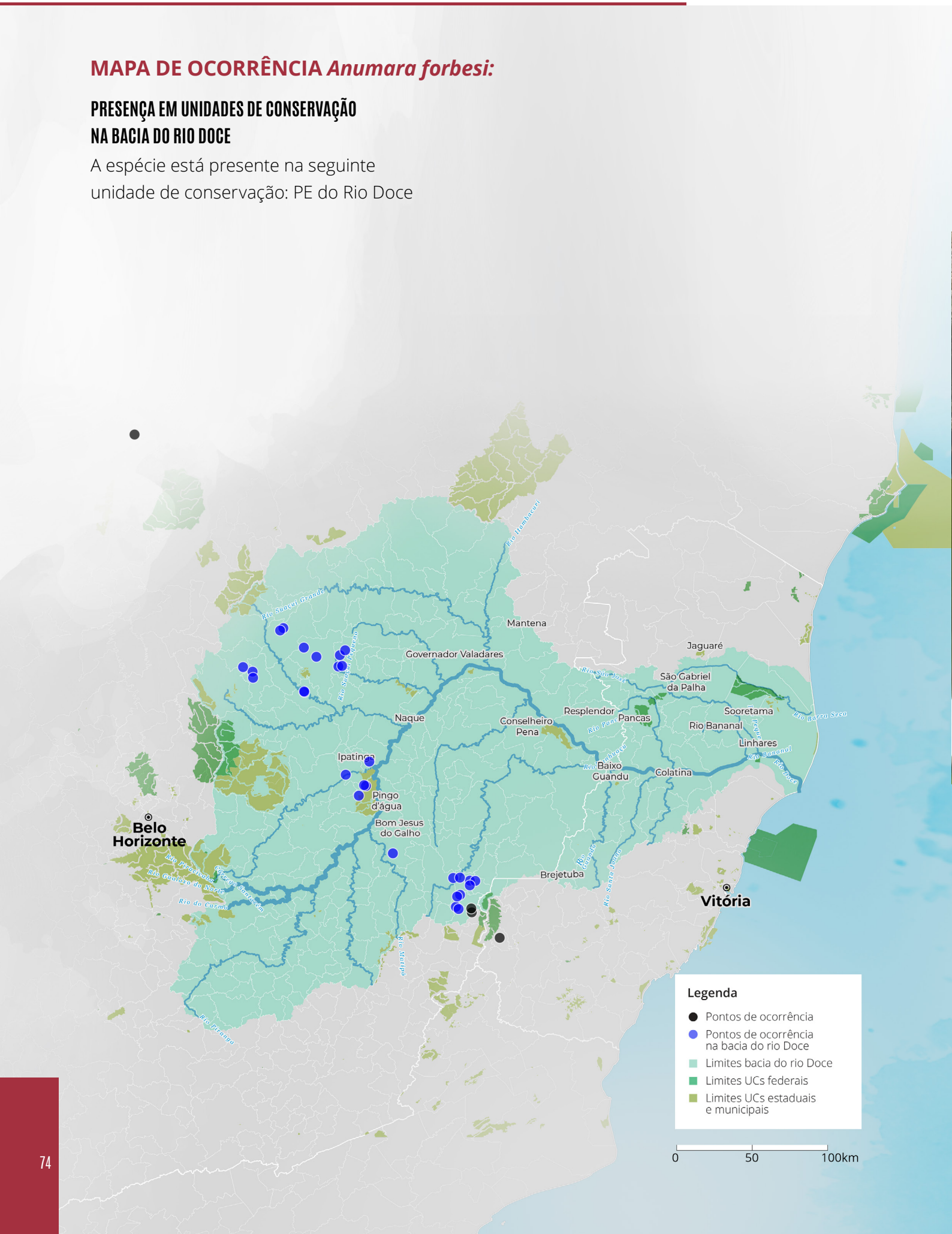
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie é endêmica do Brasil e possui ampla distribuição geográfica, porém fragmentada. Há registros da espécie nos estados de Alagoas, Pernambuco, Minas Gerais e Espírito Santo, geralmente em altitudes de até 900m (BirdLife International 2023d; Silveira *et al.* 2023g).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Anumara forbesi:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do Rio Doce



FAMÍLIA: TYRANNIDAE

ATTILA SPADICEUS UROPYGIATUS (Wied-Neuwied, 1831)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eduardo Amorim, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: capitão-de-saíra-amarelo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Attila spadiceus é uma ave passeriforme da família Tyrannidae, com aproximadamente 19 cm de comprimento. A espécie alimenta-se de artrópodes, pequenos vertebrados, frutos e sementes, construindo seus ninhos em pedras ou buracos de árvores e geralmente colocando de 3 a 4 ovos amarelados com manchas marrom-escuras, havendo variações nas vocalizações entre subespécies da América Central e América do Sul (Walther 2004; WikiAves 2023). A população está declinando e é fragmentada, apresentando baixa mobilidade de deslocamento entre os fragmentos (Silveira *et al.* 2019a).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Attila spadiceus uropygiatus*, popularmente conhecida como capitão-de-saíra-amarelo, é uma ave endêmica do Brasil, restrita a matas altas conservadas e ausente em áreas abertas ou antropizadas. Sua presença está intrinsecamente associada à Mata Atlântica, habitando florestas subtropicais/tropicais úmidas de baixada e montanha. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 3.149 km², com Área de Ocupação (AOO) de 40 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com impactos relacionados a mudanças e perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos da mineração. Além disso, cerca de 73% da EOO foram convertidas em pastagens, áreas de mosaico de usos, plantações de café e áreas urbanizadas. Diante desse cenário, infere-se um declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça à espécie é a perda da qualidade do habitat, decorrente de atividades agrícolas, aquacultura, expansão urbana e criação extensiva e intensiva de gado. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem, mortalidade direta de indivíduos e redução na sobrevivência ou no sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares provenientes dos ambientes aquáticos (Golder Associates 2016). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com aproximadamente 56% da EOO convertidas em áreas de pastagens, 13% em mosaico de usos, 3% em plantações de café e 1% em áreas urbanizadas.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas adicionais sobre ameaças, história de vida e ecologia, tamanho, distribuição e tendências populacionais são necessárias. Além disso, investigar aspectos genéticos e modelagens para avaliar a adequabilidade de habitat.

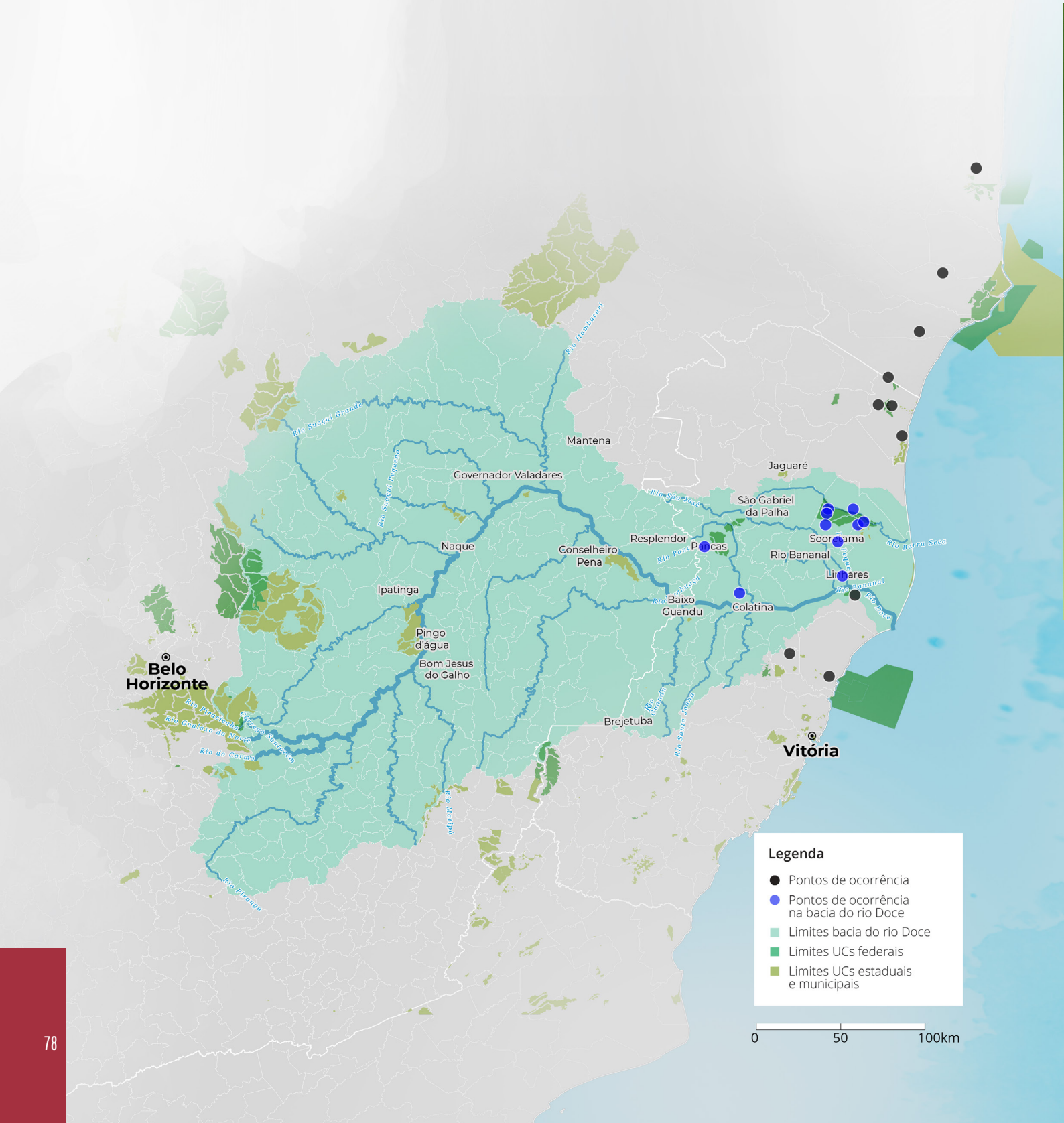
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Attila spadiceus uropygiatus é endêmica do Brasil, restrita à costa leste nos estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Espírito Santo, sendo dependente de floresta e encontrada em poucos fragmentos (Silveira *et al.* 2019a).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Attila spadiceus uropygiatus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: TROGLODYTIDAE

Campylorhynchus turdinus turdinus (Wied-Neuwied, 1821)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eduardo Amorim, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: catatau

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Troglodytidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Campylorhynchus turdinus turdinus é uma ave insetívora e arborícola, adaptada às florestas úmidas da Mata Atlântica. A espécie ocupa principalmente os estratos médios e as copas das árvores, além de bordas e clareiras com presença de árvores esparsas. *C. t. turdinus* demonstra baixa sensibilidade a alterações ambientais e tem o hábito de formar grupos compostos por 6 a 8 indivíduos (Golder Associates 2016; Silva 2021; WikiAves 2023). No entanto, não há informações disponíveis sobre o tamanho populacional da espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+2ab(i,ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Campylorhynchus turdinus turdinus*, popularmente conhecido como catatau, é uma ave endêmica do Brasil, com distribuição no Centro e Leste do país em áreas de florestas associadas à Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 570 km², Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e três localidades condicionadas a ameaças. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos da mineração. Além disso, cerca de 62% da EOO foram convertidas em áreas de pastagens, mosaico de usos, cultivo de café e áreas urbanizadas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade do habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

O catatau é um passeriforme insetívoro encontrado em florestas primárias ou em avançado estado de regeneração, possivelmente afetado pela mudança no habitat devido à erosão, deposição de rejeitos e alterações nas cadeias alimentares, levando a uma redução de sua sobrevivência e sucesso reprodutivo (Golder Associates 2016). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 40% da EOO convertidas em áreas de pastagem, 14% em mosaico de usos, 6% em plantações de café e 2% em área urbanizada.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Há lacunas significativas de conhecimento sobre a espécie em relação aos seus hábitos alimentares, reprodutivos e habitat. Pesquisas específicas são necessárias para identificar novas populações, quantificar o tamanho e a dinâmica populacional, determinar os requisitos de habitat e monitorar a tendência populacional ao longo do tempo, visando melhorar as estratégias de conservação. Além disso, é crucial identificar áreas-chave para a conservação da subespécie.

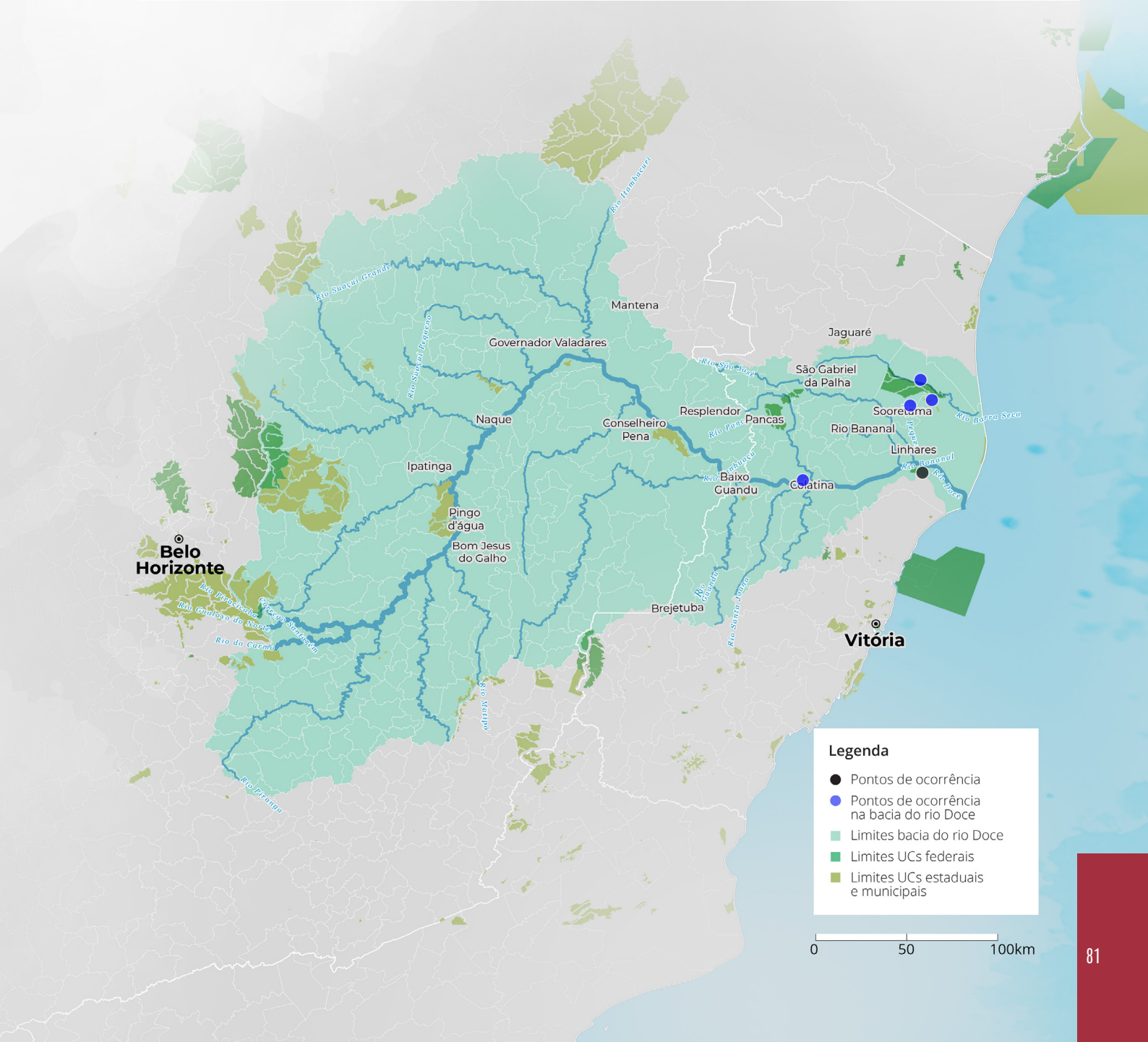
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Campylorhynchus turdinus turdinus é uma ave endêmica do Brasil, com uma distribuição que abrange principalmente o leste do país, nos estados do Maranhão, Bahia e Espírito Santo (Kroodsma *et al.* 2020), com quatro registros na bacia do Rio Doce, em Colatina, Espírito Santo.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Campylorhynchus turdinus turdinus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; RPPN Mutum Preto.



FAMÍLIA: COTINGIDAE

Carpornis melanocephala (Wied-Neuwied, 1820)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eduardo Amorim, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: sabiá-pimenta

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Carpornis melanocephala é uma espécie sedentária e solitária, encontrada principalmente em florestas primárias de baixada e restinga, preferindo habitar a copa das árvores ou o estrato médio em vegetação densa (Snow 2004; ICMBio 2017). A principal ameaça é a perda de habitat gerando extinção local e declínio populacional contínuo nas florestas primárias de baixada e restinga, onde a espécie tem pouca tolerância a ambientes alterados. Sua dieta consiste principalmente de frutos de palmeira-juçara e, ocasionalmente, de artrópodes

(ICMBio 2017; WikiAves 2023). *Carpornis melanocephala* apresenta uma população possivelmente pequena e fragmentada, estimada em menos de 10.000 indivíduos maduros, com evidências de declínio populacional de 10%-19% ao longo de três gerações, provavelmente devido à perda e fragmentação do habitat na Mata Atlântica (Snow 2004; ICMBio 2017; BirdLife International 2022a). O tempo de geração estimado para a espécie é de 4,22 anos.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+2ab(i,ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Carpornis melanocephala*, popularmente conhecida como sabiá-pimenta, é uma ave endêmica do Brasil com ocorrência associada às fitofisionomias de florestas primárias de baixada e restinga na Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 4.083 km², com Área de Ocupação (AOO) de 104 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, podendo ter ocasionado mudanças na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 67% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagens, mosaico de usos, silvicultura, cultivo de café e área urbanizada. Diante desse cenário, infere-se um declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: NT (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Carpornis melanocephala enfrenta ameaças de agricultura e pecuária em larga escala. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se

em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 67% da EOO convertidas em áreas de pastagem e outros usos do solo.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas para encontrar novas subpopulações e investigar a relação da espécie com o palmito, além de informações sobre sua história natural, tamanho do território e exigências ambientais básicas (ICMBio 2017; BirdLife International 2022a) incluindo área de vida, aspectos reprodutivos, modelagem de adequação de habitat e genética.

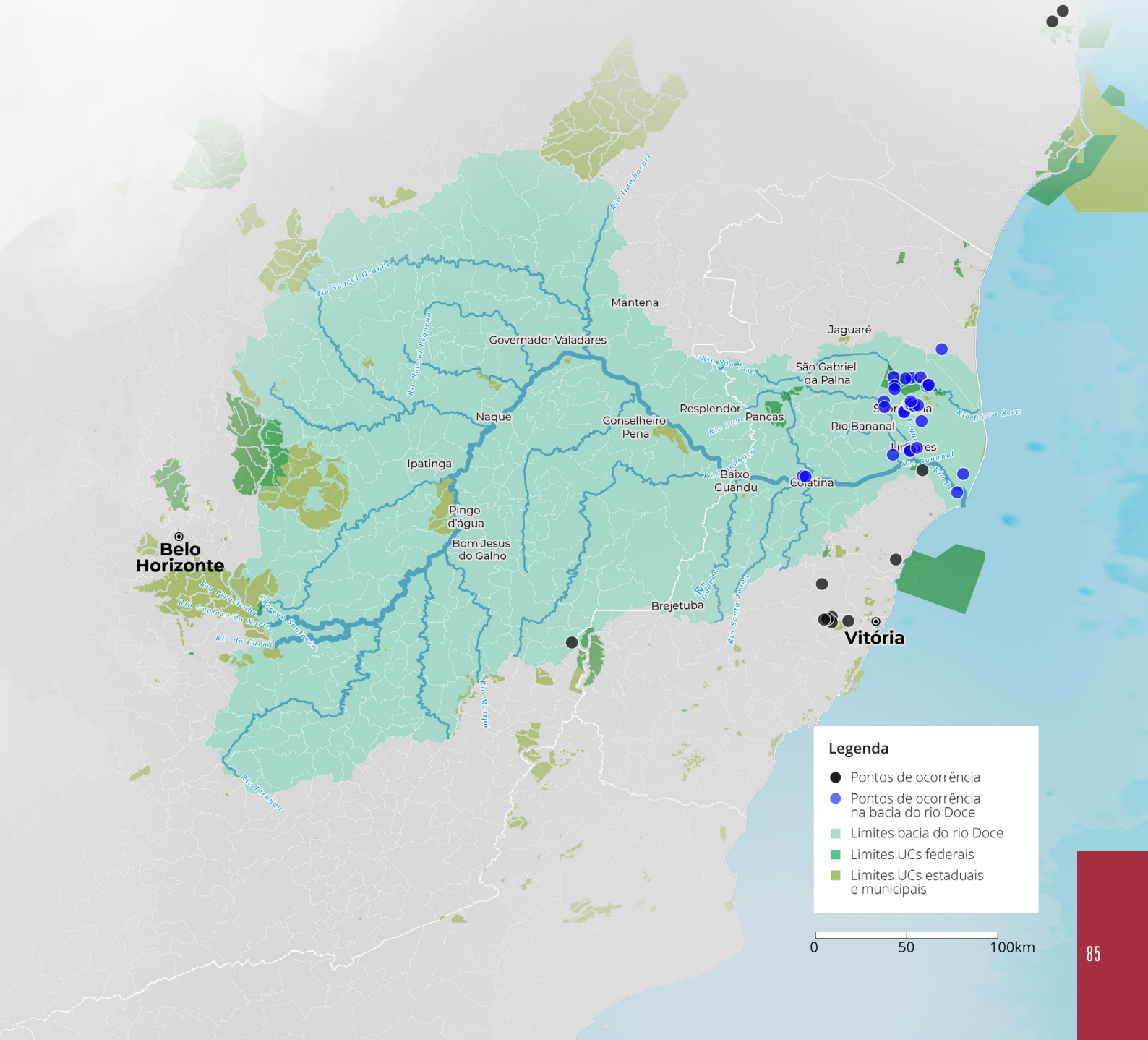
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Carpornis melanocephala é uma ave endêmica do Brasil, encontrada na Mata Atlântica nos estados de Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo (WikiAves 2023).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Carpornis melanocephala:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: PICIDAE

Celeus flavus subflavus
P.L.Sclater & Salvin, 1877

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eduardo Amorim, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
pica-pau-amarelo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

NOTAS TAXONÔMICAS

A espécie *Celeus flavus* possui quatro subespécies, sendo que apenas *Celeus flavus subflavus* ocorre no leste do Brasil (Firme 2016; Winkler *et al.* 2020b; Pacheco *et al.* 2021). Inicialmente, este táxon foi descrito como uma espécie independente e posteriormente incluído em *C. flavus*. No entanto, os estudos realizados por Firme (2016) apoiam o enquadramento de *Celeus flavus subflavus* como uma espécie distinta.

INFORMAÇÕES GERAIS

Há pouca informação disponível sobre a espécie, especialmente no que se refere a *Celeus flavus subflavus* (Winkler *et al.* 2020b). Este pica-pau é predominantemente encontrado em áreas de baixa altitude, até cerca de 500 m, em florestas primárias ou em estágios avançados de regeneração, frequentemente próximo a corpos d'água. Ocorre ocasionalmente em florestas mais jovens, bordas, clareiras e cabrucas. Sua dieta é principalmente insetívora, utilizando troncos e ramos do dossel e dos estratos mais baixos da vegetação arbórea para forragear. Os principais itens alimentares consumidos são formigas e cupins arborícolas, e ocasionalmente frutos e sementes. Geralmente, é encontrado solitário, em pares ou em pequenos grupos.

Celeus flavus subflavus é um táxon atualmente raro, com estimativas populacionais baseadas em registros conhecidos, dados de abundância e tamanho da área de ocupação, sugerindo uma proporção de 1-3 indivíduos por km² (Silveira *et al.* 2023h). Considerando uma Área de Ocupação (AOO) de 4 km², cada subpopulação deve abrigar entre 4 e 12 indivíduos maduros. A estimativa do tamanho populacional varia de 100 a 250 indivíduos maduros (Silveira *et al.* 2023h). O tempo de geração é de 5 anos.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv); C2a(i).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Celeus flavus subflavus* é uma subespécie de ave endêmica da Mata Atlântica, dependente de florestas e sensível a distúrbios de seu habitat, atualmente rara e restrita regionalmente ao baixo rio Doce. Sua Área de Ocupação (AOO) é de 4 km², com uma localização condicionada à ameaça e menos de 50 indivíduos maduros por subpopulação. As principais ameaças para a espécie incluem áreas de agropecuária, exploração madeireira e urbanização, além da possível influência do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais. Apesar de ocorrer em uma área preservada, a Reserva Natural Vale, sugere-se uma proporção de 1-3 indivíduos por km², com uma estimativa de tamanho populacional variando de 100 a 250 indivíduos maduros (Silveira *et al.* 2023h). Dada a AOO da espécie, a subpopulação na área da bacia deve abrigar entre 4 e 12 indivíduos maduros. Diante desse cenário, infere-se um declínio contínuo na AOO, na qualidade do habitat, no número de localizações condicionadas a ameaças e no número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: CR (Brasil 2022).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

Classificada como Criticamente em Perigo (CR) nacional e estadualmente, *Celeus flavus subflavus* é designada como espécie-alvo no 1º ciclo do Plano de Ação Nacional para a conservação das Aves da Mata Atlântica - PAN Aves Mata Atlântica (ICMBio 2017; Fraga *et al.* 2019; Brasil 2022c). Apesar de não constar em unidades de conservação na bacia do rio Doce, foi observada na Reserva Natural Vale.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Celeus flavus subflavus ocorre em áreas sujeitas à transformação de áreas florestais em pastagens para gado e agricultura, práticas de exploração madeireira e urbanização, com alta sensibilidade aos distúrbios em seu habitat (Silva 2021). A espécie pode ser afetada indiretamente pelo rompimento da barragem de Fundão, estando localizada na área a jusante da Usina Hidrelétrica de Aimorés, abrangendo a região entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo até a foz do rio Doce. Os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais.

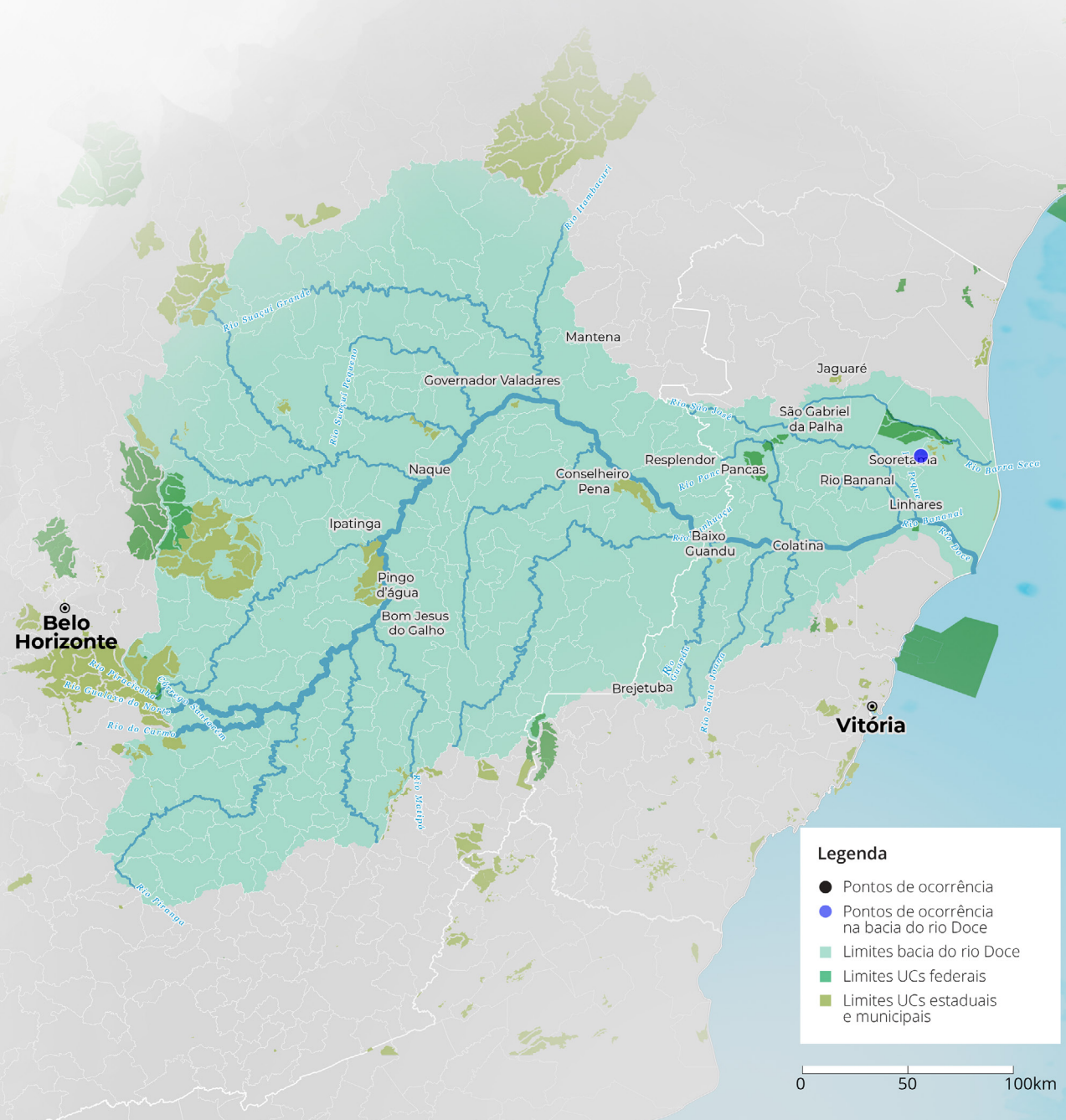
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Embora a espécie esteja amplamente distribuída pela Amazônia, as populações disjuntas do extremo leste brasileiro (incluídas em *Celeus flavus subflavus*) estão restritas à Mata Atlântica (Silva 2021), nos estados de Alagoas, Bahia e Espírito Santo. Em Alagoas encontra-se atualmente extinta, assim como na maior parte da sua distribuição original. Regionalmente, está restrita ao baixo rio Doce (Reis 2019).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Celeus flavus subflavus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: PICIDAE

Celeus torquatus tinnunculus (Wagler, 1829)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
pica-pau-de-coleira

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

NOTAS TAXONÔMICAS

A espécie *Celeus torquatus* possui quatro subespécies reconhecidas, sendo que apenas *Celeus torquatus tinnunculus* ocorre no leste do Brasil (Firme 2016; Pacheco *et al.* 2021; Kirwan *et al.* 2022). Inicialmente, este táxon foi descrito como uma espécie independente e posteriormente incluído em *C. torquatus*. No entanto, os estudos realizados por Firme (2016) apoiam o enquadramento de *Celeus torquatus tinnunculus* como uma espécie distinta.

INFORMAÇÕES GERAIS

Celeus torquatus tinnunculus é uma subespécie de pica-pau pouco conhecida pela ciência (Kirwan *et al.* 2022), que ocorre predominantemente em áreas de baixa altitude, em florestas primárias ou em avançado estágio de regeneração, utilizando ocasionalmente clareiras e bordas de mata (Kirwan 2009; Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2018b; Silveira *et al.* 2023i). Tem o hábito de forragear em grandes alturas e, eventualmente, em estratos mais baixos da vegetação, seja em casal ou sozinho (Ridgely *et al.* 2015). Sua dieta é principalmente insetívora, tendo como principais fontes de alimento formigas e cupins arborícolas, ocasionalmente consumindo frutos e sementes (Ridgely *et al.* 2015; Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2018b; Silveira *et al.* 2023i). É considerada residente (Pacheco *et al.* 2021; Silveira *et al.* 2023). *Celeus t. tinnunculus* é raro e suas populações estão severamente fragmentadas devido à perda e fragmentação dos habitats naturais (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2018b; Silveira *et al.* 2023i). O tempo geracional estimado da subespécie é de 5 anos (BirdLife International 2023e). Não há informações de uso/comércio para esta subespécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(ii,iii,iv)+2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Celeus torquatus tinnunculus*, popularmente conhecido como pica-pau-de-coleira, é endêmico da Mata Atlântica, dependente de florestas, com alta sensibilidade aos distúrbios em seu habitat, atualmente raro e restrito regionalmente ao baixo rio Doce. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 125 km², com Área de Ocupação (AOO) de 12 km² e três localizações condicionadas a ameaças. Suspeita-se que a subespécie esteja sofrendo declínio populacional em função da perda e alteração de habitat. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *C. t. tinnunculus* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na região da bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Suspeita-se que a subespécie esteja sofrendo declínio populacional em função da perda e alteração de habitat. Além disso, o habitat remanescente está sendo degradado devido ao corte seletivo da vegetação e da ocorrência de queimadas (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2018b; Silveira *et al.* 2023i). Não há registros de ocorrência comprovados em áreas impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à taxonomia, história de vida e ecologia, bem como tamanho, distribuição e tendências populacionais.

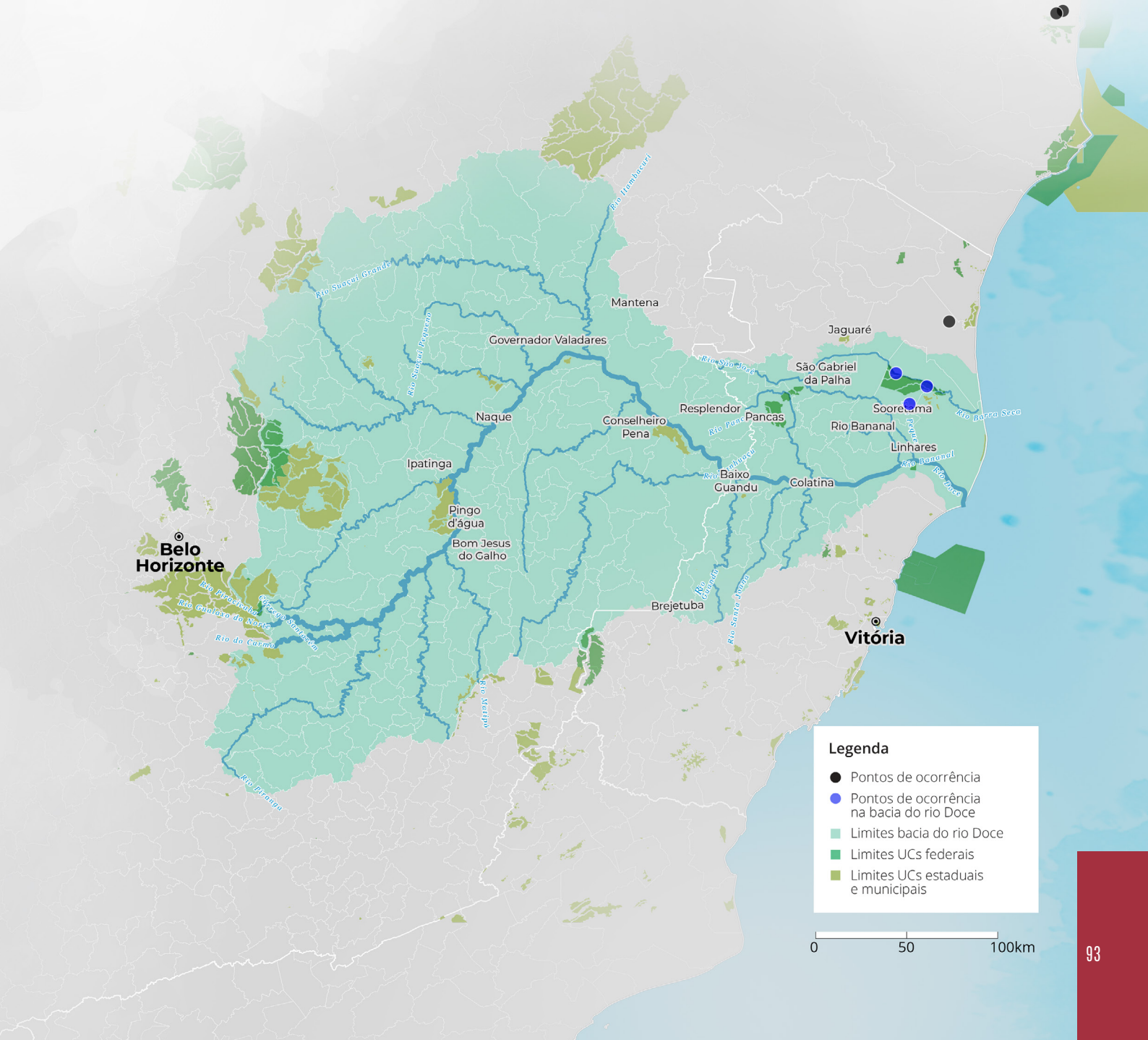
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Celeus torquatus tinnunculus é uma subespécie endêmica da Mata Atlântica, com ocorrência entre os estados da Bahia e Espírito Santo, e, historicamente, em Minas Gerais (Silveira *et al.* 2023i). É um táxon exclusivo das terras baixas e atualmente se encontra extinto na maior parte da sua distribuição original (Reis 2019; Silveira *et al.* 2023i). Regionalmente, a subespécie está restrita ao baixo rio Doce, com ocorrência exclusiva nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Celeus torquatus tinnunculus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: BUCCONIDAE

Chelidoptera tenebrosa brasiliensis Sclater, 1862

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: urubuzinho, taterá, andorinha-cavadeira, andorinha-preta, moleque-de-cera, saperá, andorinha-do-mato, miolinho, taperaí

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Galbuliformes

Família: Bucconidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Três subespécies são atualmente reconhecidas em *Chelidoptera tenebrosa*, das quais, duas ocorrem no Brasil, *C. tenebrosa tenebrosa* e *C. tenebrosa brasiliensis*, sendo que somente *C. tenebrosa brasiliensis* está presente no leste brasileiro (Rasmussen & Collar 2020a; Pacheco *et al.* 2021).

INFORMAÇÕES GERAIS

Chelidoptera tenebrosa brasiliensis é uma espécie de ave que depende fortemente de florestas, demonstrando uma sensibilidade moderada aos distúrbios em seu habitat (Silva 2021). A subespécie é predominantemente encontrada em áreas de baixa altitude, em formações florestais primárias ou em diferentes estágios de regeneração, ocupando o alto das copas e as bordas, inclusive em beiras de água (Rasmussen & Collar 2020a). Geralmente avistada em pares, *C. t. brasiliensis* realiza suas caçadas de insetos voadores ao lançar-se ao ar acima das árvores, apresentando um comportamento menos elusivo em comparação com outras aves da família Bucconidae (Moojen *et al.* 1941; Rasmussen & Collar 2020a). Embora informações sobre a biologia reprodutiva específica sejam limitadas, sabe-se que a espécie normalmente nidifica em túneis escavados no solo, preferencialmente em clareiras e bordas de floresta (Rasmussen & Collar 2020a). Existe a possibilidade de que seja uma espécie residente (Rasmussen & Collar 2020a), sendo que atualmente é considerada relativamente rara no sul de sua distribuição original na Mata Atlântica (Silveira *et al.* 2023d). O tamanho geracional estimado para a subespécie é de aproximadamente 6,3 anos (BirdLife International 2016d). Não há informações adicionais sobre tamanho e tendência populacionais para o táxon em questão.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Chelidoptera tenebrosa brasiliensis*, popularmente conhecida como urubuzinho, é uma subespécie endêmica da Mata Atlântica, típica de vegetação aberta circundada por áreas florestais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é 14.319 km², Área de Ocupação (AOO) de 28 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. Atualmente, cerca de 72% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagens e 13% em áreas de agricultura. Além disso, o rompimento da barragem de Fundão resultou no acúmulo de água e sedimentos nos locais de ocorrência da espécie, provavelmente reduzindo a qualidade do habitat e, consequentemente, a sobrevivência e o sucesso reprodutivo da espécie, dada sua ecologia conhecida e locais de ocorrência. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na região da bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Chelidoptera tenebrosa brasiliensis ocorre em área submetida a intensa fragmentação e perda de habitat (Cäsar *et al.* 2019). Estima-se que cerca de 72% do EOO da espécie na região da bacia do rio Doce tenham sido convertidas em pastagens e 13% em áreas de agricultura. Além disso, *C. t. brasiliensis* pode ter sido afetada indiretamente pelo rompimento da barragem de Fundão. Os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados à mudança na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos, além da redução na sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ecologia e história de vida, bem como tamanho, tendência e monitoramento populacional são necessários para o táxon.

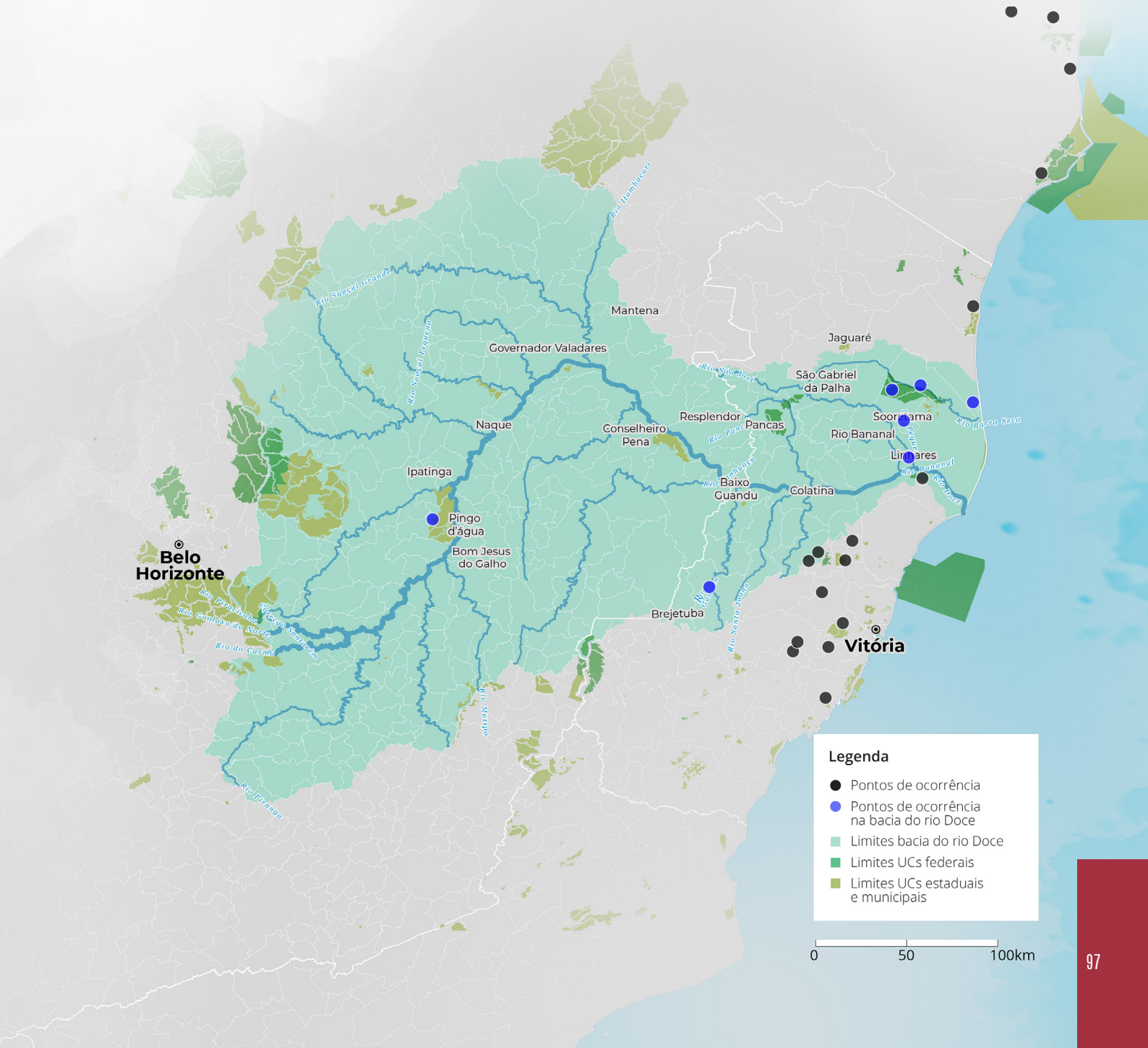
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Chelidoptera tenebrosa brasiliensis é uma ave endêmica da Mata Atlântica, com ocorrência na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e, historicamente, no Rio de Janeiro (Mallet-Rodrigues & Pacheco 2015; Silveira *et al.* 2023d). Regionalmente, está restrita ao Parque Estadual do Rio Doce, na porção média da bacia e, a jusante, no baixo rio Doce, onde ocorre nas poucas áreas que mantiveram maior cobertura florestal remanescente.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Chelidoptera tenebrosa brasiliensis:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: FURNARIIDAE

Cichlocolaptes leucophrus leucophrus (Jardine & Selby, 1830)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eduardo Amorim, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: trepador-sobrancelha, limpa-folha-gritador (WikiAves 2023)

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Cichlocolaptes leucophrus leucophrus é encontrada em florestas úmidas e preservadas da Mata Atlântica com abundância de bromélias; sua dieta consiste principalmente de artrópodes, e não existem informações disponíveis sobre seu padrão reprodutivo (Silveira *et al.* 2019b; WikiAves 2023).

A espécie apresenta tendência populacional de declínio; suspeita-se de um pequeno tamanho populacional, sem informações precisas sobre estimativas ou tendências; e é encontrada em menor densidade na Bahia em comparação com o Rio de Janeiro e o Espírito Santo (Silveira *et al.* 2019b). O tempo de geração é estimado em 3,8 anos (Silveira *et al.* 2019b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Cichlocolaptes leucophrus leucophrus*, popularmente conhecida como trepador-sobrancelha, é uma ave endêmica da Mata Atlântica, restrita a florestas úmidas e preservadas com abundância de bromélias. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 2.988 km², com Área de Ocupação (AOO) de 24 km² e três localizações condicionadas a ameaças. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como na redução da taxa de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo devido a mudanças nas cadeias alimentares aquáticas. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 65% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagem, 14% em mosaico de usos e 2% em plantações de café. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

PATs/PANs: Não disponível

CITES: Não consta

PRINCIPAIS AMEAÇAS

O desmatamento representa uma séria ameaça à espécie, reduzindo significativamente seu habitat, embora não implique um risco iminente de extinção (Silveira *et al.* 2019b). Além disso, o rompimento da barragem de Fundão impactou os locais de ocorrência da espécie, causando perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, mudanças na condição do habitat e alterações na conectividade da paisagem, provavelmente afetando a sobrevivência e o sucesso reprodutivo da espécie (Golder Associates 2016). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 81% da EOO convertidas em áreas de pastagem e outros usos do solo.

PESQUISAS RECOMENDADAS

São essenciais pesquisas para verificar se as informações sobre a biologia reprodutiva, hábitos alimentares e habitat se mantêm ao nível de subespécie. Além disso, são necessárias a identificação de novas populações, a quantificação do tamanho populacional, a caracterização dos hábitos alimentares e reprodutivos, monitorar a tendência populacional e proteger áreas-chave.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie é endêmica do Brasil e da Mata Atlântica, encontrada do sul do estado da Bahia até o sul do estado do Rio de Janeiro, nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro (Silveira *et al.* 2019b; WikiAves 2023).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama.

FAMÍLIA: ACCIPITRIDAE

Circus buffoni
(Gmelin, 1788)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Luciana Signorelli, Eduardo Amorim, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: gavião-do-banhado, gavião-do-mangue, tartaranhão-do-brejo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Cathartiformes

Família: Accipitridae

NOTAS TAXONÔMICAS

Monotípico

INFORMAÇÕES GERAIS

Circus buffoni é um gavião de porte médio, com comprimento entre 46 e 60 cm e massa corporal entre 390 e 464 g (Bierregaard & Kirwan 2020a). A espécie é quase sempre registrada em voo, planando baixo em busca de presas sobre uma ampla variedade de ecossistemas, incluindo áreas campestres, úmidas, além de pastagens e arrozais, sendo de fácil detecção nos locais em que ocorre (Pallinger & Menq 2021). Entre suas presas, estão incluídas pequenas aves e mamíferos, além de anfíbios, répteis e, em menor proporção, insetos (Bó *et al.* 1996; Pallinger & Menq 2021). A espécie utiliza o estrato herbáceo denso e alto das árvores para construir seu ninho, uma plataforma feita com material vegetal, onde deposita de 2 a 4 ovos (Pallinger & Menq 2021). Também pode nidificar em colônias (Pallinger & Menq 2021). Populações no extremo sul de sua distribuição são migratórias, mas informações insuficientes impedem a determinação do status migratório, residente ou invernante no Brasil (Bierregaard & Kirwan 2020a). Não há informações sobre estrutura e dinâmica populacional desta espécie. Entretanto, sabe-se que é rara e local no leste do Brasil e, geralmente, possui baixa densidade populacional (Bierregaard & Kirwan 2020a; Silveira *et al.* 2023c). O tempo geracional estimado é de 7,8 anos (BirdLife International 2024a).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(ii,iii)+2ab(ii,iii).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Circus buffoni*, popularmente conhecido como gavião-do-banhado, é típico de ecossistemas não florestais e áreas úmidas abertas, com uma extensa distribuição pela América do Sul e no Brasil; no entanto, possui baixa densidade populacional, é moderadamente sensível a perturbações em seu habitat e ainda há pouco conhecimento acumulado sobre a espécie. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 7.246 km², com Área de Ocupação (AOO) de 52 km² e sete a oito localidades condicionadas a ameaças. *Circus buffoni* é alvo do comércio ilegal de animais (listada no Apêndice II da CITES) e impactada pela drenagem e poluição dos corpos d'água. A espécie pode ter sido afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, conforme indicado pelos registros na calha do rio, com possíveis impactos incluindo alterações na qualidade e perda de habitat e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Ademais, aproximadamente 60% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagens, 7% em mosaico de usos, 2% em plantações de café, 1% em silvicultura e 1% em área urbanizada. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO e na qualidade de habitat. Como resultado, *C. buffoni* foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na região da bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Circus buffoni é afetada pelo comércio ilegal de animais (listada no Apêndice II da CITES, 2022) e pela drenagem e poluição dos corpos d'água (Ferguson-Lees & Christie 2001). O rompimento da barragem de Fundão pode ter ocasionado a perda e alteração do habitat, além da mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Ademais, aproximadamente 60% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 7% em mosaico de usos, 2% em plantações de café, 1% em silvicultura e 1% em área urbanizada.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Estudos sobre a dinâmica populacional e reprodutiva da espécie, incluindo pesquisas sobre distribuição, filogeografia e os efeitos das ameaças sobre as populações e locais de reprodução.

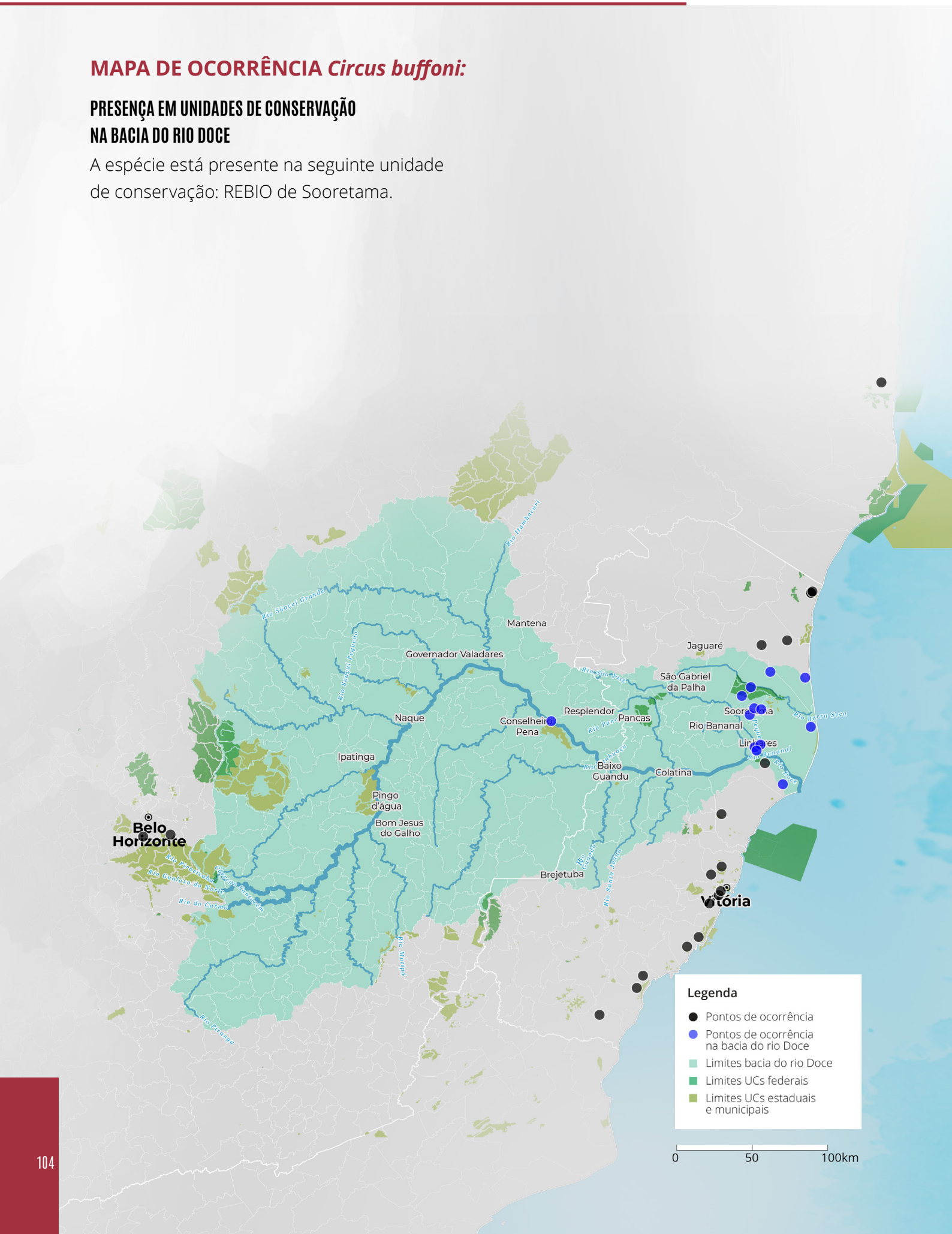
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Circus buffoni possui ampla distribuição no sul e norte da América do Sul, com setores disjuntos separados pela Amazônia, Andes e Caatinga. No Brasil, é encontrada em ecossistemas não florestais e áreas úmidas abertas em todas as regiões do país, com exceção da região amazônica e de áreas mais secas do Nordeste (Pallinger & Menq 2021). Regionalmente, a espécie conta com apenas um registro para a porção média do rio Doce em Minas Gerais (Parque Estadual de Sete Salões), com a maioria dos registros concentrados no baixo rio Doce, onde há a ocorrência de áreas úmidas de influência fluviomarinha. A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: AP, BA, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PR, RJ, RO, RR, RS, SC, SP e TO.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Circus buffoni:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: COTINGIDAE

Cotinga maculata
(Statius Muller, 1776)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
crejoá (WikiAves 2023)

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Cotinga maculata é uma ave que habita o dossel de florestas primárias e vegetação secundária, encontrada em altitudes abaixo de 200 m (CEMAVE 2018a). Alimenta-se principalmente de frutos, possivelmente complementados por insetos, e exibe um comportamento provavelmente residente, sendo solitária e silenciosa, o que dificulta sua detecção, pois pode permanecer imóvel em um galho por longos períodos. Sua sobrevivência aparentemente depende da conservação de vastas áreas territoriais em matas de baixada (CEMAVE 2018a).

A espécie é considerada rara e suas populações remanescentes encontram-se em habitats altamente fragmentados, com pouca evidência de dispersão entre as áreas (CEMAVE 2018a). Seu habitat está bastante modificado, resultando em isolamento entre os pontos de ocorrência (CEMAVE 2018a). A região onde ocorre é frequentemente visitada por observadores de aves que notam a escassez da espécie (CEMAVE 2018a). Estima-se que a população total seja inferior a 250 indivíduos maduros, com subpopulações contendo menos de 50 indivíduos (CEMAVE 2018a). O declínio populacional continua devido à perda de habitat, com casos de extinção local recente, resultando em uma tendência populacional declinante (CEMAVE 2018a). O tempo de geração é de 4,6 anos (BirdLife International 2023a).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Cotinga maculata*, popularmente conhecida como crejoá, é uma ave endêmica do Brasil restrita a uma estreita faixa de Mata Atlântica úmida de baixada. Sua distribuição é limitada à região costeira da Bahia até o norte do Espírito Santo, onde habita o dossel de florestas primárias e vegetação secundária. Estima-se que a população total seja inferior a 250 indivíduos maduros, com menos de 50 deles em cada subpopulação. A destruição em grande escala da Mata Atlântica de baixada e a caça ilegal constituem as principais ameaças à espécie. Além disso, o rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, podendo ter resultado em mudança na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos. Atualmente, cerca de 86% da EOO foram convertidas em áreas de pastagem, mosaico de usos, plantações de café e silvicultura. Diante deste cenário, infere-se declínio contínuo no número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: CR (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada espécie beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A destruição em grande escala da Mata Atlântica de baixada e a caça ilegal, incluindo a utilização das penas dos machos para artesanato e o consumo da ave na alimentação humana constituem as principais ameaças à espécie (CEMAVE 2018a). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 86% da EOO convertidas em áreas de pastagem, mosaico de usos, plantações de café e silvicultura.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre a biologia básica da espécie são necessárias para definir seus habitats preferenciais. Sugere-se também a busca por populações no Parque Estadual do rio Doce, Minas Gerais, e o uso de torres de observação como ferramenta adicional para a detecção da espécie em certas áreas (CEMAVE 2018a). Outros aspectos como área de vida, genética e manejo populacional também merecem atenção.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie é endêmica do Brasil, restrita a uma estreita faixa de Mata Atlântica úmida de baixada (CEMAVE 2018a). Originalmente habitava o sul da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e áreas adjacentes em Minas Gerais (WikiAves 2023). Atualmente, há possíveis indícios de seu desaparecimento no Rio de Janeiro (WikiAves 2023) e no Espírito Santo (CEMAVE 2018a). Sua distribuição atual encontra-se predominantemente restrita a unidades de conservação (UCs) (CEMAVE 2018a). Foram realizados registros de avistamentos de *C. maculata* em quatro localidades na bacia do rio Doce, incluindo um em Timóteo, Minas Gerais, e outros três em Baixo Guandu, Linhares (Floresta Nacional de Goytacazes) e Sooretama, Espírito Santo. Na bacia do rio Doce, a área de extensão de ocorrência da espécie é de 37.632 km² e a área de ocupação é de 40 km². A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Cotinga maculata:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.

FAMÍLIA: CRACIDAE

Crax blumenbachii
Spix, 1825

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: mutum-de-bico-vermelho, mutum-do-sudeste, mutum-do-espírito-santo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica

INFORMAÇÕES GERAIS

Crax blumenbachii apresenta dimorfismo sexual, com um comprimento total de aproximadamente 84 cm e peso de cerca de 3,5 kg (Sick 1997). Sua dieta consiste principalmente de frutos, normalmente colhidos no solo, além de folhas, sementes e ocasionalmente pequenos animais (Olmos *et al.* 2004; Marques *et al.* 2018b). Forrageia em pares ou em grupos de quatro indivíduos (Olmos *et al.* 2004) e é considerada uma espécie sedentária (del Hoyo 1994). A reprodução ocorre entre setembro e fevereiro (Marques *et al.* 2018b). O macho constrói o ninho no alto das árvores, na época do acasalamento dança e vocaliza para atrair a fêmea (Olmos *et al.* 2004; WikiAves 2023). O ninho da espécie é um cesto trançado feito com galhos e material vegetal das proximidades, construído a uma altura de até 20 m; a incubação dos ovos é realizada pela fêmea, enquanto ambos os pais cuidam dos filhotes por aproximadamente quatro meses (Olmos *et al.* 2004; Marques *et al.* 2018b).

A espécie apresenta populações mínimas com estimativas de cerca de 60 indivíduos na Reserva Biológica de Sooretama, 100 na Reserva Natural Vale, no Espírito Santo, e 35 no Parque Nacional do Descobrimento, com avistamentos em cinco outros locais em 2003 na Bahia (BirdLife International 2016c). Desde o século XIX, a espécie rara está em declínio, desaparecendo em diversas reservas do Espírito Santo, além de estar extinta no Rio de Janeiro (década de 1960) e em Minas Gerais (década de 1970), com avistamentos ausentes em algumas áreas da Bahia (Marques *et al.* 2018b). No levantamento para a avaliação nacional, Silveira *et al.* (2019) inferiram a existência de menos de 2.500 indivíduos maduros de *C. blumenbachii* em vida livre, com cada subpopulação contendo menos de 250 indivíduos maduros; sendo mais de 90% concentrados no bloco florestal de Linhares/Sooretama, Espírito Santo (Marques *et al.* 2018b). A espécie enfrenta um declínio contínuo devido à caça e perda de habitat, representando uma diminuição significativa desde 2004, quando estimava-se que havia menos de 250 indivíduos adultos distribuídos em populações na Bahia e Espírito Santo, cobrindo aproximadamente 0,85% da área originalmente ocupada (Marques *et al.* 2018b). O tempo de geração é estimado em 11,5 anos (BirdLife International 2016c).

Crax blumenbachii é altamente sensível à caça, sofrendo pressão crônica de perda de habitat e caça, incluindo para subsistência humana (BirdLife International 2016c; Marques *et al.* 2018b; Silveira *et al.* 2019c).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Crax blumenbachii*, conhecida popularmente como mutum-de-bico-vermelho, é uma ave endêmica da Mata Atlântica de baixada, ocorrendo exclusivamente em matas primárias ou em avançado estado de regeneração no Espírito Santo e na Bahia. Há

uma estimativa de menos de 2.500 indivíduos maduros em vida livre, dos quais mais de 90% estão situados no bloco florestal de Linhares/Sooretama, no Espírito Santo. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou de maneira diferenciada os locais de ocorrência da espécie, podendo ter causado mudanças na condição do habitat, e, consequentemente, redução na sobrevivência e sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares. Além disso, cerca de 64% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 9% em mosaico de usos, 1% de silvicultura, 1% em área urbana e 1% em plantações de café. E ainda, infere-se a existência de até 250 indivíduos maduros em cada subpopulação. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo do número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: O PAN para a conservação do mutum-do-sudeste (ICMBio 2012a) teve como objetivo promover a recuperação e manutenção da espécie, sendo incorporado ao PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017). É considerada espécie beneficiada nos PATS Capixaba-Gerais (IEF 2023) e Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

A espécie é classificada como Em Perigo (EN) pela IUCN (BirdLife International 2016c) e na Lista Nacional (Brasil 2022c), sendo considerada Criticamente em Perigo (CR) no Espírito Santo (Fraga *et al.* 2019) e em Minas Gerais (COPAM 2010). O Plano de Ação Nacional para a conservação do mutum-do-sudeste, concluído em 2014, visou promover a recuperação e manutenção da espécie, sendo posteriormente integrado ao Plano de Ação Nacional para conservação de Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2012a; CEMAVE 2023). A espécie é contemplada pelo Plano de Ação Territorial Capixaba-Gerais (IEF 2023) e encontra-se listada no Apêndice I da CITES (CITES 2022). Sua presença é registrada na Reserva Biológica de Sooretama e na Reserva Particular do Patrimônio Natural Recanto das Antas.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Crax blumenbachii ocorre em duas áreas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat, decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como redução na taxa de sobrevivência e/

ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016). A espécie é sensível à caça, perda e fragmentação de habitat, além de enfrentar ameaças em unidades de conservação devido à retirada de madeira, caça e incêndios florestais, comprometendo sua sobrevivência (Marques *et al.* 2018b). Além disso, cerca de 64% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 9% em mosaico de usos, 1% de silvicultura, 1% em área urbana e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Estudos de campo são necessários para determinar parâmetros básicos da história natural da espécie, visando fundamentar projetos de reintrodução (Silveira 2008b). É importante realizar levantamentos nas localidades históricas de ocorrência da espécie e em áreas potenciais ainda não registradas, avaliando seu status atual e obtendo estimativas populacionais (BirdLife International 2016c). A proteção efetiva das reservas com populações conhecidas, a criação de reservas privadas para preservar o habitat e a continuação do programa de reintrodução são medidas fundamentais (BirdLife International 2016c). Além disso, é necessário monitorar os indivíduos soltos, identificar novos locais para reintrodução, promover programas de educação ambiental nas comunidades e fazer lobby para que ações ilegais contra a espécie sejam punidas com prisão (BirdLife International 2016c).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

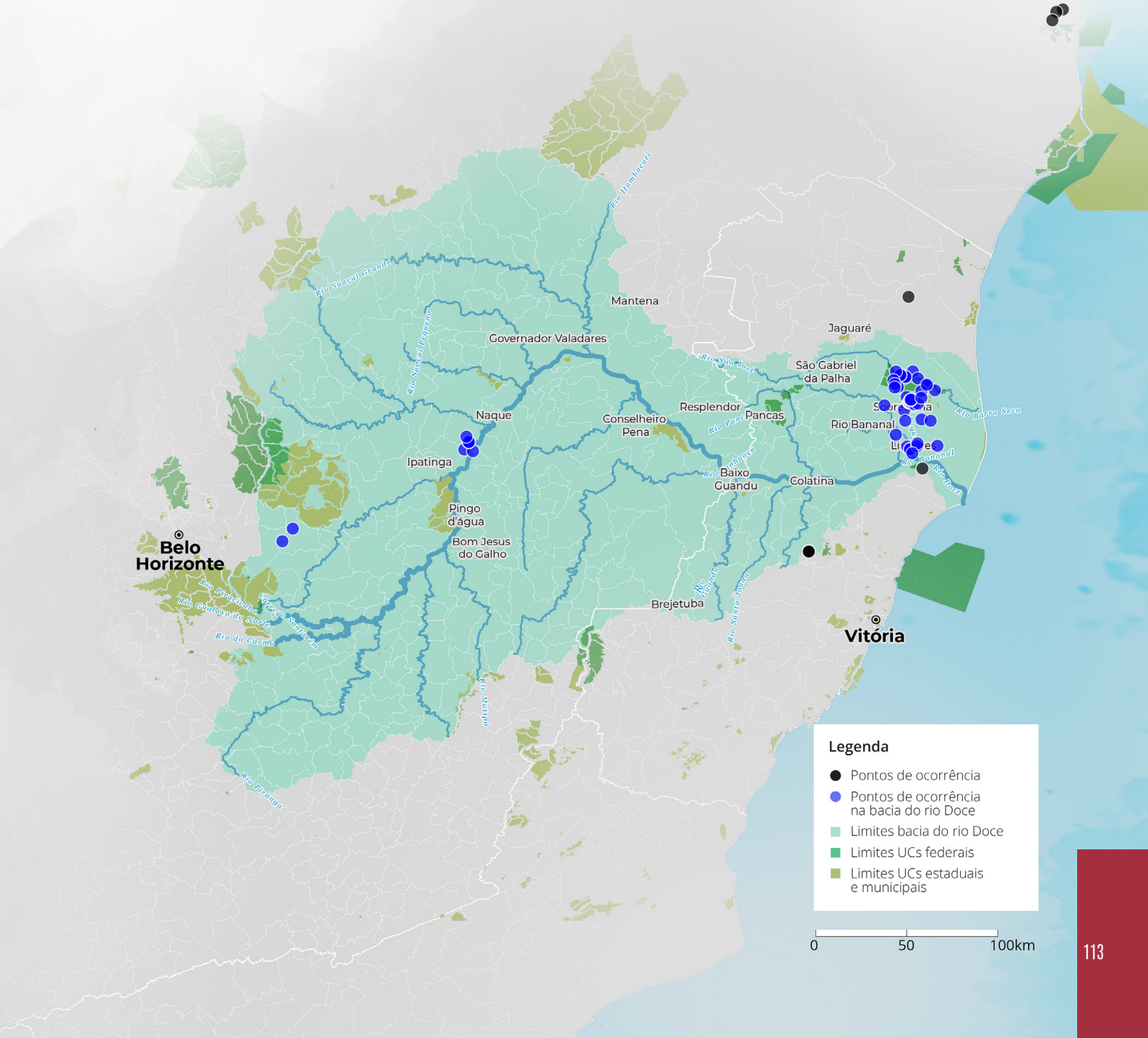
A espécie é endêmica da Mata Atlântica do Sudeste do Brasil, com distribuição original ampla desde a Bahia até o sul e nordeste do Espírito Santo e leste de Minas Gerais até o Rio de Janeiro (BirdLife International 2016c; Marques *et al.* 2018b). No entanto, os registros recentes mostram sua ocorrência restrita a duas localidades no Espírito Santo (Reserva Natural Vale e REBIO de Sooretama) e algumas localidades no sul da Bahia (PARNA do Descobrimento, REBIO de Una, Reserva Ecológica Michelin e PE Serra do Conduru) (BirdLife International 2016c; Marques *et al.* 2018b). Além disso, há populações reintroduzidas no Rio de Janeiro (RPPN Reserva Ecológica de Guapiaçu) (Bernardo 2010) e em três áreas em Minas Gerais (RPPN Fazenda Macedônia, RPPN Reserva de Peti e ESEC de Fechos) (Silveira 2008b).

Na bacia do rio Doce, a área de extensão de ocorrência da espécie é de 14.828 km² e a área de ocupação é de 156 km².

MAPA DE OCORRÊNCIA *Crax blumenbachii:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; RPPN Recanto das Antas.



FAMÍLIA: TINAMIDAE

Crypturellus noctivagus (zu Wied-Neuwied, 1820)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira B. Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
jaó-do-sul

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Tinamiformes

Família: Tinamidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Anteriormente a espécie era considerada politípica, com duas subespécies identificadas, *Crypturellus noctivagus noctivagus* e *Crypturellus noctivagus zabele* (Piacentini *et al.* 2015; Silveira *et al.* 2023a). Atualmente, a espécie é reconhecida como monotípica (Pacheco *et al.* 2021; Silveira *et al.* 2023a).

INFORMAÇÕES GERAIS

Crypturellus noctivagus é uma ave de pequeno porte, com dimensões variando entre 29 e 32,5 cm (Cabot *et al.* 2020a). De locomoção restrita, essa espécie habita principalmente o chão de florestas primárias de baixada, capoeira, savana arbustiva e florestas de galeria, não tolerando áreas abertas (Silva *et al.* 2018a; Cabot *et al.* 2020a; Silveira *et al.* 2023a). Em relação ao hábito alimentar, a espécie consome sementes, brotos e insetos, principalmente besouros (Coleoptera) e formigas (Formicidae) (Cabot *et al.* 2020a; Silveira *et al.* 2023a). O período de reprodução ocorre na estação chuvosa, quando, para se reproduzir, a espécie forma haréns de fêmeas que se reúnem a um macho solitário e dominante (WikiAves 2023). Além disso, durante o período reprodutivo, os machos emitem vocalizações e realizam exibições de acasalamento (WikiAves 2023). A ninhada consiste em 3 a 4 ovos e o período de incubação é de 17 dias, quando mantidos em cativeiro (Cabot *et al.* 2020a). O macho cria sozinho os filhotes depois de incubar os ovos postos em seu ninho por várias fêmeas (Ridgely *et al.* 2015). O tempo geracional estimado é de 4,90 anos (Silveira *et al.* 2023a). A espécie é possivelmente sedentária (Cabot *et al.* 2020a), é de difícil visualização e, atualmente, é considerada rara (Parker III & Goerck 1997; Silveira *et al.* 2023a). Suspeita-se que esteja sofrendo declínio populacional devido à perda de habitat e à pressão de caça (BirdLife International 2016; Cabot *et al.* 2020a). É uma espécie de interesse cinegético, visada principalmente para alimentação humana (Fernandes-Ferreira *et al.* 2012; Silveira *et al.* 2023a).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Crypturellus noctivagus*, popularmente conhecido como jaó-do-sul, é uma ave endêmica do Brasil, presente em regiões florestais da Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado e do Pampa. A espécie possui limitada capacidade de dispersão e é difícil de ser avistada, uma vez que habita principalmente o chão da mata e capoeira, evitando as áreas abertas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 21.980 km², com Área de Ocupação (AOO) de 256 km² e de sete a nove localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão afetou os locais de ocorrência da espécie, alterando as condições do habitats e, provavelmente, reduzindo a sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo da espécie. Desta maneira, infere-se declínio contínuo da AOO, da qualidade de habitat e do número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017), Aves da Caatinga (ICMBio 2019b) e PAN Manguezal (ICMBio 2015b). É considerada espécie beneficiada nos PATs Capixaba-Gerais (IEF 2023) e Chapada Diamantina-Serra da Jiboia (INEMA & SEMA 2021).

CITES: não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para *Crypturellus noctivagus* incluem, além da caça, a perda e fragmentação de habitat (Silveira *et al.* 2023a). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como redução na sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre tendências populacionais, distribuição geográfica e taxonomia (Silveira *et al.* 2023a) são necessárias para a espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

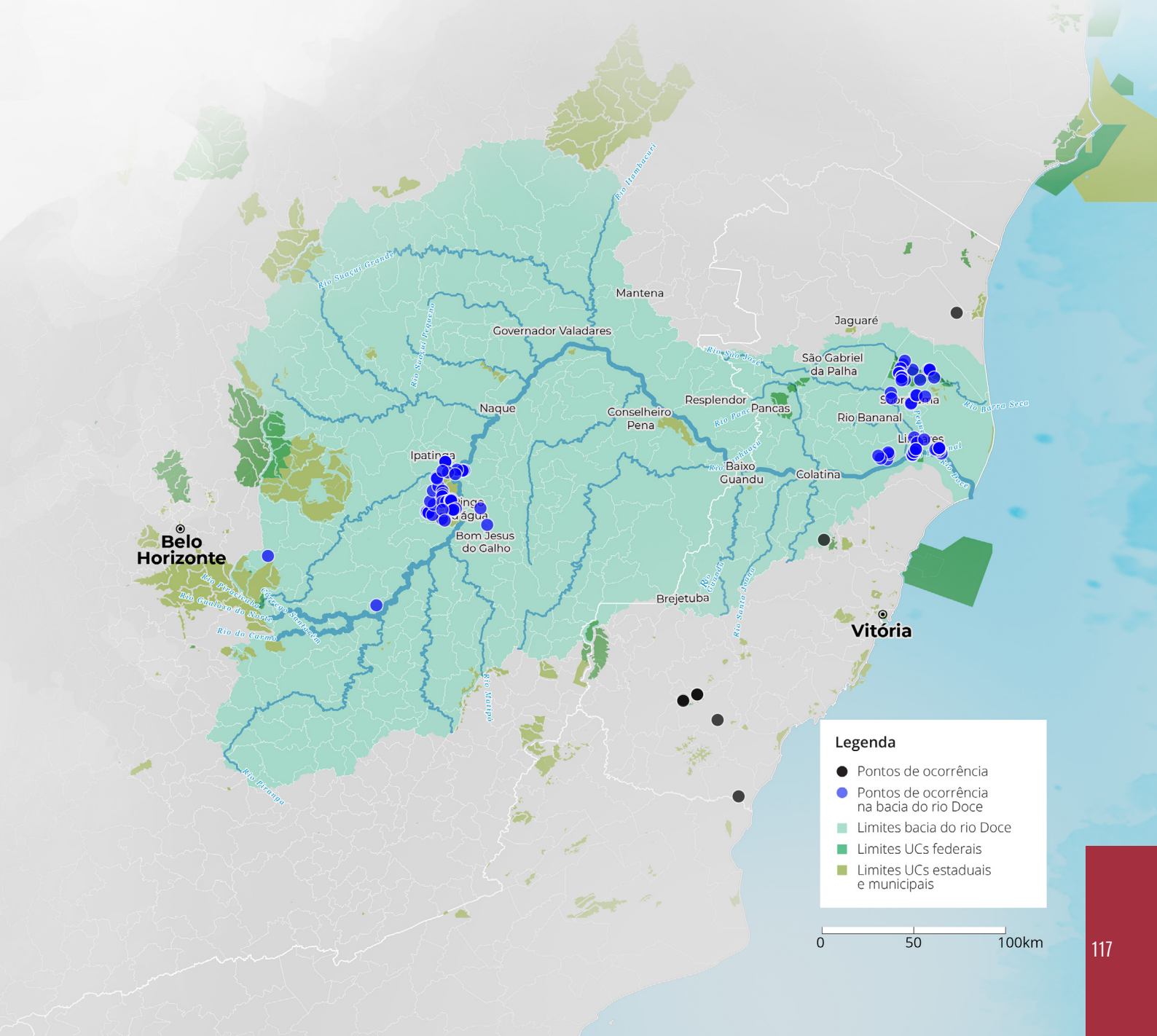
Crypturellus noctivagus é endêmica do Brasil, com distribuição que abrange desde o Ceará até o Rio Grande do Sul (Tomotani & Silveira 2016; Silveira *et al.* 2023a). A espécie provavelmente foi extinta no estado do Rio de Janeiro (Pacheco *et al.* 1996; Silveira *et al.* 2023a). Na bacia do rio Doce, *Crypturellus. noctivagus* ocorre tanto em Minas Gerais, como no Espírito Santo.

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: BA, ES, CE, PI, RS, MG, SC, PR, SP e PB.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Crypturellus noctivagus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; APA Sul-RMBH; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: TINAMIDAE

CRYPTURELLUS VARIEGATUS (J.F.Gmelin, 1789)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
inhambu-anhangá

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Tinamiformes

Família: Tinamidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica

INFORMAÇÕES GERAIS

Crypturellus variegatus é um tinamídeo de pequeno porte, medindo aproximadamente 28 cm (Sick 1997). A espécie alimenta-se de sementes, vermes, frutos e insetos (Ridgely *et al.* 2015; Silveira *et al.* 2022a; WikiAves 2023). Possui estratégia reprodutiva peculiar, uma vez que a fêmea define inicialmente um território no qual fica cantando insistentemente até atrair um macho (Magalhães 1994). Após o acasalamento e a cópula, a fêmea realiza a postura de um único ovo e o macho assume a incubação e o cuidado parental (Magalhães 1994). A fêmea, por sua vez, sai em busca de um novo território e realiza vocalizações repetidas, a fim de atrair um segundo macho (Magalhães 1994). Esse procedimento repete-se ao longo do período reprodutivo da espécie, que ocorre de setembro a dezembro, e geralmente envolve de três a quatro machos (Magalhães 1994). O macho e a fêmea possuem vocalizações diferentes, e praticamente não há dimorfismo sexual aparente (WikiAves 2023). Essa espécie não é migratória (Cabot *et al.* 2020a) e é considerada comum em parte de sua distribuição, especialmente na Amazônia (Stotz 1996b). No entanto, as populações na Mata Atlântica encontram-se isoladas e enfrentam pressões significativas devido à caça, (Cäsar *et al.* 2019), direcionada principalmente para consumo humano (Fernandes-Ferreira *et al.* 2012; Silveira *et al.* 2022a). A espécie é descrita como comum. No entanto, dado sua suscetibilidade à caça, estima-se que tenha ocorrido uma diminuição de suas populações globais em torno de 25% ao longo de três gerações (BirdLife International 2016e). O tempo geracional estimado para a espécie é de 6,8 anos (BirdLife International 2016e).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv) + B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Crypturellus variegatus*, popularmente conhecida como inhambu-anhangá, é uma ave pequena e difícil de ser avistada, encontrada em quase toda a América do Sul. No Brasil, apresenta uma população disjunta, ocorrendo na Mata Atlântica e na Amazônia. A espécie habita matas de terra firme, matas de tabuleiro e clareiras com vegetação densa, sendo sensível a ambientes significativamente modificados. Na bacia do rio Doce, apresenta Extensão de Ocorrência (EOO) de 2.097 km², com Área de Ocupação (AOO) de 164 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão possivelmente afetou a condição do habitat nas áreas onde a espécie ocorre devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos. Essas alterações provavelmente reduziram as taxas de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo da espécie por meio de perturbações nas cadeias alimentares. Consequentemente, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: não disponível.

CITES: não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As populações de *C. variegatus* são ameaçadas principalmente pela caça e pela perda de habitat (BirdLife International 2016; Silveira *et al.* 2022). Estima-se que 56% da EOO da espécie na região da bacia do rio Doce tenham sido convertidas em áreas de pastagem e agricultura. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como redução na sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre tendências da população são necessárias para a espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

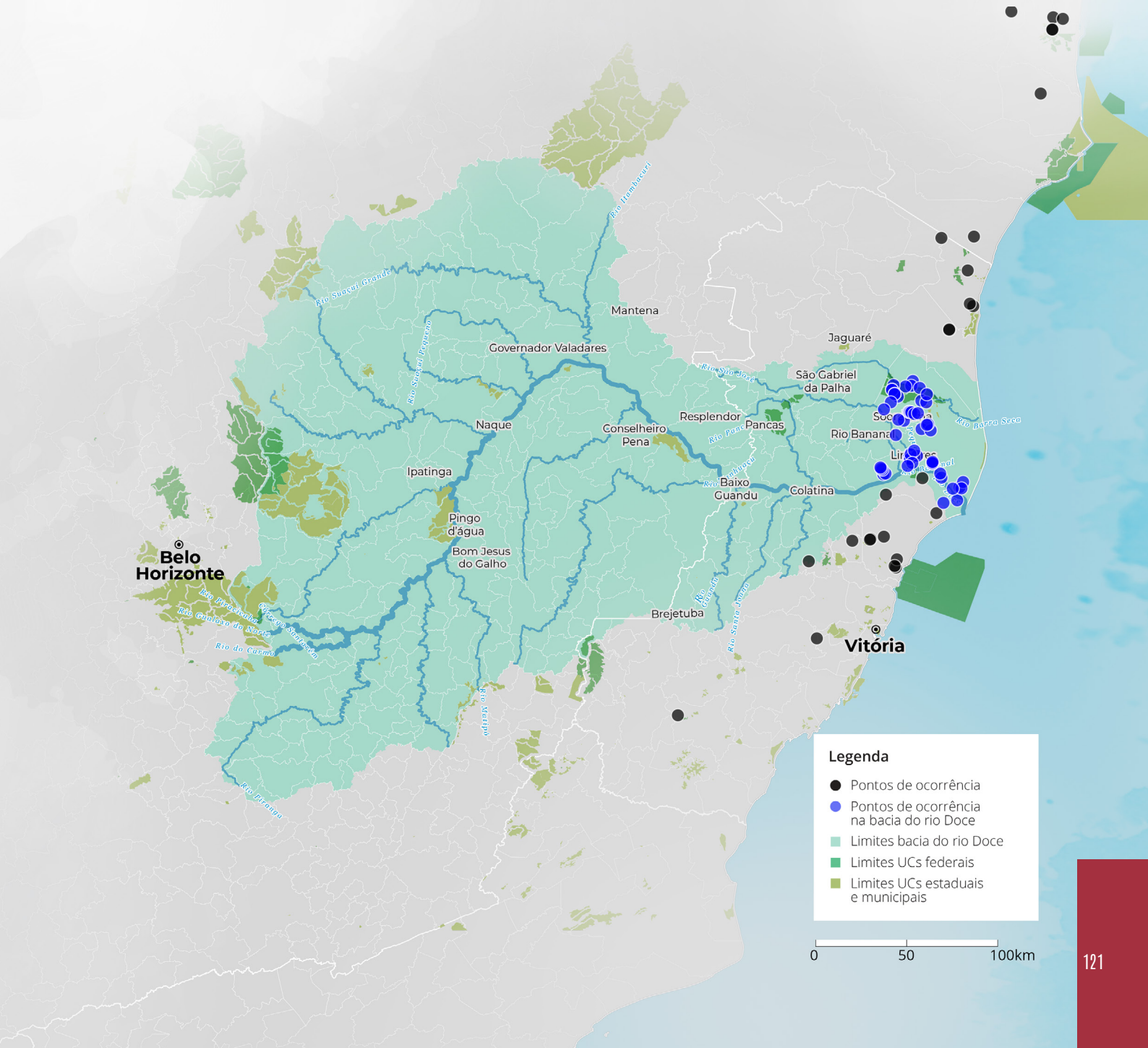
Crypturellus variegatus ocorre no Brasil, Peru, Colômbia, Venezuela e Guianas (Cabot *et al.* 2020; Silveira *et al.* 2022a). No Brasil, a espécie ocorre em quase todos os estados da região Norte (exceto Tocantins), Centro-Oeste (Mato Grosso), Nordeste (Maranhão e Bahia) e Sudeste (Espírito Santo e Rio de Janeiro) (Silveira *et al.* 2022a; WikiAves 2023). Na bacia do rio Doce, a espécie ocorre no Espírito Santo.

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: MG, RO, PA, MT, AC, AM, ES, RJ, AP, BA, RR e MA.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Crypturellus variegatus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; RPPN Recanto das Antas.



FAMÍLIA: THAMNOPHILIDAE

Dysithamnus plumbeus (Wied-Neuwied, 1831)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: choquinha-chumbo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Dysithamnus plumbeus habita áreas de floresta primária, apresentando preferência por áreas bem preservadas. Existem poucos registros para a espécie ocorrendo em áreas de floresta secundárias (Loures-Ribeiro *et al.* 2011). A espécie possui cerca de 13 cm de comprimento. Tanto o macho quanto a fêmea apresentam pequenas máculas brancas nas asas. A sua dieta principal consiste em pequenos insetos e aranhas. A espécie pode ser observada ocorrendo em bandos mistos junto às espécies *Myrmotherula axilliaris* (choquinha-de-flancos-brancos) e *Myrmotherula urosticta* (choquinha-de-rabo-cintado).

Não há informações sobre tendência populacional, porém, com base na perda da qualidade e fragmentação de habitat, suspeita-se que a espécie esteja em declínio populacional (população global) e que haja uma redução de 10% nos próximos 10 anos (BirdLife International 2023f). O tempo de geração estimado para a espécie é de 3,4 anos (BirdLife International 2023f).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2b(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Dysithamnus plumbeus*, popularmente conhecida como choquinha-chumbo, é uma ave que ocorre preferencialmente em florestas primárias. Apresenta ampla distribuição na bacia do rio Doce, com vários registros concentrados na área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão. Na região, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 38.183 km², com Área de Ocupação (AOO) de 132 km² e dez localizações condicionadas a ameaças. Os impactos do rompimento da barragem na espécie envolvem perda de habitat devido à deposição de rejeitos e erosão, provavelmente resultando na redução das taxas de sobrevivência e sucesso reprodutivo da espécie. Além disso, aproximadamente 70% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de subpopulações. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças gerais para a espécie incluem a perda de qualidade e fragmentação de habitat, exploração madeireira, conversão de áreas para agricultura e pastagens (BirdLife International 2023f). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos da mineração, além da redução na taxa de sobrevivência e sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais, distribuição incluindo área de vida, capacidade de dispersão, distribuição potencial, além de pesquisas genéticas, são necessárias para a espécie.

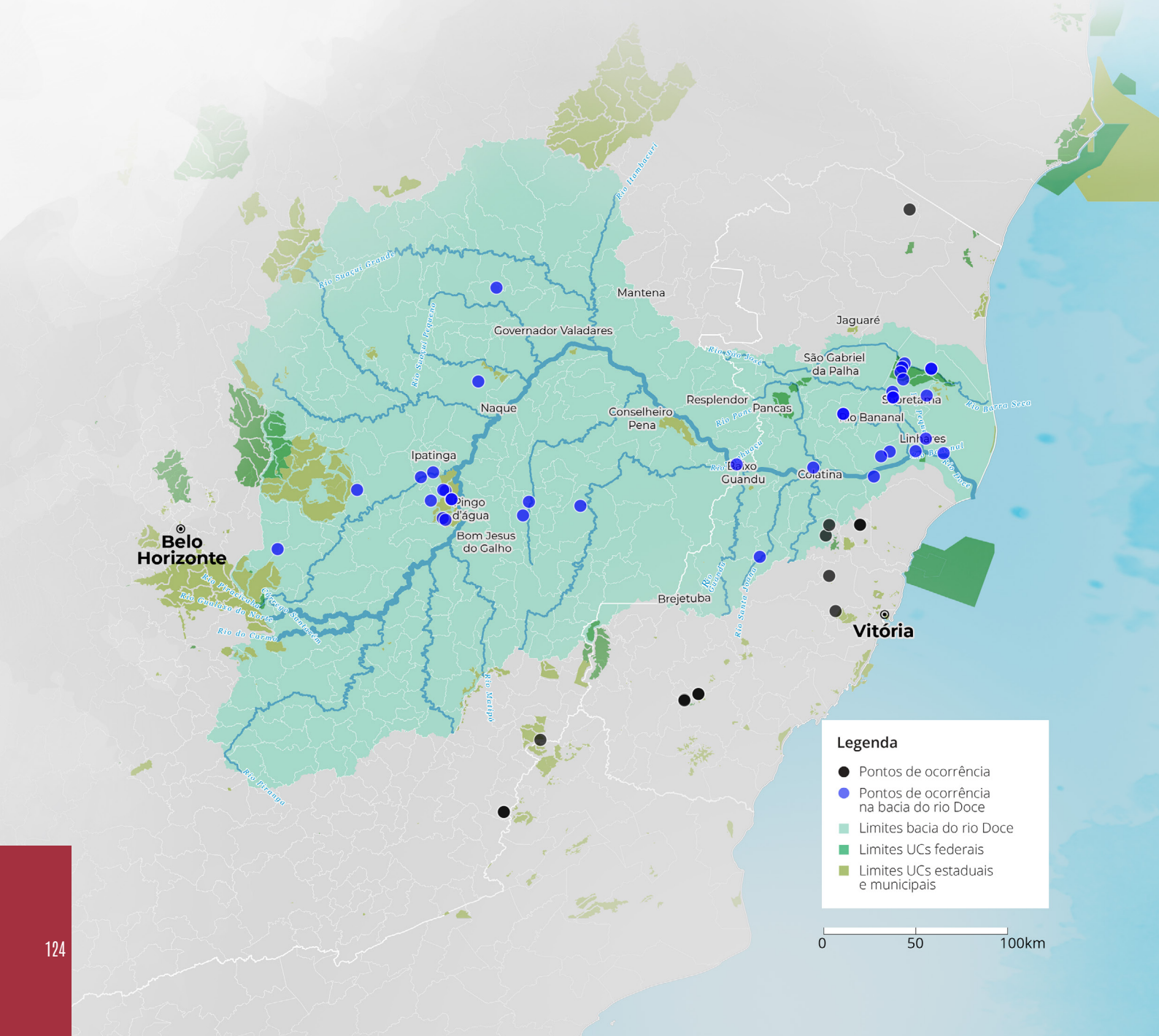
MAPA DE OCORRÊNCIA *Dysithamnus plumbeus:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, com ocorrência para os estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Mesmo com ampla distribuição, a espécie é considerada extinta em várias localidades onde habitava (BirdLife International 2023f). Ocorre em altitudes de aproximadamente 600 m (BirdLife International 2023f).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: FALCONIDAE

Falco deiroleucus
Temminck, 1825

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
falcão-de-peito-laranja,
falcão-de-peito-vermelho

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Falconiformes

Família: Falconidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica

INFORMAÇÕES GERAIS

Falco deiroleucus é um falcão de tamanho médio (35,5 a 40,5 cm), de ampla ocorrência, que habita preferencialmente áreas de floresta tropical e arredores de paredões rochosos expostos (Baker *et al.* 2000; Ridgely *et al.* 2015), embora possa ocorrer em zonas de transição com savanas e outros tipos de vegetação, como florestas ripárias, cerrado, regiões campestres e até mesmo em áreas suburbanas (Sick 1997; BirdLife International 2016f; Cäsar *et al.* 2019). É uma espécie carnívora especializada em presas voadoras, como aves e morcegos, e geralmente nidifica em árvores emergentes ou em paredões rochosos (Baker *et al.* 2000).

A espécie foi extinta em grande parte da América Central e do sul do México, e sua distribuição está diminuindo na América do Sul (Berry *et al.* 2010). O tamanho populacional estimado para o mundo é de 20.000 a 49.999 indivíduos (BirdLife International 2016f). Suspeita-se que as populações estejam sofrendo declínio globalmente, e essa tendência negativa é projetada para continuar (Bird *et al.* 2011). O tempo de geração é estimado em 6,2 anos (BirdLife International 2016f).

Alvo de caça, *F. deiroleucus* é eliminada indiscriminadamente por fazendeiros interessados em proteger seus animais domésticos (WikiAves 2023).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Falco deiroleucus*, conhecido popularmente como falcão-de-peito-laranja, é uma ave de ampla distribuição da América Central à América do Sul, encontrado em áreas de floresta tropical e zonas de transição, sendo considerado raro e sensível ao desmatamento e atividades humanas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 17.480 km², com Área de Ocupação (AOO) de 36 km² e seis a sete localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de maneira diferenciada os locais de ocorrência da espécie, podendo ter causado perda e mudança de habitat resultante da erosão e deposição de rejeitos, além da mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 74% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagem, 9% em mosaico de usos e 2% em plantações de café. Ademais, a espécie é alvo de caça, sendo eliminada indiscriminadamente por fazendeiros interessados em proteger seus animais domésticos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)"

na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Aves do Cerrado e Pantanal (ICMBio 2015a) e considerada espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça à espécie é o desmatamento e a degradação do habitat (BirdLife International 2016f). Atividades antrópicas, como agricultura, pecuária e construção de infraestrutura, assim como a caça, também parecem afetar a espécie (Marini *et al.* 2018). Além disso, a competição por locais de nidificação e a predação por *Coragyps atratus* contribuem para o declínio populacional (Berry *et al.* 2010). *Falco deiroleucus* é uma ave de rapina florestal que pode ter sido afetada indiretamente pelo rompimento da barragem de Fundão. Os possíveis impactos para a espécie estão relacionados à perda e mudança de habitat resultante da erosão e deposição de rejeitos, além da mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Ademais, 74% da EOO da espécie foram convertidos em áreas de pastagem, 9% em mosaico de usos e 2% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas para aprofundar o entendimento sobre a dinâmica populacional e história natural da espécie, assim como para investigar o impacto da atividade antrópica em seu declínio (Marini *et al.* 2018).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

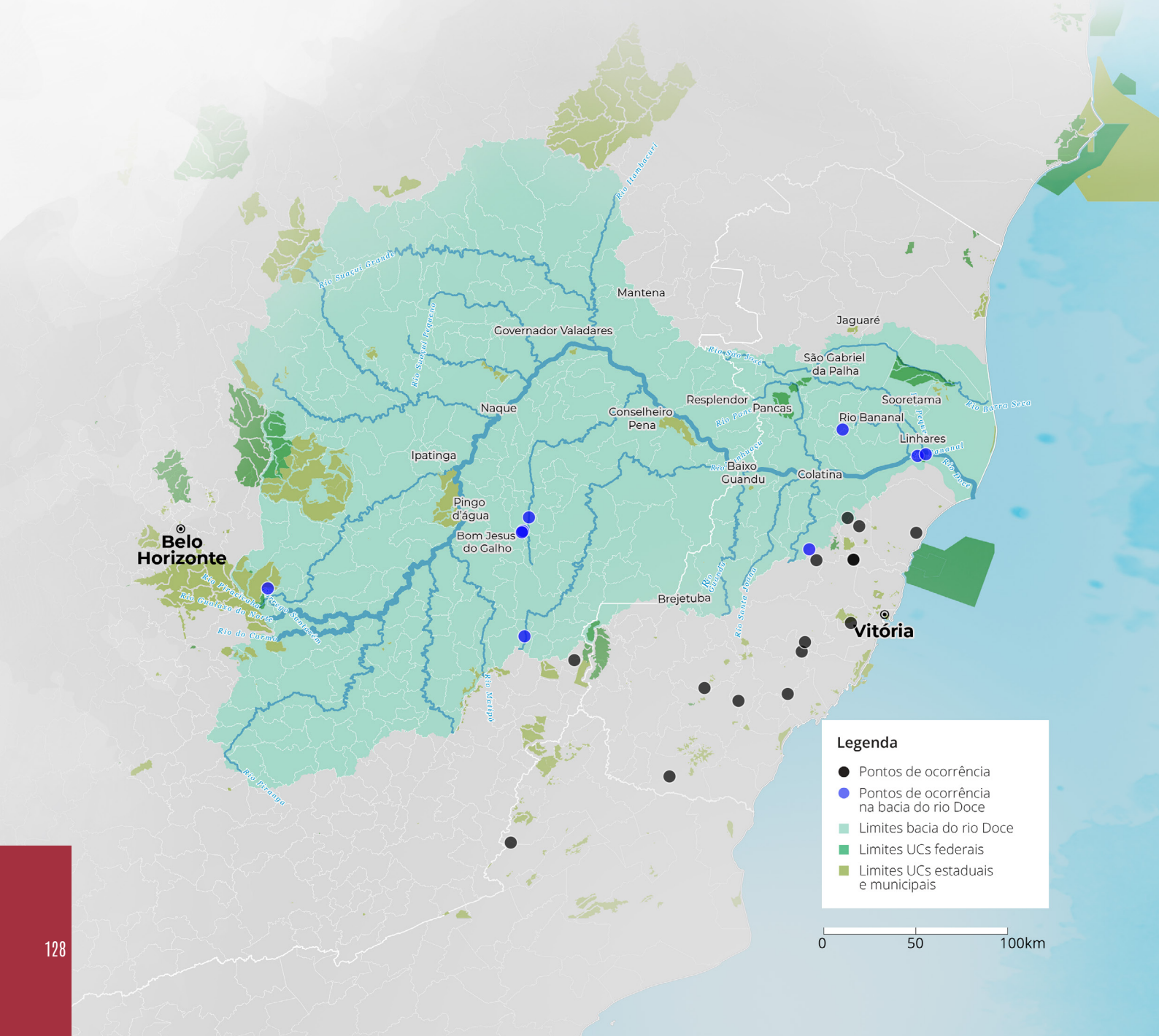
A espécie é registrada desde o sul do México até a Colômbia, Venezuela, Guianas e Trinidad. Também ocorre no Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e em grande parte do território brasileiro (Marini *et al.* 2018). Apesar de ocorrer em vários países da América Central e do Sul, a espécie é considerada rara (Sick 1997). Na bacia do rio Doce, há registros da espécie em Minas Gerais e no Espírito Santo.

No Brasil, a espécie é encontrada nos seguintes estados: AC, AM, AP, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PR, RJ, RO, RR, TO.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Falco deiroleucus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: APA Sul-RMBH.



FAMÍLIA: FORMICARIIDAE

Formicarius colma ruficeps (Spix, 1824)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: galinha-do-mato, pinto-do-mato-coroado (WikiAves 2023)

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Formicariidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Formicarius colma ruficeps é uma ave que mede cerca de 18 cm e pesa 43,7 gramas, apresentando uma plumagem predominantemente escura e pernas longas e pardas. A espécie não é migratória e se reproduz nidificando em ocos de árvores, utilizando materiais secos tais como folhas e talos para construir um ninho em formato de tigela aberta, onde coloca dois ovos. Alimenta-se principalmente de insetos, como formigas e gafanhotos, e ocasionalmente pode consumir serpentes. Seu habitat é composto por florestas úmidas,

matas de terra firme e várzea, e florestas em solos arenosos, mas não é encontrada em ambientes alterados (WikiAves 2023). Não há informações sobre o tamanho populacional. Para a espécie *F. colma*, o tempo de geração é 3,2 anos (BirdLife International 2024d).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Formicarius colma ruficeps* é uma subespécie de ave popularmente conhecida como galinha-do-mato. Ocorre em florestas úmidas, matas de terra firme e de várzea, florestas em solos arenosos associados à Mata Atlântica, sendo ausente em ambientes antropizados. Nos limites da bacia do rio Doce, a espécie apresenta Extensão de Ocorrência (EOO) de 6.624 km², com Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e quatro localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, podendo ter causado mudanças na condição do habitat, alterações na conectividade da paisagem, redução na taxa de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 66% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagens e 14% em mosaico de usos. Desta maneira, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" de extinção na região da bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

A espécie foi registrada na Área de Proteção Ambiental Serra Dona Francisca e Parque Nacional da Chapada Diamantina.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem, redução na sobrevivência ou sucesso reprodutivo e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 66% da EOO convertidas em áreas de pastagem, 14% em mosaico de usos e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas aos hábitos alimentares, reprodução e habitat devem visar a identificação de novas populações, principalmente na bacia do rio Doce, a quantificação do tamanho populacional, a determinação da dinâmica populacional e capacidade de dispersão, a identificação dos requisitos de habitat da espécie, a avaliação do impacto da captura na população, o monitoramento da tendência populacional, a identificação e proteção de áreas-chave para a espécie, aspectos reprodutivos, bem como o aumento da conscientização sobre a espécie visando reduzir a pressão de captura.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A subespécie é endêmica do Brasil, ocorrendo na região costeira do leste e sudeste do país, desde o estado de Pernambuco até o estado do Rio Grande do Sul (WikiAves 2023). No Brasil, a espécie é encontrada nos seguintes estados: AL, BA, ES, MG, PE, RJ, RR, SC e SP.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Formicarius colma ruficeps:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.

FAMÍLIA: COLUMBIDAE

Geotrygon violacea (Temminck, 1809)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira B. Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: juriti-vermelha

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Columbiformes

Família: Columbidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Duas subespécies são reconhecidas: *Geotrygon violacea violacea* (Temminck, 1809) e *Geotrygon violacea albiventer* (Lawrence, 1865). Entretanto, apenas a subespécie nominal ocorre no Brasil (Pacheco *et al.* 2021).

INFORMAÇÕES GERAIS

Geotrygon violacea é um columbídeo florestal com cerca de 23 cm de comprimento (Sick 1997; Baptista *et al.* 2020c), que possui o hábito de caminhar pelo chão da mata, alimentando-se de frutos, sementes e pequenos invertebrados (Do Amaral *et al.* 2013; Silveira *et al.* 2021c; WikiAves 2023). A fêmea deposita de dois a três ovos em ninhos construídos com gravetos a uma altura entre 2 e 3 m (Baptista *et al.* 2020c; WikiAves 2023). Pouco se sabe sobre os movimentos sazonais, mas eles podem ocorrer para explorar picos regionais na produção de frutas (Baptista *et al.* 2020c). A espécie é naturalmente rara em sua área de ocorrência, com distribuição descontínua (Stotz *et al.* 1996a). Considerando a população global, o número estimado de indivíduos maduros é entre 50.000 e 499.999 (BirdLife International 2020a). Estima-se que a população esteja declinando (Silveira *et al.* 2021c; Pollock *et al.* 2022), inclusive há registros de extinção local em algumas áreas de ocorrência (Pollock *et al.* 2022). O tempo geracional estimado para a espécie é de 5 anos (BirdLife International 2020a). Não há informações de uso/comércio para esta espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Geotrygon violacea*, popularmente conhecida como juriti-vermelha, é uma ave considerada rara que ocorre em diversos estados brasileiros e em outros países das Américas do Sul e Central. Possui uma dieta frugívora e granívora, e ocupa áreas sombreadas com vegetação rasteira em floresta tropical de várzea, floresta secundária e plantações de cacau. Há pouca informação sobre a espécie e pouco se sabe sobre seu tamanho populacional. Entretanto, acredita-se que o tamanho populacional esteja diminuindo, especialmente devido à perda e fragmentação de habitat. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 284 km², com Área de Ocupação (AOO) de 28 km² e quatro localizações condicionadas a ameaças. Dados os locais conhecidos de ocorrência da espécie e sua forma de colonização, o rompimento da barragem provavelmente ocasionou mudanças nas condições dos habitats em função da erosão e deposição de rejeitos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como “Em Perigo (EN)” na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada espécie beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A maior ameaça à espécie é a perda e a fragmentação de habitat (Silveira *et al.* 2021c). Além disso, a perda de conectividade reduz a dispersão, contribuindo para o declínio populacional (Pollock *et al.* 2022). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessárias pesquisas sobre distribuição geográfica, tamanho e tendência populacionais, habitat e história de vida da espécie.

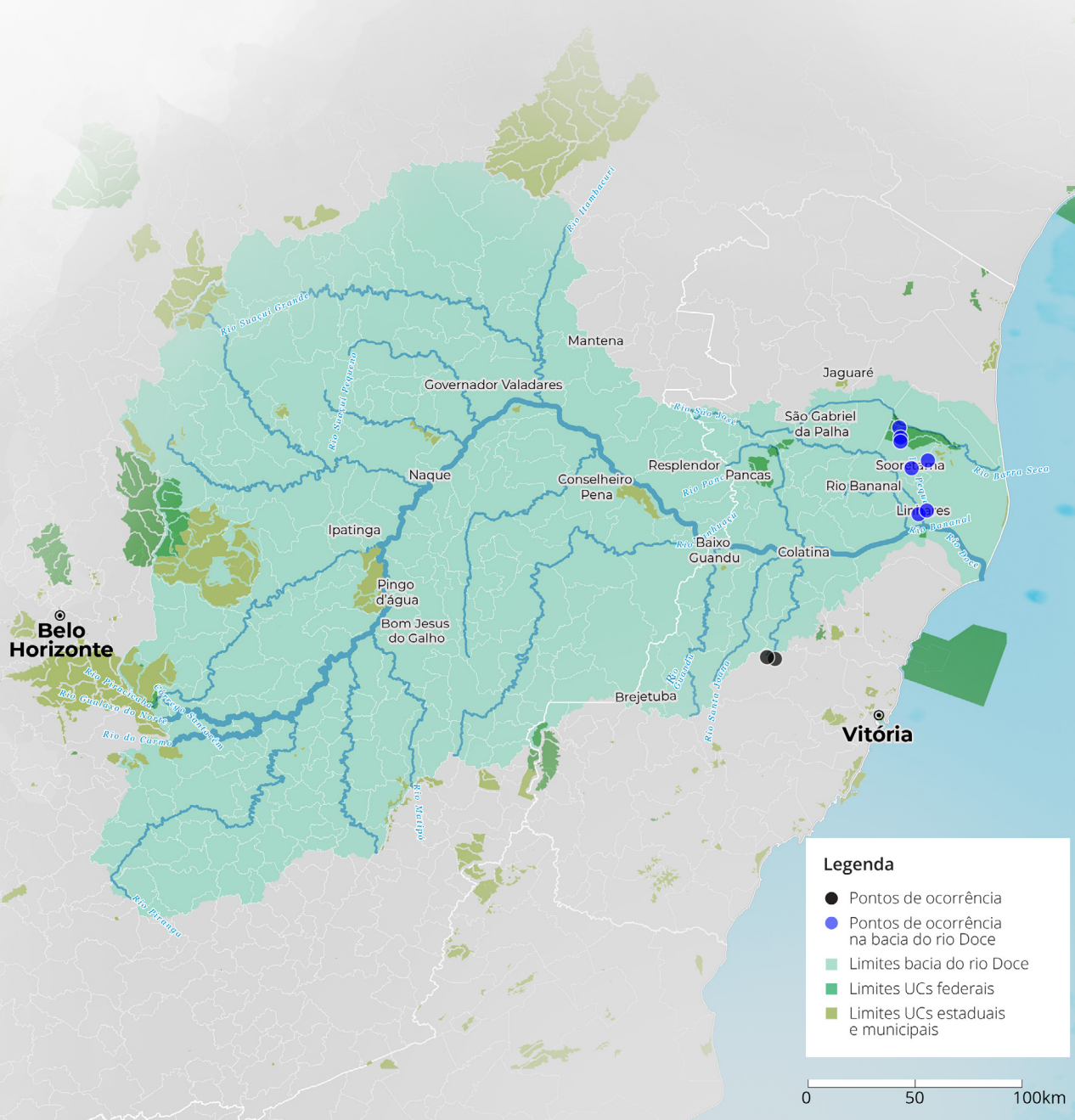
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Geotrygon violacea ocorre na América Central e América do Sul, mais especificamente nos países Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guiana, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela (BirdLife International 2020a). No Brasil, há registros da juriti-vermelha nos estados do Pará, Mato Grosso, Rondônia, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. A espécie possui registros históricos nos estados do Amazonas e do Rio de Janeiro (Silveira *et al.* 2021c). Na bacia do rio Doce, a espécie tem registros na Reserva Biológica de Sooretama, na Reserva Natural Vale e em Linhares, no Espírito Santo.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Geotrygon violacea:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: STRIGIDAE

Glaucidium minutissimum (zu Wied-Neuwied, 1830)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
caburé-miudinho

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Strigiformes

Família: Strigidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica

INFORMAÇÕES GERAIS

Glaucidium minutissimum é uma coruja conhecida pelo tamanho pequeno, que se assemelha ao tamanho do pardal (*Passer domesticus*), com comprimento entre 14 e 15 cm, sendo uma das menores corujas conhecidas (Sick 1997; Holt *et al.* 2020; WikiAves 2023). Trata-se de uma espécie com hábitos diurnos e noturnos, que habita o dossel de Florestas Tropicais Úmidas em altitudes de até 1000 m, sendo aparentemente intolerantes a florestas secundárias (Holt *et al.* 1999, 2020; Silveira *et al.* 2023j). Alimenta-se de insetos, lagartos, pequenas aves (Silveira *et al.* 2019d) e pequenos mamíferos (por exemplo: morcegos; Janzen & Pond (1976)). Em relação à reprodução, o caburé-miudinho oviposita até três ovos e, assim como outras espécies do gênero, utiliza cavidades escavadas por outras espécies de aves e cavidades em cupinzeiros terrícolas (WikiAves 2023). Possivelmente residente (Holt *et al.* 2020), *G. minutissimum* é uma espécie escassa (Ridgely *et al.* 2015), de baixa detectabilidade (Holt *et al.* 1999; Silveira *et al.* 2023j). O tempo de geração é de 3,8 anos (BirdLife International 2018b). O caburé-miudinho é visado como animal de estimação (BirdLife International 2018b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Glaucidium minutissimum*, popularmente conhecida como caburé-miudinho, é uma coruja insetívora de pequeno porte, caracterizada por hábitos diurnos e noturnos, preferindo ocupar o dossel de Florestas Tropicais Úmidas bem preservadas em detrimento de florestas secundárias. Sua ocorrência escassa e de difícil detecção estende-se do leste do Paraguai ao Brasil, da Bahia a Santa Catarina, incluindo Goiás e Mato Grosso do Sul. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 15.497 km², com Área de Ocupação (AOO) de 92 km² e seis localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem levou ao acúmulo de água e sedimentos, impactando a espécie principalmente através de mudanças nas condições dos habitats devido à erosão e deposição de rejeitos, resultando na possível redução da sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, EOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Devido à dependência de ambiente florestal bem preservado, a principal ameaça para a espécie é possivelmente a perda de habitat (Holt *et al.* 2020; Silveira *et al.* 2023j). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, possivelmente resultando na redução na taxa de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo da espécie influenciada por alterações nas cadeias alimentares nos ambientes afetados (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessárias pesquisas sobre distribuição geográfica, tamanho e tendência populacionais, características do habitat, história de vida, ameaças e tendências de habitat desta espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

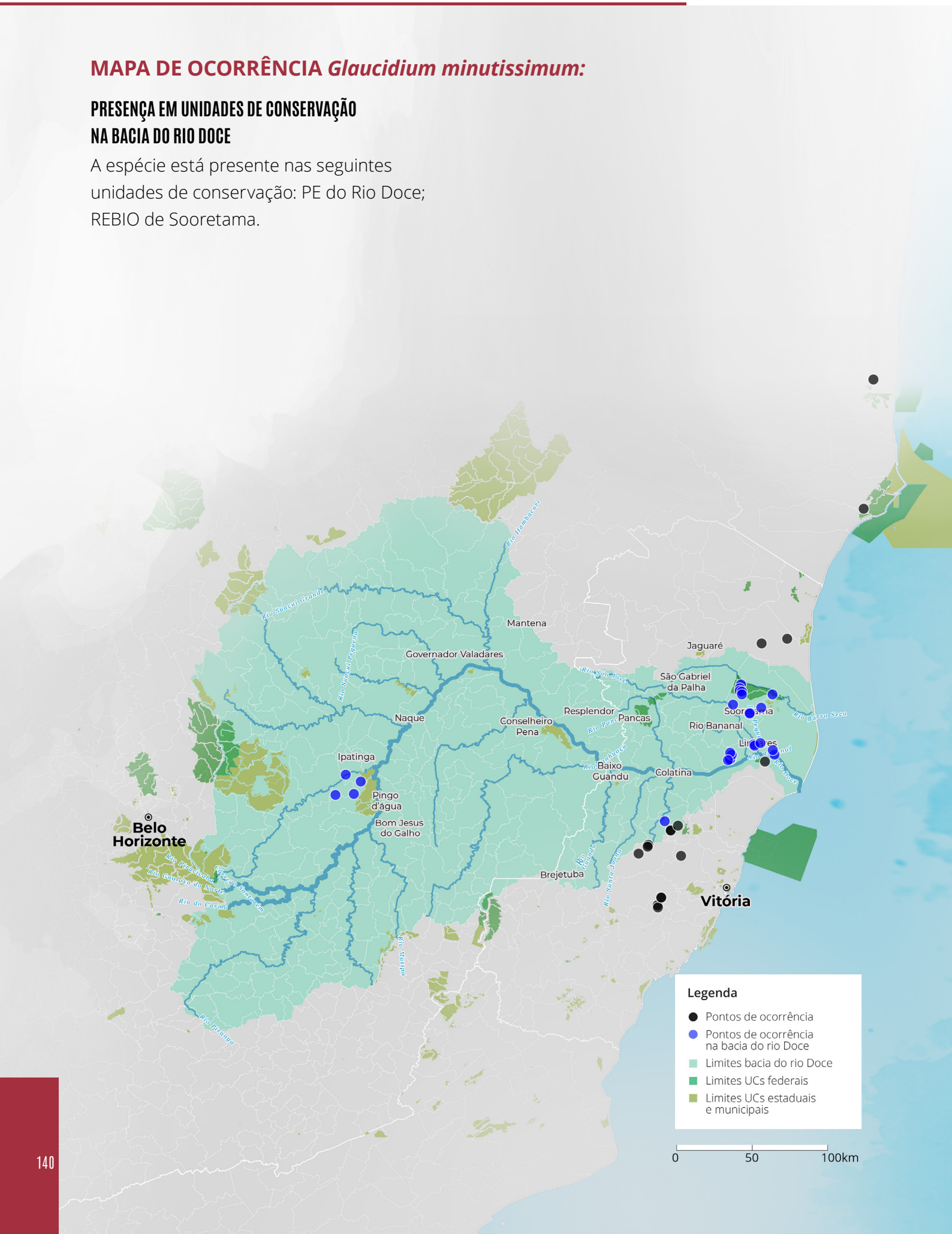
Glaucidium minutissimum ocorre no Paraguai e Brasil (Silveira *et al.* 2023j). No Brasil, possui uma ampla área de distribuição, com registros da espécie nas regiões Nordeste (no estado da Bahia), Sudeste, Sul (exceto o Rio Grande do Sul) e no Centro-Oeste (nos estados de Mato Grosso do Sul e Goiás) (Silveira *et al.* 2023j). Na bacia do rio Doce, o caburé-miudinho ocorre no Parque Estadual do Rio Doce e proximidades, em Minas Gerais, e na Reserva Natural Vale, REBIO de Sooretama e municípios de Linhares, Santa Teresa e Sooretama, no Espírito Santo (Silveira *et al.* 2023j).

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: ES, RJ, SP, MS, SC, BA, GO, PR e MG.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Glaucidium minutissimum:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: TROCHILIDAE

Glaucis dohrnii
(Bourcier & Mulsant, 1852)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: balança-rabo-canela, beija-flor-canela

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica

INFORMAÇÕES GERAIS

Glaucis dohrnii ocupa os sub-bosques de florestas primárias litorâneas, preferencialmente abaixo de 500 m de altitude, em áreas úmidas ao longo de córregos e com abundância de helicônias (Hinkelmann 1999). A espécie alimenta-se de néctar e pequenos artrópodes (Silveira 2008c). Considerada residente, os registros esparsos sugerem algum tipo de movimentação (Hinkelmann 1999). O período reprodutivo da espécie ocorre de setembro a fevereiro, com a fêmea responsável pela construção do ninho e pelo cuidado da prole, que consiste em uma média de dois ovos (WikiAves 2023).

A espécie sofreu um acentuado declínio populacional devido à perda de habitat, com estimativas indicando apenas 50-250 indivíduos no final dos anos 1990; atualmente, estima-se que a população não ultrapasse 2.500 indivíduos maduros, com menos de 250 em cada subpopulação (CEMAVE 2018b; Silveira *et al.* 2019e). Houve extinções locais, inclusive em áreas antes consideradas redutos da espécie, como a REBIO Córrego Grande (CEMAVE 2018b; Silveira *et al.* 2019e). A população *G. dohrnii* continua a declinar devido à perda constante de habitat, uma vez que a espécie depende de ambientes específicos, sem registros de deslocamento entre as subpopulações isoladas e distantes entre si (CEMAVE 2018b; Silveira *et al.* 2019e). O tempo de geração é de 2,42 anos (BirdLife International 2024c).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+2ab(i,ii,iii); C2a(i).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Glaucis dohrnii*, popularmente conhecida como balança-rabo-canela, é uma ave endêmica do leste do Brasil, encontrada no sul da Bahia e centro-norte do Espírito Santo, e extremo nordeste de Minas Gerais, ocorrendo em poucas localidades, muitas delas isoladas e distantes entre si. A espécie habita sub-bosques de florestas primárias litorâneas associadas à Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 2.108 km², com Área de Ocupação (AOO) de 48 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. Sendo considerada uma única subpopulação na área da bacia do rio Doce. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, resultando em alterações na qualidade e perda de habitat, modificações na conectividade da paisagem, redução das taxas de sobrevivência e sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares a partir dos ambientes aquáticos, bem como mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, aproximadamente 49% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens, 16% em mosaico de usos, 4% em cafezais e 2% em áreas urbanizadas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do

rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada espécie beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie enfrenta ameaça crítica devido à perda de habitat causada por atividades humanas, como urbanização, mineração, exploração madeireira, agricultura e construção de estradas. As florestas no leste do Brasil estão fragmentadas e destruídas, incluindo desmatamento, conversão em pastagens, cana-de-açúcar e eucalipto; as reservas naturais oferecem proteção inadequada (Hinkelmann 1999; BirdLife International 2021a). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros de *G. dohrnii* na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem, redução na sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares a partir dos ambientes aquáticos e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Ademais, 49% da EOO da espécie foi convertida em outros usos.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre a biologia e ecologia da espécie são necessárias para aprimorar o conhecimento sobre as preferências de habitat da espécie.

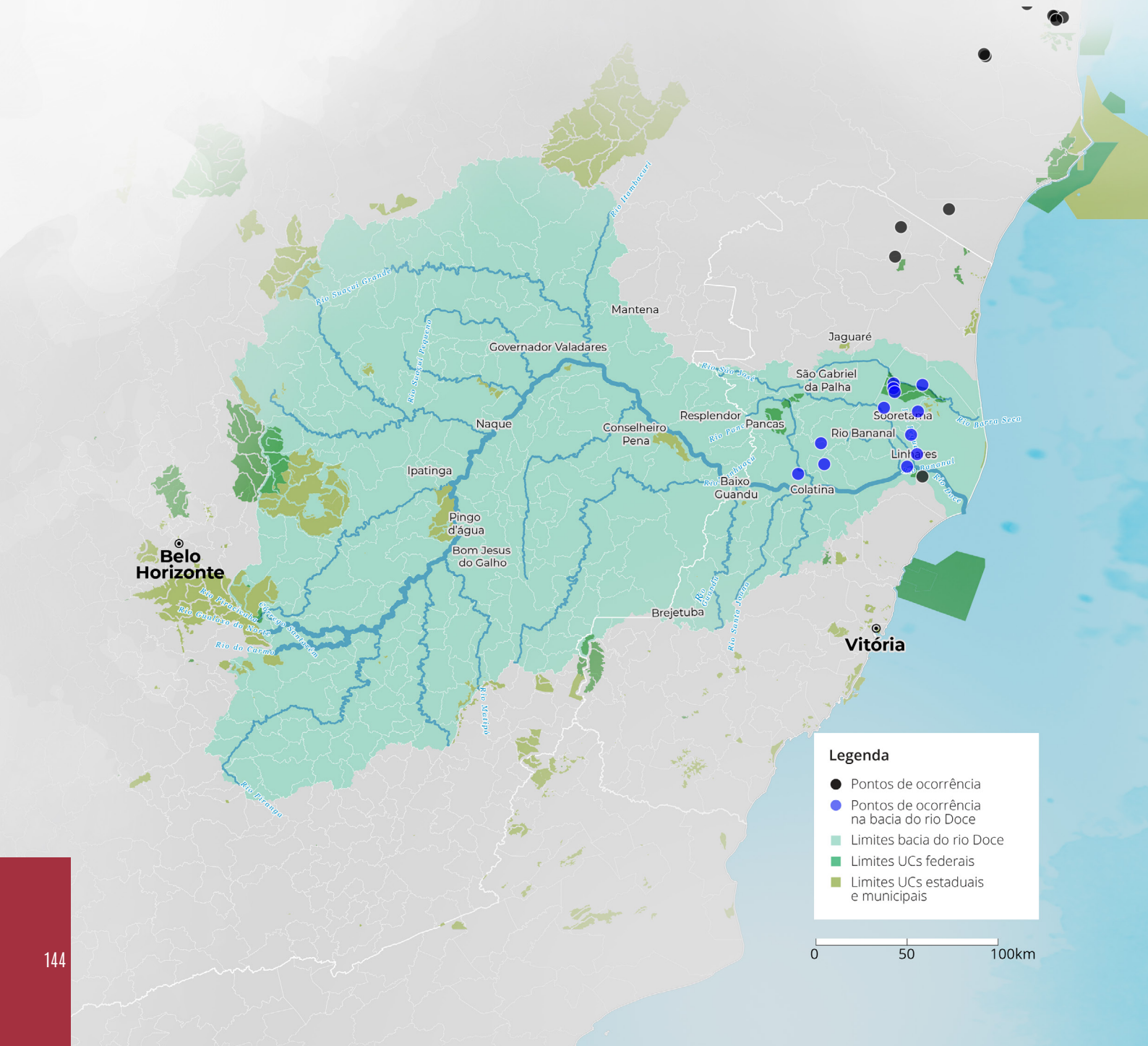
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie é endêmica do leste do Brasil, com registros restritos ao sul da Bahia, centro-norte do Espírito Santo e extremo nordeste de Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha), ocorrendo em poucas localidades, muitas delas isoladas e distantes entre si (Silveira *et al.* 2019e). Registros recentes da espécie foram feitos em localidades dispersas na Bahia e Espírito Santo, enquanto em Minas Gerais a ave foi observada na fazenda Duas Barras e na Reserva de Vida Silvestre Mata dos Muriquis em Santa Maria do Salto (BirdLife International 2021a). No Espírito Santo, houve um registro em 1988 na Reserva Natural Vale (Linhares) e registros recentes nos municípios de Linhares, Colatina e Marilândia (BirdLife International 2021a; WikiAves 2023).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Glaucis dohrnii:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: ACCIPITRIDAE

Harpia harpyja
(Linnaeus, 1758)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
gavião-real

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Cathartiformes

Família: Accipitridae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica

INFORMAÇÕES GERAIS

Harpia harpyja é uma águia robusta (Schulenberg 2020) e, apesar de seu tamanho considerável, não é considerada migrante, possuindo hábitos estritamente florestais e crípticos, raramente utilizando ambientes abertos, o que dificulta sua detecção (Pallinger & Menq 2021). Necessita de uma extensa área de vida, ocupando o dossel de florestas primárias ou secundárias maduras, onde caça principalmente mamíferos de médio porte, como macacos e preguiças, especialmente na Mata Atlântica (Schulenberg 2020; Pallinger & Menq 2021; Kaizer *et al.* 2023). A espécie seleciona árvores emergentes entre 25-45 m de altura para instalar seu ninho enorme, que pode ser reutilizado por várias temporadas reprodutivas, produzindo apenas um filhote a cada dois ou três anos (Miranda *et al.* 2020; Schulenberg 2020; Pallinger & Menq 2021). A necessidade de árvores de grande porte e florestas extensas, juntamente com sua baixa taxa reprodutiva e baixa densidade populacional, torna a espécie ainda mais suscetível à extinção.

A espécie é considerada rara e, devido ao desmatamento e caça, encontra-se em declínio populacional e é considerada extinta em boa parte das regiões onde ocorria (BirdLife International 2023g). O tempo de geração é de aproximadamente 20 anos, e o tamanho populacional estimado para a América do Sul é de 110.000 - 281.000 indivíduos maduros (BirdLife International 2023g). Baseado na perda de habitat contínuo e caça, estima-se que haja uma diminuição populacional de 27-57% nas próximas três gerações (60 anos) (BirdLife International 2023g). As subpopulações de *Harpia harpyja* da Mata Atlântica são populações relictuais com cerca de 10 casais reprodutores e alguns indivíduos dispersos (Miranda *et al.* 2019).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Harpia harpyja*, conhecida como gavião-real, é uma águia robusta com ampla distribuição, mas fortemente associada a florestas extensas relativamente bem preservadas. Apresenta baixa densidade populacional e é moderadamente sensível a perturbações em seu habitat. Encontrada originalmente em grande parte do Brasil, atualmente a espécie é rara fora da Amazônia, e ainda está sujeita a ameaças como caça e comércio ilegal. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 366 km², com Área de Ocupação (AOO) de 104 km². Apesar das subpopulações próximas à bacia do rio Doce, a espécie está associada a áreas florestais e mostra pouca tolerância a habitats modificados; além disso, 64% da sua EOO foram convertidas em áreas de pastagens. Ademais, estima-se que existam menos de 250 indivíduos maduros na natureza, com menos de 50 em cada subpopulação, sendo considerada uma única subpopulação na área da bacia do rio Doce. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo no número de indivíduos maduros em cada subpopulação.

Como resultado, a espécie foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: A espécie é listada nos PANs Aves da Amazônia (ICMBio 2016), Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017), Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a) e Aves do Cerrado e Pantanal (ICMBio 2015a). É considerada espécie beneficiada nos PATs Capixaba-Gerais (IEF 2023), Cerrado Tocantins (Instituto Natureza do Tocantins – NATURATINS 2020) e Meio Norte (SEMA-MA *et al.* 2022).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie está ameaçada pela perda da qualidade de áreas florestais, bem como pela caça e comercialização ilegal (BirdLife International 2023g). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas e monitoramentos são necessários para melhor entender o tamanho e tendência populacionais da espécie, bem como a história de vida, ameaças e tendências do habitat.

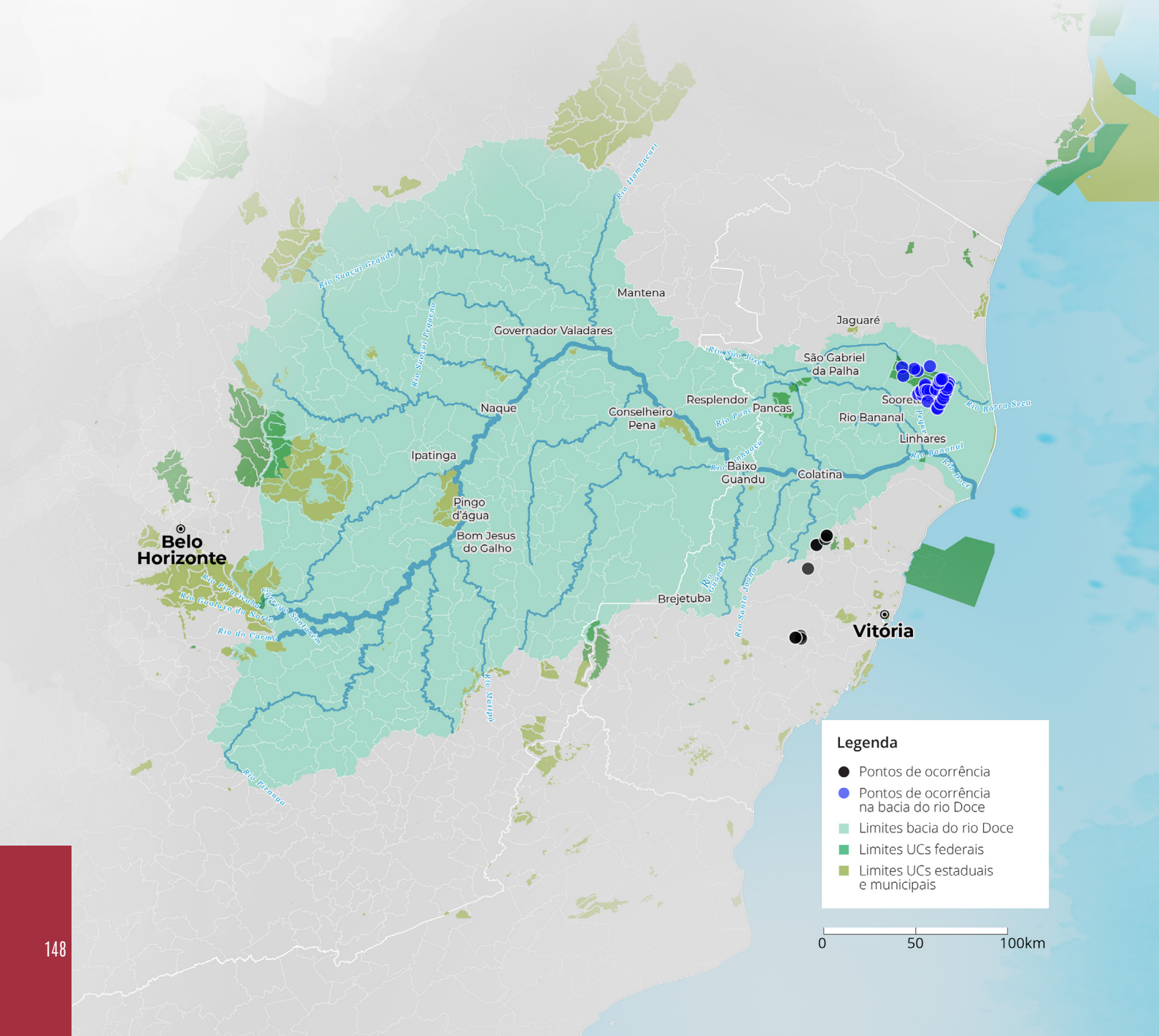
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, com ampla distribuição na América do Sul, onde originalmente ocupava ecossistemas florestais extensos. Com exceção da Amazônia, atualmente desapareceu de grande parte do território brasileiro, especialmente ao longo da Mata Atlântica. Nesse bioma, ainda persiste em áreas ao sul da Bahia, Espírito Santo e extremo noroeste do Rio Grande do Sul. Ocorre principalmente em florestas abaixo dos 900 m (Schulenberg 2020), estendendo-se até aproximadamente 2.000 metros. Regionalmente, a espécie atualmente está restrita ao baixo rio Doce, com ocorrência exclusiva nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais. No estado de Minas Gerais, a *H. harpia* já não é registrada no Parque Estadual do rio Doce desde a década de 1970 (Reis 2019). Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 366 km², com Área de Ocupação (AOO) de 104 km². No Brasil, a espécie é encontrada nos seguintes estados: MA; MG; RR; AC; MT; ES; RO; AP; AM; TO; MS; PA.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Harpia harpyja:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: COTINGIDAE

Laniocera hypopyrra (Vieillot, 1817)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: chorona-cinza, maria-pintada, sanhaçu-da-mata

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Laniocera hypopyrra tem como habitat florestas úmidas, florestas secundárias e bordas de mata, restingas, ocorrendo próximo a lugares pantanosos e riachos. Possui baixa tolerância para habitats alterados. Tem como base na sua alimentação pequenos lagartos, artrópodes e frutos. Há registro da espécie forrageando de forma solitária, em pares ou em bandos mistos (Walther 2020).

Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais, entretanto, a espécie é considerada rara ou local e razoavelmente comum (Walther 2020).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Laniocera hypopyrra*, popularmente conhecida como chorona-cinza, é uma ave não endêmica do Brasil associada a áreas de floresta úmida, mata de baixada, próximo a riachos e corpos d'água, áreas pantanosas e Restingas. Pouco se sabe sobre seus requisitos ecológicos e não há informações sobre tamanho e tendência populacionais. Embora apresente ampla distribuição, a espécie é considerada rara onde ocorre. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 475 km², com Área de Ocupação (AOO) de 36 km² e três a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, resultando no acúmulo de água e sedimentos e, dada a preferência por habitats úmidos próximos a corpos d'água, é provável que o impacto dos rejeitos causou mudanças na condição do habitat, podendo ter afetado a sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo da espécie. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie *L. hypopyrra* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: a espécie é listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada espécie beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A população na Mata Atlântica tem como ameaça a perda de habitat e o isolamento populacional causado pela fragmentação florestal em regiões intensamente desmatadas (Lima 2013). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e, dada a preferência por habitats úmidos próximos a corpos d'água, é provável que o impacto dos rejeitos esteja relacionado às mudanças na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, podendo ter afetado sua sobrevivência e sucesso reprodutivo (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Há lacunas significativas de conhecimento em relação aos seus hábitos alimentares, reprodutivos e habitat. Pesquisas específicas são necessárias para identificar novas populações, quantificar o tamanho e a dinâmica populacional, determinar os requisitos de habitat e monitorar a tendência populacional ao longo do tempo, visando melhorar as estratégias de conservação.

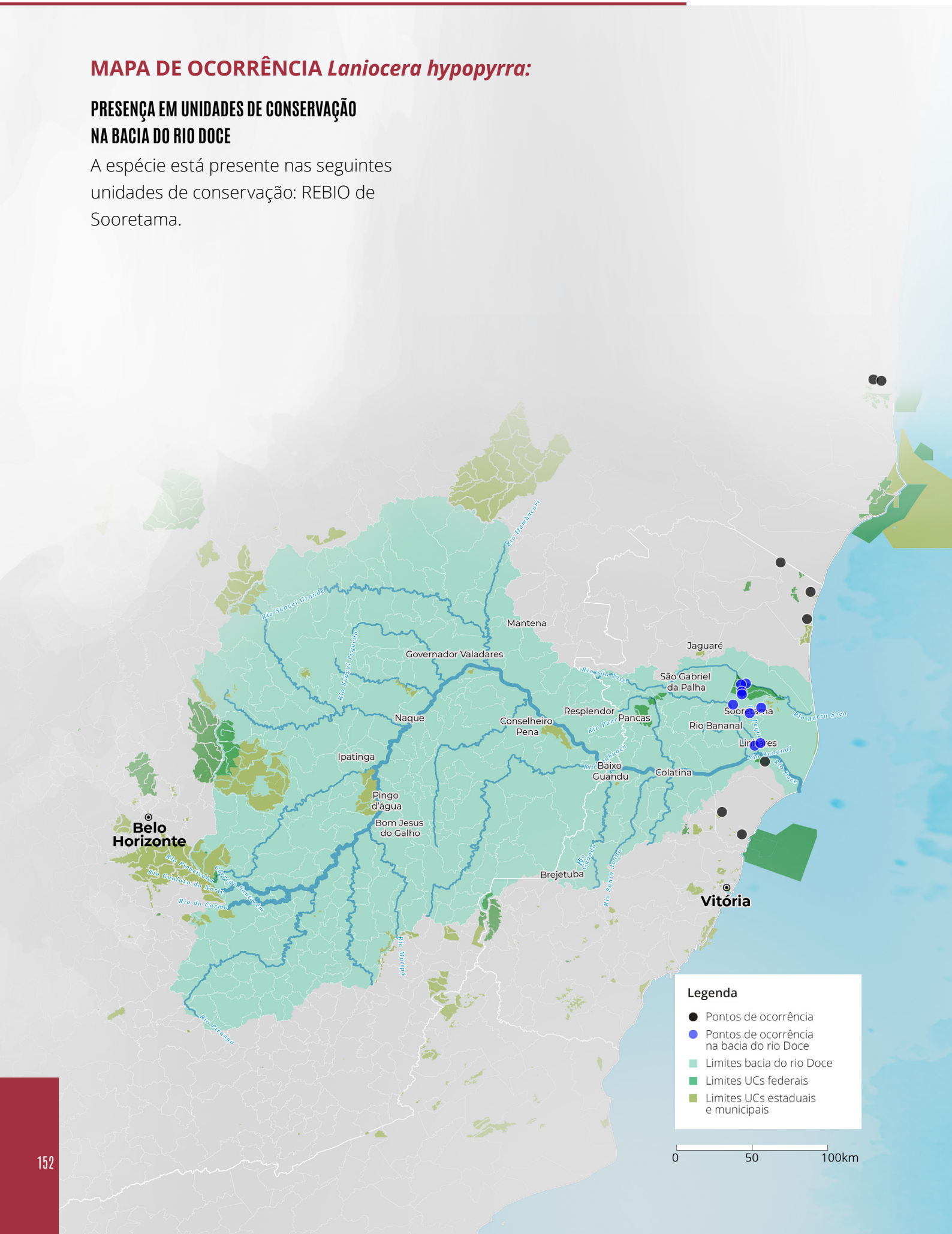
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, ocorre no sudeste da Colômbia, leste do Equador, leste do Peru, norte da Bolívia, sul e leste da Venezuela, Guianas. No Brasil, há registros da espécie para os estados do Acre, Rondônia, Roraima, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Amapá, Maranhão, Tocantins, Bahia e Espírito Santo (Walther 2020; BirdLife International 2023h).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Laniocera hypopyrra:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: COTINGIDAE

Lipaugus vociferans (Wied-Neuwied, 1820)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: cricrió

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Lipaugus vociferans tem como habitat áreas florestais, associada a florestas de terra firme, ocorrendo também em florestas inundadas sazonalmente. Há pouca informação sobre a biologia reprodutiva, entretanto, sabe-se que a espécie apresenta cuidado parental (Melo *et al.* 2022).

A espécie não é considerada rara na Amazônia, mas apresenta-se com menos abundância na Mata Atlântica (Winkler *et al.* 2020a).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Lipaugus vociferans*, popularmente conhecida como cricrió, é uma ave não endêmica do Brasil encontrada em diversos estados brasileiros, habitando áreas de florestas associadas a ambientes inundados. Embora pouco se saiba sobre seus requisitos ecológicos, a espécie é considerada abundante e amplamente distribuída. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 12.794 km², com Área de Ocupação (AOO) de 60 km² e de cinco a seis localizações condicionada a ameaça. O rompimento da barragem resultou no acúmulo de água e sedimentos, afetando áreas úmidas e inundadas, o que provavelmente impactou as condições dos habitats da espécie, podendo ter afetado sua sobrevivência e sucesso reprodutivo. Além disso, cerca de 75% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações sujeitas à ameaça. Como resultado, a espécie *L. vociferans* foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como na redução da taxa de sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

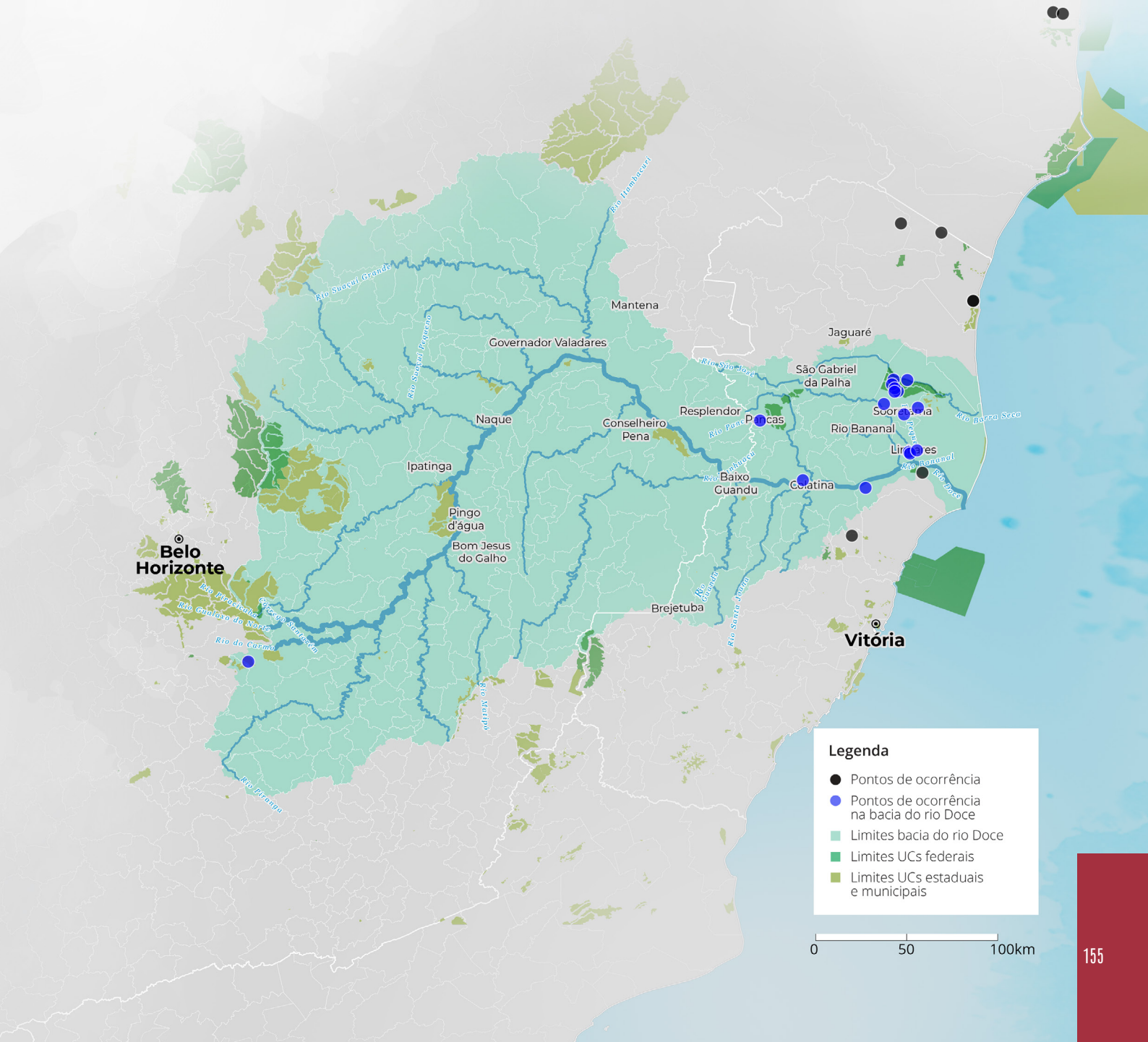
Espécie não endêmica do Brasil, com ampla distribuição, ocorrendo nas terras baixas úmidas da Amazônia e com uma população disjunta na Mata Atlântica (Suzuki *et al.* 2020).

A espécie tem ocorrência nos seguintes estados do Brasil: AL, MG, RR, PA, RO, BA, ES, AC, PE, AP, MT, MA, TO e AM.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Lipaugus vociferans:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: PIPRIDAE

Machaeropterus regulus (Hahn, 1819)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: tangará-rajado, atangará, dançarino-rosado (Cäsar *et al.* 2019), também conhecido como galo-do-mato no Rio de Janeiro (BirdLife International 2017a)

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Pipridae

INFORMAÇÕES GERAIS

Machaeropterus regulus é restrito às florestas úmidas das baixadas litorâneas, matas tropicais emaranhadas, capoeiras, bordas de mata, matas de tabuleiro e à hileia baiana da Mata Atlântica (Silveira *et al.* 2019f; WikiAves 2023).

O tamanho da população global não foi quantificado, mas a espécie foi descrita como bastante comum, porém distribuída de forma irregular (BirdLife International 2017a). A população de *M. regulus* sofreu um grande declínio no passado e, atualmente,

é comum na Bahia, porém relativamente escassa em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo (Silveira *et al.* 2019f). O tempo geracional é de 4,4 anos (Silveira *et al.* 2019f).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Machaeropterus regulus*, popularmente conhecida como tangará-rajado, é uma ave endêmica da Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 1.836 km², com Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e quatro localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou a espécie devido a alterações na qualidade e perda de habitat decorrentes da erosão e deposição de rejeitos e alterações na conectividade da paisagem. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 54% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagem, 19% em mosaico de usos, 4% em plantações de café e 1% em área urbanizada. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Machaeropterus regulus enfrenta significativa vulnerabilidade devido à extensa destruição de seu habitat na Mata Atlântica, sendo a perda de habitat a principal ameaça à sua população (Silveira *et al.* 2019f; WikiAves 2023). No entanto, devido à sua distribuição relativamente ampla e à sua ainda comum ocorrência, especialmente na Bahia, acredita-se que essa ameaça não a leve à beira da extinção em um futuro próximo (Silveira *et al.* 2019f). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Além disso, aproximadamente 78% da EOO da espécie foram convertidas em outros usos, sendo 54% em áreas de pastagens, 19% em mosaico de usos, 4% em áreas para o cultivo de café e 1% em áreas urbanizadas.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas para obter um melhor entendimento do tamanho, distribuição e tendências populacionais, ameaças, história de vida e ecologia da espécie.

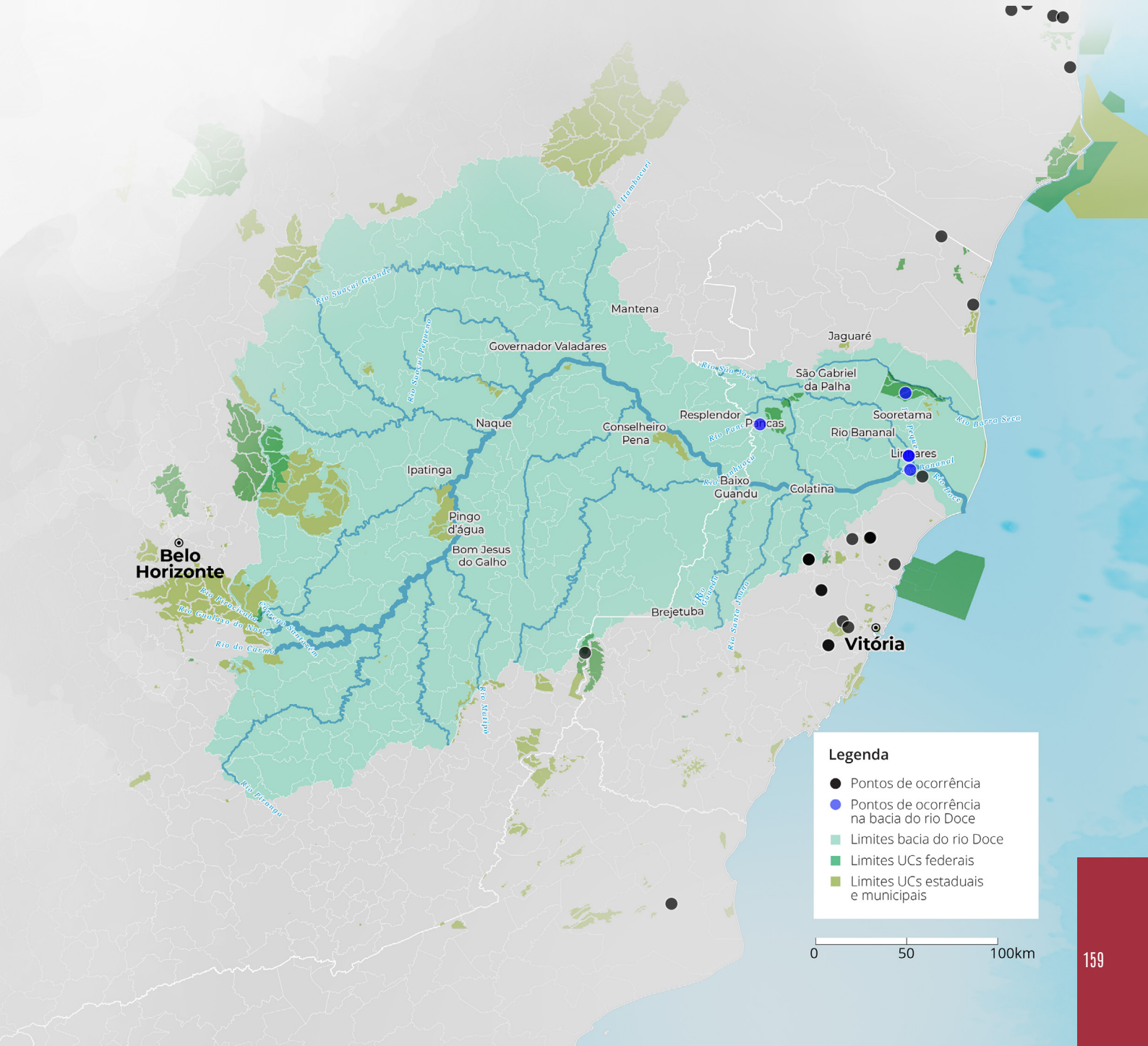
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie é endêmica do Brasil e ocorre no leste da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e nordeste de Minas Gerais (Silveira *et al.* 2019f).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Machaeropterus regulus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: PICIDAE

Melanerpes flavifrons (Vieillot, 1818)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: benedito-de-testa-amarela, bererê, benedito

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Espécie monotípica.

INFORMAÇÕES GERAIS

Melanerpes flavifrons é encontrada em diferentes altitudes e tipos de floresta ao longo da Mata Atlântica. Além disso, faz uso de clareiras, bordas, pomares e plantações adjacentes às florestas (Winkler *et al.* 2020c). Sua dieta abrange frutos, sementes, néctar e artrópodes, forrageando principalmente nos estratos mais altos da floresta (Winkler *et al.* 2020c; Santos & Oliveira 2021). Tipicamente encontrado em pequenos grupos, também possui reprodução cooperativa, onde vários indivíduos do bando participam do processo de nidificação (Winkler *et al.* 2020c). A espécie utiliza ocos escavados na copa de árvores mortas para se abrigar e construir seu ninho.

Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais. O tempo de geração é estimado em 5,1 anos (BirdLife International 2024d).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Melanerpes flavifrons*, conhecida popularmente como benedito-de-testa-amarela, é uma ave dependente de florestas, ocorrendo especialmente na Mata Atlântica e suas ramificações dentro do Cerrado. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 22.863 km², Área de Ocupação (AOO) de 156 km² e oito localizações condicionadas a ameaças. Considerando a distribuição dos registros da espécie ao longo da área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, é possível inferir que a espécie foi impactada por mudanças na condição do habitat resultantes da erosão e deposição de rejeitos da mineração. Além disso, atualmente cerca de 84% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens e outros tipos de usos do solo. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie enfrenta ameaças decorrentes da perda e fragmentação de habitat (Marini *et al.* 2023a). Esses impactos resultaram na raridade da espécie em Minas Gerais e no Espírito Santo, devido à destruição de

florestas e fragmentação de habitats (Cäsar *et al.* 2019). O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie. Os impactos que podem afetar a espécie estão relacionados a mudanças na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Ademais, cerca de 70% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 11% em mosaico de usos, 1% em silvicultura, 1% em área urbanizada e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessárias mais pesquisas para obter um melhor entendimento do tamanho populacional, distribuição, ameaças, história de vida e ecologia da espécie, a fim de permitir o desenvolvimento de estratégias eficazes de monitoramento e conservação da espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

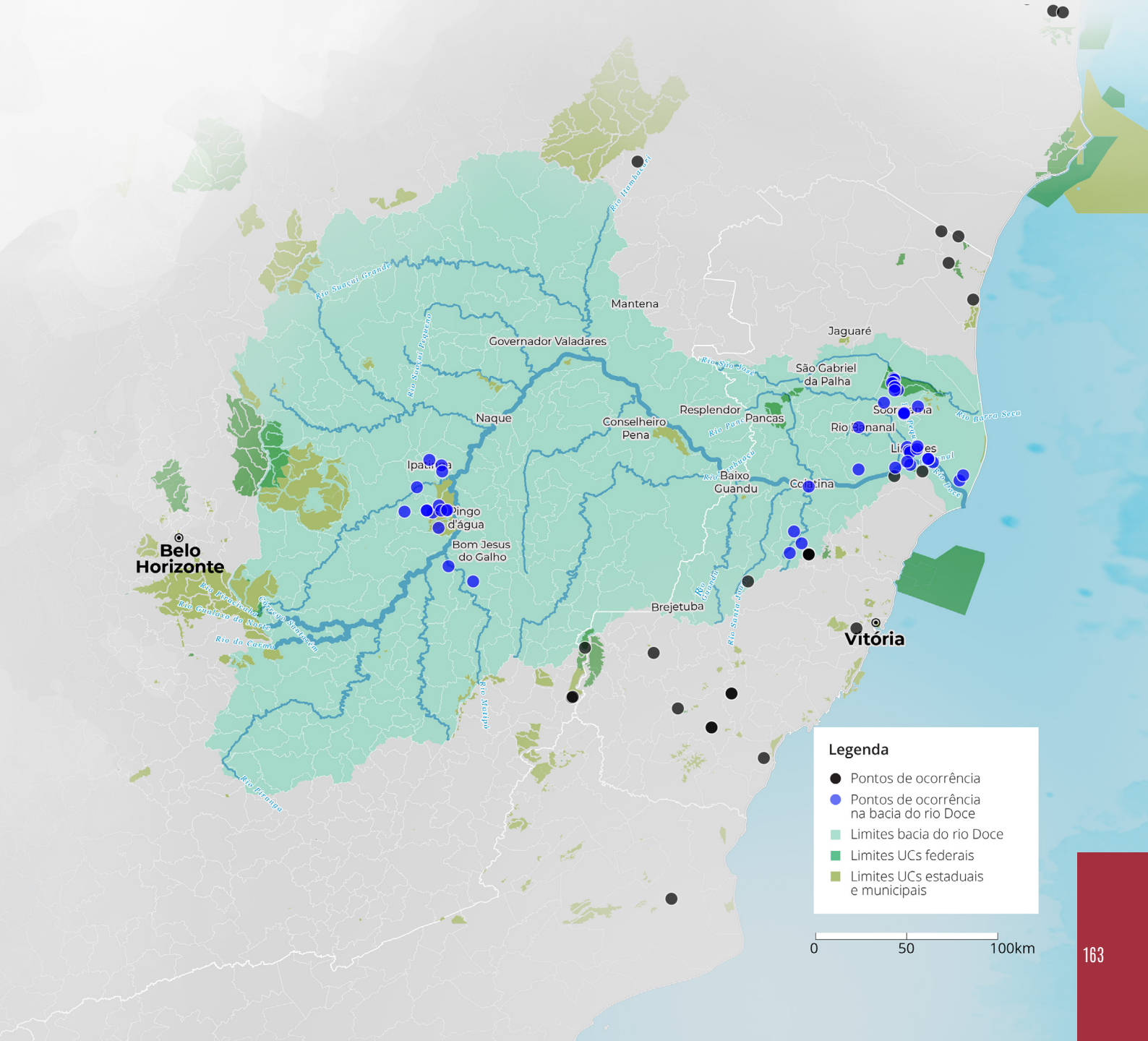
Endêmica da Mata Atlântica, *M. flavifrons* ocorre no Paraguai, Argentina e em diversas regiões do Brasil, incluindo todos os estados das regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste, além da Bahia (Marini *et al.* 2023a). Sua distribuição altitudinal também é ampla, ocorrendo desde florestas ao nível do mar até cerca de 1.800 m (Winkler *et al.* 2020c). Regionalmente, está restrita atualmente ao Parque Estadual do rio Doce e arredores, na porção média da bacia, e a jusante, no baixo rio Doce, onde ocorre nas poucas áreas que mantiveram maior cobertura florestal remanescente.

No Brasil, a espécie é encontrada nos seguintes estados: BA, DF, ES, GO, MG, MS, MT, PR, RJ, RS, SC, SP.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Melanerpes flavifrons:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: BUCCONIDAE

Monasa morphoeus morphoeus (Hahn & Küster, 1823)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
chora-chuva-de-cara-branca

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Galbuliformes

Família: Bucconidae

NOTAS TAXONÔMICAS

Sete subespécies são atualmente reconhecidas em *Monasa morphoeus*, das quais três ocorrem no Brasil e somente *M. m. morphoeus* está presente na Mata Atlântica (Rasmussen & Collar 2020b; Pacheco *et al.* 2021).

INFORMAÇÕES GERAIS

Monasa m. morphoeus é predominantemente encontrada em áreas de baixa altitude, em formações florestais primárias ou em estágios avançados de regeneração (Rasmussen & Collar 2020b). Além disso, é comum sua presença em clareiras e bordas adjacentes a essas áreas florestais. Geralmente encontrado aos pares ou pequenos grupos, que inclusive são frequentes em bandos mistos. Caça artrópodes e pequenos vertebrados, a partir de poleiros em diferentes estratos da floresta. Também segue formigas-de-correição, bandos de grandes icterídeos (e.g., *Psarocolius* e *Cacicus*) e tropas de macacos, capturando os animais espantados pela passagem desses grupos. Informações sobre a biologia reprodutiva especificamente desse táxon são escassas, mas as espécies do gênero *Monasa* tipicamente apresentam reprodução cooperativa e nidificam em túneis escavados no solo das florestas (Rasmussen & Collar 2020b). O tempo de geração da subespécie é de 6,3 anos (Silveira *et al.* 2023k). Não existem informações sobre tamanho populacional para a subespécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Monasa morphoeus morphoeus*, popularmente conhecida como chora-chuva-de-cara-branca, é uma subespécie de ave endêmica da Mata Atlântica, dependente de florestas, com alta sensibilidade aos distúrbios em seu habitat. Pode ser encontrada originalmente na Bahia, Espírito Santo e no Rio de Janeiro, estado este onde está atualmente extinta. Há pouca ou nenhuma informação sobre seus requisitos ecológicos, tamanho e tendência populacionais, havendo registros próximos à bacia do rio Doce, mas sem evidências de migração significativa e redução de impacto nas regiões afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) e Área de Ocupação (AOO) é de 8 km², com duas localizações condicionadas a ameaças. Não há registros da espécie na área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão. Sua presença é exclusiva em blocos florestais e, embora seja identificada na Reserva Biológica de Sooretama e na Reserva Natural Vale, essas áreas estão cercadas por habitats fragmentados e por regiões com diversos tipos de uso do solo. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo da qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a subespécie foi avaliada como “Em Perigo (EN)” na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie estão relacionadas à modificação, fragmentação e perda da qualidade habitat devido à expansão agrícola, pecuária e madeireira (Silveira *et al.* 2023k).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ecologia e história de vida, bem como tamanho, tendência e monitoramento populacional são necessários para o táxon.

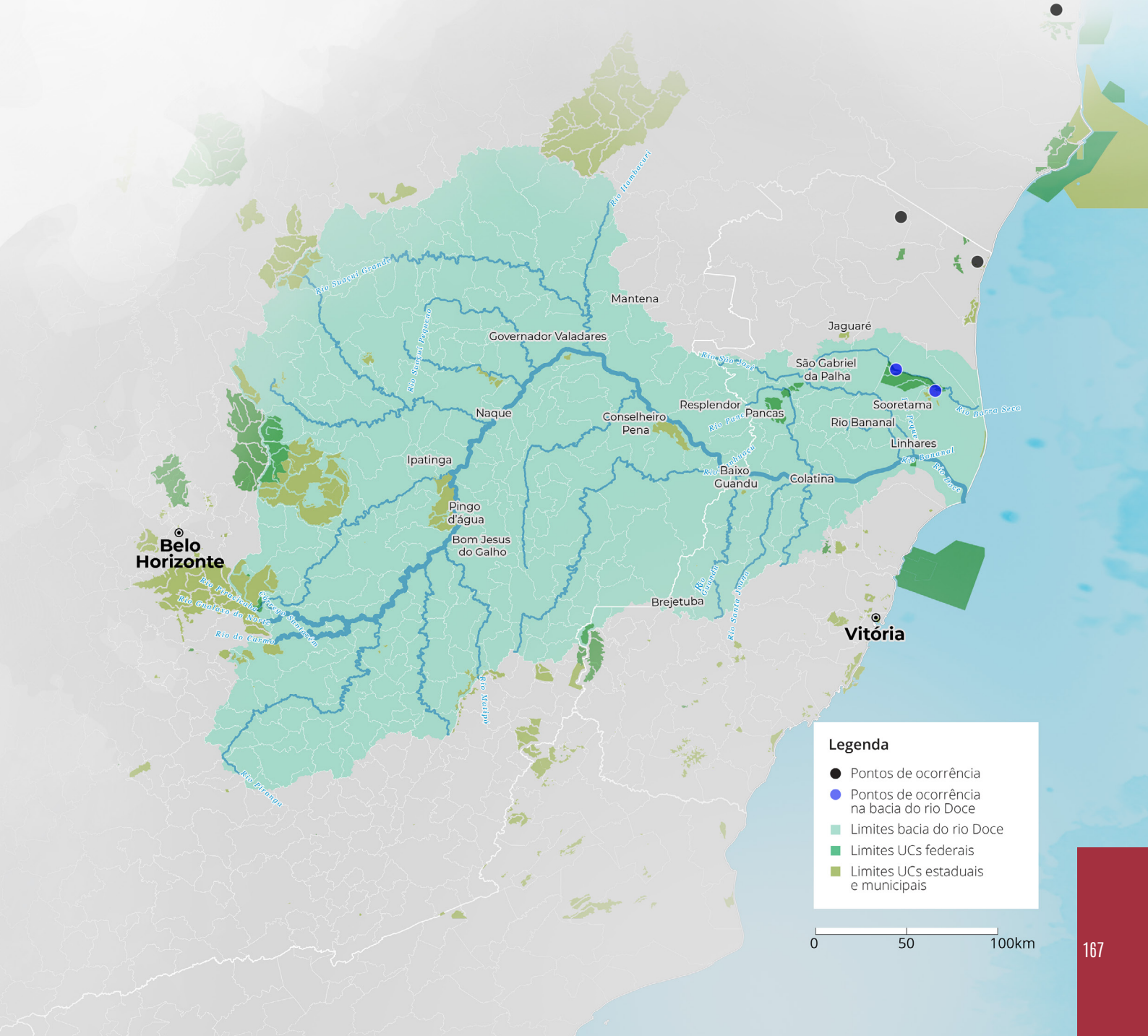
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, e embora esteja amplamente distribuída pela Amazônia, as populações disjuntas do extremo leste brasileiro (incluídas em *Monasa m. morphoeus*) estão restritas à Mata Atlântica, entre os estados da Bahia e Espírito Santo, e, historicamente, no Rio de Janeiro (Silveira *et al.* 2023k). É um táxon exclusivo das terras baixas que atualmente está extinto na maior parte da sua distribuição original (Reis 2019; Silveira *et al.* 2023k). Regionalmente, a espécie atualmente está restrita ao baixo rio Doce, com ocorrência exclusiva nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Monasa morphoeus morphoeus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: THAMNOPHILIDAE

Myrmoderus ruficauda ruficauda (Wied, 1831)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: formigueiro-de-cauda-ruiva

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Myrmoderus ruficauda ruficauda tem como habitat áreas de floresta, sub-bosque e matas secundárias (Marini *et al.* 2003). O território é defendido por um par reprodutor, sendo esse pequeno, menor que 1 hectare (BirdLife International 2023i). Se alimenta de invertebrados (Wilman *et al.* 2014).

A subespécie é considerada rara e pouco abundante onde ocorre (Marini *et al.* 2003). Estima-se que, no geral, dentro de sua distribuição existam de 600 a 1.700 indivíduos (BirdLife International 2023i).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**.

Justificativa: *Myrmoderus ruficauda ruficauda*, conhecida popularmente como formigueiro-de-cauda-ruiva, é uma ave endêmica do Brasil que habita fragmentos florestais, bosques e matas secundárias. Atualmente, há escassez de informações sobre seus requisitos ecológicos e não existem dados referentes ao tamanho populacional e tendências na bacia do rio Doce. Em termos gerais, a subespécie é considerada rara, com poucas subpopulações nas proximidades da bacia do rio Doce. Além disso, demonstra baixa tolerância a ambientes alterados, de modo que a fragmentação de habitat pode dificultar a migração de indivíduos para dentro da área da bacia. A Extensão de Ocorrência (EOO) na bacia do rio Doce é de 1.827 km², com Área de Ocupação (AOO) de 24 km² e três a quatro localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem resultou no acúmulo de água e sedimentos, impactando diretamente os locais de ocorrência da espécie. Os efeitos dos rejeitos estão provavelmente relacionados a alterações nas condições dos habitats, afetando a sobrevivência e o sucesso reprodutivo da espécie. Além disso, aproximadamente 70% da EOO da espécie foram convertidas em pastagem. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie *M. r. ruficauda* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

No Espírito Santo, há o maior número de populações conhecidas para a subespécie, e as barragens e hidrelétricas representam ameaças (Marini *et al.* 2003), já que aparentemente ela não tolera ambientes alterados (Faria *et al.* 2016). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como na redução da taxa de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre distribuição, ameaças, tamanho e tendência populacionais, aspectos reprodutivos da espécie, além de estudos genéticos são necessários para a espécie.

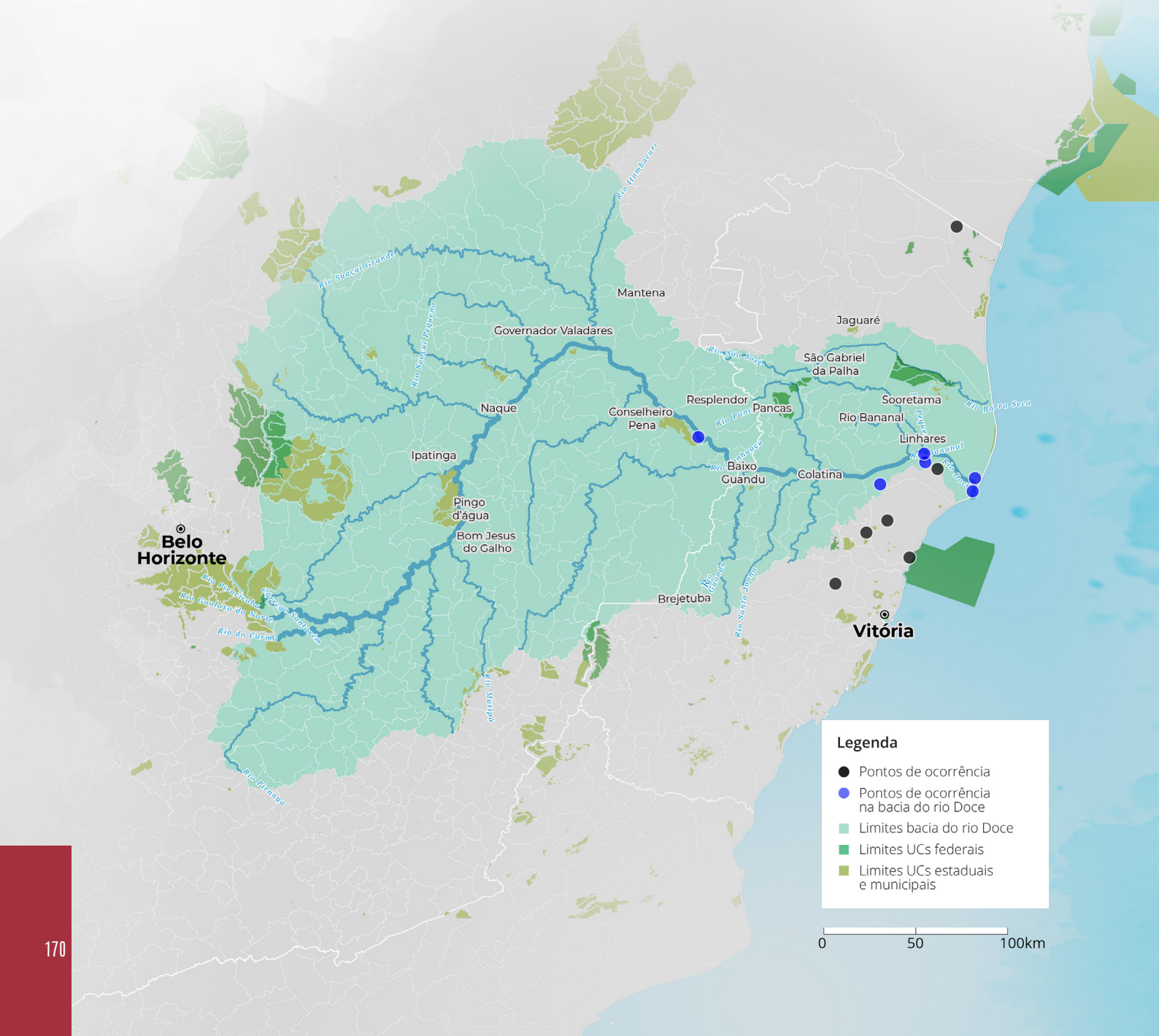
MAPA DE OCORRÊNCIA *Myrmoderus ruficauda ruficauda:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Subespécie endêmica do Brasil, com ocorrência nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia, em altitudes de até 600 m (Marini *et al.* 2003).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: THAMNOPHILIDAE

Myrmotherula minor Salvadori, 1864

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: choquinha-pequena

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Myrmotherula minor tem como habitat áreas de Floresta Ombrófila Densa, ocorrendo em encostas e baixadas, florestas úmidas e perto de cursos d'água, podendo ocorrer em formações secundárias e próximas a áreas de florestas primárias (BirdLife International 2023j).

A espécie é considerada rara onde ocorre, sendo pouco abundante. O tempo de geração estimado para a espécie é de aproximadamente 5,1 anos. Suspeita-se que a espécie esteja em declínio contínuo devido à fragmentação do habitat e perda de qualidade ambiental (BirdLife International 2023j).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Myrmotherula minor*, conhecida popularmente como choquinha-pequena, é uma ave endêmica do Brasil, encontrada desde o estado da Bahia até Santa Catarina, em áreas de florestas preservadas e florestas de Araucária. Apesar de sua ampla distribuição, a espécie é considerada rara e sofre pressão de várias ameaças, entre elas perda de qualidade de habitat e turismo nas áreas montanhosas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 1.201 km², com Área de Ocupação (AOO) de 20 km² e de três a cinco localizações condicionadas a ameaças. Não há registros da espécie na área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, embora ocorra nas proximidades do rio Doce. Apesar da presença de subpopulações no entorno da bacia do rio Doce, a espécie está estritamente associada a áreas florestais, o que reduz sua capacidade de migração. Além disso, cerca de 58% do EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie tem como ameaça a fragmentação e perda da qualidade de habitat, além disso, a acessibilidade crescente de áreas montanhosas para turistas e montanhistas tem impactado em sua ocorrência (BirdLife International 2023j).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais, ecologia e história natural, estudos de genética, além de pesquisas sobre distribuição, incluindo área de vida e distribuição potencial são necessárias à espécie.

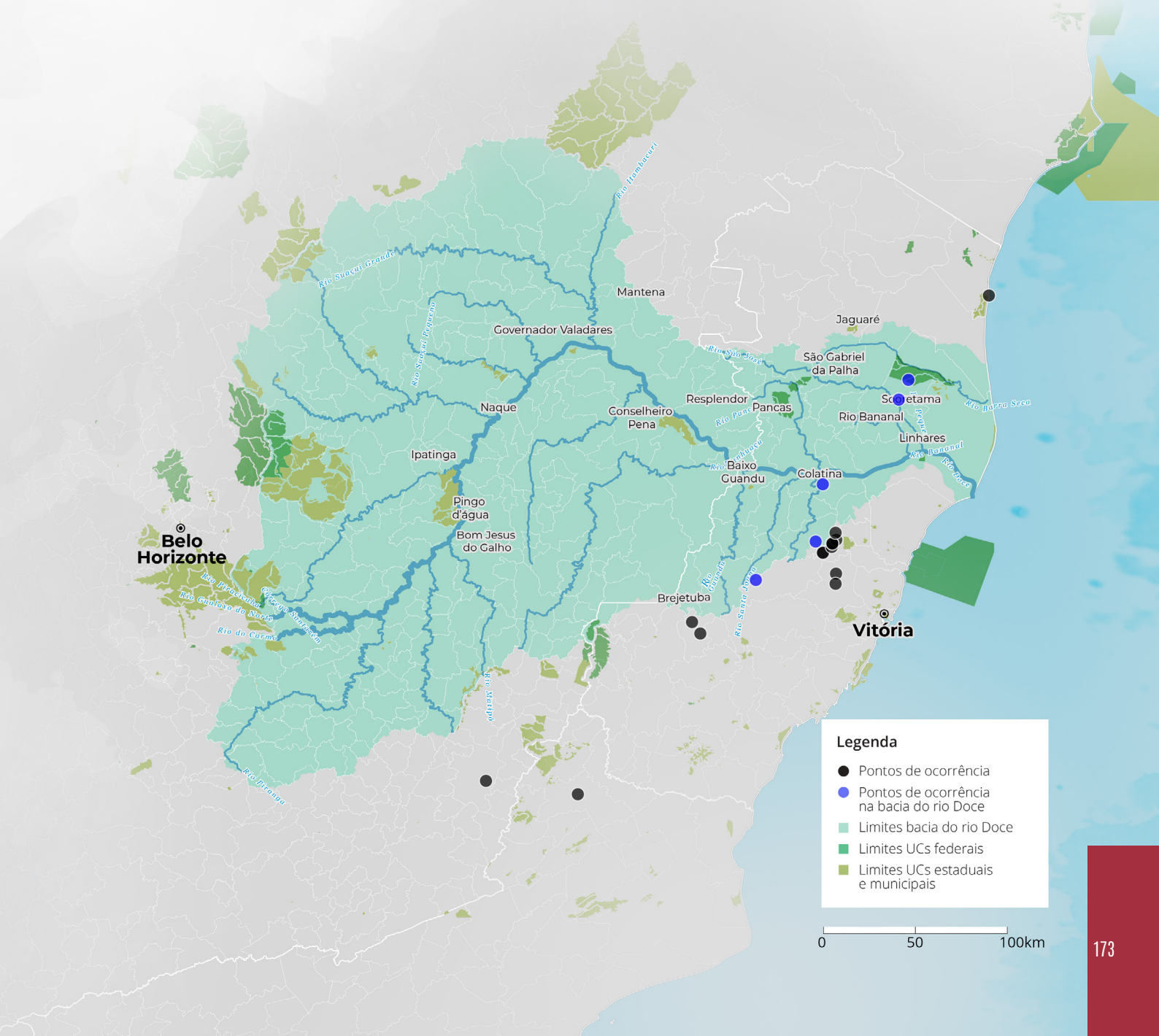
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo, em altitudes de até 800 m. Mesmo ocorrendo em vários estados, é considerada possivelmente extinta em várias regiões onde ocorria (BirdLife International 2023j).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Myrmotherula minor:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: THAMNOPHILIDAE

Myrmotherula urosticta (P.L.Sclater, 1857)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: choquinha-de-rabo-cintado

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Myrmotherula urosticta é possivelmente dependente de ambientes florestais, habitando áreas de floresta primária, possuindo pouca tolerância para áreas com distúrbios, sejam ambientais e antrópicos (BirdLife International 2023k).

Não há informação sobre tendência populacional. O tempo de geração estimado para a espécie foi de aproximadamente 5,1 anos (BirdLife International 2023k).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Myrmotherula urosticta,* conhecida popularmente como choquinha-de-rabo-cintado, é uma ave endêmica do Brasil, encontrada desde o estado da Bahia até o Rio de Janeiro, preferencialmente em áreas de florestas preservadas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 3.861 km², com Área de Ocupação (AOO) de 76 km² e de quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão resultou no acúmulo de água e sedimentos nos locais de ocorrência da espécie, desencadeando alterações nas condições dos habitats e, possivelmente, afetando a sobrevivência da espécie. Apesar da presença de subpopulações nas proximidades da bacia do rio Doce, *M. urosticta* é considerada intolerante a ambientes alterados. Além disso, atualmente cerca de 61% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça para a espécie é a fragmentação e perda de qualidade do habitat devido à conversão para agricultura, desmatamento para mineração e áreas para pastagem, além dos impactos relacionados ao crescimento urbano e à construção de rodovias (BirdLife International 2023k). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrente da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como na redução na sobrevivência ou no sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo) (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Myrmotherula urosticta:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo, em altitudes de aproximadamente 500 m (BirdLife International 2023k). Historicamente há registros em Minas Gerais, na divisa com o Espírito Santo, sendo atualmente considerada possivelmente extinta nessa região (BirdLife International 2023k).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.

FAMÍLIA: CUCULIDAE

Neomorphus geoffroyi dulcis
E.Snethlage, 1927

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
jacu-estalo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Cuculiformes

Família: Cuculidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

A espécie possui seis subespécies reconhecidas, com distribuição na América Central e do Sul. No Brasil, são encontradas três subespécies de *Neomorphus geoffroyi*: *N. geoffroyi geoffroyi* (Caatinga), *N. geoffroyi amazonicus* (Amazônia) e *N. geoffroyi dulcis* (Mata Atlântica).

INFORMAÇÕES GERAIS

A subespécie habita áreas de Florestas Semidecíduas, semi-úmidas e matas de baixada, sendo também encontrada em áreas de bambu (Teixeira *et al.* 2014b). Apesar de ser principalmente terrestre, costuma empoleirar-se em galhos para descansar, arrumar a plumagem e dormir (Sick 1997; WikiAves 2023). É comum procurar grandes insetos e artrópodes em montes de galhos secos e buracos de tatu (Payne 1997; WikiAves 2023). Além disso, alimenta-se de pequenos sapos, lagartos e, ocasionalmente, de sementes e frutos (Payne 1997).

A espécie é considerada rara, ocorrendo em baixas densidades populacionais mesmo em florestas primárias (BirdLife International 2021b). A estrutura das subpopulações de *Neomorphus geoffroyi* não é conhecida; porém, existem seis subespécies, o que sugere que há pelo menos seis subpopulações. Acredita-se que não há mais de 50 indivíduos maduros em cada unidade de conservação onde *N. g. dulcis* ocorre (Marques *et al.* 2018a). O tempo de geração é estimado em 6,32 anos (para *Neomorphus geoffroyi*).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Neomorphus geoffroyi dulcis*, popularmente conhecida como jacu-estalo, é uma ave que ocorre em áreas de Florestas Semidecíduas associadas à Mata Atlântica, com distribuição restrita no Espírito Santo (Reserva Natural Vale e Reserva Biológica de Sooretama) e em Minas Gerais (Parque Estadual do Rio Doce). Considerando a estimativa de que não há mais de 50 indivíduos maduros em cada unidade de conservação onde ocorre, pode-se estimar a existência de menos de 250 indivíduos maduros da espécie na bacia do rio Doce. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com impactos relacionados à mudança na condição do habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos. Além disso, os registros fora da área afetada encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com aproximadamente 69% da EOO convertidas em áreas de pastagens e 11% em mosaico de usos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo do número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como “Em Perigo (EN)” na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Ameaças para a subespécie estão relacionadas à fragmentação e perda da qualidade de habitat (Marques *et al.* 2018a). A espécie pode ter sido indiretamente afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, com impactos relacionados à mudança na condição do habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Ademais, 69% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagens, 11% em mosaico de usos e 2% em silvicultura e áreas de cafeicultura.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ameaças, tamanho e tendência populacionais são necessárias para a espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

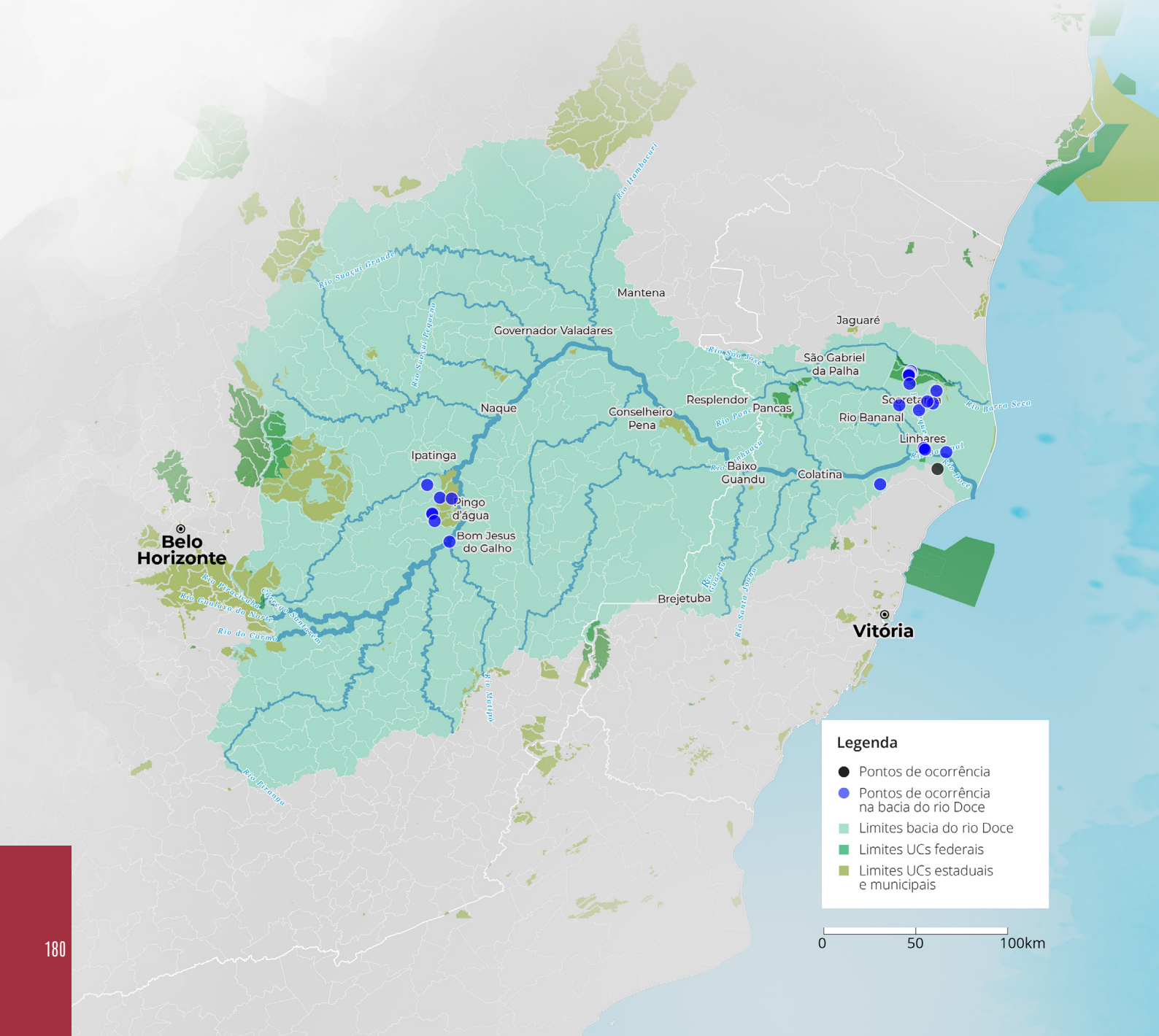
A espécie possui ampla distribuição na América do Sul e Central (BirdLife International 2021b). No Brasil, a subespécie *Neomorphus geoffroyi dulcis* é endêmica do Sudeste, ocorrendo nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo, em altitudes que variam de 230 a 515 m (Teixeira *et al.* 2014a). Encontra-se possivelmente extinta no Rio de Janeiro, com ausência de registros no estado desde a década de 1970.

Na bacia do rio Doce, a área de extensão de ocorrência da espécie é de 13.534 km², e a área de ocupação é de 68 km².

MAPA DE OCORRÊNCIA *Neomorphus geoffroyi dulcis:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; RPPN Recanto das Antas.



FAMÍLIA: PIPRIDAE

Neopelma aurifrons (Wied-Neuwied, 1831)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: fruxu-baiano

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Pipridae

INFORMAÇÕES GERAIS

A espécie tem como habitat florestas primárias e vegetações secundárias em alto estágio de regeneração (BirdLife International 2022b).

Atualmente, a espécie é encontrada em manchas pequenas e isoladas de remanescentes florestais. Estima-se que haja de 5 a 12 subpopulações, consideradas severamente fragmentadas. O tempo de geração estimado para a espécie é de aproximadamente 2,9 anos. Suspeita-se que o tamanho

populacional seja de 1.000 a 6.000 indivíduos, sendo 700 a 4.000 indivíduos maduros (BirdLife International 2022b). Devido às altas taxas de fragmentação de habitat, infere-se que a taxa de declínio populacional da espécie seja de 1% a 19% por década.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Neopelma aurifrons*, popularmente conhecida como fruxu-baiano, é uma ave endêmica do Brasil que ocorre em florestas primárias e vegetações secundárias em estágio avançado de regeneração nos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, em altitudes de até 1.000 m. Na bacia do rio Doce, apresenta Extensão de Ocorrência (EOO) de 8.125 km², Área de Ocupação (AOO) de 40 km² e cerca de cinco localizações condicionadas a ameaças. A conversão do habitat em áreas utilizadas pela agropecuária é a principal ameaça à espécie, com cerca de 89% da EOO convertidas em pastagens e outros usos do solo. Além disso, o rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, podendo ter resultado em alterações na qualidade do habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos. Como resultado, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Dessa maneira, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" de extinção na bacia do rio Doce. Por não haver informações sobre migração significativa para a bacia do rio Doce, mantém-se a categoria aplicada.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça à espécie é a fragmentação e perda de qualidade do habitat devido à conversão de seu habitat em áreas de agricultura e mineração, enquanto o crescimento urbano, construção de barragens, usinas e rodovias são ameaças de menor impacto (BirdLife International 2022b). A espécie ocorre em áreas afetadas pelo rompimento, sendo possivelmente impactada em decorrência de alterações na condição do ecossistema devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Além disso, aproximadamente 78% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagens, 9% em mosaico de usos, 1% em silvicultura e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais, além de área de vida, adequabilidade de habitat, aspectos reprodutivos, bem como estudos de distribuição potencial da espécie são necessários.

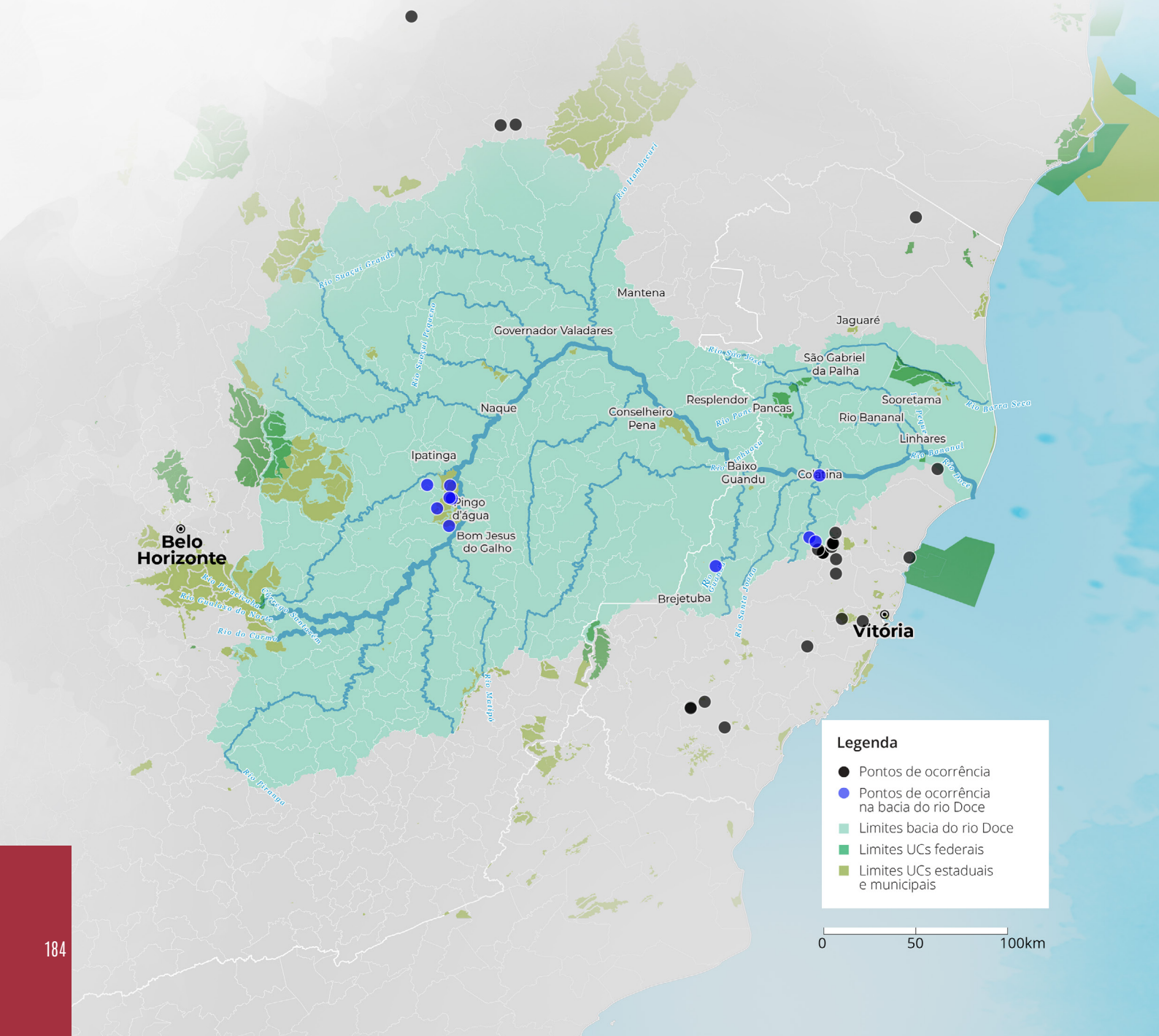
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Endêmica do Brasil, a espécie está presente nos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, ocupando altitudes de até 1.000 m (BirdLife International 2022b). No entanto, não existem registros da espécie em várias regiões onde era previamente observada desde a década de 1990, o que leva à consideração de sua possível extinção nessas áreas (BirdLife International 2022b).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Neopelma aurifrons:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do rio Doce.



FAMÍLIA: BUCCONIDAE

Notharchus swainsoni (Gray, 1846)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: macuru-de-barriga-castanha, joão-do-mato; bico-de-latão

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Piciformes

Família: Bucconidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Espécie monotípica.

INFORMAÇÕES GERAIS

Notharchus swainsoni é predominantemente encontrado em áreas de baixa altitude, em formações florestais primárias ou em estágios avançados de regeneração. Além disso, é comum sua presença em clareiras e bordas adjacentes a essas áreas florestais. Caça grandes artrópodes e pequenos vertebrados a partir de poleiros altos no dossel florestal. Informações sobre a biologia reprodutiva dessa espécie são escassas, mas há relatos de que *N. swainsoni* utiliza cupinzeiros arborícolas para estabelecer seus ninhos (Rasmussen *et al.* 2020).

Notharchus swainsoni possui uma população presumivelmente grande devido à sua ampla distribuição, e suspeita-se que seja estável, pois não há evidências de declínios significativos ou ameaças graves (BirdLife International 2016g). No estado de São Paulo, a espécie apresenta uma ocorrência relativamente rara, enquanto no Paraná é considerada incomum, com a subpopulação mais representativa na Serra do Mar e registros esporádicos em outros locais (Silveira *et al.* 2023l). Apesar da fragmentação ambiental e dos casos de extinção local, não há indícios de declínio populacional que coloque a espécie em risco de extinção no Brasil, e seu tempo de geração é de 6,3 anos (Silveira *et al.* 2023l).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Notharchus swainsoni*, popularmente conhecida como macuru-de-barriga-castanha, é uma ave endêmica da Mata Atlântica e dependente de florestas primárias ou secundárias maduras extensas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 46 km², com Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e duas localizações condicionadas a ameaças. Apesar de não ocorrer na calha do rio Doce, é possível que a espécie tenha sido impactada pelo rompimento da barragem de Fundão que gerou alterações na qualidade do habitat em decorrência da erosão e deposição de rejeitos. Mesmo ocorrendo em áreas protegidas (Reserva Natural Vale e na Reserva Biológica de Sooretama), atualmente cerca de 43% da EOO da espécie na região da bacia do rio Doce foi convertida em áreas de pastagens e mosaico de usos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como “Em Perigo (EN)” na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações

de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A qualidade do habitat da espécie foi possivelmente reduzida em decorrência da erosão e deposição de rejeitos da barragem de Fundão (Golder Associates 2016). Além disso, atualmente cerca de 43% da EOO da espécie foi convertida em áreas de pastagens e mosaico de usos.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas a tamanho e tendência populacionais.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

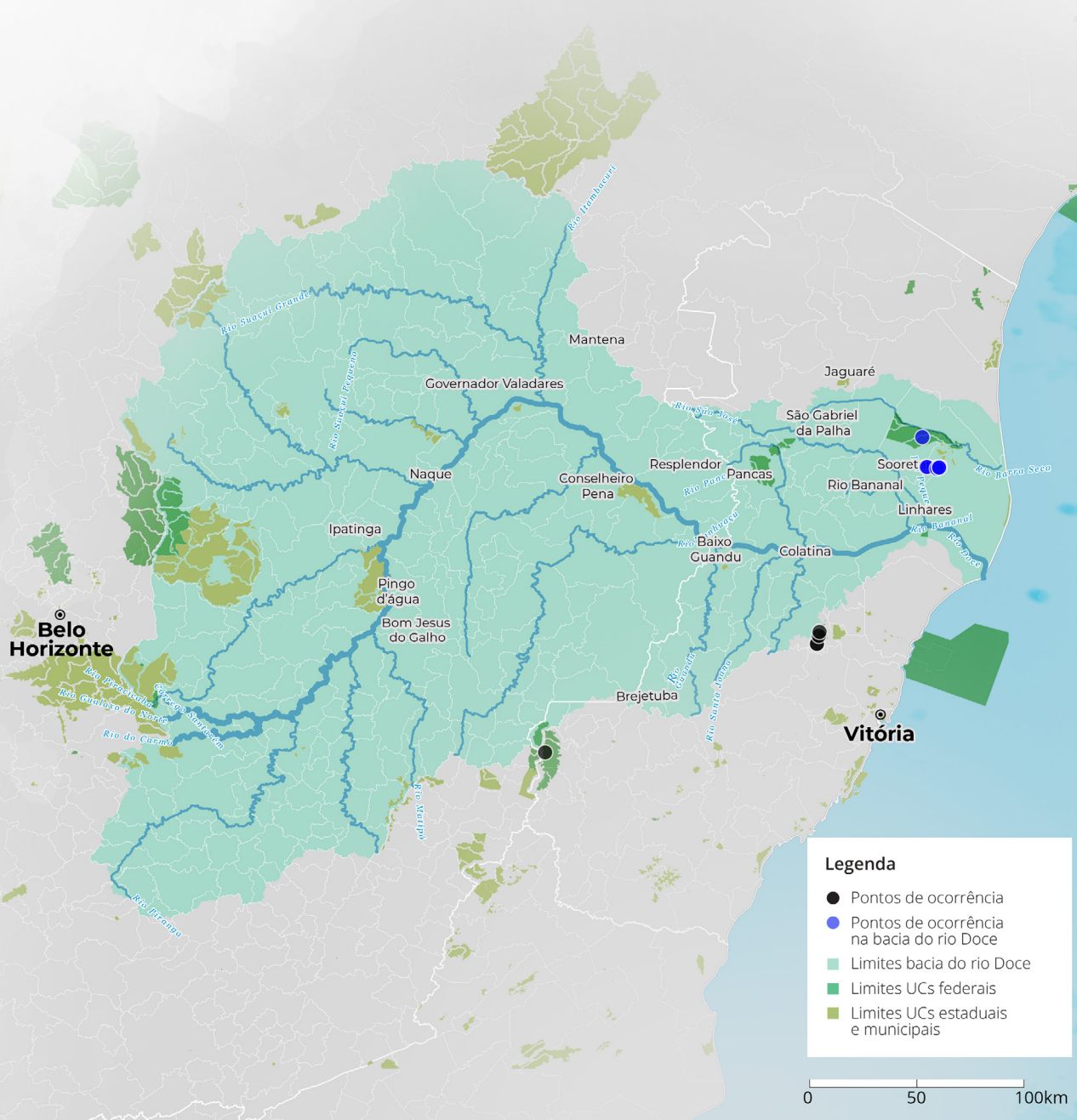
Notharchus swainsoni é endêmica da Mata Atlântica, encontrado no leste do Paraguai, nordeste da Argentina e sul e sudeste do Brasil, com registros no centro-sul da Bahia até o nordeste de Santa Catarina, além de ocorrências adicionais no extremo norte do Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e sul de Goiás (Silveira *et al.* 2023l). A espécie ocorre em florestas de terras baixas até os 900 m no setor norte da sua distribuição geográfica (Rasmussen *et al.* 2020). Regionalmente, hoje, a espécie está restrita ao baixo rio Doce, com ocorrência exclusiva nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais.

No Brasil, a espécie é encontrada nos seguintes estados: BA, ES, GO, MG, MS, PR, RJ, RS, SC e SP.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Notharchus swainsoni:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: NYCTIBIIDAE

Nyctibius aethereus aethereus
(zu Wied-Neuwied, 1820)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
mãe-da-lua-parda

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Nyctibiiformes

Família: Nyctibiidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

A espécie possui três subespécies reconhecidas, com distribuição na América do Sul. No Brasil, são encontradas duas subespécies de *Nyctibius aethereus: N. a. aethereus* (Mata Atlântica) e *N. a. longicaudatus* (Amazônia).

INFORMAÇÕES GERAIS

Nyctibius aethereus aethereus tem como habitat florestas primárias, desde o sub-bosque até o sub-dossel, além de ocorrer em bordas de mata e em matas de galeria (Silva *et al.* 2018b). Sua alimentação é constituída por insetos noturnos, principalmente, mariposas, cupins alados e besouros (Silva *et al.* 2018b; WikiAves 2023). Durante o período reprodutivo, *N. a. aethereus* utiliza tocos ou cercas de madeira para incubar um único ovo (Silva *et al.* 2018b). Suspeita-se que a espécie esteja em declínio populacional devido à perda de qualidade de habitat, com um declínio aproximado de 25% em três gerações (BirdLife 2023a). O tempo de geração da subespécie é de 7,5 anos e estima-se que a população total seja de aproximadamente 2.500 indivíduos maduros, com menos de 250 indivíduos maduros em cada subpopulação (Silva *et al.* 2018b). Por ser sensível à perda e fragmentação de habitat, apresentar poucos registros de ocorrência e por ter sofrido extinções locais o declínio populacional é considerado contínuo (Silva *et al.* 2018b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Nyctibius aethereus aethereus*, conhecida popularmente como mãe-da-lua-parda, é uma ave com preferência por habitats de florestas em planícies e matas de galeria, sendo considerada sensível a ambientes alterados. Possui registros confirmados na Reserva Biológica de Sooretama, na bacia do rio Doce, entre várias áreas de proteção ao longo de sua distribuição. Pouco se sabe sobre seus requisitos ecológicos, tamanho e tendência populacionais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 7.600 km², com Área de Ocupação (AOO) de 24 km² e de quatro a cinco localizações condicionadas a ameaça. O rompimento da barragem de Fundão afetou os locais de ocorrência da espécie, resultando no acúmulo de água e sedimentos, o que provavelmente causou mudanças nos habitats e redução na sobrevivência e no sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo). Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie é suscetível ao declínio populacional devido à perda de qualidade e fragmentação do habitat. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição dos habitats e redução na sobrevivência e no sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo) (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessárias pesquisas abordando o tamanho e tendência populacionais, a distribuição geográfica, as ameaças e o habitat da espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie ocorre no Paraguai, Argentina e na região leste do Brasil (Grantsau 2010). No Brasil, os registros atuais foram observados em poucas áreas de floresta extensa e bem conservada (Silva *et al.* 2018b) nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná. Na bacia do rio Doce, *N. a. aethereus* foi registrada em um único município em Minas Gerais (Itueta) e em cinco municípios no Espírito Santo (Afonso Cláudio, Colatina, Linhares, Santa Teresa e Sooretama).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Nyctibius aethereus aethereus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.

FAMÍLIA: NYCTIBIIDAE

Nyctibius grandis grandis (Gmelin, 1789)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: mãe-da-lua-gigante, urutau-grande

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Nyctibiiformes

Família: Nyctibiidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Atualmente, a espécie possui duas subespécies reconhecidas, com distribuição nas Américas do Norte, Central e do Sul. No Brasil, é registrada a ocorrência da subespécie nominal de *Nyctibius grandis grandis*. Apesar do fato de a nominação como subespécie não ser amplamente aceita, a avaliação foi realizada considerando a subespécie nominal como válida, seguindo o Catálogo Taxonômico da Fauna.

INFORMAÇÕES GERAIS

Nyctibius grandis é a maior espécie da família Nyctibiidae, medindo aproximadamente 54 cm de comprimento, com envergadura de 1 m e pesando entre 360 g e 600 g (Sick 1997). A espécie tem como habitat áreas de florestas úmidas e secas, relacionada a habitat semiaberto, podendo ser encontrada em áreas semiurbanizadas e em fragmentos florestais (Marini *et al.* 2023b). Possui hábitos crepusculares e noturnos, dorme escondido na mata, porém sai para áreas mais abertas para forragear (Marini *et al.* 2023b; WikiAves 2023). Alimenta-se principalmente de grandes insetos noturnos e pequenos morcegos já foram registrados em sua dieta (Sigrist 2006; Adams 2011). Realiza mimetismo em troncos e galhos de árvores, onde dorme em postura vertical (WikiAves 2023).

Não há informação sobre tendência populacional. O tempo de geração estimado para a espécie foi de aproximadamente 6,7 anos.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Nyctibius grandis grandis*, popularmente conhecida como mãe-da-lua-gigante, é uma ave não endêmica do Brasil. De forma geral, há pouca informação sobre seus requisitos ecológicos, tamanho e tendência populacionais. A subespécie é considerada tolerante a distúrbios e fragmentação de seu habitat, sendo registrada em matas secundárias, fragmentos florestais pequenos e ambientes semiurbanizados. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 30.399 km², com Área de Ocupação (AOO) de 68 km² e de quatro a cinco localizações condicionadas à ameaça. Embora a subespécie possua uma distribuição ampla na bacia do rio Doce, a maioria dos registros está concentrada dentro ou próximo à área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão. Esse evento afetou os locais de ocorrência da espécie, resultando no acúmulo de água e sedimentos, causando alterações nos habitats e reduzindo a sobrevivência e o sucesso reprodutivo devido às mudanças nas cadeias alimentares (por exemplo, perda de recursos alimentares e abrigo). Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A perda da qualidade e fragmentação representam ameaças significativas para a espécie (Marini *et al.* 2023b). Existem registros de *N. g. grandis* tanto dentro quanto nas proximidades da área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão. Assim, é plausível inferir que a subespécie possa ter sido indiretamente afetada por esse incidente. Os possíveis impactos estão relacionados às mudanças nas condições do habitat decorrentes da erosão e deposição de rejeitos e detritos. Essas alterações podem ter reduzido a sobrevivência e o sucesso reprodutivo da subespécie devido a modificações nas cadeias alimentares, tais como perda de recursos alimentares e abrigo (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à taxonomia, distribuição, tamanho e tendência populacionais.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

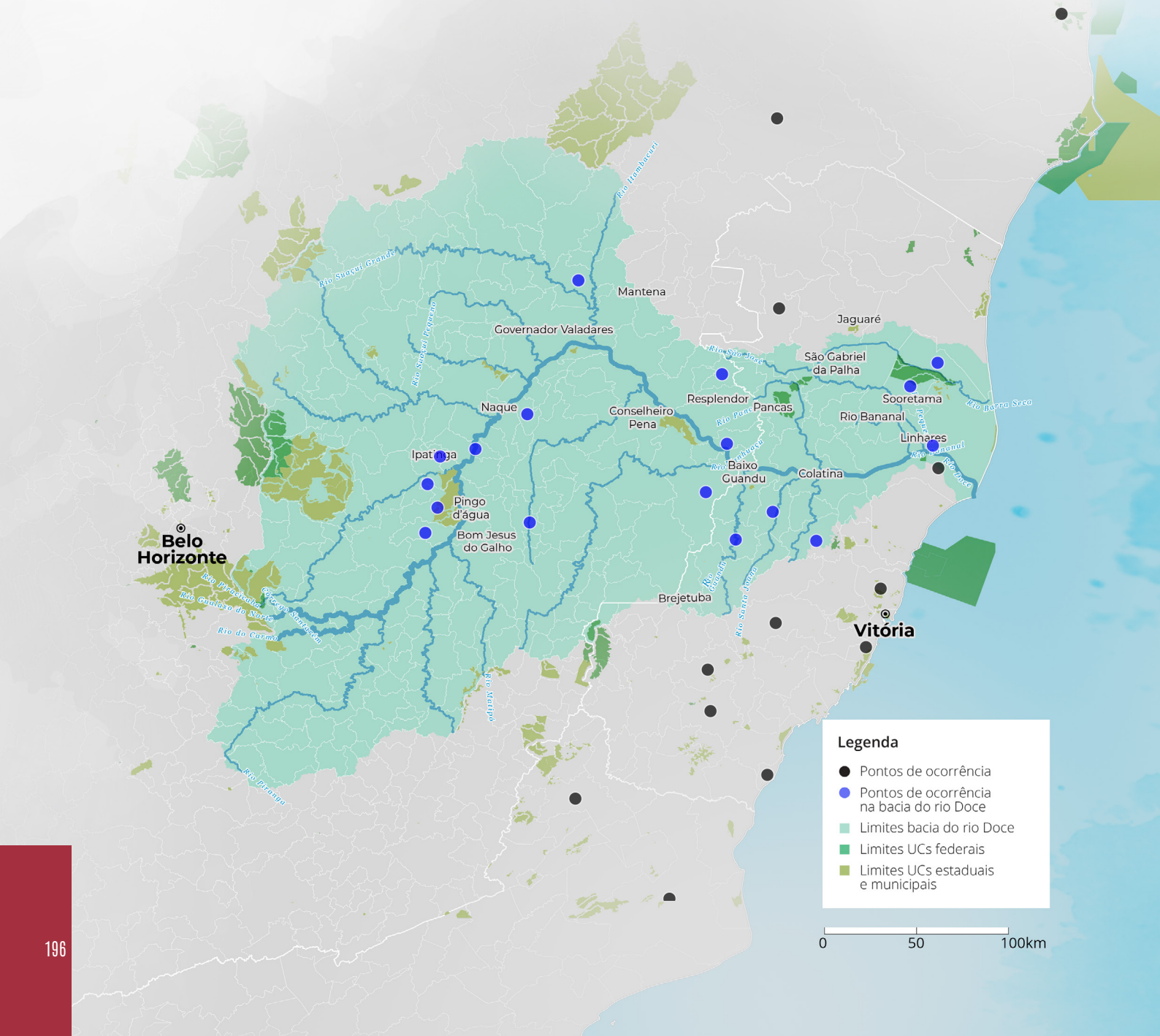
Espécie não endêmica do Brasil, ocorrendo também do sul do México ao norte do Paraguai. A subespécie possui uma área de distribuição extremamente ampla, ocorrendo em todo o Norte e Sudeste brasileiro; e em três estados das regiões Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) e Nordeste (Maranhão, Piauí e Bahia) (Marini *et al.* 2023b; WikiAves 2023).

A espécie possui ocorrência nos seguintes estados do Brasil: AC, AM, AP, BA, ES, GO, MA, MG, MT, MS, PA, PI, RJ, RO, RR, SP e TO.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Nyctibius grandis grandis:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do rio Doce.



FAMÍLIA: NYCTIBIIDAE

Nyctidromus hirundinaceus vielliardi Ribon,1995

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: bacurauzinho-da-caatinga

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Nyctibiiformes

Família: Nyctibiidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

A espécie *Nyctidromus hirundinaceus* possui três subespécies reconhecidas: *N. h. cearae, N. h. hirundinaceus e N. h. vielliardi.* Sendo a subespécie *N. h. vielliardi* a única de ocorrência na bacia do rio Doce.

INFORMAÇÕES GERAIS

Nyctidromus hirundinaceus vielliardi é um pequeno bacurau que mede entre 16 e 20 cm de comprimento e pesa cerca de 26g (WikiAves 2023). A subespécie habita exclusivamente afloramentos rochosos de coloração negra, com vegetação xerófila, que se assemelham aos ambientes das subespécies da Caatinga (Ribon 1995; Vasconcelos & Lins 1998). Vivem solitários ou em casais, e eventualmente podem ser encontrados três indivíduos próximos, compartilhando o mesmo lajedo (Vasconcelos & Lins 1998). A espécie alimenta-se de insetos noturnos, e possivelmente tem fidelidade ao local de dormida (Vasconcelos & Lins (1998); WikiAves (2023)). No período reprodutivo, não há construção de ninhos, os ovos são depositados diretamente no solo ou nos afloramentos rochosos (WikiAves 2023). Apesar da escassez de informações sobre o tamanho populacional, a espécie é considerada rara e pouco comum (Araújo *et al.* 2023a). A tendência populacional foi avaliada como em declínio, devido à perda de habitat (Tracewski *et al.* 2016).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Nyctidromus hirundinaceus vielliardi*, conhecida popularmente como bacurauzinho-da-caatinga, é uma ave endêmica da região da bacia do rio Doce, geralmente associada a áreas arenosas, afloramentos rochosos e matas de tabuleiro. De forma geral, há pouca informação sobre seus requisitos ecológicos, tamanho e tendência populacionais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 320 km², com Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e duas a três localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão afetou os locais de ocorrência da espécie, resultando no acúmulo de água e sedimentos e, consequentemente, em mudanças nas condições do habitat. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a subespécie foi avaliada como “Em Perigo (EN)” na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Por ocorrer na área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão, a subespécie pode ter sido indiretamente afetada devido à modificação do habitat com deposição de rejeitos de mineração. A escassez de registros de *N. h. vielliardi* juntamente com a crescente e intensa exploração de afloramentos rochosos (escala industrial) onde ocorre representa uma ameaça para essa população (Araújo *et al.* 2023a).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à história natural e ecologia, ameaças e tamanho e tendência populacionais.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A subespécie é endêmica da bacia do rio Doce, com distribuição restrita aos estados do Espírito Santo (Ribon 1995) e Minas Gerais, em altitudes de aproximadamente 300m (Vasconcelos & Lins 1998).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Nyctidromus hirundinaceus vielliardi:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.

FAMÍLIA: ODONTOPHORIDAE

Odontophorus capueira capueira (Spix, 1825)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
uru-do-sudeste, uru, capoeira

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Galliformes

Família: Odontophoridae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Duas subespécies são reconhecidas, ambas com ocorrência no Brasil: *O. c. plumbeicollis* (ocorre no Nordeste brasileiro, dos estados do Ceará até o estado de Alagoas) e *O. c. capueira* (ocorre no leste do Brasil até o leste do Paraguai e no nordeste da Argentina).

INFORMAÇÕES GERAIS

Odontophorus capueira é uma pequena ave terrícola medindo aproximadamente 24 cm de comprimento (Sick 1997). A subespécie tem como habitat áreas de clareira, Matas de Araucárias e Matas de Tabuleiro, com preferência para habitats de florestas primárias ou em bom estado de conservação (WikiAves 2023). Entretanto, também é encontrada em áreas de matas secundárias (Araújo *et al.* 2023b). Sua alimentação tem como base pequenos artrópodes, moluscos, pinhões, frutos e sementes (Sick 1997). Executam duetos de casal, onde o macho inicia a cantoria, e logo em sequência a fêmea se une a ele (Sick 1997). Vivem em grupos de 15 ou mais indivíduos, compostos por alguns casais ou famílias, são territoriais e agressivos com os bandos vizinhos (Sick 1997; WikiAves 2023). Aparentemente é uma espécie monogâmica (Sick 1997) e a atividade reprodutiva ocorre nos períodos secos (Roda *et al.* 2008). A nidificação é feita no solo, em buracos criados por outros animais, ou feita com folhas secas (Sick 1997). Aparentemente mais de uma fêmea deposita os ovos no mesmo ninho, com posturas de mais de 12 unidades; a fêmea é responsável pela incubação dos ovos e pelo cuidado parental (Sick 1997). O tempo de geração da subespécie é de 3,9 anos. Não há muita informação sobre tamanho e tendência populacionais para a subespécie. Estima-se que a população global seja menor que 50.000 indivíduos (Araújo *et al.* 2023b) e esteja em declínio devido à destruição do habitat e à caça (del Hoyo *et al.* 1994).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Odontophorus capueira capueira*, conhecida popularmente como uru, é uma ave não endêmica do Brasil encontrada em áreas de Florestas Secas, Matas de Araucárias, Matas Subtropicais e Matas de Tabuleiro, habitando também florestas primárias e matas altas secundárias. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 23.373 km², com Área de Ocupação (AOO) de 32 km² e três a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da subespécie, causando alterações na qualidade e perda de habitat, bem como redução nas taxas de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo (i.e., recursos alimentares e abrigo). Além disso, cerca de 71% da EOO da subespécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *O. c. capueira* foi avaliada como “Em Perigo (EN)” na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças à subespécie estão relacionadas ao desmatamento e à caça (Araújo *et al.* 2023b). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alteração na conectividade da paisagem, redução na taxa de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas a tamanho e tendência populacionais.

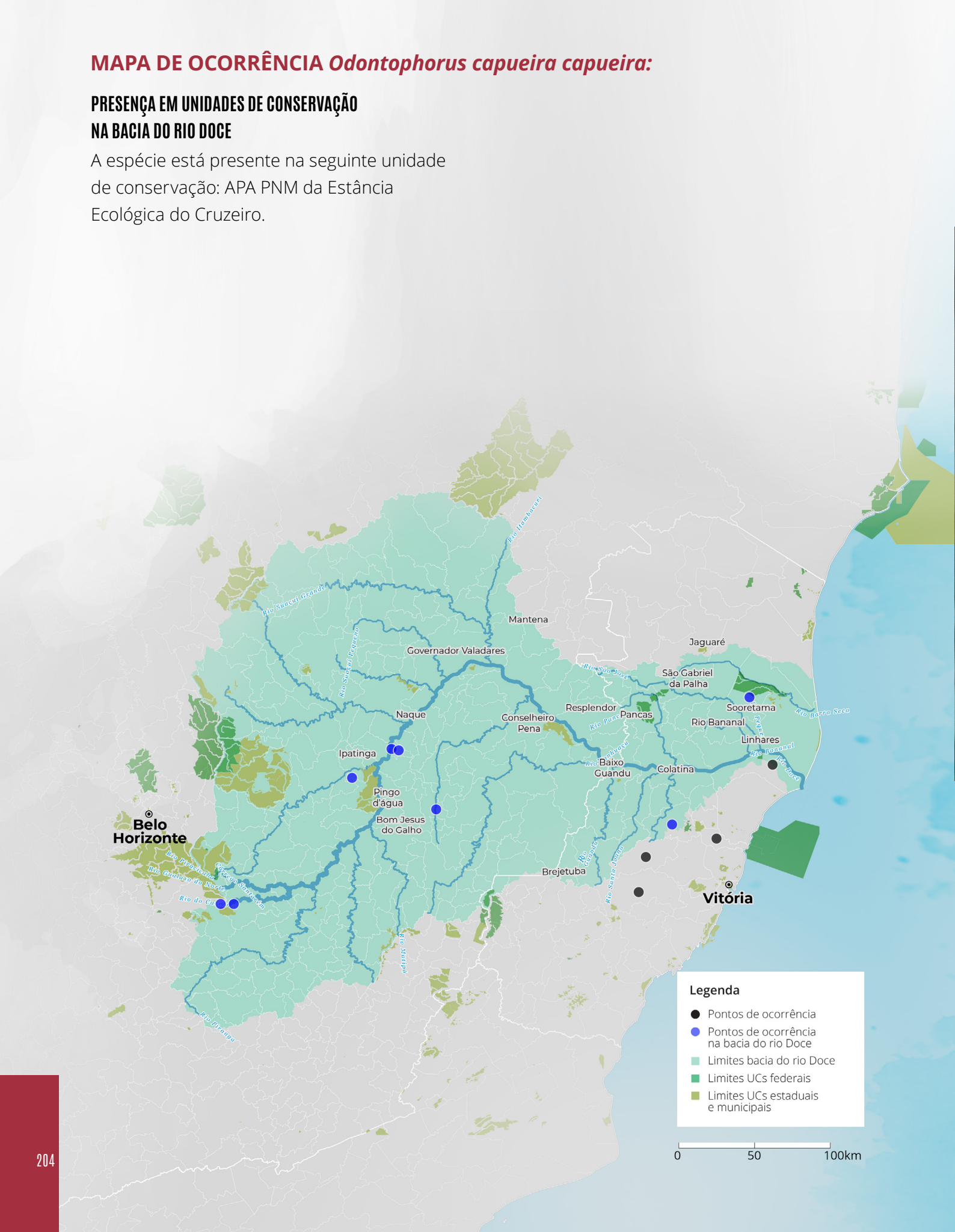
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, subdividida em duas subespécies. A subespécie *Odontophorus capueira capueira* possui ampla distribuição no Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Odontophorus capueira capueira:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: APA PNM da Estância Ecológica do Cruzeiro.



FAMÍLIA: APODIDAE

Panyptila cayennensis cayennensis (J.F.Gmelin, 1789)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: andorinhão-estofador, taperá-tesoura, anapuru (sul do Pará) e andorinha-uiriri

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Apodiformes

Família: Apodidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Atualmente, *Panyptila cayennensis* possui duas subespécies reconhecidas, com distribuição nas Américas do Norte, Central e do Sul. No entanto, apenas a espécie nominal (*P. c. cayennensis*) ocorre no Brasil.

INFORMAÇÕES GERAIS

Panyptila cayennensis cayennensis é uma pequena ave robusta, com cauda bifurcada, medindo cerca de 13 centímetros e pesando aproximadamente 18 gramas (Sick 1997; WikiAves 2023). Apresenta plumagem predominantemente negro-azulada, com mancha branca na garganta e coleira branca ao redor do loro e do uropígio (Sick 1997; WikiAves 2023). Embora possa ser observada sobrevoando diversos tipos de habitats, incluindo cidades, sua ocorrência predominante é em regiões de Florestas Úmidas de Baixada, geralmente abaixo de 1.000 m de altitude (Vasconcelos 2019a). A espécie vive solitária ou aos pares, possui uma dieta insetívora e captura os insetos geralmente sobrevoando matas altas ou áreas parcialmente florestadas (Sick 1997; WikiAves 2023). Constrói um ninho grande (de 30 a 100 cm), de paina aglutinada com bastante saliva, que usualmente fica colado em árvores altas (Sick 1997). A fêmea coloca aproximadamente dois ovos, e o ninho é usado em temporadas seguidas de reprodução, possivelmente pelo mesmo casal (Sick 1997). A espécie, que é terrestre, ocupa florestas e áreas terrestres, incluindo locais altamente degradados de florestas subtropicais/tropicais de baixada úmida (BirdLife International 2020b). Apesar de possuir uma ampla distribuição global, a espécie enfrenta uma contínua diminuição na área, extensão e/ou qualidade do habitat (BirdLife International 2020b). A população varia entre 500.000 a 4.999.999 indivíduos maduros, com tendência de declínio, embora não seja rápida o suficiente para atingir os critérios de Vulnerável quanto à tendência populacional (Partners in Flight 2019; BirdLife International 2023l). A principal causa dessa diminuição populacional é a perda de habitat na área de ocorrência da espécie (BirdLife International 2023l). Além disso, destaca-se que o tempo de geração dessa ave é de 2,8 anos.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Panyptila cayennensis cayennensis*, popularmente conhecida como andorinhão-estofador, é uma ave amplamente distribuída nos neotrópicos, mas no sudeste do Brasil encontra-se restrita ao domínio Atlântico, onde é considerada rara. A espécie ocupa diversos habitats, inclusive áreas urbanas, mas sua presença é mais notável em regiões de Florestas Úmidas de Baixada. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 13.632 km², com Área de Ocupação (AOO) de 32 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão pode ter afetado os locais de ocorrência da subespécie, com possíveis impactos relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos. Ademais, os registros fora da área afetada pela barragem estão em fragmentos florestais cercados por pastagens, onde aproximadamente 71% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagens, 12% em mosaico de usos e 3% em plantações

de café. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Panyptila cayennensis cayennensis não é listada no relatório da Golder Associates (2016), embora ocorra dentro da bacia do rio Doce. Apesar disso, o rompimento da barragem de Fundão pode ter afetado os locais de ocorrência da espécie, com impactos para a espécie que podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Além disso, 86% da Extensão de Ocorrência da espécie foram convertidas em áreas de pastagens, mosaico de usos e plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, tamanho e tendência populacionais, habitat e história de vida e ameaças.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Panyptila cayennensis cayennensis é uma espécie não endêmica do Brasil, com ampla distribuição pelos neotrópicos, sendo registrada nos seguintes países: Belize, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guiana Francesa, Guatemala, Guiana, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru, Suriname, Venezuela e Trinidad e Tobago (BirdLife International 2020b). No território brasileiro, a espécie pode ser encontrada tanto na região amazônica quanto de Pernambuco a Santa Catarina (BirdLife International 2020b). No sudeste do Brasil está limitada ao domínio Atlântico, onde é rara (Vasconcelos 2019a).

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: AC, SP, AP, AL, MA, RO, ES, PB, RR, MT, PE, BA, RJ, PI, TO, PR, AM, SE, MG, SC e PA.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Panyptila cayennensis cayennensis:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.

FAMÍLIA: COLUMBIDAE

Paraclaravis geoffroyi (Temminck, 1811)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: parau-espelho, pomba-de-espelho, pararu

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Columbiformes

Família: Columbidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Espécie monotípica.

INFORMAÇÕES GERAIS

Paraclaravis geoffroyi é uma ave de médio porte, com comprimento entre 19 e 23 cm (Baptista *et al.* 2020a). Essa espécie habita florestas densas nas encostas de serras, matas fechadas, bordas e taquarais (Straube *et al.* 2008; Baptista *et al.* 2020a), em altitudes que podem alcançar até 2.300 m (BirdLife International 2018a). Trata-se de uma ave especialista em sementes de taquarais, mas também se alimenta ocasionalmente de sementes de gramíneas, frutos e pequenos insetos (Areta *et al.* 2009; Baptista *et al.* 2020a; Silveira *et al.* 2023m). Além do comportamento alimentar, a distribuição, movimentos, uso do habitat, abundância e reprodução estão relacionados aos períodos de frutificação e floração dos bambus (Lowen *et al.* 1995; Harris & Pimm 2008; Areta *et al.* 2009). No período reprodutivo, que ocorre no verão, de novembro a fevereiro, a espécie forma casais (BirdLife International 2018a; Leal *et al.* 2018a; Baptista *et al.* 2020a). O ninho é construído em árvores e as fêmeas depositam dois ovos (Baptista *et al.* 2020a). No Brasil, no início do século XX, durante as frutificações de bambuzais, *P. geoffroyi* era registrada em bandos de até 100 indivíduos (Sick 1997; Silveira *et al.* 2023m). Contudo, registros ocorridos entre 1991 e 2006, que não foram oficialmente documentados, indicam bandos menores, com cerca um a cinco indivíduos (Sick 1997; Tobias *et al.* 2006; Baptista *et al.* 2020a). Atualmente, não há registros bem documentados da espécie, sendo os últimos registros na natureza provenientes da década de 1980 (Leal *et al.* 2018a; Silveira *et al.* 2023m). Considerando que as áreas de ocorrência históricas são bem amostradas e têm sido alvo de buscas intensivas por pesquisadores e observadores de aves nos últimos 30 anos (desde 1993), e levando em conta que a espécie costumava ser facilmente encontrada, é seguro estimar que, caso não tenha sido extinta, a população de *P. geoffroyi* possui menos de 50 indivíduos maduros (Leal *et al.* 2018a; Silveira *et al.* 2023m). O tempo geracional estimado é de 4,6 anos (BirdLife International 2018a). Nas décadas de 1980 e 1990, a espécie foi extensivamente criada em cativeiro; no entanto, não se têm mais registros de indivíduos mantidos em cativeiro (Straube *et al.* 2008; Silveira *et al.* 2023m).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: D.

Categoria: **CR**(PE)

Justificativa: *Paraclaravis geoffroyi*, popularmente conhecida como parau-espelho, é uma ave florestal de médio porte e hábito terrícola. Sua especialização em taquarais destaca-se como parte fundamental de seu nicho ecológico, influenciando comportamentos alimentares, movimentos e reprodução. Historicamente, sua distribuição estendia-se desde o Paraguai e Argentina até o sul da Bahia, no Brasil, onde habitava florestas densas nas encostas de serras, matas fechadas, bordas e taquarais. Os últimos registros confirmados na natureza são da década de 1980, e há 30 anos *P. geoffroyi* tem sido intensamente procurada por pesquisadores e observadores de aves, sem sucesso. Na bacia do rio Doce, a espécie ocorria no município de Viçosa, Minas Gerais, e também nos municípios de Santa Teresa e Linhares, Espírito Santo. Estima-se que, caso

ainda não tenha sido extinta, a espécie possui uma população extremamente pequena e altamente fragmentada, com menos de 50 indivíduos maduros. Diante desse cenário, *P. geoffroyi* foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR), Possivelmente Extinta (PE)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: CR (IUCN 2023).

Nacional: CR (Brasil 2022).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As populações da espécie reduziram drasticamente nos últimos anos devido à perda e fragmentação de habitats na Mata Atlântica, especialmente nas áreas com concentrações de taquaral (Tobias *et al.* 2006; Straube *et al.* 2008; BirdLife International 2018a). Por fim, a espécie não ocorre nas imediações da barragem de Fundão ou do rio Doce.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Há uma necessidade urgente de promover pesquisas sobre distribuição, tendências populacionais, história de vida, ecologia, conservação e ameaças (Tobias *et al.* 2006; BirdLife International 2018a; Silveira *et al.* 2023m). Além disso, é crucial explorar aspectos fundamentais da biologia da espécie, como padrões alimentares, uso do habitat e características reprodutivas a fim de embasar medidas indispensáveis para a conservação (BirdLife International 2018a). Por fim, se registrada novamente na natureza, é importante considerar a viabilidade da busca e criação de indivíduos de *P. geoffroyi* em cativeiro, visando sua posterior reintrodução (Silveira 2008a), especialmente considerando o histórico de sucesso na criação e reprodução em cativeiro nas décadas de 1980 e 1990 (Straube *et al.* 2008).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Originalmente, *Paraclaravis geoffroyi* ocorria no Brasil, Paraguai e Argentina (Leal *et al.* 2018a; Silveira *et al.* 2023m). No Brasil, sua distribuição é restrita à Mata Atlântica, com ocorrência desde o sul da Bahia à Santa Catarina, sendo que os últimos registros confirmados na natureza são da década de 1980 (Leal *et al.* 2018a; Silveira *et al.* 2023m). A distribuição atual é desconhecida e possivelmente tenha desaparecido na maior parte de sua ocorrência original (Straube *et al.* 2008). Na bacia do rio Doce, a espécie possui registros históricos em Viçosa, Minas Gerais, e em Linhares e Santa Teresa, no Espírito Santo (Silveira *et al.* 2023m). Historicamente, a espécie ocorria nos seguintes estados do Brasil: BA, ES, MG, PR, RJ, SC e SP.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Paraclaravis geoffroyi:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.

FAMÍLIA: PICIDAE

Piculus polyzonus (Valenciennes, 1826)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
pica-pau-dourado-grande

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Considerada anteriormente como subespécie de *Piculus chrysochloros*, após uma revisão taxonômica do grupo, foi elevada ao status de espécie, como *Piculus polyzonus* (Del-Rio *et al.* 2013).

INFORMAÇÕES GERAIS

Há escassa informação disponível sobre a espécie e o grupo "*Piculus chrysochloros*" no geral (Winkler *et al.* 2020a). Este pica-pau é encontrado predominantemente em áreas de baixa altitude, habitando florestas primárias ou secundárias maduras. Como outros pica-paus do gênero *Piculus*, sua dieta é principalmente insetívora, utilizando o dossel e subdossel da vegetação arbórea para forragear solitário, em pares ou integrando bandos mistos. Pouco se sabe sobre sua biologia reprodutiva, mas parece utilizar cupinzeiros arborícolas para instalar seus ninhos (Gomes 2018).

Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais, e a espécie é considerada rara (Del-Rio *et al.* 2013).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Piculus polyzonus,* conhecida popularmente como pica-pau-dourado-grande, é uma ave espécie endêmica da Mata Atlântica, considerada dependente de formações florestais e altamente sensível aos distúrbios em seu habitat. Seus requisitos ecológicos e tendências populacionais são pouco conhecidos, sendo considerada uma espécie rara ao longo de sua distribuição. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 12.130 km², com Área de Ocupação (AOO) de 80 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão resultou no acúmulo de água e sedimentos, impactando potencialmente as áreas florestais bem preservadas onde a espécie ocorre, afetando sua sobrevivência e sucesso reprodutivo devido às mudanças nas condições dos habitats. Com poucas subpopulações nas proximidades da bacia do rio Doce e uma baixa tolerância a ambientes alterados, a fragmentação do habitat pode dificultar migrações significativas da espécie na região. Ademais, cerca de 68% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *P. polyzonus* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Devido à preferência da espécie por habitats preservados, a fragmentação e perda da qualidade de seus habitats são as principais ameaças à espécie (Del-Rio *et al.* 2013). Além disso, a espécie possui registros na área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, resultando em alteração na condição do habitat devido à erosão e à deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, tamanho e tendência populacionais, ecologia e história natural e ameaças.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

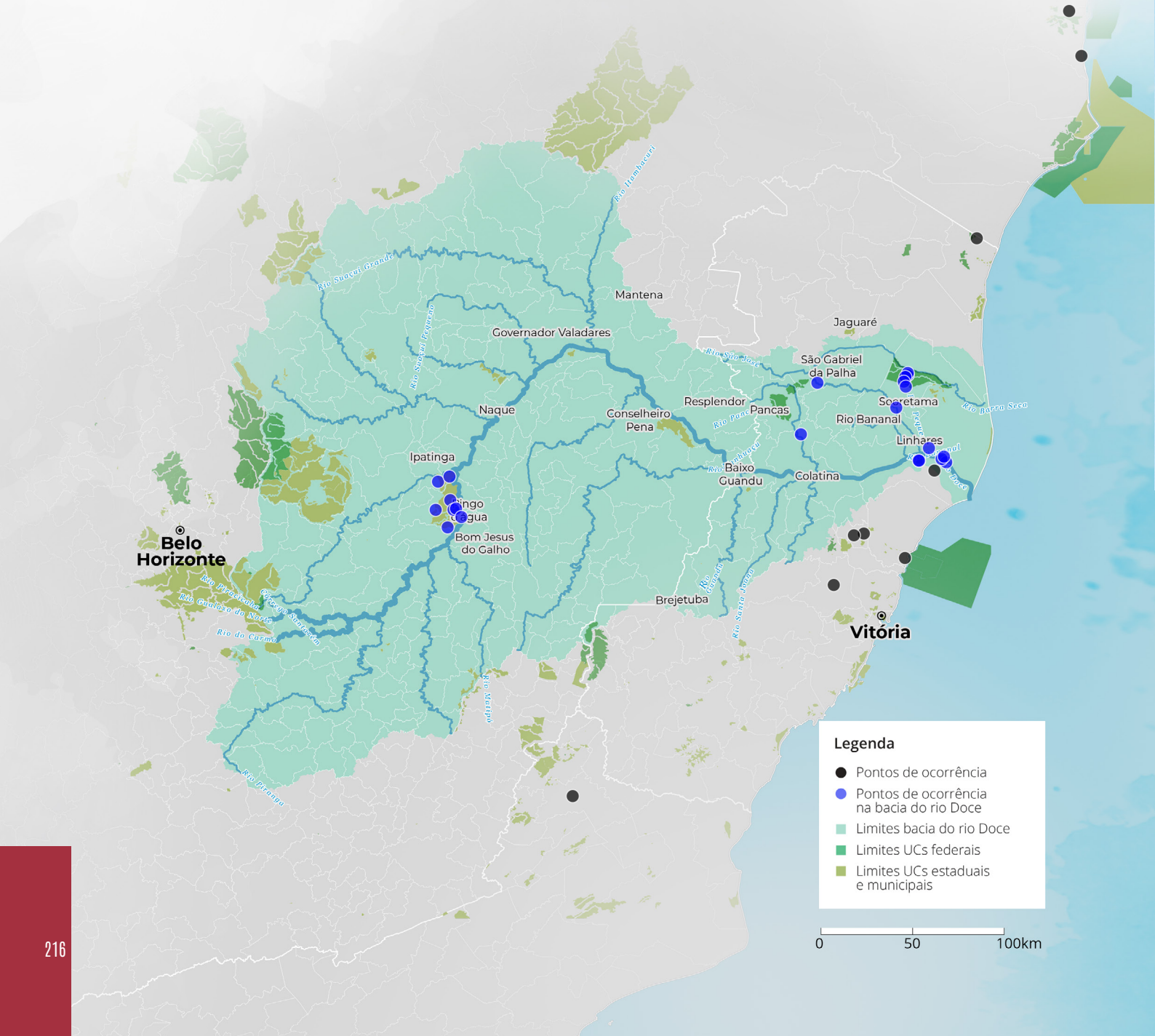
Espécie endêmica da Mata Atlântica, com ocorrência em áreas florestais abaixo dos 500 m de altitude (Cavarzere *et al.* 2019) desde o sul da Bahia até o norte do Rio de Janeiro. Nesse estado, a espécie parece estar localmente extinta, pois não há registro desde os anos 1980 (Del-Rio *et al.* 2013; Mallet-Rodrigues & Pacheco 2015). Regionalmente, está restrita atualmente ao Parque Estadual do rio Doce e arredores, na porção média da bacia, e a jusante, no baixo rio Doce, onde ocorre quase exclusivamente nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais.

A espécie tem ocorrência nos seguintes estados do Brasil: ES, BA, MG e RJ.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Piculus polyzonus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: PSITTACIDAE

Pionus reichenowi
Heine, 1844

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
maitaca-de-barriga-azul

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Monotípica, às vezes incluída como subespécie de *Pionus menstruus*.

INFORMAÇÕES GERAIS

Pionus reichenowi habita o dossel alto de diferentes tipos de formações florestais primárias e secundárias maduras no extremo leste do Brasil, utilizando também clareiras e bordas (Silveira *et al.* 2023n). Vive em pares ou em bandos maiores. Embora *P. reichenowi* seja ainda pouco conhecida, a espécie aparentada que ocorre na Amazônia (*P. menstruus*) inclui em sua dieta sementes, frutos, flores e brotos (Collar *et al.* 2022). Utiliza ocos de árvores de grande porte para instalar seus ninhos (Silveira *et al.* 2023n).

Além disso, é facilmente observada nos locais onde ocorre, o que leva especialistas a suspeitarem que o tamanho populacional seja inferior a 10.000 indivíduos maduros (Silveira *et al.* 2023n). Com base nas margens de erro das estimativas existentes, infere-se que nenhuma subpopulação tenha mais de 1.000 indivíduos maduros (Silveira *et al.* 2023n). O tempo de geração calculado para a espécie foi de 6,7 anos (BirdLife International 2020c). Devido à fragmentação e à perda contínua da qualidade do habitat, suspeita-se que a espécie esteja em declínio populacional (BirdLife International 2020c).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Pionus reichenowi,* popularmente conhecida como maitaca-de-barriga-azul, é uma ave endêmica do Brasil e da Mata Atlântica, dependente de florestas primárias ou secundárias maduras. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 972 km², com Área de Ocupação (AOO) de 48 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão pode ter afetado indiretamente a espécie, sendo possivelmente impactada devido a alterações na qualidade do habitat em decorrência da erosão e deposição de rejeitos e detritos da mineração. Além disso, cerca de 67% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens, 12% em mosaico de usos, 1% em silvicultura e 1% em plantações de café, com a possibilidade de ser alvo do comércio ilegal de animais silvestres, embora seja identificada nas publicações por sua nomenclatura antiga (*Pionus menstruus*). Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023)

Nacional: VU (Brasil 2022c)

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022)

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Apêndice II (como *Pionus menstruus*) (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A perda de qualidade de habitat é uma ameaça presente e latente, uma vez que as florestas em sua área de distribuição são continuamente afetadas por atividades antrópicas, como extração florestal, plantações de *Pinus* e eucalipto, implantação de pastagem para pecuária e incêndios (Silveira *et al.* 2023n). É possível que *P. reichenowi* seja alvo do comércio ilegal de animais silvestres, mas é identificada nas publicações com sua nomenclatura antiga (*Pionus menstruus*) (Silveira *et al.* 2023n). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie nas áreas afetadas e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Ademais, cerca de 67% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 12% em mosaico de usos, 1% em silvicultura e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, tamanho e tendência populacionais, habitat e história de vida e ameaças são necessárias para a espécie.

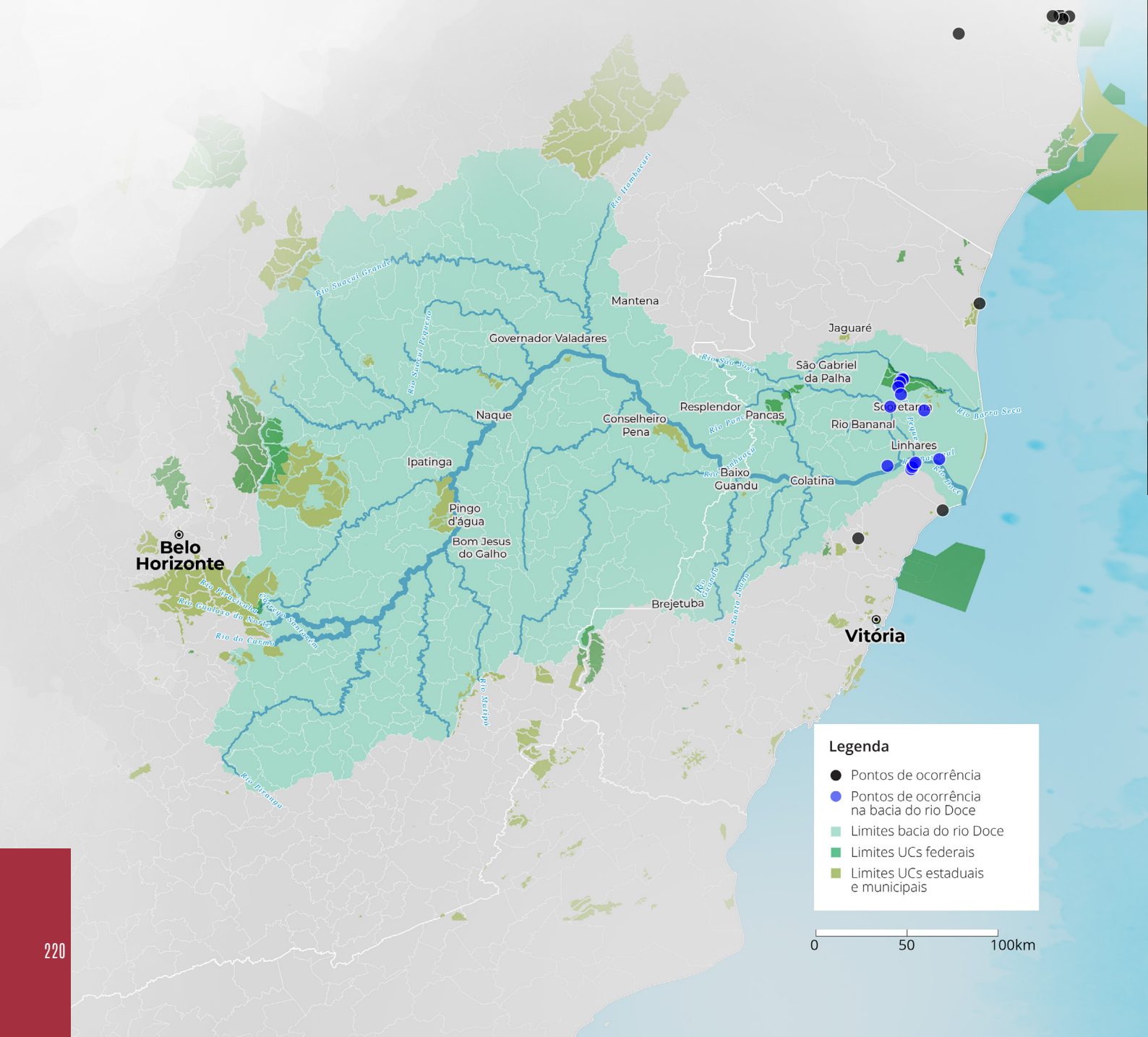
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Pionus reichenowi é endêmica da Mata Atlântica e ocorre no Nordeste e Sudeste do Brasil, no Centro de Endemismo Pernambuco (Alagoas e Pernambuco), além da Bahia e Espírito Santo (Silveira *et al.* 2023n). Associada às formações florestais de baixada e encostas próximas (Silveira *et al.* 2023n). A espécie foi extinta localmente em algumas áreas e está praticamente restrita às unidades de conservação nos estados de Alagoas, Bahia, Espírito Santo e Pernambuco (Silveira *et al.* 2023n). Regionalmente, a espécie está atualmente restrita ao setor do baixo rio Doce, no Espírito Santo, ocorrendo quase exclusivamente nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Pionus reichenowi:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: ACCIPITRIDAE

Pseudastur polionotus (Kaup, 1847)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: gavião-pombo, gavião-pombo-grande

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Cathartiformes

Família: Accipitridae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Espécie monotípica.

INFORMAÇÕES GERAIS

Pseudastur polionotus é uma espécie pouco conhecida que ocorre exclusivamente na Mata Atlântica, habitando áreas com extensa cobertura florestal, preferencialmente em regiões de maior altitude, havendo também registros em áreas de baixada. Apesar de ser uma espécie estritamente florestal e discreta, pousa em poleiros expostos no interior e na borda da floresta, além de planar frequentemente sobre seu território, tornando-se uma espécie fácil de ser detectada nos locais onde ocorre (Pallinger & Menq 2021). Ocupa principalmente o dossel de florestas primárias ou secundárias maduras (Pallinger & Menq 2021; Silveira *et al.* 2023o). Durante o forrageamento, pode utilizar estratos mais baixos da floresta (Pallinger & Menq 2021). Generalista, entre suas presas estão incluídas aves, pequenos mamíferos, répteis, anfíbios e grandes artrópodes (Pallinger & Menq 2021). A biologia reprodutiva da espécie é pouco conhecida, sabendo-se que utiliza a copa de árvores densas para construir seu ninho (Pallinger & Menq 2021). A espécie, rara e com densidades muito baixas, possui uma estimativa global de população entre 2.500 e 9.999 indivíduos maduros, sendo suspeito que no Brasil existam menos de 10.000, principalmente nos grandes blocos florestais da Mata Atlântica, com um declínio populacional estimado em cerca de 10% em três gerações (Silveira *et al.* 2023o). O tempo de geração varia de 7,44 a 7,60 anos. Quanto ao uso, como rapinante, a espécie é potencialmente caçada e perseguida em toda a sua distribuição geográfica (BirdLife International 2023m).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Pseudastur polionotus* é um gavião endêmico da Mata Atlântica, distribuindo-se desde Alagoas até o Rio Grande do Sul, fortemente associado a Florestas Montanas extensas e relativamente bem preservadas. Apresenta baixa densidade populacional e é altamente sensível a perturbações em seu habitat. Sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 54.470 km², Área de Ocupação (AOO) igual a 80 km² e oito a nove localizações condicionadas à ameaça. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com impactos relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação. Além disso, cerca de 74% da Extensão de Ocorrência da espécie foram convertidas em áreas de pastagens, mosaico de usos, silvicultura e café. Diante deste cenário, infere-se declínio continuado de Extensão de Ocorrência, Área de Ocupação e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023)

Nacional: NT (ICMBio 2023b)

Minas Gerais: CR (COPAM 2010)

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022)

PATs/PANs: Listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017), Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a) e considerada espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie estão relacionadas à modificação, fragmentação e perda da qualidade do habitat, devido à conversão para agricultura, desmatamento para mineração, urbanização, construção de hidrelétricas e rodovias, além de caça e comércio ilegal (BirdLife International 2021c). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação (Golder Associates 2016). Ademais, cerca de 66% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 5% em mosaico de usos, 2% em silvicultura e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais, história natural e ecologia, bem como ameaças, são necessárias para entender como e o quanto a fragmentação do habitat pode estar impactando a espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

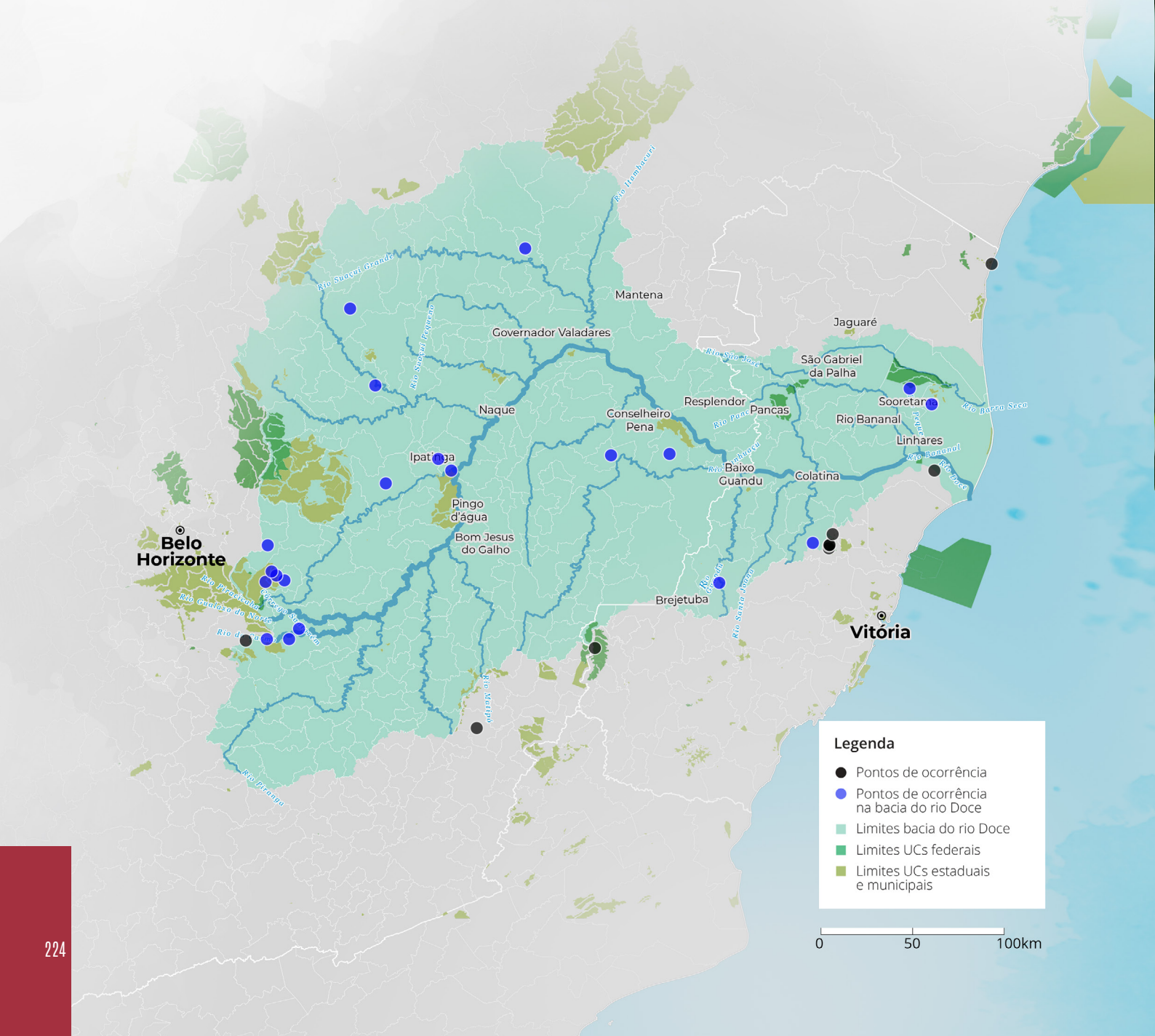
Espécie endêmica da Mata Atlântica, distribuída ao longo dos estados de Alagoas e Rio Grande do Sul, além do Paraguai e Argentina, principalmente em altitudes acima de 500 m em terrenos acidentados e montanhosos, ocasionalmente aparecendo em altitudes mais baixas. Regionalmente, a espécie possui registros ao longo de toda a bacia do rio Doce, com maior concentração da presença da espécie nas áreas que ainda apresentam maior cobertura florestal, especialmente nos contrafortes da cordilheira do Espinhaço e próximo ao Parque Estadual do Rio Doce, além do baixo rio Doce, onde ocorre nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais.

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: RJ, RS, ES, BA, SC, PE, PR, MG, SP e AL.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Pseudastur polionotus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; APA Sul-RMBH.



FAMÍLIA: RAMPHASTIDAE

Pteroglossus bailloni (Vieillot, 1819)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
araçari-banana

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Piciformes

Família: Ramphastidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Espécie monotípica.

INFORMAÇÕES GERAIS

Pteroglossus bailloni utiliza principalmente o dossel alto de formações florestais primárias e secundárias maduras, e suas bordas, onde vive em pares ou em bandos de tamanho variável. Frutos constituem o principal item de sua dieta, eventualmente incluindo filhotes de aves e pequenos vertebrados (Simon & Ribon 1998; Short & Kirwan 2020). Utiliza ocos de árvores altas para nidificar e se abrigar durante a noite (Simon & Ribon 1998). O tempo de geração da espécie é de 7 anos (Silveira *et al.* 2023p). Não existem informações sobre tamanho populacional para a espécie. Há registros da espécie sendo utilizada como ave de gaiola.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2b(ii,iii, iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Pteroglossus bailloni*, conhecida popularmente como araçari-banana, é uma ave endêmica da Mata Atlântica, dependente de formações florestais primárias e secundárias maduras. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 22.159 km², com Área de Ocupação (AOO) de 68 km² e três a cinco localizações condicionadas a ameaças. Apesar de a espécie não ocorrer dentro ou próximo das áreas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão, a fragmentação do habitat, com cerca de 66% da EOO convertidas em pastagens, pode dificultar a migração das subpopulações próximas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo da AOO, qualidade do habitat e localizações condicionadas a ameaças.

Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023)

Nacional: LC (ICMBio 2023b)

Minas Gerais: VU (COPAM 2010)

PATs/PANs: Listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Apêndice III (presente como Baillonius bailloni) (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie estão relacionadas à modificação, fragmentação e perda da qualidade habitat devido à expansão agrícola e pecuária, além de caça e comércio ilegal (Silveira *et al.* 2023p).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ecologia e história de vida, bem como tamanho, tendência e monitoramento populacional são necessários para a espécie.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Pteroglossus bailloni:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie de ave endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo em formações florestais desde o sul da Bahia até o norte do Rio Grande do Sul (Silveira *et al.* 2023p), em altitudes de 400 até 1550 m. Regionalmente, *P. bailloni* ocorre predominantemente nas regiões de maior altitude de Minas Gerais e Espírito Santo ao sul da bacia do rio Doce, havendo registros escassos para a região central da bacia em Minas Gerais.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE Serra do Brigadeiro.

FAMÍLIA: STRIGIDAE

Pulsatrix perspicillata pulsatrix Wied, 1820

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: murucututu, corujão, coruja-de-garganta-preta, coruja-do-mato, bate-caixão (Ceará) e mocho-mateiro

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Strigiformes

Família: Strigidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Não há imagem da subespécie disponível, visto que o último registro disponível é datado de 1995. Como ilustração, foi adicionada a imagem de *Pulsatrix perspicillata perspicillata*. *Pulsatrix perspicillata* possui seis subespécies reconhecidas, com distribuição na América do Norte, Central e do Sul. No Brasil, tem ocorrência de duas subespécies: *P. p. perspicillata* e *P. p. pulsatrix*. *P. p. pulsatrix* é semelhante à *P. p. perspicillata*, porém maior, com partes claras mais pálidas e beges, ao invés de brancas, e o marrom do dorso e banda do alto peito também é mais claro, sem contraste de coloração com a coroa e o restante do torso (Corrêa 2016).

INFORMAÇÕES GERAIS

Pulsatrix perspicillata pulsatrix ocorre em florestas tropicais e subtropicais, podendo ser encontrada em matas de galeria ou savanas próximas a grandes florestas, desde o nível do mar até cerca de 1.500 m de altitude (Vasconcelos 2019b). Sua alimentação é composta principalmente de vertebrados (Leal & Assis 2018). Faz ninho em buracos de árvores ou em paredões rochosos (WikiAves 2023). O tamanho populacional não deve ultrapassar 1.000 indivíduos maduros (Leal & Assis 2018). A ausência de registros atuais, principalmente em áreas bem amostradas por pesquisadores e observadores de aves, indica que o táxon provavelmente está extinto em parte de sua distribuição (Leal & Assis 2018). O tempo de geração é de 5,7 anos para a espécie *Pulsatrix perspicillata*. Além disso, ela pode ser considerada uma espécie visada para utilização como animal de estimação e/ou exibição.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(iii,iv,v).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Pulsatrix perspicillata pulsatrix*, popularmente conhecida como murucututu, é uma ave que possui apenas registros históricos ao longo da costa brasileira, desde o sudeste da Bahia até o nordeste do Rio Grande do Sul, habitando áreas de floresta tropical densa, principalmente matas de baixada na porção norte de sua distribuição e matas de Araucária no sudeste do país. Há indicações de que o táxon provavelmente está extinto em parte de sua distribuição. Sua Extensão de Ocorrência (EOO) e Área de Ocupação (AOO) é de 4 km², com uma localização condicionada a ameaça. As principais ameaças à subespécie são fragmentação e perda de habitat. Desta maneira, infere-se declínio contínuo de qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" de extinção na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: CR (Brasil 2022).

PATs/PANs: Listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

O declínio populacional do táxon pode estar relacionado à perda e fragmentação de habitat, sendo a descaracterização da paisagem e a perda de qualidade de habitat, principalmente devido à ocupação do sub-bosque de matas por gado bovino e bubalino no Rio Grande do Sul (Leal & Assis 2018). A espécie também é alvo do comércio ilegal de espécies silvestres (CITES 2022).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Revisões taxonômicas para testar a validade desta forma são altamente recomendáveis (Leal & Assis 2018).

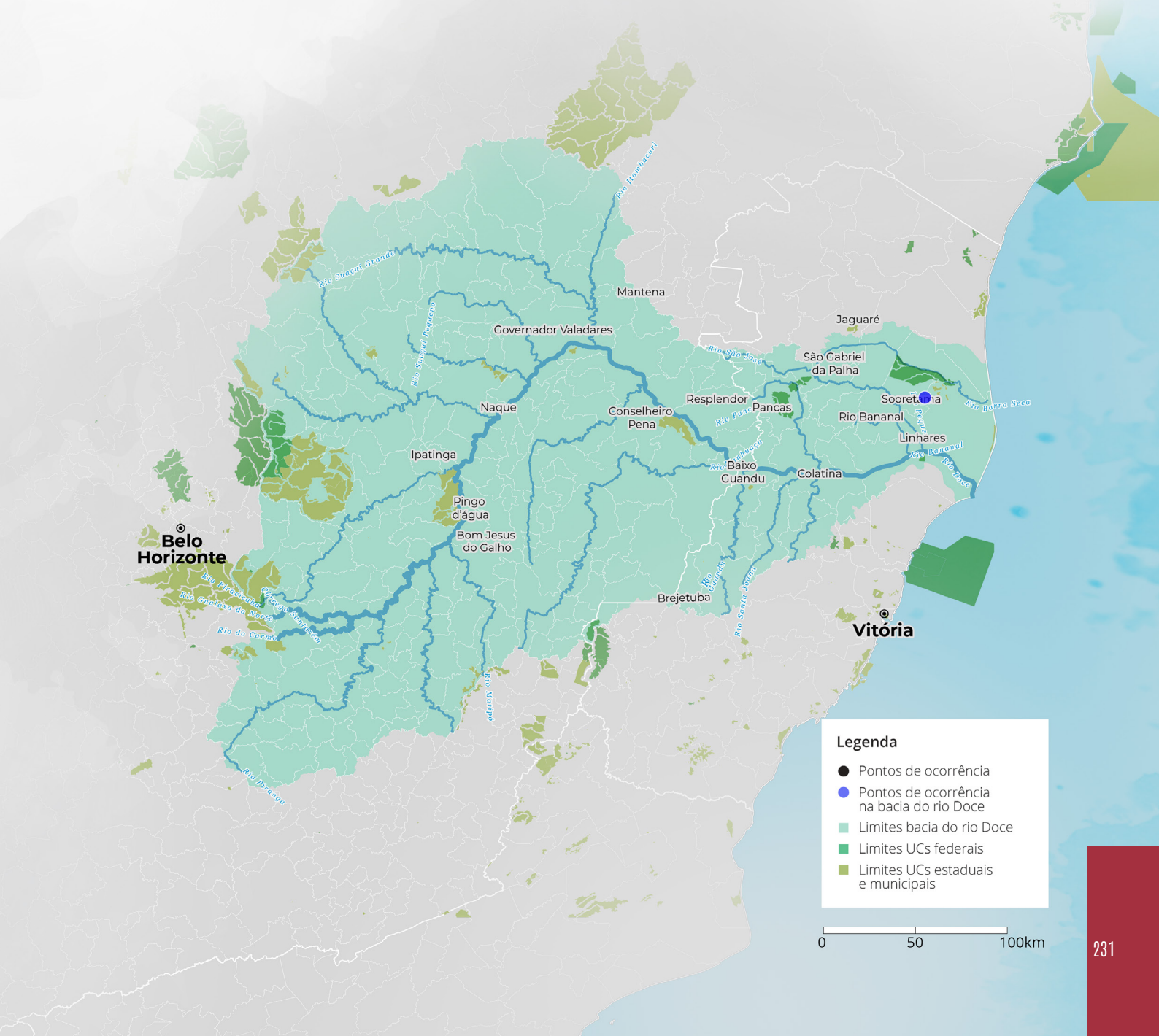
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Endêmica da Mata Atlântica, a subespécie *Pulsatrix perspicillata pulsatrix* historicamente ocorria ao longo da costa, desde o sudeste da Bahia até o nordeste do Rio Grande do Sul (Dickinson *et al.* 2013). A menção de sua ocorrência em outras regiões é uma extrapolação carente de fundamentação (WikiAves 2023). Suspeita-se que possa estar extinta em grande parte de sua ocorrência original, uma vez que o último registro documentado da subespécie ocorreu há quase 30 anos (1995), em Cambará do Sul, no estado do Rio Grande do Sul (Leal & Assis 2018). A espécie é registrada nos estados brasileiros de SP, RS, ES, SC, BA e PR. Na bacia do rio Doce, há um registro para o município de Sooretama – ES (CCO ECO-101 CONCREMAT 0015077), datado de 2017, nos arredores da Reserva Natural Vale.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Pulsatrix perspicillata pulsatrix:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: PSITTACIDAE

Pyrrhura cruentata (Wied-Neuwied, 1820)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: tiriba-grande, tiriba-de-cara-suja, fura-mato, cara-suja, tivira-fura-mato

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Espécie Monotípica.

INFORMAÇÕES GERAIS

Pyrrhura cruentata habita o dossel alto de diferentes tipos de formações florestais primárias do extremo leste do Brasil, utilizando também clareiras, bordas e áreas de vegetação florestal secundária madura, além de plantações de cacau (BirdLife 2023a). Aparentemente, há uma preferência por florestas ripárias bem conservadas (BirdLife 2023a). Vive em pares ou em bandos maiores, incluindo em sua dieta sementes, frutos e flores (Machado 1998; BirdLife 2023a). Utiliza ocos de árvores para instalar seus ninhos (BirdLife 2023a). O tempo de geração da espécie é de 6 anos (Silveira *et al.* 2023q). Devido à fragmentação contínua do habitat, suspeita-se que a espécie esteja em declínio (BirdLife 2023a), com densidade populacional global com menos de 10.000 indivíduos maduros e com subpopulações com no máximo 1.000 indivíduos maduros (Silveira *et al.* 2023q).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Pyrrhura cruentata*, conhecida popularmente como tiriba-grande, é uma ave endêmica da Mata Atlântica, dependente de florestas primárias ou secundárias maduras. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 20.603 km² e Área de Ocupação (AOO) de 140 km². O rompimento da barragem de Fundão resultou no acúmulo de água e sedimentos, afetando provavelmente o habitat da espécie em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos. Além disso, atualmente, cerca de 84% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem e mosaico de usos. Devido à fragmentação e à perda de habitat, suspeita-se que haja cerca de 10.000 indivíduos maduros remanescentes, sem nenhuma população contígua com mais de 1.000 indivíduos maduros. A espécie também é alvo de caça e perseguição para o comércio local e internacional. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo do número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie são a fragmentação e a perda da qualidade de habitat, devido à conversão das florestas para áreas de plantação. Além disso, a espécie também sofre com a caça e captura para comércio local e internacional (Silveira *et al.* 2023q). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como na redução da taxa de sobrevivência e/ou do sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo) (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, tamanho e tendência populacionais, ecologia e história de vida são necessárias para a espécie.

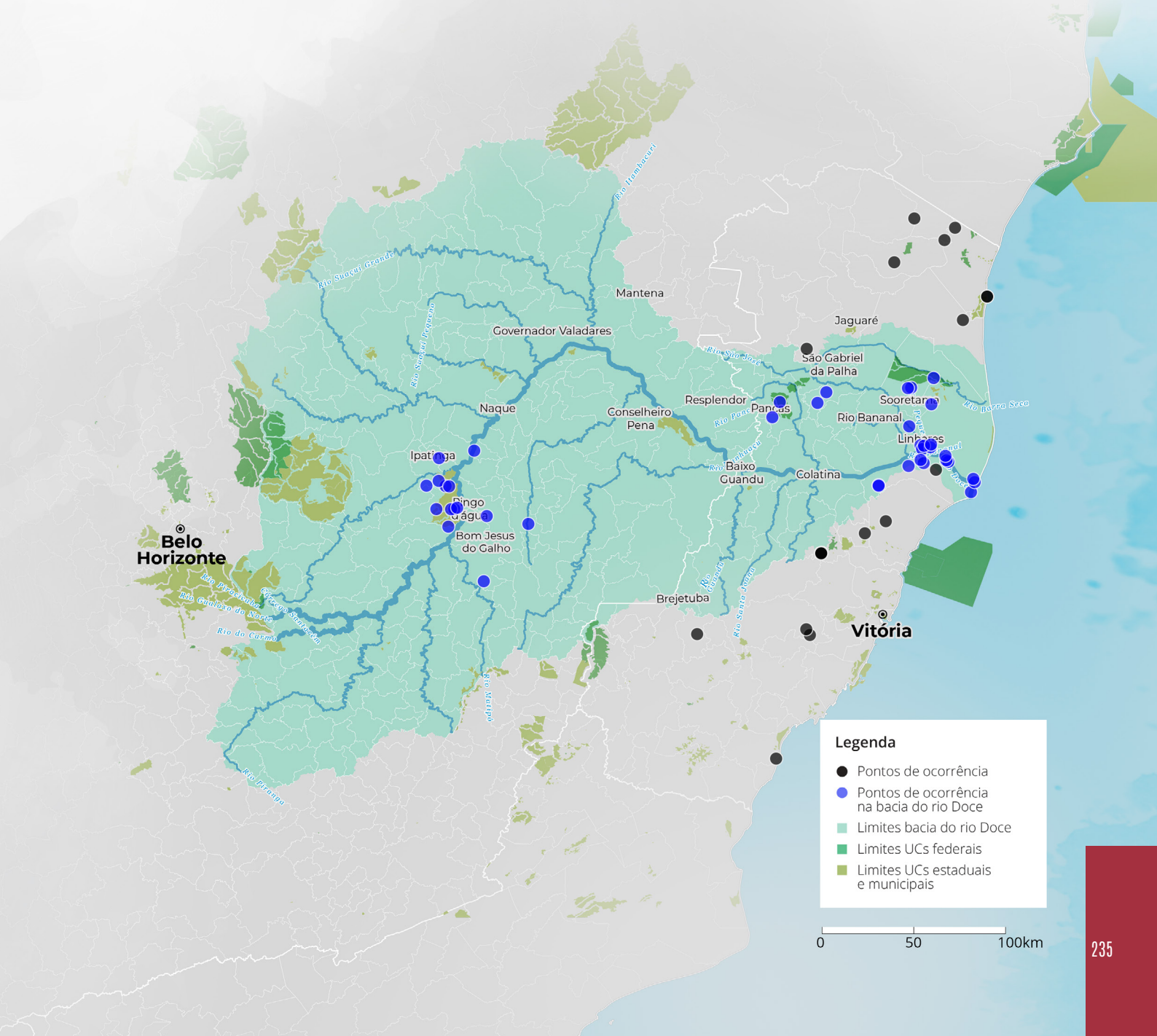
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica da Mata Atlântica, encontrada em uma área que se estende da Bahia até o Rio de Janeiro, abrangendo também a região leste de Minas Gerais BirdLife (2023a). Regionalmente, está restrita atualmente ao Parque Estadual do Rio Doce e arredores, na porção média da bacia, e a jusante, no baixo rio Doce, onde ocorre quase exclusivamente nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais. Associada às formações florestais de baixada, principalmente até 400 m de altitude, ocasionalmente alcançando altitudes maiores, até os 900 m (BirdLife 2023a).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Pyrrhura cruentata:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; MONA dos Pontões Capixabas; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: PSITTACIDAE

Pyrrhura leucotis (Kuhl, 1820)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: tiriba-de-orelha-branca, querequetê, tiriba-pequena, fura-mato-pequeno

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Espécie monotípica.

INFORMAÇÕES GERAIS

Pyrrhura leucotis habita preferencialmente o dossel de diferentes tipos de formações florestais primárias do extremo leste do Brasil, encontrada também em clareiras, bordas e áreas de vegetação florestal secundária madura, além de plantações de cacau (Collar *et al.* 2020b; BirdLife International 2023n). Vive em pares ou em bandos maiores, incluindo em sua dieta sementes, frutos e flores. Pouco se sabe sobre sua biologia reprodutiva, mas parece utilizar ocos de árvores para instalar seus ninhos (Camacho 2016). O tempo de geração estimado para a espécie é de 6 anos (Silveira *et al.* 2023r).

A espécie enfrenta um declínio populacional persistente, sendo impactada pela perda contínua de habitat, particularmente devido à expansão urbana e alterações no sistema de cultivo do cacau. Além disso, a captura ilegal para o comércio local e internacional de aves silvestres contribui para essa tendência preocupante. Há suspeitas de que a espécie esteja em declínio constante, apresentando uma densidade populacional global estimada em menos de 10.000 indivíduos maduros, com subpopulações contendo no máximo 1.000 indivíduos maduros (Silveira *et al.* 2023r).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Pyrrhura leucotis*, conhecida popularmente como tiriba-de-orelha-branca, é uma ave endêmica da Mata Atlântica, dependente de florestas primárias ou secundárias maduras. O rompimento da barragem impactou os locais de ocorrência e o habitat da espécie, alterando a condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos. Além disso, cerca de 79% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem e mosaico de usos. Devido à fragmentação e perda de habitat, suspeita-se que haja 10.000 indivíduos maduros remanescentes, sem nenhuma população contígua com mais de 1.000 indivíduos maduros. A espécie também é alvo de caça e perseguição para o comércio local e internacional. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo do número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças à espécie são a perda e fragmentação do habitat, bem como a captura para o comércio ilegal. A população de *P. leucotis* tem declinado devido ao desmatamento decorrente da expansão urbana e pecuária, além de alterações no sistema de cultivo do cacau. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat, decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como devido à redução da taxa de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo) (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, tamanho e tendência populacionais, ecologia e história natural são necessárias para a espécie.

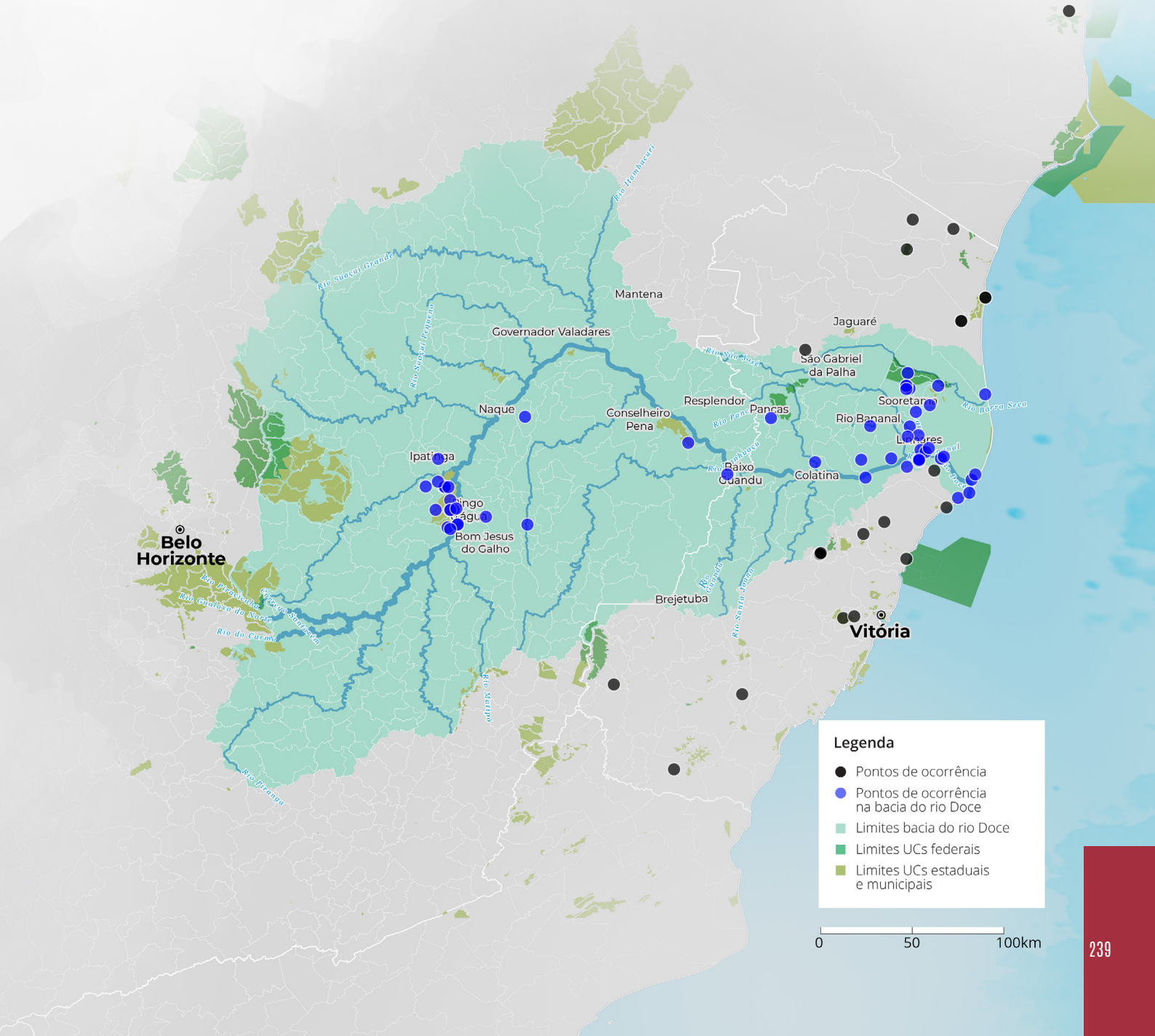
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica da Mata Atlântica, encontrada na Bahia, no Espírito Santo e no Rio de Janeiro, além da região leste de Minas Gerais. Na bacia do rio Doce, é encontrada no Parque Estadual do Rio Doce e arredores, na porção média da bacia, e a jusante, no baixo rio Doce, onde ocorre quase exclusivamente nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais. É encontrada em formações florestais de baixada de até 600 m de altitude (BirdLife International 2023n). Na bacia do rio Doce, apresenta Extensão de Ocorrência (EOO) de 19.604 km² e Área de Ocupação (AOO) de 188 km².

MAPA DE OCORRÊNCIA *Pyrrhura leucotis:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; PE Sete Salões; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: RHYNCHOCYCLIDAE

Rhynchocyclus olivaceus olivaceus (Temminck, 1820)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: bico-chato-grande, bico-chato-oliváceo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Rhynchocyclidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Rhynchocyclus olivaceus olivaceus é uma ave terrestre com habitat nas florestas subtropicais/tropicais úmidas e pântanos. Essa subespécie não apresenta padrões migratórios (BirdLife International 2017b). É preferencialmente encontrada no estrato inferior de florestas úmidas, incluindo matas secundárias, geralmente abaixo de 500 m de altitude (Cäsar *et al.* 2019).

Não há informações disponíveis sobre o tamanho e tendência populacionais para a subespécie. O tempo de geração é estimado em 3,7 anos para a espécie *Rhynchocyclus olivaceus* (BirdLife International 2017b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii.iii,iv)+2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Rhynchocyclus olivaceus olivaceus*, popularmente conhecida como bico-chato-grande, é uma ave encontrada no leste do Brasil, desde o estado de Pernambuco até o Rio de Janeiro. A espécie habita o estrato inferior de florestas úmidas, incluindo matas secundárias, geralmente abaixo de 500 m de altitude. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 3.796 km², com Área de Ocupação (AOO) de 20 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. A principal ameaça para a subespécie é o desmatamento do seu habitat devido à expansão da pecuária; atualmente, cerca de 66% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens e 14% em mosaicos de usos. A subespécie também pode ter sido afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, estando suscetível à perda e alterações no seu habitat, alterações na conectividade da paisagem, mortalidade por inundação e redução da taxa de sobrevivência e reprodução. Além disso, está ausente de quaisquer áreas protegidas. Desta maneira, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" de extinção na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre imigração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, e há indícios de sua presença na área afetada pelo rompimento da barragem. Como resultado, a espécie pode ter sido impactada por diversos fatores, incluindo perda e alteração de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos; alterações na conectividade da paisagem; mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos; e redução da sobrevivência ou sucesso reprodutivo (Golder Associates 2016). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 80% da EOO convertidas em áreas de pastagem e outros usos do solo.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre tamanho e tendência populacionais, bem como o monitoramento das populações da subespécie, além de dieta, tamanho de área de vida, aspectos reprodutivos e comportamentais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Rhynchocyclus olivaceus olivaceus:*

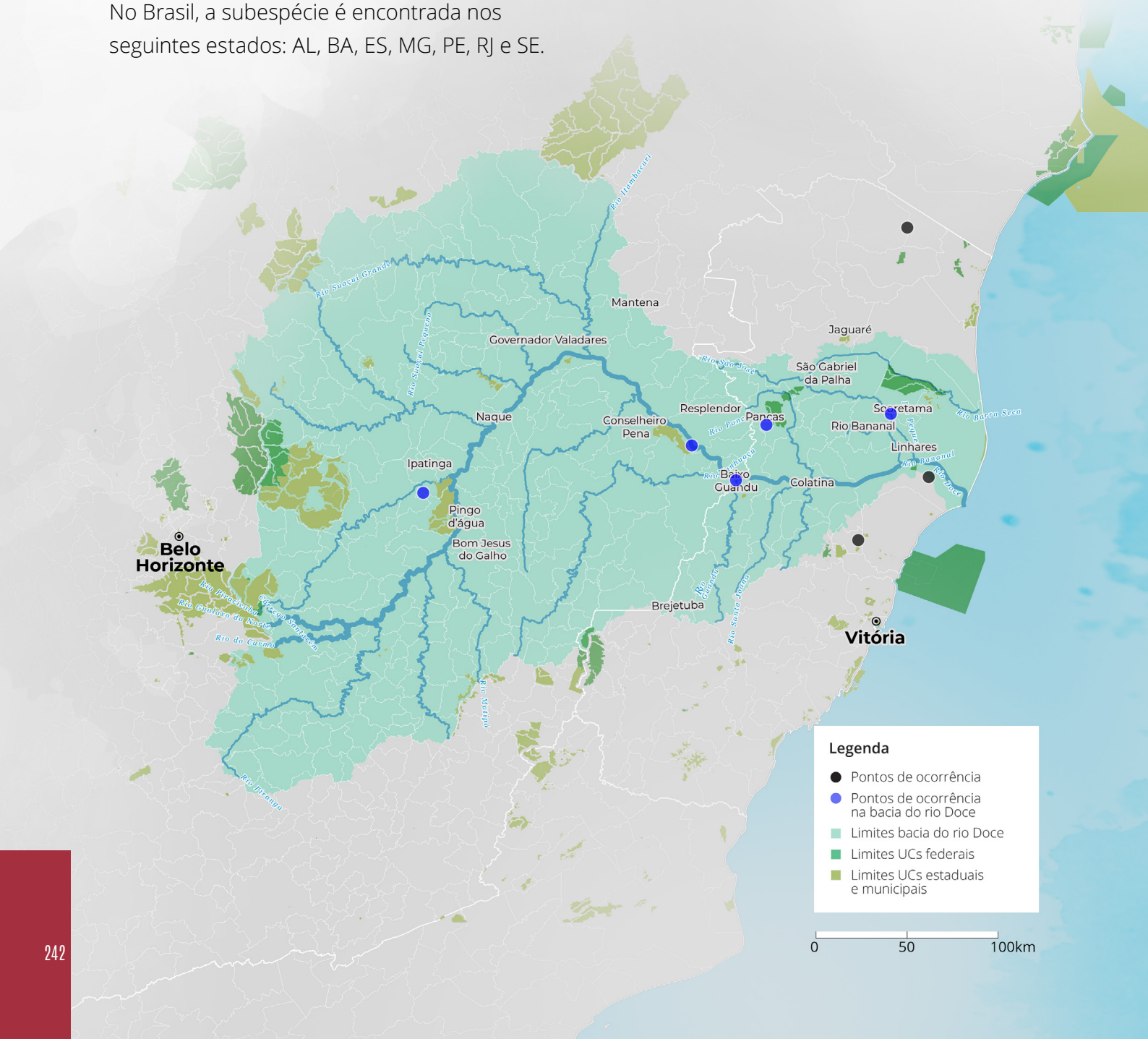
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Rhynchocyclus olivaceus possui duas populações alopátricas distribuídas em diferentes regiões do Brasil. A população de *R. o. olivaceus* é encontrada na Mata Atlântica do leste do país, de Pernambuco ao Rio de Janeiro, enquanto a população de *R. o. sordidus* ocorre no sudeste da Amazônia, a leste do rio Tapajós, com a localidade tipo em Santarém, Pará (Simões *et al.* 2022).

No Brasil, a subespécie é encontrada nos seguintes estados: AL, BA, ES, MG, PE, RJ e SE.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: TYRANNIDAE

Rhytipterna simplex simplex (Lichtenstein, 1823)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: vissiá, maria-cinza, planadeira, planadeira-cinza

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Tyrannidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Rhytipterna simplex é uma ave terrestre não migratória que habita florestas. Embora não existam informações precisas sobre a continuidade da diminuição de sua área de ocorrência, extensão e qualidade de habitat, há indícios de que a espécie possa estar enfrentando ameaças (BirdLife International 2016h). *Rhytipterna simplex simplex* é uma subespécie de ave insetívora, que vive nos estratos médio e superior de Florestas Ombrófilas e Semidecíduas na Mata Atlântica.

Não há informações sobre o tamanho e tendência populacionais da subespécie *Rhytipterna simplex simplex*. A população global de *Rhytipterna simplex* não foi quantificada, mas a espécie é descrita como "bastante comum". O tempo de geração é estimado em 3,6 anos, e suspeita-se de que ela possa perder de 15,6% a 17,2% do habitat adequado dentro de sua distribuição ao longo de três gerações (11 anos), com base em um modelo de desmatamento na Amazônia. Portanto, estima-se que possa declinar em menos de 25% ao longo de três gerações (BirdLife International 2016h).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii.iii)+2ab(i,ii,iii)

Categoria: **VU**

Justificativa: *Rhytipterna simplex simplex*, popularmente conhecida como vissiá, é uma ave que ocorre na costa brasileira desde o estado da Paraíba até São Paulo, encontrada principalmente nos estratos médio e superior das Florestas Ombrófilas e Semidecíduas da Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 13.231 km², com Área de Ocupação (AOO) de 28 km² e seis localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou os locais de ocorrência da subespécie, causando alteração e perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, redução nas taxas de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo em decorrência de alterações nas cadeias alimentares aquáticas, bem como mortalidade direta de indivíduos por inundação. Além disso, aproximadamente 78% da EOO da subespécie estão convertidas em áreas de pastagens, e 9% em mosaico de usos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: VU (COPAM 2010)

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, podendo ter sido impactada pela perda de ecossistemas devido à erosão e deposição de rejeitos, mudanças na condição do ecossistema pela erosão e deposição, mortalidade por inundação e possíveis efeitos adversos na sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares aquáticas (Golder Associates

2016). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 88% da EOO convertidas em áreas de pastagem e outros usos do solo.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho, tendência e monitoramento populacionais.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Rhytipterna simplex simplex ocorre na costa nordestina do Brasil e no sudeste, desde o estado da Paraíba até São Paulo (WikiAves 2023). No Brasil, a espécie é encontrada nos seguintes estados: AL, BA, ES, MG, PB, RJ e SP.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Rhytipterna simplex simplex:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do rio Doce.

FAMÍLIA: COTINGIDAE

Schiffornis turdina turdina (Wied-Neuwied, 1831)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: flautim-marrom

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Schiffornis turdina turdina ocorre principalmente na Mata Atlântica de baixa altitude entre a costa da Bahia e o Rio de Janeiro, no interior de Florestas Úmidas de Baixada, sendo raramente observada em suas bordas. As populações dessa subespécie sofrem com o intenso desmatamento, encontrando-se isoladas em fragmentos florestais (Cäsar *et al.* 2019). Não há informação sobre tamanho e tendência populacionais. O tempo de geração é estimado em 4,6 anos (para a espécie *Schiffornis turdina*).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Schiffornis turdina turdina*, popularmente conhecida como flautim-marrom, é uma ave com distribuição restrita do sul do estado da Bahia até o sul do estado do Espírito Santo. Ocorre principalmente no interior de Florestas Úmidas de Baixada, associada à Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 5.873 km², com Área de Ocupação (AOO) de 40 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da subespécie, causando mudanças na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos. Os demais registros fora da área afetada estão em fragmentos florestais; atualmente, cerca de 63% da EOO foram convertidas em áreas de pastagem e 14% em mosaico de usos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade do habitat. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Schiffornis turdina turdina possui registros na área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão, podendo ser impactada por mudanças na condição dos ecossistemas em função da erosão e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). As populações da referida subespécie, presentes na Mata Atlântica de baixa altitude entre a costa da Bahia e o Rio de Janeiro, enfrentam o impacto do intenso desmatamento, resultando em isolamento em fragmentos florestais, região previamente intensamente ocupada e ainda sujeita à contínua perda de habitat (Cäsar *et al.* 2019). Ademais, 63% da EOO estão convertidas em áreas de pastagem, 14% em mosaico de usos, 1% em áreas urbanizadas e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais são necessárias para a subespécie.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Schiffornis turdina turdina:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Schiffornis turdina turdina ocorre na região Sudeste do Brasil, do sul do estado da Bahia ao Espírito Santo, Minas Gerais, até o estado do Rio de Janeiro (WikiAves 2023).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: FLONA de Goytacazes.

FAMÍLIA: FURNARIIDAE

Sclerurus caudacutus umbretta (Lichtenstein, 1823)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: vira-folha-pardo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Sclerurus caudacutus umbretta é uma subespécie de ave terrestre e insetívora, endêmica da Mata Atlântica, onde habita florestas primárias ou em estado de regeneração avançado (Golder Associates 2016). Não existem dados disponíveis acerca do tamanho e tendência populacionais da subespécie, embora o tempo de geração seja estimado em cerca de 3,4 anos (BirdLife International 2023o). O tamanho da população global não foi quantificado, entretanto, esta espécie é caracterizada como pouco comum a relativamente comum (BirdLife International 2018d).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Sclerurus caudacutus umbretta*, popularmente conhecida como vira-folha-pardo, é uma ave endêmica da Mata Atlântica brasileira, encontrada em áreas de florestas primárias ou em estágio avançado de regeneração. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 791 km², com Área de Ocupação (AOO) de 12 km² e duas localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão pode ter afetado os locais de ocorrência da subespécie, com impactos relacionados a mudanças na condição do habitat devido à erosão, deposição de rejeitos e detritos, além de redução na sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido às alterações nas cadeias alimentares. Ademais, aproximadamente 69% da EOO da subespécie foram convertidas em áreas de pastagens, mosaico de usos e áreas urbanizadas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: CR (Brasil 2022).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Sclerurus caudacutus umbretta pode ter sido indiretamente afetada pelo rompimento da barragem Fundão, conforme indicado no Relatório Técnico Golder Associates (2016), com vetores de impacto relacionados a mudanças na condição do habitat devido à erosão, deposição de rejeitos e detritos, além de redução na sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 56% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagem, 9% em mosaico de usos e 4% em área urbanizada.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Sclerurus caudacutus umbretta:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Sclerurus caudacutus não é endêmica do Brasil, porém *Sclerurus caudacutus umbretta* sim. A subespécie ocorre entre Alagoas e Espírito Santo (BirdLife International 2023o).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.

FAMÍLIA: RHINOCRYPTIDAE

Scytalopus iraiensis
Bornschein, Reinert & Pichorim, 1998

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: tapaculo-da-várzea, macuquinho-da-várzea

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Rhinocryptidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Scytalopus iraiensis é encontrada em áreas de campo alto e denso (60-180 cm de altura) nas planícies aluviais de cursos d'água, com a presença de mata ciliar (BirdLife International 2016i). Na planície costeira do extremo sul do Brasil, ocorre em habitats de turfeiras, campos periodicamente inundados e dominados por *Eleocharis* sp. e várias outras espécies de *Cyperaceae e Poaceae* (BirdLife International 2016i). Na vegetação densa próxima ao solo, escalando caules e arbustos, a alimentação da espécie envolve pequenos artrópodes, enquanto o período de reprodução ocorre durante a primavera

austral tardia e possivelmente também no verão (BirdLife International 2016i).

Scytalopus iraiensis apresenta uma tendência populacional decrescente, com uma estimativa de 250-999 indivíduos maduros; sua população total é estimada entre 375 e 1.499 indivíduos, encontrando-se severamente fragmentada e experimentando um declínio contínuo (BirdLife International 2016i). O declínio é justificado pela suspeita de rápida redução populacional decorrente da perda de habitat, com a taxa de declínio esperada para acelerar nos próximos dez anos (BirdLife International 2016i). A população não apresenta flutuações extremas, estimando-se a existência de 2 a 100 subpopulações, algumas em declínio contínuo, sendo a maior delas composta por 51 a 250 indivíduos (BirdLife International 2016i).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Scytalopus iraiensis*, popularmente conhecido como tapaculo-da-várzea, é uma ave endêmica do Brasil, encontrada em áreas de habitat altamente fragmentadas, como pastagens densas e altas, vegetações próximas a matas de galeria e corpos d'água, e pastagens alagadas. Sua distribuição abrange os biomas Cerrado e Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 5.392 km², com Área de Ocupação (AOO) de 56 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. A espécie provavelmente foi afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, gerando alteração na qualidade e perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e modificação na conectividade da paisagem. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 20% da EOO convertidas em pastagens, 3% em silvicultura, 2% em mineração e 1% em mosaico de usos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" de extinção na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017), Passeriformes dos Campos Sulinos (ICMBio 2012b), Aves dos Campos Sulinos (ICMBio 2021b) e Aves da Amazônia (ICMBio 2016). É considerada espécie beneficiada do PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie incluem a perda de qualidade e fragmentação do habitat, urbanização, desenvolvimento industrial, construção de rodovias e, adicionalmente, a conversão do habitat para agropecuária (BirdLife International 2023p). A espécie provavelmente foi afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, sendo os possíveis impactos a mudança na qualidade e perda de habitat resultante da erosão e deposição de rejeitos, além de alterações na conectividade da paisagem. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 20% da EOO convertidas em pastagens, 3% em silvicultura, 2% em mineração e 1% em mosaico de usos.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais e distribuição da espécie são necessárias. Além disso, é importante investigar o tamanho do território, aspectos reprodutivos e genéticos.

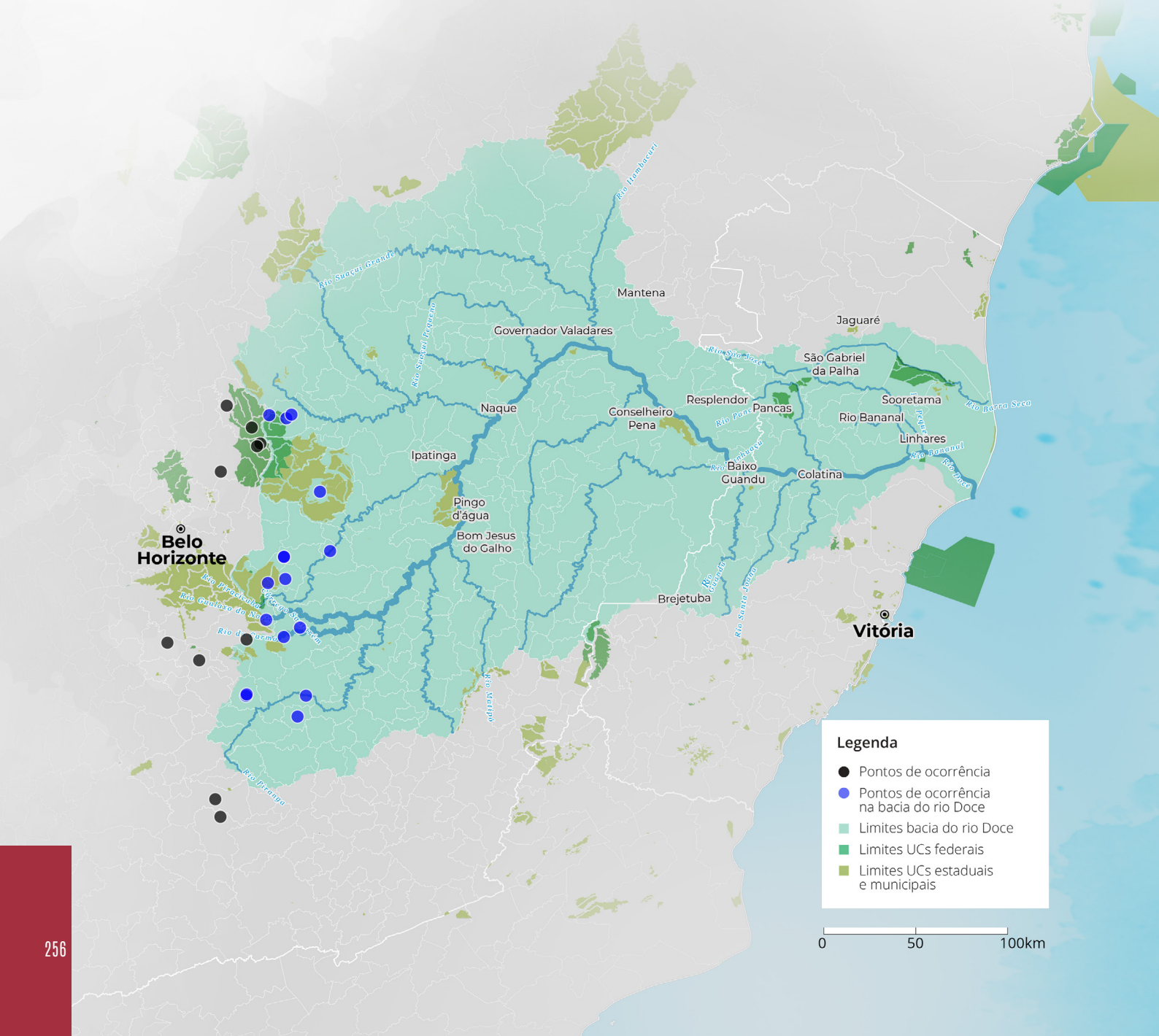
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Scytalopus iraiensis é endêmica do Brasil, sendo encontrada nos estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, em altitudes que variam entre 750 e 950 m (BirdLife International 2023p). A possível ocorrência de *Scytalopus iraiensis* no estado de São Paulo não foi confirmada até o momento; contudo, levantamentos recentes em Banhado do Maçarico, no estado do Rio Grande do Sul, indicaram uma densidade de aproximadamente 0,5 indivíduos por hectare, resultando em uma estimativa populacional de cerca de 200 casais reprodutores (400 indivíduos) (BirdLife International 2016i).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Scytalopus iraiensis:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: RPPN Aves Gerais; APA Morro da Pedreira; APA Sul-RMBH.



FAMÍLIA: ACCIPITRIDAE

Spizaetus ornatus ornatus (Daudin, 1800)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: gavião-de-penacho, águia-de-penacho, apacanim

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Cathartiformes

Família: Accipitridae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Spizaetus ornatus inclui duas subespécies, sendo que somente *Spizaetus o. ornatus* ocorre em toda a distribuição geográfica da espécie em território brasileiro (Iliff 2020).

INFORMAÇÕES GERAIS

Spizaetus ornatus ornatus é uma das aves de rapina mais robustas do Brasil (Pallinger & Menq 2021). Apesar de ser uma espécie estritamente florestal e discreta, plana e vocaliza frequentemente sobre seu território acima da floresta, tornando-se uma espécie moderadamente fácil de ser detectada nos locais onde ocorre (Pallinger & Menq 2021). Necessita de uma extensa área de vida, ocupando principalmente o dossel de florestas primárias ou secundárias maduras (Iliff 2020; Pallinger & Menq 2021; Silveira *et al.* 2023b). Durante o forrageamento, pode utilizar estratos mais baixos da floresta (Pallinger & Menq 2021). Entre suas presas estão incluídos mamíferos e aves de médio porte, além de répteis (Pallinger & Menq 2021). A espécie utiliza árvores emergentes entre 20-40 m de altura para instalar seu ninho enorme, que pode ser reutilizado por várias temporadas reprodutivas, produzindo apenas um filhote a cada dois ou três anos (Pallinger & Menq 2021). A necessidade de árvores de grande porte e florestas extensas, juntamente com sua baixa taxa reprodutiva e baixa densidade populacional, torna a espécie suscetível à extinção. Apesar da falta de informações detalhadas sobre a espécie, evidências indicam declínio nas subpopulações de *S. ornatus*, especialmente em áreas desmatadas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Apesar de sua distribuição ampla, a espécie é considerada pouco numerosa. Com base em um estudo em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, estima-se que a população brasileira de *Spizaetus ornatus ornatus* seja de, no máximo, 28.920 indivíduos, dos quais aproximadamente 19.087 são adultos, representando cerca de 66% da população total da espécie. No entanto, é possível que a densidade populacional seja menor, pois a espécie evita áreas florestais menores que 1.000 ha. Apesar dessa ressalva, é improvável que a população brasileira de *S. ornatus* seja inferior a 10.000 indivíduos adultos (Silveira *et al.* 2023b). O tempo de geração estimado para a espécie é de 8,62 anos. Quanto ao uso, *Spizaetus ornatus ornatus* é caçado e perseguido em toda a sua distribuição geográfica (BirdLife International 2022c).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Spizaetus ornatus ornatus*, popularmente conhecida como gavião-de-penacho, é uma águia robusta com uma distribuição ampla, mas fortemente associada a florestas extensas relativamente bem preservadas. Apresenta baixa densidade populacional e é moderadamente sensível a perturbações em seu habitat. Encontrada em grande parte do Brasil, especialmente na Amazônia e na Mata Atlântica, região onde suas populações têm declinado significativamente devido à elevada taxa de desmatamento. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 48.353 km², com Área de Ocupação (AOO) de 68 km² e oito localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com impactos

relacionados a alterações e perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, bem como mortalidade direta de indivíduos por inundação. Além disso, cerca de 70% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagens, mosaico de usos, silvicultura e plantações de café e é caçada e perseguida em toda a sua distribuição geográfica. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Apêndice II.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças a *Spizaetus o. ornatus* estão relacionadas à fragmentação e perda da qualidade do habitat devido ao desmatamento, além do abate ilegal (BirdLife International 2023q; Silveira *et al.* 2023b). Além disso, a espécie possui registros nas áreas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Além disso, 62% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagens, 6% em mosaico de usos, 1% em afloramentos rochosos e 1% em áreas de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais, história natural e ecologia, bem como ameaças, são necessárias para entender como e o quanto a fragmentação do habitat pode estar impactando a espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

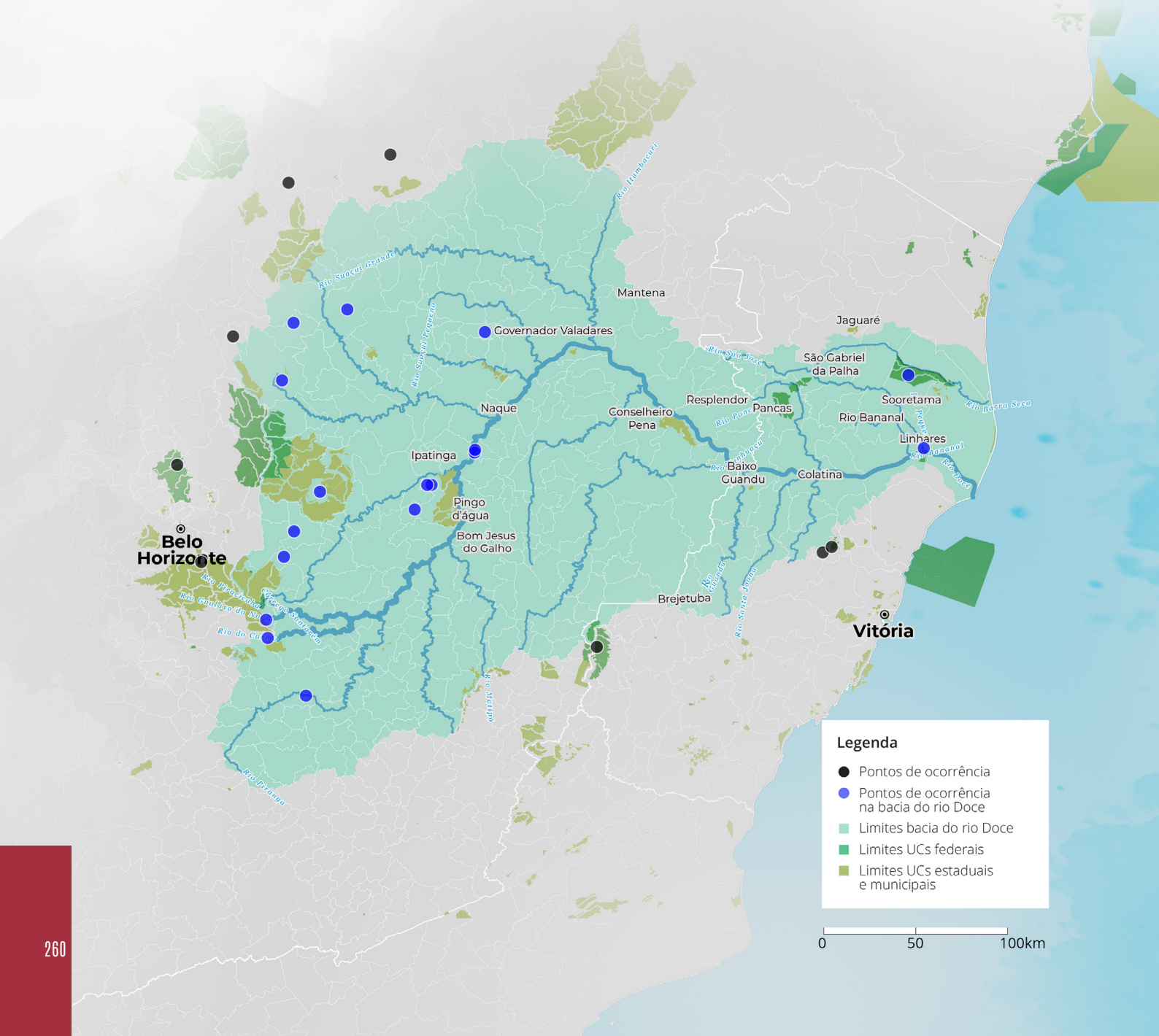
Espécie com ampla distribuição na América do Sul, ocupando ecossistemas florestais extensos, ocorrendo em florestas desde o nível do mar até cerca de 1.800 m (Pallinger & Menq 2021). Regionalmente, a espécie possui registros concentrados nas áreas que ainda apresentam maior cobertura florestal, especialmente nos contrafortes da cordilheira do Espinhaço e próximo ao Parque Estadual do Rio Doce, além do baixo rio Doce, onde ocorre nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais.

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: AC, AM, AP, BA, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PI, PR, RJ, RN, RO, RR, RS, SC, SE, SP e TO.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Spizaetus ornatus ornatus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: ACCIPITRIDAE

Spizaetus tyrannus (Wied-Neuwied, 1820)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: gavião-pega-macaco, cutiú-preto, águia-pega-macaco, caturi

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Cathartiformes

Família: Accipitridae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Spizaetus tyrannus inclui duas subespécies de ocorrência em território brasileiro, com diferenças sutis entre elas (Quintero & Jácome 2020). *Spizaetus t. tyrannus* é o táxon que ocorre ao sul e sudeste do Brasil, nos domínios da Mata Atlântica. Dada a ampla distribuição de *S. tyrannus* em diferentes tipos de formações florestais nas Américas Central e do Sul, aliada à sua notável capacidade de dispersão, é possível que essas subespécies representem mera variação clinal ou mesmo individual, sem que haja alguma estruturação geográfica de maior relevância. Mais estudos são necessários para elucidar a variação encontrada nessa espécie.

INFORMAÇÕES GERAIS

Spizaetus tyrannus é um dos rapinantes mais robustos do Brasil (Pallinger & Menq 2021). Apesar de ser uma espécie estritamente florestal, plana e vocaliza regularmente sobre seu território acima da floresta, tornando-se uma espécie facilmente detectada nos locais onde ocorre (Pallinger & Menq 2021). Necessita de uma extensa área de vida, embora tolere certo grau de fragmentação florestal (Quintero & Jácome 2020; Pallinger & Menq 2021). Ocupa o dossel e subdossel de florestas primárias ou secundárias maduras, onde caça mamíferos arborícolas crepusculares ou noturnos de pequeno e médio porte, além de aves (Quintero & Jácome 2020; Pallinger & Menq 2021). A espécie instala seu ninho enorme no dossel da floresta, a uma altura entre 20 e 40 m, produzindo apenas um filhote a cada dois ou três anos (Quintero & Jácome 2020; Pallinger & Menq 2021). O mesmo ninho pode ser reaproveitado por várias temporadas reprodutivas consecutivas (Pallinger & Menq 2021). A necessidade de árvores de grande porte e florestas extensas, juntamente com sua baixa taxa reprodutiva e baixa densidade populacional, torna a espécie suscetível à extinção. O tempo de geração é estimado em 8,1 anos. Além disso, é válido ressaltar que em algumas regiões do interior do país, a espécie enfrenta o perigo da caça ilegal, motivada tanto pela alimentação quanto pelo esporte (Soares *et al.* 2008b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Spizaetus tyrannus*, popularmente conhecida como gavião-pega-macaco, é uma águia robusta com uma distribuição ampla, no entanto, sua presença está especialmente vinculada a alta cobertura florestal, sendo considerada uma espécie de sensibilidade média às perturbações em seu habitat. Encontrada em grande parte do leste do Brasil, especialmente vinculada à Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 51.920 km², com Área de Ocupação (AOO) de 128 km² e dez localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão possivelmente impactou os locais de ocorrência da espécie, gerando alterações na qualidade e perda de habitat resultantes da erosão e deposição de rejeitos, bem como mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, os registros fora da área afetada encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com aproximadamente 71% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagens, mosaico de usos, café e silvicultura. Além do desmatamento, a espécie também está sujeita ao abate e captura ilegal, uma pressão comum sobre muitas aves de rapina.

Diante desse cenário, infere-se um declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

PATs/PANs: PAN Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Spizaetus tyrannus pode ter sido afetada tanto diretamente quanto indiretamente pelo rompimento da barragem de Fundão. A espécie encontra-se nas áreas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Os possíveis impactos do rompimento da barragem para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Além disso, atualmente 61% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 7% em mosaico de usos, 2% em plantações de café e 1% em silvicultura.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais, história natural e ecologia, bem como ameaças, são necessárias para entender como e o quanto a fragmentação do habitat pode estar impactando a espécie.

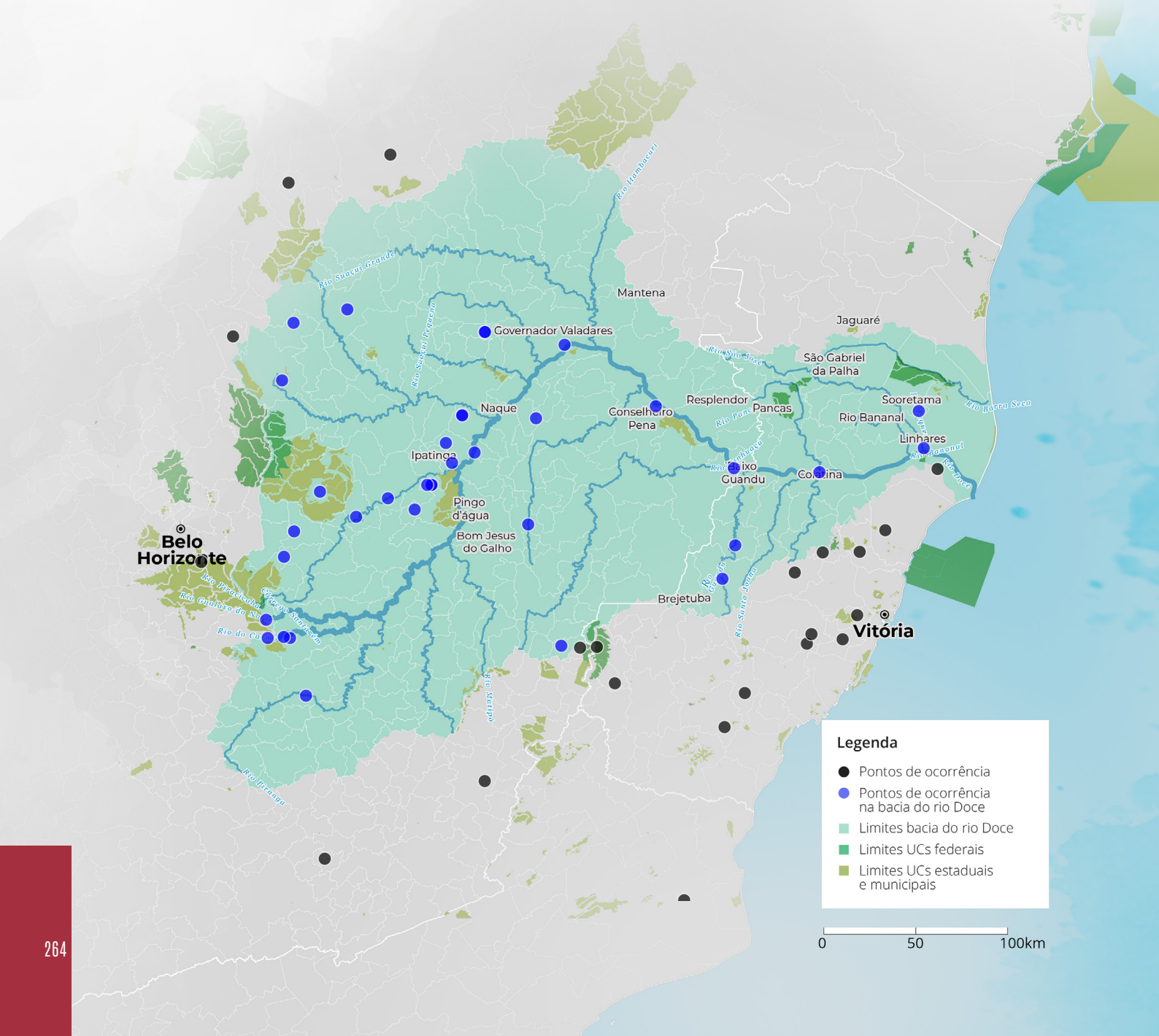
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie com ampla distribuição no leste do Brasil, onde ocupa ecossistemas florestais extensos. Ocorre em florestas desde o nível do mar até cerca de 2.000 m (Pallinger & Menq 2021). Regionalmente, a espécie está distribuída ao longo de toda a bacia do rio Doce, mas com registros concentrados nas áreas que ainda apresentam maior cobertura florestal, especialmente nos contrafortes da cordilheira do Espinhaço e próximo ao Parque Estadual do Rio Doce.

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: AL, PE, RJ, ES, RS, PR, RN, SC, MG, BA e SP.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: THRAUPIDAE

Sporophila angolensis angolensis (Linnaeus, 1766)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: curió

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Sporophila angolensis habita áreas de vegetação próxima a rios e lagos, bem como florestas secundárias (BirdLife International 2023r). Não há dados disponíveis sobre o tamanho e tendência populacionais desta subespécie. Entretanto, estima-se que o tempo de geração seja de cerca de 3,8 anos para *Sporophila angolensis* (BirdLife International 2023r).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(iii,iv,v).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Sporophila angolensis angolensis*, popularmente conhecida como curió, é uma ave não endêmica do Brasil que ocorre em vegetação próxima a rios e lagos, bem como em florestas secundárias. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) e Área de Ocupação (AOO) são de 4 km² e com uma localização condicionada à ameaça. O rompimento da barragem de Fundão pode ter afetado os locais de ocorrência da espécie, gerando alterações na qualidade e perda de habitat decorrentes da erosão e deposição de rejeitos, modificações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação. Além disso, a captura ilegal para ser mantida como pássaro de estimação, emerge como a principal ameaça para a espécie, levando ao seu desaparecimento em regiões densamente habitadas. Diante desse cenário, infere-se o declínio da qualidade de habitat e o número de localizações condicionadas a ameaças de indivíduos maduros. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" de extinção na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Sporophila angolensis angolensis é amplamente procurada como ave de estimação, mantida em gaiolas, o que é reconhecido como a principal ameaça responsável pelo declínio da espécie em áreas densamente habitadas do país (WikiAves 2023). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais, ao tamanho do território, área de vida, restauração do ecossistema da espécie; além de estudos de distribuição potencial para a espécie e genética são fundamentais para compreender a dinâmica e a saúde dessas populações.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Sporophila angolensis angolensis:*

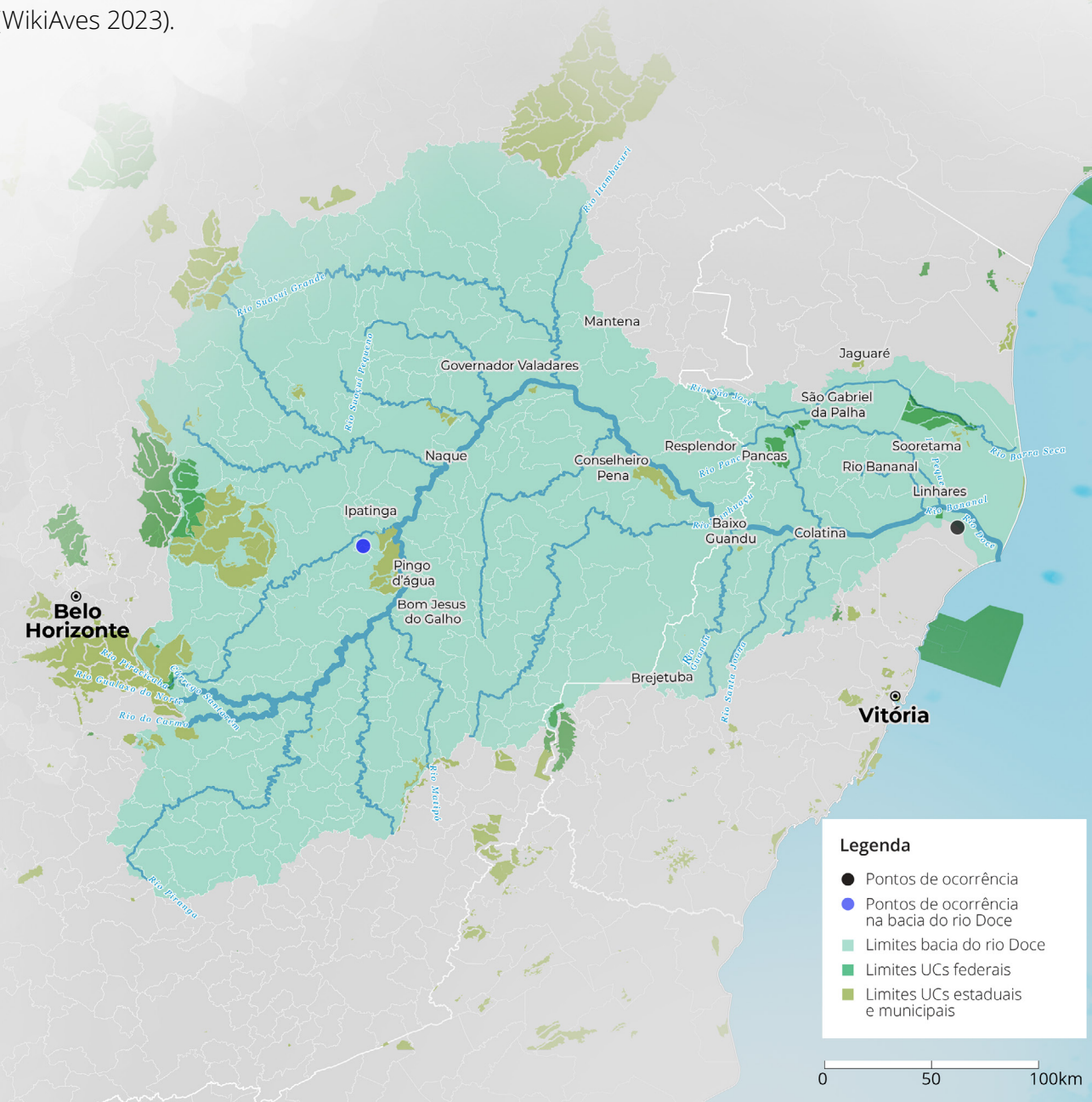
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Sporophila angolensis distribui-se por quase todo o território nacional, desde a região amazônica até o Rio Grande do Sul (WikiAves 2023). Além disso, é encontrada em quase todos os países da América do Sul, com exceção do Chile (WikiAves 2023). Em relação a *S. a. angolensis*, ela é encontrada desde o Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil até o Rio Grande do Sul, estendendo-se ao Paraguai, Uruguai e nordeste da Argentina (WikiAves 2023).

No Brasil, a espécie está presente nos seguintes estados: ES, MT, RJ, GO, SP, SC, RS, MG, PB, BA, PR, PE, MS, SE e DF.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: THRAUPIDAE

Sporophila falcirostris (Temminck, 1820)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: cigarra-verdadeira

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Sporophila falcirostris possui dependência com a floração dos bambus, do qual se alimenta (BirdLife International 2023s). Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais, sendo a espécie considerada rara (BirdLife International 2023s). Em relação ao uso, há registros de comercialização ilegal da espécie. O tempo de geração estimado é de aproximadamente 4,8 anos (BirdLife International 2023s).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Sporophila falcirostris*, popularmente conhecida como cigarra-verdadeira, é uma ave não endêmica do Brasil com ampla distribuição na região costeira do Brasil, desde a Bahia até Santa Catarina. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 47.862 km², com Área de Ocupação (AOO) de 68 km² e nove localizações condicionadas a ameaças. A espécie é caracterizada por uma AOO restrita na bacia do rio Doce, sendo considerada rara e dependente de flores/sementes de bambu para sua alimentação. O rompimento da barragem de Fundão afetou os locais de ocorrência da espécie, resultando no acúmulo de água e sedimentos e, consequentemente, em mudanças nas condições do habitat. A conversão de seu habitat em pastagens é a principal ameaça à espécie. Atualmente, cerca de 63% na bacia do rio Doce foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações sujeitas à ameaça. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e Manguezal (ICMBio 2015b). É considerada espécie beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie são a perda da qualidade e a fragmentação de habitat, e a destruição de bambus, cujas flores servem de alimento à espécie. (BirdLife International 2023s).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais. Além disso, estudos sobre distribuição, genética, ecologia e história natural, bem como distribuição potencial da espécie e das espécies de bambu se fazem necessários, a fim de entender a relação da espécie com o bambu e com quais espécies de bambu a espécie é favorecida (BirdLife International 2023s).

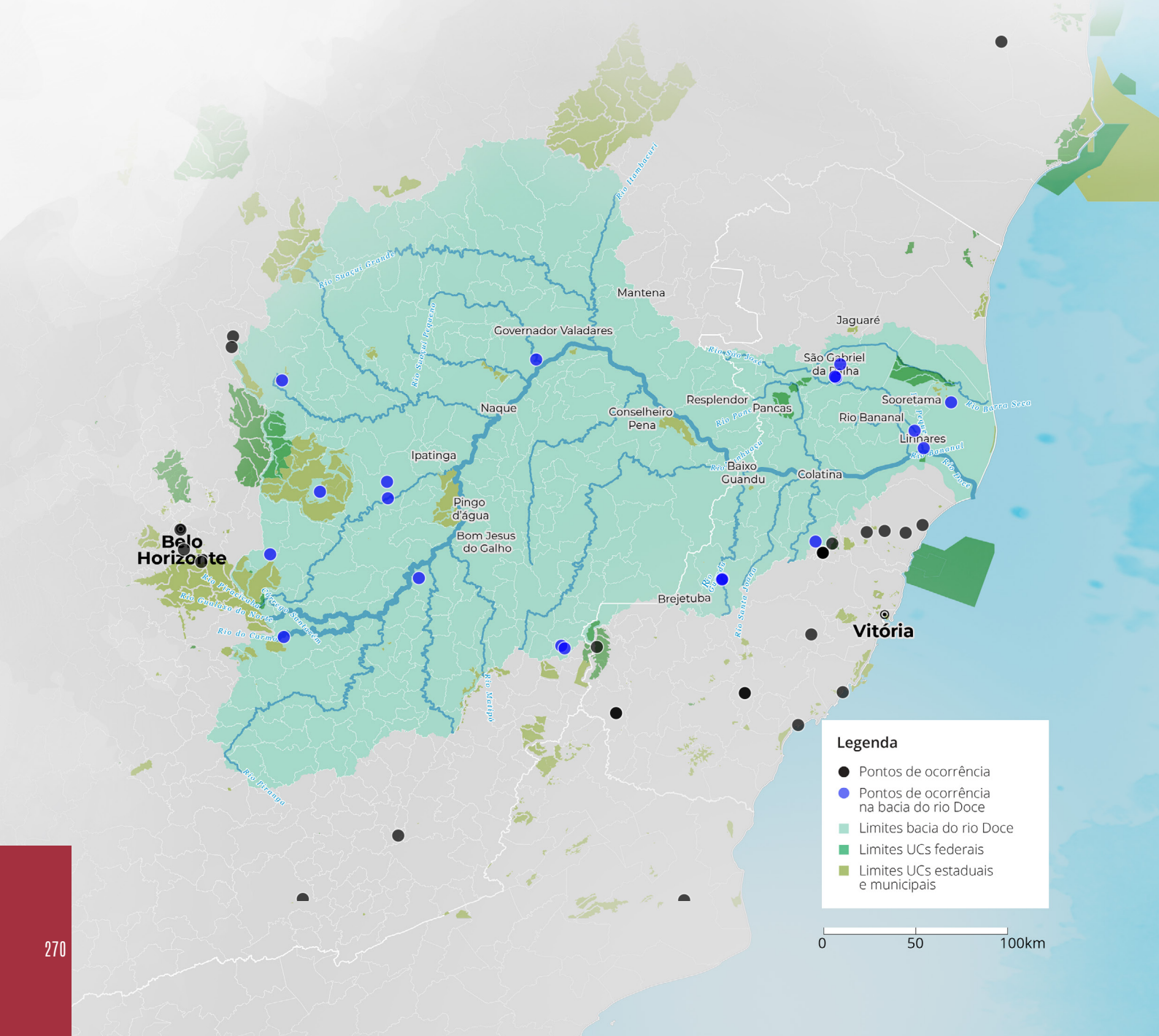
MAPA DE OCORRÊNCIA *Sporophila falcirostris:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, em altitudes de até 1.200 m (BirdLife International 2023s).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: THRAUPIDAE

Sporophila frontalis (J.Verreaux, 1869)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: pixoxó

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Sporophila frontalis é especialista em bambus, tendo como habitat ambientes de floresta, incluindo bordas de florestas e áreas de floresta secundárias (BirdLife International 2023t).

Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais, o tempo de geração foi estimado em aproximadamente 4,8 anos, e estima-se que exista em torno de 11-110 subpopulações em toda a sua ocorrência (BirdLife International 2023t).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Sporophila frontalis*, conhecida popularmente como pixoxó, é uma ave não endêmica do Brasil, com uma distribuição ampla ao longo da região costeira do país, abrangendo desde a Bahia até o Rio Grande do Sul. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 57.653km², com Área de Ocupação (AOO) de 132km² e de sete a nove localizações condicionadas a ameaças. A espécie apresenta uma AOO restrita na bacia do rio Doce, sendo particularmente dependente de bambuzais, que utiliza como habitat e fonte de alimentos, incluindo flores e sementes. As principais ameaças à espécie são a captura ilegal para uso como animal de estimação e conversão de seu habitat em pastagens, com aproximadamente 61% de sua EOO convertidas em áreas destinadas a essa atividade. Além disso, o rompimento da barragem de Fundão afetou os locais de ocorrência da espécie, resultando no acúmulo de água e sedimentos e, consequentemente, em mudanças nas condições do habitat da espécie. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de subpopulações. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e Manguezal (ICMBio 2015b). É considerada espécie beneficiada nos PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023) e Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças à espécie são a captura ilegal para uso como animal de estimação e conversão de seu habitat em pastagens (BirdLife International 2023t). Além disso, a espécie possui registros na área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, que resultou na alteração na condição do habitat devido à erosão e à deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais, estudos de genética e história de vida são necessárias para espécie, bem como o estudo e preservação de áreas com adensamento e presença de bambus, além de estudos de distribuição potencial da espécie e das espécies de bambu se fazem necessários, a fim de entender a relação da espécie com o bambu e com quais espécies de bambu a espécie é favorecida (BirdLife International 2023t).

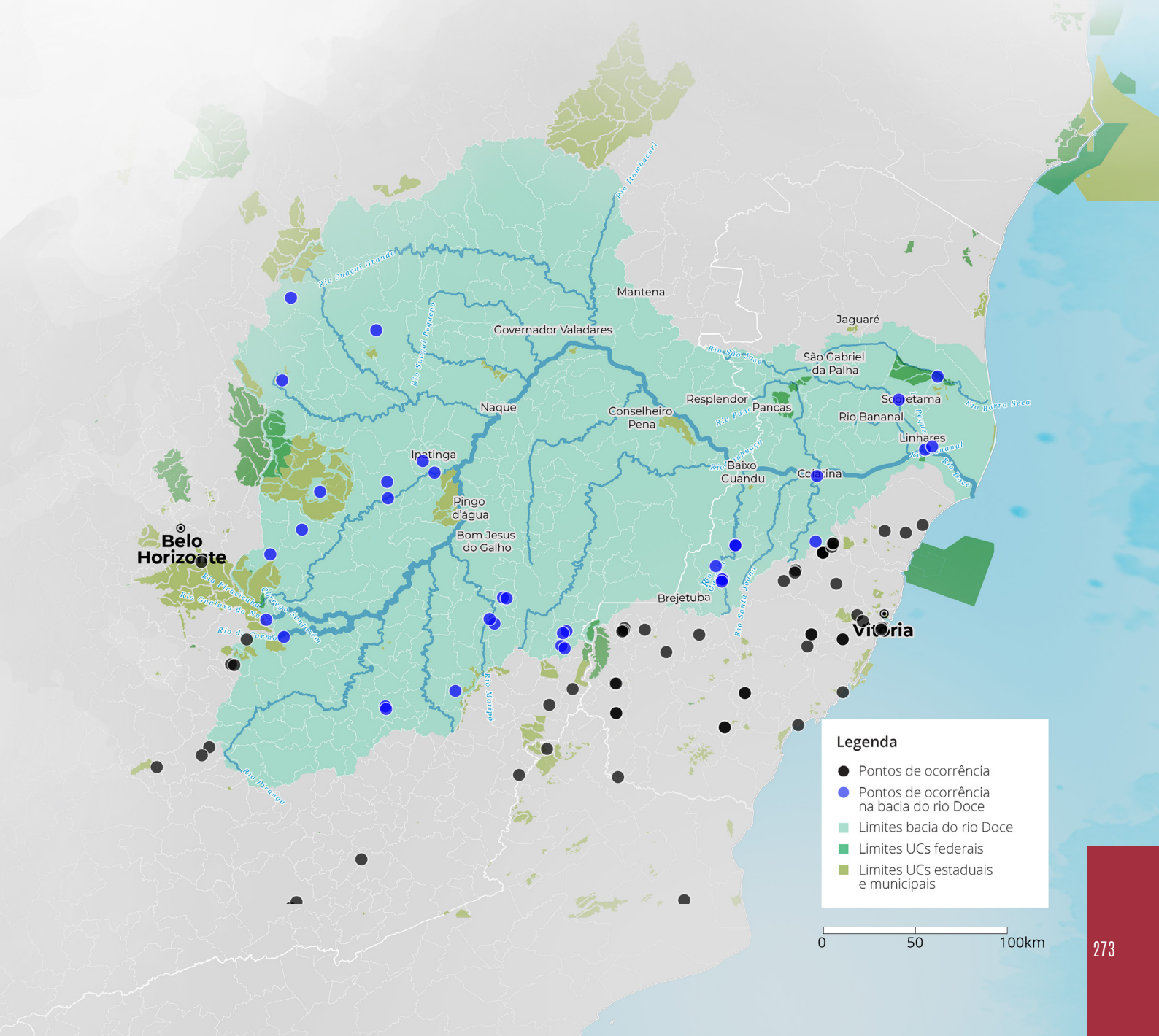
MAPA DE OCORRÊNCIA *Sporophila frontalis:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais, em altitudes de aproximadamente 1.500 m (BirdLife International 2023t).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: THRAUPIDAE

Sporophila maximiliani
Cabanis, 1851

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: bicudo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Sporophila maximiliani é uma ave que habita áreas úmidas e de gramíneas, sendo encontrada também em ambientes de áreas inundadas, como veredas, pântanos e floresta ripária (Ubaid *et al.* 2018; BirdLife International 2023u). Medindo entre 14,5 e 16,5 cm de comprimento e pesando aproximadamente 22g, é uma espécie granívora que se alimenta principalmente de sementes de capim-navalha (*Hypolytrum pungens*), navalha-de-macaco (*Hypolytrum schraerianum*) e tiririca (*Cyperus rotundus*). Os machos adultos apresentam coloração preta, com uma

mancha branca na parte externa das asas. As fêmeas e os filhotes apresentam coloração parda, em tons de castanho. A espécie põe entre 2 a 3 ovos a cada postura, com período de incubação de 13 a 15 dias. Existem registros de migração sazonal da espécie para o pantanal (Ubaid *et al.* 2018).

Não há informação sobre tendência populacional para a espécie, entretanto, estima-se que exista em torno de 1.000 a 2.499 indivíduos maduros da espécie ao longo de toda sua distribuição (BirdLife International 2023u). O tempo de geração estimado para a espécie é de aproximadamente 3,8 anos (BirdLife International 2023u).

Apesar de não estar listada no CITES, a espécie é comercializada ilegalmente devido principalmente à apreciação de seu canto (Silva *et al.* 2022; Watters *et al.* 2022).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Sporophila maximiliani*, popularmente conhecida como bicudo, é uma ave distribuída ao longo de vários estados brasileiros. A espécie ocupa áreas úmidas e de gramíneas, incluindo veredas, pântanos, pastagens de barragens e florestas ripárias, disseminando-se em ambientes com manchas naturais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 10.607 km², com Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e três localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou os locais de ocorrência da espécie, resultando no acúmulo de água e sedimentos que afetaram as áreas úmidas e inundadas, causando alterações nesses habitats. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" de extinção na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023).

Nacional: CR (Brasil 2022).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017), Aves da Amazônia (ICMBio 2016) e Aves do Cerrado e Pantanal (ICMBio 2015a). É considerada espécie beneficiada do PAT Cerrado Tocantins (Instituto Natureza do Tocantins – NATURATINS 2020).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

O rompimento da barragem de Fundão resultou no acúmulo de água e sedimentos. Considerando os locais de ocorrência da espécie, que tem como habitat áreas úmidas e inundadas, o impacto do efeito dos rejeitos provavelmente se restringiu a mudanças nas condições dos habitats (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição geográfica, tamanho, tendência e monitoramento populacionais são necessárias para espécie, bem como estudos de planos de estratégia de conservação (Machado *et al.* 2020), reintrodução (Golder Associates 2016), além de estudos de genética, história de vida e distribuição potencial da espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, considerada localmente extinta em várias regiões onde originalmente ocorria (Ubaid *et al.* 2018; BirdLife International 2023u).

A espécie possui ocorrência nos seguintes estados do Brasil: MT, MG, RJ, AP, DF, AC, SP, RO, ES, PI, MS, BA, PA, TO, AM e GO.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Sporophila maximiliani:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do Rio Doce.

FAMÍLIA: STRIGIDAE

Strix huhula
Daudin, 1800

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
coruja-preta

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Strigiformes

Família: Strigidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Strix huhula possui duas subespécies reconhecidas com distribuição na América do Sul, inclusive no Brasil: *S. h. huhula* e *S. h. albomarginata*.

INFORMAÇÕES GERAIS

Strix huhula mede entre 36 e 41 cm de comprimento (WikiAves 2023). A espécie possui uma ampla distribuição em vários habitats, ocorrendo tanto em florestas bem preservadas quanto em matas secundárias, em paisagens fragmentadas ou parques urbanos (Vasconcelos 2019). Sua dieta consiste principalmente em insetos, mas também inclui pequenos vertebrados (Bornschein & Reinert 2000). Geralmente, realiza a nidificação em cavidades naturais, como buracos em árvores mortas, colocando de um a dois ovos (Sick 1997). Apesar de o tamanho populacional global não ter sido quantificado, a espécie é considerada bastante comum, mas com distribuição irregular (Stotz *et al.* 1996a). Suspeita-se que ao longo de três gerações ocorra uma diminuição de menos de 25% da população da espécie (BirdLife International 2016b). O tempo de geração é estimado em 9,6 anos, e a espécie pode ser visada para utilização como animal de estimação e/ou exibição.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Strix huhula*, popularmente conhecida como coruja-preta, é uma ave não endêmica do Brasil amplamente distribuída na América do Sul, habitando florestas, matas secundárias e várzeas. Embora seja registrada em bordas de floresta, áreas próximas a clareiras, parques urbanos e habitações humanas, a espécie é considerada dependente principalmente de habitats de florestas conservadas nos biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 36.202 km², com Área de Ocupação (AOO) de 52 km² e sete a oito localizações condicionadas a ameaças. Há registros da espécie na área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, os registros fora da região afetada pela ruptura da barragem estão em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 69% da EOO convertidas em áreas de pastagens, 10% em mosaico de usos e 2% em plantações de café. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

PATs/PANs: PAN Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a).

CITES: Apêndice II (como *Ciccaba huhula*) (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça para a espécie *Strix huhula* é a perda de qualidade e fragmentação do habitat (Soares *et al.* 2008b). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Além disso, cerca de 69% da extensão de ocorrência da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 10% em mosaico de usos e 2% em plantações de café. A espécie também é alvo do comércio ilegal de espécies da fauna silvestre (CITES 2022).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência populacionais, bem como distribuição geográfica são necessárias para espécie e subespécie.

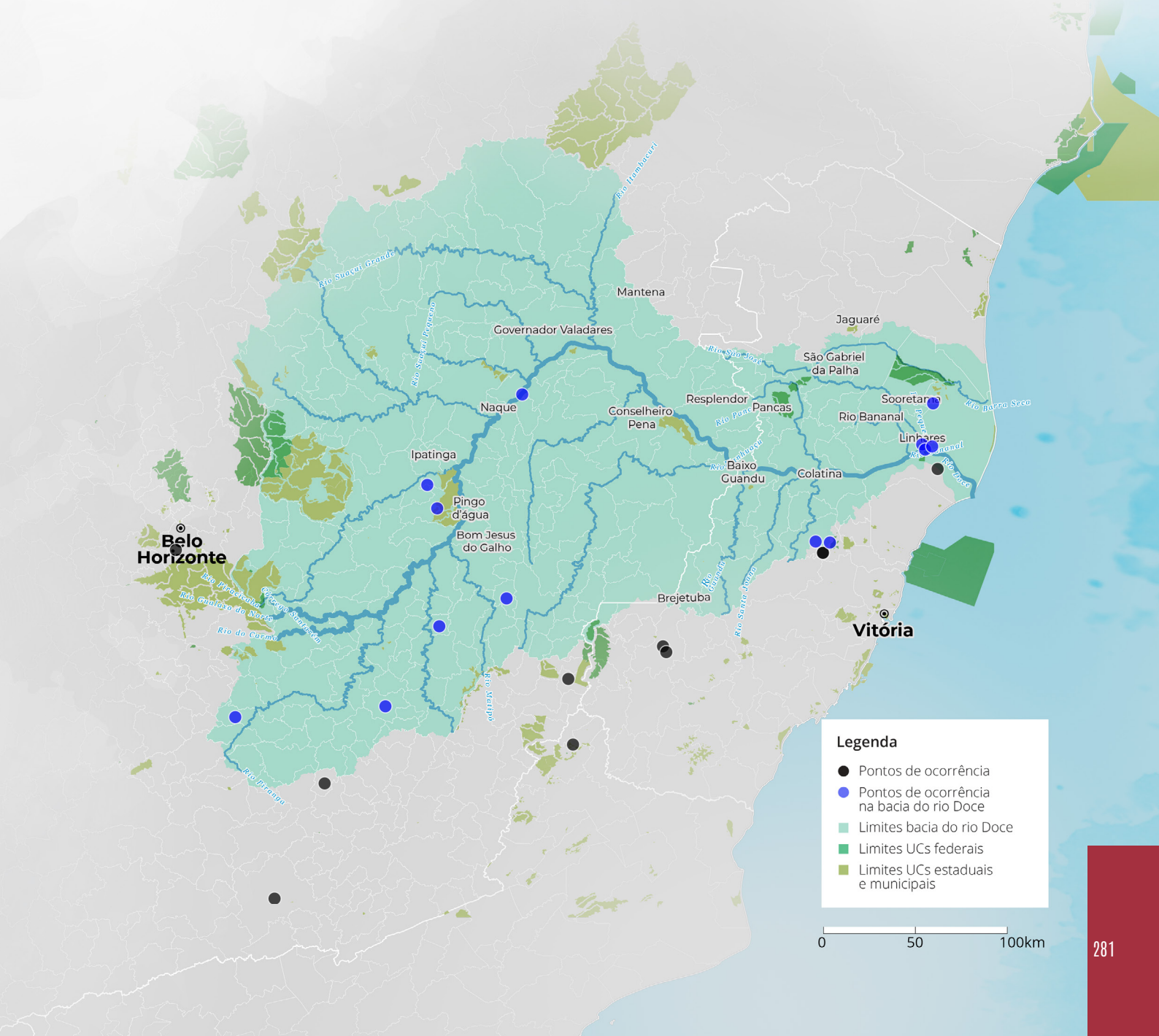
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Strix huhula é uma espécie não endêmica do Brasil e apresenta ampla distribuição no país, com registros nos estados do Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Bahia, Maranhão, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás. Ocorre principalmente em localidades a baixa altitude, entre o nível do mar e 500 m, raramente alcançando 1400 m (WikiAves 2023). A subespécie *Strix h. albomarginata* ocorre no Paraguai e Argentina, porém no Brasil, essa subespécie é endêmica da Mata Atlântica, sendo registrada nas regiões Sul e Sudeste (Soares *et al.* 2008b). Já a subespécie *Strix h. huhula* distribui-se do leste da Colômbia, sul da Venezuela e das Guianas ao nordeste do Brasil, toda a Amazônia brasileira, de sul a leste do Peru, noroeste da Argentina, norte do Paraguai e leste do Brasil (WikiAves 2023).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Strix huhula:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO Augusto Ruschi.



FAMÍLIA: THAMNOPHILIDAE

Thamnomanes caesius caesius (Temminck, 1820)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: ipecuá, uirapuru-de-bando

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Thamnomanes caesius caesius é uma ave da família Thamnophilidae que mede cerca de 14,5 cm de comprimento e pesa cerca de 15,5 g. O macho é acinzentado e a fêmea marrom-olivácea (parte superior) e canela (parte inferior). *Thamnomanes c. caesius* alimenta-se preferencialmente de insetos. Ocorre em áreas de florestas (CEMAVE 2018).

Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais, entretanto, a subespécie é considerada rara (Cäsar *et al.* 2019).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Thamnomanes caesius caesius*, conhecida popularmente como ipecuá, é uma ave que ocorre na região costeira do Brasil e possui como habitat áreas florestais, com preferência para áreas preservadas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 9.482 km², com Área de Ocupação (AOO) de 52 km² e cerca de dez localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão impactou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, sendo áreas a montante mais afetadas pelo acúmulo de água e sedimentos do que aquelas situadas a jusante. Considerando a preferência da subespécie por habitats florestais bem preservados, os efeitos dos rejeitos estão possivelmente vinculados a mudanças nas condições do habitat, o que pode ter impactado na sobrevivência e no sucesso reprodutivo da espécie. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de subpopulações. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça para a subespécie é a perda da qualidade e a fragmentação do habitat (CEMAVE 2018). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como à redução da taxa de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo) (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ecologia, tamanho e tendência populacionais, habitat e ameaças são necessárias para a subespécie.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Thamnomanes caesius caesius:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Endêmica do Brasil, com ocorrência nos estados da Bahia, Sergipe, Minas Gerais e Espírito Santo, a subespécie ocorre em altitudes de aproximadamente 1.100 m (BirdLife International 2023v).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.

FAMÍLIA: FURNARIIDAE

Thripophaga macroura (Wied-Neuwied, 1821)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
rabo-amarelo

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Thripophaga macroura é predominantemente encontrada em florestas úmidas (Hilty *et al.* 2013), mas também pode ser avistada em bordas de floresta e em áreas com baixo grau de perturbação e pouca degradação, incluindo regiões de florestas secundárias (BirdLife International 2023w). Com base em espécies congêneres, estima-se que o tamanho populacional de *T. macroura* seja de 1.500 a 7.000 indivíduos maduros. O tempo de geração é estimado em aproximadamente 3,8 anos. Não há informações

específicas sobre o tamanho e a tendência populacionais para essa espécie. Suspeita-se que a população esteja em declínio devido à perda de qualidade e fragmentação do habitat.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Thripophaga macroura,* popularmente conhecida como rabo-amarelo, é uma ave endêmica da Mata Atlântica presente em florestas úmidas nos estados da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 10.059 km², com Área de Ocupação (AOO) de 100 km² e seis a sete localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com impactos envolvendo mudanças na condição do habitat em função da erosão e deposição e sobrevivência ou sucesso reprodutivo reduzidos devido a alterações nas cadeias alimentares a partir de ambientes aquáticos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 73% da EOO da espécie convertidas em diferentes tipos de uso do solo, incluindo pastagens, mosaico de usos, silvicultura, áreas urbanizadas e cultivo de café. Diante desse cenário, observa-se um declínio contínuo da EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi categorizada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça para a espécie está relacionada à perda e fragmentação do habitat (BirdLife International 2023w). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016), além da redução na taxa de reprodução devido a alterações nas cadeias alimentares a partir de ambientes aquáticos (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo). Além disso,

os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 59% da EOO convertidas em áreas de pastagens, 10% em mosaico de usos, 2% em silvicultura, 1% em áreas urbanizadas e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ecologia, tamanho e tendência populacionais.

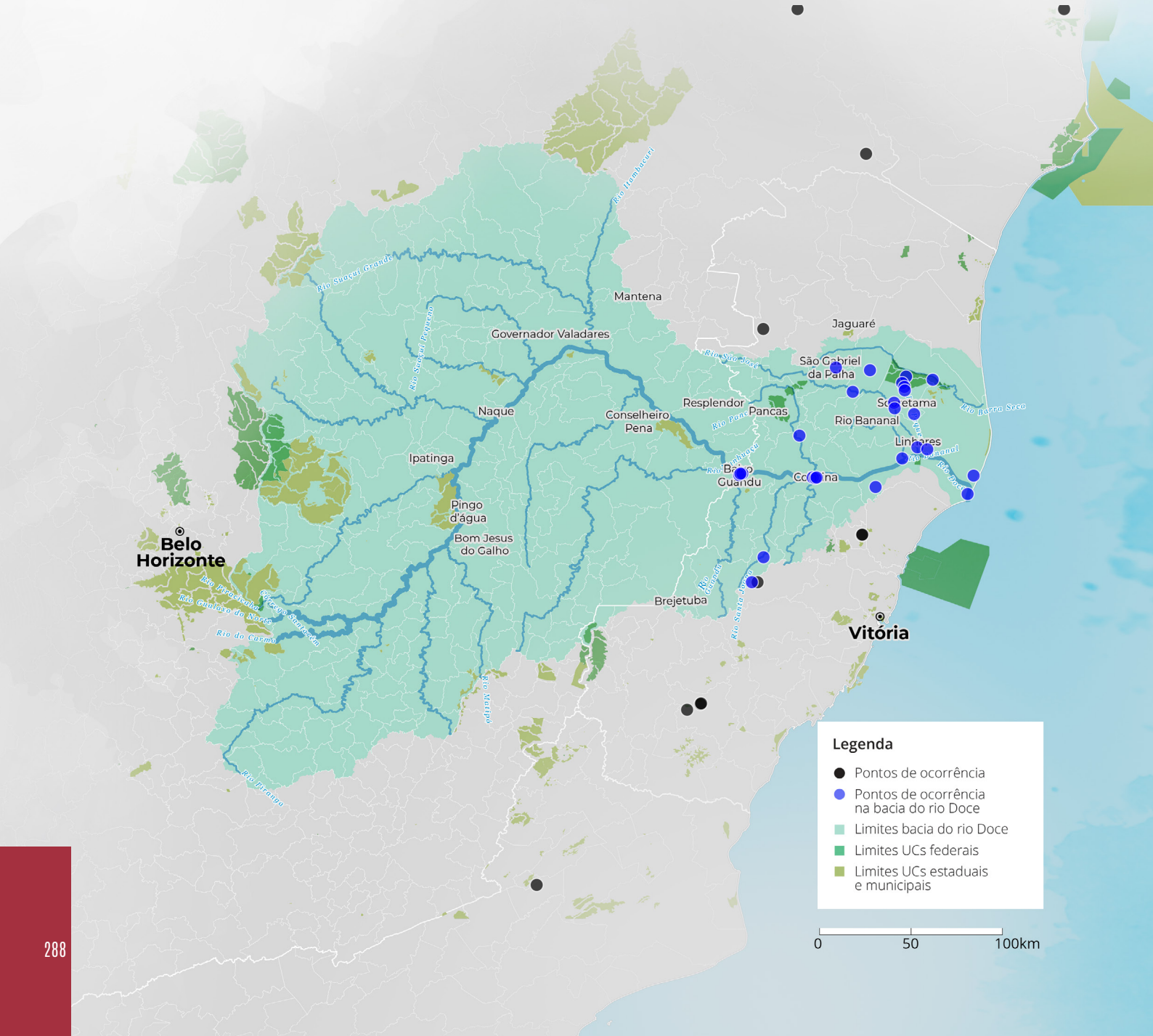
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Thripophaga macroura é uma espécie endêmica da Mata Atlântica e ocorre nos estados da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, em altitudes de até 1.000 m (BirdLife International 2023w).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Thripophaga macroura:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: TINAMIDAE

Tinamus solitarius
(Vieillot, 1819)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
macuco

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Tinamiformes

Família: Tinamidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Espécie monotípica. *Recentemente, a subespécie do nordeste do Brasil foi invalidada: T. s. pernambucensis* (Amaral & Silveira 2004).

INFORMAÇÕES GERAIS

Tinamus solitarius é uma ave que ocorre principalmente em florestas úmidas intactas de dossel fechado, com pouca vegetação rasteira (Cabot 1992; Parker III *et al.* 1996; Dias *et al.* 2016). Os registros da espécie indicam que ela ocorre com maior frequência em áreas com maior cobertura de dossel, fora das estradas (Dias *et al.* 2016). Embora seja supostamente suscetível à fragmentação florestal, também são encontrados registros da espécie em áreas degradadas e florestas secundárias no Paraguai e na Argentina (Chebez 1990; Cabot 1992; Lowen *et al.* 1996). Há pouca informação disponível sobre a ecologia e o comportamento de *T. solitarius* (Kuhnen *et al.* 2013). Um estudo recente indicou que o fotoperíodo pode influenciar os padrões de atividade diária da espécie, com variações entre as estações. Durante a estação chuvosa, a espécie apresentou 16 horas de atividade diária, com picos de atividade às 05:00, 13:00 e 18:00 (Dias *et al.* 2016). Na estação seca, a atividade diária foi menor, com picos ocorrendo duas horas depois ou uma hora antes. Os registros não mostraram correlação com as variáveis climáticas. A espécie foi registrada com maior frequência durante o período reprodutivo, entre agosto e janeiro, e com menor frequência entre março e maio (Dias *et al.* 2016). Os ovos de *T. solitarius* possuem uma coloração verde-azulada, sendo o macho o responsável por incubá-los (3 a 5 ovos) e também pelo cuidado com os filhotes (WikiAves 2023). Possui ninho rudimentar em áreas próximas a grandes árvores caídas. A reprodução em cativeiro tem sido bem-sucedida e deve ser incentivada para repovoar as áreas desflorestadas ou degradadas, garantindo a preservação futura da espécie e de outras da Mata Atlântica (WikiAves 2023). Segundo a IUCN, *T. solitarius* possui uma população estimada entre 110.000 e 241.000 indivíduos, dos quais 70.000 a 160.000 são considerados maduros (BirdLife International 2019). Em um estudo recente, Ferreguetti *et al.* (2018) encontraram uma densidade de 2.115 ± 470 indivíduos na Reserva Natural Vale (RNV), equivalente a uma média de 9 ± 2 indivíduos por km². Embora tenha uma área de ocupação extensa, a espécie é regionalmente considerada pouco comum (Stotz *et al.* 1996a). Há suspeitas de que a tendência populacional esteja em declínio, com uma previsão de redução de 15 a 25% da população ao longo de três gerações da espécie, principalmente devido à caça (BirdLife International 2019).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Tinamus solitarius* é popularmente conhecida como macuco, é uma ave encontrada no sudeste do Paraguai, nordeste da Argentina e na Mata Atlântica do Brasil, que habita áreas de florestas úmidas em altitudes de até 1.200 m, preferindo ambientes com dossel fechado e pouca vegetação rasteira, é encontrado também em áreas acidentadas, como córregos e grotas de difícil acesso. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 17.296 km², com Área de Ocupação (AOO) de 140 km² e nove a dez localizações condicionadas

a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou os locais de ocorrência da espécie, resultando em mudanças na condição do habitat e alterações na conectividade da paisagem decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos. Além disso, os demais registros fora da área afetada encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca 71% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagens, 11% em mosaico de usos e 1% em plantações de café. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: NT (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A caça e a perda de habitat são as principais ameaças à espécie, que está regionalmente ameaçada no sul e sudeste do Brasil. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com mudanças na condição do habitat e alterações na conectividade da paisagem decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Ademais, cerca de 71% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 11% em mosaico de usos e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao monitoramento de tamanho, tendência e monitoramento populacionais são necessárias para a espécie. Além disso, é necessário esclarecer a validade taxonômica da subespécie *T. s. pernambucensis* (BirdLife International 2019).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

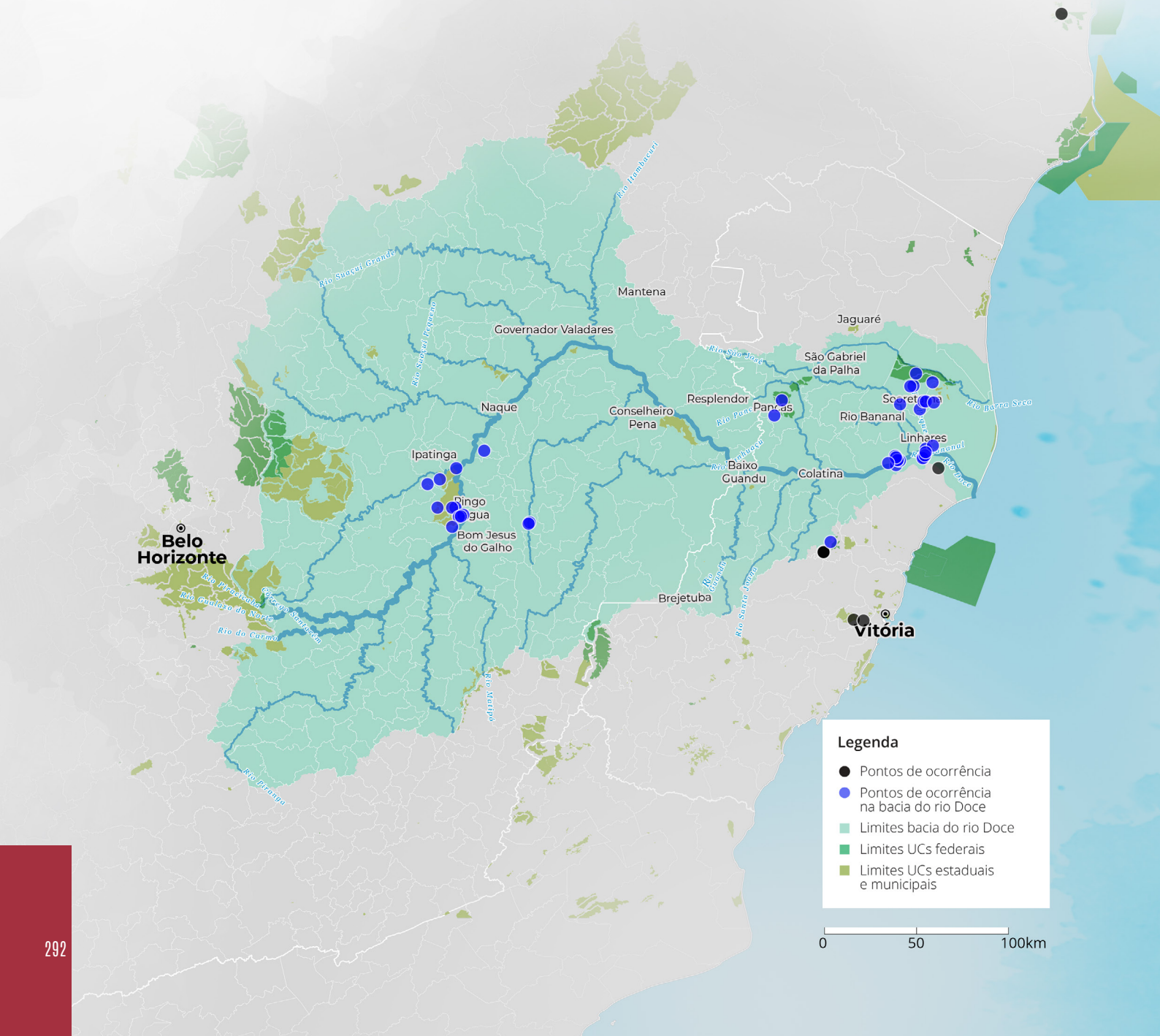
Tinamus solitarius ocorre no sudeste do Paraguai, nordeste da Argentina e na Mata Atlântica brasileira (BirdLife International 2019; Vasconcelos 2019d). Atualmente, possui registros para o estado de Alagoas e sul da Bahia até o Rio Grande do Sul. Há registros históricos para os estados de Pernambuco, sul de Goiás e Mato Grosso (Sick 1997).

A espécie está presente nos estados brasileiros: PR, ES, RJ, SP, AL, MG, RS, BA e SC.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Tinamus solitarius:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; MONA dos Pontões Capixabas; REBIO Augusto Ruschi; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: PSITTACIDAE

Touit surdus
(Kuhl, 1820)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
apuim-de-cauda-amarela

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Espécie monotípica.

INFORMAÇÕES GERAIS

Touit surdus habita preferencialmente o dossel alto de diferentes tipos de formações florestais primárias do extremo leste do Brasil, utilizando também áreas de vegetação florestal secundária madura e plantações de cacau (Collar *et al.* 2020). Vive em pares ou em bandos maiores, incluindo em sua dieta especialmente frutos. Pouco se sabe sobre sua biologia reprodutiva, mas parece utilizar cupinzeiros arborícolas para instalar seus ninhos (Patrial 2008). É uma espécie migratória.

Não há informações disponíveis sobre a tendência populacional da espécie; no entanto, é considerada rara (De Almeida 2021; BirdLife International 2023x). Estima-se que seu tempo de geração seja de cerca de 5 anos, com 2.500 a 9.999 indivíduos maduros distribuídos entre 11 e 100 subpopulações (BirdLife International 2023x). Há suspeitas de declínio populacional devido à perda e fragmentação do habitat (BirdLife International 2023x).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Touit surdus*, popularmente conhecida como apuim-de-cauda-amarela, é uma ave endêmica da Mata Atlântica, dependente de formações florestais primárias e/ou secundárias maduras. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 3.084 km², com Área de Ocupação (AOO) de 24 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, que possuem ocorrência confirmada ao longo da calha do rio Doce, podendo ser impactada pelas mudanças na condição do habitat pela erosão e deposição de rejeitos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 81% da EOO da espécie convertidas em diferentes tipos de uso do solo, incluindo pastagens, mosaico de usos, café, silvicultura e áreas urbanizadas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).
PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).
CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças enfrentadas pela espécie incluem a caça e o comércio ilegal, especialmente para animais de estimação, além da perda e fragmentação do habitat, o que impacta negativamente sua migração sazonal e reprodução (BirdLife International 2023x). O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, que possuem ocorrência confirmada ao longo da calha do rio Doce, podendo ser impactada negativamente pelas mudanças na condição do habitat devido à erosão e deposição de rejeitos. Além disso, aproximadamente 68% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 9% em mosaico de usos, 2% em plantações de café, 1% em silvicultura e 1% em áreas urbanizadas.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ecologia e história de vida, bem como tamanho, tendência e monitoramento populacionais são necessários para a espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie é endêmica da Mata Atlântica e ocorre em formações florestais entre os estados da Paraíba e Rio de Janeiro, incluindo Espírito Santo e Minas Gerais, geralmente em altitudes de até 900 m (Silveira *et al.* 2023s). Regionalmente, a espécie está atualmente restrita ao setor do baixo rio Doce, ocorrendo quase exclusivamente nos blocos florestais abrangidos pelas unidades de conservação locais.

No Brasil, a espécie é encontrada nos seguintes estados: AL, BA, ES, MG, PB, PE, RJ e SE.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Touit surdus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.

FAMÍLIA: TROGONIDAE

Trogon collaris eytoni
Fraser, 1837

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Jessica Naiara Reis

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: surucuá-de-coleira

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Trogoniformes

Família: Trogonidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

O status taxonômico de *Trogon collaris eytoni* ainda não está completamente esclarecido, devido à ausência de estudos conclusivos sobre sua classificação. Nesta avaliação foi considerado válido, sendo reconhecida como endêmica da Mata Atlântica.

INFORMAÇÕES GERAIS

A espécie habita áreas de estrato médio de bordas de Florestas Ombrófilas ou Semidecíduas (Vasconcelos 2019e). Sua dieta é predominantemente composta por artrópodes, embora

também inclua o consumo de frutas (Remsen *et al.* 1993). No período reprodutivo, a fêmea coloca de dois a três ovos brancos (Leite 2017) em ninhos de até 5 m de altura (Skutch 1956). Tanto o macho quanto a fêmea são responsáveis por incubar os ovos, onde o macho assume durante a manhã, e a fêmea durante a tarde e noite (Leite 2017). O tempo de geração da espécie é de 3,9 anos. Não há informações sobre tendência populacional da subespécie, no entanto, suspeita-se que devido à perda e fragmentação do habitat possa estar em declínio. Estima-se que a população de *T. c. eytoni* seja inferior a 2.500 indivíduos maduros, sendo que pelo menos 95% desse contingente estão concentrados no Espírito Santo (Leal *et al.* 2018b). Além disso, suspeita-se que a subpopulação da Bahia esteja isolada do Espírito Santo, devido à fragmentação de habitat e a capacidade limitada de deslocamento da espécie (Leal *et al.* 2018b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(ii,iii)+B2ab(ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Trogon collaris eytoni*, conhecida popularmente como surucuá-de-coleira, é uma ave endêmica da Mata Atlântica que habita o estrato médio de bordas de Florestas Ombrófilas ou Semidecíduas. As informações sobre seus requisitos ecológicos, ameaças, tamanho e tendência populacionais são escassas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 22 km², com Área de Ocupação (AOO) de 12 km² e uma ou duas localizações condicionadas a ameaças. Não há registros da espécie na área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão. Embora seja identificada na Reserva Biológica de Sooretama e na Reserva Biológica Vale, essas áreas estão cercadas por habitats fragmentados e por regiões com diversos tipos de uso do solo. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça para a subespécie é a perda da qualidade e fragmentação de habitat (BirdLife International 2023y).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ameaças, tamanho e tendência populacionais. Além disso, é fundamental uma revisão taxonômica para avaliar o status de *T. c. eytoni* (Leal *et al.* 2018b).

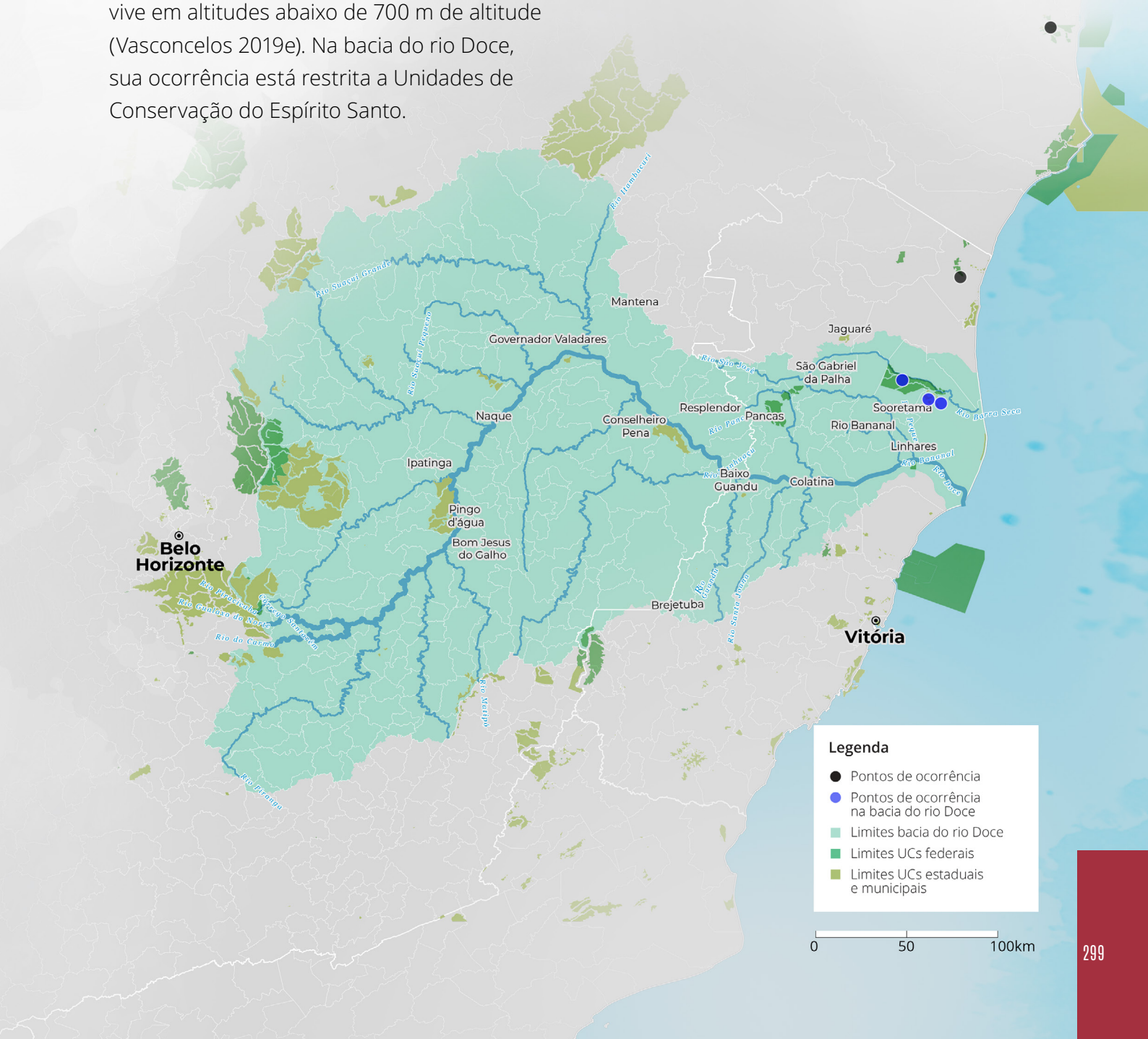
MAPA DE OCORRÊNCIA *Trogon collaris eytoni:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, possui uma ampla distribuição geográfica, ocorrendo nas três Américas: do Norte, Central e do Sul (BirdLife 2023y). A subespécie *T. c. eytoni* é endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo em pequenas populações isoladas em fragmentos (Stattersfield *et al.* 1998). Atualmente possui registros em dois estados brasileiros: na Bahia e no Espírito Santo (BirdLife 2023y). A espécie vive em altitudes abaixo de 700 m de altitude (Vasconcelos 2019e). Na bacia do rio Doce, sua ocorrência está restrita a Unidades de Conservação do Espírito Santo.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; RPPN Recanto das Antas.



FAMÍLIA: TURDIDAE

Turdus fumigatus fumigatus
Lichtenstein, 1823

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: sabiá-da-mata

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Turdidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Turdus fumigatus constitui um complexo de espécies (O'Neill *et al.* 2011), e ainda carece de pesquisas adicionais para o entendimento completo de seu habitat, história natural e das ameaças que enfrenta. Não há informação sobre tamanho ou tendência populacionais para a subespécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii,).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Turdus fumigatus fumigatus*, popularmente conhecida como sabiá-da-mata, é uma ave não endêmica e amplamente distribuída no Brasil. Ocorre em floresta subtropical/tropical úmida de baixada, na Amazônia e Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 2.470 km², com Área de Ocupação (AOO) de 44 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão pode ter impactado os locais de ocorrência da espécie, causando alterações no habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, resultando em redução na sobrevivência e sucesso reprodutivo devido a mudanças nas cadeias alimentares (i.e., recursos alimentares e abrigo). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 81% da EOO convertidas em áreas de pastagens, silvicultura, mosaico de usos e área urbanizada. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, resultando em redução na sobrevivência e sucesso reprodutivo devido a mudanças nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 72% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagem, 4% em silvicultura, 4% em mosaico de usos e 1% em áreas urbanizadas.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ameaças, tamanho e tendência populacionais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Turdus fumigatus fumigatus:*

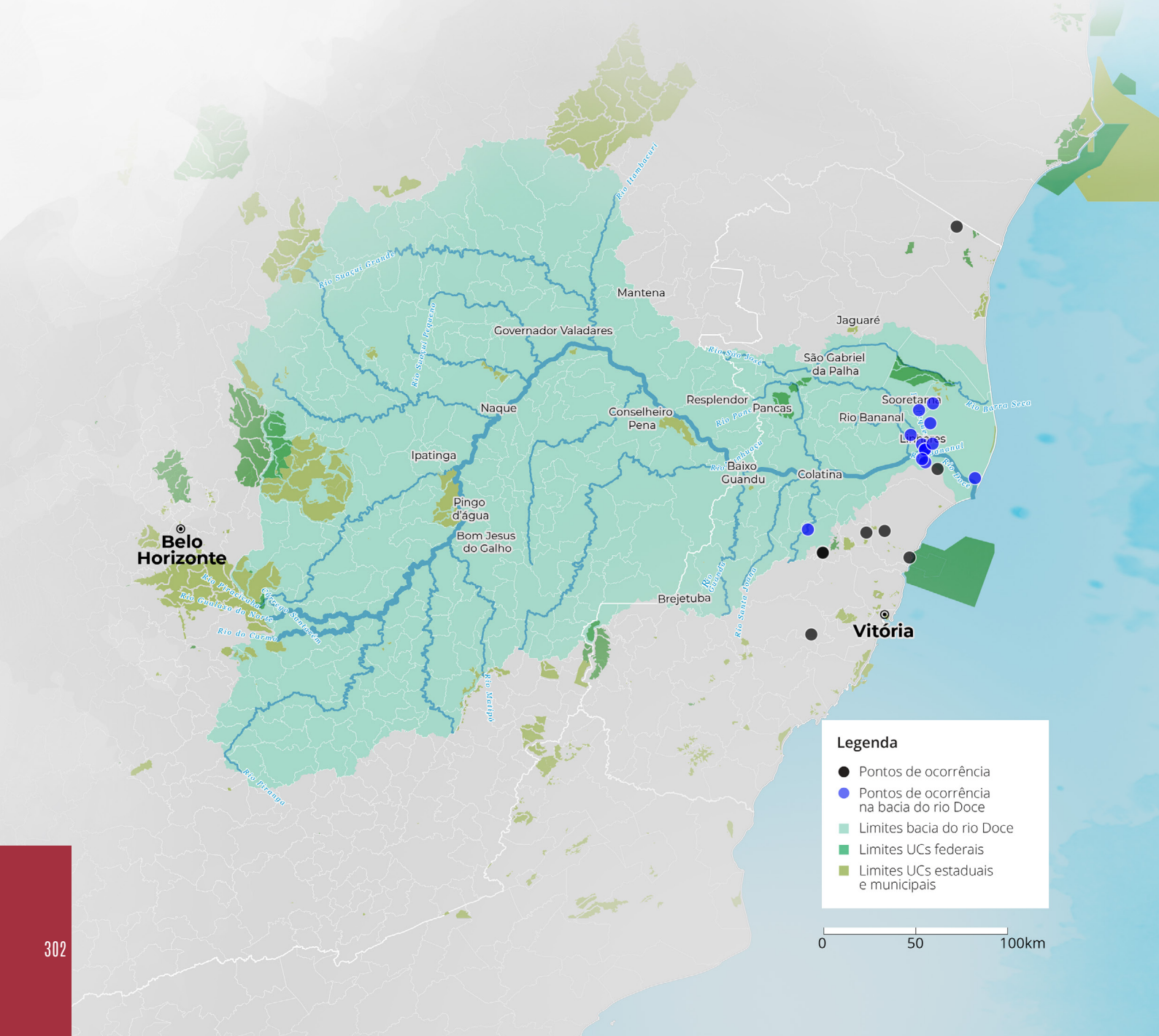
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie de ave não endêmica do Brasil, com ampla distribuição, ocorrendo nos estados do Amazonas, Amapá, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Roraima, Tocantins, Espírito Santo e São Paulo (BirdLife International 2023z).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: FLONA de Goytacazes.

.



FAMÍLIA: ACCIPITRIDAE

Urubitinga coronata (Vieillot, 1817)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
águia-cinzenta

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Cathartiformes

Família: Accipitridae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Espécie monotípica.

INFORMAÇÕES GERAIS

Urubitinga coronata é uma das maiores águias do Brasil (Pallinger & Menq 2021). Habita áreas abertas e semiabertas, onde ocupa extensa área de vida e necessita de árvores mais altas para nidificar (Pallinger & Menq 2021; Marini *et al.* 2023c). Em sua alimentação estão incluídos mamíferos de médio porte, répteis e, em menor proporção, aves (Pallinger & Menq 2021). A espécie possui baixa fecundidade devido ao cuidado parental prolongado despendido com o único filhote gerado em cada evento reprodutivo, reproduzindo-se uma vez a cada 2 anos (Pallinger & Menq 2021). Embora não sobreviva em paisagens intensamente antropizadas, a espécie tem sido frequentemente registrada em pastagens com árvores isoladas e fragmentos florestais esparsos na região da Mata Atlântica, especialmente em Minas Gerais. A espécie possui ampla distribuição e alta capacidade de dispersão, entretanto, a espécie ocorre principalmente em áreas bem preservadas e estima-se que a população no Brasil tenha menos de 600 indivíduos maduros e com subpopulações com menos de 250 indivíduos maduros (Marini *et al.* 2023c). Em um estudo realizado em Minas Gerais (na Serra da Canastra e Araguari), estima-se que ocorra um par entre 308km²-549km², apresentando densidade populacional extremamente baixa (Zorzin *et al.* 2022).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Urubitinga coronata*, conhecida popularmente como águia-cinzenta, é uma ave amplamente distribuída, encontrada ao longo dos estados que se estendem desde o Maranhão até o Rio Grande do Sul. Apesar da sua ampla distribuição e alta capacidade de dispersão, a espécie apresenta baixa densidade populacional, não ocupando áreas extremamente modificadas. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, sendo que os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, além da mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos Além disso, cerca de 79% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem e mosaico de usos. Devido às alterações nos habitat e perda de vegetação nativa, estima-se que haja menos de 600 indivíduos maduros remanescentes, sem nenhuma população contígua com mais de 250 indivíduos maduros. A espécie também é alvo de caça, que ocorre por perseguição humana devido a ataques a animais de criação. Diante dessas ameaças, infere-se declínio contínuo do número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada nos PANs Aves da Amazônia (ICMBio 2016), Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017), Aves de Rapina (Soares *et al.* 2008a) e Aves do Cerrado e Pantanal (ICMBio 2015a) e Aves dos Campos Sulinos (ICMBio 2021b). É considerada espécie beneficiada nos PATs Cerrado Tocantins (Instituto Natureza do Tocantins – NATURATINS 2020), Chapada Diamantina-Serra da Jiboia (INEMA & SEMA 2021), Veredas Goyaz-Gerais (SEMAD-GO & IEF-MG 2021).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A modificação do habitat para conversação em agricultura, e o cultivo de *Pinus* e *Eucalyptus* podem representar ameaça para a espécie, reduzindo a disponibilidade de habitats. A espécie não suporta ambientes extremamente alterados. Além disso, a espécie também é ameaçada por caça humana, colisão, eletrocussão, afogamento e envenenamento (Veronezi & Kilpp 2017; Sarasola *et al.* 2018). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, além da mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho, tendência e monitoramento populacionais.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

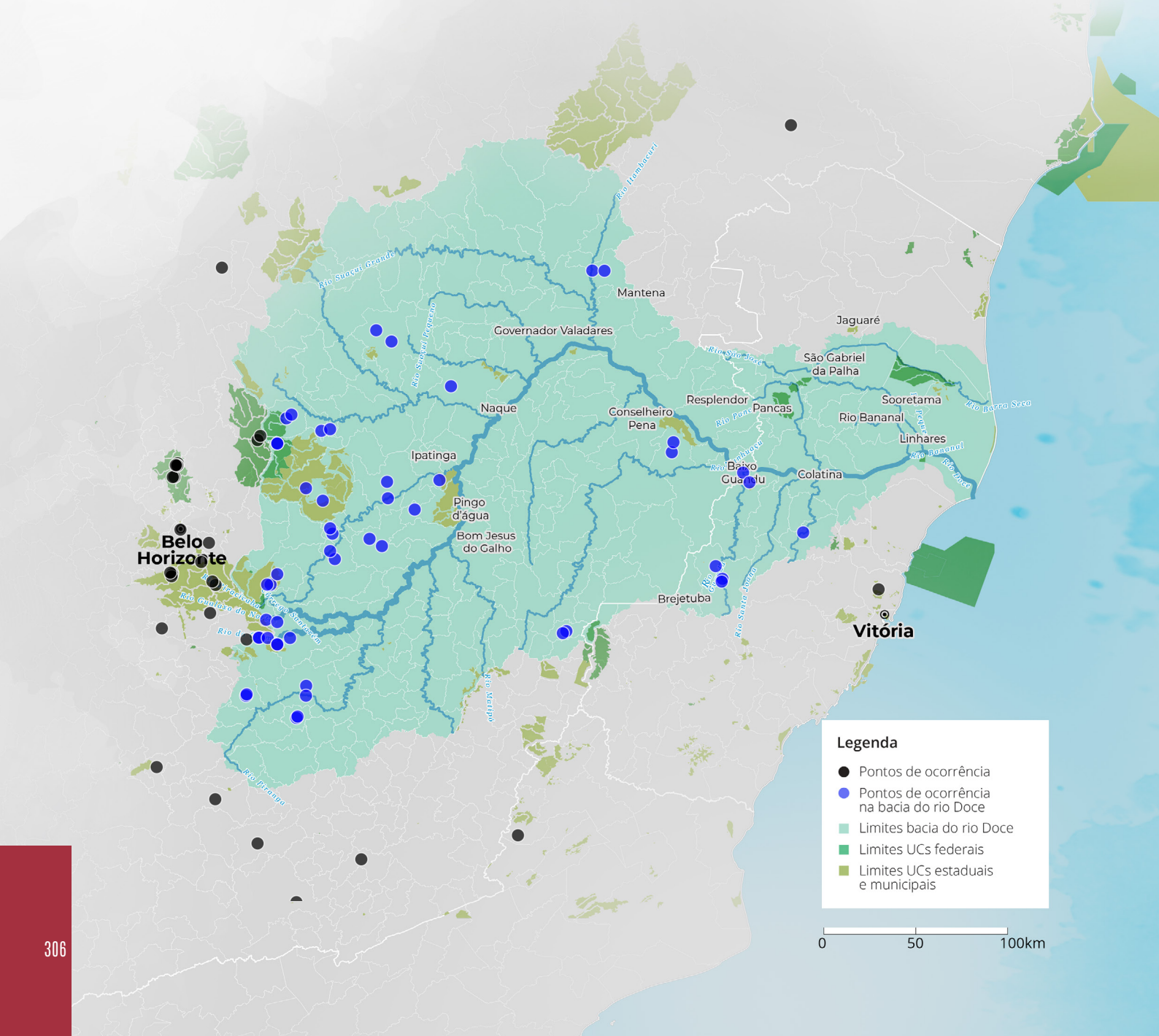
Espécie não endêmica do Brasil, amplamente distribuída por ambientes abertos e semiabertos do Maranhão ao Rio Grande do Sul (Veronezi & Kilpp 2017; Pallinger & Menq 2021). Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 48.871 km² e Área de Ocupação (AOO) de 184 km². Os registros da espécie concentram-se especialmente na região do alto rio Doce, principalmente ao longo da Serra do Espinhaço e adjacências. Há poucos registros disponíveis nos setores do médio e baixo rio Doce, que são regiões de possível expansão geográfica da espécie após a extensa remoção das florestas nativas.

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: PA, MT, DF, BA, PI, MA, ES, SC, GO, MS, RS, TO, MG, SP, RJ e PR.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Urubitinga coronata:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: ESEC do Tripuí; APA Morro da Pedreira; APA Sul-RMBH; APA Santo Antônio; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: PICIDAE

Veniliornis affinis affinis (Swainson, 1821)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Vitor Torga

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: pica-pau-avermelhado, pica-pau-de-asa-vermelha

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Piciformes

Família: Picidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

A espécie *V. affinis* inclui quatro subespécies, das quais somente *V. a. affinis* ocorre no leste do Brasil (Winkler & Christie 2020; Pacheco *et al.* 2021). Nas terras baixas do centro-norte do Espírito Santo, parece haver uma zona de integração entre este táxon e *V. maculifrons* (Sick 1997).

INFORMAÇÕES GERAIS

As informações sobre a espécie são escassas, especialmente sobre a subespécie *V. a. affinis* (Stotz *et al.* 1996a; Sick 1997; Winkler & Christie 2020). Este pica-pau ocupa principalmente formações florestais primárias ou em estágios avançados de regeneração, e, com menor frequência, florestas mais jovens, bordas e clareiras, entre 0 e c. 1.000 m de altitude. Predominantemente insetívoro, forrageia solitário ou em pares em troncos e ramos, utilizando especialmente o dossel e o estrato médio da floresta, podendo incluir frutos em sua dieta. Também é frequente em bandos mistos e ocasionalmente segue formigas de correição nos estratos inferiores da vegetação arbórea.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Veniliornis affinis affinis*, popularmente conhecida como pica-pau-avermelhado, é uma ave endêmica da Mata Atlântica, dependente de florestas, com média sensibilidade aos distúrbios em seu habitat e restrito regionalmente ao baixo rio Doce. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 717 km², com Área de Ocupação (AOO) de 24 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão impactou os locais de ocorrência da espécie, resultando em acúmulo de água e sedimentos, podendo ter causado alteração na condição do habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, resultando em cerca de 68% da extensão de ocorrência da espécie convertidas em áreas de pastagens e outros tipos de uso do solo. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Veniliornis a. affinis ocorre em áreas sujeitas à transformação de áreas florestais em pastagens para gado e agricultura, práticas de exploração madeireira e urbanização. O rompimento da barragem de Fundão impactou os locais de ocorrência da espécie, resultando em acúmulo de água e sedimentos,

podendo ter causado alteração na condição do habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Adicionalmente, cerca de 44% da extensão de ocorrência da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 16% em mosaico de usos e 6% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à ecologia e história natural, tamanho e tendência populacionais são necessárias para o táxon.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

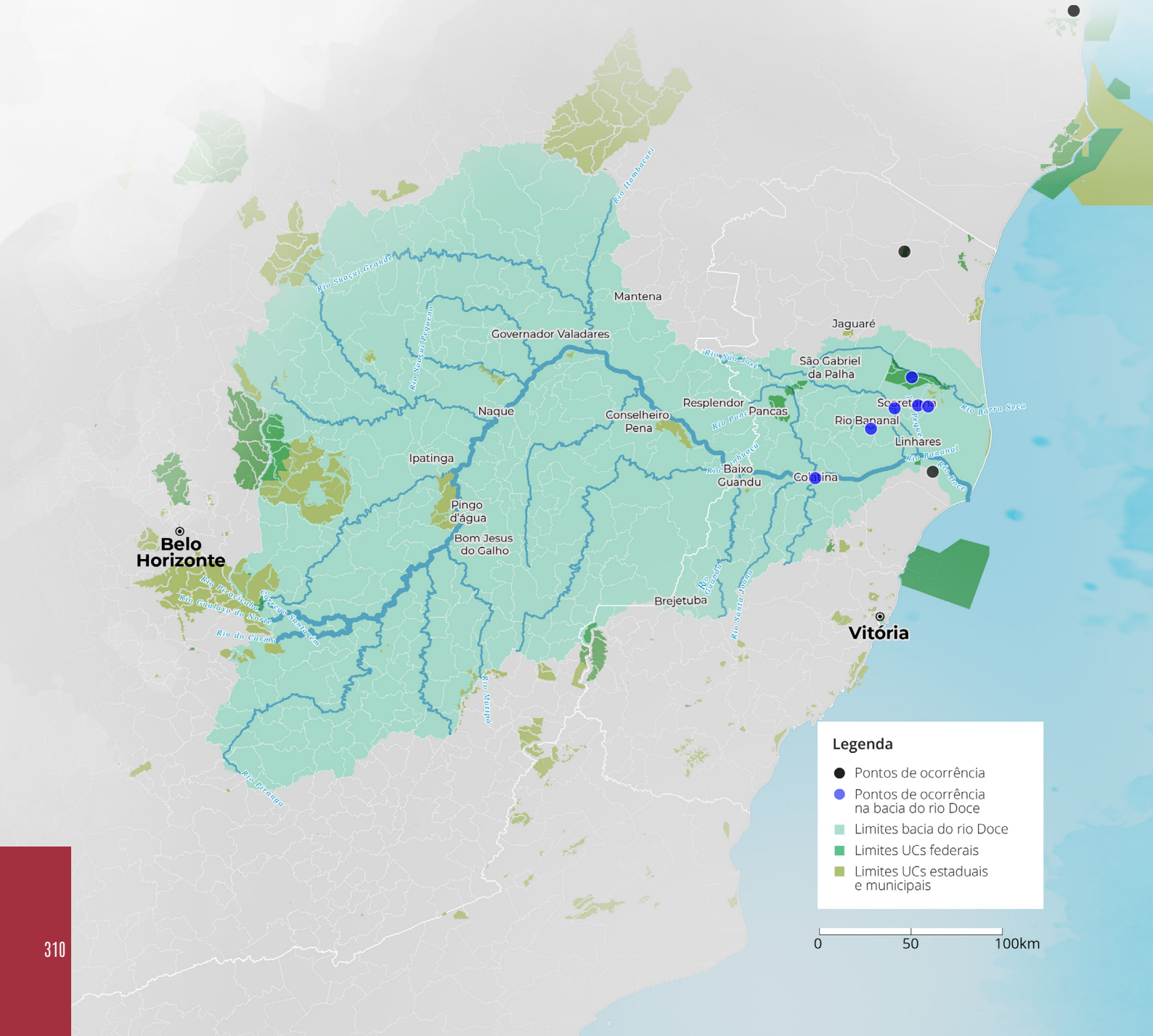
Endêmica do Brasil, a espécie, embora esteja amplamente distribuída pela Amazônia, tem suas populações disjuntas no extremo leste brasileiro (incluídas em *Veniliornis a. affinis*), restritas à Mata Atlântica, entre os estados de Pernambuco e Espírito Santo.

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: AL, BA, MG, PE e ES.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Veniliornis affinis affinis:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: COTINGIDAE

Xipholena atropurpurea (Wied-Neuwied, 1820)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
anambé-de-asa-branca

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Cotingidae

INFORMAÇÕES GERAIS

A espécie habita áreas de mata primária, Florestas Ombrófilas e Semidecíduas, além de ser encontrada em áreas de restinga e matas secundárias com extração de madeira (BirdLife International 2023aa). Há suspeitas de que a espécie esteja distribuída entre 11 a 100 localizações condicionadas a ameaças, com no máximo 10 mil indivíduos maduros no total (BirdLife International 2023aa). O tempo de geração é estimado para a espécie é de 4,6 anos.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Xipholena atropurpurea*, popularmente conhecida como anambé-de-asa-branca, é uma ave endêmica do Brasil, encontrada em matas primárias de Florestas Ombrófilas e Semidecíduas, assim como em áreas de restinga e matas secundárias, incluindo aquelas sujeitas à extração de madeira na Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 1.177 km², com Área de Ocupação (AOO) de 44 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaça. O rompimento da barragem de Fundão possivelmente impactou os locais de ocorrência da espécie, causando alteração na condição do habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 55% de sua EOO convertidas em áreas de pastagens, cultivo de café, mosaico de usos e áreas urbanizadas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Aves da Mata Atlântica (ICMBio 2017) e considerada beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças à sobrevivência da espécie incluem a perda e fragmentação de seu habitat devido ao desmatamento, além da caça e do comércio ilegal (BirdLife International 2023aa). Atualmente, cerca de 43% da EOO da espécie na bacia do rio Doce foram convertidas em áreas de pastagem, 6% em plantações de café, 3% em mosaico de usos e 3% em área urbanizada. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como alterações no sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo) (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho e tendência e monitoramento populacionais, bem como monitoramento populacional são necessários para a espécie.

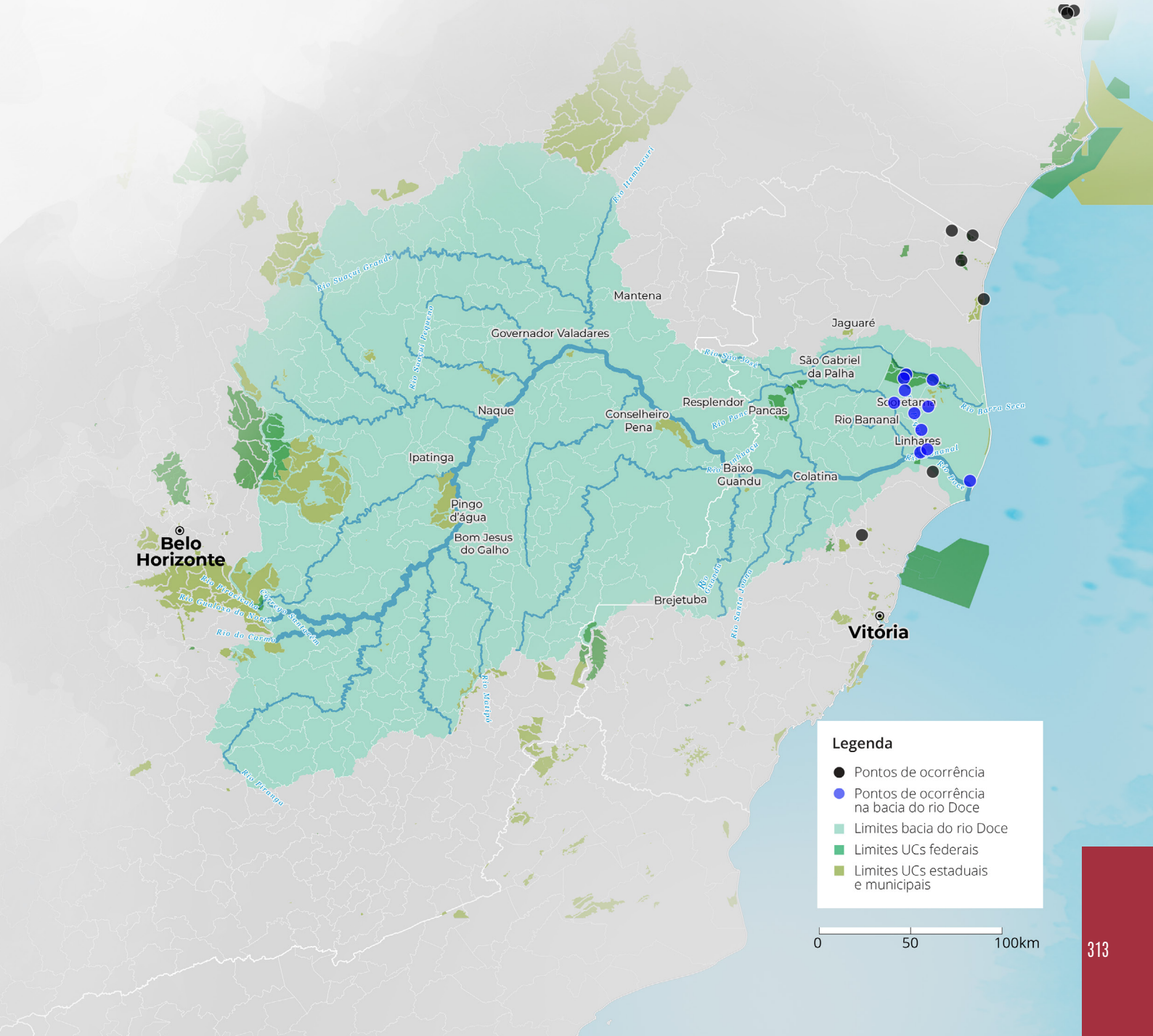
MAPA DE OCORRÊNCIA *Xipholena atropurpurea:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Endêmica do Brasil, a espécie ocorre nos seguintes estados do Nordeste: Alagoas, Bahia, Pernambuco, Paraíba, Sergipe, assim como no Espírito Santo, em altitudes de aproximadamente 900 metros (BirdLife International 2023aa).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: DENDROCOLAPTIDAE

Xiphorhynchus guttatus guttatus (Lichtenstein, 1820)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Flávia Chaves

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
arapaçu-de-garganta-amarela

Filo: Chordata

Classe: Aves

Ordem: Passeriformes

Família: Dendrocolaptidae

INFORMAÇÕES GERAIS

A subespécie reside principalmente em florestas úmidas de baixa altitude, com preferências de habitat que variam, podendo também ser encontrada em Florestas Semidecíduas e de Galeria (BirdLife International 2023ab). Não há informação sobre tamanho ou tendência populacionais para a subespécie, sendo considerada comum onde ocorre BirdLife International 2023ab).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Xiphorhynchus guttatus guttatus*, popularmente conhecida como arapaçu-de-garganta-amarela, é uma subespécie de ave endêmica do Brasil com ocorrência associada a florestas úmidas de baixa altitude, Florestas Semidecíduas e de Galeria do bioma da Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 372 km², com Área de Ocupação (AOO) de 20 km² e quatro localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, causando mudanças no habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos, bem como redução no sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo). Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 66% da EOO convertidas em áreas de pastagens, mosaico de usos, plantações de café e áreas urbanizadas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, além da redução na taxa de sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo) (Golder Associates 2016). Além disso, 40% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 17% em mosaico de usos, 7% em plantações de café e 2% em área urbanizada.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à ecologia e história natural, tamanho e tendência populacionais.

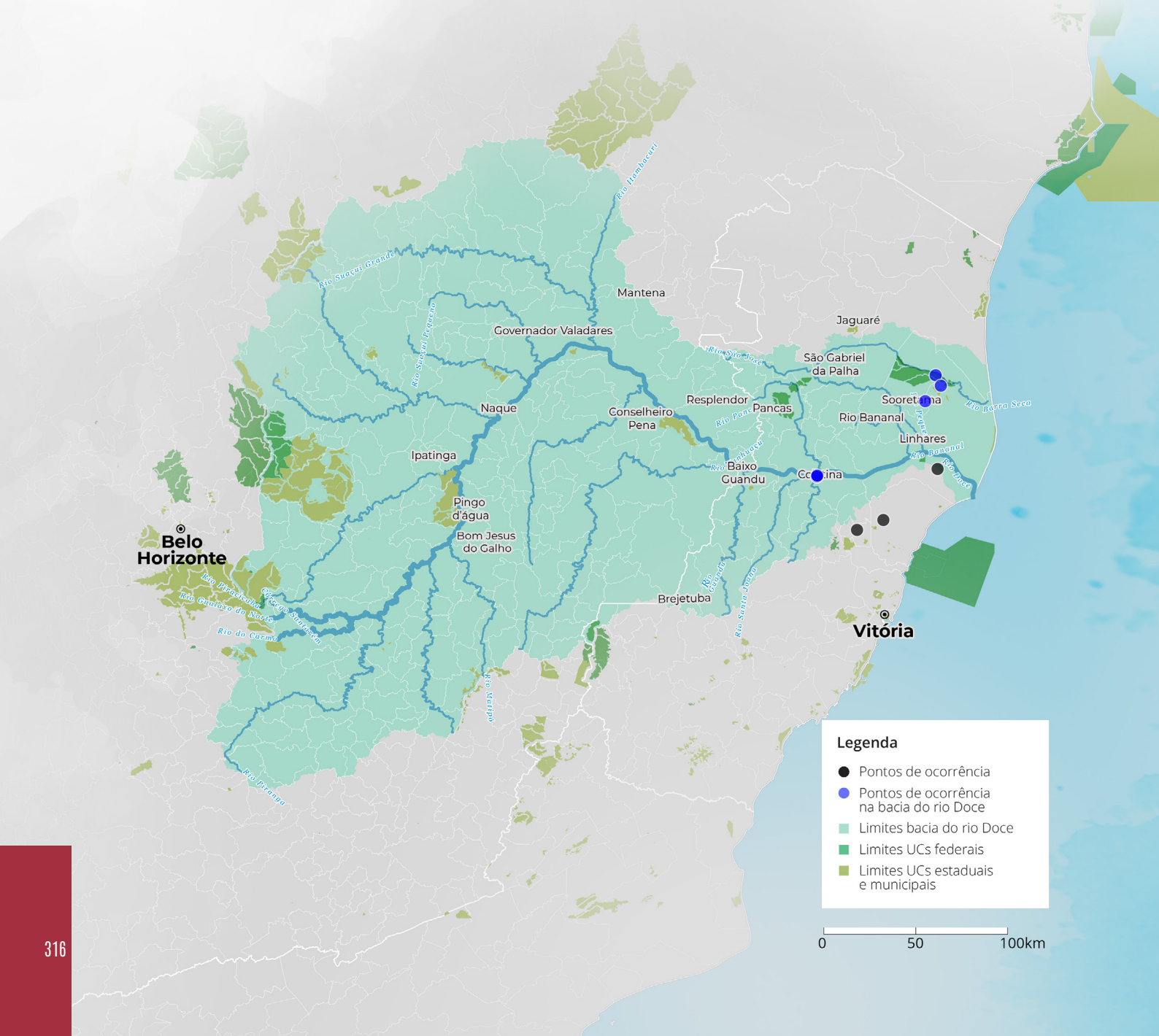
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A subespécie tem distribuição restrita ao leste do Brasil, ocorrendo nos estados de Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Espírito Santo.

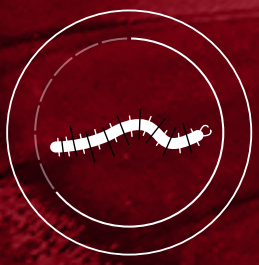
MAPA DE OCORRÊNCIA *Xiphorhynchus guttatus guttatus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



INVERTEBRADOS



66%

dos diplópodes
avaliados na bacia do rio Doce
estão ameaçados de extinção

Total de espécies por categoria

2	1
EN	DD

2 espécies do grupo estão na faixa de ameaça de extinção

28%

dos insetos
avaliados na bacia do rio Doce
estão ameaçados de extinção

Total de espécies por categoria

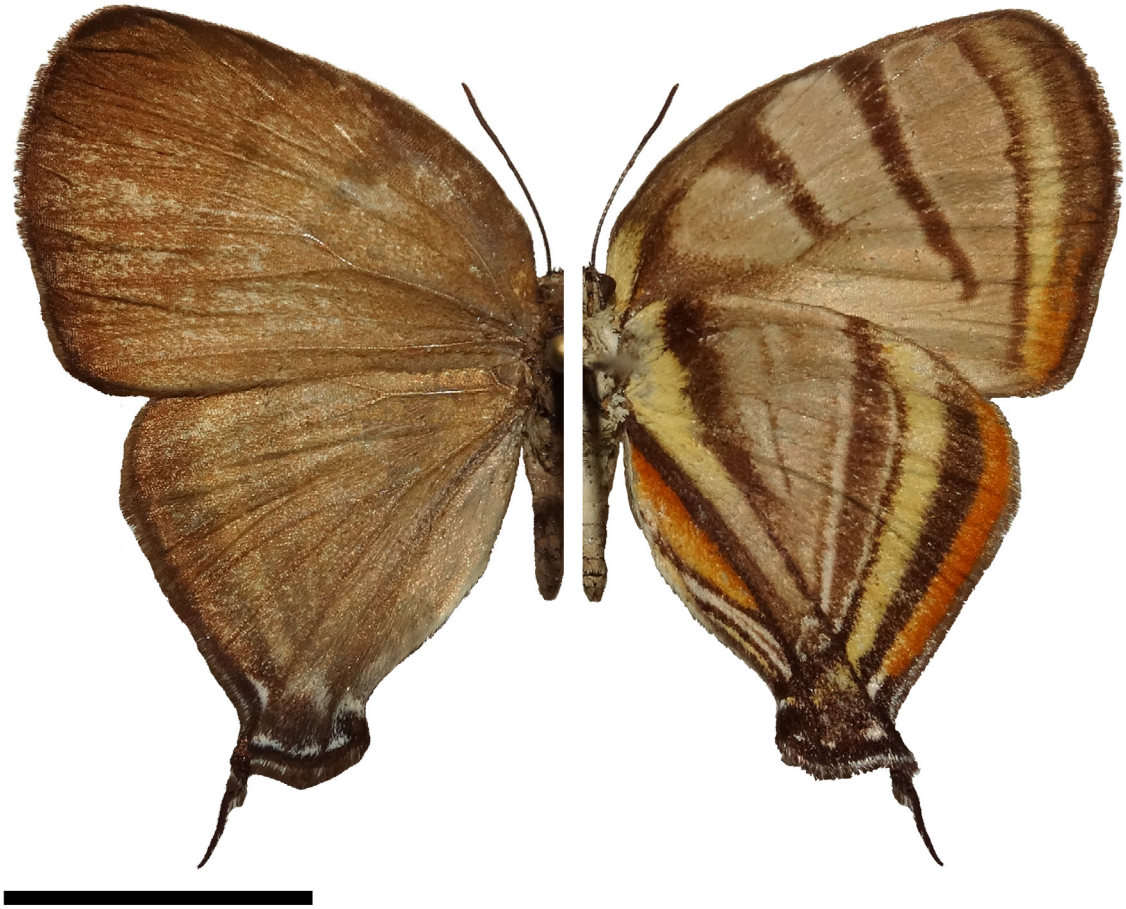
	CR	VU		
1	7	1	16	6
	EN		DD	NA

9 espécies do grupo estão na faixa de ameaça de extinção

FAMÍLIA: LYCAENIDAE

Arawacus aethesa (Hewitson, 1867)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Augusto Henrique Batista Rosa



INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: borboleta

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Ordem: Lepidoptera

Família: Lycaenidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Apesar do padrão alar similar ao de outras espécies de *Arawacus Kaye*, 1904, a espécie é facilmente distinguida (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2018c).

INFORMAÇÕES GERAIS

Arawacus aethesa é considerada rara e não há informações sobre tamanho e tendência populacionais (Freitas & Marini-Filho 2011), habitat e história de vida. Conhece-se a espécie a partir de poucos registros e sabe-se apenas que a espécie ocorre próximo às margens do rio Doce, e tem como habitat áreas de Florestas Ombrófila e Estacional Semidecidual (Freitas & Marini-Filho 2011).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Arawacus aethesa* é uma borboleta rara, com poucos registros e escassas informações sobre seus requisitos ecológicos, tamanho e tendência populacionais. Na bacia do rio Doce, os registros conhecidos concentram-se na FLONA de Goytacazes e na Reserva Natural Vale. Sua Extensão de Ocorrência (EOO) e Área de Ocupação (AOO) são de 12 km², com duas localizações condicionadas a ameaças. Dada a raridade da espécie, a falta de informações abrangentes e a dificuldade de amostragem, é possível que a AOO da espécie esteja subestimada. Considerando os locais conhecidos de ocorrência da espécie, onde habita áreas florestais próximas às margens do rio Doce, é possível que o rompimento da barragem de Fundão tenha afetado esses locais, com impactos relacionados às mudanças nas condições dos habitats ao longo das margens do rio. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo na qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Lepidópteros (Freitas & Marini-Filho 2011) e Insetos Polinizadores (Brasil 2022a). É considerada espécie beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças à espécie são a degradação, perda de qualidade (Freitas & Marini-Filho 2011) e fragmentação do habitat, que podem levar ao isolamento populacional. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas e novos registros são necessários para a espécie, além de informações sobre habitat e história de vida, tamanho e tendência populacionais, e ameaças.

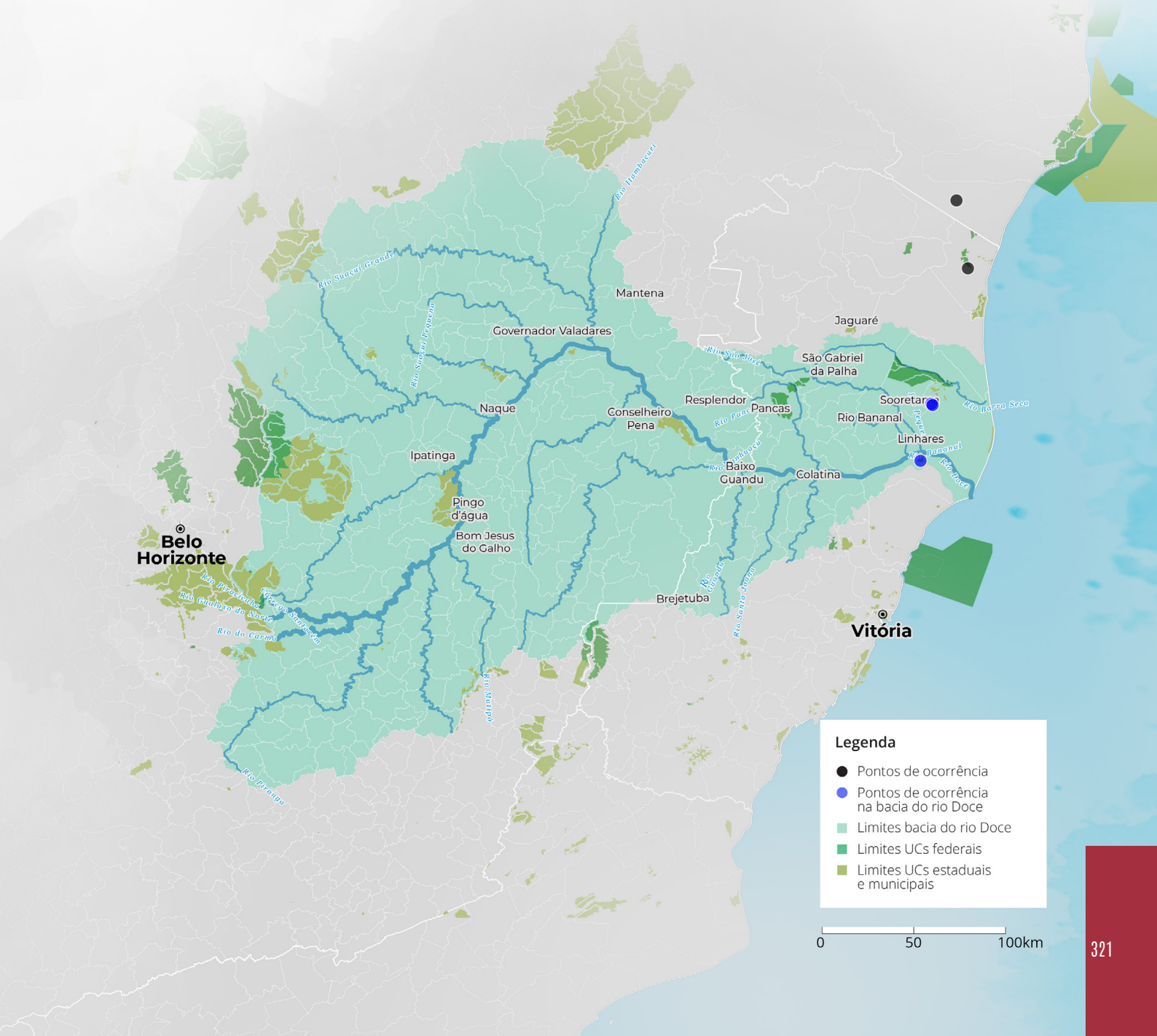
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, com ocorrência nos estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo (Freitas & Marini-Filho 2011; Rosa *et al.* 2023).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Arawacus aethesa:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: SCARABAEIDAE

Ateuchus squalidus (Fabricius, 1775)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Stéphanie Vaz

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: escaravelho-leitão-das-restingas

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Ordem: Coleoptera

Família: Scarabaeidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Espécie de besouro, semifossorial, endêmica de áreas de restinga bem preservadas (Vaz-de-Mello 2020a). Não existe informação sobre tendência populacional para a espécie. É uma espécie de habitat específico, porém é abundante onde ocorre (grandes populações mesmo em pequenos fragmentos de restinga). Besouros não têm o comportamento de se mover entre fragmentos, provavelmente devido à sua intolerância a diferentes habitats (exemplo: pastagens). Devido a isso, a espécie é considerada severamente fragmentada (Vaz-de-Mello 2020a).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Ateuchus squalidus* é um besouro semifossorial associado a áreas de restinga preservada, porém, não há informações disponíveis sobre seu tamanho e tendência populacionais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 1.165 km², com uma Área de Ocupação (AOO) de 32 km² e três localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão resultou no acúmulo de água, sedimentos e rejeitos nas áreas de ocorrência da espécie, ocasionando a diminuição da qualidade de seu habitat e a erosão do solo. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo na qualidade do habitat e no número de localizações sujeitas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças em geral podem estar associadas ao processo de urbanização, desenvolvimento residencial, bem como ao fogo, à exploração ilegal de madeira, a pastagens e, às atividades turísticas em algumas regiões (Vaz-de-Mello 2020a). As restingas costeiras brasileiras foram reduzidas em mais de 90% (WWF 2001). Com a redução de mais de 90% das restingas costeiras brasileiras (WWF 2001), o habitat preferencial da espécie está altamente fragmentado e intercalado com pastagens. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à tendência e densidade populacionais.

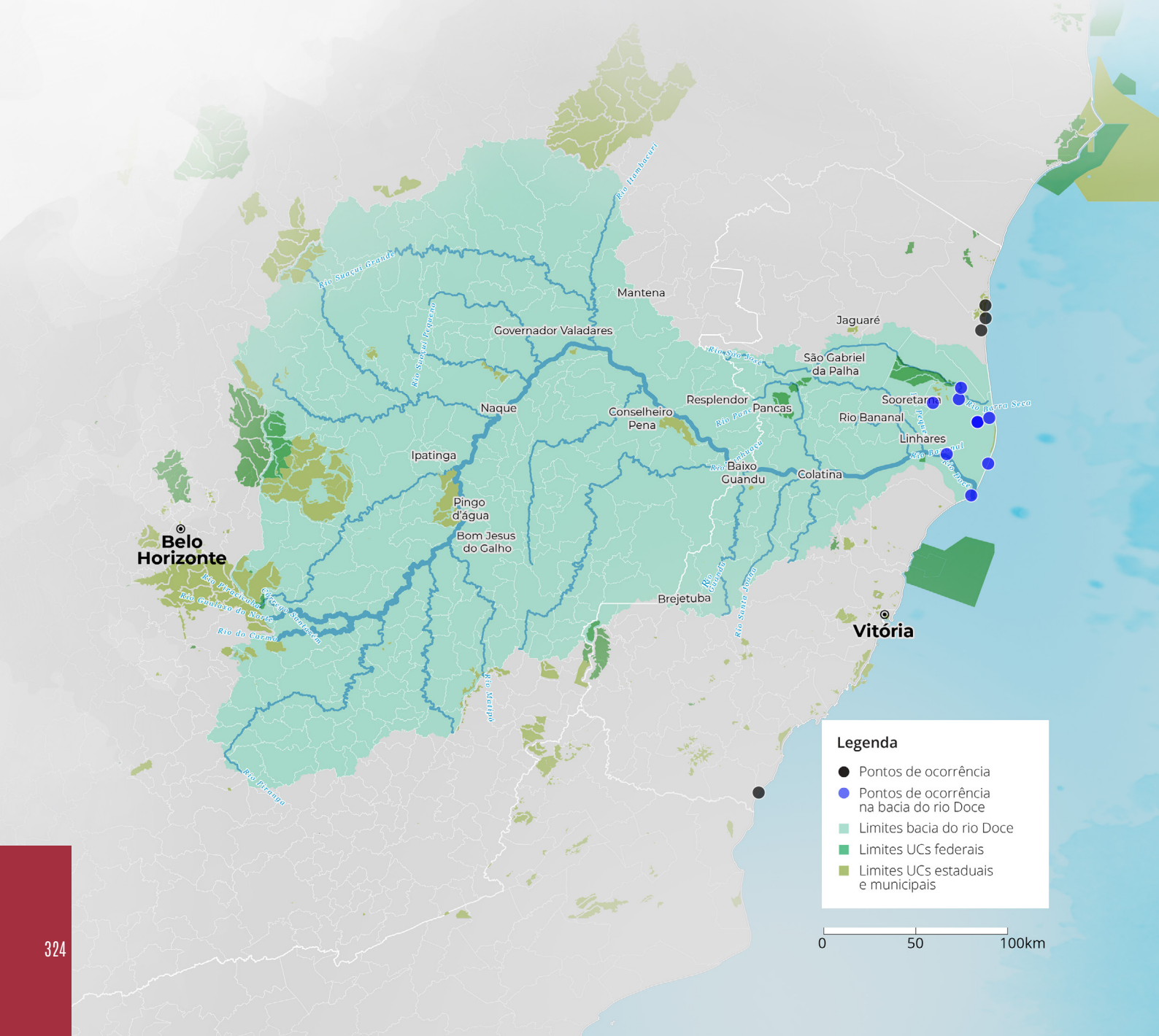
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ateuchus squalidus é endêmica do Brasil e ocorre nas regiões costeiras do estado do Rio de Janeiro, nos municípios de Macaé, Rio de Janeiro, Carapebus, Quissamã e Saquarema, e no estado do Espírito Santo, ocorre no município de Linhares, nas regiões conhecidas como delta do rio Doce, vale do Suruaca e ilha de Guriri (Schiffler *et al.* 2003; Vaz-de-Mello 2020a).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Ateuchus squalidus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

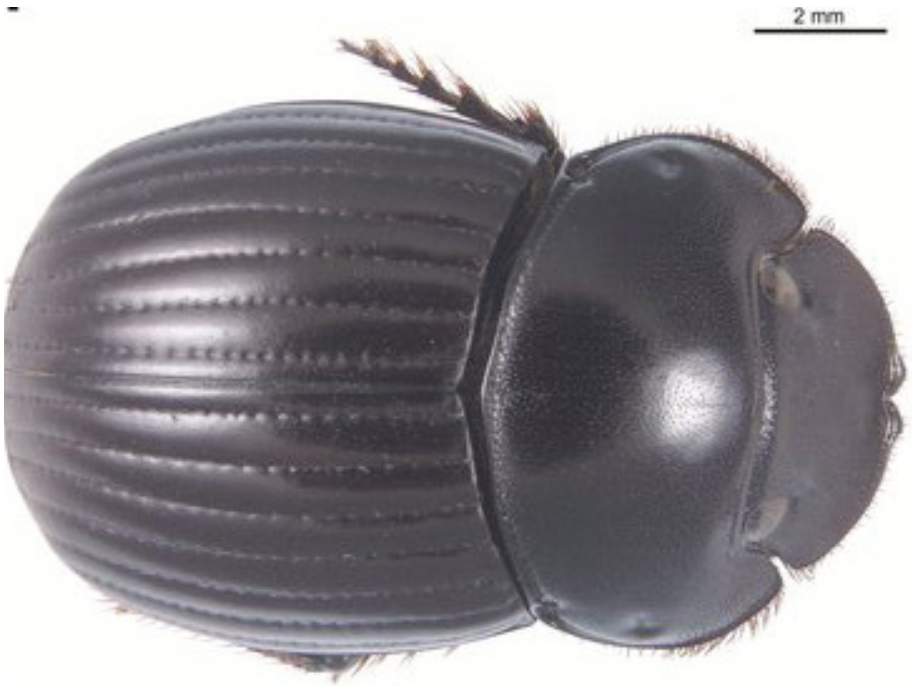
Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: SCARABAEIDAE

Dichotomius schiffleri
Vaz-de-Mello, Louzada & Gavino, 2001

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Stéphanie Vaz



INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: besouro

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Ordem: Coleoptera

Família: Scarabaeidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Esta espécie de besouro habita predominantemente áreas bem preservadas de restinga. Adicionalmente, registros indicam que a espécie também foi identificada em áreas de florestas de baixada e em fragmentos florestais (Vieira *et al.* 2011). A espécie é considerada rara e pouco abundante (Vaz-de-Mello *et al.* 2020b). Entretanto, não há informações sobre tamanho e tendência populacionais para a espécie. Devido à perda de seu habitat em restingas, as populações da espécie podem ser consideradas severamente fragmentadas (Vaz-de-Mello *et al.* 2020b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Dichotomius schiffleri* é um besouro semifossorial associado a áreas de restinga e fragmentos florestais, ambos bem preservados. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 1.550 km², com Área de Ocupação (AOO) de 56 km² e três localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com acúmulo de água e sedimentos nas áreas, causando diminuição na qualidade do habitat, erosão do solo e isolamento das populações locais. Além disso, cerca de 54% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Desta maneira, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações sujeitas a ameaça. Como resultado, *D. schiffleri* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie estão relacionadas à urbanização, desenvolvimento residencial, incêndios, exploração ilegal de madeira, pastagens e atividades turísticas (Vieira *et al.* 2011; Vaz-de-Mello *et al.* 2020b). Com a redução em mais de 90% das restingas costeiras brasileiras (WWF 2001), o habitat preferencial da espécie está altamente fragmentado e entrecortado por pastagens. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos da mineração (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre tamanho e tendência populacionais.

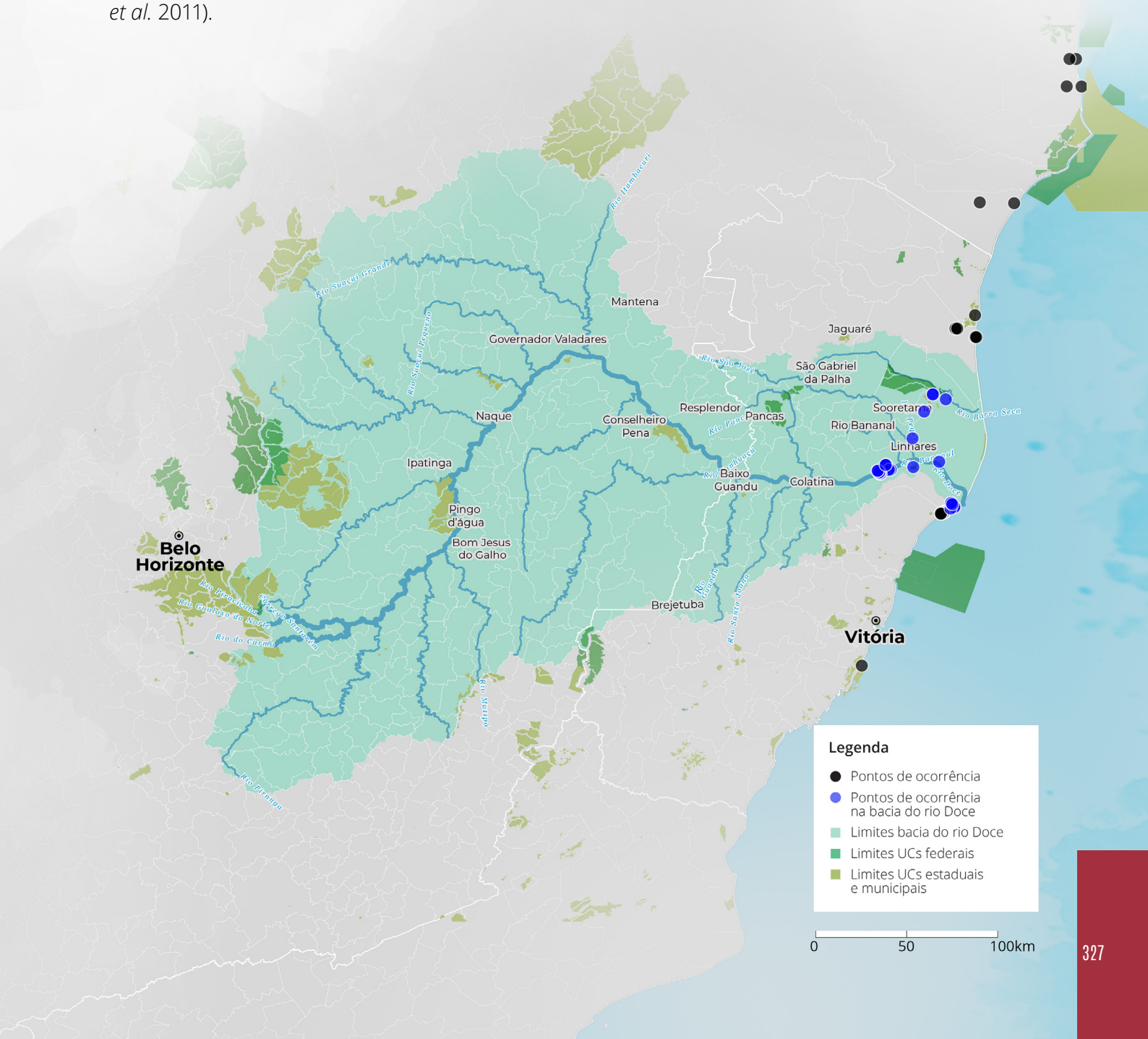
MAPA DE OCORRÊNCIA *Dichotomius schiffleri:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, com ocorrência nas regiões costeiras do estado do Espírito Santo, nos municípios de Linhares, (Regência e Ilha de Guriri), tem ocorrência também no estado da Bahia, nos municípios de Mucuri, Alcobaça, Prado, Santa Cruz de Cabrália, Porto Seguro, Mata de São João, e nos estados de Sergipe (Santa Luzia do Itanhy) e Pernambuco (Ipojuca) (Vaz-de-Mello *et al.* 2001; Vieira *et al.* 2011).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: FORMICIDAE

Dinoponera lucida Emery, 1901

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Lívia Pires do Prado

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: formiga-gigante

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Ordem: Hymenoptera

Família: Formicidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Essa espécie de formiga é especialista em florestas, sendo encontrada apenas em áreas remanescentes desse ecossistema, e tem a serrapilheira como habitat. Com a fragmentação de seu habitat, novas colônias são formadas por fissão, quando uma fêmea reprodutiva deixa a colônia com um grupo para iniciar uma nova (Parreira *et al.* 2020). Esse processo de formação de colônias pode levar a um alto grau de endogamia, resultando em uma redução na diversidade genética (Simon *et al.* 2016; Curbani *et al.* 2021). A espécie é considerada abundante onde ocorre, entretanto, não há informações sobre tamanho e tendência populacionais.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Dinoponera lucida*, popularmente conhecida como formiga-gigante, é uma espécie especializada em habitats florestais. Suas colônias se formam por fissão, originando novas colônias quando uma fêmea reprodutiva deixa o grupo original. Apesar da escassez de informações sobre o tamanho populacional, a espécie parece ser abundante em suas áreas de ocorrência. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 2.816 km², com Área de Ocupação (AOO) de 80 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem resultou no acúmulo de água e sedimentos, impactando principalmente as condições e a fragmentação do habitat ao longo das margens do rio, conforme observado nos locais conhecidos de ocorrência da espécie e em seu padrão de colonização. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo da qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *D. lucida* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

O desmatamento e a perda de qualidade do habitat são as principais ameaças à espécie (Simon *et al.* 2020). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre ameaças, tendência e tamanho populacionais. Além disso, novas amostragens nas regiões próximas de onde a espécie ocorre são necessárias a fim de compreender se sua amplitude de distribuição geográfica é maior do que a atual (Parreira *et al.* 2020).

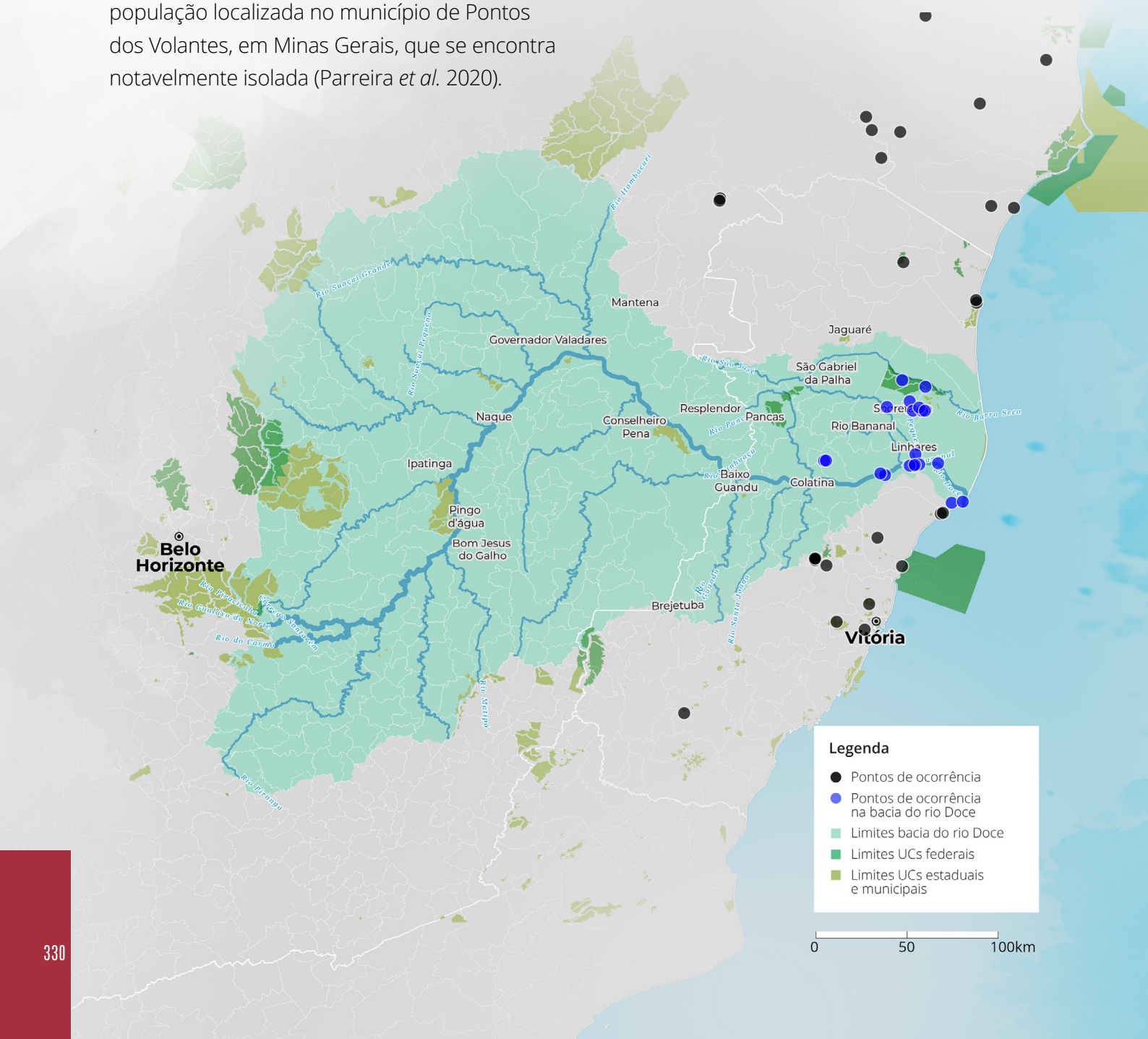
MAPA DE OCORRÊNCIA *Dinoponera lucida:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo em remanescentes florestais da Mata Atlântica situados nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia (Parreira *et al.* 2020; Simon *et al.* 2020; Curbani *et al.* 2021; Dias & Lattke 2021). Sua distribuição ocorre de maneira fragmentada, muitas vezes sem estabelecer conexões com outros fragmentos, como exemplificado pela população localizada no município de Pontos dos Volantes, em Minas Gerais, que se encontra notavelmente isolada (Parreira *et al.* 2020).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: GLOSSOSCOLECIDAE

Fimoscolex sporadochaetus Michaelsen, 1918

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho e Karlo Guidoni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: minhoca-branca, minhoca

Filo: Annelida

Classe: Clitellata

Ordem: Haplotaxida

Família: Glossoscolecidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Fimoscolex sporadochaetus é uma minhoca com tamanho corporal em torno de 40-60 mm de comprimento e entre 2,5 a 3,5 mm de diâmetro, que pode ser confundida com uma espécie comum, a *Pontoscolex corethrurus* (James & Brown 2010). A espécie é encontrada em solos superficiais de florestas semidecíduas da Mata Atlântica (Brown *et al.* 2023). Como a maioria das espécies do grupo, *F. sporadochaetus* possui baixa mobilidade e são possivelmente sensíveis a alterações no solo, habitat e clima (James & Brown 2010). Não há informações sobre o tamanho populacional e de uso/comércio para esta espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Fimoscolex sporadochaetus*, popularmente conhecida como minhoca-branca, é endêmica de Minas Gerais e ocorre em solos superficiais de florestas semidecíduas da Mata Atlântica. A espécie é pouco conhecida e carece de informações sobre tamanho populacional e distribuição geográfica. Na bacia do rio Doce, é conhecida no Parque Estadual do Itacolomi, em Ouro Preto, e nos municípios de Mariana e Barão de Cocais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 185 km², com Área de Ocupação (AOO) de 20 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. Os registros conhecidos da espécie estão localizados em fragmentos florestais cercados por ocupação urbana, mineração, desmatamento e redução de habitat. Cerca de 40% da EOO foram convertidas em áreas de mineração. Desta

maneira, infere-se declínio contínuo da EOO, AOO, da qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Diante desse cenário, *F. sporadochaetus* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c)

Minas Gerais: CR (COPAM 2010)

PATs/PANs: Espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

A espécie ocorre no Parque Estadual do Itacolomi e ações de conservação devem ser incluídas no plano de manejo do parque (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2018c).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie é principalmente afetada pela perda de habitat devido à ocupação urbana, mineração e desmatamento (James & Brown 2010; Brown *et al.* 2023). Não há registros da espécie em áreas impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas básicas sobre tamanho populacional, distribuição, histórias de vida e ecologia, além de ameaças (James & Brown 2010; Brown *et al.* 2023). O esforço de coleta para o grupo no Brasil é inadequado, existindo grandes lacunas de amostragem (James & Brown 2010).

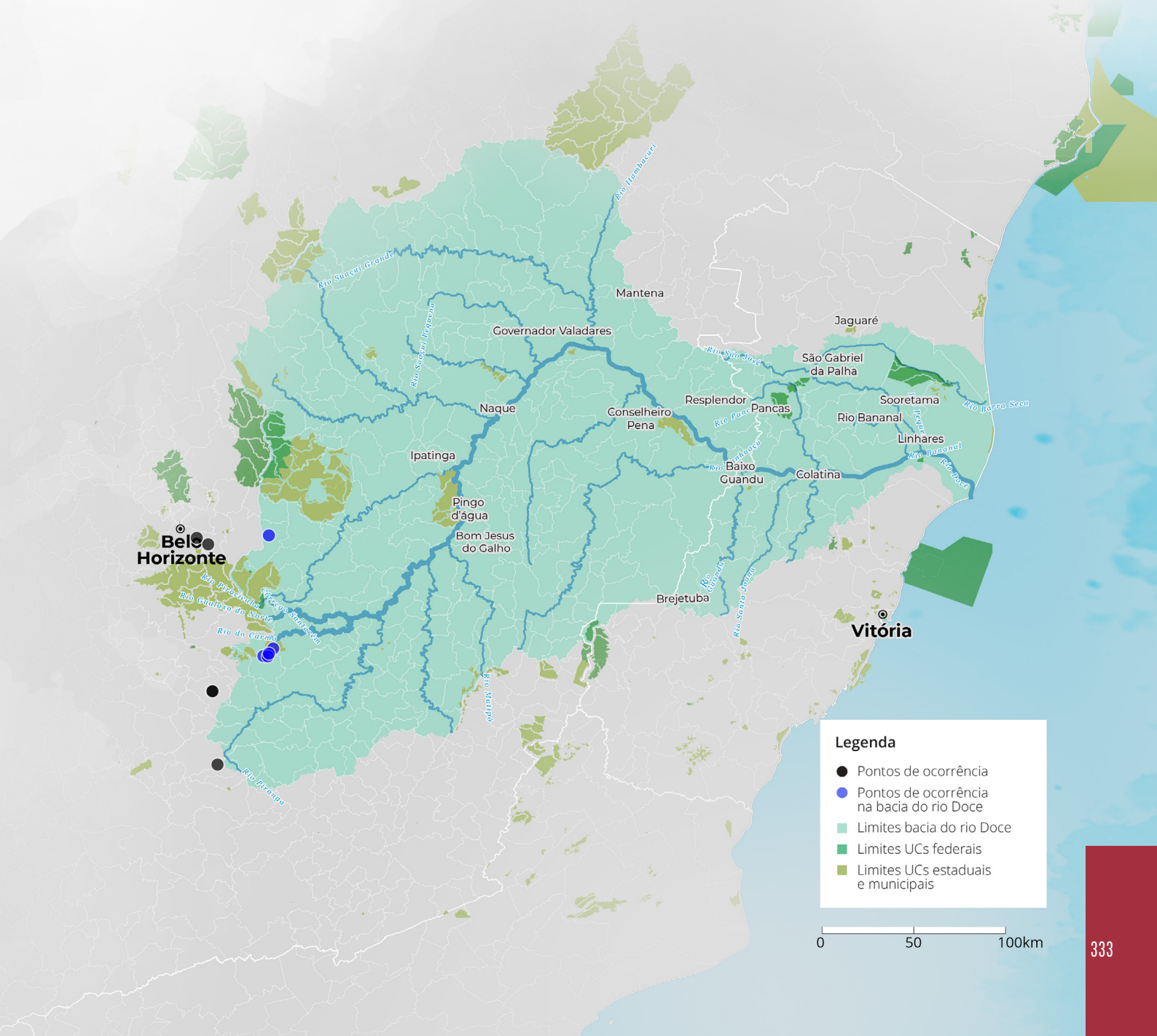
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Fimoscolex sporadochaetus é endêmica da Mata Atlântica e de Minas Gerais (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2018c; Brown *et al.* 2023). Na bacia do rio Doce, é conhecida para o Parque Estadual do Itacolomi, em Ouro Preto, e nos municípios de Mariana e Barão de Cocais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Fimoscolex sporadochaetus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do Itacolomi.



FAMÍLIA: PAPILIONIDAE

Heraclides himeros himeros (Hopffer, 1865)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Augusto Henrique Batista Rosa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: borboleta, borboleta-rabo-de-andorinha

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Ordem: Lepidoptera

Família: Papilionidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Táxon que pode ser confundido com *Heraclides astyalus* (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2018c).

INFORMAÇÕES GERAIS

Heraclides himeros himeros tem como habitat áreas extensas de mata (Freitas & Marini-Filho 2011). As populações são pequenas, tendo as menores estimativas de tamanho dentre todas as espécies de Papilionidae com tamanho populacional avaliado (Brown Jr. & Freitas 2008). A população mais densa está no estado do Rio de Janeiro. A espécie possui interesse econômico devido à venda de espécimes para colecionadores.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Heraclides himeros himeros* é uma borboleta dependente de áreas florestais extensas e bem preservadas para sua ocorrência. Utiliza plantas específicas como hospedeiras, as quais estão possivelmente ameaçadas pela extração madeireira. As informações sobre os requisitos ecológicos, tamanho e tendência populacionais da espécie são escassas; porém, suspeita-se que sua população seja reduzida. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) e Área de Ocupação (AOO) são de 8 km², com uma localização condicionada à ameaça. Na região, a espécie é conhecida apenas na Floresta Nacional de Goytacazes, uma das áreas impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Esse evento resultou em acúmulo de água e sedimentos, causando erosão do solo e diminuição da qualidade de habitat da subespécie. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo na qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Lepidópteros (Freitas & Marini-Filho 2011) e Insetos Polinizadores (Brasil 2022a).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie requer extensas áreas de mata, apresentando uma população reduzida, sendo a degradação, perda de qualidade e fragmentação do habitat ameaças significativas. Além disso, a espécie possivelmente foi impactada pelo rompimento da barragem de Fundão devido a mudanças nas condições do seu habitat resultantes da erosão e deposição de rejeitos da mineração (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre distribuição, habitat e história de vida, tamanho e tendência populacionais e ameaças são necessárias para a subespécie.

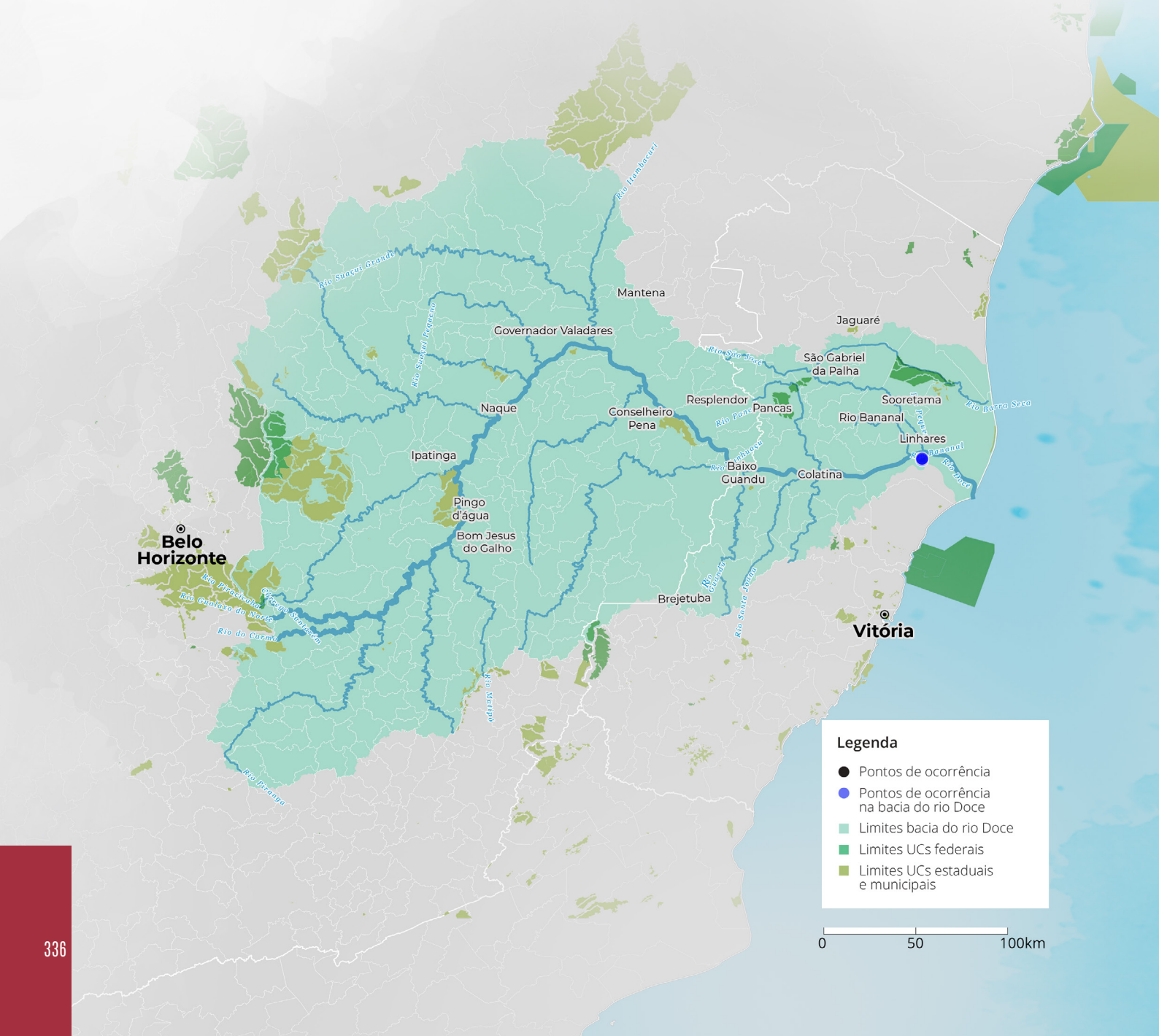
MAPA DE OCORRÊNCIA *Heraclides himeros himeros:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, em altitudes de até 200 m (Freitas & Marini-Filho 2011).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: NYMPHALIDAE

Hyalyris leptalina (C. Felder & R. Felder, 1865)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Eline Martins, Karlo Guidoni e Augusto Henrique Batista Rosa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: borboleta

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Ordem: Lepidoptera

Família: Nymphalidae

INFORMAÇÕES GERAIS

A borboleta *Hyalyris leptalina* ocorre em serras baixas (até 500 m) com encostas frias (Freitas *et al.* 2023). Informações sobre sua história natural são escassas, mas o táxon foi observado em voo, formando agregações multiespecíficas de Ithomiini (bolsões). Sua planta hospedeira é desconhecida, mas provavelmente é alguma planta do gênero *Solanum* (Freitas *et al.* 2018; Freitas *et al.* 2023). As populações da espécie encontram-se isoladas e em baixas densidades na natureza (Freitas *et al.* 2018). Considerando os registros

disponíveis, é possível inferir que a espécie apresenta múltiplas gerações por ano, sendo que os adultos são mais frequentes durante o período compreendido entre agosto e setembro (Freitas *et al.* 2023). Observa-se, ainda, que o tamanho populacional é reduzido, com densidade inferior a 10 indivíduos por localidade (Freitas *et al.* 2018; Freitas *et al.* 2023). Não há informações de uso/comércio para esta espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Hyalyris leptalina* é uma borboleta restrita à Mata Atlântica que ocorre em serras baixas de até 500 m de altitude com encostas frias. Originalmente, ocorria no Rio de Janeiro, no Espírito Santo e em Minas Gerais, encontrando-se extinta no primeiro. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é 2.156 km², com Área de Ocupação (AOO) de 20 km² e quatro localizações condicionadas a ameaças. Atualmente, cerca de 81% da sua EOO foram convertidas em pastagens. O rompimento da barragem de Fundão resultou na erosão e no acúmulo de rejeitos que causam mudanças nas condições da qualidade do habitat da espécie, dado os locais conhecidos de ocorrência e sua forma de colonização. Desta maneira, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Assim, *H. leptalina* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" de extinção na região da bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Lepidópteros (Freitas & Marini-Filho 2011) e Insetos Polinizadores (Brasil 2022a).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça a esta espécie é a descontinuidade de habitat e isolamento populacional (Freitas *et al.* 2018; Freitas *et al.* 2023). Além disso, há registros da espécie na área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão, que gerou mudanças nas condições do habitat da espécie devido à erosão e deposição de rejeitos da mineração (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre distribuição geográfica, tamanho e tendência populacionais, história de vida e ecologia básica da espécie.

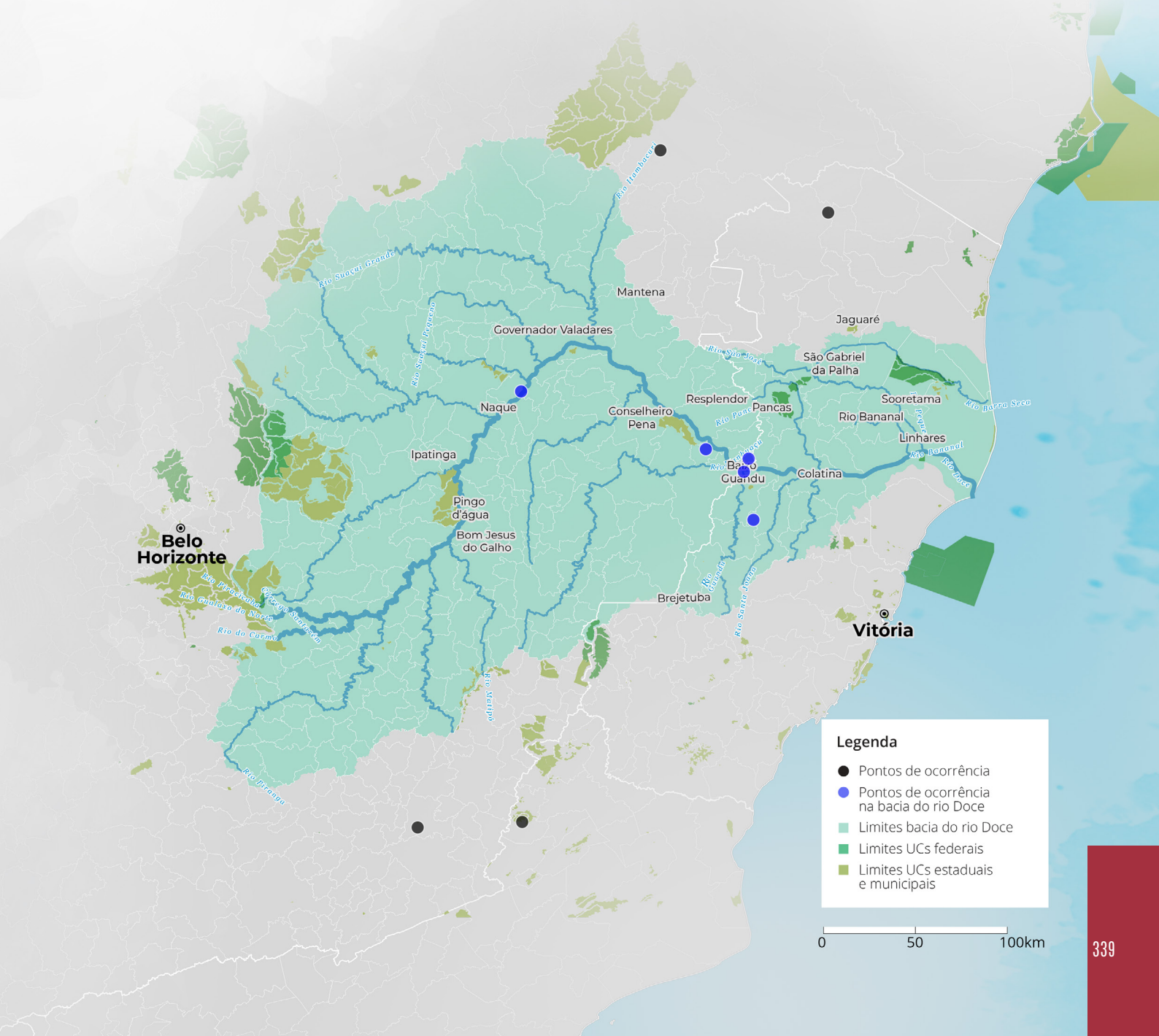
MAPA DE OCORRÊNCIA *Hyalyris leptalina:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Endêmica da Mata Atlântica, *H. leptalina* possui ocorrência histórica no Rio de Janeiro e, atualmente, sua distribuição está restrita a pequenas colônias no Espírito Santo (Baixo Guandu, Itaguaçu e Ecoporanga, na bacia do rio Doce) e Minas Gerais (Aimorés e Itueta) (Freitas *et al.* 2018; Freitas *et al.* 2023; Rosa *et al.* 2023).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: NYMPHALIDAE

Mcclungia cymo fallens (Haensch, 1905)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Augusto Henrique Batista Rosa

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: borboleta-asa-de-vidro

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Ordem: Lepidoptera

Família: Nymphalidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

A subespécie pode ser confundida com vários Ithomiini de coloração semelhante (transparentes/amarelados) e os imaturos são semelhantes a outros de espécies próximas (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade 2018c).

INFORMAÇÕES GERAIS

Esta subespécie de borboleta tem distribuição e voo restrito a habitats de áreas mais baixas e úmidas, próximo a matas alagadas. Os machos da subespécie são atraídos por plantas do gênero *Heliotropium* (Freitas & Marini-Filho 2011). O tempo de vida em média dos adultos da subespécie é de 30 dias. Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais para a subespécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Mcclungia cymo fallens*, uma borboleta restrita a habitats de baixada úmida, possui requisitos ecológicos pouco conhecidos, e não há informações sobre seu tamanho populacional; presume-se que a subespécie tenha uma distribuição severamente fragmentada devido à conversão do habitat em outros usos. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 16.303 km², com Área de Ocupação (AOO) de 36 km² e cinco a sete localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão afetou os locais de ocorrência da subespécie devido ao acúmulo de água e sedimentos, comprometendo a qualidade do habitat da subespécie, que está diretamente relacionada a ambientes úmidos. Além disso, cerca de 74% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a subespécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: CR (Brasil 2022).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada nos PANs Lepidópteros (Freitas & Marini-Filho 2011) e Insetos Polinizadores (Brasil 2022a).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A degradação, perda de qualidade e fragmentação do habitat resultantes do desmatamento para pastagens constituem ameaças significativas para a subespécie (Freitas & Marini-Filho 2011). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas e novos registros são necessários, além de informação sobre habitat, história de vida, possíveis ameaças, e tamanho e tendência populacionais (Freitas & Marini-Filho 2011).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Mcclungia cymo fallens:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Subespécie endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, em altitudes em torno de até 300 m (Freitas & Marini-Filho 2011).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; FLONA de Goytacazes.

FAMÍLIA: APIDAE

Melipona rufiventris
Lepeletier, 1836

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Lívia Pires do Prado

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
uruçu-amarela, tujuba

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Ordem: Hymenoptera

Família: Apidae

INFORMAÇÕES GERAIS

A espécie era considerada abundante em florestas da Mata Atlântica. No entanto, sofreu grande declínio populacional devido à degradação e supressão da vegetação no bioma (Silveira *et al.* 2002). A espécie habita grandes fragmentos de floresta bem conservados, e é caracterizada pela baixa tolerância a perturbações e alterações ambientais. Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais para a espécie (Silveira *et al.* 2002).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Melipona rufiventris*, popularmente conhecida como uruçú-amarela, é uma abelha que habita fragmentos de florestas bem preservadas, demonstrando baixa tolerância a ambientes perturbados. Os requisitos ecológicos dessa espécie são pouco conhecidos, e informações sobre seu tamanho e tendência populacionais são escassas. Na bacia do rio Doce, apresenta Extensão de Ocorrência (EOO) de 8.918 km², Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e duas a três localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com acúmulo de água e sedimentos nas áreas, causando diminuição na qualidade do habitat, erosão do solo e isolamento das populações locais. Desta maneira, infere-se declínio contínuo de qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *M. rufiventris* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: EN (Brasil 2022c).

PATs/PANs: Listada no PAN Insetos Polinizadores (Brasil 2022a) e considerada espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça para a espécie está relacionada à perda de qualidade e fragmentação do habitat. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat, decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre tamanho e tendência populacionais.

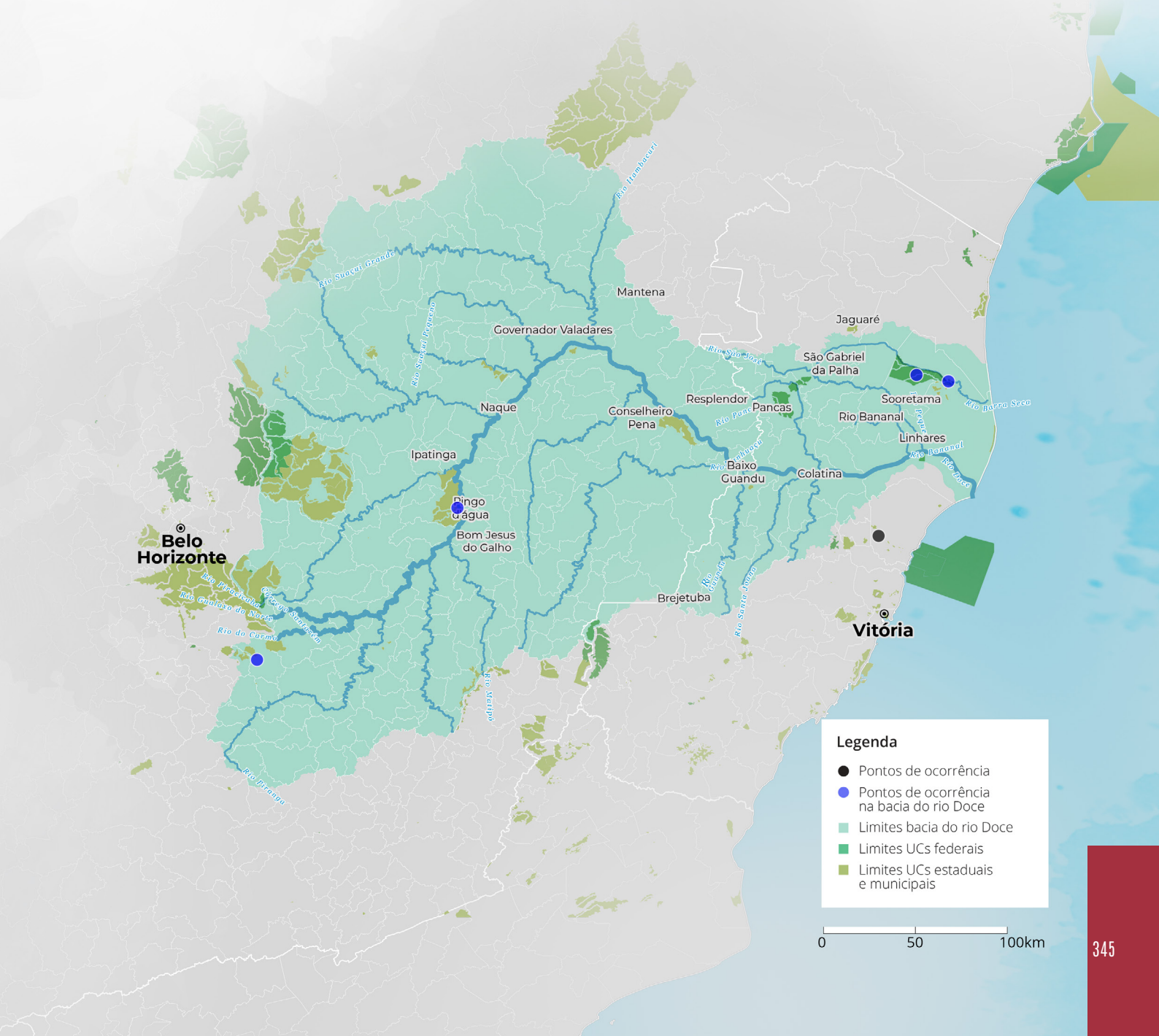
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, ocorrendo nos seguintes estados: Bahia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Piauí e Tocantins (Azevedo & Nogueira 2021).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Melipona rufiventris:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: CHELODESMIDAE

Odontopeltis aleijadinho
Pena-Barbosa, Sierwald & Brescovit, 2013

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro e Karlo Guidoni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: piolho-de-cobra

Filo: Arthropoda

Classe: Diplopoda

Ordem: Polydesmida

Família: Chelodesmidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Espécie de hábito fossorial, provavelmente habitando áreas de vegetação primária e secundária (Pena-Barbosa *et al.* 2013; Iniesta *et al.* 2017).

Apesar da escassez de informações sobre tamanho e tendência populacionais, a espécie é considerada rara.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i, ii,iii,iv)+B2ab(i, ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Odontopeltis aleijadinho*, popularmente conhecida como piolho-de-cobra, é um invertebrado fossorial, endêmico da bacia do rio Doce, cujo habitat principal são áreas florestais. Pouco se sabe sobre sua distribuição, requisitos ecológicos, tamanho e tendências populacionais. Devido à sua natureza fossorial, a espécie é de difícil detecção, o que pode estar relacionado à escassez de informações sobre ameaças e declínios populacionais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 136 km², com Área de Ocupação (AOO) de 12 km², com uma a duas localizações condicionadas a ameaças. Os únicos registros conhecidos da espécie estão dentro ou próximos do Parque Estadual do Rio Doce, uma das áreas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Este evento provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, causando perda e mudança no habitat, além de reduzir sua sobrevivência e sucesso reprodutivo. Diante desse

cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, devido às incertezas que incidem sobre a distribuição da espécie, *O. aleijadinho* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados à mudança na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à taxonomia, distribuição, tamanho e tendência populacionais, história de vida e ecologia e ameaças.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica da bacia do rio Doce, sendo conhecida apenas para o estado de Minas Gerais (Pena-Barbosa *et al.* 2013).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Odontopeltis aleijadinho:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do Rio Doce.

FAMÍLIA: CHELODESMIDAE

Odontopeltis giganteus (Schubart, 1949)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro e Karlo Guidoni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: piolho-de-cobra

Filo: Arthropoda

Classe: Diplopoda

Ordem: Polydesmida

Família: Chelodesmidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Espécie com hábito fossorial, sendo o maior membro da sua família. É encontrada em vegetação aberta, em regeneração, em Floresta Estacional Semidecidual degradada e em pastos sujos (Golder Associates 2016). Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais, visto que o último registro da espécie é de 1981.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Odontopeltis giganteus*, popularmente conhecida como piolho-de-cobra, é um invertebrado fossorial endêmico da bacia do rio Doce, habitante de áreas florestais. Sua distribuição, requisitos ecológicos, assim como o tamanho e a tendência populacionais, são pouco conhecidos. Devido ao seu hábito fossorial, a detecção da espécie torna-se mais difícil. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 88 km², com Área de Ocupação (AOO) de 12 km² e duas a três localizações condicionadas a ameaças. Uma das duas localidades conhecidas para a espécie está dentro e a outra próxima à área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão. Os possíveis impactos negativos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de subpopulações. Como resultado, *O. giganteus* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: VU (Brasil 2022c).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A agricultura pode estar associada à perda e fragmentação do habitat da espécie, levando ao isolamento populacional (Oliveira *et al.* 2021). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área a jusante da Usina Hidrelétrica de Aimorés, situada na fronteira entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo até a foz do rio Doce. Os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Estudos sobre habitat, ecologia, tendência populacional e ameaças sobre a espécie.

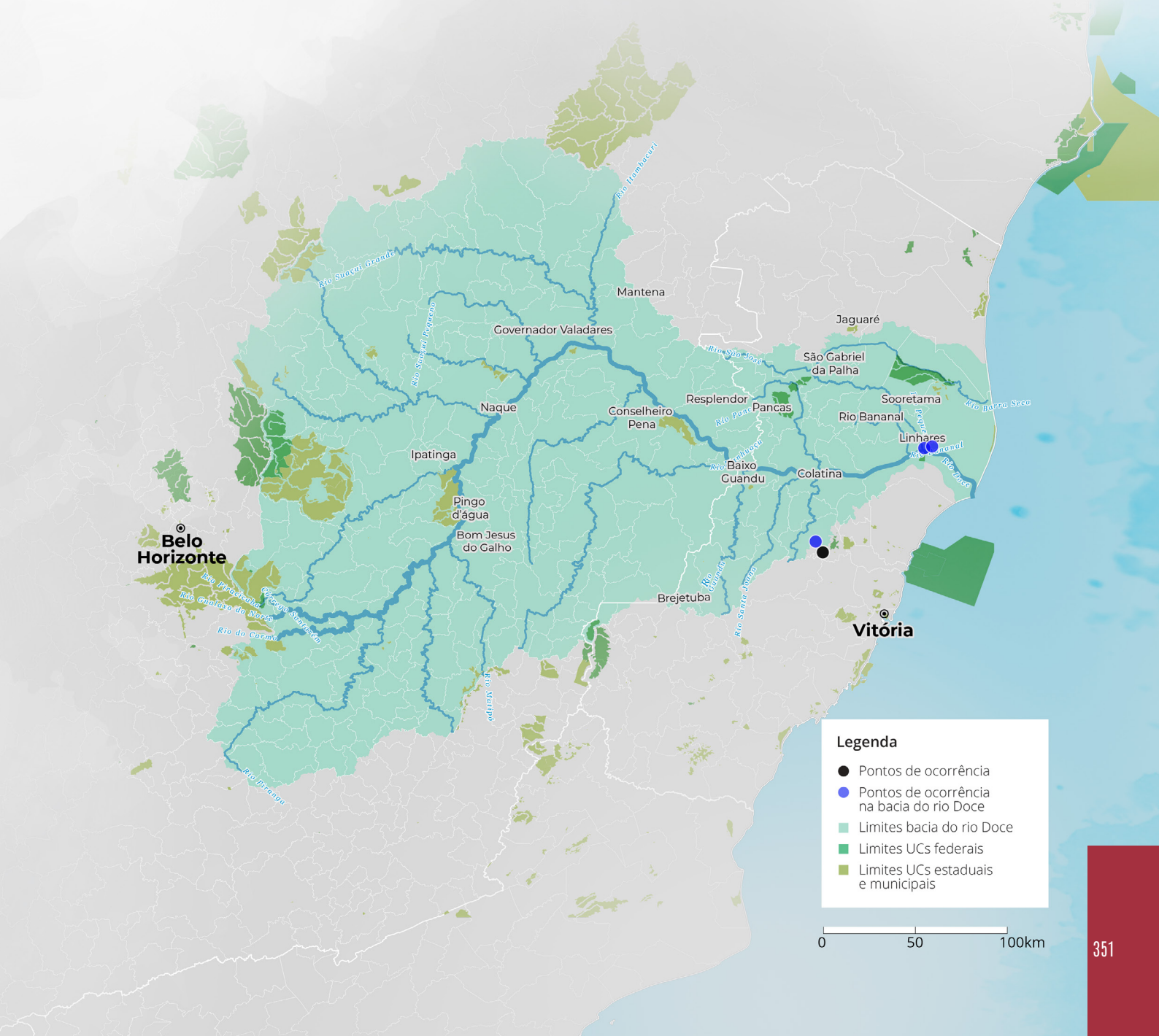
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica da Mata Atlântica, ocorrendo no estado do Espírito Santo, nos municípios de Linhares e Santa Teresa (Pena-Barbosa *et al.* 2013).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Odontopeltis giganteus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: SCARABAEIDAE

Oxysternon pteroderum Nevinson, 1892

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Stéphanie Vaz

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: besouro-rola-bosta

Filo: Arthropoda

Classe: Insecta

Ordem: Coleoptera

Família: Scarabaeidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Oxysternon pteroderum possui hábito terrestre, mas está principalmente associada ao ambiente costeiro e em áreas de florestas ripárias de grandes rios no sudeste da Mata Atlântica (Vaz-de-Mello *et al.* 2013). Há pouco conhecimento sobre parâmetros demográficos da espécie e sua tendência populacional é desconhecida (Vaz-de-Mello *et al.* 2013; Vaz-de-Mello *et al.* 2023). Apenas 35 indivíduos foram coletados em um período de mais de 100 anos (Vaz-de-Mello *et al.* 2013).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Oxysternon pteroderum*, popularmente conhecido como besouro-rola-bosta, é endêmico do Brasil que habita ambientes costeiros e áreas de florestas ripárias ao longo dos grandes rios. Embora sua distribuição seja relativamente ampla, a vegetação na área ocupada pela espécie é bastante reduzida, com os remanescentes isolados por extensas áreas de atividades agropecuárias e urbanização. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 18.248 km², com Área de Ocupação (AOO) de 24 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com acúmulo de água e sedimentos nas áreas, causando diminuição na qualidade do habitat, erosão do solo e isolamento das populações locais. Além disso, atualmente cerca de 77% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens e mosaico de usos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

PATs/PANs: Espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças para esta espécie contemplam principalmente a destruição e fragmentação de habitats, típico do bioma Mata Atlântica (Vaz-de-Mello *et al.* 2013). Ademais, foram identificadas ameaças adicionais para a espécie considerando o desenvolvimento residencial e comercial, silvicultura, pecuária, agropecuária e aquicultura (Vaz-de-Mello *et al.* 2023). Entretanto, apesar das ameaças identificadas, a presença da atual proteção legal dos fragmentos de Mata Atlântica sugere que não há evidências de declínio de AOO ou habitat (Vaz-de-Mello *et al.* 2013). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados à mudança na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Novas coletas são necessárias para estabelecer se a espécie persiste nos locais amostrados e em localidades adicionais (Vaz-de-Mello *et al.* 2023).

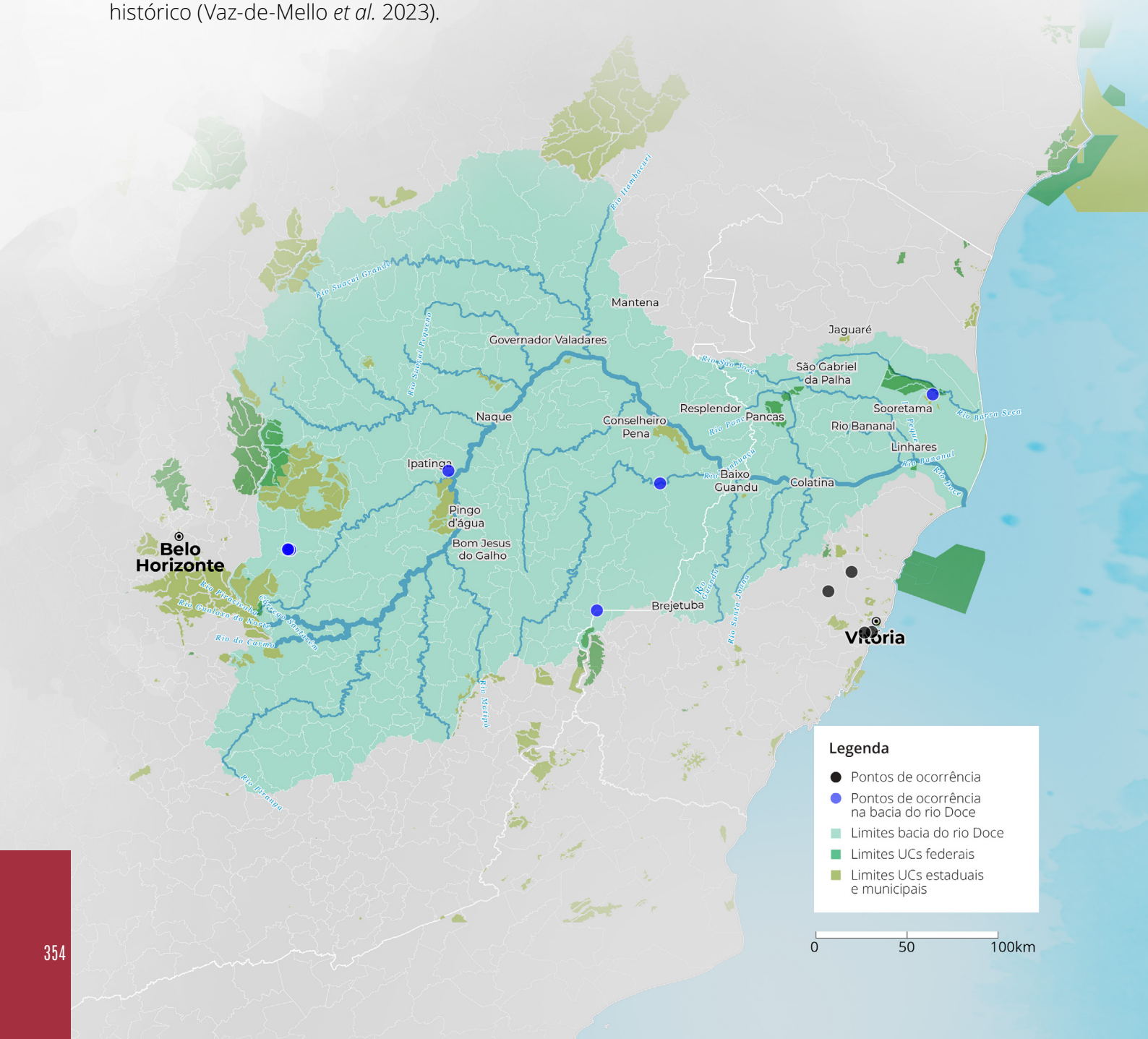
MAPA DE OCORRÊNCIA *Oxysternon pteroderum:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil (Edmonds 2004), seus principais registros se concentram na Mata Atlântica costeira e em áreas de florestas ripárias de grandes rios do Espírito Santo, Minas Gerais e do Rio de Janeiro (França *et al.* 2012; Vaz-de-Mello *et al.* 2023). Além destas regiões, há também registros pontuais na Bahia e no Paraná (Vaz-de-Mello *et al.* 2023). O registro do Rio de Janeiro é considerado histórico (Vaz-de-Mello *et al.* 2023).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



MAMÍFEROS

60%

dos mamíferos avaliados na bacia do rio Doce estão ameaçados de extinção

37 espécies do grupo estão na faixa de ameaça de extinção

FAMÍLIA: CRICETIDAE

Abrawayaomys ruschii
Cunha & Cruz, 1979

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Eduardo Amorim, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
rato-do-mato

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Rodentia

Família: Cricetidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Abrawayaomys ruschii é um roedor de tamanho médio (comprimento do corpo: 104-140 mm; comprimento da cauda: 123-153 mm; massa corporal: 55 a 63 g), com características morfológicas que sugerem modo de vida semi-fossorial ou fossorial (Stallings *et al.* 1990; Percequillo *et al.* 2017). A espécie ocorre em remanescentes preservados de Mata Atlântica (Maestri *et al.* 2015; Pardiñas *et al.* 2016; Percequillo *et al.* 2017; de la Sancha *et al.* 2020). Quanto aos hábitos alimentares, *A. ruschii* é frugívora e granívora (Paglia *et al.* 2012). De ocorrência rara, a maioria dos espécimes foram capturados através de

armadilhas de interceptação e queda (*pitfall*), durante a estação chuvosa (Cherem *et al.* 2011; Maestri *et al.* 2015; Lessa *et al.* 2019; de la Sancha *et al.* 2020). O tempo geracional estimado é entre 1 e 2 anos (Pardiñas *et al.* 2016). Não foram encontradas informações de uso/comércio para esta espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Abrawayaomys ruschii* é um roedor de tamanho médio considerado raro e de difícil detecção. Ocorre em remanescentes florestais de Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência é 18.686 km², com Área de Ocupação de 48 km² e oito localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão resultou em perda e alteração do habitat devido à deposição de rejeitos, alterando a conectividade da paisagem e ocasionando mortalidade direta de indivíduos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por áreas de pastagem. Atualmente, cerca de 52% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas à ameaça. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na região da bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie beneficiada nos PATs Capixaba-Gerais (IEF 2023) e Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça à espécie é a perda de habitat (Pardiñas *et al.* 2016). Na bacia do rio Doce, cerca de 52% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens e 9% em áreas de agricultura. Além da crescente perda de vegetação, três locais de ocorrência da espécie na bacia do rio Doce foram impactados pelo rompimento da Barragem de Fundão. Esses locais incluem o Parque Estadual do Rio Doce, além dos municípios de Mariana e Caratinga, em Minas Gerais. Devido à erosão e deposição de rejeitos, o rompimento da barragem de Fundão resultou em perda e alteração do habitat, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Registros de *Abrawayaomys ruschii* são raros, sendo necessário aumentar o esforço amostral na área de ocorrência da espécie a fim de obter mais informações populacionais, de distribuição, história natural e ameaças (Maestri *et al.* 2015; Keesen *et al.* 2016; Percequillo *et al.* 2017).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Abrawayaomys ruschii ocorre na região leste da América do Sul, abrangendo Argentina, Brasil e Paraguai (Percequillo *et al.* 2017; de la Sancha *et al.* 2020). No Brasil, a espécie é encontrada na Mata Atlântica, nos estados de Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo (Percequillo *et al.* 2017). Na região da bacia do rio Doce, a espécie foi registrada no Parque Estadual do rio Doce e nos municípios de Mariana, Caratinga, Santa Bárbara, Alto Jequitibá, Viçosa, Araponga e Ouro Branco, em Minas Gerais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Abrawayaomys ruschii:*

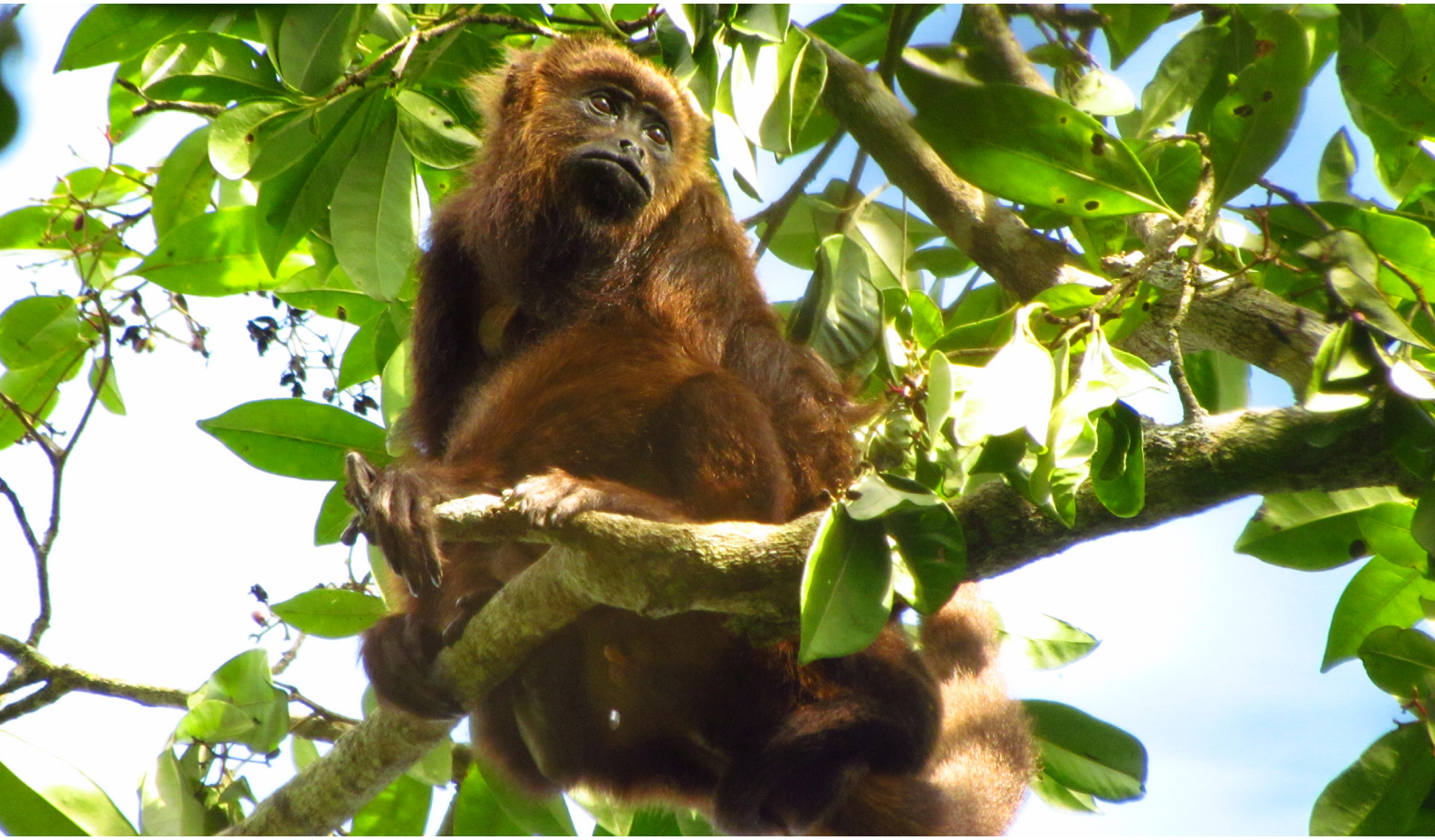
PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; PE Serra do Brigadeiro; PE Serra do Ouro Branco; MONA Estadual de Itatiaia.

FAMÍLIA: ATELIDAE

Alouatta guariba guariba (Humboldt, 1812)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, Rodrigo de Almeida Nobre e Eduardo Zanette



INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: barbado, barbado-vermelho, bugio, bugio-marrom, bugio-marrom-do-norte, bugio-ruivo, guariba

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Primates

Família: Atelidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Alouatta guariba guariba habita em áreas de baixada, submontanas e montanhas da Mata Atlântica brasileira. Tanto os machos quanto as fêmeas dessa subespécie exibem uma coloração avermelhada-acastanhada, sendo que as fêmeas apresentam uma coloração um pouco mais apagada. Possuem uma dieta baseada em folhas e frutas, desempenhando um papel significativo na dispersão de sementes para diversas espécies vegetais (Neves *et al.* 2017). Embora o tamanho atual da população seja desconhecido, estima-se que não exceda 250 indivíduos, dos quais não mais que 50 são adultos maduros

(Neves *et al.* 2021). O tempo geracional estimado é de 12 anos (Neves *et al.* 2021).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Alouatta guariba guariba* é um primata que habita remanescentes florestais de Mata Atlântica, com distribuição que se estende da Bahia até o extremo norte de Minas Gerais e do Espírito Santo. Na bacia do rio Doce, apresenta Extensão de Ocorrência de 799 km² e Área de Ocupação de 28 km². Embora *A. g. guariba* não seja restrito a formações primárias, a perda e fragmentação de seu habitat tiveram um impacto significativo nas populações. Em virtude dos escassos fragmentos de Mata Atlântica onde sua presença foi confirmada, estima-se que existam menos de 250 indivíduos maduros remanescentes, sem nenhuma população contígua com mais de 50 indivíduos maduros. Na bacia do rio Doce, a subespécie ocorre em áreas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Os potenciais impactos para a espécie podem estar associados à perda e modificação do habitat decorrentes da erosão e deposição de rejeitos, além de alterações na conectividade da paisagem. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: CR (IUCN 2023).

Nacional: CR (Brasil 2022).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Mamíferos da Mata Atlântica Central (Escarlate-Tavares *et al.* 2016) e Primatas da Mata Atlântica e Preguiça-da-coleira (ICMBio 2018c). É considerada espécie beneficiada nos PATs Capixaba-Gerais (IEF 2023) e Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Apêndices I e II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As populações de *A. g. guariba* enfrentam desafios significativos, destacando-se a fragmentação do habitat e o tamanho reduzido das populações. Além disso, há uma possível exposição a riscos em áreas urbanas e periurbanas como eletrocussão, colisões com veículos e ataques de cães (Chaves *et al.* 2022). Assim como outras espécies do gênero (Holzmann *et al.* 2010; Almeida *et al.* 2012), esse primata é vulnerável a episódios de febre amarela, o que pode reduzir drasticamente o tamanho populacional da espécie (Possamai *et al.* 2022). Na bacia do rio Doce, a subespécie ocorre em áreas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Os potenciais impactos para a espécie podem estar associados à perda e modificação do habitat decorrentes da erosão e deposição de rejeitos, além de alterações na conectividade da paisagem (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessários mais estudos relacionados à dinâmica populacional, genética, ecologia e história natural do táxon. Além disso, é importante refinar ainda mais o status taxonômico, bem como seus os limites de distribuição, dado que persistem incertezas sobre a sua relação com a subespécie *A. g. clamitans.*

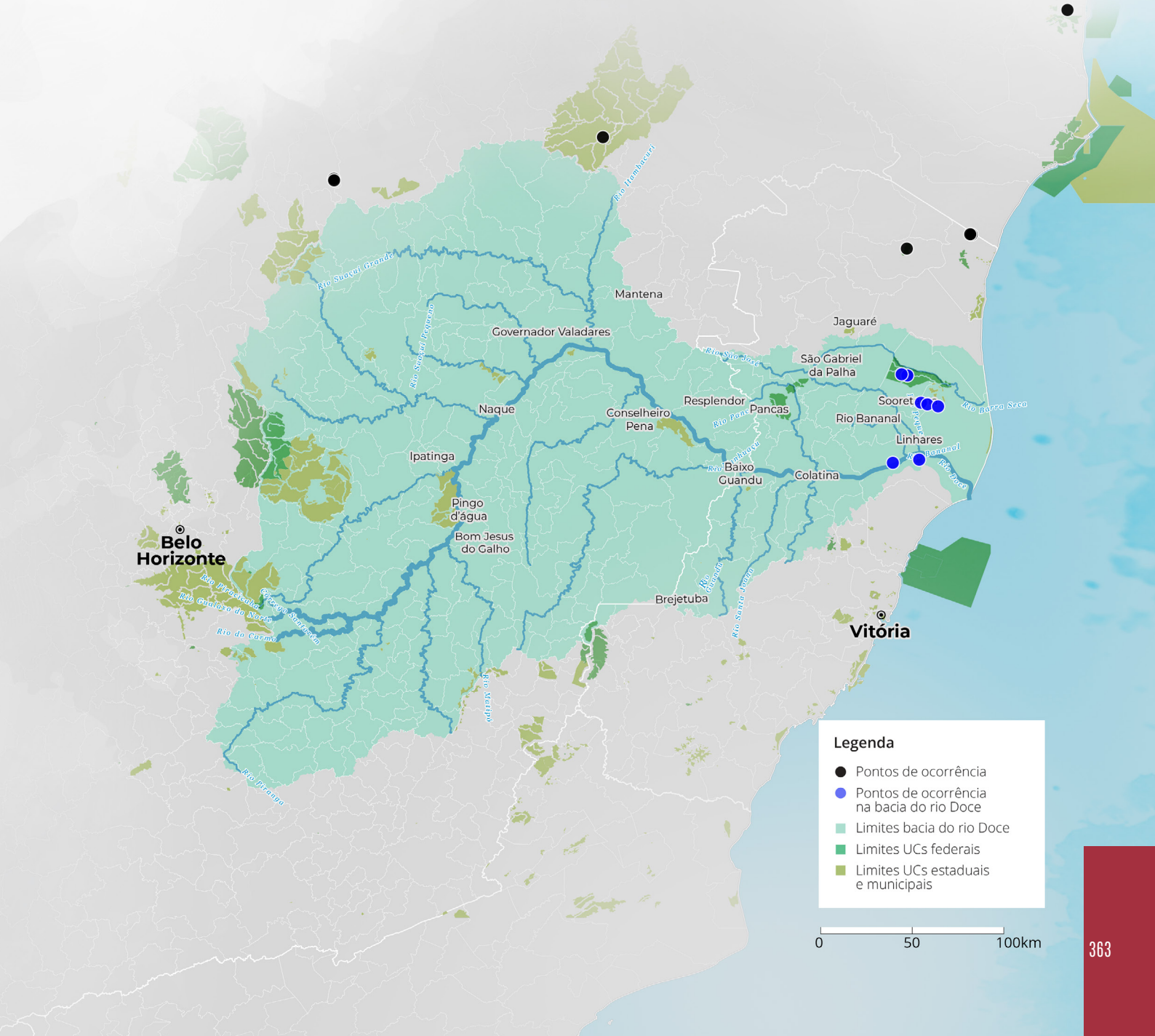
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A subespécie *Alouatta guariba guariba* é endêmica da Mata Atlântica do sul da Bahia e nordeste de Minas Gerais, possivelmente estendendo-se até o norte do Espírito Santo (Neves *et al.* 2021). Estudos genéticos recentes têm levantado questionamentos sobre a distribuição das duas subespécies de *Alouatta guariba* (*A. g. clamitans* e *A. g. guariba*) (Povill *et al.* 2023). Especificamente, a delimitação genética confirma a separação entre as duas subespécies esperadas (clado Sul e Norte). No entanto, o clado norte (*A. g. guariba*) seria o único a estar presente na bacia do rio Doce (Povill *et al.* 2023), sendo identificado pelo cariótipo 2n = 49–50. Ademais, o clado Norte (*A. g. guariba*) é subdividido em duas linhagens (A e B), com apenas a linhagem B registrada na região do rio Doce (Povill *et al.* 2023). Caso essa classificação genética seja adotada, o número de indivíduos restantes (250) é subestimado.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Alouatta guariba guariba:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: ATELIDAE

Brachyteles hypoxanthus (Kuhl, 1820)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, Rodrigo de Almeida Nobre e Eduardo Zanette

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: muriqui, miriqui, buriqui, buriquim, mariquina, mono, mono-carvoeiro, mono-da-cara-manchada, muriqui-do-norte, muriquina

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Primates

Família: Atelidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Brachyteles hypoxanthus é um primata que ocupa diversas florestas, mostrando tolerância a modificações ambientais. A maioria das informações sobre sua ecologia vem de uma única população monitorada desde 1982 na Reserva Particular do Patrimônio Natural Feliciano Miguel Abdala, em Minas Gerais (Melo *et al.* 2021a). Os machos da espécie são filopátricos, enquanto as fêmeas dispersam (em maioria ou totalidade) ao atingir a maturidade sexual, tornando fragmentos florestais adjacentes um gargalo para fêmeas maduras (Strier *et al.* 2015).

Estima-se que a população atual de *B. hypoxanthus* seja inferior a 1.000 indivíduos, com menos de 250 indivíduos maduros em cada subpopulação, distribuídos em 14 subpopulações isoladas presentes em unidades de conservação privadas, municipais, estaduais e nacionais, cobrindo uma área total de menos de 200.000 ha (Mendes *et al.* 2005; Jerusalinsky *et al.* 2011; Talebi *et al.* 2011; Strier *et al.* 2017; ICMBio 2023b). As quatro maiores subpopulações – RPPN Feliciano Miguel Abdala, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Parque Estadual do Rio Doce e Santa Maria do Jetibá – receberam o maior "potencial de persistência" (Strier & Ives 2012; Strier *et al.* 2017), enquanto as demais subpopulações são significativamente menores e possivelmente não viáveis a longo prazo (Jerusalinsky *et al.* 2011; Strier *et al.* 2017). Mesmo a maior subpopulação encontrada na RPPN Feliciano Miguel Abdala apresentou flutuações populacionais severas nos últimos anos (Strier *et al.* 2017; Strier 2021).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Brachyteles hypoxanthus*, popularmente conhecido como muriqui-do-norte, é um primata endêmico e amplamente distribuído na Mata Atlântica brasileira. Sua distribuição abrange o norte do Rio de Janeiro, Espírito Santo e o extremo sul da Bahia, com exceção das terras baixas do norte capixaba e extremo sul baiano. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 52.868 km² e, embora a EOO da espécie supere o limiar para considerá-la ameaçada segundo o critério B (distribuição geográfica restrita), estima-se que atualmente restem menos de 1.000 indivíduos, com menos de 250 indivíduos maduros em cada subpopulação. É importante destacar que três das quatro maiores subpopulações de *B. hypoxanthus* estão localizadas na região da bacia do rio Doce, sendo a maior na RPPN Feliciano Miguel Abdala, sujeita a flutuações severas nos últimos anos, principalmente devido à seca e à febre-amarela. Considerando a redução substancial da distribuição atual da espécie em relação à sua ocorrência histórica e a presença de evidências de extinção em várias localidades, incluindo unidades de conservação no Espírito Santo, infere-se declínio contínuo no número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: CR (IUCN 2023).

Nacional: CR (Brasil 2022).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Mamíferos da Mata Atlântica Central (Escarlate-Tavares *et al.* 2016), Muriquis (Jerusalinsky

et al. 2011) e Primatas da Mata Atlântica e Preguiça-da-coleira (ICMBio 2018c).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças às espécies de muriqui estão relacionadas à perda e degradação do habitat, principalmente devido às plantações de café, pecuária, extração de palmitos, fogo voltado para o desmatamento, extração de madeira e hidroelétricas (Rylands *et al.* 1998). Os muriquis são também suscetíveis aos impactos da caça e de rodovias, especialmente em função dos atropelamentos (Rylands *et al.* 1998; Melo *et al.* 2021). O aumento do desenvolvimento urbano nas proximidades das áreas onde a espécie ocorre torna esses animais mais suscetíveis a surtos de febre-amarela, o que pode resultar em declínios populacionais catastróficos, especialmente em grupos de tamanho reduzido (Strier *et al.* 2019). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados a alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, bem como modificações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Além disso, ocorreu a perda de 425,1 ha do habitat do muriqui, indicando que, embora o rompimento da barragem não tenha erradicado completamente o habitat da espécie, é provável que tenha prejudicado a interação entre as populações, levando a possíveis consequências graves devido à limitada habilidade de natação do muriqui e à taxa lenta de crescimento populacional da espécie na bacia (Golder Associates 2016). Ademais, cerca de 61% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 7% em mosaico de usos, 2% em plantações de café e 1% em silvicultura.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas e coleta de informações sobre distribuição, ameaças e tendências populacionais, acompanhamento relacionado a zoonoses, sendo uma espécie sensível à febre-amarela.

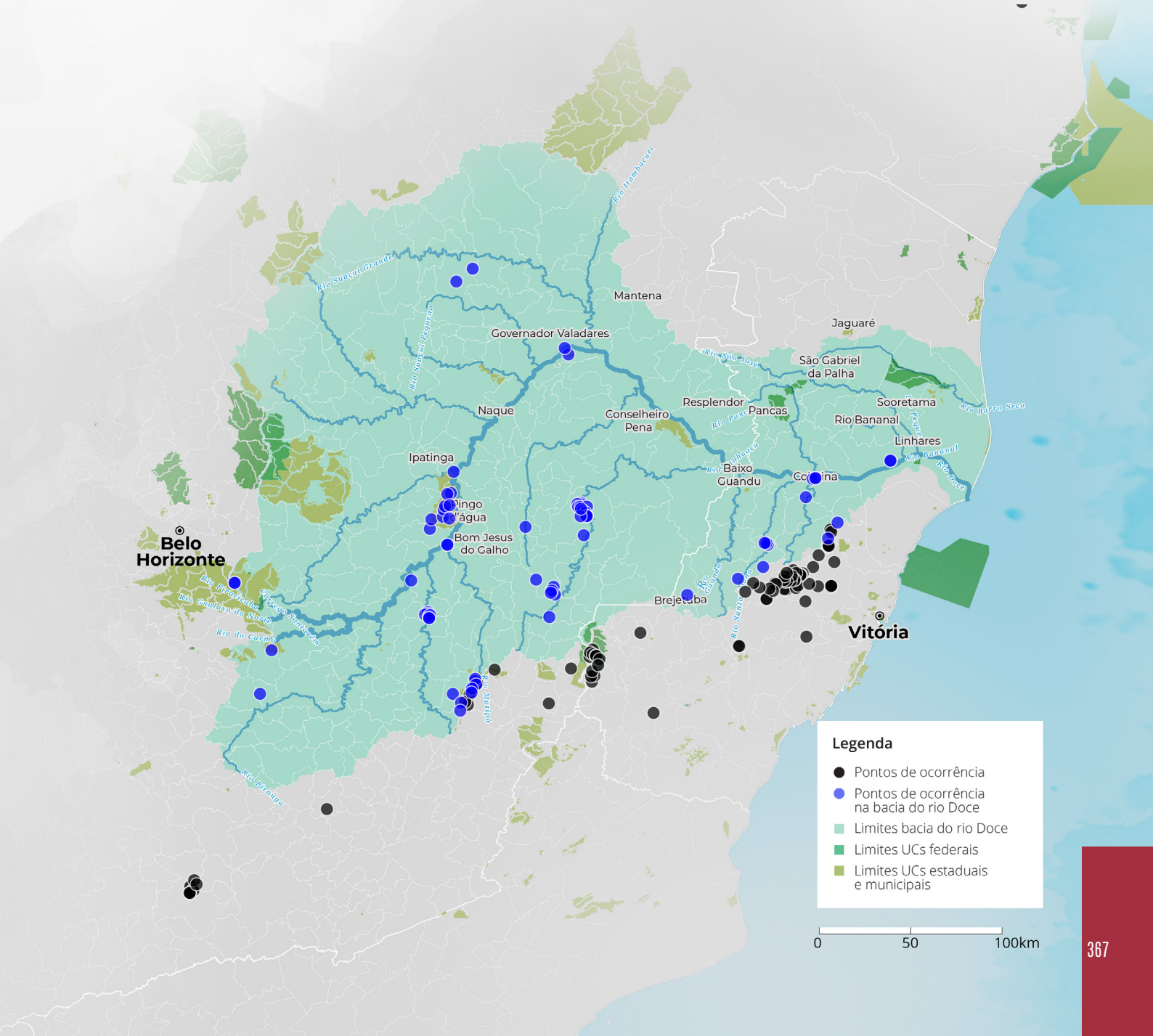
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Brachyteles hypoxanthus é endêmico da Mata Atlântica brasileira, com distribuição que engloba o norte do Rio de Janeiro, Espírito Santo e o extremo sul da Bahia, excluindo as terras baixas do norte capixaba e do extremo sul baiano (Jerusalinsky *et al.* 2011; Melo *et al.* 2021a). A distribuição de *B. hypoxanthus* se estendia até a bacia do Rio Jequiriçá, na Baía de Todos os Santos, incluindo matas à margem direita do Rio Paraguaçu; no entanto, o limite norte confirmado é agora o rio São Francisco, em Minas Gerais, indicando uma redução significativa na distribuição, enquanto o limite sul é presumivelmente na Serra da Mantiqueira, no sul de Minas Gerais, próximo aos limites com Rio de Janeiro e São Paulo (Aguirre 1971; Melo *et al.* 2004; Mendes *et al.* 2008a,b; Jerusalinsky *et al.* 2011; Melo *et al.* 2021a). Na bacia do rio Doce, a área de extensão de ocorrência da espécie é de 52.867 km² e a área de ocupação é de 228 km².

MAPA DE OCORRÊNCIA *Brachyteles hypoxanthus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação:
MONA Estadual Pico do Ibituruna; PE do Rio Doce; PE Serra do Brigadeiro; PARNA da Serra do Gandarela; PE do Itacolomi; APA Sul-RMBH; REBIO Augusto Ruschi.



FAMÍLIA: BRADYPODIDAE

Bradypus crinitus
Gray, 1850

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: preguiça-de-coleira-do-sul, preguiça-preta, bicho-preguiça

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Pilosa

Família: Bradypodidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Revisão taxonômica recente de *Bradypus torquatus*, empregando análises de DNA mitocondrial e DNA nuclear, análises morfológicas e observações de campo, indicou a existência de duas espécies de preguiça-de-coleira, sendo a preguiça-de-coleira-do-norte (*Bradypus torquatus*), com ocorrência nos estados da Bahia e Sergipe, e a preguiça-de-coleira-do-sul (*Bradypus crinitus*), que ocorre nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo (Miranda *et al.* 2023).

INFORMAÇÕES GERAIS

A espécie tem preferência por Floresta Ombrófila Densa, mas também é encontrada em áreas de Floresta Estacional, Restinga Arbórea e Mangue (Hirsch & Chiarello 2012). Pode pesar até 10kg, sendo as fêmeas maiores do que os machos (Lara-Ruiz & Chiarello 2005). Possui hábito solitário, sendo arborícola restrita. A atividade é diurna ou noturna, o que pode variar entre indivíduos de uma mesma população ou entre regiões. A espécie é herbívora, alimenta-se principalmente de folhas mais jovens e, em menor proporção, de flores e frutos (Chiarello 1998). A reprodução pode ocorrer durante todo o ano, com maior número de nascimentos entre fevereiro e abril, sendo gerado apenas um filhote por ninhada (Lara-Ruiz & Chiarello 2005; Dias *et al.* 2009). A maturidade sexual das fêmeas é alcançada provavelmente a partir de 3 anos de vida (Lara-Ruiz & Chiarello 2005). A área de vida média varia entre 5,4-5,6 ha, com densidade estimada em 0,09–1,25 indivíduos/ha (Chiarello 2008). O tempo de geração da espécie é de 7,5 anos (Chiarello *et al.* 2018a). A espécie parece ser mais abundante nas florestas mais altas, mas a densidade populacional não é bem conhecida (Santos *et al.* 2019). A tendência populacional para a espécie é de declínio contínuo considerando as principais ameaças (Chiarello *et al.* 2022). A informação apresentada é baseada em dados gerados a partir de estudos realizados com a então *Bradypus torquatus* no Espírito Santo ou no Rio de Janeiro.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Bradypus crinitus*, popularmente conhecido como bicho-preguiça, habita áreas florestais primárias ou secundárias associadas à Mata Atlântica, sendo sua distribuição delimitada ao norte pelo rio Doce. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 2.945 km², Área de Ocupação (AOO) de 72 km², estando severamente fragmentada e com três a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou alguns dos locais de ocorrência da espécie, o que resultou na diminuição da qualidade do habitat, comprometendo a conectividade na paisagem e a sobrevivência da espécie. Embora existam subpopulações nas regiões próximas à bacia do rio Doce, *B. crinitus* está relacionada a áreas florestais e possui pouca tolerância a habitats alterados. Além disso, atualmente, cerca de 53% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens, tornando improvável a ocorrência de migrações significativas para reduzir as pressões de ameaças. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como “Em Perigo (EN)” na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Primatas da Mata Atlântica e Preguiça-da-coleira (ICMBio 2018c).

CITES: Não consta.

A espécie está presente em várias listas de ameaça e presente em PANs como *Bradypus torquatus*, ainda não avaliada como *B. crinitus* em nível nacional e estadual.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie possui distribuição descontínua, com pouca tolerância às perturbações ambientais, estando as ameaças principais relacionadas com a fragmentação e perda da qualidade de habitat e redução da qualidade ambiental (Santos *et al.* 2022). A espécie, em quase toda sua área de ocorrência, está imersa em matrizes florestais, severamente fragmentadas e com declínio contínuo (ICMBio 2018c). Além disso, a espécie também tem como ameaça os incêndios florestais e atropelamentos (ICMBio 2018c). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre tamanho, distribuição e tendência populacionais, ameaças, ecologia e história de vida são necessárias para a espécie, bem como monitoramento de suas populações e habitats.

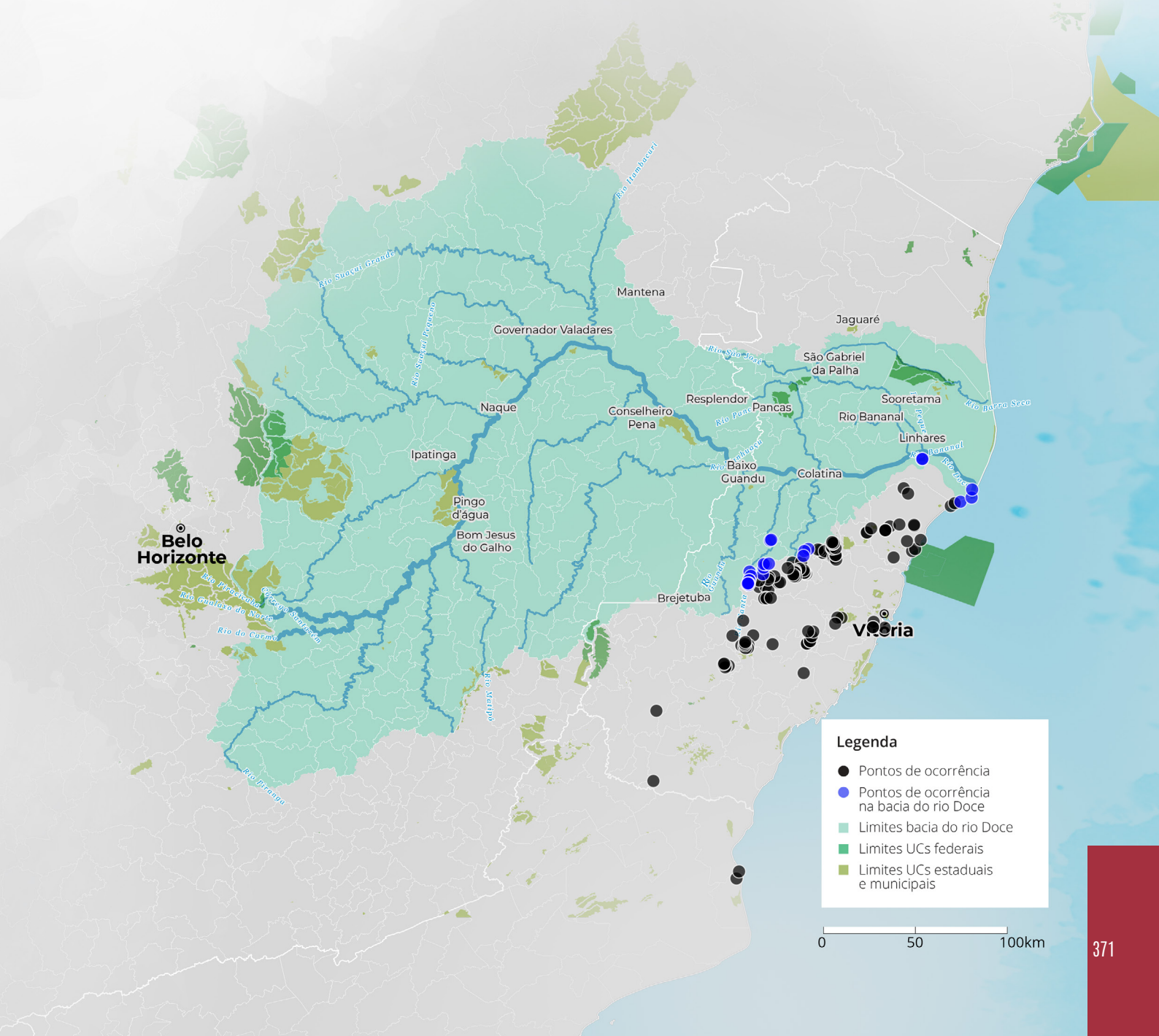
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica da Mata Atlântica restrita às áreas de florestas e da região costeira e serrana da Mata Atlântica, ocorrendo nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro (Miranda *et al.* 2023) entre altitudes ao nível do mar até aproximadamente 1.000 m (Hirsch & Chiarello 2012).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Bradypus crinitus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: FLONA de Goytacazes; REBIO de Comboios.



FAMÍLIA: BRADYPODIDAE

Bradypus variegatus
Schinz, 1825

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: preguiça-comum, preguiça-marmota, preguiça-de-bentinho, preguiça-de-óculos

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Pilosa

Família: Bradypodidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

As populações de *Bradypus variegatus* na Mata Atlântica e na Floresta Amazônica são linhagens divergentes que foram isoladas no Pleistoceno tardio (Silva *et al.* 2018c; Moraes-Barros *et al.* 2022). Entretanto, ainda não há separação de espécies.

INFORMAÇÕES GERAIS

Bradypus variegatus é um mamífero de tamanho médio, com comprimento corporal médio de 504 mm (Feijó & Langguth 2013) e peso médio de 3,9 kg (Paglia *et al.* 2012). Possui hábito arborícola (Paglia *et al.* 2012), com padrão de atividade catemeral em florestas preservadas (Queiroz 1995; Bezerra *et al.* 2020) e predominantemente diurna em florestas perturbadas (Bezerra *et al.* 2020). Entretanto, os adultos dormem entre 15 e 18 horas por dia (Hayssen 2010). É uma espécie florestal, com baixa capacidade de locomoção (Neam & Lacher 2018). Com relação ao hábito alimentar, a espécie é herbívora (Albuquerque *et al.* 2016), com dieta predominantemente folívora (Paglia *et al.* 2012; Albuquerque *et al.* 2016), apresentando baixa taxa metabólica basal (Cliffe *et al.* 2015). O tempo de gestação é de seis meses (Taube *et al.* 2001; Moraes-Barros *et al.* 2022) e o intervalo entre nascimentos é de 10 a 12 meses (Taube *et al.* 2001). A espécie produz apenas um filhote por gestação, mas há na literatura o registro de uma fêmea carregando dois filhotes que podem ou não ter sido gerados pela mesma mãe (Bezerra *et al.* 2008). As fêmeas amamentam suas crias por aproximadamente 1 mês e as mantêm próximas até que se tornem independentes ou até o nascimento do próximo filhote (Taube *et al.* 2001).

A densidade populacional de *Bradypus variegatus* na Mata Atlântica é de 0,5 a 0,7 animais por hectare (Andrade *et al.* 2020; Moraes-Barros *et al.* 2022). Além da baixa densidade, estudos filogenéticos indicam perda de variabilidade genética nas populações da Mata Atlântica, que atualmente estão geograficamente isoladas, o que favorece a endogamia (Silva *et al.* 2018c). O tempo geracional estimado para a espécie é de 6 anos (Moraes-Barros *et al.* 2022).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Bradypus variegatus*, popularmente conhecida como preguiça-comum, é amplamente distribuída na região Neotropical. No Brasil, a espécie ocorre em quase todo o território nacional, estando presente principalmente em áreas florestais da Amazônia e da Mata Atlântica e no Cerrado. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 30.183 km² e a Área de Ocupação (AOO) é de 88 km², com sete localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou negativamente a qualidade do habitat, comprometendo a conectividade da paisagem e a sobrevivência da espécie. Além disso, os registros fora da área impactada pela barragem estão sujeitos aos efeitos da expansão da agropecuária, com cerca de 79% da EOO convertidas em pastagens e agricultura. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas à ameaça. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Bradypus variegatus é especialmente suscetível à perda e fragmentação do habitat, sobretudo para as populações na Mata Atlântica, que já se encontram isoladas em pequenos fragmentos florestais, vivenciando perda de variabilidade genética e estando mais susceptíveis a extinções locais (Silva *et al.* 2018c; Moraes-Barros *et al.* 2022). Devido à sua baixa mobilidade, a espécie é frequentemente vítima de incêndios florestais (Moraes-Barros *et al.* 2022) e de atropelamentos em rodovias (Ferreguetti *et al.* 2020). A pressão de urbanização representa outro fator de ameaça, causando alterações no comportamento da espécie, desnutrição de indivíduos (Pedrosa *et al.* 2021), além de isolar as populações em pequenos fragmentos. No entanto, alguns autores a consideram uma espécie sinantrópica, pois pode utilizar fragmentos de vegetação nativa em áreas urbanas (Andrade *et al.* 2020; Bezerra *et al.* 2020). Outras ameaças incluem a caça, o comércio ilegal e o uso de indivíduos selvagens para turismo de *selfie* (Carder *et al.* 2018; Moraes-Barros *et al.* 2022). Na bacia do rio Doce, *B. variegatus*, ocorre nas áreas impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Adotando a metodologia do relatório técnico de Avaliação de Impacto sobre as Espécies Terrestres Ameaçadas de Extinção (Golder Associates 2016), por ser mamífero de médio porte e arborícola, a espécie possivelmente foi impactada pela perda e alteração de habitat resultante da erosão e deposição de rejeitos, alterações na conectividade e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos.

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessárias pesquisas sobre taxonomia, distribuição geográfica, tamanho e tendências populacionais, além de estudos básicos de história natural e ecologia.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

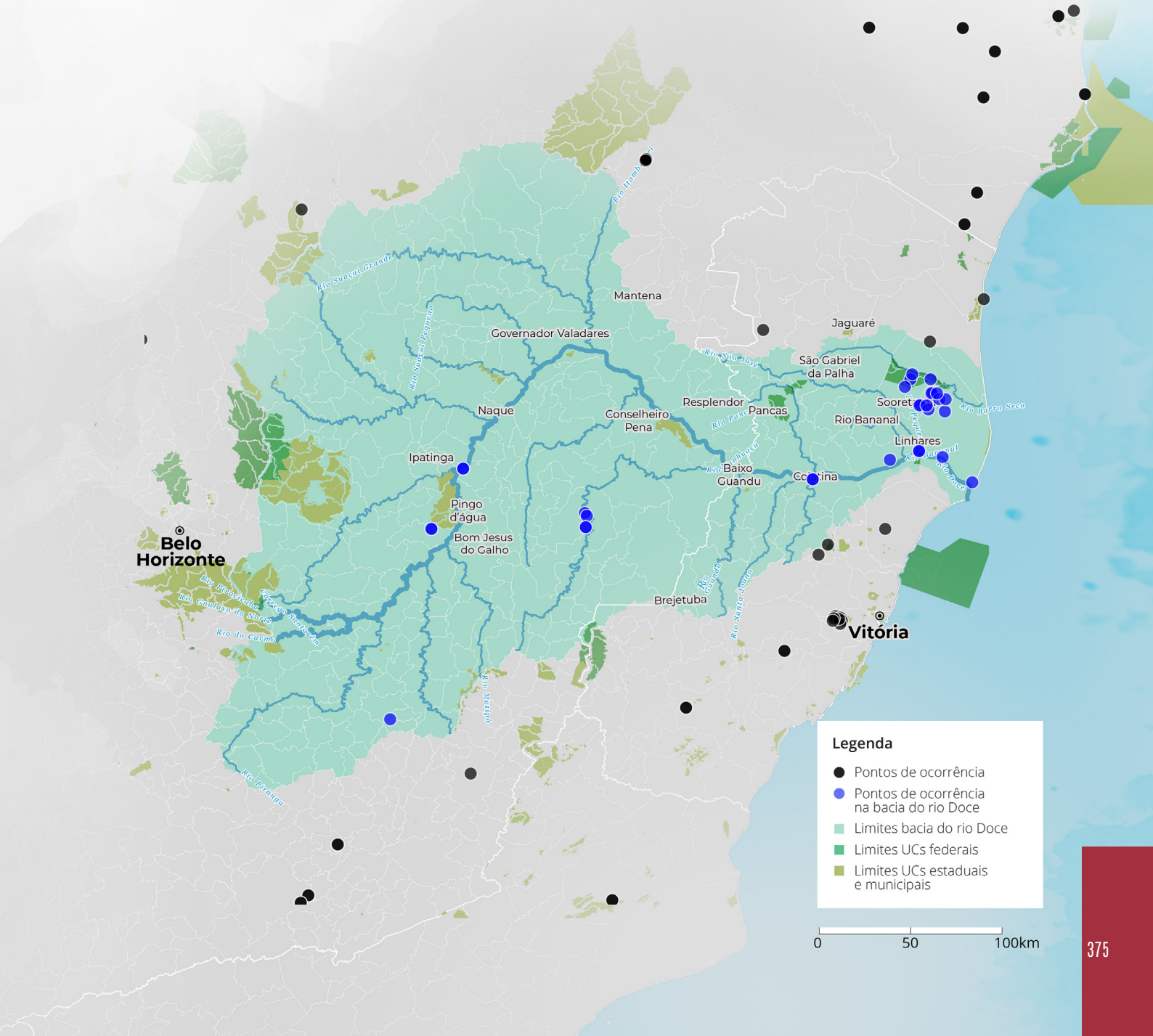
Espécie não endêmica do Brasil, com ampla distribuição na região Neotropical, ocorrendo de Honduras, na América Central, até a Bolívia e o Brasil, na América do Sul (Moraes-Barros *et al.* 2022). Na Argentina, os últimos registros datam do início do século XX, sugerindo possível extinção local da espécie (Abba *et al.* 2012). No Brasil, ocorre principalmente em áreas florestais da Amazônia e da Mata Atlântica, bem como nas zonas de transição entre esses biomas e o Cerrado (Moraes-Barros *et al.* 2022). Historicamente, essa espécie de preguiça também ocorria na Caatinga (Moraes-Barros *et al.* 2022). Na bacia do rio Doce, a espécie possui distribuição abrangente, com registros desde Viçosa e Parque Estadual do Rio Doce, em Minas Gerais, até as proximidades da foz do rio Doce, no Espírito Santo.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Bradypus variegatus:*

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: RJ, MG, PI, PR, BA, CE, DF, MA, PB, ES, PE, MS, AM, AL, SE, RN, RO, MT, TO, PA, GO, SP, AC e RR.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; RPPN Recanto das Antas.



FAMÍLIA: PITHECIIDAE

Callicebus nigrifrons (Spix, 1823)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, Rodrigo de Almeida Nobre e Eduardo Zanette

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
guigó, sauá-de-cara-preta, guigó-mascarado

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Primates

Família: Pitheciidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Callicebus nigrifrons era considerado uma subespécie de *C. personatus* até 1999, quando Kobayashi e Langguth (1999) promoveram as quatro subespécies, incluindo *C. p. nigrifrons*, ao nível de espécie, resultando em um grupo de cinco espécies que incluem *Callicebus nigrifrons* (Jerusalinsky *et al.* 2020).

INFORMAÇÕES GERAIS

Callicebus nigrifrons é um primata que vive na Mata Atlântica e em áreas de transição com o Cerrado, alimentando-se principalmente de sementes de frutos imaturos, mas ocasionalmente consumindo folhas, flores e artrópodes (Jerusalinsky *et al.* 2020). É uma espécie monogâmica e territorial que forma grupos familiares, sendo bastante ativa, com seu território variando de 21 a 48 hectares, o maior já registrado no gênero, e apresenta os maiores movimentos diários entre os macacos titis, que variam de 740 m a 2.697 m, com uma média de 1.270 m por dia (Jerusalinsky *et al.* 2020). Um relato de forrageio estratificado entre *Callithrix aurita* (no estrato superior/copa) e *C. nigrifrons* (estrato médio ao chão) no sul de Minas Gerais sugere que ambas as espécies se toleram e não se excluem (Arasaki *et al.* 2023). Considerando a extensão das áreas onde *C. nigrifrons* é encontrada, especialmente em ambientes protegidos, presume-se que a população total da espécie seja superior a 10.000 indivíduos (Jerusalinsky *et al.* 2020). As estimativas de abundância para essa espécie indicam, em sua maioria, densidades populacionais variando de 3,5 a 23,9 indivíduos por quilômetro quadrado (Jerusalinsky *et al.* 2020). O tempo de geração estimado para a espécie é de 8 anos. Há registros da espécie coletada para comércio ilegal.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Callicebus nigrifrons* é um primata que ocorre em florestas subtropicais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 15.434 km², Área de Ocupação (AOO) de 96 km² e oito localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente resultou em alterações na conectividade da paisagem em decorrência de alterações e perda de habitat devido à deposição de rejeitos e detritos da mineração. Essa fragmentação pode inviabilizar a sobrevivência das populações a médio e longo prazo, especialmente porque muitas delas estão isoladas. Consequentemente, é possível inferir um declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Apesar da distribuição geográfica abrangente da espécie e de sua habilidade em tolerar ambientes perturbados, é provável que a perda e fragmentação significativas de habitats nos remanescentes da Mata Atlântica no sudeste do Brasil tenham exercido um impacto considerável nas populações remanescentes (Jerusalinsky *et al.* 2020). Esse processo levou à formação de pequenas populações isoladas. Até o momento, a caça e a captura para o comércio de animais de estimação não parecem ser ameaças substanciais, considerando o porte corporal da espécie e seu comportamento esquivo. Contudo, o avanço dos programas de desenvolvimento e o aumento da densidade populacional em toda a região ampliam as preocupações, especialmente em relação à eletrocussão, atropelamentos e à predação por cães domésticos (Jerusalinsky *et al.* 2020).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre ecologia, demografia e genética das populações, especialmente em localidades onde ocorram em simpatria com outra espécie do gênero. Estudos contemplando taxonomia da espécie, para a elucidação da zona de intergradação da espécie.

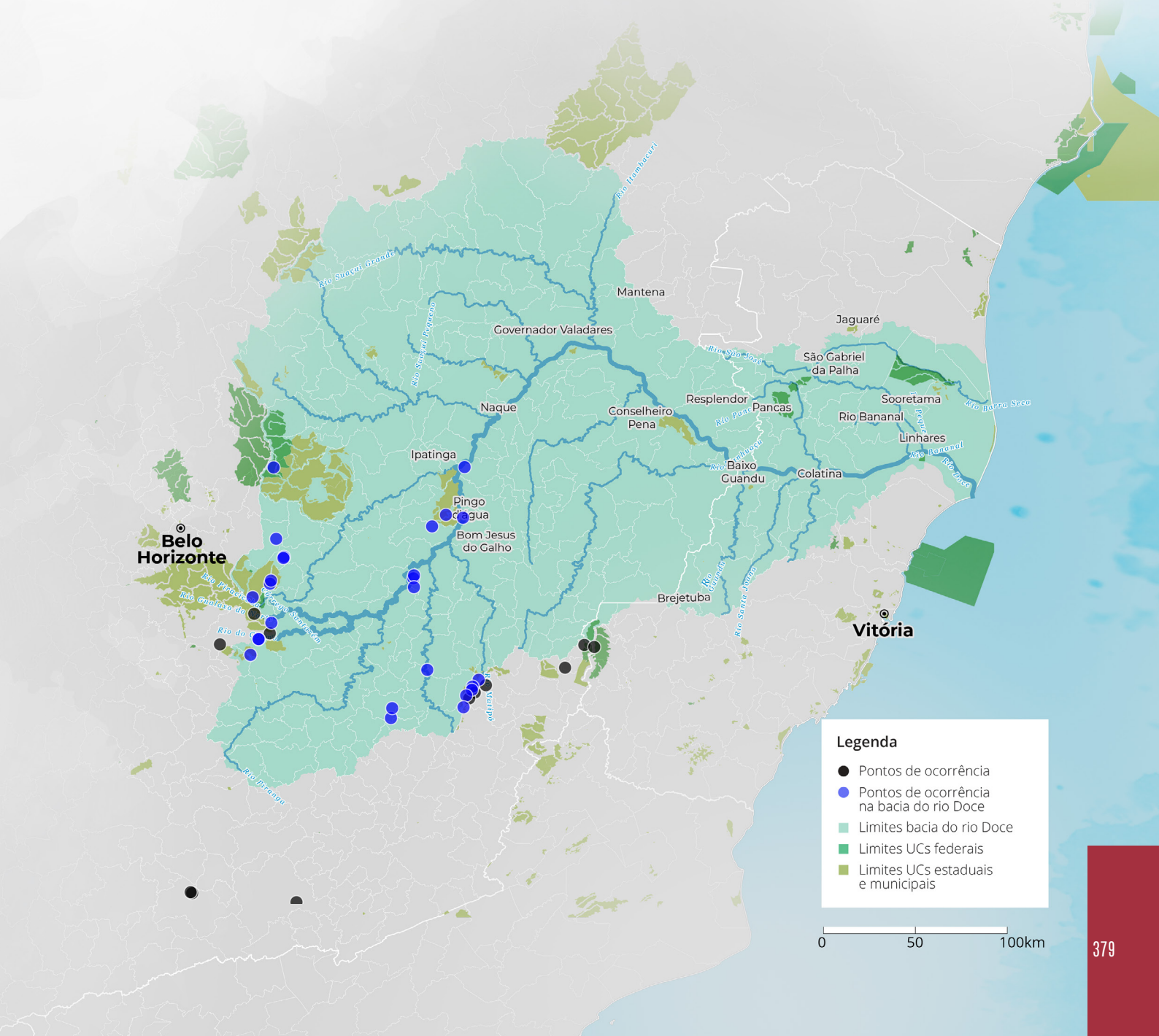
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, *Callicebus nigrifrons* possui uma ampla distribuição no sudeste do Brasil, abrangendo o norte de São Paulo, o centro e sul de Minas Gerais, e o extremo sul do Espírito Santo (Printes *et al.* 2013). Sua presença ocorre ao norte do rio Tietê, a leste dos rios Paraná e Parnaíba, e em ambas as margens do alto rio São Francisco. Na direção leste e nordeste, a espécie se estende até as Serras da Mantiqueira e do Espinhaço, onde coexiste com *C. personatus*, mas ainda não se sabe em que medida suas áreas de distribuição se sobrepõem (Printes *et al.* 2013). A Serra do Mar, na costa de São Paulo, representa o limite mais ao sul da distribuição geográfica do gênero. Há indícios de que a distribuição atual da espécie seja menor do que sua extensão histórica, estimada em menos de 500.000 km² (Melo *et al.* 2015).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Callicebus nigrifrons:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; ESEC do Tripuí; PE Serra do Brigadeiro; PARNA da Serra do Gandarela; MONA Estadual de Itatiaia; APA Morro da Pedreira; APA Sul-RMBH.



FAMÍLIA: PITHECIIDAE

Callicebus personatus (É.Geoffroy Saint-Hilaire, 1812)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, Rodrigo de Almeida Nobre e Eduardo Zanette

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
guigó, sauá, guigó-mascarado

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Primates

Família: Pitheciidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Historicamente, *Callicebus personatus* era composto por quatro subespécies, nomeadamente *C. p. personatus, C. p. melanochir*, *C. p. nigrifrons* e *C. p. barbarabrownae* (van Roosmalen *et al.* 2002). Em 1999, Kobayashi e Langguth promoveram estes táxons ao nível de espécie, resultando em um grupo de cinco espécies que incluem *C. personatus* (Kobayashi & Langguth 1999). Embora haja debates em relação à posição taxonômica de algumas espécies pertencentes ao grupo personatus, a elevação de *C. personatus* a uma espécie plena é amplamente aceita atualmente (Melo *et al.* 2018b).

INFORMAÇÕES GERAIS

Callicebus personatus é um primata encontrado exclusivamente nas formações florestais (Melo *et al.* 2018b). Sua dieta é principalmente frugívora, consumindo principalmente as sementes de frutos verdes, mas inclui folhas e flores em pequenas quantidades (Price & Piedade 2001). A extensão da área de vida dessa espécie foi estimada em uma faixa que varia de 4,7 a 12,3 hectares (Kinzey & Becker 1983; Price & Piedade 2001; Melo *et al.* 2018b). Embora o tamanho exato da população total remanescente seja desconhecido, suspeita-se que o número de indivíduos maduros pertencentes a essa espécie seja inferior a 10.000, com menos de 1.000 indivíduos maduros em cada subpopulação (Melo *et al.* 2018b; Melo 2021). Acredita-se que a população tenha sofrido um declínio de pelo menos 30% devido a várias ameaças, incluindo perda e fragmentação de habitat e seus efeitos sinérgicos (Melo *et al.* 2018b). Os grupos que compõem o gênero *Callicebus* geralmente consistem em um casal reprodutor em união monogâmica a longo prazo (Melo *et al.* 2018b). Dados sobre o tamanho dos grupos em *Callicebus personatus* foram coletados de diferentes locais. No Espírito Santo, os tamanhos reportados variaram de 6 a 3,44 indivíduos por grupo; em Minas Gerais, as estimativas obtidas variaram entre 1,7 a 2,9 indivíduos por grupo (Melo *et al.* 2018b). As informações sobre a abundância populacional variam, com densidades de 24,3 indivíduos a 6,4 indivíduos por km² diferentes áreas do Espírito Santo (Melo *et al.* 2018b). O tempo de geração estimado da espécie é de 8 anos. Há registros da espécie sendo coletados para comércio ilegal.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv) + C2a(i).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Callicebus personatus* é um primata endêmico do Brasil encontrado apenas em formações florestais nos estados do Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 32.084 km², Área de Ocupação (AOO) de 148 km², com nove a dez localizações condicionadas a ameaças. Nos últimos anos, houve relatos de que a espécie se tornou cada vez mais rara e difícil de detectar, especialmente após surtos de febre amarela, o que sugere um declínio contínuo na população devido à perda, degradação e fragmentação do habitat, bem como aos impactos da febre amarela. Acredita-se que em todo o país existam menos de 10.000 indivíduos maduros, com a expectativa de um número ainda menor na região da bacia do rio Doce, que abriga cerca de 53% da EOO total da espécie. Devido à intensa fragmentação do habitat e ao tamanho das áreas de floresta onde ocorre, suspeita-se que nenhuma subpopulação tenha mais de 1.000 indivíduos maduros. A importância da bacia do rio Doce para a conservação da espécie é ainda mais evidente, visto que as maiores subpopulações remanescentes estão localizadas na Reserva Biológica de Sooretama e na Reserva Natural Vale. Ademais, o rompimento da barragem de Fundão agravou esse cenário devido aos impactos sobre o habitat da espécie. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não

há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: PAN Primatas da Mata Atlântica e Preguiça-da-coleira (ICMBio 2018c).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Callicebus personatus possui uma distribuição geográfica altamente restrita. Na bacia do rio Doce, 76% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagens, 8% em mosaicos de diferentes usos do solo, 1% em plantações de silvicultura e 1% destinado à produção de café. Este cenário tem resultado na contínua perda e fragmentação do habitat da espécie, diminuindo as populações e isolando-as e aumentando os riscos genéticos e demográficos. Embora a pressão de caça seja menor em comparação com outras espécies de primatas, ela continua presente. Nos últimos anos, observou-se um aumento na raridade da espécie, dificultando sua detecção, especialmente após surtos de febre amarela. Além disso, a espécie está presente na área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão. Os potenciais impactos para a espécie incluem modificações no habitat devido à erosão e a deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas aos requisitos ecológicos da espécie, especialmente no que diz respeito às populações presentes em Minas Gerais, embora esta necessidade não se restrinja apenas a esse estado, são necessárias. Além disso, pesquisas e monitoramento do tamanho populacional se fazem necessários, a fim de identificar os fatores que impactam o crescimento populacional em toda a sua distribuição.

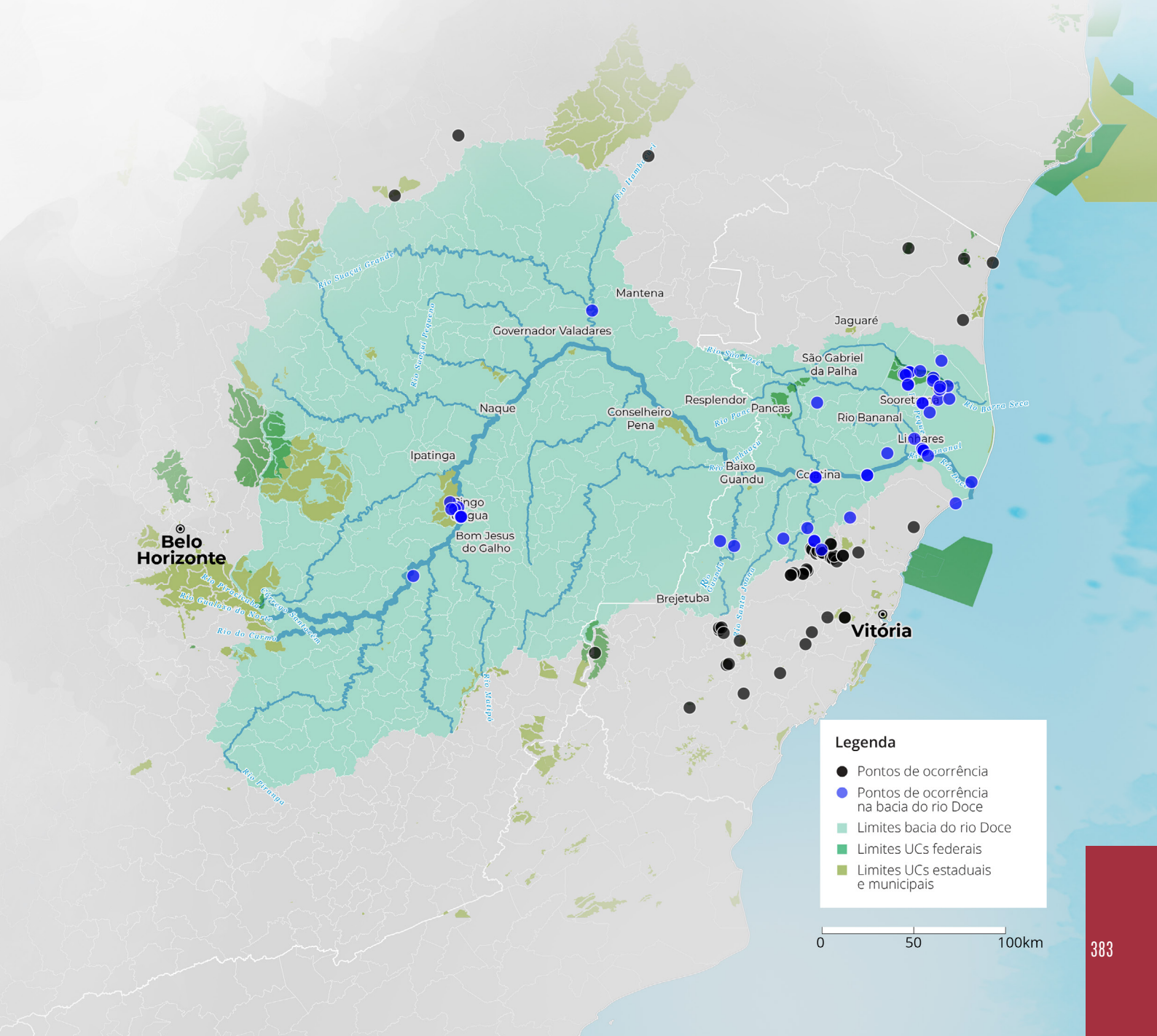
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil com distribuição geográfica abrangendo o estado do Espírito Santo, estendendo-se a Minas Gerais ao longo do rio Jequitinhonha, possivelmente chegando ao município de Buenópolis (Melo *et al.* 2018b).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Callicebus personatus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; RPPN Recanto das Antas; REBIO de Comboios.



FAMÍLIA: CALLITRICHIDAE

Callithrix aurita (É.Geoffroy Saint-Hilaire, 1812)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Rodrigo de Almeida Nobre e Eduardo Zanette

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: sagui-caveirinha, sagui-da-serra-escuro

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Primates

Família: Callitrichidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Historicamente *Callithrix aurita* e outras espécies de saguis do leste brasileiro eram consideradas subespécies de *Callithrix jacchus* (Hershkovitz 1977). No entanto, estudos sobre o comportamento e ecologia do grupo levaram à elevação de todos os táxons anteriormente classificados sob o grupo jacchus para o nível de espécie plena (Ferrari *et al.* 1996; Melo *et al.* 2021c).

INFORMAÇÕES GERAIS

Callithrix aurita é um primata que habita principalmente as Florestas Ombrófilas e Semidecíduas da Mata Atlântica (Melo *et al.* 2021c). A espécie é encontrada em uma ampla faixa altitudinal, entre 80 e 1.370 m acima do nível do mar, com maior frequência em altitudes de 500 a 800 m (Silvério 2022). É comum em áreas com abundância de bambus ou emaranhados de cipó e tem sido observada em ambientes modificados pelo homem (Silvério 2022). Acredita-se que o clima possa influenciar a distribuição geográfica da espécie, pois é encontrada em áreas com condições climáticas mais adversas (Melo *et al.* 2018a). A espécie é onívora, com uma alimentação predominantemente frugívora/insetívora, incluindo insetos, flores, frutos, pequenos anfíbios, pequenos répteis, ovos e filhotes de aves, exsudatos de plantas, goma e sementes (Melo *et al.* 2021c). *C. aurita* é rara ao longo de toda a sua distribuição (Melo *et al.* 2021c). Estudos indicam que *C. aurita* sofreu uma grave redução populacional devido à perda e fragmentação de seu habitat, resultando em uma diminuição de aproximadamente 43% em sua Área de Ocupação total ao longo de 18 anos (Bechara 2012). A população remanescente é estimada em 176 subpopulações, com mais de 10.000 indivíduos maduros, mas suspeita-se que a redução populacional seja de pelo menos 50% nos últimos 18 anos (Bechara 2012). Essa redução é ainda intensificada pela competição e hibridização com espécies invasoras, como *C. penicillata* e *C. jacchus,* além de híbridos do gênero *Callithrix* (Melo *et al.* 2021c). O tempo de geração é de 6 anos (Melo *et al.* 2021c). Adicionalmente, *C. aurita* é uma espécie de primata frequentemente traficada, sendo capturada principalmente para o comércio ilegal de animais de estimação.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii)

Categoria: **VU**

Justificativa: *Callithrix aurita*, popularmente conhecido como sagui-caveirinha ou sagui-da-serra-escuro, é um primata endêmico de formações florestais do sudeste do Brasil. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 13.588 km², com Área de Ocupação (AOO) de 140 km² e oito a dez localizações condicionadas a ameaças. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos estão relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos da mineração. Além do rompimento da barragem, a principal ameaça à sobrevivência da espécie na região é a perda de qualidade do habitat. Atualmente, apenas 13% dos remanescentes florestais onde a espécie habita permanecem intactos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade do habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023)

Nacional: EN (Brasil 2022c)

Minas Gerais: EN (COPAM 2010)

PATs/PANs: Listada no PAN Primatas da Mata Atlântica e Preguiça-da-coleira (ICMBio 2018c) e considerada espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

C. aurita é alvo do Programa de Conservação dos Saguis-da-Serra (PCSS), que tem como objetivo central investigar e criar estratégias de preservação para garantir a sobrevivência de *C. aurita* e *C. flaviceps* na Mata Atlântica da região Sudeste do Brasil. O PCSS, em colaboração com diversos pesquisadores e instituições, está implementando as ações do Plano de Ação Nacional para a conservação dos Primatas Ameaçados (PAN PPMA). Uma iniciativa motivada por esse esforço foi a criação do Centro de conservação dos Saguis-da-Serra na Universidade Federal de Viçosa (CCSS-UFV), o primeiro centro de primatologia dedicado exclusivamente a conduzir atividades voltadas para conservação de *C. aurita* e *C. flaviceps*.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças são a perda e fragmentação de habitat, hibridização e competição com espécies invasoras (Melo *et al.* 2021c). Em relação aos impactos do rompimento da barragem de Fundão, a espécie foi afetada principalmente pelas mudanças na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

As principais recomendações para um melhor entendimento da biologia e do estado de conservação de *C. aurita* incluem: pesquisas para o registro de outras populações em áreas de distribuição livres de espécies invasoras e em fragmentos protegidos ou não, visando avaliar as chances de recuperação populacional e a sobrevivência da espécie; estudos mais aprofundados sobre a taxonomia e a distribuição geográfica da espécie, buscando determinar de forma mais precisa o status específico do táxon; estudos sobre ecologia e comportamento de outros grupos de *Callithrix* para comparação com estudos já realizados; estudos de genética de populações para inferir o grau de variabilidade genética, visando garantir a manutenção em um patamar desejado e para o repovoamento no futuro (Melo *et al.* 2018a). Além disso, é recomendado realizar estudos de ocorrência simpátrica com *C. flaviceps* e investigar a possibilidade de hibridização com essa espécie.

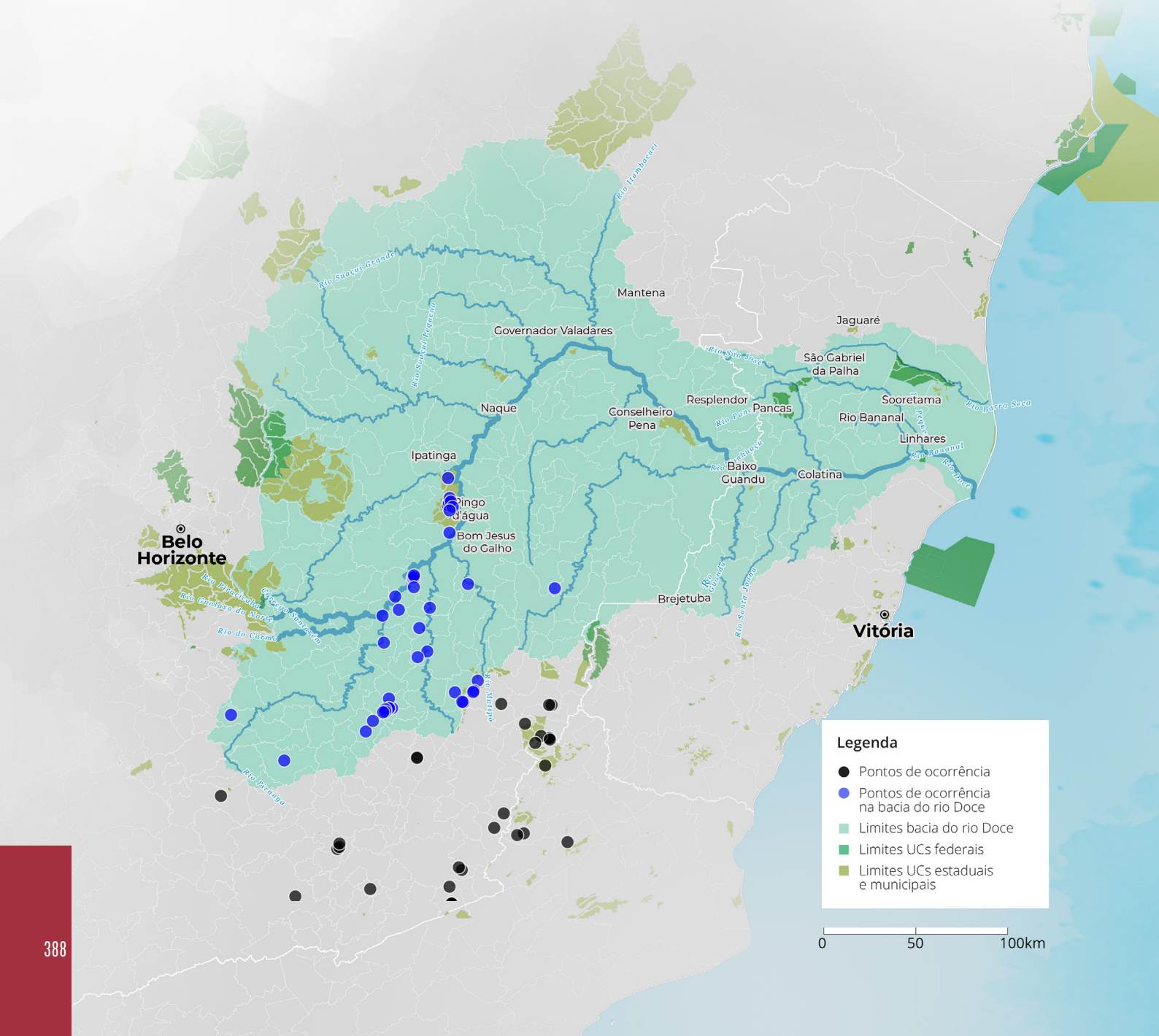
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Callithrix aurita é endêmica do Brasil, sendo nativa e residente nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Melo *et al.* 2018a). Sua distribuição geográfica é limitada ao norte pelo rio Piracicaba, em Minas Gerais, na sua foz com o rio Doce. A espécie é encontrada a oeste, nos limites do Espinhaço em Minas Gerais e nas áreas de transição com o Cerrado, em São Paulo. A leste, a espécie está restrita às partes superiores das encostas da Serra do Mar, com exceção do sul do estado do Rio de Janeiro, onde pode ser encontrada quase ao nível do mar. Ao norte da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), a espécie ocorre em áreas de meia encosta, muitas vezes inferiores a 300 m de altitude. O limite sul da distribuição dessa espécie é desconhecido, pois há a possibilidade de existirem populações remanescentes em Paranapiacaba, São Paulo, como observado com *Leontopithecus chrysopygus*. Embora aparentemente sua presença se estenda pela margem sul do rio Tietê, não há uma delimitação geográfica precisa, sugerindo que o limite é mais determinado por fatores ecológicos do que por limitações geográficas (Melo *et al.* 2018a).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Callithrix aurita:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; PE Serra do Brigadeiro.



FAMÍLIA: CALLITRICHIDAE

Callithrix flaviceps (Thomas, 1903)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, Rodrigo de Almeida Nobre e Eduardo Zanette

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: sagui-da-serra, sagui-da-serra-claro, sagui-taquara

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Primates

Família: Callitrichidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Callithrix flaviceps e *C. aurita* preferem habitats de Floresta Costeira Atlântica Montana e do planalto interior, em altitudes de até 1.200 m, resistindo bem em áreas florestadas perturbadas e sendo raras em florestas antigas com sub-bosques esparsos. Na Serra do Brigadeiro, Carangola, Minas Gerais, ocorre uma zona híbrida natural entre *C. flaviceps* e *C. aurita* (Melo *et al.* 2021b). Apresenta uma distribuição geográfica irregular, sendo abundante em certas áreas e rara ou ausente em outras, com suspeitas de um declínio populacional de pelo menos 90%, atribuído a fatores como degradação do habitat,

captura para o comércio ilegal de animais de estimação e a presença da febre-amarela. Um levantamento recente conduzido na RPPN Feliciano Miguel Abdala (Possamai *et al.* 2019) documentou um declínio populacional de 90% desde 2005, sendo a principal causa desse declínio uma epidemia de febre-amarela. Ademais, Possamai *et al.* (2022) relatam que na RPPN Feliciano Miguel Abdala, foi observado um declínio populacional de 80% entre 2017 e 2019, após a ocorrência do surto de febre-amarela. Esses dados revelam uma situação preocupante para a espécie e ressaltam a necessidade de ações de conservação urgentes para garantir sua sobrevivência. O tempo de geração é de 5,8 anos (Melo *et al.* 2021b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Callithrix flaviceps*, popularmente conhecido como sagui-da-serra ou sagui-da-serra-claro, é um primata endêmico da Mata Atlântica, do Sul do Espírito Santo e Sul do rio Doce, podendo ocorrer no norte do Rio de Janeiro, estendendo-se ligeiramente ao norte e oeste em Minas Gerais, com registros não confirmados que podem envolver hibridizações com *C. aurita*. A espécie é encontrada em Floresta Estacional Semidecidual e Ombrófila Densa, resistindo bem em áreas florestadas perturbadas e sendo rara em florestas antigas com sub-bosques esparsos. Com uma população total estimada em 4.440 indivíduos, dos quais menos de 2.500 são considerados maduros e a complexa paisagem altamente fragmentada limita a probabilidade de qualquer subpopulação atingir mais de 250 indivíduos maduros. A principal ameaça enfrentada pela espécie é a perda e fragmentação de seu habitat devido ao desmatamento, especialmente relacionado à expansão agrícola, resultando na conversão de aproximadamente 82% da Extensão de Ocorrência em pastagens e outros usos do solo. Adicionalmente, o rompimento da barragem de Fundão resultou em alterações e perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos devido à inundação. A espécie enfrenta ainda ameaças associadas ao comércio ilegal, sendo visada como animal de estimação. Assim, infere-se o declínio contínuo do número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: CR (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: RE (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Primatas da Mata Atlântica e Preguiça-da-coleira (ICMBio 2018c) e considerada espécie beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

Callithrix flaviceps é alvo do Programa de Conservação dos Saguis-da-Serra (PCSS), que tem como objetivo central investigar e criar estratégias de preservação para garantir a sobrevivência de *C. aurita* e *C. flaviceps* na Mata Atlântica da região Sudeste do Brasil. O PCSS, em colaboração com diversos pesquisadores e instituições, está implementando as ações do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas Ameaçados (PAN PPMA). Uma iniciativa motivada por esse esforço foi a criação do Centro de Conservação dos Saguis-da-Serra na Universidade Federal de Viçosa (CCSS-UFV), o primeiro centro de primatologia dedicado exclusivamente a conduzir atividades voltadas para a conservação de *C. aurita* e *C. flaviceps*.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A distribuição de *Callithrix flaviceps* está restrita a uma área de floresta altamente fragmentada devido à expansão de atividades como agricultura, pecuária, silvicultura, urbanização, mineração e construção de barragens. Além disso, a espécie é alvo do comércio ilegal local de animais de estimação (Melo *et al.* 2021b).

No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Ademais, cerca de 68% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 14% em mosaico de usos e 4% em plantações de café.

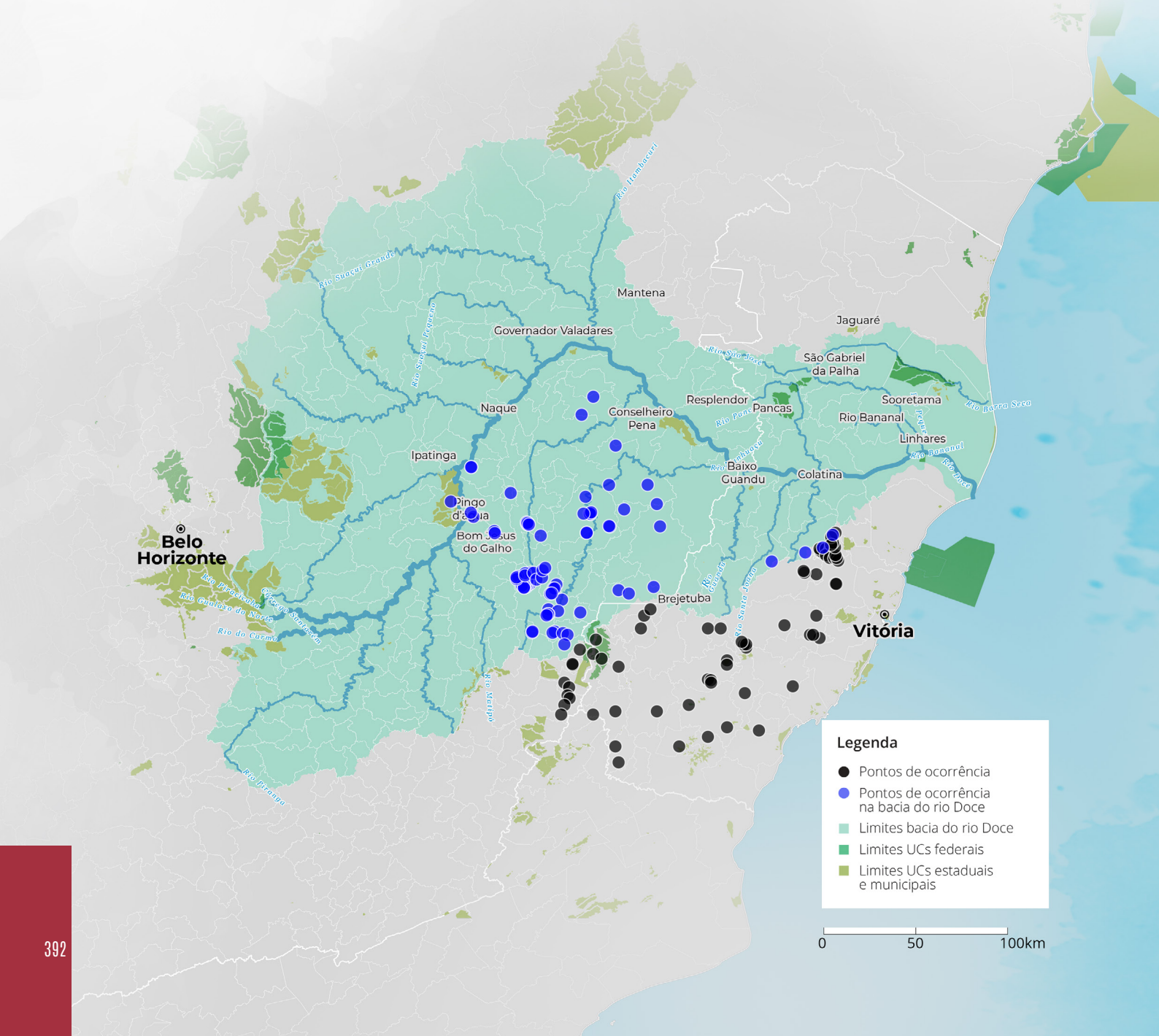
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Callithrix flaviceps é endêmico da Mata Atlântica, encontrado no sul do Espírito Santo, sul do rio Doce, e possivelmente no norte do Rio de Janeiro, com registros dispersos em florestas fragmentadas da bacia do rio Manhuaçu até Manhuaçu, estendendo-se um pouco mais ao norte e oeste em Minas Gerais, embora esses registros ainda não confirmados possam envolver hibridizações com *C. aurita* (Coimbra-Filho 1981, 1986; Hirsch 2003; Mendes & Melo 2007). Na bacia do rio Doce, a área de extensão de ocorrência da espécie é de 16.462 km² e a área de ocupação é de 252 km².

MAPA DE OCORRÊNCIA *Callithrix flaviceps:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do Rio Doce.



FAMÍLIA: ERETHIZONTIDAE

Chaetomys subspinosus (Olfers, 1818)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eduardo Amorim, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: ouriço-preto, gandú (Bonvicino *et al.* 2018)

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Rodentia

Família: Erethizontidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Chaetomys subspinosus é encontrado em áreas florestadas, incluindo Restinga Arbórea, Floresta Ombrófila Densa e florestas secundárias em estágios intermediários e avançados de regeneração, além de áreas de cultivo de cacau no sistema cabruca, com atividades de locomoção e alimentação concentradas em regiões de borda de floresta (Faria & Giné 2010; Giné *et al.* 2010). A espécie possui uma população severamente fragmentada nas Restingas do nordeste brasileiro, especialmente na Bahia, na costa norte e sudeste, e no Espírito Santo; demonstra uma tendência de declínio populacional, cuja magnitude não pode ser quantificada (Catzeflis *et al.* 2017; Bonvicino *et al.* 2018).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv)

Categoria: **EN**

Justificativa: *Chaetomys subspinosus* é uma espécie de ouriço endêmica do Brasil, presente nos estados de Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo, ocupando áreas de Restinga Arbórea e Floresta Ombrófila Densa associadas à Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) abrange 5.202 km², com uma Área de Ocupação (AOO) de 56 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão resultou na perda e alteração no habitat da espécie, bem como na mortalidade direta de indivíduos devido à inundação e deposição de rejeitos. Os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 54% da EOO da espécie convertidas em pastagem, 9% em mosaico de usos, 4% em silvicultura, 2% em cultivo de café e 1% em áreas urbanizadas. Além disso, a caça por carne, uso medicinal dos espinhos, fogo e herbicidas são ameaças adicionais para a espécie. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade do habitat. Como resultado, a espécie foi classificada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: LC (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Mamíferos da Mata Atlântica Central (Escarlate-Tavares *et al.* 2016) e Ouriço-Preto (Faria & Giné 2010).

CITES: Não consta.

Registros da espécie foram feitos em diversas unidades de conservação ao longo de sua distribuição.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A fragmentação e degradação do habitat, resultantes do desmatamento, expansão urbana, construção de estradas e monoculturas, representam as principais ameaças para *Chaetomys subspinosus* (Escarlate-Tavares *et al.* 2016). Além disso, a caça por carne, uso medicinal dos espinhos, fogo, herbicidas e o possível impacto do rompimento da barragem de Fundão, que alterou o habitat da espécie devido à erosão e deposição de rejeitos, são os principais vetores de ameaça para a espécie (Faria & Giné 2010; Giné *et al.* 2010; Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas a tamanho e tendência populacionais.

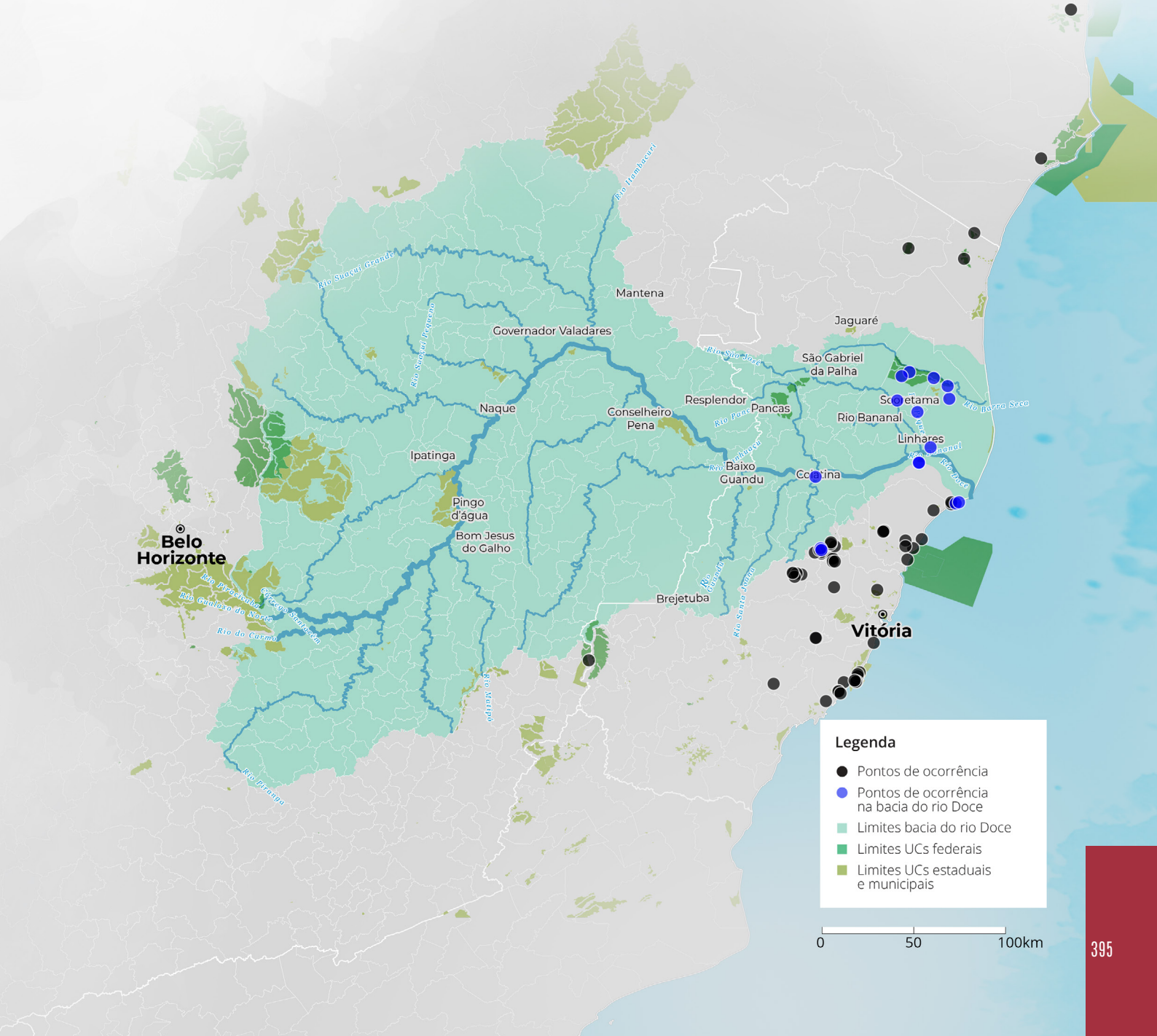
MAPA DE OCORRÊNCIA *Chaetomys subspinosus:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Chaetomys subspinosus é endêmica da Mata Atlântica, encontrada no sudeste da Bahia, nordeste de Minas Gerais, extremo sul de Sergipe, Espírito Santo e extremo norte do Rio de Janeiro, com ausência de registros recentes nesta última localidade (somente relatos de entrevistas) (Bonvicino *et al.* 2018; Giné & Faria 2018).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; REBIO de Comboios



FAMÍLIA: PHYLLOSTOMIDAE

Diaemus youngii (Jentnik, 1893)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Maria Clara do Nascimento

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: morcego-vampiro-de-asas-brancas

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Chiroptera

Família: Phyllostomidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Diaemus youngii é um morcego de porte médio, com peso entre 30 e 45 g e antebraço entre 50 e 56 mm (Reis *et al.* 2017). Esta espécie pode ser registrada em afloramentos rochosos (quartzito), remanescentes de Cerrado, áreas florestais degradadas ou em regeneração (Barquez *et al.* 2015; Golder Associates 2016; Urbieta *et al.* 2017; Witt *et al.* 2019; Bernard *et al.* 2023e), onde utiliza cavernas e ocos de árvores como abrigo (Uieda & Araujo 1987). Em relação ao hábito alimentar, *D. youngii* é hematófoga (Paglia *et al.* 2012), se alimentando

preferencialmente de sangue de aves silvestres e domésticas, (Greenhall & Schutt 1996; Bernard *et al.* 2023e) e, eventualmente, consumindo sangue de mamíferos (Greenhall & Schutt 1996; Emmons & Feer 1997), incluindo seres humanos (Silva *et al.* 2021). O conhecimento a respeito de características ecológicas e biológicas dessa espécie ainda é incipiente (Bernard *et al.* 2023e). Apesar de sua ampla distribuição geográfica nas Américas e no Brasil, *D. youngii* é considerada rara em nível local e pouco se sabe a respeito de dados populacionais (Aguiar *et al.* 2006; Witt *et al.* 2019; Bernard *et al.* 2023e). Não foram encontradas informações de uso para o táxon.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: D2.

Categoria: **VU**

Justificativa: *Diaemus youngii*, popularmente conhecido como morcego-vampiro-de-asas-brancas, é um morcego hematófago que habita afloramentos rochosos, remanescentes de Cerrado e áreas florestais em regeneração. Embora apresente ampla distribuição no Brasil, a espécie é considerada rara e, na região da bacia do rio Doce, ocorre apenas na Reserva Biológica de Sooretama, Espírito Santo. Sua Extensão de Ocorrência (EOO) e Área de Ocupação (AOO) são de 4 km², com uma localização condicionada à ameaça. A principal ameaça para a espécie é o uso de pasta vampiricida utilizada no controle de populações de *Desmodus rotundus* no combate ao vírus da raiva. Visto que as duas espécies são morfologicamente semelhantes, as populações de *D. youngii* podem sofrer efeitos negativos ao serem confundidas nas ações de controle de hematófagos. Portanto, independentemente de estar presente em unidade de conservação, um único evento de ameaça poderia, em curto prazo, levar a espécie à condição de Criticamente Ameaçada (CR) ou até mesmo à Extinção (EX). Diante desse cenário, considerando área de ocupação restrita e uma localização condicionada à ameaça, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Esta espécie enfrenta ameaças devido à destruição de abrigos naturais, como cavernas, e a perda de habitat (Aguiar *et al.* 2006). Por ser hematófaga, corre o risco de ser eliminada durante atividades de controle da raiva utilizando pasta vampiricida (Mayen 2003; Bernard *et al.* 2023e). Apesar de casos de raiva humana geralmente serem associados ao morcego-vampiro-comum (*Desmodus rotundus*) (Ribeiro *et al.* 2021; Bernard *et al.* 2023e), o vírus rábico já foi identificado em indivíduos de *D. youngii* (Póvoas *et al.* 2012). Não há registros comprovados da espécie em área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre história de vida e ecologia, tamanho, distribuição e tendências populacionais.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

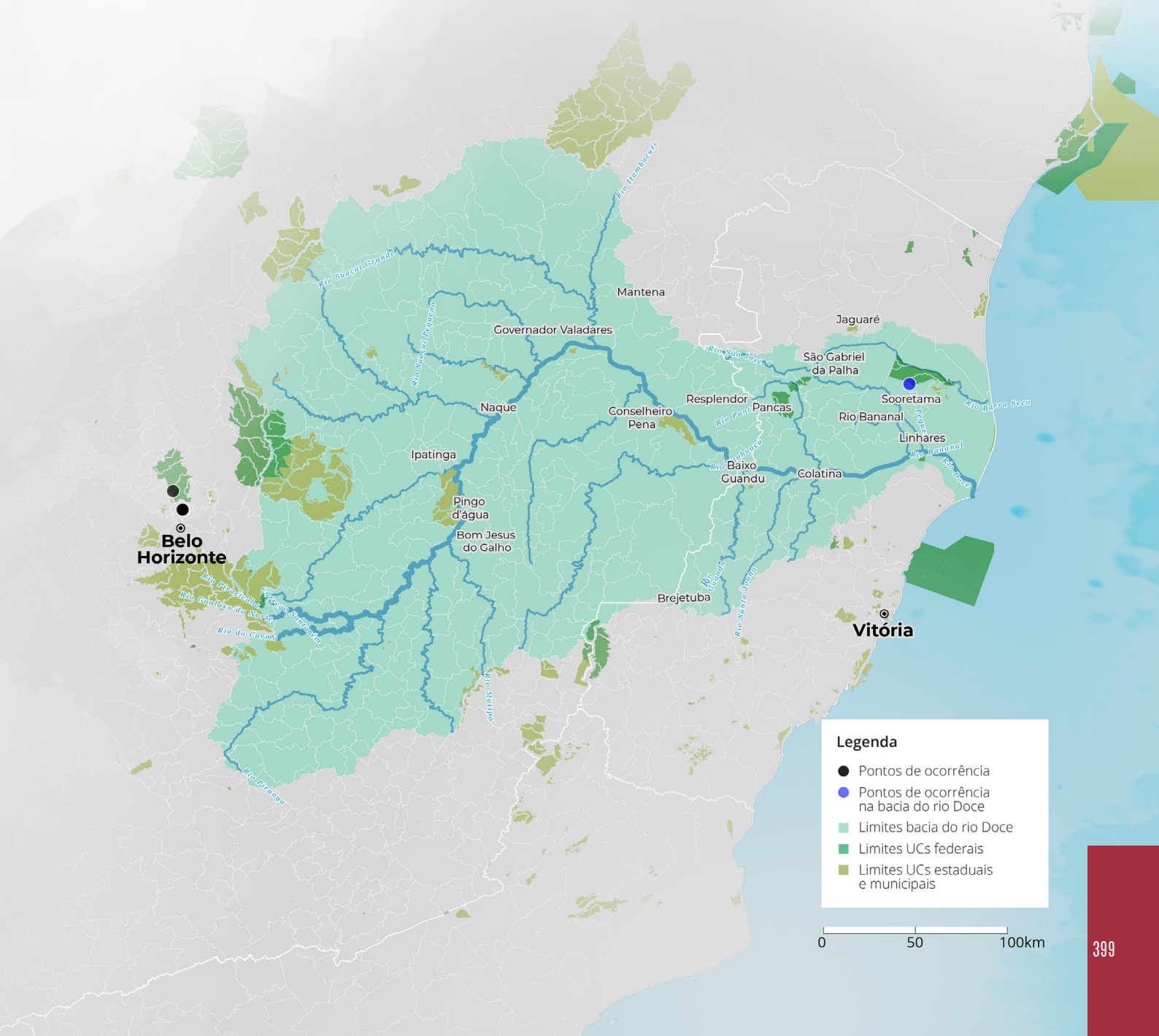
Diaemus youngii possui ampla distribuição geográfica nas Américas, ocorrendo desde o México até o norte da Argentina. No Brasil, a espécie ocorre em todas as regiões e biomas (Aguiar *et al.* 2006; Witt *et al.* 2019; Bernard *et al.* 2023e). Na região da bacia do rio Doce, a espécie foi registrada na Reserva Biológica de Sooretama, Espírito Santo (Pimenta 2013).

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: AC, AL, AM, AP, BA, DF, ES, MA, MG, MS, MT, PA, PE, PR, RJ, RO, RS, SP e TO.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Diaemus youngii:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: TAYASSUIDA

Dicotyles tajacu (Linnaeus, 1758)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
catitu, caititu, cateto, porco-do-mato

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Artiodactyla

Família: Tayassuida

NOTAS TAXONÔMICAS:

Foi realizado estudo para analisar os diferentes arranjos taxonômicos propostos para os porcos-do-mato ao longo do tempo. Como resultado, a espécie *Pecari tajacu* voltou a ser denominada *Dicotyles tajacu* (Acosta *et al.* 2020).

INFORMAÇÕES GERAIS

Dicotyles tajacu é um herbívoro de grande porte, pesando 18 kg em média, é predominantemente diurno, formando bandos estáveis com grande coesão, variando de 5 a 15 indivíduos (Keuroghlian & Landis 2023a). Pode ser encontrado em diferentes tipos de habitats, desde Florestas Tropicais Úmidas até regiões desérticas, estando presente também em áreas alteradas e fragmentadas (Gongora *et al.* 2011; Keuroghlian & Landis 2023a). Sua dieta é frugívora-herbívora, com predominância de frutos, mas incluindo uma ampla variedade de itens, como raízes, tubérculos, bulbos, rizomas, cactos e invertebrados (Keuroghlian & Eaton 2008). Atua como importante dispersor e predador de sementes, além de consumir e pisotear plântulas, participar da ciclagem de nutrientes e representar presa de grandes predadores (Villar *et al.* 2020; Magioli & Ferraz 2021). O tempo de geração estimado para a espécie é de 6 anos (Keuroghlian & Landis 2023a), a gestação dura em torno de 145 dias, nascendo de 1 a 4 filhotes, embora o mais comum seja o nascimento de dois filhotes (Sowls 1997).

A densidade populacional da espécie varia de acordo com o tipo de habitat, variando de 1,0 a 10,9 indivíduos por km² (Gongora *et al.* 2011). Com base em densidade previamente documentada para a Mata Atlântica em área sob intensa atividade de caça (2,2 indivíduos por km²), foi projetada a estimativa populacional de 293.469 indivíduos para todo o bioma, pressupondo que a espécie ocorre na maioria dos fragmentos da Mata Atlântica (Desbiez *et al.* 2012; Keuroghlian & Landis 2023a). Do total projetado, 176.081 (60%) seriam indivíduos maduros (Desbiez *et al.* 2012). Os catitus são animais sociais e a área de vida da espécie varia de 150 a 300 ha (Keuroghlian *et al.* 2004), havendo registro do uso de até 800 ha por bando (Gongora *et al.* 2011).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Dicotyles tajacu*, popularmente conhecido como catitu, ocorre em diferentes tipos de habitats, incluindo desde regiões de Florestas Tropicais Úmidas a regiões desérticas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 36.549 km², com Área de Ocupação (AOO) de 208 km² e oito a nove localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão afetou os locais de ocorrência da espécie e, junto com a caça e a degradação do seu habitat, representa uma das mais importantes ameaças à sua sobrevivência. O desastre resultou em perda e alterações nos habitats, incluindo erosão, perda de conectividade da paisagem e mortalidade direta devido ao atolamento na lama. Essas mudanças foram causadas pela ação da água, rejeitos e detritos na remoção de vegetação e solo. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de subpopulações fragmentadas e condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi

avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010)

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022);

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças à sobrevivência de *D. tajacu* incluem a caça e a destruição de seu habitat (Gongora *et al.* 2011). Uma preocupação adicional é a expansão do javali (*Sus scrofa*) no Brasil (Keuroghlian & Landis 2023a), que pode influenciar o padrão de atividade dos catitus, causando alterações na interação destes com os queixadas (*Tayassu pecari*) (Galetti *et al.* 2015). Adicionalmente, cita-se o risco de contração de doenças infecciosas devido ao contato com animais domésticos (Keuroghlian & Landis 2023a). Na Mata Atlântica, as principais ameaças para a espécie são a caça, a fragmentação, degradação, a introdução de espécies exóticas, como o javali e a perda de qualidade de habitat devido à extração predatória de recursos naturais como o palmito-jussara (*Euterpe edulis*) (Desbiez *et al.* 2012; Keuroghlian & Landis 2023a). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos e por atolamento na lama e nos rejeitos depositados (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à avaliação do tamanho e da tendência das populações remanescentes na bacia do rio Doce, incluindo a investigação da pressão da caça sobre a espécie na região (antes do rompimento da barragem de Fundão e na atualidade).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

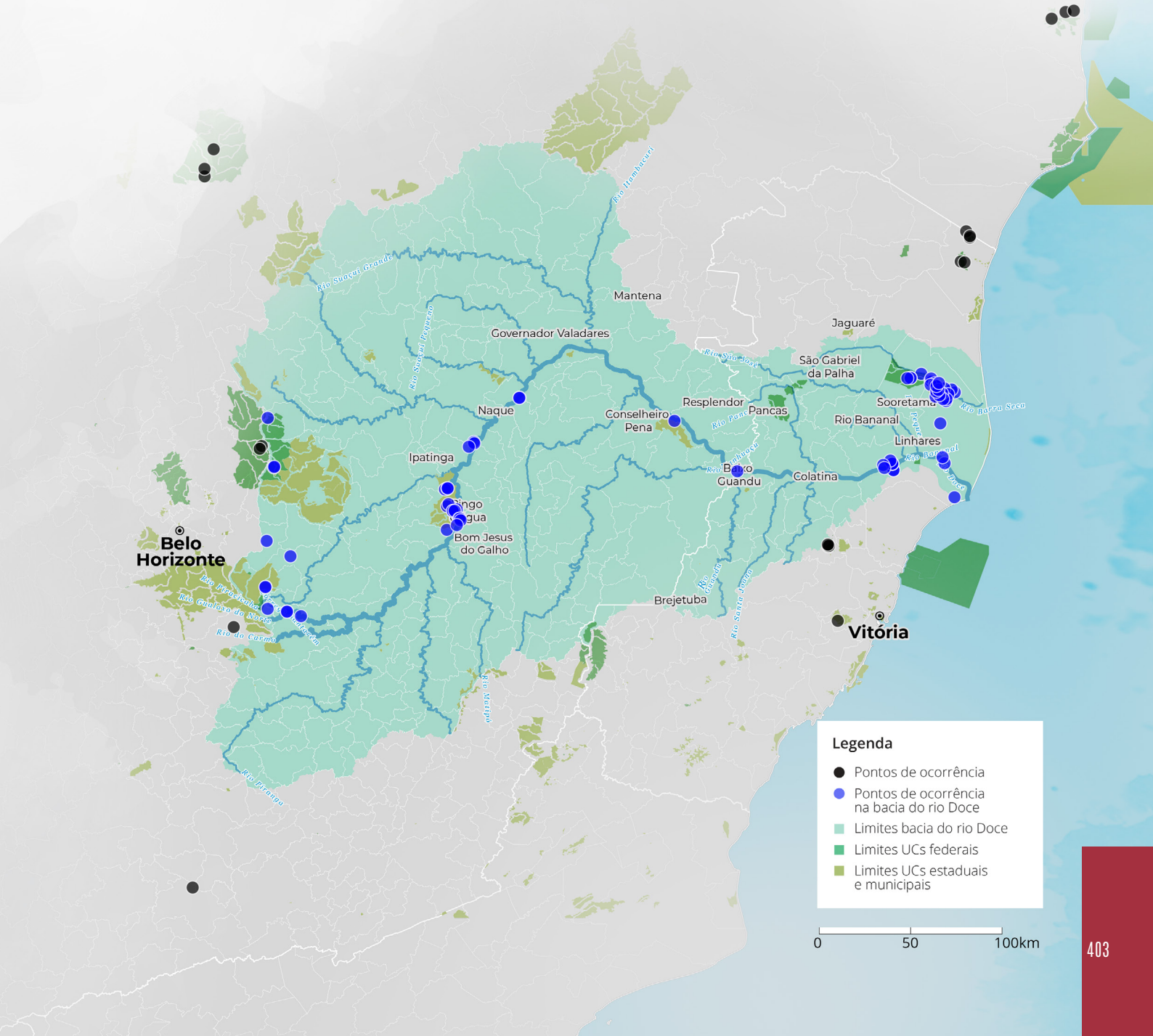
Dicotyles tajacu é uma espécie com ampla distribuição geográfica, ocorrendo do sul dos Estados Unidos ao norte da Argentina e do Uruguai, estando presente em todos os biomas brasileiros (Gongora *et al.* 2011). Atualmente é considerado extinto na porção extremo sul da sua distribuição original (Gongora *et al.* 2011). Ocupa diferentes tipos de habitats, desde florestas tropicais úmidas a regiões desérticas, incluindo áreas alteradas e fragmentadas, com registros que vão até 3.000 m de altitude (Gongora *et al.* 2011).

A espécie possui ocorrência nos seguintes estados do Brasil: AL, CE, PB, PE, RN, SE, RS, MA, RO, GO, SP, AM, MT, BA, ES, SC, DF, RJ, PI, TO, MG, AC, PR, PA, AP, RR e MS.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Dicotyles tajacu:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; RPPN Recanto das Antas; APA Morro da Pedreira; APA Sul-RMBH.



FAMÍLIA: PHYLLOSTOMIDAE

Dryadonycteris capixaba
Nogueira, Lima, Peracchi & Simmons, 2012

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Maria Clara do Nascimento

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: morcego-beija-flor

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Chiroptera

Família: Phyllostomidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Dryadonycteris capixaba é um morcego nectarívoro de pequeno tamanho corporal com comprimento corporal de 49,9 a 56,4 mm e massa em torno de 5 g (Nogueira *et al.* 2012). A espécie é associada a ambientes úmidos como florestas, brejos de altitude e veredas (Nascimento-Costa *et al.* 2019). Possivelmente, a espécie é localmente rara (Nogueira *et al.* 2012; Bernard *et al.* 2023a). A literatura disponível sobre a espécie é limitada e não há informações sobre dados populacionais (Nogueira *et al.* 2012; Bernard *et al.* 2023a).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Dryadonycteris capixaba*, popularmente conhecido como morcego-beija-flor, é um morcego nectarívoro encontrado em ambientes florestais na Mata Atlântica, Caatinga e Cerrado. Na bacia do rio Doce, a espécie ocorre em Minas Gerais e no Espírito Santo, apresentando Extensão de Ocorrência (EOO) de 7.848 km², Área de Ocupação (AOO) de 28 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com impactos relacionados a alterações na condição do habitat e na conectividade da paisagem decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens. Atualmente, cerca de 69% da EOO foram convertidas em áreas de pastagens e 12% em mosaicos de usos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: DD (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Espírito Santo: DD (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A perda de habitat é a maior ameaça à espécie (Bernard *et al.* 2023a). Na bacia do rio Doce, cerca de 69% da EOO da espécie foram convertidas em pastagem e 12% em mosaicos de usos. Além da crescente perda de vegetação, dois dos cinco locais de ocorrência da espécie na bacia do rio Doce foram diretamente impactados pelo rompimento da Barragem de Fundão, situados no Parque Estadual do Rio Doce, em Minas Gerais, e a Floresta Nacional de Goytacazes, no Espírito Santo. Os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre história de vida, ecologia e taxonomia.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Dryadonycteris capixaba:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Endêmico do Brasil, *D. capixaba* ocorre no Sudeste (Espírito Santo e Minas Gerais) e Nordeste do Brasil (Alagoas, Pernambuco e Sergipe), nos biomas Mata Atlântica e Caatinga (Nogueira *et al.* 2012; Rocha *et al.* 2014 ; Gregorin *et al.* 2015; Keesen *et al.* 2016; Nascimento-Costa *et al.* 2019).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: RPPN Miguel Abdala; PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.

FAMÍLIA: MOLOSSIDAE

Eumops chimaera
Gregorin, Moras, Acosta, Vasconcellos, Poma, dos Santos & Paca, 2016

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Eline Martins, Karlo Guidoni e Maria Clara do Nascimento

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: morcego

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Chiroptera

Família: Molossidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Eumops chimaera, descrita em 2016, destaca-se das demais espécies do gênero por apresentar um tamanho corporal maior, com comprimento do corpo variando entre 78 e 91 cm, além de características distintas na forma do crânio e nos dentes (Gregorin *et al.* 2016). Há indícios de que a espécie seja possivelmente insetívora, e os dois únicos registros conhecidos provêm de ambientes de Floresta Estacional Semidecidual, no Parque Estadual do Rio Doce, ou de vegetação densa e arbustiva, na Bolívia (Gregorin *et al.* 2016). Não foram encontradas informações sobre dados populacionais ou de uso para o táxon.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Eumops chimaera*, popularmente conhecido como morcego, é uma espécie rara e conhecida apenas por três exemplares provenientes de duas localidades, uma na Bolívia e outra no Brasil, ambas em áreas florestais. O registro do Brasil foi realizado no Parque Estadual do Rio Doce, em Minas Gerais, local impactado pelo rompimento da barragem de Fundão. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) e Área de Ocupação (AOO) são de 4 km², com uma localização condicionada a ameaça. O rompimento da barragem resultou no acúmulo de água e sedimentos, causando redução na qualidade do habitat devido à erosão e deposição de rejeitos e detritos da mineração. Diante desse cenário, *E. chimaera* foi

avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Espécie pouco conhecida, com um único registro conhecido para o território brasileiro, localizado na bacia do rio Doce, no Parque Estadual do Rio Doce (Gregorin *et al.* 2016). Por ter sido descrita no mesmo ano de publicação da Avaliação de Impacto sobre as Espécies Terrestres Ameaçadas de Extinção (Golder Associates 2016), *E. chimaera* não consta na lista de espécies possivelmente impactadas pelo rompimento da barragem de Fundão. Entretanto, seguindo a metodologia da Avaliação de Impacto, por se tratar de um morcego de hábito insetívoro, os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados à perda e/ou mudança de habitat resultante da erosão e deposição de rejeitos, mortalidade direta de indivíduos causada pela inundação e redução na sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Espécie recentemente descrita, havendo pouco ou nenhum conhecimento a respeito de características ecológicas, biológicas, comportamentais e possíveis ameaças. Além disso, a sua distribuição de ocorrência está possivelmente subestimada.

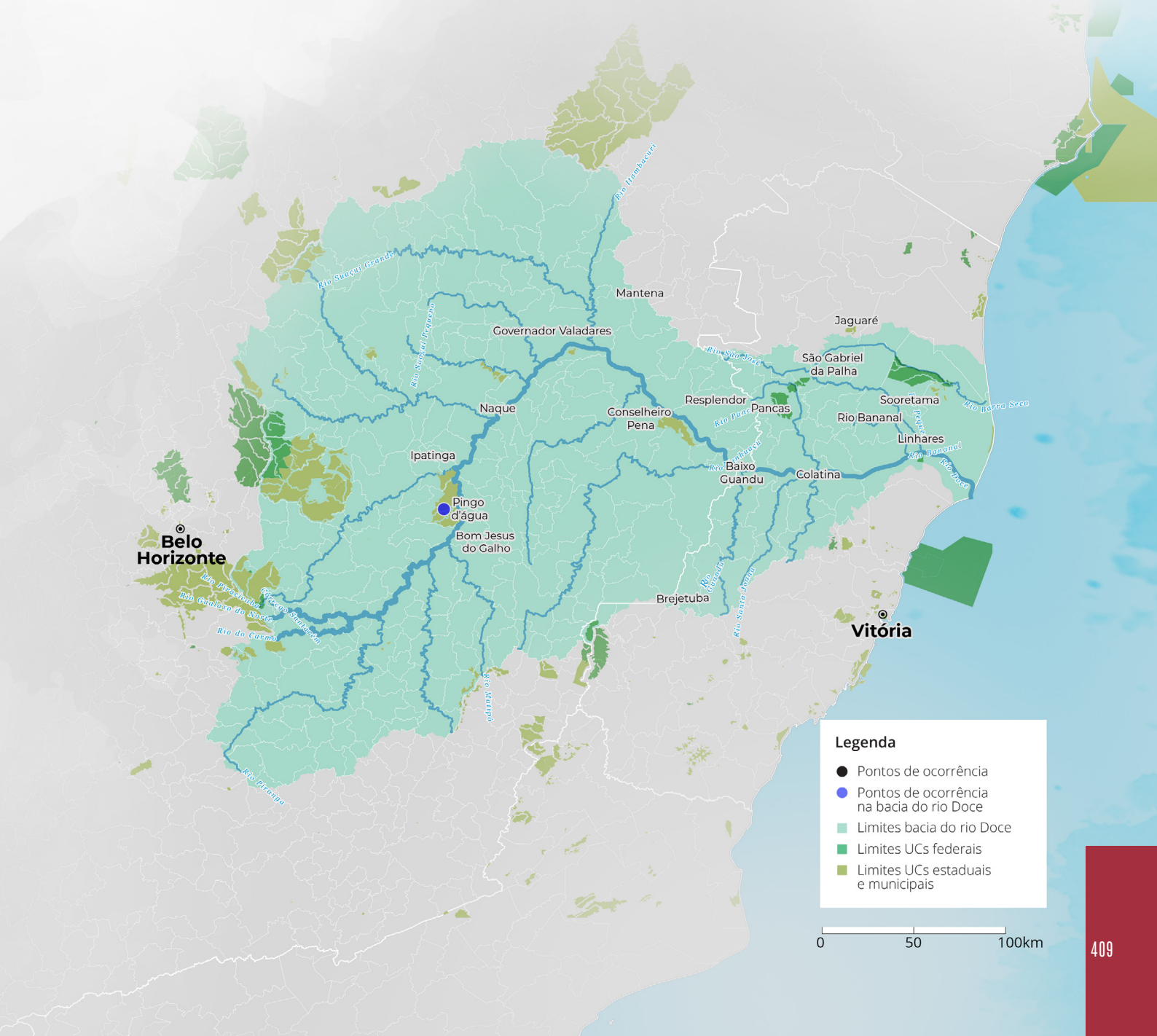
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica, conhecida apenas por dois registros no mundo, sendo um na Bolívia e outro no Brasil, ambos em área florestal. O registro do Brasil é no Parque Estadual do Rio Doce, em Minas Gerais (Gregorin *et al.* 2016).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Eumops chimaera:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: PE do Rio Doce.



FAMÍLIA: ECHIMYIDAE

Euryzygomatomys spinosus (Fischer de Waldheim, 1814)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Eline Martins, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: guiara, guirá, rata-guira, ratón-espinoso

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Rodentia

Família: Echimyidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Euryzygomatomys spinosus é um roedor semi-fossorial de tamanho médio, com massa corporal entre 170 a 200 g e tamanho do corpo entre 148 e 210 mm (Bonvicino *et al.* 2008; Paglia *et al.* 2012). É caracterizado por um corpo fusiforme coberto por uma pelagem dorsal espinhosa marrom a preta, com orelhas e cauda curtas (Bonvicino *et al.* 2008), características típicas de roedores subterrâneos (Loss *et al.* 2015). Este roedor ocorre em áreas florestais da Mata Atlântica, áreas de Cerrado, em campos secos, pradarias e áreas de vegetação secundária, próximo a áreas de agricultura (Geise

et al. 2004; Gonçalves *et al.* 2007; Scheibler & Christoff 2007; Pinto *et al.* 2009; Bonvicino & Bezerra 2015b; Loss *et al.* 2015). Quanto à dieta, há indícios de que a espécie seja herbívora e/ou onívora (Paglia *et al.* 2012; Loss *et al.* 2015), sendo relatado o uso de troncos de *Pinus* como recurso alimentar (Gonçalves *et al.* 2007). Em relação à reprodução, as fêmeas geram um ou dois embriões por gestação (Davis 1947; Oliveira & Bonvicino 2011). *Euryzygomatomys spinosus* é de difícil detecção e raro nas amostragens de médios mamíferos (Scheibler & Christoff 2007; Loss *et al.* 2015). Além disso, nos locais onde ocorre, apresenta baixa densidade populacional (Bonvicino *et al.* 2008). Não foram encontradas informações de uso/comércio para esta espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Euryzygomatomys spinosus*, popularmente conhecido como guiara, é um roedor semifossorial de tamanho médio, de difícil detecção e raro nas amostragens de médios mamíferos. Com ampla distribuição na América do Sul, a espécie ocorre em áreas florestais da Mata Atlântica, áreas de Cerrado, em campos secos, pradarias e áreas de vegetação secundária. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 18.546 km², com área de ocupação (AOO) de 24 km², e seis localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem levou ao acúmulo de água e sedimentos nos locais de ocorrência da espécie, possivelmente ocasionando diminuição da qualidade do habitat e, consequentemente, afetando negativamente a sobrevivência da espécie. Ademais, cerca de 52% da EOO foram convertidas em áreas de pastagem. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *E. spinosus* foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: LC (COPAM 2010).

Espírito Santo: DD (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Devido ao seu modo de vida semifossorial, *Euryzygomatomys spinosus* pode ser impactada negativamente por perturbações ambientais, conforme mencionado em Cäsar *et al.* (2019). Ademais, na região da bacia do rio Doce, cerca de 52% da EOO foram convertidas em áreas de pastagem, reduzindo a qualidade do habitat. A espécie é encontrada no Parque Estadual do Rio Doce e pode ter sido impactada pelo rompimento da barragem de Fundão. Por

fazer parte do grupo de mamíferos herbívoros de médio porte e habitat generalista, a espécie pode ter sido impactada pela perda ou mudança de habitat decorrente da erosão e deposição de rejeitos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessárias pesquisas sobre biologia básica, incluindo aspectos comportamentais e ecologia, tamanho, distribuição e tendências populacionais, além de identificar quais são as principais ameaças à sobrevivência da espécie. (Loss *et al.* 2015; Catzeflis *et al.* 2016b).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

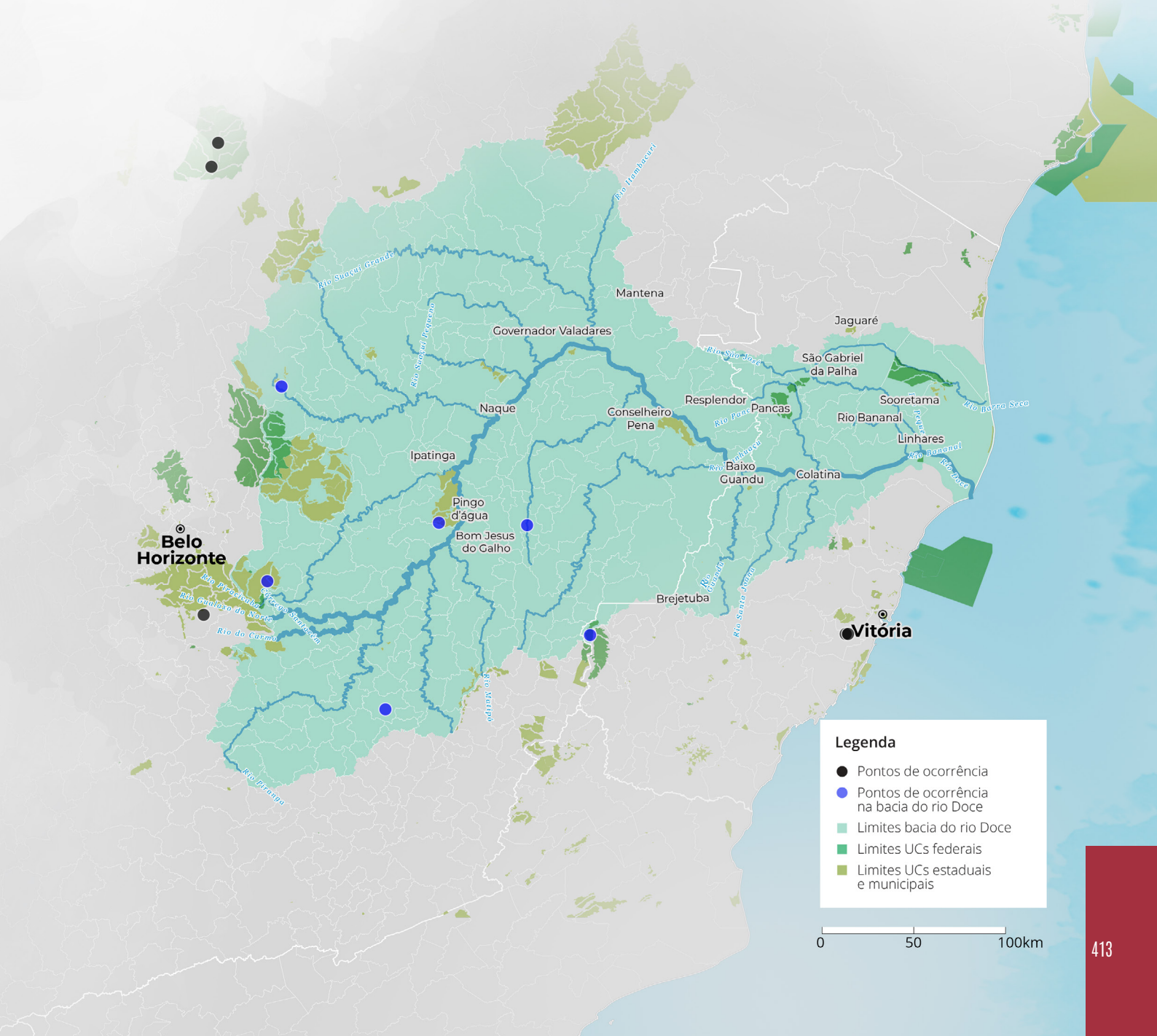
Euryzygomatomys spinosus ocorre na América do Sul, no sul e sudeste do Brasil, no nordeste da Argentina e sul do Paraguai (Bonvicino & Bezerra 2015a; Catzeflis *et al.* 2016b; Keesen *et al.* 2016). Na bacia do rio Doce, a espécie ocorre em Minas Gerais, nos municípios de Caratinga, Viçosa, Conceição do Mato Dentro, no Parque Nacional do Caparaó, no Parque Estadual do Rio Doce e no Parque Natural do Caraça (Bonvicino & Bezerra 2015a; Keesen *et al.* 2016).

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: MG, SP, RJ, ES, SC, RS e PR.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Euryzygomatomys spinosus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; APA Sul-RMBH; PARNA do Caparaó.



FAMÍLIA: PHYLLOSTOMIDAE

GLYPHONYCTERIS SYLVESTRIS Thomas, 1896

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Maria Clara do Nascimento

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: morcego

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Chiroptera

Família: Phyllostomidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Glyphonycteris sylvestris é um morcego de pequeno porte, com comprimento corporal variando entre 55 e 70 mm e massa corporal entre 9 e 11 g (Reis *et al.* 2007). A espécie é encontrada em ambientes florestais, se abrigando em ocos de árvores e cavernas (Williams & Genoways 2008; Cäsar *et al.* 2019; Bernard *et al.* 2023b). Em relação ao hábito alimentar, *G. sylvestris* é predominantemente insetívoro, embora ocasionalmente possa consumir frutos (Williams & Genoways 2008; Paglia *et al.* 2012; Cäsar *et al.* 2019). O período reprodutivo aparentemente se inicia durante a estação chuvosa (Reis *et al.* 2007; Solari *et al.*

2019). Esta espécie geralmente ocorre em baixa densidade populacional (Cäsar *et al.* 2019). Entretanto, há registros de colônias de até 75 indivíduos (Goodwin & Greenhall 1961). Não foram encontradas informações de uso para o táxon.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Glyphonycteris sylvestris*, popularmente conhecido como morcego, é um insetívoro coletor, embora ocasionalmente consuma frutos. Sua ocorrência abrange tanto florestas primárias quanto secundárias na Mata Atlântica, mas informações detalhadas sobre seus requisitos ecológicos, tamanho e tendências populacionais ainda não são completamente conhecidas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 13.021 km², com Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e três localizações condicionadas a ameaças. Mesmo não ocorrendo na área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão, a espécie está sujeita aos efeitos da conversão de habitat, com aproximadamente 68% de sua EOO convertida em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: DD (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A perda e fragmentação de habitat são as principais ameaças à espécie (Solari 2018a; Bernard *et al.* 2023b). Na bacia do rio Doce, *G. sylvestris* ocorre próximo à área mais impactada pelo rompimento da barragem de Fundão. Os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem, redução na sobrevivência e sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Estudos sobre história de vida, ecologia, tamanho, distribuição e tendências populacionais.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Glyphonycteris sylvestris:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Glyphonycteris sylvestris apresenta ampla distribuição nas Américas, porém é encontrada de forma irregular desde México, na América do Norte, até o Brasil, na América do Sul (Solari *et al.* 2019). No Brasil, *G. sylvestris* é encontrada nas regiões Norte e Sudeste do país (Sekiama *et al.* 2001; Felix *et al.* 2016; Verde *et al.* 2021). No entanto, persistem incertezas acerca da distribuição disjunta da espécie (Bernard *et al.* 2023b). Na região do rio Doce, a espécie foi registrada nos municípios de Mariana e Antônio Dias, em Minas Gerais.

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: AC, AM, AP, ES, MG, PA, PR, RJ, RO, RR, SP e TO.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.

FAMÍLIA: FELIDAE

Herpailurus yagouaroundi
É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1803

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: gato-mourisco, gato-vermelho, gato-azul, jaguarundi

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Carnivora

Família: Felidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Foi proposta uma mudança para o gênero *Puma* (Johnson *et al.* 2006), que foi refutada posteriormente (Segura *et al.* 2013), retornando para o gênero *Herpailurus*.

INFORMAÇÕES GERAIS

O gato-mourisco é um felídeo de pequeno porte, pesando entre 3 e 6 kg, solitário e predominantemente diurno, diferente dos demais pequenos felinos (Caso *et al.* 2015). A espécie é considerada um predador generalista, consumindo principalmente pequenos vertebrados (< 1 kg), em destaque para pequenos roedores, e ocupa uma grande diversidade de habitats desde áreas semiáridas e campestres a florestas densas secas e úmidas, e remanescentes de vegetação em paisagens agrícolas (Giordano 2015; Vidal *et al.* 2017).

Alguns relatos sugerem que a espécie pode estar associada a áreas ribeirinhas dentro e ao redor de florestas, particularmente em florestas tropicais estacionais. No entanto, são necessários mais estudos que corroborem essa hipótese (Giordano 2015). A espécie é polimórfica, exibindo duas cores primárias de pelagem (cinza ou escuro vs avermelhado), embora animais com pelagem caramelo também já tenham sido observados. A modelagem ecológica das variantes da pelagem mostrou que o padrão de coloração está significativamente associado a habitats particulares, com a coloração cinza ou escuros ocorrendo com maior frequência em florestas úmidas e densas, enquanto formas avermelhadas e esbranquiçadas são mais comuns em habitats mais secos e abertos (Silva *et al.* 2016). Apesar da variação na cor da pelagem, análises de DNA mitocondrial não mostraram associação entre grupos de haplótipos e eventuais subespécies ou espécies (Ruiz-García & Pinedo-Castro 2013; Ruiz-García *et al.* 2018), sendo *Herpailurus* um gênero monotípico (Kitchener *et al.* 2017).

A área de vida da espécie pode variar significativamente ao longo da sua distribuição, mas a maioria dos estudos reporta uma área igual ou inferior a 25 km², sendo o território das fêmeas muito menor ou semelhante ao dos machos (Giordano 2015). Os machos podem concentrar os movimentos em uma parte da área de vida e depois de mudar para outra e, como acontece com outros felinos, a sobreposição intersexual no uso do habitat é frequente na espécie (Giordano 2015). Por ser uma espécie ativa durante o dia, é um dos felinos silvestres mais comumente visualizados, no entanto, não é considerado abundante em nenhuma porção de sua distribuição, sendo geralmente encontrado em baixas densidades populacionais (Almeida *et al.* 2013). Sua densidade varia de 0,01-0,05/km² ou menos, mas podem atingir até 0,2/km² em algumas áreas (Caso 2013; Caso *et al.* 2015). Sugere-se que sua abundância seja negativamente impactada pela presença de mesocarnívoros maiores, como a jaguatirica (*Leopardus pardalis*) (conhecido como "efeito pardails"), embora seus hábitos predominantemente diurnos possam mitigar o efeito da competição por meio da segregação do nicho temporal com outros felinos (Caso 2013; Giordano 2015). O tempo de geração estimado para a espécie é de 5 anos (Tirelli *et al.* 2023). Na região Nordeste do Brasil, há registros da espécie sendo abatida para consumo, e sua pele utilizada para confecção de objetos ornamentais e como troféu (Tirelli *et al.* 2023).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,v).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Herpailurus yagouaroundi*, popularmente conhecido como gato-mourisco, é um felino que ocorre em diversos habitats, desde áreas semiáridas e campestres até florestas densas secas e úmidas. Apesar de ser ativo durante o dia e frequentemente visualizado, não é considerado abundante em nenhuma parte de sua distribuição. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 47.686 km², com Área de Ocupação (AOO) de 236 km², havendo entre nove e dez localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão impactou os locais de ocorrência da espécie, ocasionando alteração e perda de habitats devido à deposição de rejeitos, alteração na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos e detritos. Ademais, aproximadamente 77% da EOO da espécie na bacia foi desmatada. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, devido a essas ameaças combinadas com a baixa densidade populacional, *H. yagouaroundi* foi classificado como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Pequenos Felinos (Brasil 2022b) e Lagoas do Sul (Brasil 2018).

CITES: Apêndices I e II (CITES 2022)..

O Plano de Ação Nacional para a conservação dos Pequenos Felinos inclui várias medidas de conservação que se aplicam à espécie *H. yagouaroundi*. Uma delas é compreender o impacto da caça e abate por retaliação em diferentes populações em cada bioma. Outra medida é reduzir a remoção ilegal de indivíduos, incluindo a caça, o abate e a retirada de animais da natureza. O plano também destaca a importância de minimizar os impactos da coexistência entre pequenos felinos e animais domésticos e exóticos, além de ampliar o conhecimento sobre os impactos das doenças na saúde dessas populações. Outras medidas incluem a manutenção e ampliação da conectividade entre as populações, a redução dos processos de fragmentação e perda do habitat e a realização de estudos para avaliar como diferentes processos naturais e antrópicos influenciam a conservação das espécies em suas áreas de ocorrência, além da implementação de políticas públicas para reduzir a fragmentação e a perda de habitat em toda a área de distribuição das espécies contempladas.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça à espécie é a perda e fragmentação do seu habitat, o que tem um impacto direto na sobrevivência dos indivíduos (Caso *et al.* 2015). Essa ameaça é atribuída em grande parte à expansão da agropecuária. Além dos fatores citados acima, a espécie também é ameaçada pela caça, tanto por razões culturais quanto retaliatórias, em conflitos com proprietários rurais (Caso *et al.* 2015). Atropelamentos e queimadas também são considerados ameaças importantes (Almeida *et al.* 2013). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados à mudança na condição do habitat e mortalidade direta em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Alguns estudos focaram explicitamente na espécie, sendo a maioria dos estudos voltados para a comunidade de mamíferos de médio e grande porte (Giordano 2015). No Brasil, os trabalhos sobre a espécie focam principalmente em aspectos tróficos, área de vida, uso de habitats e estimativas populacionais (Michalski & Peres 2005; Tófoli *et al.* 2009; Bianchi *et al.* 2011; Almeida *et al.* 2013). Dado que as populações de muitos felinos neotropicais estão em forte declínio devido à perda de habitat, uma investigação aprofundada sobre o *status* do gato-mourisco ao longo da sua distribuição deve ser uma prioridade. Pesquisas em larga escala para estimar abundâncias locais da espécie, monitoramento populacional de longo prazo e estudos investigando as necessidades de habitat da espécie no contexto de interações competitivas são de extrema importância para uma melhor compreensão de suas demandas de conservação (Giordano 2015).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

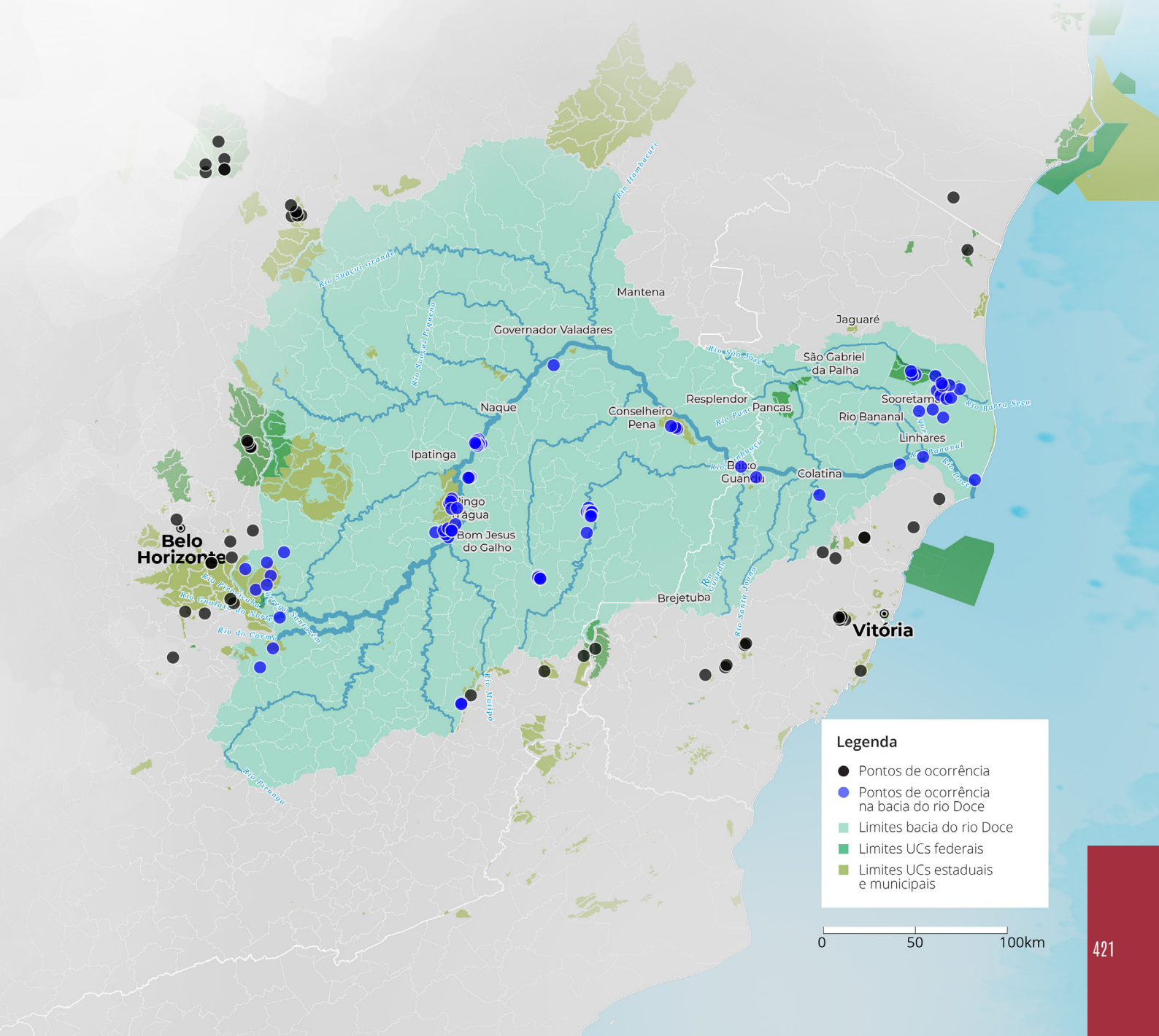
A espécie não é endêmica do Brasil, ocorrendo desde o México até o Uruguai e norte da Argentina, apresentando a segunda área de distribuição mais extensa entre os vertebrados terrestres nas Américas. No Brasil, possui ampla distribuição, ocorrendo em todos os biomas e em quase todo território nacional (Almeida *et al.* 2013; Caso *et al.* 2015).

A espécie tem ocorrência nos seguintes estados do Brasil: AM, AL, DF, PB, RO, RR, AC, PR, PE, SE, RN, MT, RJ, GO, TO, RS, AP, PA, BA, MA, MG, MS, PI, ES, SC, CE e SP.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Herpailurus yagouaroundi:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; PE Serra do Brigadeiro; RPPN Recanto das Antas; PE do Itacolomi; RPPN Mutum Preto; APA Sul-RMBH; PE Sete Salões.



FAMÍLIA: ECHIMYIDAE

Kannabateomys amblyonyx (Wagner, 1845)

AUTORES(AS): Luciana Signorelli, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: rato-da-taquara

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Rodentia

Família: Echimyidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Kannabateomys amblyonyx é uma espécie com hábito noturno, arborícola e de médio porte, com massa corporal entre 380 e 460 g (Paglia *et al.* 2012; Patton *et al.* 2015). Esta espécie é folívora e especialista de habitat, de forma que utiliza taquaras como refúgio e alimentação (Silva 2004; Silva 2005; Paglia *et al.* 2012; Silva *et al.* 2012). Pode ser encontrada vivendo sozinha ou em grupos familiares que utilizam áreas exclusivas (Silva *et al.* 2008; Catzeflis *et al.* 2016b). Raramente saem das manchas

de taquarais, sendo geralmente detectados sempre a menos de 10 m da mancha residente (Silva *et al.* 2008). Em relação à reprodução, *K. amblyonyx* apresenta baixa taxa reprodutiva, com a geração de um a três filhotes por gestação (Silva *et al.* 2008). O intervalo entre gestações é em torno de 102 dias (Silva *et al.* 2008) e a espécie se reproduz durante todo o ano (Silva 2005; Silva *et al.* 2008). O rato-da-taquara possui características típicas que sugerem monogamia social, tais como cuidado parental prolongado, baixa taxa de dispersão de jovens, baixo grau de dimorfismo sexual e pequena área de vida das fêmeas, que ocupam uma única mancha de taquara, o que impede que os machos interajam com mais de uma fêmea (Silva *et al.* 2008). Considerada uma espécie rara (Silva 2005; Catzeflis *et al.* 2016b), *K. amblyonyx* é possivelmente pouco abundante nos locais onde ocorre, com populações isoladas ou restritas a fragmentos de taquarais (Silva *et al.* 2012). No Parque Estadual de Itabuã, Rio Grande do Sul, a densidade média populacional por taquaral é de até 4,28 indivíduos/0,1 ha, com densidade mínima de 3,34 indivíduos/0,1 ha e densidade máxima de 5,24 indivíduos/0,1 ha (Silva 2004; Catzeflis *et al.* 2016b). Entretanto, na Reserva Biológica de Poço das Antas, Rio de Janeiro, a densidade populacional média por taquaral foi de apenas 1,47 indivíduo/ 0,1 ha (Stallings *et al.* 1994). Não foram encontradas informações populacionais disponíveis para a região da bacia do rio Doce, tampouco informações sobre uso/comércio desta espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Kannabateomys amblyonyx*, conhecido popularmente como rato-da-taquara, é uma espécie arborícola especialista em taquaras. Ocorre em baixa densidade populacional na Mata Atlântica do Sudeste e Sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. A espécie vive em grupos familiares com áreas de uso exclusivo, apresentando baixa taxa reprodutiva e dispersão limitada entre os jovens. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência é de 27.565 km², com área de ocupação de 32 km² e de seis a oito localizações condicionadas à ameaça. O rompimento da barragem de Fundão possivelmente impactou os locais de ocorrência da espécie, resultando em diminuição da qualidade de habitat e isolamento populacional em decorrência da erosão e deposição de rejeitos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens. Cerca de 69% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *Kannabateomys amblyonyx* foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações

disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: LC (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

O rato-da-taquara, devido ao seu pequeno tamanho populacional e distribuição restrita a áreas de taquarais, está suscetível a ameaças como desmatamento e incêndios (Silva *et al.* 2012). Ademais, na região da bacia do rio Doce, cerca de 69% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Além disso, a espécie pode ser impactada pela caça e pela presença de gado e cães domésticos (Silva 2005; Silva *et al.* 2012). Por fim, *K. amblyonyx* pode ter sido afetada indiretamente pelo rompimento da barragem de Fundão. Os possíveis impactos para a espécie estão relacionados à alteração e perda de habitat e redução na conectividade da paisagem em decorrência da erosão e deposição de rejeitos da mineração (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas para identificar o efeito das principais ameaças à espécie, além de estudos sobre tendência populacional e ecologia.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

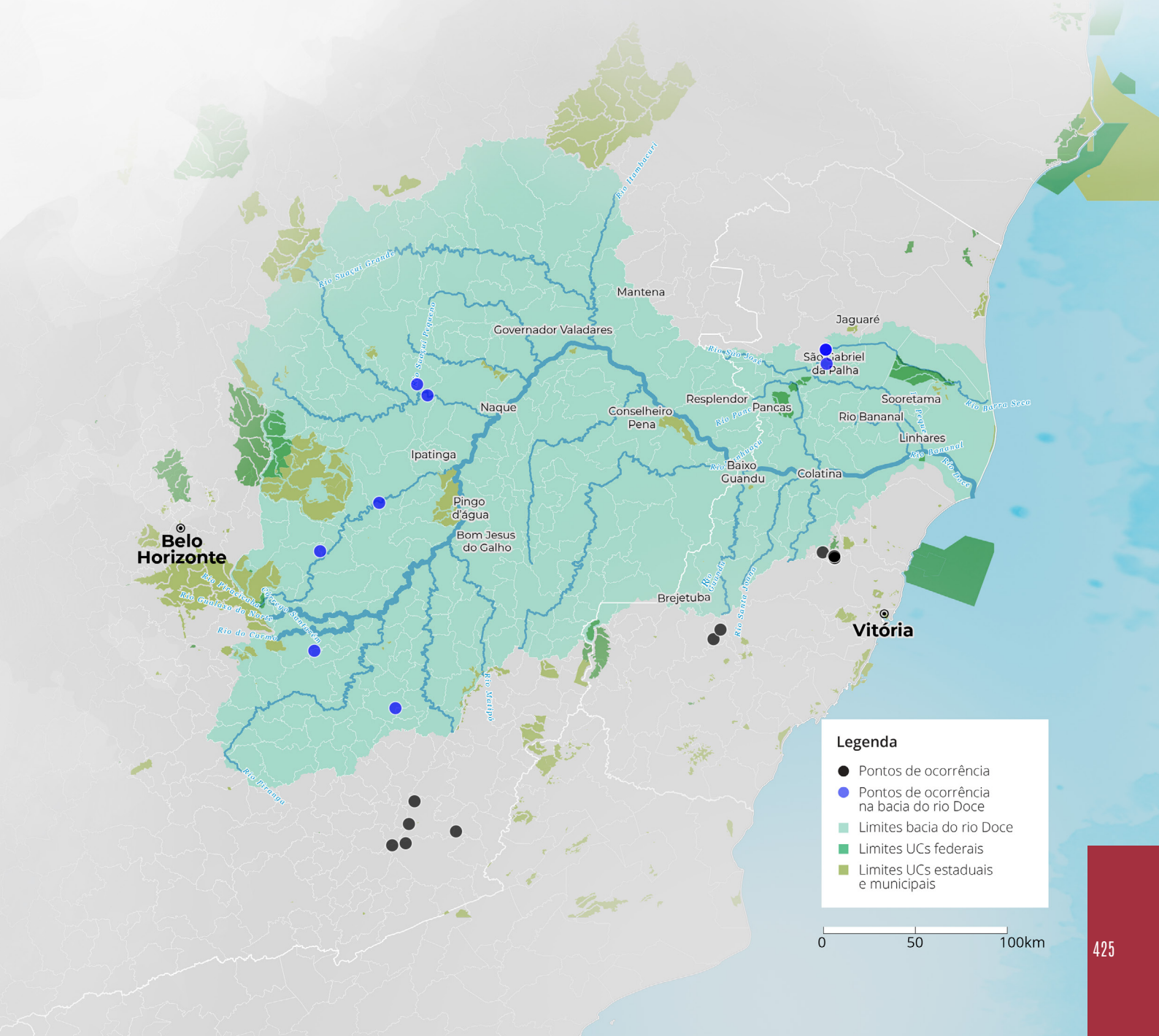
Kannabateomys amblyonyx ocorre nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, no Uruguai, na Argentina e no Paraguai (Silva *et al.* 2012; Catzeflis *et al.* 2016b; Vanny *et al.* 2018). Na região da bacia do rio Doce, há registros da espécie desde Viçosa, Mariana e Braúnas, em Minas Gerais, até o município de Nova Venécia, no Espírito Santo (Bonvicino *et al.* 2008; Silva *et al.* 2012; Vanny *et al.* 2018).

A espécie ocorre nos seguintes estados do Brasil: RJ, SC, SP, RS, PR, MG e ES.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Kannabateomys amblyonyx:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: PHYLLOSTOMIDAE

Lampronycteris brachyotis (Dobson, 1879)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Maria Clara do Nascimento

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
Não disponível

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Chiroptera

Família: Phyllostomidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Lampronycteris brachyotis é um morcego com dieta preferencialmente insetívora, porém itens como frutos, néctar e pólen podem compor sua dieta, especialmente nos períodos de seca (Reis *et al.* 2007). Embora a espécie seja comumente classificada como sendo catador de sub-bosque, pesquisadores têm proposto que *L. brachyotis* seja, na verdade, um insetívoro aéreo, uma vez que apresenta asas mais longas e estreitas e orelhas menores que outros morcegos catadores de mesmo

tamanho corporal (Espinosa *et al.* 2019). Assim, as evidências sugerem que *L. brachyotis* realiza voos mais longos e tem áreas de vida mais amplas do que outros filostomídeos catadores, forrageando em espaços abertos em torno e acima do dossel (Espinosa *et al.* 2019). Embora ocasionalmente seja capturado em florestas secundárias e áreas desmatadas, *L. brachyotis* parece ser sensível à perturbação do habitat, sendo encontrada principalmente em florestas primárias fortemente associadas a ambientes úmidos. Utiliza árvores ocas, cavernas, minas e bueiros como abrigo, podendo dividir esses locais com uma grande variedade de outras espécies de morcegos, incluindo *Trachops cirrhosus, Carollia* spp. e *Glossophaga soricina* (Bernard *et al.* 2018a; Solari 2018b; Espinosa *et al.* 2019). Apresenta dois picos reprodutivos, com os nascimentos coincidindo com o início da estação chuvosa, podendo ocorrer uma segunda gestação mais tarde no ano (Solari 2018b). Tendo em vista seu pequeno porte (antebraço entre 38 e 44 mm e peso entre 12 e 14g), *L. brachyotis* apresenta grandes áreas de vida, utilizando em média 30 hectares para abrigo e forrageio (Espinosa *et al.* 2019). A espécie forma colônias geralmente pequenas, com cerca de 10 indivíduos, embora tenha sido encontrado um oco de árvore no Panamá abrigando em média 200 morcegos (Bernard *et al.* 2018a). Em sua extensão, é considerada rara a incomum, como evidenciado pelo baixo número de capturas apresentado nos estudos em que é registrado (Marciente & Calouro 2009; Scultori *et al.* 2009; Oliveira & Faria 2015).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,iii)+B2ab(i,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Lampronycteris brachyotis* é um morcego com ampla distribuição geográfica, abrangendo desde o México até a América do Sul. No território brasileiro, sua presença é registrada desde a região Norte até o Sudeste, em habitats úmidos de florestas perenes e decíduas de baixa altitude, além de florestas de galerias associadas à Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 228 km², com Área de Ocupação (AOO) de 20 km² e quatro localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou de maneira diferenciada os locais de ocorrência da espécie, ocasionando alteração na qualidade e perda de habitat resultantes da erosão e deposição de rejeitos, redução nas taxas de sobrevivência e sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares. Além disso, atualmente, cerca de 43% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 10% em mosaico de usos, 10% em área urbanizada e 10% em plantações de café. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo da EOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como “Em Perigo (EN)” na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Espírito Santo: DD (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Não existem ameaças significativas em toda a extensão da área de distribuição da espécie; no entanto, a perda e modificação de habitat se apresenta como uma ameaça localizada, dada a estreita ligação da espécie com as florestas, especialmente matas ripárias, e a sua aparente sensibilidade à perturbação ambientais (Solari 2018b). As principais ameaças à espécie são mudanças em seu habitat resultantes de incêndios florestais, uso de maquinário pesado e explosivos a menos de 2 km de suas áreas de abrigo (Bernard *et al.* 2018a). O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, podendo resultar em alterações e perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, redução da sobrevivência ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre ameaças, história de vida e ecologia, planejamento de conservação, coleta, uso e meios de subsistência, bem como tamanho, distribuição e tendências populacionais.

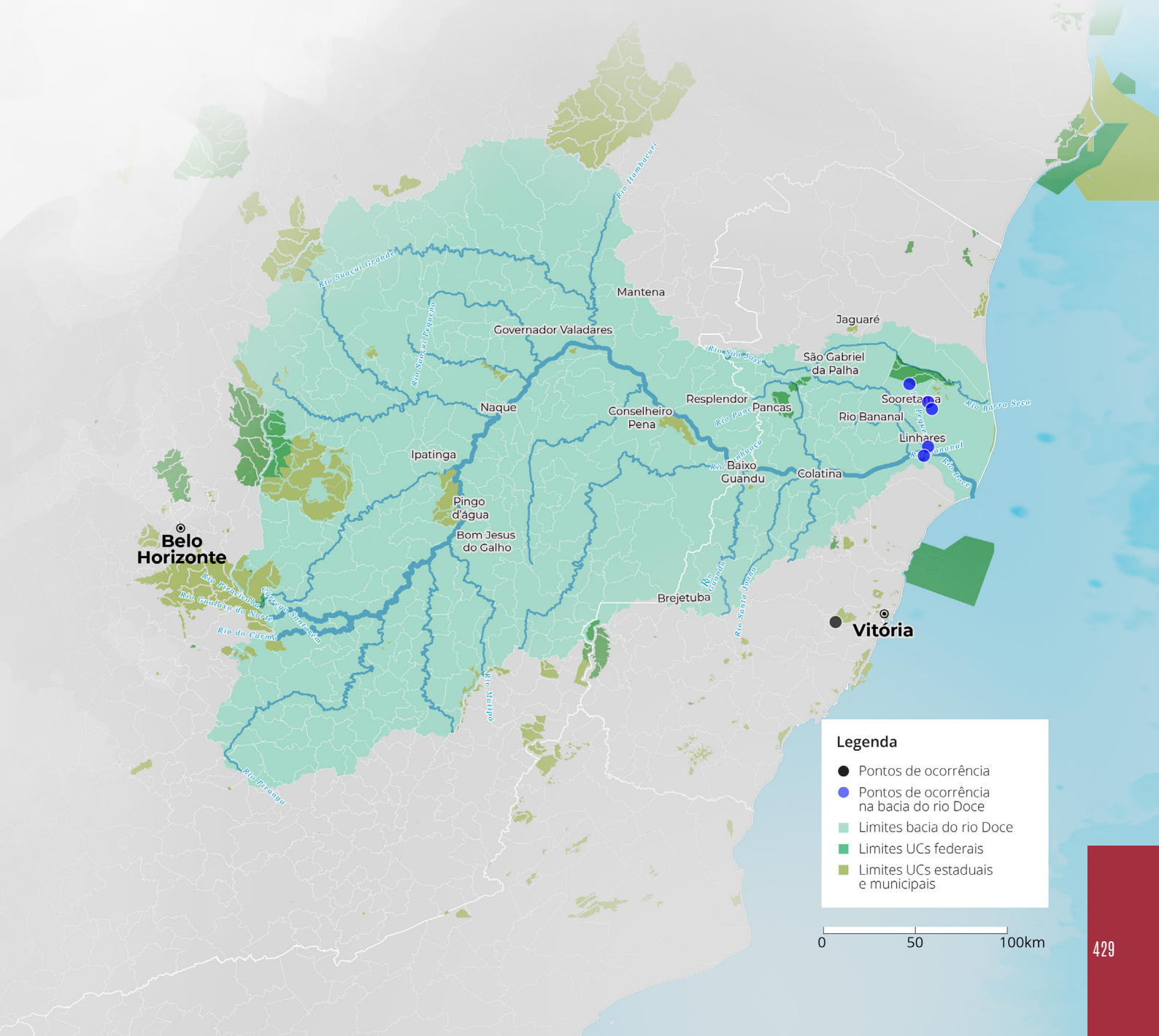
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Lampronycteris brachyotis ocorre do sul do México, passando pela América Central, Trinidad, até a América do Sul, onde é registrada na Colômbia, Venezuela, Guianas, Equador, Peru, Bolívia e Brasil (Espinosa *et al.* 2019). No território brasileiro, *L. brachyotis* é encontrada em todas as regiões, com registros nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Mato Grosso, Paraíba, Bahia, Espírito Santo, Goiás, São Paulo e Paraná, geralmente em áreas de até 700 m de altitude, sendo a maioria dos espécimes capturados abaixo de 150 m (Solari 2018b).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Lampronycteris brachyotis:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes.



FAMÍLIA: FELIDAE

Leopardus guttulus (Hensel, 1872)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
gato-do-mato-do-sul; gato-do-mato-pequeno, gato-do-mato

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Carnivora

Família: Felidae

NOTAS TAXONÔMICAS:

Até 2013, *Leopardus guttulus* era considerado parte da espécie *Leopardus tigrinus*. Com base em análises genéticas e morfológicas, passaram a ser reconhecidas duas espécies distintas, sendo *Leopardus tigrinus* na porção norte e *Leopardus guttulus* na porção sul da distribuição original (Trigo *et al.* 2013).

INFORMAÇÕES GERAIS

Leopardus guttulus é uma das menores espécies de felinos do Brasil, podendo pesar até 2,4 kg (Trigo *et al.* 2018). Possui hábito solitário e padrão de atividade crepuscular-noturno (Oliveira *et al.* 2016). A espécie ocorre em diferentes tipos de habitats, como Florestas Densas, Florestas Decíduas/ Semidecíduas, áreas com vegetação aberta, estando presente também em remanescentes de vegetação nativa em áreas agrícolas (Trigo *et al.* 2018). Alimenta-se principalmente de pequenos vertebrados (<1kg), sobretudo pequenos roedores (Oliveira *et al.* 2016; Cruz *et al.* 2019).

No passado (1976-1985), houve um intenso comércio de peles (Oliveira 1994). A espécie possui densidade populacional estimada entre 1-5 indivíduos / 100 km² em locais considerados de alta densidade (Oliveira *et al.* 2016), podendo chegar a 25 indivíduos por 100 km² (Trigo *et al.* 2018). Estima-se a existência de aproximadamente 6.047 indivíduos maduros em toda a sua distribuição, com uma tendência de declínio contínuo, e há suspeitas de que as populações estejam severamente fragmentadas (Oliveira *et al.* 2016). O tempo de geração calculado para a espécie é de 4-5 anos.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2b(ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Leopardus guttulus*, popularmente conhecido como gato-do-mato-pequeno, habita diferentes tipos de vegetação, incluindo florestas, áreas abertas e remanescentes de vegetação nativa em áreas agrícolas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 41.391 km², com Área de Ocupação (AOO) de 204 km² e dez localizações condicionadas a ameaças. Apesar da ampla distribuição na bacia do rio Doce e valor elevado de EOO, os locais de ocorrência da espécie foram afetados pelo rompimento da barragem de Fundão, resultando em perda de habitat devido à erosão, deposição de rejeitos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta por inundação e deposição de rejeitos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Lagoas do Sul (Brasil 2018) e Pequenos Felinos (Brasil 2022b).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

O Plano de Ação Nacional para a conservação dos Pequenos Felinos inclui várias medidas de conservação que se aplicam à espécie *L. guttulus*. Uma delas é compreender o impacto da caça e abate por retaliação em diferentes populações em cada bioma. Outra medida é reduzir a remoção ilegal de indivíduos, incluindo a caça, o abate e a retirada de animais da natureza. O plano também destaca a importância de minimizar os impactos da coexistência entre pequenos felinos e animais domésticos e exóticos, além de ampliar o conhecimento sobre os impactos das doenças na saúde dessas populações. Outras medidas incluem a manutenção e ampliação da conectividade entre as populações, a redução dos processos de fragmentação e perda do habitat e a realização de estudos para avaliar como diferentes processos naturais e antrópicos influenciam a conservação das espécies em suas áreas de ocorrência, além da implementação de políticas públicas para reduzir a fragmentação e a perda de habitat em toda a área de distribuição das espécies contempladas.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A fragmentação e a perda do habitat e a redução da qualidade dos ambientes florestais são consideradas as principais ameaças para a espécie, juntamente com a caça, a perseguição humana em resposta à predação de domésticos e atropelamentos em rodovias (Oliveira *et al.* 2016; Trigo *et al.* 2018). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, tamanho e tendência populacionais, história de vida e ecologia da espécie são necessárias a fim de permitir o desenvolvimento de estratégias eficazes de monitoramento e conservação da espécie.

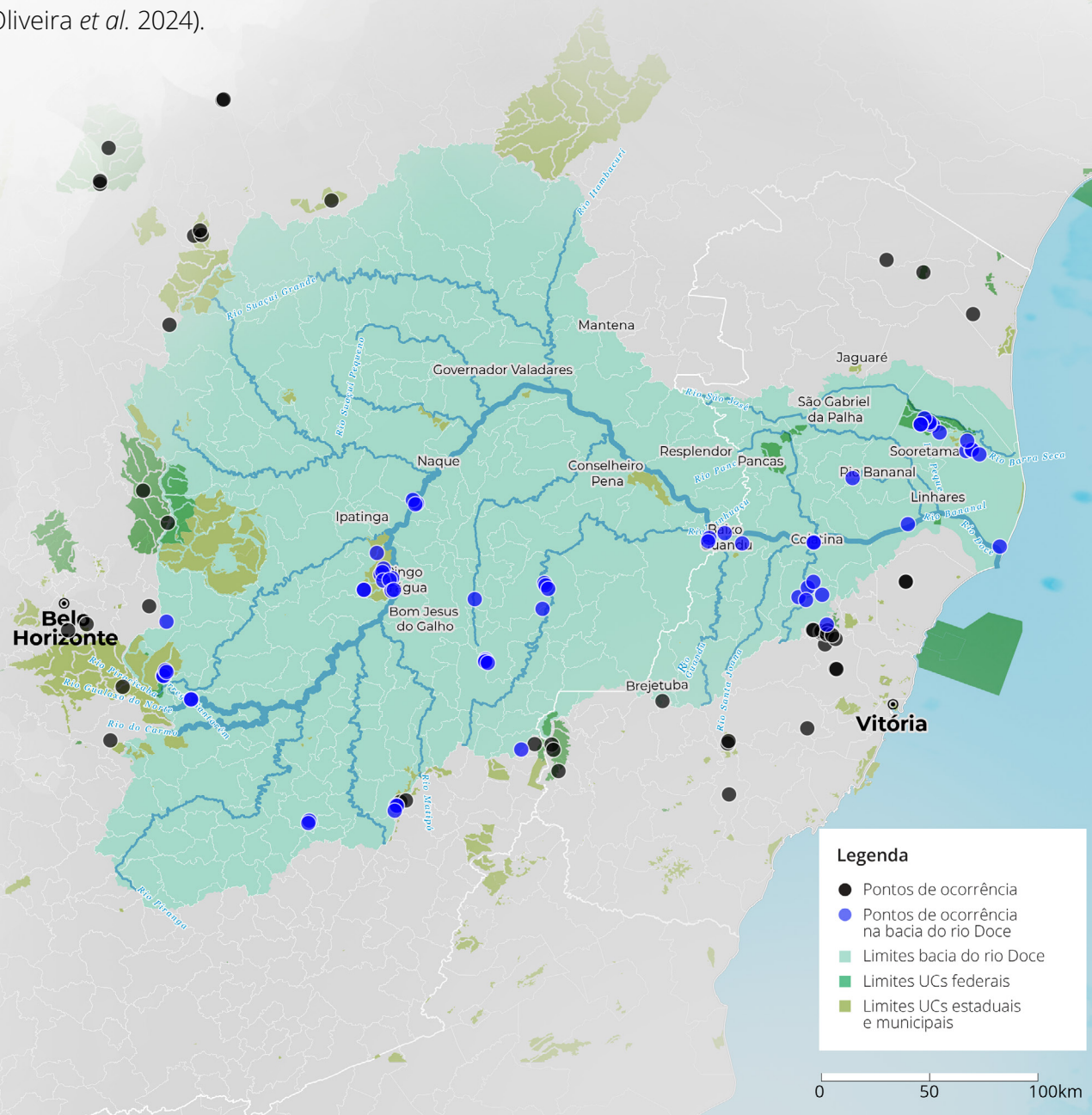
MAPA DE OCORRÊNCIA *Leopardus guttulus:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie não é endêmica do Brasil, ocorrendo também no Paraguai e norte da Argentina onde ocorre em vários estados, como Bahia, Mato Grosso do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo (Oliveira *et al.* 2016; Trigo *et al.* 2018; Cruz *et al.* 2019). No Brasil, está essencialmente restrita à Mata Atlântica, sendo sua distribuição limitada ao norte pelo Cerrado e a noroeste pelo Pantanal (Oliveira *et al.* 2024).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; PE Serra do Brigadeiro; RPPN Recanto das Antas; RPPN Mutum Preto; APA Sul-RMBH; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: FELIDAE

Leopardus wiedii (Schinz, 1821)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: gato-maracajá, gato-do-mato, maracajá-peludo

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Carnivora

Família: Felidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Leopardus wiedii é um pequeno felino (3,3 kg em média) fortemente associado a ambientes de floresta, apresentando adaptações morfológicas que conferem a ele grande habilidade arborícola (Tortato *et al.* 2018). É considerado o mais arborícola e o mais adaptado para viver em árvores entre todos os felinos (Oliveira *et al.* 2015b). A espécie tem como habitat principal ambientes de floresta densa, cerrados e áreas de transição vegetal ou enclaves de floresta na Caatinga, podendo utilizar áreas degradadas adjacentes a remanescentes florestais (Tortato *et al.* 2018). Alimenta-se predominantemente de

pequenos vertebrados (< 1kg), especialmente pequenos roedores e marsupiais (Oliveira *et al.* 2010; Tortato *et al.* 2013, 2018; Oliveira *et al.* 2015b). Essa espécie é considerada rara, com densidade populacional de 1-5 indivíduos/100 km², e área de vida de aproximadamente 20km² (Oliveira *et al.* 2010). Embora a espécie tenha uma ampla EOO, a sua distribuição é fragmentada. Com base em dados de perda de habitat adequado para a espécie, devido à conversão de habitats florestais para agricultura, estima-se que a população esteja em declínio contínuo, e com uma taxa de perda de 30% em três gerações (Oliveira *et al.* 2015b). O tempo de geração estimado para a espécie foi de aproximadamente 5 anos, com população global estimada de 11.326 indivíduos maduros no Brasil (Oliveira *et al.* 2023).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Leopardus wiedii*, popularmente conhecido como gato-maracajá, ocupa áreas de florestas, cerrados e, ocasionalmente, habitats degradados adjacentes a remanescentes de vegetação nativa. A área de vida estimada em cerca de 20 km², sendo considerada rara e pouco abundante. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 22.886 km², com Área de Ocupação (AOO) de 84 km² e cinco localizações condicionadas a ameaças. Apesar da ampla distribuição e um valor alto de EOO, a maioria dos registros se encontram dentro ou bem próximo às áreas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão, havendo poucas subpopulações confirmadas. O rompimento da barragem levou ao acúmulo de água e sedimentos, resultando em perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta devido à inundação e deposição de rejeitos. Além disso, cerca de 67% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *L. wiedii* foi classificada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Lagoas do Sul (Brasil 2018), Baixo e Médio Xingu (ICMBio 2012c) e Pequenos Felinos (Brasil 2022b). É considerada espécie beneficiada no PAT Cerrado Tocantins (NATURATINS 2020).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

O Plano de Ação Nacional para a conservação dos Pequenos Felinos inclui várias medidas de conservação que se aplicam à espécie *L. wiedii*. Uma delas é compreender o impacto da caça e abate por retaliação em diferentes populações em cada bioma. Outra medida é reduzir a remoção ilegal de indivíduos, incluindo a caça, o abate e a retirada de animais da natureza. O plano também destaca a importância de minimizar os impactos da coexistência entre pequenos felinos e animais domésticos e exóticos, além de ampliar o conhecimento sobre os impactos das doenças na saúde dessas populações. Outras medidas incluem a manutenção e ampliação da conectividade entre as populações, a redução dos processos de fragmentação e perda do habitat e a realização de estudos para avaliar como diferentes processos naturais e antrópicos influenciam a conservação das espécies em suas áreas de ocorrência, além da implementação de políticas públicas para reduzir a fragmentação e a perda de habitat em toda a área de distribuição das espécies contempladas.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Existem várias ameaças à espécie, incluindo a fragmentação, perda habitat e alteração da qualidade ambiental devido à conversão de áreas para agricultura, caça e perseguição humana motivadas por crenças e perda de animais de criação (aves em particular) e atropelamentos em rodovias (Tortato *et al.* 2013, 2018; Oliveira *et al.* 2015b). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao tamanho populacional, distribuição, tendências.

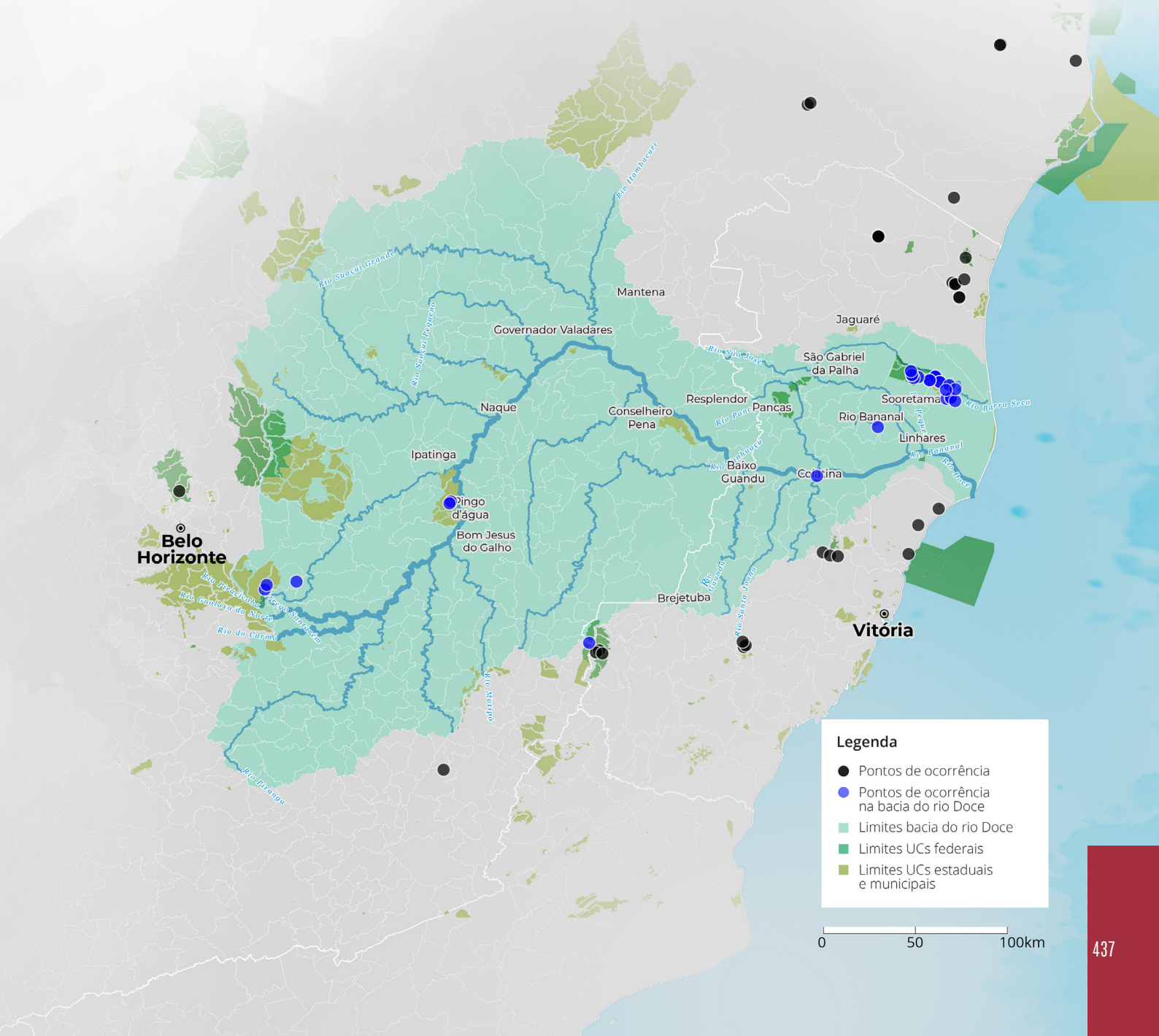
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie não endêmica do Brasil, com ampla distribuição, ocorrendo desde a zona costeira do México até o norte do Uruguai e da Argentina (Oliveira *et al.* 2015b; Tortato *et al.* 2018). No Brasil, está presente em quase todo o território nacional, da região Norte até a região Sul do país, nos estados do Acre, Roraima, Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Goiás, Distrito Federal, Tocantins, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais e Espírito Santo (Oliveira *et al.* 2023), estando provavelmente ausente nas áreas áridas da Caatinga (Oliveira *et al.* 2015b). Geralmente ocorre desde o nível do mar até 1.200 m.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Leopardus wiedii:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; RPPN Recanto das Antas; RPPN Mutum Preto; APA Sul-RMBH; PARNA do Caparaó.



FAMÍLIA: PHYLLOSTOMIDAE

Lonchorhina aurita
Tomes, 1863

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Maria Clara do Nascimento

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
Não disponível

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Chiroptera

Família: Phyllostomidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Lonchorhina aurita é um morcego insetívoro, que ocasionalmente consome frutos (Reis *et al.* 2007). A espécie é encontrada em uma variedade de ambientes florestais, desde matas perenes e semidecíduas até áreas abertas ou em processo de regeneração, em altitudes inferiores a 1.500 m (Solari *et al.* 2019). Apresenta restrita associação a ambientes cavernícolas, utilizados como abrigo, aparentemente sendo localmente abundante perto de cavernas e rara distante desses ambientes (Lassieur & Wilson 1989; Esbérard *et al.* 2005; Luz *et al.* 2011). Esses abrigos são frequentemente compartilhados

com outras espécies (Solari *et al.* 2019). Em relação à reprodução, estudos indicam que a gestação ocorre na estação seca e os nascimentos próximos à estação chuvosa, quando há maior disponibilidade de recursos (Solari *et al.* 2019). A espécie é considerada indicadora da qualidade dos ecossistemas, uma vez que sua presença é um indício da abundância de insetos alados que possuem fase larval aquática, dependentes de corpos d'água preservados (Esbérard *et al.* 1998). Embora existam poucos estudos populacionais específicos para *L. aurita*, há indícios de que a espécie é localmente rara em áreas afastadas de formações rochosas e relativamente abundante em áreas cársticas (Lassieur & Wilson 1989; Esbérard *et al.* 2005; Luz *et al.* 2011). Normalmente forma colônias compostas por 12 a 25 indivíduos, embora já tenham sido registrados grupos com mais de 500 indivíduos (Goodwin & Greenhall 1961; Lassieur & Wilson 1989; Reid 1997; Eisenberg & Redford 1999). Dados compilados de inventários realizados em cavidades naturais no Brasil permitem estimar que a população da espécie no país é inferior a 10.000 indivíduos adultos, sem que nenhuma subpopulação ultrapasse 1.000 indivíduos (Bernard *et al.* 2023c). Como a espécie depende estritamente de ambientes cavernícolas, a conservação desses ambientes é fundamental para o seu equilíbrio populacional. Embora haja ameaças conhecidas, não há dados concretos sobre a continuação do declínio das subpopulações de *L. aurita* (Bernard *et al.* 2023c).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Lonchorhina aurita* é um morcego insetívoro fortemente associado a ambientes cavernícolas. Embora haja pouco conhecimento sobre seus requisitos ecológicos, é considerada abundante e amplamente distribuída do México ao sudeste do Brasil. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 4.030 km², Área de Ocupação (AOO) de 24 km² e três localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, sendo que os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrente da erosão e da deposição de rejeitos e detritos e alterações na conectividade da paisagem. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 66% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagem, 16% em mosaico de usos e 1% em plantações de café. Diante deste cenário, infere-se declínio contínuo em extensão de ocorrência, área de ocupação, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas à ameaça. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023)

Nacional: NT (ICMBio 2023b)

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022)

PATs/PANs: Espécie beneficiada nos PATs Espinhaço Mineiro (IEF 2021) e Cerrado Tocantins (Instituto Natureza do Tocantins – NATURATINS 2020).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Lonchorhina aurita está fortemente associada a ambientes cavernícolas e, portanto, é extremamente dependente da conservação destes habitats. Além disso, empreendimentos existentes e planejados de extração mineral, controle de raiva com pasta vampiricida e a fragmentação de habitats de forrageamento causada pela supressão da vegetação representam fortes ameaças à espécie (Bernard *et al.* 2023c). A destruição e degradação de cavernas por atividades de mineração representam as principais ameaças (Bernard *et al.* 2023c).
O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, sendo as áreas a montante mais impactadas do que as áreas a jusante do rio (Golder Associates 2016). Os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos e alterações na conectividade da paisagem (Golder Associates 2016). Os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 66% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagem, 16% em mosaico de usos e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

As informações disponíveis atualmente sobre *Lonchorhina aurita* são fragmentadas e pouco precisas. Para preencher essa lacuna de conhecimento, é fundamental a realização de estudos direcionados a uma melhor compreensão da biologia, ecologia e dinâmica populacional da espécie, com ênfase no monitoramento das populações já registradas, utilizando métodos de bioacústica, uma vez que a espécie é pouco detectada por meio de redes de neblina (Solari 2015; Leal *et al.* 2018c). Além disso, é necessário investir em estudos que possam ajudar a entender a relação da espécie com os impactos antrópicos, a fim de propor medidas mitigadoras adequadas para a sua conservação. Dessa forma, é importante que sejam realizadas pesquisas que possam contribuir para a elaboração de estratégias efetivas de conservação da espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

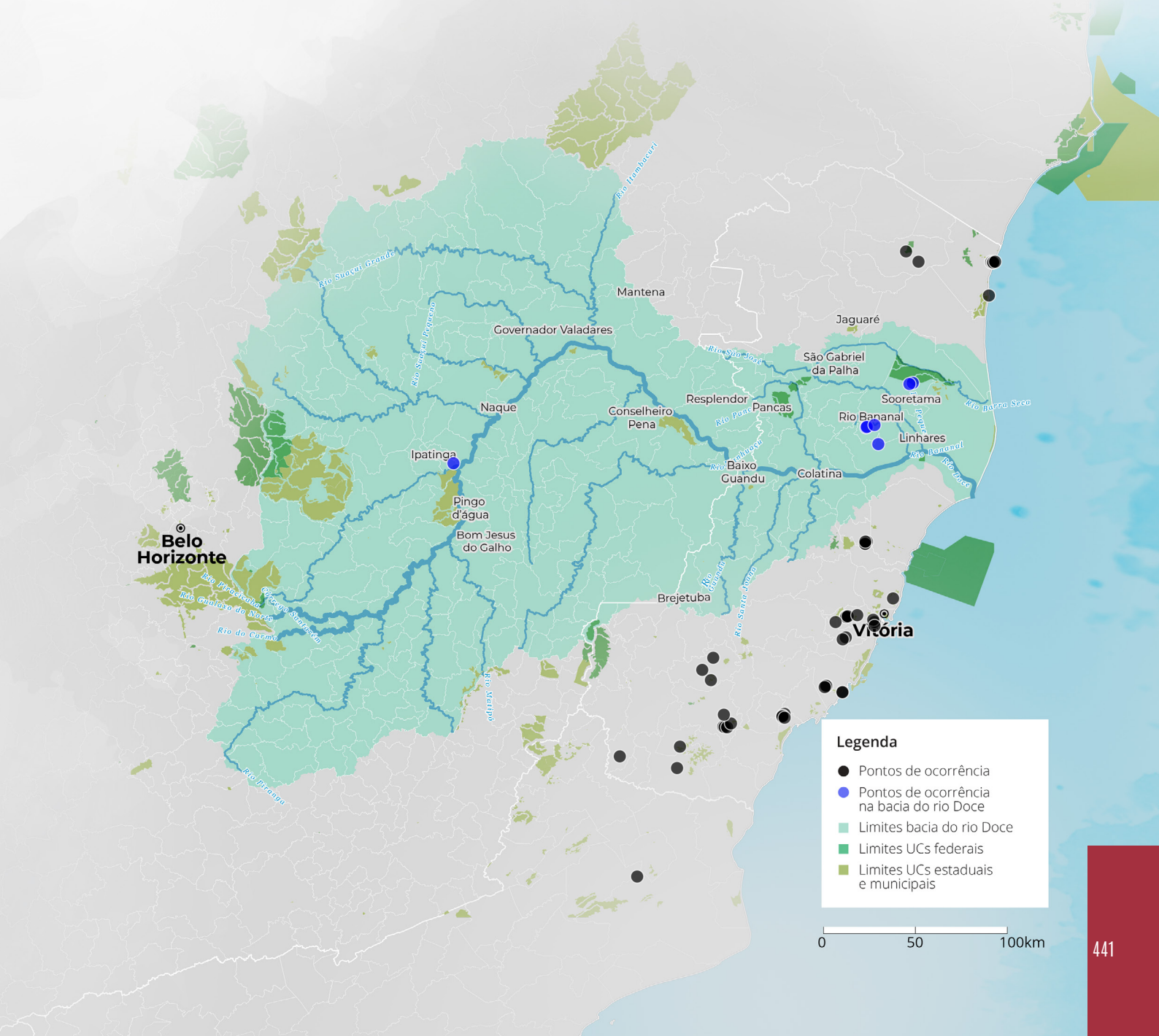
Lonchorhina aurita possui ampla distribuição geográfica com registros do México ao sudeste do Brasil, onde ocorre em todos os biomas, com exceção do Pampa (Leal *et al.* 2018c). Frequentemente associada a ambientes próximos a corpos d'água, *L. aurita* utiliza uma diversidade de habitats florestais na Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado e Pantanal

MAPA DE OCORRÊNCIA *Lonchorhina aurita:*

(Paglia *et al.* 2012), e eventualmente em áreas antropizadas (Bredt *et al.* 1999). Ocorre desde o nível do mar até altitudes acima de 1.500 m (Solari *et al.* 2019). No Brasil, a espécie é encontrada no Acre, Alagoas, Amapá, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Sergipe, São Paulo e Tocantins.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente na seguinte unidade de conservação: REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: MUSTELIDAE

Lontra longicaudis (Olfers, 1818)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: lontra, lontra neotropical, lobinho-de-rio, lontrinha

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Carnivora

Família: Mustelidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Lontra longicaudis é uma espécie semi-aquática carnívora, pesando entre 5 e 15 kg, de hábito solitário, embora sejam observados pares durante os períodos reprodutivos e pequenos grupos de fêmeas e seus filhotes (Leuchtenberger *et al.* 2023). Apresenta período de atividade flexível, sendo mais diurna no Pantanal e mais noturna na Mata Atlântica, possivelmente devido à atividade humana mais intensa nesta última região (Rheingantz *et al.* 2017). A espécie é amplamente distribuída na região neotropical, ocupando uma grande variedade de ecossistemas continentais e ambientes costeiros

associados a corpos d'água doce, incluindo rios, córregos, lagos, lagoas, estuários, manguezais, pântanos e costões rochosos (Rheingantz *et al.* 2021). A espécie pode ser encontrada em habitats que vão desde Restingas e Mangues até Florestas Tropicais de clima quente e frio, ocorrendo do nível do mar até 4.000 m de altitude (Rheingantz *et al.* 2021). Os locais ocupados por *L. longicaudis* incluem áreas com diferentes níveis de impacto antrópico, como lagos de represas, sistemas de drenagem e zonas próximas a assentamentos humanos e áreas urbanas (Rheingantz *et al.* 2017). Além disso, há registros dessa espécie no Brasil utilizando ambientes costeiros, ilhas e rios intermitentes em florestas tropicais sujeitas a secas sazonais na região Nordeste do país (Rosas-Ribeiro *et al.* 2017). A disponibilidade de recursos é um fator crucial que influencia a distribuição da espécie, sendo sua permanência condicionada à manutenção de populações de peixes. Além do aspecto alimentar, a lontra é dependente de tocas (em pedra ou escavadas nos barrancos) e locais de repouso localizados às margens dos corpos d'água, sendo a quantidade destes ambientes geralmente associada à qualidade das matas ciliares e dos ecossistemas aquáticos (Rheingantz *et al.* 2017). Apesar de sua alta dependência da água, a espécie passa parte do tempo em terra, principalmente em atividades como descanso, marcação territorial, reprodução e cuidado parental (Leuchtenberger *et al.* 2023). A reprodução da espécie ocorre principalmente durante a estação seca, mas pode ocorrer durante todo o ano em alguns lugares. O tamanho da ninhada varia de um a cinco filhotes, com dois ou três, em média (Rheingantz *et al.* 2021). O tempo de geração estimado para a espécie é de 9 anos (Leuchtenberger *et al.* 2023). *Lontra longicaudis* é considerada um predador oportunista com dieta composta principalmente por peixes e crustáceos, embora também consuma presas alternativas com menor frequência, como anfíbios, lagartos, pequenos mamíferos e aves (Costa-Braga *et al.* 2019; Rheingantz *et al.* 2021).

Há evidências que apontam para uma redução na população em todo o território brasileiro devido à deterioração dos habitats naturais, especialmente das margens de rios e lagoas, além da própria perda de qualidade da água (Leuchtenberger *et al.* 2023). Destaca-se que em regiões com baixa poluição e densidade demográfica humana a espécie tende a ser mais abundante (Larivière 1999; Leuchtenberger *et al.* 2023). O comportamento esquivo da espécie também dificulta sua observação na natureza, o que impede a obtenção de informações precisas sobre as populações (Rheingantz *et al.* 2017). Pesquisas de natureza genética revelam a presença de, no mínimo, quatro linhagens claramente distintas da referida espécie no território brasileiro. As populações amazônicas possuem uma notável disparidade genética com populações situadas em outros biomas do Brasil (Leuchtenberger *et al.* 2023).

Por muitos anos, a espécie sofreu pressão severa de caça para atender à demanda do mercado internacional de peles, resultando na exportação de centenas de milhares de peles por meio dos portos da América do Sul.

Apesar da proibição do comércio internacional de peles, a lontra continua sendo alvo de caça ilegal e muitos indivíduos são abatidos em conflitos com pescadores e piscicultores, devido à crença de que causam prejuízos aos estoques de peixes (Rheingantz *et al.* 2021).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv,v).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Lontra longicaudis*, popularmente conhecida como lontra, é um mamífero semi-aquático com capacidade para habitar diferentes ecossistemas aquáticos continentais e ambientes costeiros associados à água doce. É um predador oportunista que se alimenta principalmente de peixes e crustáceos, embora possa consumir outras presas, como insetos aquáticos, anfíbios, moluscos, pequenos vertebrados terrestres, em menor proporção, e até frutos. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 35.361 km², com Área de Ocupação (AOO) de 92 km² e de quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão no rio Doce, especialmente a montante do Reservatório de Candonga, gerou impactos diretos nas populações locais, resultando na alteração da qualidade e perda de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, modificação da conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Espécies piscívoras, em especial, enfrentaram redução na sobrevivência e sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (i.e., perda de recursos alimentares e abrigo) e qualidade da água, ressaltando que a lontra ocorre apenas em áreas associadas a corpos d'água. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade do habitat, bem como no número de subpopulações e indivíduos maduros. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: VU (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada nos PANs Ariranha (Brasil 2016), Baixo Iguaçu (ICMBio 2018a) e Mamíferos Aquáticos Amazônicos (ICMBio 2019d). É uma espécie beneficiada no PAT Chapada Diamantina-Serra da Jiboia (INEMA & SEMA 2021).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Atualmente, a degradação do habitat é a principal ameaça à espécie, causada pelo desmatamento das matas ciliares, poluição de corpos d'água e outras atividades humanas que levam à fragmentação e isolamento populacional. A espécie enfrenta uma série

de outras ameaças, incluindo a caça ilegal, e a perseguição por conflito com atividades de pesca e psicultura, emaranhamento acidental em redes de pesca e acúmulo de toxinas de diversas origens, bem como atropelamentos e eventos climáticos extremos, como chuvas intensas e prolongadas secas. Ademais, a propagação de doenças zoonóticas transmitidas por bovinos, cães e gatos domésticos representam preocupações crescentes para a sua sobrevivência (Leuchtenberger *et al.* 2023). O incidente do rompimento da barragem de Fundão teve um impacto significativo na fauna local, especialmente em espécies piscívoras, como a *L. longicaudis*. Os efeitos incluíram a perda de habitat tanto terrestre quanto aquático, mortalidade direta de espécies aquáticas (base de presas) e redução na eficácia da busca de alimentos e na disponibilidade de abrigos, com potenciais repercussões sérias para as populações desses animais (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

É de extrema importância efetuar o mapeamento preciso da distribuição atual da espécie em todo o território brasileiro, especialmente ao longo do rio Doce, e compreender o grau de isolamento das populações ao longo dos cursos d'água dentro da extensão de sua área de ocorrência. Além disso, é necessário conduzir pesquisas que abordem a diversidade genética, a dinâmica populacional em nível local e a estimativa das densidades e tamanhos das populações em várias regiões onde a espécie ocorre no Brasil (Leuchtenberger *et al.* 2023).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

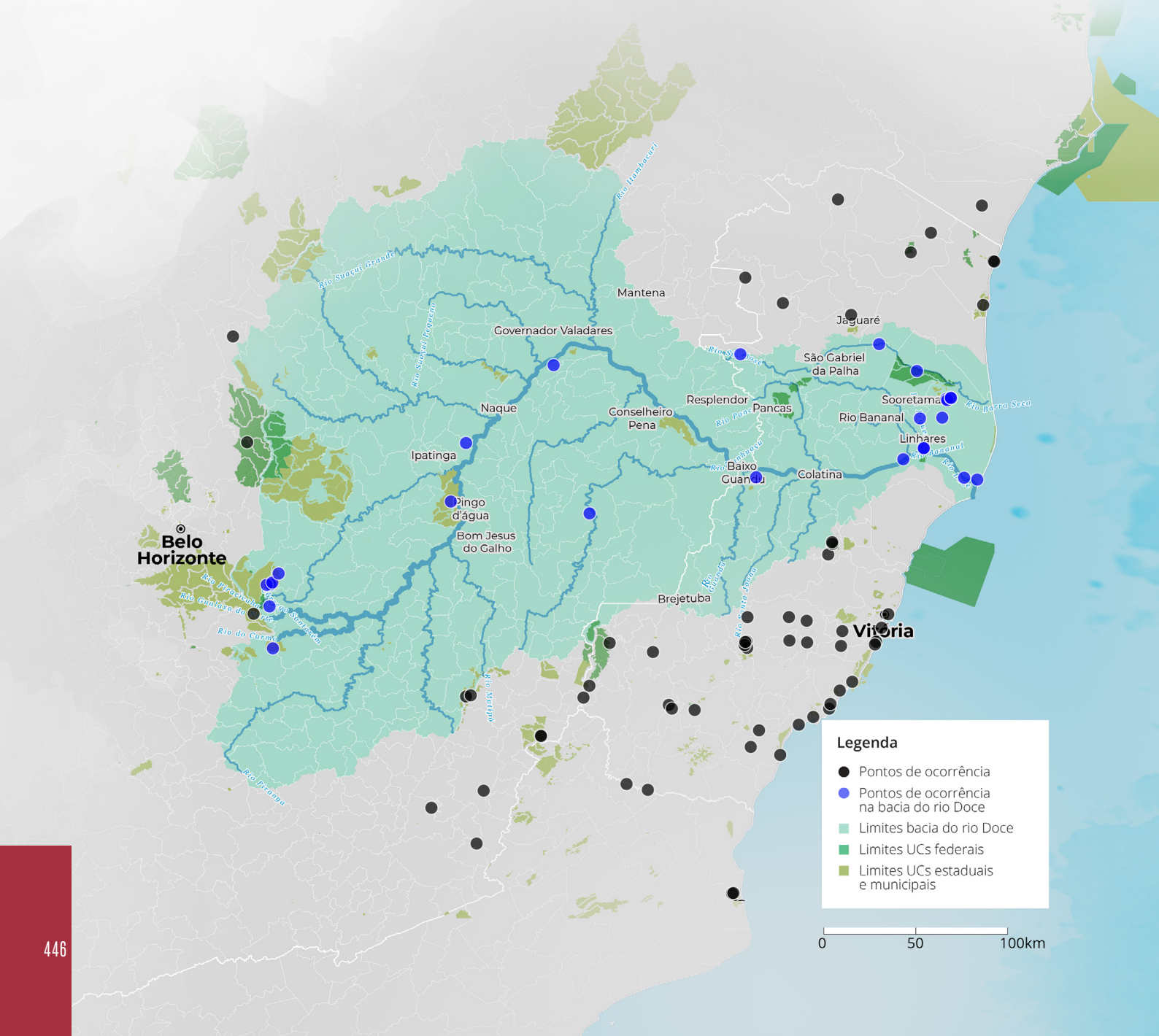
Lontra longicaudis possui a distribuição mais ampla entre as lontras neotropicais, abrangendo desde o noroeste do México até o Uruguai e norte da Argentina (Rheingantz *et al.* 2018). No Brasil, *L. longicaudis* está presente em praticamente todo território nacional, com exceção de partes áridas dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Piauí. No entanto, há escassez de dados sobre a presença da espécie na Amazônia brasileira, no Pantanal e no Paraguai (Rheingantz *et al.* 2021). Especialmente para o Espírito Santo, estudo sobre distribuição potencial da lontra (baseado em dados de presença coletados entre maio e dezembro de 2014) indicou que a maior parte da bacia do rio Doce possui atualmente média adequabilidade de habitat para lontra, incluindo locais com adequabilidade baixa ou muito baixa, ressaltando a importância dos locais com adequabilidade mais alta para manutenção da espécie (Braga 2016).

A espécie possui ocorrência nos seguintes estados do Brasil: PR, PA, PB, SC, SE, BA, AL, MS, MG, RO, RR, MT, PI, AC, ES, RS, PE, RJ, MA, AP, TO, SP, DF, AM, RN e GO.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Lontra longicaudis:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; PE do Itacolomi; RPPN Mutum Preto; APA Sul-RMBH.



FAMÍLIA: PHYLLOSTOMIDAE

Micronycteris hirsuta (Peters, 1869)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Maria Clara do Nascimento

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: morcego, morcego orelhudo peludo

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Chiroptera

Família: Phyllostomidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Micronycteris hirsuta apresenta preferência por florestas primárias; no entanto, é encontrada em paisagens fragmentadas, pomares e áreas antropizadas, preferindo locais próximos a córregos e áreas úmidas (Reis *et al.* 2007). A espécie possui dois períodos reprodutivos ao ano, com o nascimento da prole associada ao período mais chuvoso (Reis *et al.* 2007; Sampaio *et al.* 2016). Sua dieta é primariamente insetívora, com predileção por gafanhotos, baratas, besouros e larvas de lepidópteros; dependendo da disponibilidade, em períodos de seca, pode incluir frutas e pequenos vertebrados em sua

dieta (Sampaio *et al.* 2016). Utiliza ocos de árvores, prédios e pontes como abrigos, onde forma colônias de até cinco indivíduos (Reis *et al.* 2007).

A espécie é aparentemente rara, com distribuição dispersa (Sampaio *et al.* 2016). Estimativas com base em dados de inventário indicam populações estáveis da espécie, embora a presença em paisagens fragmentadas e possíveis declínios nesses ambientes permaneçam desconhecidos (Bernard *et al.* 2018b). No Brasil, a espécie possui populações com distribuição disjunta na Amazônia e Mata Atlântica, sendo as populações amazônicas amplamente distribuídas no norte da América do Sul, sugerindo independência de aporte estrangeiro, enquanto as populações do sudeste brasileiro estão geograficamente restritas e necessitam de maior atenção (Bernard *et al.* 2018b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Micronycteris hirsuta* é um morcego associado a florestas primárias, ocorrendo em diversos países desde a América Central até o Brasil, onde ocorre no estado do Amazonas e na Mata Atlântica, do Espírito Santo ao Rio de Janeiro. Nos limites da bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 204 km², com Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e três localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou de maneira diferenciada os locais de ocorrência da espécie, resultando em perda e alterações na qualidade de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos. Esse evento pode ter causado ainda uma redução nas taxas de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo decorrentes das alterações nas cadeias alimentares. Ademais, cerca de 42% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 11% em mosaico de usos, 11% em área urbanizada e 11% em plantações de café. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Assim como outras espécies dependentes de florestas, esta também pode ser afetada pelo desmatamento, embora isso não seja considerado uma ameaça principal (Sampaio *et al.* 2016). No contexto do rompimento da

barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e redução nas taxas de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares a partir dos ambientes aquáticos (Golder Associates 2016). Ademais, cerca de 42% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 11% em mosaico de usos, 11% em área urbanizada e 11% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre tamanho, distribuição e tendências populacionais, bem como sobre ameaças, história de vida e ecologia da espécie.

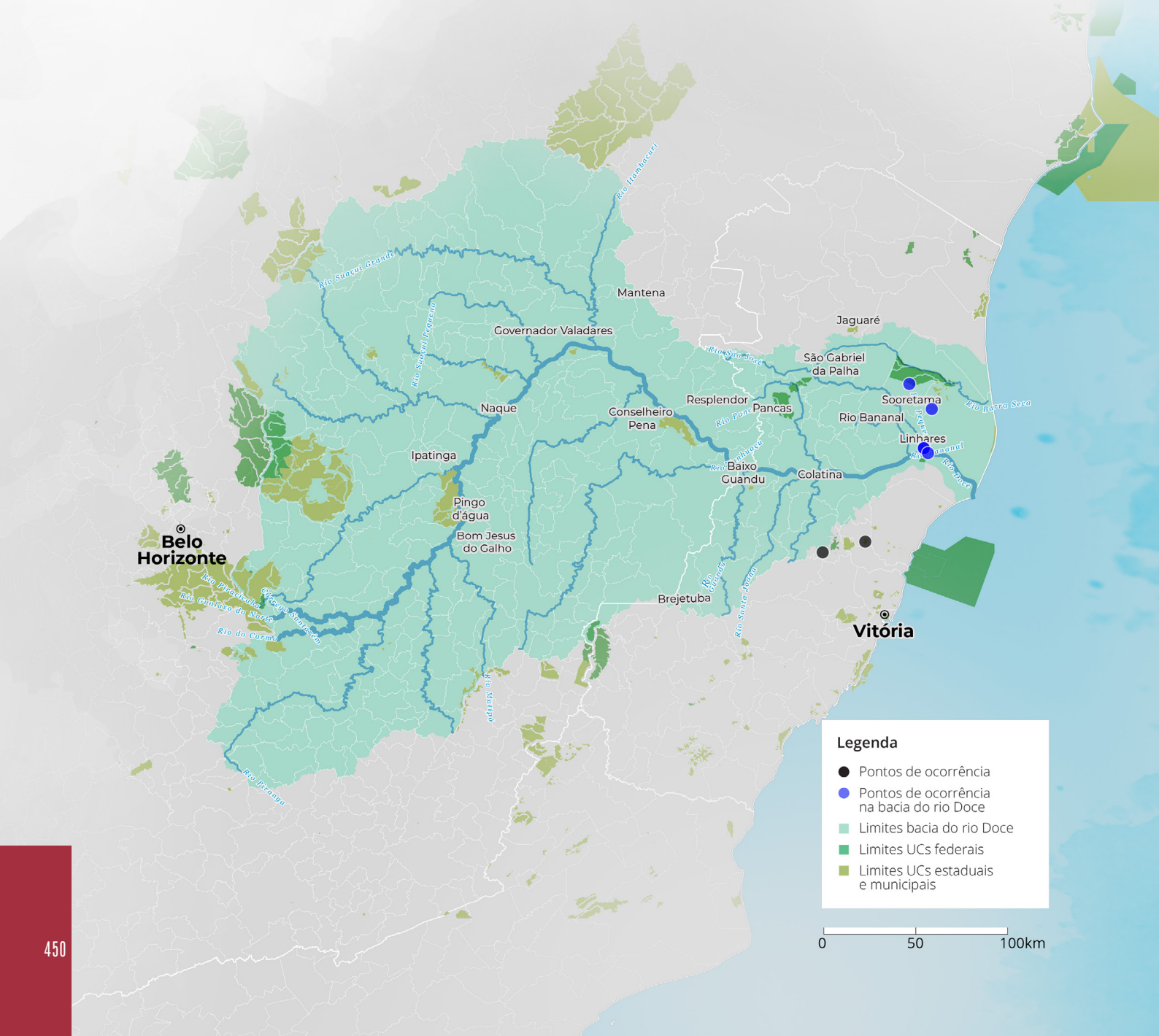
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Micronycteris hirsuta ocorre em vários países da América Latina, incluindo o Brasil, onde há registros no Oeste e Norte, nos estados do Acre, Amazonas, Pará, Piauí, Rondônia, Roraima e uma população aparentemente disjunta no Sudeste, nos estados da Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro (Bernard *et al.* 2018b).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Micronycteris hirsuta:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: REBIO de Sooretama; RPPN Estação Biológica da Mata do Sossego (Bernard *et al.* 2018b).



FAMÍLIA: DIDELPHIDAE

Monodelphis scalops (Thomas, 1888)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: cuíca-de-três-listras, catita-de-listras

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Didelphimorphia

Família: Didelphidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Monodelphis scalops ocorre em florestas costeiras úmidas do baixo Atlântico e em florestas secundárias, até elevações de 1.400 m (Brito & Pavan 2016). Classificada como terrestre e com dieta insetívora-onívora (Paglia *et al.* 2012). A espécie é considerada incomum, porém pesquisas sugerem que sua raridade possa estar relacionada a uma amostragem inadequada (Brito & Pavan 2016).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Monodelphis scalops* é um marsupial, popularmente conhecida como cuíca-de-três-listras, que ocorre em florestas costeiras úmidas e em florestas secundárias da Mata Atlântica, desde o Espírito Santo até Santa Catarina. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 17.589 km², com Área de Ocupação (AOO) de 24 km² e seis localidades condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão resultou na perda e alteração do habitat da espécie devido à deposição de rejeitos e detritos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 68% da EOO da espécie convertidas em áreas de pastagem, 11% em mosaico de usos e 3% em plantações de café. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade do habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: LC (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Monodelphis scalops pode ter sido afetada pelo rompimento da barragem de Fundão devido a alterações no seu habitat resultantes da erosão e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016). Além disso, atualmente 68% da EOO da espécie foi convertida em outros usos.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre distribuição, tamanho e tendência populacionais, ameaças, história de vida e ecologia da espécie.

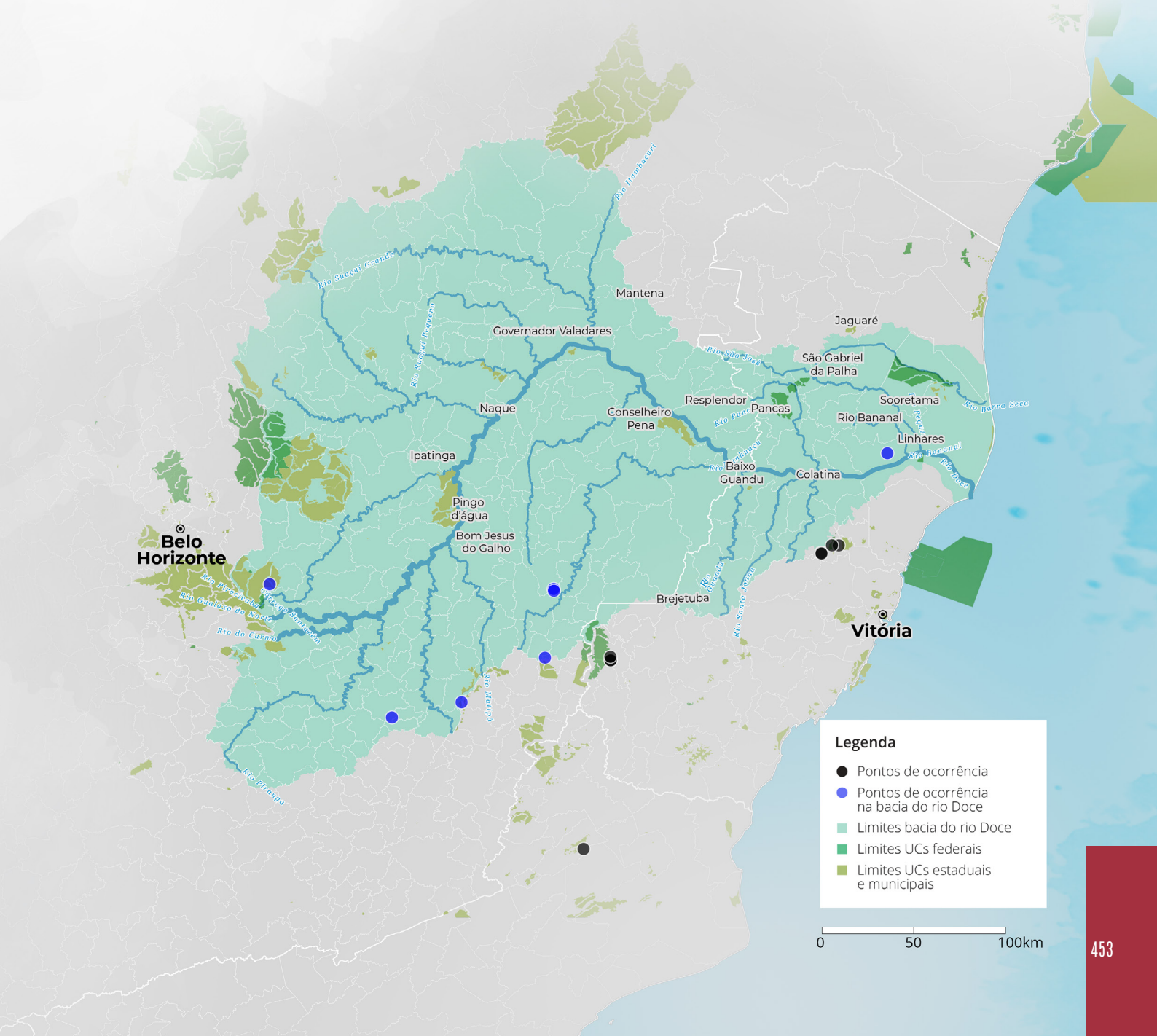
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Monodelphis scalops é uma espécie não endêmica do Brasil, encontrada também na Argentina. Os registros da espécie no Paraguai são incertos. No Brasil, ocorre nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo (Geise *et al.* 2019).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Monodelphis scalops:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: RPPN Mata dos Jacus - Resgate Vi; PE Serra do Brigadeiro; APA Sul-RMBH.



FAMÍLIA: VESPERTILIONIDAE

Myotis ruber (E.Geoffroy, 1806)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira B. Bicalho, Karlo Guidoni e Maria Clara do Nascimento

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: morcego-borboleta-avermelhado

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Chiroptera

Família: Vespertilionidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Myotis ruber habita uma variedade de formações florestais, sendo também registrado em áreas campestres, paisagens agrícolas e fragmentos florestais urbanos, em altitudes de 500 a 1.500 m (Moratelli *et al.* 2019). Trata-se de uma espécie insetívora aérea que forrageia no interior de florestas, clareiras na vegetação, áreas abertas e sobre cursos d'água, onde captura suas presas, principalmente coleópteros e dípteros (Reis *et al.* 2007). Usa como abrigo árvores ocas, fendas em rochas, cavernas e edificações humanas, podendo compartilhar esses locais com outras espécies de morcegos (Reis *et al.* 2007).

A biologia e ecologia da espécie são pouco conhecidas, sendo os registros de ocorrência a principal fonte de informação (Weber *et al.* 2010). Os registros sugerem fortemente que essa espécie ocorre em habitats florestais úmidos, sendo rara em manchas isoladas fora da Mata Atlântica meridional. Os registros fora da Mata Atlântica, principalmente no Pampa e Chaco, estão associados a Matas Ciliares, estando próximos ou em áreas de transição ligadas à Mata Atlântica (Weber *et al.* 2010). Registros no Nordeste têm sido associados a enclaves de Floresta Semidecídua na Caatinga, como os Brejos de Altitude de Pernambuco (Sousa *et al.* 2004; Sbragia & Pessôa 2008; Weber *et al.* 2010).

A espécie é considerada rara em toda a sua extensão, sendo frequentemente registrada em baixas densidades. Geralmente, são encontrados apenas um ou poucos indivíduos nos abrigos, indicando que não formam grandes grupos gregários (Bernard *et al.* 2023d). O tempo de geração é de 5,8 anos (Solari 2019).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Myotis ruber*, popularmente conhecido como morcego-borboleta-avermelhado, é um morcego não migratório que habita áreas com alta cobertura vegetal. É encontrado em amplas regiões do sudeste do Paraguai, Argentina, Uruguai e leste do Brasil, principalmente na Mata Atlântica das regiões Sudeste e Sul. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 1.277 km², com Área de Ocupação (AOO) de 20 km² e duas a três localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou a espécie, comprometendo tanto sua sobrevivência quanto a conectividade da paisagem. Adicionalmente, os registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se circundados por áreas de pastagem. Atualmente, cerca de 54% de sua EOO foram convertidas em pastagens. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e número de subpopulações. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

A espécie foi registrada em várias unidades de conservação no Brasil e na região da bacia do rio Doce.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A espécie é considerada ameaçada no Brasil devido principalmente ao desmatamento e perda de habitat (Solari 2019). O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou a espécie, comprometendo sua sobrevivência e a conectividade da paisagem (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas sobre história de vida, ecologia, distribuição, tamanho e tendência populacionais, e monitoramento visando a conservação da espécie.

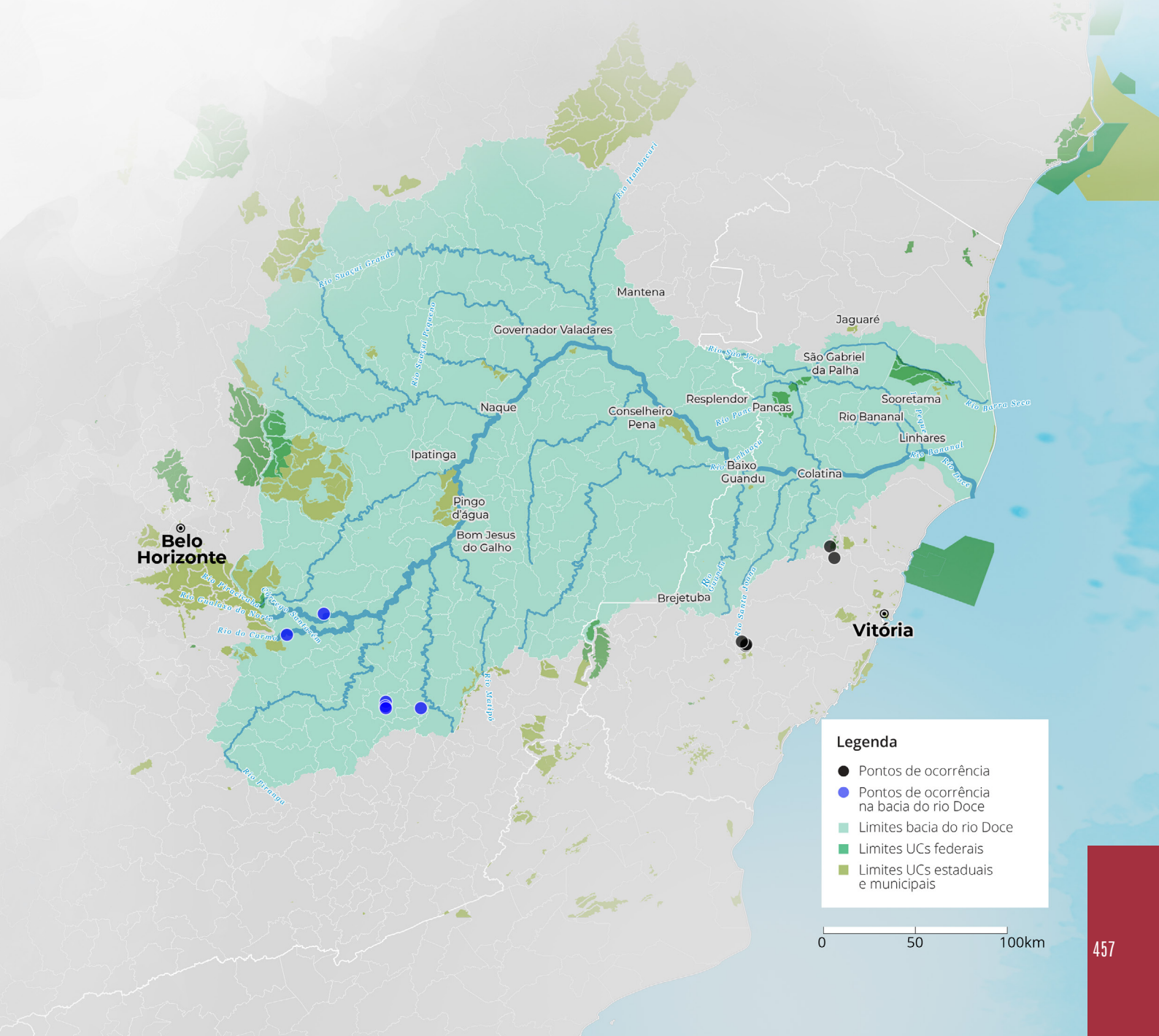
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Myotis ruber é encontrada no sudeste do Paraguai, Argentina, Uruguai e leste do Brasil (Solari 2019), nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais, Alagoas, São Paulo, Santa Catarina e Pernambuco. Embora apresente uma ampla distribuição, grande parte dos registros concentra-se na Mata Atlântica e em Matas Ciliares no sul da América do Sul, sobretudo em áreas acima de 400 m de altitude (Weber *et al.* 2010; Solari 2019; Bernard *et al.* 2023d). No Brasil, está associada a áreas de Floresta Ombrófila e Semidecídua da Mata Atlântica, podendo ocorrer também em enclaves florestais no Cerrado e Caatinga, especialmente em maior altitude, bem como em Matas Ciliares e plantações (Weber *et al.* 2010).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Myotis ruber:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



FAMÍLIA: CRICETIDAE

Oxymycterus dasytrichus (Schinz, 1821)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
rato-do-brejo, rato-bubo, rato-narigudo, rato-porco, trioréu

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Rodentia

Família: Cricetidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Oxymycterus dasytrichus é encontrada em regiões de baixa e média altitude, geralmente de até 1.800 m. Possui ocorrência tanto em florestas sazonalmente inundadas como em áreas úmidas abertas próximas ou dentro de florestas, em campos agrícolas, incluindo plantações de cana-de-açúcar, café, milho e bananas, além de estar presente em áreas com gramíneas pioneiras altas que caracterizam as formações secundárias da Mata Atlântica no leste do Brasil (Oliveira *et al.* 2015a). De acordo com Vieira *et al.* (2009), a espécie é mais abundante em fragmentos florestais cercados por pequenas propriedades

rurais do que em áreas próximas a ambientes urbanos. A distribuição da espécie abrange diversas localidades no leste do Brasil, coexistindo em simpatria com outras espécies do mesmo gênero. Notavelmente, nas encostas orientais da Serra de Itatiaia, a espécie é mais prevalente em Florestas Submontanas, tornando-se menos comum em altitudes mais elevadas, onde a espécie *O. delator* predomina. *Oxymycterus dasytrichus* foi identificada em coletas realizadas em campos de cana-de-açúcar, milho e café, sendo alvo de parasitismo por ácaros e besouros (Oliveira *et al.* 2015a). A espécie se alimenta principalmente de pequenos insetos, tais como cupins (Pardiñas *et al.* 2017). Presume-se existir grande tamanho populacional, tornando improvável que suas populações estejam experimentando uma redução suficiente para tornar a espécie ameaçada (Bonvicino 2016). O tempo de geração estimado é entre 1 e 2 anos (Bonvicino 2016). Não foram encontradas informações de uso/comércio para esta espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv)

Categoria: **VU**

Justificativa: *Oxymycterus dasytrichus*, popularmente conhecido como rato-do-brejo, é um roedor endêmico do Brasil associado a florestas sazonalmente inundadas, áreas úmidas abertas, campos agrícolas ou em formações secundárias. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 41.518 km² com Área de Ocupação (AOO) de 40 km² e dez localizações condicionadas a ameaças, sendo uma em área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão. Este evento resultou em alterações da qualidade e perda do habitat da espécie em função da erosão e deposição de rejeitos. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se circundados por áreas de pastagens e agricultura. Atualmente, cerca de 64% da EOO espécie foram convertidas em pastagens e 7% em áreas de agricultura. Consequentemente, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Dessa forma, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023)

Nacional: LC (ICMBio 2023b)

Minas Gerais: LC (COPAM 2010)

PATs/PANs: Não disponível.

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças à espécie são o desmatamento (Rossi 2011) e o alto nível de perturbação em sua área de vida. Na bacia do rio Doce, cerca de 64% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens e 7% em áreas de agricultura. Além da crescente perda de vegetação, a espécie ocorre na área impactada pelo rompimento da barragem de Fundão, como o Parque Estadual do Rio Doce, em Minas Gerais. Por fazer parte do grupo dos pequenos mamíferos associados à Mata Atlântica, os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados a mudanças na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Estudos sobre requisitos ecológicos, tendência populacional e ameaças sobre a espécie.

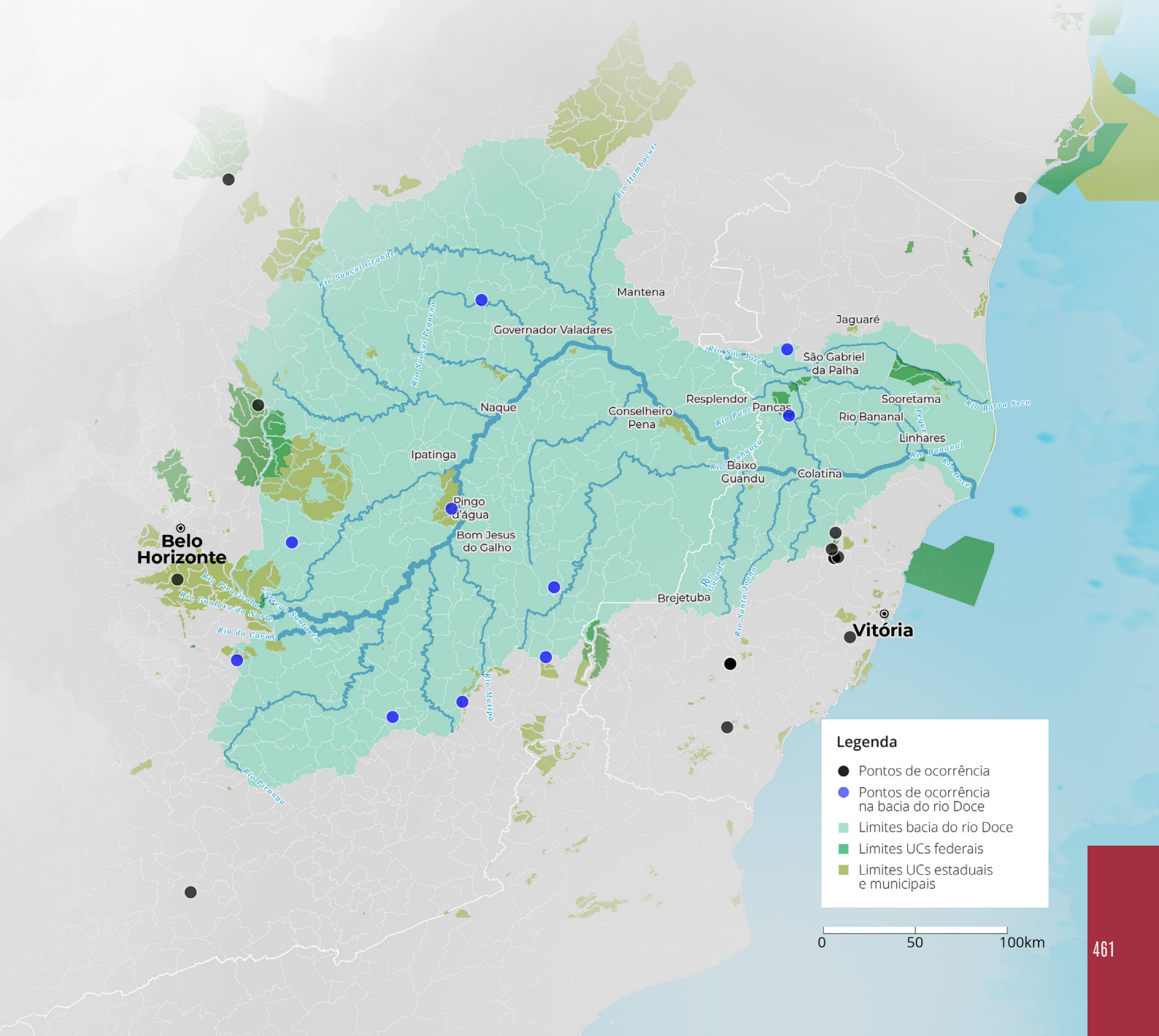
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Oxymycterus dasytrichus é endêmica do Brasil, ocorrendo tanto em florestas costeiras quanto em fragmentos isolados de florestas interiores no estados de Alagoas, Pernambuco, Goiás, Espírito Santo, Santa Catarina, São Paulo, Paraná, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro (Oliveira *et al.* 2015a).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Oxymycterus dasytrichus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; RPPN Mata dos Jacus – Resgate Vi; PE Serra do Brigadeiro; MONA dos Pontões Capixabas; PE Serra do Ouro Branco.



FAMÍLIA: FELIDAE

Panthera onca (Linnaeus, 1758)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: onça-pintada, onça-preta, canguçu, jaguaretê, yaguaretê

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Carnivora

Família: Felidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Panthera onca é o maior felino das Américas, pesando entre 60 kg e 158 kg (Cheida *et al.* 2006; Paglia *et al.* 2012). A espécie ocorre em diferentes tipos de habitat, incluindo florestas tropicais a regiões semidesérticas, mas tem preferência por áreas com densa cobertura florestal preservada, próximas a corpos d'água e com suficiente base de presas (Quigley *et al.* 2017; Morato *et al.* 2018). Tende a evitar ambientes alterados, embora possa utilizar áreas rurais próximas a áreas naturais onde é comum haver predação de animais domésticos (Morato *et al.* 2018). É considerada catemeral, podendo estar ativa

tanto durante o dia quanto à noite, embora concentre suas atividades em período noturno em algumas localidades (Morato *et al.* 2023). Até recentemente, era considerada solitária e territorialista, porém, alguns estudos sugerem um certo grau de sociabilidade, com compartilhamento de território e presas, podendo haver coalizão/cooperação entre machos (Morato *et al.* 2023). A gestação da espécie dura cerca de 3 meses, nascendo de 1 a 4 filhotes, embora dois filhotes seja o mais comum. Mais de 85 espécies de presas já foram registradas em sua dieta, variando de pequenos a grandes vertebrados, com preferência por mamíferos de médio e grande porte, embora grandes répteis possam ser especialmente importantes em algumas regiões (Sanderson *et al.* 2002; Quigley *et al.* 2017).

A espécie encontra-se em declínio populacional contínuo. Estima-se que houve redução de mais 30% na distribuição da espécie, entre 2000 e 2020, devido à perda de extensão e qualidade do habitat (Morato *et al.* 2023). A densidade populacional da espécie varia de acordo com o bioma e com o método de estudo, havendo registros de 0,74 a 11,7 indivíduos/100 km² (Quigley *et al.* 2017). Na Mata Atlântica, a densidade populacional varia entre 2,2 indivíduos/100 km² (Quigley *et al.* 2017) e 3,2 indivíduos/100 km² (Srbek-Araujo & Chiarello 2017). A área de vida também varia entre biomas, sendo de 128 km² em média, embora possa chegar a mais de 200 km² (Gonzalez-Borrajo *et al.* 2016). Estima-se que existam menos de 300 indivíduos em toda Mata Atlântica e apenas três das sete subpopulações remanescentes no bioma devem ter mais de 50 indivíduos – Corredor Verde, Alto Paraná-Paranapanema e Serra do Mar (Paviolo *et al.* 2016). O tempo de geração da espécie é de 7 anos (Morato *et al.* 2023).

No passado, a onça-pintada era perseguida para obtenção da pele (Quigley *et al.* 2017). Recentemente, a espécie voltou a ser alvo de comércio ilegal de partes (especialmente dentes caninos, garras e crânios). Suspeita-se que as partes sejam destinadas ao mercado asiático para uso, por exemplo, em medicina tradicional (Quigley *et al.* 2017). A caça de espécimes para venda de partes já foi confirmada na Amazônia brasileira e em países vizinhos. A caça por retaliação também é comum em algumas regiões do Brasil em resposta à predação de animais domésticos (especialmente gado) (Quigley *et al.* 2017; Morato *et al.* 2018). O consumo de carne, após caça de espécime por retaliação, também já foi documentado na Amazônia brasileira (Srbek-Araujo 2015).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Panthera onca*, popularmente conhecida como onça-pintada, é um felino com ampla distribuição no Brasil, sendo encontrada em habitats que variam de florestas densas e cerrados a regiões xéricas e semidesérticas, embora seja dependente de ambientes bem preservados e capazes de manter populações de suas presas principais. A situação da espécie na Mata Atlântica é considerada

crítica, estima-se que existam menos de 300 indivíduos em todo o bioma. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 7.570 km², com Área de Ocupação (AOO) de 132 km² e duas localizações condicionadas a ameaças. Uma das subpopulações remanescentes na bacia do rio Doce da espécie está localizada na região onde o rompimento da barragem de Fundão resultou no acúmulo de água, sedimentos e rejeitos. Os possíveis impactos para a espécie incluem perda e alterações na qualidade de habitat devido à erosão e a deposição de rejeitos e detritos e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Ademais, cerca de 65% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens e 13% em mosaicos de usos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: NT (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada nos PANs Grandes Felinos (ICMBio 2018c), Baixo e Médio Xingu (ICMBio 2012c) e Onça-pintada (Paula *et al.* 2013). É considerada espécie beneficiada nos PATs Capixaba-Gerais (IEF 2023), Cerrado Tocantins (NATURATINS 2020) e Chapada Diamantina-Serra da Jiboia (INEMA & SEMA 2021).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie incluem a perda e degradação do habitat devido à conversão de áreas nativas para agropecuária, além da caça e perseguição humana (Paviolo *et al.* 2016; Quigley *et al.* 2017). A perseguição humana está relacionada principalmente com a caça por retaliação, decorrente de conflitos por predação de animais domésticos (especialmente gado), caça troféu (caça-esportiva), e caça voltada para o tráfico e comércio internacional de partes, como por exemplo, dentes, pele e crânio, bem como de espécimes vivos (Quigley *et al.* 2017; Morato *et al.* 2023). A redução da disponibilidade de presas nativas tende a diminuir a densidade das populações de onça-pintada e estimular a predação de animais domésticos, aumentando o risco de conflitos com proprietários rurais (Morato *et al.* 2023). O isolamento das populações, associado ao pequeno tamanho populacional acarreta perda de variabilidade genética, comprometendo a permanência das populações (Morato *et al.* 2023). O atropelamento de espécimes em rodovias e o risco de contração de doenças devido ao contato com animais domésticos (especialmente cães e gatos) também são apontadas como ameaças para

a espécie (Morato *et al.* 2023). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos e redução na taxa de sobrevivência e/ou sucesso reprodutivo devido a alterações nas cadeias alimentares (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Monitoramento do tamanho e tendência das subpopulações presentes na bacia do rio Doce, bem como da tendência de modificação de habitat (incluindo a disponibilidade de presas), além de identificação de ameaças específicas e proposição de ações e medidas visando a manutenção da espécie na região em longo prazo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Panthera onca não é endêmica do Brasil, estando originalmente distribuída do sul dos Estados Unidos até o centro-sul da Argentina e Uruguai (Morato *et al.* 2018, 2023). A espécie está atualmente presente em menos da metade da sua distribuição original (Sanderson *et al.* 2002), sendo considerada extinta nos Estados Unidos, El Salvador e Uruguai (Quigley *et al.* 2017). Possuía ampla distribuição geográfica no Brasil, ocorrendo originalmente em todos os estados e biomas brasileiros (Morato *et al.* 2018). Há registros da espécie em altitudes de 3.800 m, embora evite áreas com altitudes elevadas (Morato *et al.* 2018). Na Mata Atlântica, a espécie está restrita a apenas sete localidades com populações estabelecidas (registros de machos e fêmeas) (Paviolo *et al.* 2016).

A espécie possui ocorrência nos seguintes estados do Brasil: ES, CE, PE, AP, AC, RJ, SC, DF, MT, PI, SP, TO, GO, PR, MS, MA, RO, PA, BA, RR, AM e MG. Sendo considerada possivelmente extinta nos seguintes estados: AL, RN, SE, SC e

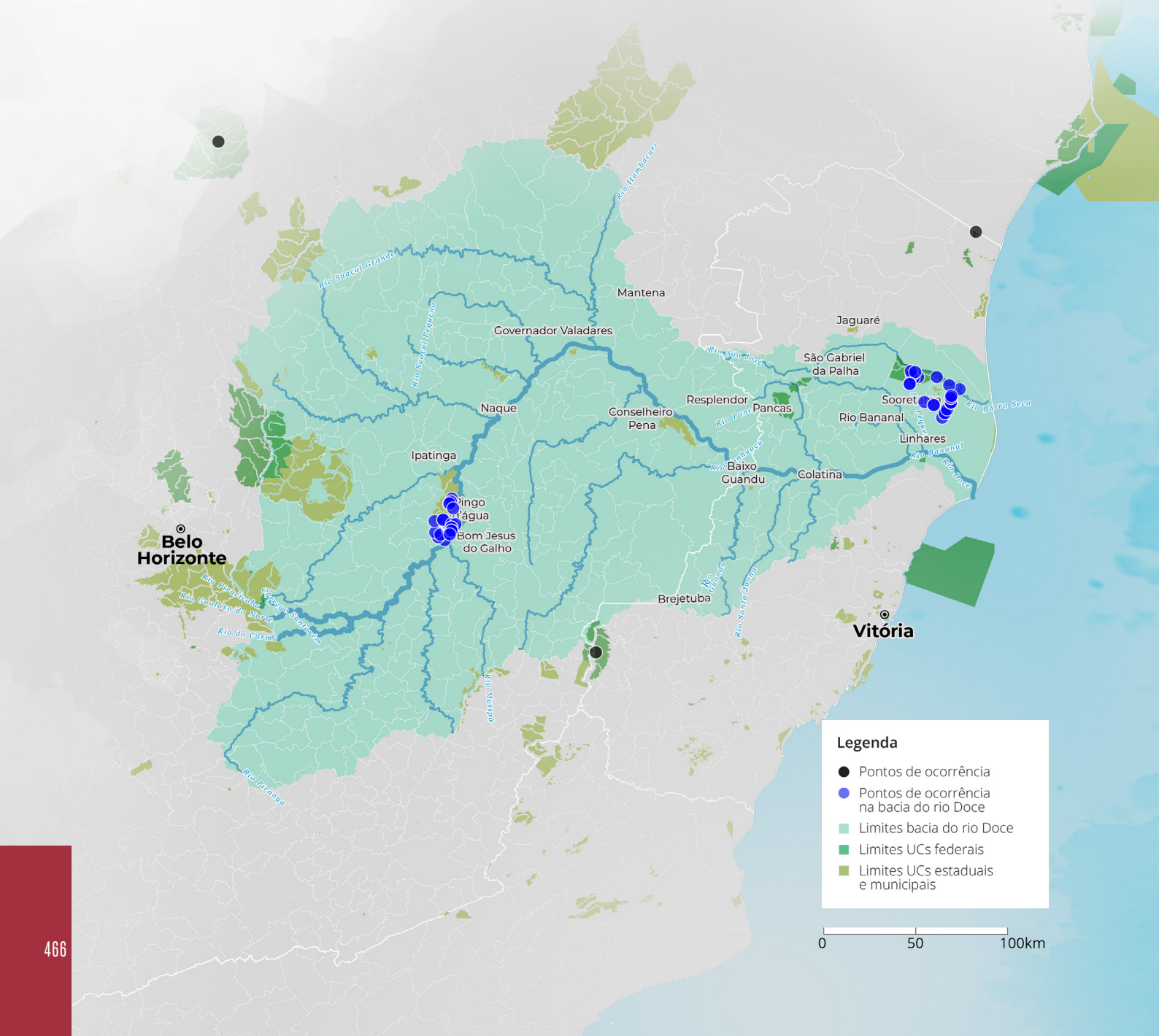
MAPA DE OCORRÊNCIA *Panthera onca:*

RS.

REBIO de Sooretama.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce;



FAMÍLIA: CHLAMYPHORIDAE

Priodontes maximus (Kerr, 1792)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: tatu-canastra, tatu-açu

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Cingulata

Família: Chlamyphoridae

INFORMAÇÕES GERAIS

Priodontes maximus é a maior espécie de tatu vivente, podendo chegar a 60 kg (Carter *et al.* 2016). É considerada predominantemente noturna e pode permanecer na toca escavada no solo durante vários dias, sendo raramente observada fora dos abrigos, o que a leva a ser classificada como fossorial ou semi-fossorial (Chiarello *et al.* 2018b). Habita áreas florestais primárias e secundárias, preservadas e sem alteração, ocorrendo também em áreas abertas (Chiarello *et al.* 2018b), ocupando desde florestas tropicais e subtropicais a savanas abertas (Desbiez *et al.* 2020). A dieta do tatu-canastra é composta principalmente por cupins e

formigas, embora também possa consumir aranhas, minhocas, abelhas, larvas e carniça, entre outros itens (Chiarello *et al.* 2018b). O tatu-canastra tem hábito solitário, havendo encontro de espécimes apenas no período do acasalamento (Chiarello *et al.* 2018b). A gestação dura cerca de quatro meses, nascendo usualmente um filhote, embora haja registro do nascimento de dois filhotes (Medri *et al.* 2006). Devido ao uso de suas tocas por uma grande variedade de animais, além do seu papel na ciclagem de nutrientes pelas atividades de forrageamento e abertura de tocas, o tatu-canastra é considerado um engenheiro de ecossistemas (Desbiez & Kluyber 2013).

Priodontes maximus possui ampla distribuição na América do Sul e tem populações isoladas em grande parte dessa extensão, sofrendo declínio populacional estimado em pelo menos 30% nas últimas três gerações (24 anos), ressaltando seu desaparecimento em extensas áreas do sul da distribuição (Anacleto *et al.* 2014). A densidade populacional varia de 3,36 indivíduos por 100 km² (Silveira *et al.* 2009) a 7,65 indivíduos por 100 km² (Desbiez *et al.* 2020). A área de vida pode variar de 727 a 1.500 ha (Chiarello *et al.* 2018b), apesar de estimativas no Pantanal indicarem áreas de 2.500 ha (Desbiez *et al.* 2020). Devido aos reduzidos fragmentos de Mata Atlântica onde sua presença foi confirmada (número de áreas e tamanho de área remanescente), estima-se que existam menos de 250 indivíduos maduros em todo o bioma, sem nenhuma população contígua com mais de 50 indivíduos maduros (Chiarello *et al.* 2018b). Atualmente, sua distribuição na Mata Atlântica está restrita ao Espírito Santo e Minas Gerais (Srbek-Araujo *et al.* 2009), em região coincidente com a bacia do rio Doce. O tempo de geração é estimado em 8 anos (Chiarello *et al.* 2018b).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: C2a(i).

Categoria: **CR**

Justificativa: *Priodontes maximus*, popularmente conhecido como tatu-canastra, é encontrado em vários estados brasileiros. Habita tanto florestas tropicais e subtropicais, incluindo áreas primárias e secundárias preservadas e sem alteração, quanto áreas abertas, como cerrados, entretanto, parece nunca ter sido abundante na Mata Atlântica. Estima-se que existam menos de 250 indivíduos maduros remanescentes na Mata Atlântica, sem nenhuma população contígua com mais de 50 indivíduos maduros. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou os locais de ocorrência da espécie, podendo ter causado a perda e alterações de habitat, mudanças na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, atualmente cerca de 79% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, mosaico de usos e plantações de café. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo do número de indivíduos maduros em cada subpopulação. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Criticamente em Perigo (CR)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs Tamanduá-bandeira e Tatus (ICMBio 2023) e Baixo e Médio Xingu (ICMBio 2012c). É considerada espécie beneficiada nos PATs Capixaba-Gerais (IEF 2023), Cerrado Tocantins (NATURATINS 2020), Espinhaço Mineiro (IEF 2021) e Veredas Goyaz-Geraes (SEMAD-GO & IEF-MG 2021).

CITES: Apêndice I (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Priodontes maximus enfrenta ameaças significativas devido à fragmentação e perda do habitat e a caça para consumo de carne (Anacleto *et al.* 2014; Chiarello *et al.* 2018b), além de possíveis capturas para criação como animal de estimação e venda a colecionadores, embora raramente sobreviva em cativeiro (Anacleto *et al.* 2014). Além do consumo de carne, partes dos espécimes (carapaça, cauda e garras, por exemplo) também são utilizadas para diferentes fins, incluindo confecção de berços, ferramentas e panelas (Anacleto *et al.* 2014). O rompimento da barragem de Fundão pode ter causado impactos diretos e indiretos na espécie, incluindo a perda e alterações nas condições de habitat e conectividade da paisagem, bem como mortalidade direta devida à inundação e deposição de rejeitos ao longo do rio Doce (Golder Associates 2016). Ademais, cerca de 67% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 11% em mosaico de usos e 1% em plantações de café.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas a monitoramento do tamanho e tendência das subpopulações presentes na bacia do rio Doce, bem como da tendência de modificação do habitat, para identificação de ameaças específicas e proposição de ações e medidas visando a manutenção da espécie na região em longo prazo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

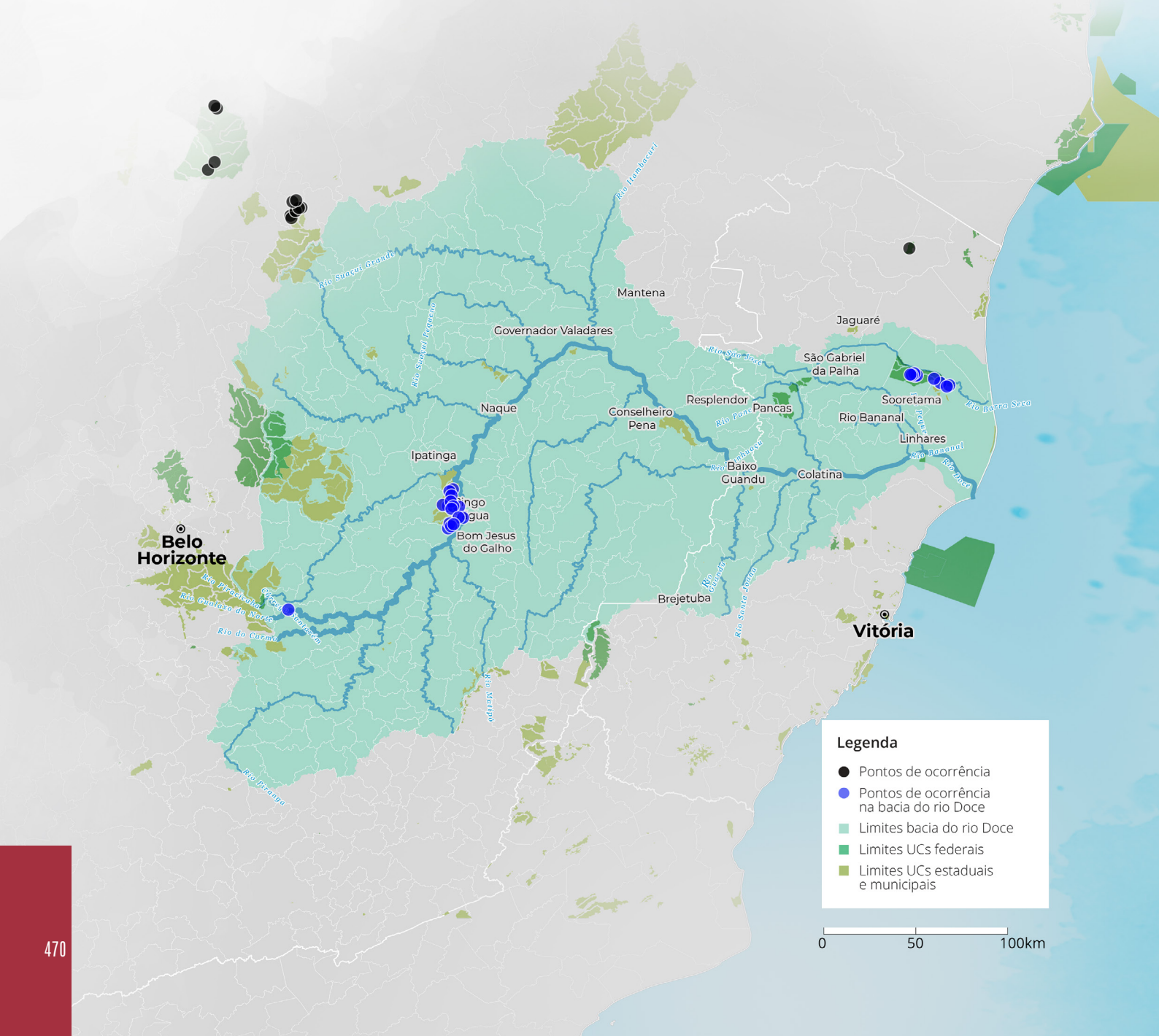
Priodontes maximus ocorria originalmente em grande parte da América do Sul, do norte da Venezuela e Guianas, até o Paraguai, norte da Argentina e Uruguai (Anacleto *et al.* 2014), estando presente em todas as regiões do Brasil (Anacleto *et al.* 2014). A espécie é considerada atualmente extinta em boa parte da porção sul de sua distribuição (Anacleto *et al.* 2014; Chiarello *et al.* 2018b). Está presente em quase todas as regiões do Brasil, com registros concentrados na Amazônia, no Pantanal e no Cerrado (Chiarello *et al.* 2018b), sendo raros os registros na Mata Atlântica, onde as populações conhecidas estão restritas ao Espírito Santo e Minas Gerais (Srbek-Araujo *et al.* 2009). Habita florestas tropicais e subtropicais, incluindo áreas primárias e secundárias, preservadas e sem alteração, além de áreas abertas, como cerrados (Chiarello *et al.* 2018b).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Priodontes maximus:*

A espécie é encontrada nos seguintes estados: AC, AM, AP, BA, DF, ES, GO, MA, MG, MS, MT, PA, PI, RO, PR (regionalmente extinto), RR, SP (provavelmente extinto), TO.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama.



FAMÍLIA: FELIDAE

Puma concolor (Linnaeus, 1771)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: onça-parda, onça-vermelha, suçuarana, bodeira, leão-baio, leãozinho-da-cara-suja

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Carnivora

Família: Felidae

INFORMAÇÕES GERAIS

A onça-parda é o segundo maior felino das Américas, pesando entre 30 kg e 72 kg (Azevedo *et al.* 2023). A espécie possui hábito solitário, com atividade predominantemente noturna e crepuscular, embora em algumas regiões a atividade diurna seja maior do que a noturna, podendo ser considerada catameral (Di Bitetti *et al.* 2010). É considerada oportunista quanto à sua dieta, sendo capaz de capturar uma grande variedade de presas conforme a disponibilidade no ambiente, incluindo vertebrados de pequeno (< 1 kg) a grande porte (> 10 kg) (Azevedo *et al.* 2023). Na América

do Norte, consomem preferencialmente presas de grande porte, como alces, veados-de-rabo-branco e cabras montanhesas, enquanto na porção Neotropical, sua dieta é composta principalmente por presas de médio porte (entre 1 e 10 kg), como pacas, tatus, quatis, aves e répteis, embora possa incluir vertebrados maiores como veados, porcos-do-mato, capivaras e jacarés (Magioli & Ferraz 2021). Relatos de ataques a criações domésticas de médio e pequeno porte também são comuns, como ovinos, equinos, bovinos jovens, suínos e aves (Azevedo *et al.* 2023). Ambos os sexos atingem a maturidade sexual a partir dos 24 meses, com as fêmeas apresentando tempo de gestação entre de 82 e 98 dias, nascendo de um a quatro filhotes (Azevedo *et al.* 2023).

A espécie é amplamente distribuída no Brasil, no entanto, estima-se declínio de pelo menos 10% da população nos próximos 21 anos (ou três gerações) (Azevedo *et al.* 2023). A avaliação nacional mais recente apresenta uma estimativa da população total de onças-pardas no Brasil de 13.732 indivíduos maduros (Azevedo *et al.* 2023). A densidade populacional da onça-parda pode variar de 0,16 indivíduo/km² a 11,7 indivíduos/100 km² dependendo do bioma e da região (Azevedo *et al.* 2023). A área de vida da espécie também é variável, havendo registro de 282 km² em média, embora possa chegar a mais de 400 km² (Gonzalez-Borrajo *et al.* 2016). Populações localizadas em regiões com alta densidade de presas ou onde as presas não são migratórias tendem a apresentar as menores áreas de vida (Nielsen & Lopez-Gonzalez 2015).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Puma concolor*, popularmente conhecida como onça-parda, é um felino de grande porte que pode ser encontrado em uma ampla variedade de habitats, desde florestas até cerrados e, ocasionalmente, em ambientes alterados, como paisagens agrícolas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 50.482 km², com Área de Ocupação (AOO) de 388 km² e oito a dez localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão impactou as áreas de ocorrência da espécie, gerando alteração na qualidade e perda de habitat em decorrência da erosão e deposição de rejeitos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Ademais, aproximadamente 58% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens, 8% em mosaicos de usos, 2% em plantações de café e 1% em áreas de silvicultura. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de subpopulações fragmentadas e condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie *P. concolor* foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: LC (IUCN 2023).

Nacional: NT (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Espécie listada nos PANs: Aves da Caatinga - 2º ciclo (ICMBio 2019b), Baixo e Médio Xingu (ICMBio 2012c), PAN Grandes Felinos (ICMBio 2018b), PAN Onça-Parda (Brasil 2014). Espécie beneficiada nos PATs Cerrado Tocantins (NATURATINS 2020), Chapada Diamantina-Serra da Jiboia (INEMA & SEMA 2021)) e Veredas Goyaz-Geraes (SEMAD-GO & IEF-MG 2021).

CITES: Apêndices I e II (CITES 2022).

O primeiro ciclo do Plano de Ação Nacional para conservação da Onça-Parda, concluído em 2017, teve como objetivo principal a implementação de medidas para proteger a espécie e reduzir conflitos com atividades humanas em biomas como a Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Pantanal. O plano tinha sete objetivos específicos, incluindo a geração e disseminação de conhecimento sobre a espécie, a redução da perda de habitat e a diminuição da caça e abate. *Puma concolor* também é alvo do primeiro ciclo do Plano de Ação Nacional para a conservação dos Grandes Felinos, que visa melhorar a conservação da espécie e da Onça-Pintada no Brasil, e constam seis objetivos específicos, incluindo a manutenção de áreas adequadas para as espécies, a redução do abate, a promoção da coexistência entre humanos e felinos e o aprimoramento dos procedimentos de resgate e destinação de grandes felinos.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças à sobrevivência da espécie no Brasil incluem a perda e fragmentação de habitat, retaliação por predação de animais domésticos, abate preventivo e após o evento de predação, atropelamentos, entre outras ameaças específicas de cada bioma brasileiro. A perda de habitat e a fragmentação decorrentes da expansão urbana e agropecuária estão diretamente relacionadas à diminuição da base de presas naturais e ao aumento do conflito com humanos. Há também uma preocupação com a qualidade dos fragmentos remanescentes, já que a fragmentação pode isolar as populações. Empreendimentos como hidrelétricas, monoculturas, rodovias e ferrovias são fontes significativas de supressão e fragmentação de habitat, contribuindo para a mudança permanente da composição dos habitats e impactando negativamente as populações de onças-pardas. No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas para estimar distribuição, tamanho e tendência populacionais, e ameaças, história de vida e ecologia da espécie, a fim de permitir o desenvolvimento de estratégias eficazes de monitoramento e conservação da espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

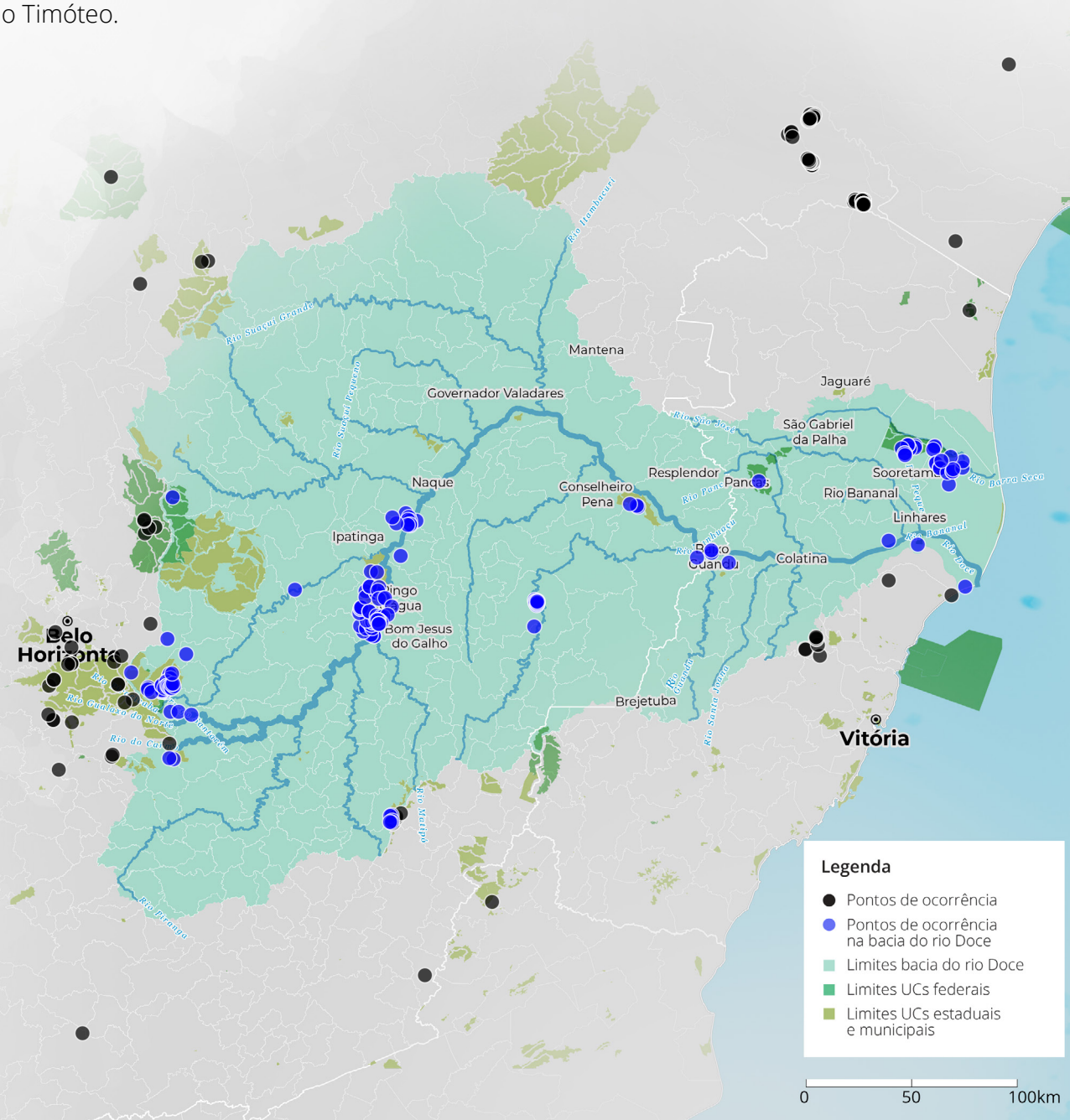
A onça-parda é o vertebrado terrestre com maior área de distribuição no hemisfério ocidental, ocorrendo desde o Canadá até a Patagônia, no extremo sul da América do Sul, estando naturalmente ausente apenas no complexo das ilhas Caribenhas e em algumas regiões do Chile (Azevedo *et al.* 2023). A espécie apresenta alta capacidade de adaptação a diferentes ambientes, habitando desde florestas úmidas tropicais e subtropicais até áreas montanhosas, pântanos e regiões extremamente áridas e/ou frias, ambientes abertos com pouca cobertura vegetal, áreas de reflorestamento com diferentes níveis de distúrbio, e paisagens fragmentadas e dominadas por usos agropecuários (Azevedo *et al.* 2023). Ocorre desde áreas costeiras até acima de 3.000 m de altitude (Azevedo *et al.* 2023), já tendo sido registrada a 5.800 m de altitude (Nielsen & Lopez-Gonzalez 2015). No Brasil, a espécie apresenta ampla distribuição, estando em todos os biomas, embora as populações estejam atualmente reduzidas ou extintas em algumas localidades (Azevedo *et al.* 2023).

A espécie tem ocorrência nos seguintes estados do Brasil: AL, MS, MT, RR, RO, SC, SP, SE, ES, AM, DF, RN, PB, RS, PR, AP, TO, RJ, PA, MA, PE, CE, PI, GO, MG, AC e BA.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Puma concolor:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; PE Serra do Brigadeiro; MONA dos Pontões Capixabas; PARNA da Serra do Gandarela; RPPN Recanto das Antas; APA Morro da Pedreira; PE do Itacolomi; RPPN Mutum Preto; APA Sul-RMBH; PE Sete Salões; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: CRICETIDAE

Rhagomys rufescens (Thomas, 1886)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: rato-do-mato-de-laranjeira, rato-vermelho

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Rodentia

Família: Cricetidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Rhagomys rufescens é uma espécie que habita a Mata Atlântica, encontrando-se especificamente em Floresta Estacional Semidecídua, Floresta Ombrófila Densa e formações transicionais de vegetação costeira (Luna *et al.* 2015). Apesar da escassez de informações sobre sua história de vida e ecologia, há indícios de um declínio contínuo em sua EOO (Bergallo & Percequillo 2019). Anteriormente considerada extinta por mais de um século, *R. rufescens* foi redescoberta em dez localidades com o uso de armadilhas arbóreas sem iscas. Essa redescoberta sugere que a espécie pode não ser tão rara quanto se acreditava, possivelmente devido a um viés de amostragem em estudos anteriores (Bergallo & Percequillo 2019). Em geral, são encontrados até dois indivíduos adultos por localidade, com exceção do município de Indaial, Santa Catarina, onde foram registrados 10 indivíduos (Braga & Pires 2012).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Rhagomys rufescens* é um roedor popularmente conhecido como rato-do-mato-de-laranjeira. É encontrado em áreas de transição entre Floresta Ombrófila Densa e restinga no Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 1.007 km², com Área de Ocupação (AOO) de 16 km² e três localizações condicionadas a ameaças. A substituição do habitat por pastagens é a principal ameaça à espécie. Atualmente, cerca de 59% da EOO da espécie foram

convertidas em pastagens e mosaico de usos. Desta maneira, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaça. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" de extinção na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: LC (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Mamíferos da Mata Atlântica Central (Escarlate-Tavares *et al.* 2016) e considerada espécie beneficiada no PAT Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para *Rhagomys rufescens* são a destruição e fragmentação de seu habitat (Bergallo & Percequillo 2019). Atualmente, 56% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, 3% em mosaico de usos e 1% em área urbanizada.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas para aprofundar o conhecimento sobre a espécie, abordando aspectos como a história de vida, ecologia, distribuição geográfica, população, taxonomia e as ameaças que podem afetá-la.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Rhagomys rufescens, popularmente conhecido como rato-do-mato-de-laranjeira, é uma espécie endêmica da Mata Atlântica. Encontrada em diversos estados, há registros datados desde 1848 na localidade tipo no Rio de Janeiro, com ocorrências mais recentes em Santa Catarina e no Espírito Santo. O registro da espécie em Franca, São Paulo, é considerado incerto (Bergallo & Percequillo 2019; Pardiñas *et al.* 2022). No Brasil, a espécie é encontrada nos seguintes estados: MG, ES, SP, RJ e SC.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Rhagomys rufescens:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE Serra do Brigadeiro; PE Serra do Ouro Branco.

FAMÍLIA: CRICETIDAE

Rhipidomys tribei
de Andrade Costa, Geise, Pereira & Costa, 2011

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares:
rato-da-árvore

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Rodentia

Família: Cricetidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Rhipidomys tribei é encontrado em áreas de manchas de Florestas Submontanas Semidecíduas, onde os poucos exemplares coletados estavam em fragmentos cercados por pastagens e plantações (Tribe 2015; Cäsar *et al.* 2019). Não há informações sobre tamanho e tendência populacionais para a espécie.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Rhipidomys tribei*, popularmente conhecido como rato-da-árvore, é um roedor endêmico do Brasil encontrado em manchas de Florestas Submontanas Semidecíduas na Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 6.156 km², com Área de Ocupação de 32 km² e quatro a cinco localizações condicionadas a ameaças. A perda e fragmentação do habitat em decorrência da expansão da agropecuária e mineração são as principais ameaças à espécie. É importante destacar que a espécie é encontrada na área diretamente afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, que compreende a área a montante do Reservatório de Candonga, sendo possivelmente impactada devido a alterações e perda de habitat em função da erosão e deposição de rejeitos, além de alterações na conectividade da paisagem. Ademais, cerca de 62% de sua EOO foram convertidas em áreas de pastagem e 11% em mosaico de usos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, *R. tribei* foi avaliada como "Em Perigo (EN)" de extinção na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: DD (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

PATs/PANs: Listada nos PANs Mamíferos da Mata Atlântica Central (Escarlate-Tavares *et al.* 2016) e Pequenos Mamíferos de Áreas Florestais (ICMBio 2022). É considerada espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Apesar da escassez de informações sobre ameaças diretas à espécie, sua presença em uma região fragmentada e sujeita a atividades agropecuárias e de mineração em expansão pode representar fatores de risco para sua sobrevivência. Ademais, a espécie foi possivelmente afetada pelo rompimento da barragem de Fundão (Golder Associates 2016), resultando na perda e alteração do habitat da espécie em função da erosão e deposição de rejeitos, além de mudanças nas alterações na conectividade da paisagem. Além disso, os demais registros fora da área afetada pelo rompimento da barragem encontram-se em fragmentos florestais circundados por pastagens, com cerca de 62% da EOO convertidas em áreas de pastagem, 11% em mosaico de usos, 2% em plantações de café, 1% em silvicultura e 1% em áreas urbanizadas.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas abordando a história de vida e ecologia, tamanho da população, distribuição, taxonomia, morfologia, tendências e ameaças à espécie.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Rhipidomys tribei foi registrado nos municípios de Santa Bárbara, Araponga, Viçosa e Muriaé, no estado de Minas Gerais, e uma nova análise citogenética confirmou sua presença em Lavras, no sudoeste do estado, em altitudes aproximadas de 1.300 m (Tribe 2015; Carvalho 2017). No Espírito Santo, de acordo com os registros de ocorrência, foi observado no Parque Estadual do Forno Grande, em Castelo, em Santa Teresa e em Vargem Alta.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Rhipidomys tribei:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: RPPN Mata dos Jacus - Resgate VI; PE Serra do Brigadeiro; APA Sul-RMBH.

Sapajus robustus (Kuhl, 1820)

AUTORES(AS): Renata de T. Capellão, Monira Bruno Bicalho, Bruno R. Ribeiro, Karlo Guidoni, Rodrigo de Almeida Nobre e Eduardo Zanette

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: macaco, macaco-prego-de crista, macaco-preto, mico-topetudo

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Primates

Família: Cebidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Espécie terrestre e não migratória (Martins *et al.* 2021), habita florestas tropicais ombrófilas densas e semidecíduas da Mata Atlântica, utilizando todos os estratos arbóreos e o solo (Escarlate-Tavares *et al.* 2016). Na porção mais a oeste de sua distribuição, há registros da espécie em formações vegetais do Cerrado, conhecidas como Cerradão (Escarlate-Tavares *et al.* 2016). A espécie não é restrita a habitats primários, mostrando tolerância a mudanças e distúrbios no ambiente (Martins *et al.* 2021). É onívora, incluindo em sua dieta uma grande variedade de frutos, brotos, pedúnculos, flores, bases

foliares, néctar, seiva, casca de árvores, sementes, raízes, artrópodes, anuros, lagartos, ovos e pequenos mamíferos (Martins 2010; Martins *et al.* 2021). Os dados acerca da biologia populacional de *S. robustus* estão restritos a algumas áreas dentro dos limites de distribuição geográfica da espécie (Escarlate-Tavares *et al.* 2016). Estima-se que o tamanho total da população seja de 14.400 indivíduos, inferido com base em uma extrapolação dos dados obtidos na Reserva Natural Vale para a cobertura vegetal remanescente dentro da distribuição geográfica da espécie (Martins 2010). Ainda assim, não está claro se o número de indivíduos maduros é superior a 10.000 indivíduos. Informações sobre a abundância da espécie disponíveis na literatura incluem: 2,47 a 0,6 avistamento/10 km na Reserva Natural Vale, Espírito Santo; 0,22 grupo/10 km² na ESEC Acauã, Minas Gerais; 0,65 grupo/10 km² e 0,87 grupo/10 km² na Fazenda Nossa Senhora de Fátima, Minas Gerais; 0,535 grupo/km² e 1.822 indivíduos/km² na Reserva Natural Vale, Espírito Santo (Chiarello 1999; Martins 2005; Martins 2010; Martins *et al.* 2021). O tempo de geração estimado para a espécie é de 16 anos. A espécie tem sido alvo de diversas atividades humanas, incluindo a caça de subsistência, o criadouro comercial e o comércio ilegal como animais de estimação ou ornamentais. A caça de subsistência é um fator relevante, uma vez que os macacos-prego são frequentemente considerados como uma fonte de alimento na região onde vivem. A criação comercial também pode ser uma forma de exploração, principalmente quando o objetivo é o comércio de animais como animais de estimação ou ornamentos, o que pode levar a danos à saúde e bem-estar dos macacos-prego.

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Sapajus robustus* é um primata endêmico do Brasil com ocorrência restrita a fragmentos de florestas tropicais ombrófilas da Mata Atlântica. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 16.214 km², com Área de Ocupação (AOO) de 204 km² e nove a dez localizações condicionadas a ameaças. As principais ameaças para a espécie incluem a fragmentação e perda de habitat causadas pelo desmatamento, expansão agropecuária e urbana, aumento da matriz energética e rodoviária, bem como a caça e captura. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, com impactos relacionados a mudanças na condição do habitat devido à erosão, deposição de rejeitos e detritos. Ademais, cerca de 76% da EOO da espécie foram convertidas em áreas de pastagem, e aproximadamente 88% foram desmatadas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada nos PANs Primatas da Mata Atlântica e Preguiça-da-coleira (ICMBio 2018c) e Mamíferos da Mata Atlântica Central (Escarlate-Tavares *et al.* 2016). É considerada espécie beneficiada nos PATs Espinhaço Mineiro (IEF 2021) e Capixaba-Gerais (IEF 2023).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

O Plano de Ação Nacional para a conservação dos Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-de-Coleira (vigência entre 2018-2023) estabelece uma série de objetivos, incluindo a restauração, manutenção e aumento do habitat e sua conectividade em áreas importantes para a conservação dos animais em questão. Além disso, o plano prevê o manejo adequado das populações desses animais visando sua viabilidade, o manejo de primatas alóctones em áreas relevantes para a conservação, a prevenção da colonização de novas áreas, a mitigação da remoção de indivíduos devido a ações humanas, a avaliação e mitigação dos impactos de doenças e o desenvolvimento de estratégias de comunicação e sensibilização ambiental para promover a conservação desses animais (ICMBio 2018a).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A principal ameaça identificada para o táxon está associada à perda e substituição do seu habitat (Escarlate-Tavares *et al.* 2016). A espécie enfrenta uma intensa exploração de suas áreas de ocorrência devido às atividades agropecuárias, resultando em drásticas reduções populacionais e degradação do ambiente. Além disso, as florestas foram bastante devastadas principalmente para plantação de café, eucalipto e *Pinus* e outras atividades agrícolas, além da substituição da cobertura nativa por pastagens voltadas à pecuária extensiva (Escarlate-Tavares *et al.* 2016). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados à mudança na condição do habitat em função da erosão e deposição de rejeitos e detritos (Golder Associates 2016). Por fim, o comércio ilegal é uma grande ameaça à sobrevivência desta espécie, uma vez que muitos são capturados na natureza e vendidos como animais de estimação ou para colecionadores de animais exóticos.

PESQUISAS RECOMENDADAS

São necessários estudos contemplando diversos aspectos biológicos da espécie, incluindo taxonomia, aspectos ecológicos e populacionais, incluindo o monitoramento das populações em outras áreas, além da Reserva Natural Vale, e estudos genéticos e citogenéticos (Escarlate-Tavares *et al.* 2016). Além disso, se faz necessário pesquisas e inventários para compreender melhor a distribuição e novas áreas de ocorrência da espécie na região noroeste da bacia do rio Doce e Unidades de Conservação da região.

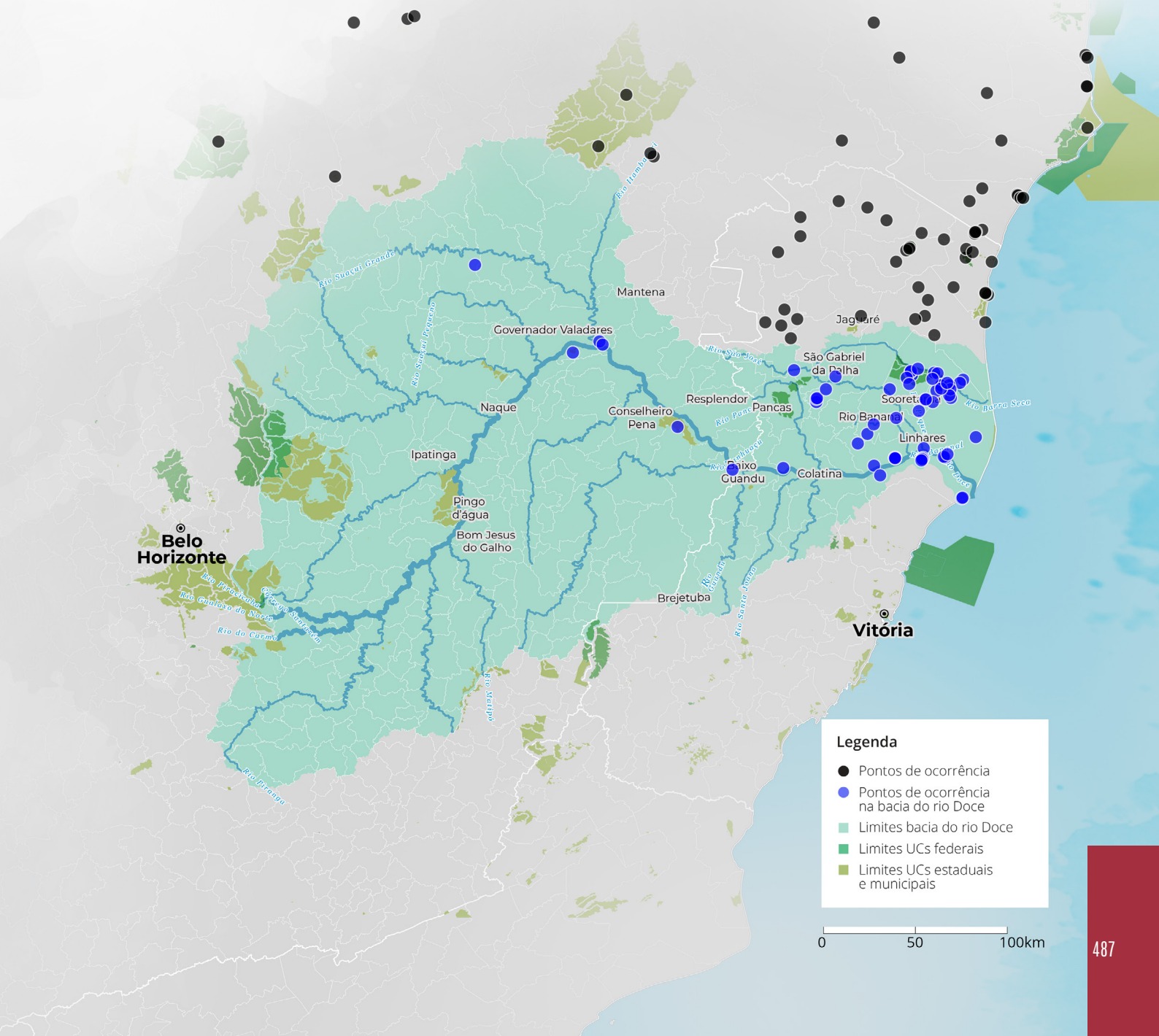
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie endêmica do Brasil, *Sapajus robustus*, originalmente reconhecida como endêmica da Mata Atlântica, teve sua área de distribuição expandida mediante registros que apontam sua presença em formações vegetais do Cerrado, especialmente na porção mais ocidental de sua abrangência (Martins *et al.* 2021). Sua distribuição é delimitada ao norte pelo rio Jequitinhonha, em Minas Gerais e na Bahia, a noroeste pelo Rio Jequitinhonha em Minas Gerais, a sudoeste pelo Rio Suaçuí Grande e pela Serra do Espinhaço em Minas Gerais, a sudeste pelo rio Doce em Minas Gerais e Espírito Santo e a leste pelo Oceano Atlântico (Martins *et al.* 2017).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Sapajus robustus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

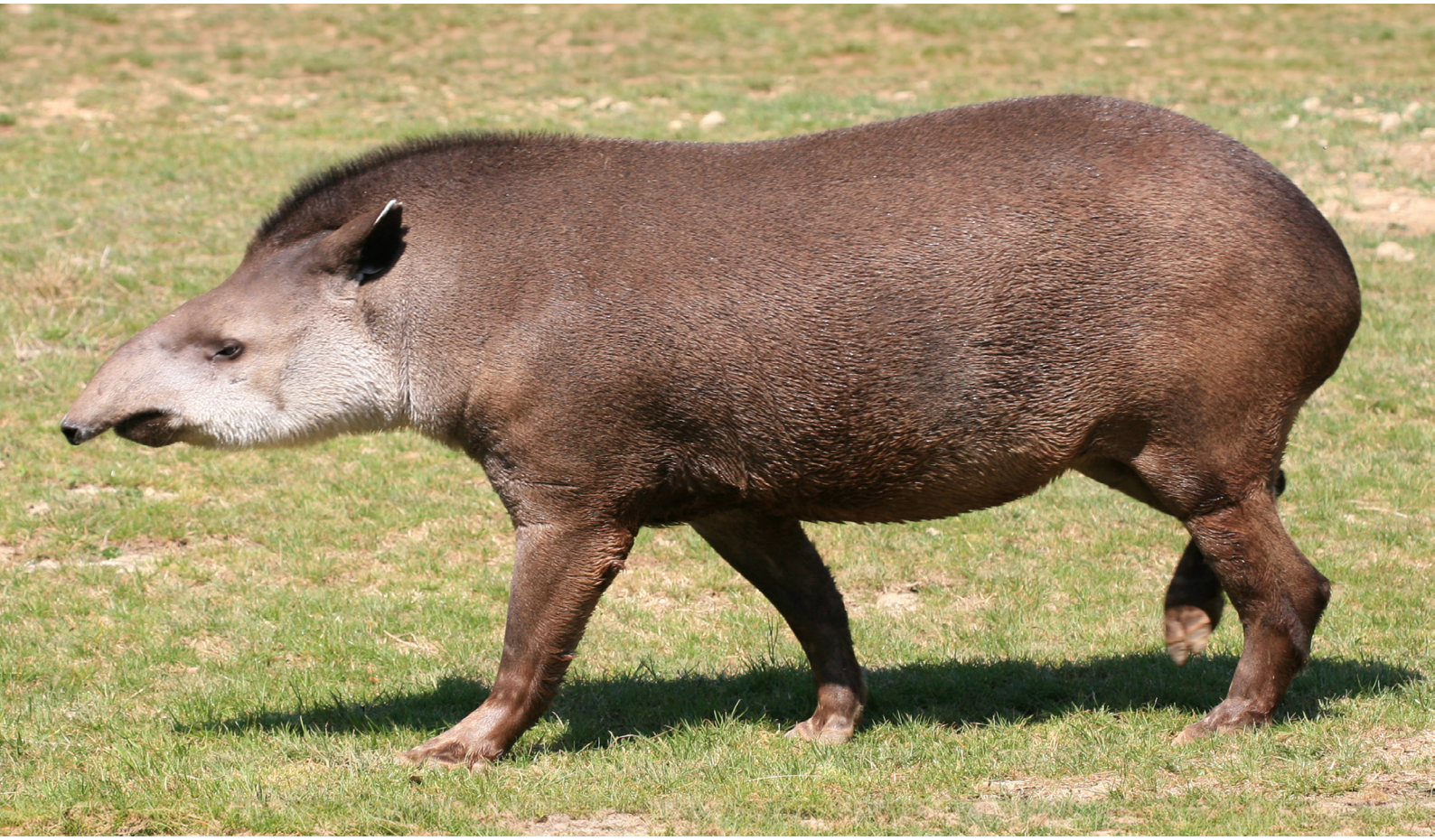
A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: MONA Estadual Pico do Ibituruna; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; RPPN Recanto das Antas; PE Sete Salões.



FAMÍLIA: TAPIRIDAE

Tapirus terrestris (Linnaeus, 1758)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli



INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: anta

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Perissodactyla

Família: Tapiridae

INFORMAÇÕES GERAIS

A anta é o maior mamífero terrestre do Brasil, pesando entre 180 e 300 kg (Medici 2011), sendo solitária e com atividade predominantemente noturna, estando ativa também durante parte do dia (Medici 2011). Ocorre em diferentes tipos de habitats, desde florestas secas e florestas ripárias até áreas inundadas, podendo tolerar ambientes com diferentes níveis de degradação e impacto antrópico (Medici *et al.* 2018; Varela *et al.* 2019). Independentemente do tipo de vegetação, a anta geralmente ocorre em ambientes florestais associados a corpos d'água permanentes (Medici 2011), sendo uma ótima nadadora.

Sua dieta está composta principalmente por frutos, folhas e fibras (Medici *et al.* 2018; Medici *et al.* 2023). Desempenha papel importante como dispersora de sementes, sendo intitulada "jardineira das florestas" devido ao grande número de frutos que pode ingerir diariamente e por dispersar as sementes a grandes distâncias. Além da dispersão e predação de sementes, atua no consumo e pisoteamento de plântulas, participando da manutenção e regeneração da vegetação, bem como da ciclagem de nutrientes e estocagem de carbono (Villar *et al.* 2020; Villar & Medici 2021). O tempo de geração estimado para a espécie é de 11 anos, a gestação é longa, se estendendo por 13-14 meses, nascendo geralmente um único filhote (Medici 2011).

Estima-se que a densidade populacional da espécie varie entre 0,1 a 3,7 indivíduos/km² (Medici *et al.* 2018; Varela *et al.* 2019; Medici *et al.* 2023). A área de vida da espécie também é variável, havendo registros de 1,1 km² até 14,2 km² (Medici *et al.* 2018; Medici *et al.* 2023). Para a Mata Atlântica, estima-se que existam 33 populações de antas, sendo apenas três dessas populações viáveis com mais de 200 indivíduos, sendo as outras 24 apresentando menos de 100 indivíduos, com probabilidade de extinção em 33 anos (ou três gerações), e com declínio populacional estimado em até 50% para a espécie nas próximas gerações (Medici *et al.* 2023).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(ii,iii,iv).

Categoria: **VU**

Justificativa: *Tapirus terrestris,* popularmente conhecida como anta, é um mamífero de grande porte que habita diferentes tipos de habitats, ocupando essencialmente ambientes florestais associados a corpos d'água permanentes. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 27.599 km², com Área de Ocupação (AOO) de 408 km², e de cinco a sete localizações condicionadas a ameaças. Apesar de apresentar ampla distribuição na bacia do rio Doce, a maioria dos registros da espécie estão concentrados na área afetada pelo rompimento da barragem de Fundão, resultando em impactos como perda de qualidade de habitat devido à erosão e deposição de rejeitos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Existem subpopulações nos arredores da bacia do rio Doce; no entanto, a espécie tende a ocorrer em áreas mais preservadas. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de AOO, qualidade do habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Vulnerável (VU)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: EN (COPAM 2010).

Espírito Santo: CR (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Ungulados (ICMBio 2019c) e considerada espécie beneficiada nos PATs Capixaba-Gerais (IEF 2023), Cerrado Tocantins (NATURATINS 2020) e Veredas Goyaz-Geraes (SEMAD-GO & IEF-MG 2021).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças à espécie incluem a perda, fragmentação e alteração na qualidade dos habitats, atropelamentos e atividades agropecuárias (Medici *et al.* 2018; Varela *et al.* 2019; Medici *et al.* 2023). Além disso, a espécie sofre caça de subsistência e ilegal para consumo da carne, sendo a pele utilizada na confecção de produtos de couro (Varela *et al.* 2019). Além destes fatores, a espécie também tem sofrido com a contaminação por agrotóxicos (Medici *et al.* 2023). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, mudanças na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao monitoramento de tamanho e tendência populacionais são necessárias para a espécie, além de estudos e inventários para investigação da pressão da caça sobre a espécie, principalmente na região da bacia do rio Doce.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

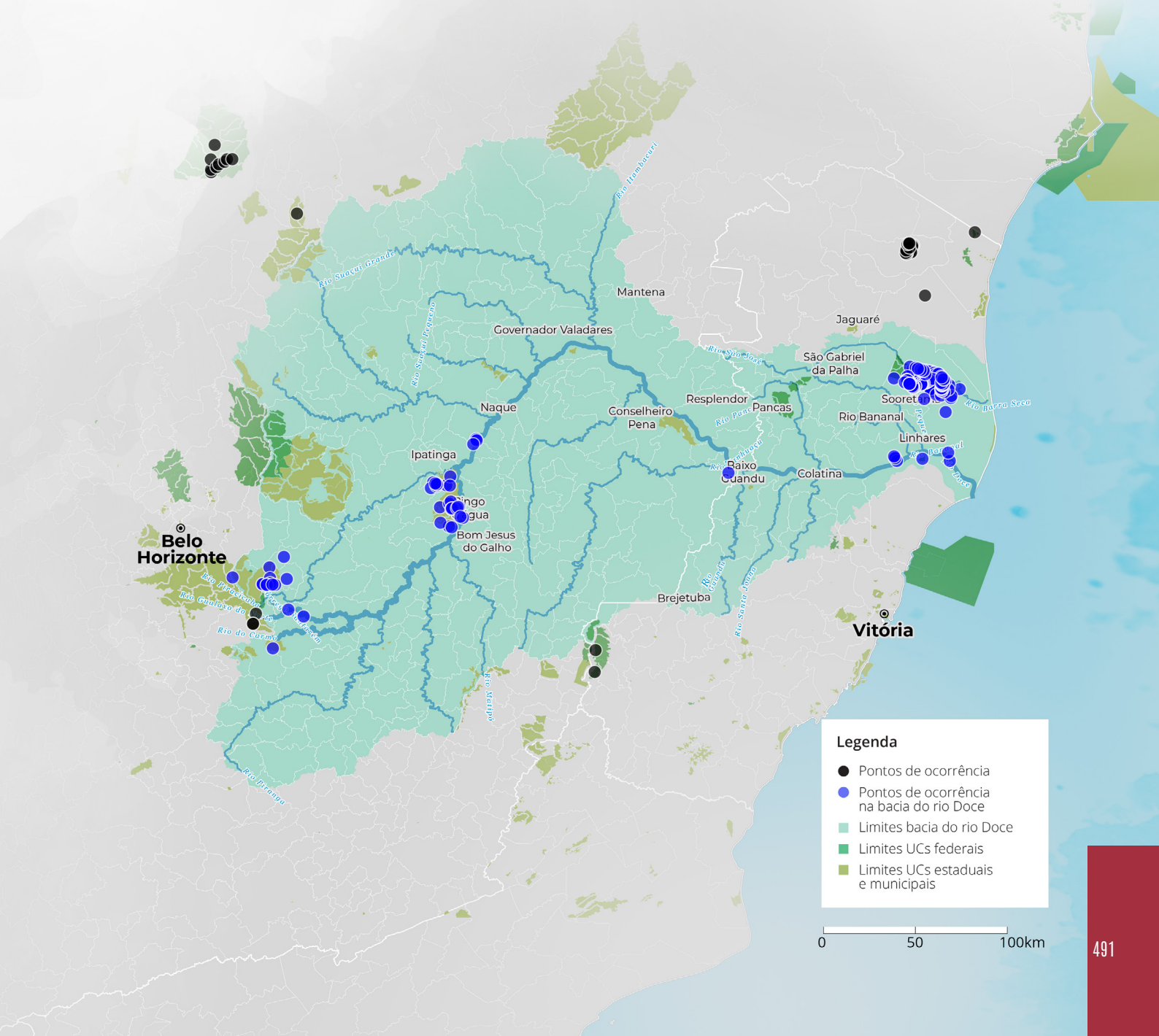
Espécie não endêmica do Brasil, com ampla distribuição geográfica na América do Sul, ocorrendo desde o norte da Colômbia até o nordeste da Argentina e Paraguai (Medici *et al.* 2023). Está presente em altitudes de até 2.000 m (Medici *et al.* 2023). No Brasil, ocorria em todos os biomas, exceto no Pampa, com registros em quase todos os estados brasileiros. Atualmente é considerada extinta em várias regiões ao longo da sua distribuição, estando ausente na Caatinga (Varela *et al.* 2019; Medici *et al.* 2023).

A espécie possui ocorrência nos seguintes estados do Brasil: MG, RS, ES, RO, RJ, SP, PR, SC, GO, DF, PI, MT, PA, AP, BA, AM, RR, AC, MS, TO e MA.

MAPA DE OCORRÊNCIA *Tapirus terrestris:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; FLONA de Goytacazes; PARNA da Serra do Gandarela; RPPN Recanto das Antas; PE do Itacolomi; APA Sul-RMBH; APA Serra do Timóteo.



FAMÍLIA: TAYASSUIDAE

Tayassu pecari (Link, 1795)

AUTORES(AS): Tatianne P. F. Abreu-Jardim, Monira Bruno Bicalho, Karlo Guidoni, Ana Carolina Srbek-Araujo e Marcelo Magioli

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: queixada, porcão, porco-do-mato

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Cetartiodactyla

Família: Tayassuidae

INFORMAÇÕES GERAIS

O queixada é a maior espécie de porco-do-mato neotropical, podendo chegar a 40 kg (Tiepolo & Tomas 2006). Com atividade predominantemente diurna, forma grandes grupos sociais bastante coesos, os quais possuem tamanho variado, já tendo sido registrados bandos de 25 até 150 indivíduos (Keuroghlian *et al.* 2023b). Ocupa diferentes tipos de habitat, ocorrendo principalmente em Florestas Tropicais Úmidas e Densas, embora também possa estar presente em áreas de Cerrado e manguezais (Keuroghlian *et al.* 2013). Apesar disso, está frequentemente associada a corpos d'água e é considerada

dependente de grandes áreas contínuas de habitat natural (Keuroghlian *et al.* 2018). A espécie é predominante frugívora, sendo a dieta composta principalmente por frutos de diferentes espécies, embora também possa consumir raízes e tubérculos, larvas de insetos, minhocas (Keuroghlian *et al.* 2023b), pequenos vertebrados e carcaças (Tiepolo & Tomas 2006). É uma espécie importante para a manutenção da diversidade, estrutura e funcionamento das florestas tropicais, executando funções como dispersão e predação de sementes, controle de plântulas por meio do pisoteamento e ciclagem de nutrientes, além de atuar como presa para grandes predadores (Villar *et al.* 2020; Magioli & Ferraz 2021; Keuroghlian *et al.* 2023b). O tempo de geração estimado para a espécie é de 6 anos (Keuroghlian *et al.* 2023b). A gestação estende-se por cerca de 160 dias, nascendo de 1 a 3 filhotes (Tiepolo & Tomas 2006). O queixada é especialmente suscetível à caça, o que tem sido apontado como importante fator de extinção local para a espécie (Keuroghlian *et al.* 2018).

Estima-se que a densidade populacional da espécie no Brasil varie de 1,4 a 10,2 indivíduos/km², entretanto, em ambientes abertos a densidade tende a ser menor e nos ambientes florestais os valores tendem ser maiores (Keuroghlian *et al.* 2018, 2023b). São animais sociais e a área de vida dos bandos pode variar de 19 km² a 200 km² dependendo do bioma (Keuroghlian *et al.* 2018, 2023b). Na Mata Atlântica, estima-se que apenas 31,4% da área remanescente do bioma possuem populações de queixadas, as quais estão distribuídas em 22 localidades, com um total de 23.600 animais, sendo 14.160 indivíduos maduros (60%) (Keuroghlian *et al.* 2023).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Tayassu pecari*, popularmente conhecido como queixada, é um mamífero não endêmico do Brasil, encontrado em diferentes tipos de habitats, de vegetação aberta até florestas úmidas e densas, frequentemente associado a corpos d'água, sendo dependente de grandes áreas contínuas de habitat natural. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 12.697 km², com Área de Ocupação (AOO) de 88 km² e três a quatro localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão impactou os locais de ocorrência da espécie, e devido à forte associação da espécie a habitats úmidos e próximos a corpos d'água, os efeitos dos rejeitos estão possivelmente ligados a mudanças nas condições dos habitats, alterações na conectividade da paisagem e, potencialmente, mortalidade direta de indivíduos decorrente da inundação e deposição de rejeitos. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade do habitat e no número de localizações sujeitas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: VU (IUCN 2023).

Nacional: VU (Brasil 2022c).

Minas Gerais: CR (COPAM 2010).

Espírito Santo: EN (Espírito Santo 2022).

PATs/PANs: Listada no PAN Ungulados (ICMBio 2019c) e considerada espécie beneficiada nos PATs Cerrado Tocantins (NATURATINS 2020) e Veredas Goyaz-Geraes (SEMAD-GO & IEF-MG 2021).

CITES: Apêndice II (CITES 2022).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As principais ameaças para a espécie estão relacionadas à fragmentação e perda de habitat e a alteração da qualidade dos habitats, além de caça (Keuroghlian *et al.* 2023b). O queixada é uma espécie que sofre grande pressão de caça para consumo de carne, sendo a pele também comercializada (Keuroghlian *et al.* 2023b). Além disso, há casos de caça por retaliação em resposta ao consumo de alimento em áreas de lavoura e plantios agrícola (Keuroghlian *et al.* 2023b). A introdução de espécies exóticas, com destaque para o javali (*Sus scrofa*), também é uma ameaça para o queixada (Keuroghlian *et al.* 2023b). O queixada e o javali apresentam sobreposição de dieta, podendo competir por recursos em períodos com menor disponibilidade de alimento (Galetti *et al.* 2015). Além disso, a presença do javali pode influenciar o padrão de atividade do catitu (*Dicotyles tajacu*), resultando em alterações na interação entre as duas espécies silvestres de porcos-do-mato (Galetti *et al.* 2015). Adicionalmente, doenças decorrentes do contato com animais domésticos também são apontadas como ameaças para a espécie (Keuroghlian *et al.* 2023b). No contexto do rompimento da barragem de Fundão, há registros da espécie na área afetada, e os possíveis impactos para a espécie podem estar relacionados às alterações na condição do habitat decorrentes da erosão e da deposição de rejeitos e detritos, alterações na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos (Golder Associates 2016).

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas ao monitoramento de tamanho e tendência populacionais são necessárias para a espécie, além de estudos e inventários para investigação da pressão da caça sobre a espécie, principalmente na região da bacia do rio Doce.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

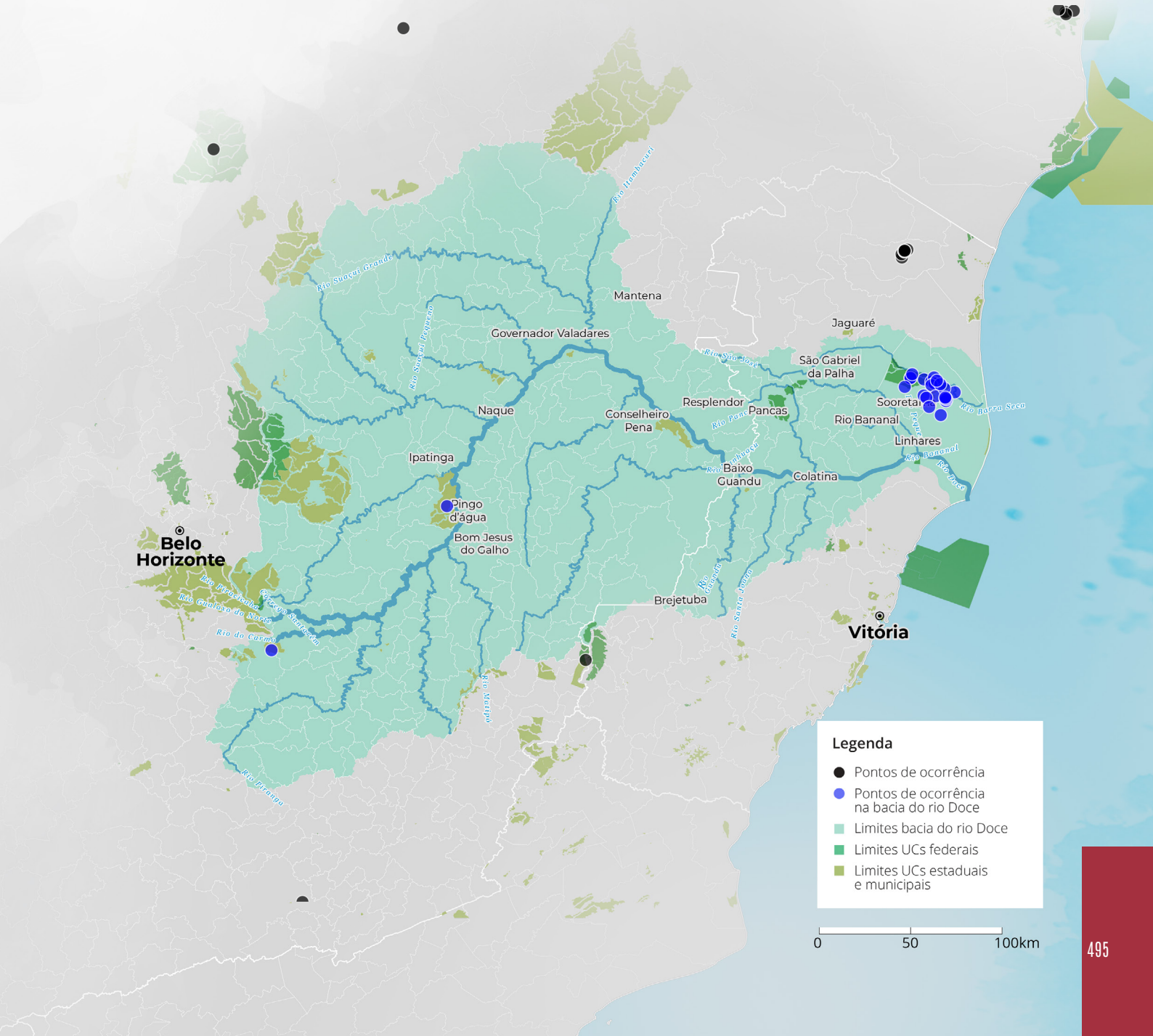
Espécie não endêmica do Brasil, com ampla distribuição geográfica na região Neotropical, ocorrendo desde o sudeste do México até o norte da Argentina e sul do Brasil (Keuroghlian *et al.* 2013, 2023). No Brasil, está amplamente distribuída, ocorrendo em altitudes de até 2.000 m (Keuroghlian *et al.* 2018, 2023). Apesar da ampla distribuição geográfica, a espécie é atualmente considerada extinta em várias regiões, incluindo a porção sul da sua distribuição original, parte do nordeste do Brasil e áreas na porção norte da América do Sul (Keuroghlian *et al.* 2013, 2023).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Tayassu pecari:*

A espécie possui ocorrência nos seguintes estados do Brasil: PI, PA, ES, BA, MT, SC, SP, MA, RO, DF, PR, AC, RJ, MG, GO, AP, AM, MS, RR e TO.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: PE do Rio Doce; REBIO de Sooretama; RPPN Recanto das Antas; PE do Itacolomi



FAMÍLIA: ECHIMYIDAE

Trinomys moojeni (Pessôa, Oliveira & Reis, 1992)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: rato-de-espinho

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Rodentia

Família: Echimyidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Trinomys moojeni é um roedor que habita áreas de manchas florestais com solo coberto por folhiço denso, pouco alterado e em bom estado de conservação, com suspeitas de que a espécie não tolere ambientes perturbados (Escarlate-Tavares *et al.* 2016; Roach & Naylor 2016). Por não ser facilmente amostrada, a espécie é considerada rara (Escarlate-Tavares *et al.* 2016; Roach & Naylor 2016).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Trinomys moojeni*, popularmente conhecido como rato-de-espinho, é um roedor endêmico da bacia do rio Doce, no estado de Minas Gerais. Sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 52 km², com Área de Ocupação (AOO) de 12 km² e duas localizações condicionadas a ameaças. O rompimento da barragem de Fundão provavelmente afetou os locais de ocorrência da espécie, resultando em perda e alterações no habitat, mudanças na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, cerca de 18% da EOO da espécie foram transformadas em diferentes tipos de uso do solo, incluindo pastagens e silvicultura. Diante desse cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO, qualidade de habitat e número de localizações condicionadas a ameaças. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce, portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: EN (IUCN 2023).

Nacional: EN (Brasil 2022c).

Minas Gerais: VU (COPAM 2010).

PATs/PANs: Listada nos PANs Mamíferos da Mata Atlântica Central (Escarlate-Tavares *et al.* 2016) e Pequenos Mamíferos de Áreas Florestais. É considerada espécie beneficiada no PAT Espinhaço Mineiro (IEF 2021).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A alteração, fragmentação e perda da qualidade do habitat devido ao desmatamento e atividades de mineração são consideradas as principais ameaças à espécie (Escarlate-Tavares *et al.* 2016; Roach & Naylor 2016). O rompimento da barragem de Fundão afetou diretamente a espécie, especialmente na área mais impactada a montante do reservatório de Candonga, causando perda e alteração no seu habitat devido à erosão e deposição de rejeitos oriundos da mineração, bem como alterações na conectividade da paisagem (Golder Associates 2016). Além disso, cerca de 14% da EOO foi convertida em áreas de pastagem e 4% em silvicultura.

PESQUISAS RECOMENDADAS

Pesquisas relacionadas à distribuição, ecologia e história natural, tamanho e tendência populacionais, bem como ameaças para a espécie.

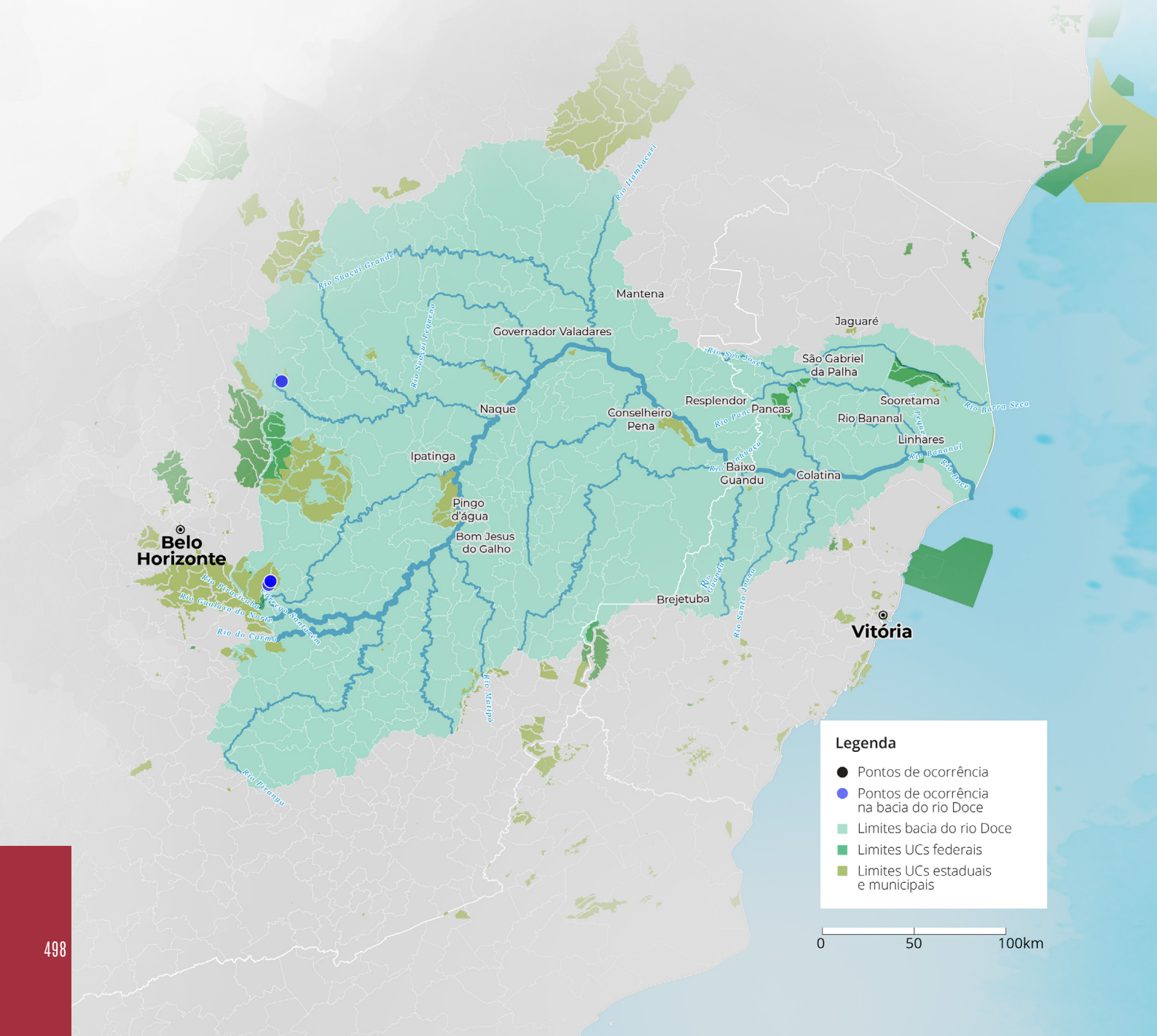
MAPA DE OCORRÊNCIA *Trinomys moojeni:*

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Trinomys moojeni é uma espécie endêmica da bacia do rio Doce, do estado de Minas Gerais, encontrada em duas localidades: no Parque Nacional da Serra do Cipó e no município de Catas Altas, na RPPN Santuário do Caraça, em altitudes próximas de 1.300 m (Roach & Naylor 2016).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

A espécie está presente nas seguintes unidades de conservação: APA Sul-RMBH; PARNA da Serra do Cipó; RPPN Santuário da Serra do Caraça.



FAMÍLIA: ECHIMYIDAE

Trinomys paratus (Moojen, 1948)

AUTORES(AS): Monira Bruno Bicalho, Eline Martins, Karlo Guidoni e Natália L. Boroni

INFORMAÇÕES TAXONÔMICAS

Nomes populares: rato-de-espinho

Filo: Chordata

Classe: Mammalia

Ordem: Rodentia

Família: Echimyidae

INFORMAÇÕES GERAIS

Trinomys paratus é um roedor de grande porte com comprimento médio do corpo de 211 mm, cauda bicolor, coberto por espinhos rígidos, variando de tons de canela a café escuro. É encontrado na Mata Atlântica em altitudes de até 600 m, habitando florestas pouco modificadas e ambientes degradados, como florestas úmidas submontanas e de baixada, Restingas e Florestas Semidecíduas (Dalapicolla & Leite 2015; Pessôa *et al.* 2015; ICMBio 2023). A espécie, geograficamente restrita, é considerada localmente abundante, embora não haja informações disponíveis sobre parâmetros populacionais específicos (Patterson 2016; ICMBio 2023).

AVALIAÇÃO DE RISCO DE EXTINÇÃO

Critério: B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii).

Categoria: **EN**

Justificativa: *Trinomys paratus* é um roedor endêmico da Mata Atlântica nos estados de Espírito Santo e Minas Gerais, habitando Florestas Úmidas Densas Submontanas, Florestas de Baixada, Restingas e Florestas Semidecíduas. Na bacia do rio Doce, sua Extensão de Ocorrência (EOO) é de 1.809 km², com Área de Ocupação (AOO) de 12 km² e três localizações condicionadas a ameaças. Apesar de não ser citada como ocorrendo na calha do Rio Doce, o rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou de forma distinta os locais de ocorrência da espécie, podendo ter resultado em perda e alterações no habitat, mudanças na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos. Além disso, cerca de 92% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens e mosaico de usos. Diante desse

cenário, infere-se declínio contínuo de EOO, AOO e qualidade de habitat. Como resultado, a espécie foi avaliada como "Em Perigo (EN)" na bacia do rio Doce. Não há informações disponíveis sobre migração significativa de populações de fora para a bacia do rio Doce; portanto, a categoria aplicada é mantida.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Presença em outras avaliações de risco de extinção:

Global: DD (IUCN 2023).

Nacional: LC (ICMBio 2023b).

Minas Gerais: LC (COPAM 2010).

PATs/PANs: PAN Mamíferos da Mata Atlântica Central (Escarlate-Tavares *et al.* 2016).

CITES: Não consta.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

O habitat da espécie tem sido frequentemente transformado em áreas de agricultura e pecuária (Patterson 2016). Atualmente, cerca de 85% da EOO da espécie foram convertidas em pastagens, 7% em mosaico de usos e 1% em áreas urbanizadas. Apesar de não ser citada como ocorrendo na calha do rio Doce (Golder Associates 2016), o rompimento da barragem de Fundão provavelmente impactou de forma diferenciada os locais de ocorrência da espécie, podendo ter resultado em perda e alterações no habitat, mudanças na conectividade da paisagem e mortalidade direta de indivíduos por inundação e deposição de rejeitos.

PESQUISAS RECOMENDADAS

A ecologia e história natural de *Trinomys paratus* são pouco conhecidas, tornando necessário aumentar o esforço amostral na área de ocorrência da espécie, a fim de obter mais informações sobre sua população, distribuição e história natural (Pessôa *et al.* 2015; Patterson 2016).

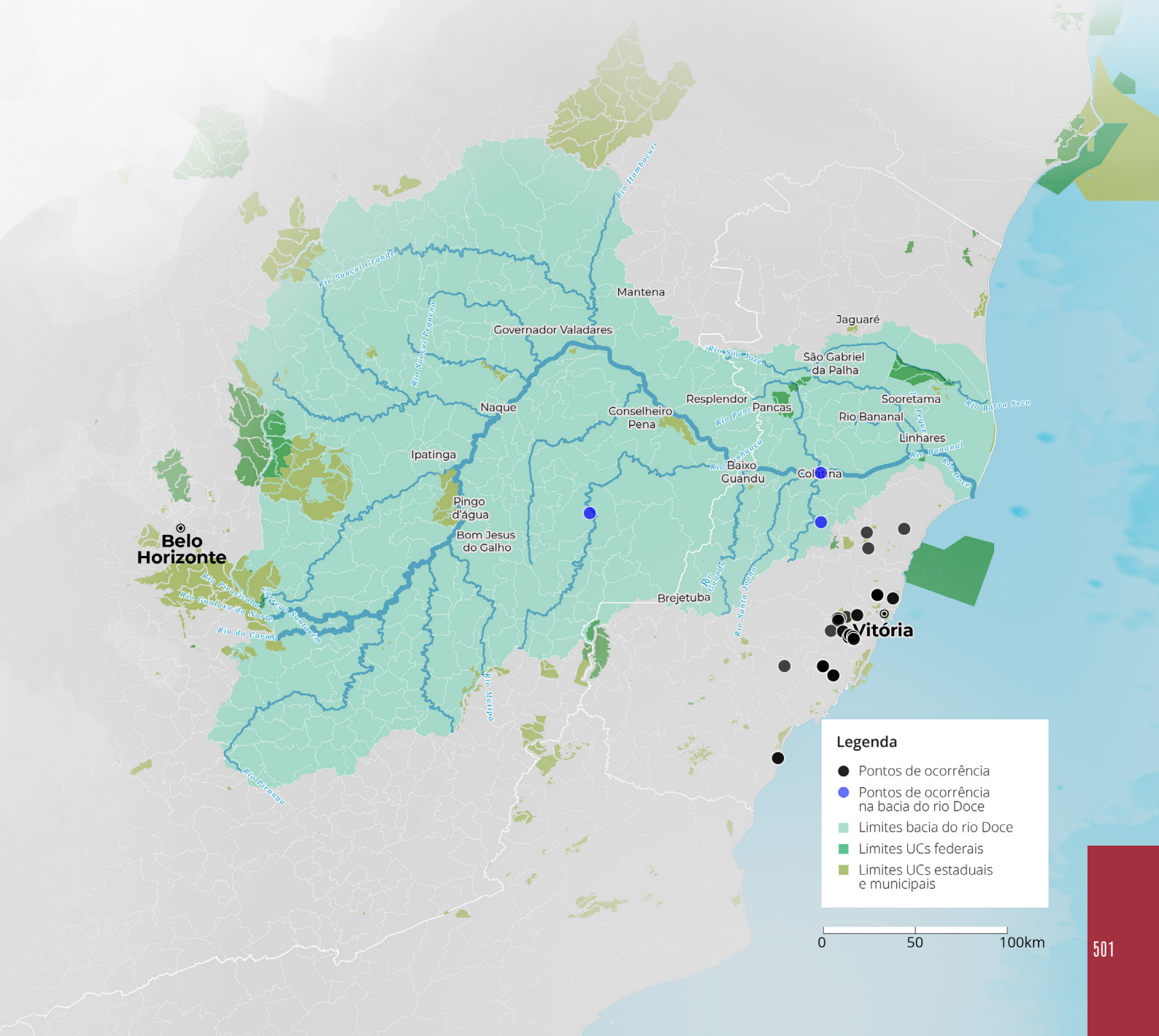
DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Trinomys paratus é uma espécie endêmica do Brasil, encontrada na região sudeste da Mata Atlântica nos estados de Espírito Santo e Minas Gerais. Na bacia do rio Doce, a espécie foi registrada na Estação Biológica de Caratinga, em Caratinga, Minas Gerais, e áreas ao sul do rio Doce no Espírito Santo (Lara & Patton 2000; Tavares & Pessôa 2010; Pessôa *et al.* 2015; ICMBio 2023).

MAPA DE OCORRÊNCIA *Trinomys paratus:*

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA BACIA DO RIO DOCE

Não há registros da espécie em unidades de conservação.



Referências das espécies da fauna

Abba, A.M., Tognelli, M.F., Seitz, V.P., Bender, J.B. & Vizcaíno, S.F. (2012). Distribution of extant xenarthrans (Mammalia: Xenarthra) in Argentina using species distribution models. *Mammalia: International Journal of the Systematics, Biology & Ecology of Mammals*, 76.

Acosta, L.E., Garbino, G.S., Gasparini, G.M. & Dutra, R.P. (2020). Unraveling the nomenclatural puzzle of the collared and white-lipped peccaries (Mammalia, Cetartiodactyla, Tayassuidae). *Zootaxa*, 4851, zootaxa–4851.

Adams, K. (2011). Great Potoo (Nyctibius grandis). Em: *Birds of the World* (org. Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Aguiar, L.M.S., Camargo, W.R. & Portella, A.S. (2006). Occurrence of white-winged vampire bat, Diaemus youngi (Mammalia, Chiroptera), in the Cerrado of Distrito Federal, Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 23, 893–896.

Aguiar, L.M.S., Zortea, M. & Taddei, V.A. (1995). New records of bats for the Brazilian Atlantic Forest. *Mammalia*, 59, 667–671.

Aguirre, A.C. (1971). O Mono Brachyteles arachnoides (E. Geoffroy). Situação atual da espécie no Brasil. *Academia Brasileira de Ciências*, 53.

Albuquerque, P.V., Santos, F.C., Galvão, A.P.O., Aguiar Júnior, F.C.A., Rosas, E.P., D'Emery, M.B., *et al.* (2016). Morphological analysis of teeth in Bradypus variegatus Schinz, 1825 (Mammalia, Bradypodidae). *Biotemas*, 29, 35–40.

Almeida, A.P., Gasparini, J.L., Abe, A.S., Argolo, A.J.S., Batistotte, C., Fernandes, R., *et al.* (2007). Os répteis ameaçados de extinção no Estado do Espírito Santo. Em: *Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção no Estado do Espírito Santo* (orgs. Passamani, M. & Mendes, S.L.). IPEMA, Vitória, p. 65–74.

Almeida, L.B., Queirolo, D., Beisiegel, B.M. & Oliveira, T.G. (2013). Avaliação do estado de conservação do gato-mourisco (Puma yagouaroundi) no Brasil. *Biodiversidade Brasileira*, 3, 99–106.

Almeida, M.A.B., Santos, E., Cardoso, J.C., Fonseca, D.F., Noll, C.A., Silveira, V.R., *et al.* (2012). Yellow fever outbreak affecting Alouatta populations in southern Brazil (Rio Grande do Sul State), 2008–2009. *American Journal of Primatology*, 74, 68–76.

Alvarado, E.V. & Mora, J.M. (2023). A noteworthy new record of Gray-bellied Hawk, Accipiter poliogaster (Temmink, 1824) (Accipitiformes, Accipitridae), in the lowlands of northern Costa Rica. *Check List*, 19, 7–11.

Amaral, F. & Silveira, L. (2004). Tinamus solitarius pernambucensis Berla, 1946 é sinônimo de Tinamus solitarius (Vieillot, 1819). *Ararajuba*, 12, 33–41.

Anacleto, T.C.S., Miranda, F., Medri, I.M., Cuellar, E., Abba, A. & Superina, M. (2014). *Priodontes maximus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2014: e.T18144A47442343.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2014-1.RLTS.T18144A47442343.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Andrade, A.C., Medeiros, S. & Chiarello, A.G. (2020). City sloths and marmosets in Atlantic forest fragments with contrasting levels of anthropogenic disturbance. *Mammal Research*, 65, 481–491.

Arasaki, M.O., Campos, J.V., Faresin, C.E. & Vidotto-Magnoni, A.P. (2023). Interspecific association between two primate species in an urban park. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, 44, 137–144.

Araújo, H.F.P., Sousa, A.E.B.A., Santos, C.G.M., Lima, D.M., Nunes, F.P., Aguilar, J.M.R., *et al.* (2023a). *Nyctidromus hirundinaceus Spix, 1825*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20019. Acesso em 11 de abril de 2023.

Araújo, H.F.P., Sousa, A.E.B.A., Santos, C.G.M., Lima, D.M., Nunes, F.P., Aguilar, J.M.R., *et al.* (2023b). *Odontophorus capueira Spix, 1825*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20021. Acesso em 11 de abril de 2023.

Areta, J.I., Bodrati, A. & Cockle, K. (2009). Specialization on Guadua bamboo seeds by three bird species in the Atlantic Forest of Argentina. *Biotropica*, 41, 66–73.

Argôlo, A.J.S., Reis Dias, E.J., Freitas, M.A., Frederico, C., Rocha, D., Dias, I.R., *et al.* (2018). Mata Atlântica da Bahia: Herpetofauna Ameaçada e Estratégias de Conservação. Em: *Plano de Ação Nacional para a Conservação da Herpetofauna Ameaçada da Mata Atlântica Nordestina* (orgs. Abrahão, C.R., Moura, G.J.B., Freitas, M.A. & Escarlate-Tavares, F.). ICMBio, Brasília, p. 23.

Azevedo, F.C., Saranholi, B.H., Dias, D.M., Eizirik, E., Mazim, F.D., Abra, F.D., *et al.* (2023). *Puma concolor (Linnaeus, 1771)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.14019.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Azevedo, T.T.H. & Nogueira, F.F.H. (2021). The first report of Melipona (Michmelia) rufiventris Lepeletier, 1836 in the municipality of Sacramento, Minas Gerais, Brazil. *Revista de Biologia Neotropical*, 18, 26–30.

Baker, A.J., Whitacre, D.F., Aguirre-Barrera, O.A. & White, C.M. (2000). The Orange-breasted Falcon Falco deiroleucus in Mesoamerica: a vulnerable, disjunct population? *Bird Conservation International*, 10, 29–40.

Baptista, L.F., Trail, P.W., Horblit, H.M., Kirwan, G.M. & Sharpe, C.J. (2020a). Purple-winged Ground Dove (Paraclaravis geoffroyi), version 1.0. Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Baptista, L.F., Trail, P.W., Horblit, H.M., Sharpe, C.J., Boesman, P.F.D. & Garcia, E.F.J. (2020b). Quail-Dove (Geotrygon violacea), version 1.0. Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E. de). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Barquez, R., Perez, S., Miller, B. & Diaz, M. (2015). *Diaemus youngi*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T6520A21982777*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T6520A21982777.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bechara, I.M. (2012). *Abordagens metodológicas em Biogeografia da Conservação para avaliar risco de extinção de espécies: um estudo de caso com Callithrix aurita (Primates: Callitrichidae)*. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Bergallo, H. & Percequillo, A. (2019). *Rhagomys rufescens*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2019: e. T19454A22353755*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2019-1.RLTS.T19454A22353755.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bernard, E., Gama, A.R., Gomes, A.M.E., Santos, C.L.C., Fischer, E.A., Schmidt, E.D.J.C., *et al.* (2018a). *Lampronycteris brachyotis (Dobson, 1879)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20458. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bernard, E., Gama, A.R., Gomes, A.M.E., Santos, C.L.C., Fischer, E.A., Schmidt, E.D.J.C., *et al.* (2018b). *Micronycteris hirsuta (Peters, 1869)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20480. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bernard, E., Gama, A.R., Gomes, A.M.E., Santos, C.L.C., Fischer, E.A., Schmidt, E.J.C., *et al.* (2023a). *Dryadonycteris capixaba Nogueira, Lima, Peracchi e Simmons, 2012*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20431. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bernard, E., Gama, A.R., Gomes, A.M.E., Santos, C.L.C., Fischer, E.A., Schmidt, E.J.C., *et al.* (2023b). *Glyphonycteris sylvestris Thomas, 1896*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20453. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bernard, E., Gama, A.R., Gomes, A.M.E., Santos, C.L.C., Fischer, E.A., Schmidt, E.J.C., *et al.* (2023c). *Lonchorhina aurita Tomes, 1863*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20472.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bernard, E., Gama, A.R., Gomes, A.M.E., Santos, C.L.C., Fischer, E.A., Schmidt, E.J.C., *et al.* (2023d). *Myotis ruber (É. Geoffroy, 1806)*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20504. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bernard, E., Gama, A.R., Gomes, A.M., Santos, C.L.C., Fischer, E.A., Schmidt, E.J.C., *et al.* (2023e). *Diaemus youngii (Jentink, 1893)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20425. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bernarde, P.S., Pucca, M.B., Mota-da-Silva, A., Fonseca, W.L., Almeida, M.R.N., Oliveira, I.S., *et al.* (2021). Bothrops bilineatus: an arboreal Pitviper in the Amazon and Atlantic Forest. *Frontiers in Immunology*, 12, 778302.

Bernardo, C.S.S. (2010). *Reintrodução de mutuns-do sudeste Cra blumenbachii (Cracidade) na Mata Atlântica da Reserva Ecológica de Guapiaçu (Cachoeiras de Macacu, RJ, Brasil)*. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Zoologia) - Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista.

Bernardo, C.S.S., Rubim, P., Bueno, R.S., Begotti, R.A., Meirelles, F., Donatti, C.I., *et al.* (2011). Density Estimates of the Black-Fronted Piping Guan in the Brazilian Atlantic Rainforest. *The Wilson Journal of Ornithology*, 123, 690–698.

Bérnils, R.S., Castro, T.M., Almeida, A.P., Argôlo, A.J.S., Costa, H.C., Oliveira, J.C.F., *et al.* (2019). Répteis ameaçados de extinção no estado do Espírito Santo. Em: *Fauna e Flora ameaçadas de extinção no estado do Espírito Santo* (orgs. Fraga, C.N., Formigoni, M.H. & Chaves, F.G.). Instituto Nacional da Mata Atlântica, Santa Teresa, p. 270–293.

Berry, R.B., Benkman, C.W., Muela, A., Seminario, Y. & Curti, M. (2010). Isolation and Decline of a Population of the Orange-Breasted Falcon. *The Condor*, 112, 479–489.

Bezerra, B.M., Souto, A.S., Halsey, L.G. & Schiel, N. (2008). Observation of brown-throated three-toed sloths: Mating behaviour and the simultaneous nurturing of two young. *Journal of Ethology*, 26, 175–178.

Bezerra, D.O., Lucena, L.R.R., Duffield, G.E., Acri, D.J. & Pontes, A.R.M. (2020). Activity pattern, budget and diurnal rhythmicity of the brown-throated three-toed sloth (Bradypus variegatus) in northeastern Brazil. *Mammalian Biology*, 100, 337–353.

Bianchi, R. de C., Rosa, A.F., Gatti, A. & Mendes, S.L. (2011). Diet of margay, Leopardus wiedii, and jaguarundi, Puma yagouaroundi, (Carnivora: Felidae) in Atlantic rainforest, Brazil. *Zoologia (Curitiba)*, 28, 127–132.

Bierregaard, R.O., G. M. Kirwan & Christie, D.A. (2020a). Long-winged Harrier (Circus buffoni). Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Bierregaard, R.O., G. M. Kirwan & Christie, D.A. (2020b). White-necked Hawk (Buteogallus lacernulatus). Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Bierregaard, R.O., Kirwan, G.M. & Christie, D.A. (2020c). Gray-bellied Hawk (Accipiter poliogaster). Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Bird, J.P., Buchanan, G.M., Lees, A.C., Clay, R.P., Develey, P.F., Yépez, I., *et al.* (2011). Integrating spatially explicit habitat projections into extinction risk assessments: a reassessment of Amazonian avifauna incorporating projected deforestation. *Diversity and Distributions*, 18, 273–281.

Bird, J.P., Martin, R., Akçakaya, H.R., Gilroy, J., Burfield, I.J., Garnett, S.T., *et al.* (2020). Generation lengths of the world's birds and their implications for extinction risk. *Conservation Biology*, 34, 1252–1261.

BirdLife International. (2016a). *Chelidoptera tenebrosa*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e. T22682337A92941971*. Disponível em: http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016- 3.RLTS.T22682337A92941971.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2016b). *Ciccaba huhula*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T22689144A93219904.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22689144A93219904.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2016c). *Crax blumenbachii*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e. T22678544A92777952.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22678544A92777952.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2016d). *Crypturellus noctivagus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e. T22678217A92761578*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22678217A92761578.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2016e). *Crypturellus variegatus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e. T22678223A92762055*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22678223A92762055.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2016f). *Falco deiroleucus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e. T22696516A93569126.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22696516A93569126.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2016g). *Notharchus swainsoni*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e. T22733165A95055248*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22733165A95055248.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2016h). *Rhytipterna simplex*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e. T22700376A93771755.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22700376A93771755.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2016i). *Scytalopus iraiensis*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e. T22728464A94986972*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22728464A94986972.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2017a). *Machaeropterus regulus (amended version of 2016 assessment)*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T103676093A112280770.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-1.RLTS.T103676093A112280770.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2017b). *Rhynchocyclus olivaceus (amended version of 2016 assessment)*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T103680403A112296505*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-1.RLTS.T103680403A112296505.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2018a). *Claravis geoffroyi (amended version of 2016 assessment)*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2018: e.T22690819A125046717*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22690819A125046717.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2018b). *Glaucidium minutissimum*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2018: e. T22689240A130162980.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2018-2.RLTS.T22689240A130162980.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2018c). *Pipile jacutinga*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2018: e. T22678429A132049346*. Disponível em: https://doi.org/10.2305/iucn.uk.2018-2.rlts.t22678429a132049346.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2018d). *Sclerurus caudacutus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2018: e. T22702972A130280143.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2018-2.RLTS.T22702972A130280143.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2019). *Tinamus solitarius*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2019: e. T22678139A136639334.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2019-3.RLTS.T22678139A136639334.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2020a). *Geotrygon violacea*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2020: e. T22690962A163493772.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2020-3.RLTS.T22690962A163493772.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2020b). *Panyptila cayennensis*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2020: e. T22686759A168014391.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2020-3.RLTS.T22686759A168014391.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2020c). *Pionus reichenowi (amended version of 2017 assessment)*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2020: e.T45429616A176949676*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2020-3.RLTS.T45429616A176949676.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2021a). *Glaucis dohrnii*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e. T22687026A137470206.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-3.RLTS.T22687026A137470206.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2021b). *Neomorphus geoffroyi*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e. T62144610A197316167.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-3.RLTS.T62144610A197316167.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2021c). *Pseudastur polionotus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e. T22695795A201166836.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-3.RLTS.T22695795A201166836.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2022a). *Carpornis melanocephala*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2022: e. T22700736A216947947.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2022-2.RLTS.T22700736A216947947.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2022b). *Species factsheet: Neopelma aurifrons*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/wieds-tyrant-manakin-neopelma-aurifrons. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2022c). *Spizaetus ornatus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2022: e. T22696197A211084620.* Disponível em: https://www.iucnredlist.org/species/22696197/211084620. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023a). *BirdLife International IUCN Red List for birds*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023b). *Species factsheet: Accipiter poliogaster*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/grey-bellied-goshawk-accipiter-poliogaster. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023c). *Species factsheet: Amaurospiza moesta*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/blue-seedeater-amaurospiza-moesta. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023d). *Species factsheet: Anumara forbesi*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/forbess-blackbird-anumara-forbesi. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023e). *Species factsheet: Celeus tinnunculus*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/atlantic-black-breasted-woodpecker-celeus-tinnunculus. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023f). *Species factsheet: Dysithamnus plumbeus*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/plumbeous-antvireo-dysithamnus-plumbeus. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023g). *Species factsheet: Harpia harpyja*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/harpy-eagle-harpia-harpyja. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023h). *Species factsheet: Laniocera hypopyrra*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/cinereous-mourner-laniocera-hypopyrra. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023i). *Species factsheet: Myrmoderus ruficauda*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/scalloped-antbird-myrmoderus-ruficauda. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023j). *Species factsheet: Myrmotherula minor*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/salvadoris-antwren-myrmotherula-minor. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023k). *Species factsheet: Myrmotherula urosticta*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/band-tailed-antwren-myrmotherula-urosticta. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023l). *Species factsheet: Panyptila cayennensis*. *BirdLife species factsheet*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/22686759. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023m). *Species factsheet: Pseudastur polionotus*. *BirdLife species factsheet*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/22695795. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023n). *Species factsheet: Pyrrhura leucotis*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/white-eared-parakeet-pyrrhura-leucotis. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023o). *Species factsheet: Sclerurus caudacutus*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/black-tailed-leaftosser-sclerurus-caudacutus. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023p). *Species factsheet: Scytalopus iraiensis*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/marsh-tapaculo-scytalopus-iraiensis. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023q). *Species factsheet: Spizaetus ornatus*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/ornate-hawk-eagle-spizaetus-ornatus. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023r). *Species factsheet: Sporophila angolensis*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/chestnut-bellied-seed-finch-sporophila-angolensis. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023s). *Species factsheet: Sporophila falcirostris*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/temmincks-seedeater-sporophila-falcirostris. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023t). *Species factsheet: Sporophila frontalis*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/buffy-fronted-seedeater-sporophila-frontalis. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023u). *Species factsheet: Sporophila maximiliani*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/great-billed-seed-finch-sporophila-maximiliani. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023v). *Species factsheet: Thamnomanes caesius*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/cinereous-antshrike-thamnomanes-caesius. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023w). *Species factsheet: Thripophaga macroura*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/striated-softtail-thripophaga-macroura. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023x). *Species factsheet: Touit surdus*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/golden-tailed-parrotlet-touit-surdus. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023y). *Species factsheet: Trogon collaris*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/collared-trogon-trogon-collaris. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023z). *Species factsheet: Turdus fumigatus*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/cocoa-thrush-turdus-fumigatus. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023aa). *Species factsheet: Xipholena atropurpurea*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/white-winged-cotinga-xipholena-atropurpurea. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2023ab). *Species factsheet: Xiphorhynchus guttatus*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/buff-throated-woodcreeper-xiphorhynchus-guttatus. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2024a). *Species factsheet: Circus buffoni*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/long-winged-harrier-circus-buffoni. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2024b). *Species factsheet: Formicarius colma*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/rufous-capped-antthrush-formicarius-colma. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2024c). *Species factsheet: Glaucis dohrnii*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/hook-billed-hermit-glaucis-dohrnii. Acesso em 11 de abril de 2023.

BirdLife International. (2024d). *Species factsheet: Melanerpes flavifrons*. *BirdLife International*. Disponível em: http://datazone.birdlife.org/species/factsheet/yellow-fronted-woodpecker-melanerpes-flavifrons. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bó, M.S., Cicchino, S.M. & Martínez, M.M. (1996). Diet of long-winged harrier (Circus buffoni) in southeastern Buenos Aires Province, Argentina. *Journal of Raptor Research*, 30, 273–239.

Boesing, A.L., Menq, W. & Dos Anjos, L. (2012). First description of the reproductive biology of the Grey-bellied Hawk (Accipiter poliogaster). *The Wilson Journal of Ornithology*, 124, 767–774.

Bonvicino, C.R. (2016). *Oxymycterus dasytrichus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T136813A22378179*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-2.RLTS.T136813A22378179.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Bonvicino, C.R. & Bezerra, A.M.R. (2015a). *Genus Euryzygomatomys Goeldi, 1901*. *Mammals of South America, Volume 2, Rodents*. University of Chicago Press, Chicago; London.

Bonvicino, C.R. & Bezerra, A.M.R. (2015b). *Mammals of South America, Volume 2, Rodents*. University of Chicago Press, Chicago; London.

Bonvicino, C.R., D'Andrea, P.S., Bezerra, A.M.R., Percequillo, A., Portella, A., Christoff, A.U., *et al.* (2018). Chaetomys subspinosus (Olfers, 1818). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 459–462.

Bonvicino, C.R., Oliveira, J.A. & D'Andrea, P.S. (2008). *Guia dos Roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos*. Centro Pan-Americano de Febre Aftosa - OPAS/OMS, Rio de Janeiro.

Bornschein, M.R. & Reinert, B.L. (2000). Aves de três remanescentes florestais do norte do Estado do Paraná, sul do Brasil, com sugestões para a conservação e manejo. *Revista Brasileira de Zoologia*, 17, 615–636.

Braga, C.A.D.C. & Pires, M.R.S. (2012). New distribution reports of Rhagomys rufescens (Rodentia: Sigmodontinae) Thomas, 1886. *Check List*, 8, 557.

Braga, D.C. (2016). *Dieta e áreas de distribuição potencial de Lontra longicaudis (Carnivora: Mustelidae) na porção sul do corredor central da Mata Atlântica, sudeste do Brasil*. Tese (Doutorado de Ecologia de Ecossistemas) - Universidade Vila Velha.

Brasil. (2014). Portaria ICMBio Nº 76, de 27 de junho de 2014. Aprova o Plano de Ação Nacional para Conservação da Onça-parda - PAN Onça-parda, contemplando uma espécie ameaçada de extinção, estabelecendo seu objetivo geral, objetivos específicos, ações, prazo de execução, abrangência e formas de implementação e supervisão. (Processo nº 02070.002648/2010-01). Em: *Diário Oficial da União, Edição 124, Seção 1*. Brasília, p. 8.

Brasil. (2015). Portaria ICMBio Nº 48, de 6 de outubro de 2015. Aprova o Plano de Ação Nacional para Conservação da Herpetofauna Ameaçada da Mata Atlântica da Região Sudeste do Brasil. Em: *Diário Oficial da União, Edição 192, Seção 1*. ICMBio, Brasília, p. 49.

Brasil. (2016). Portaria ICMBio Nº 85, de 24 de agosto de 2016.Aprova o Plano de Ação Nacional para a Conservação da Ariranha, estabelecendo seu objetivo, metas, prazo, abrangência e formas de implementação e supervisão - 2º. Ciclo (Processo Administrativo nº 02070.004196/2010-93). ICMBio. Em: *Diário Oficial da União, Edição 170, Seção 1*. ICMBio, p. 47.

Brasil. (2018). Portaria ICMBio Nº 751, de 27 de agosto de 2018. Aprova o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Sistemas Lacustres e Lagunares do Sul do Brasil – PAN Lagoas do Sul, contemplando 29 táxons da fauna ameaçados de extinção e 133 táxons da flora ameaçados de extinção, estabelecendo seu objetivo geral, objetivos específicos, espécies contempladas, prazo de execução, abrangência e formas de implementação, supervisão e revisão (Processo n° 02032.010059/2016-30). Em: *Diário Oficial da União, Edição 167, Seção 1*. ICMBio; MMA, p. 54.

Brasil. (2022a). Portaria ICMBio Nº 1.145, de 5 de dezembro de 2022. Aprova o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Insetos Polinizadores Ameaçados de Extinção - PAN Insetos Polinizadores, contemplando 56 táxons nacionalmente ameaçados de extinção, estabelecendo seu objetivo geral, objetivos específicos, prazo de execução, formas de implementação, supervisão e revisão. Processo SEI nº 02176.000061/2019-17. Em: *Diário Oficial da União, Edição 230, Seção 1*. ICMBio; MMA, p. 241.

Brasil. (2022b). Portaria ICMBio Nº 493, de 21 de junho de 2022. Aprova o 2º ciclo do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Pequenos Felinos - PAN Pequenos Felinos, contemplando seis táxons nacionalmente ameaçados de extinção, estabelecendo seu objetivo geral, objetivos específicos, prazo de execução, formas de implementação, supervisão e revisão. Processo SEI nº 02068.000061/2019-36. Em: *Diário Oficial da União, Edição 116, Seção 1*. ICMBio; MMA, p. 1–72.

Brasil. (2022c). Portaria MMA Nº 148, de 7 de junho de 2022. Altera os Anexos da Portaria no 443, de 17 de dezembro de 2014, da Portaria no 444, de 17 de dezembro de 2014, e da Portaria no 445, de 17 de dezembro de 2014, referentes à atualização da Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção. Ministério do Meio Ambiente. Em: *Diário Oficial da União, Edição 108, Seção 1*. p. 74–103.

Brasil & MMA. (2015). *Série corredores ecológicos: 12 anos de trabalho pela conservação da biodiversidade animal*. IBAMA; MMA, Brasília.

Bredt, A., Uieda, W. & Magalhães, E.D. (1999). Morcegos cavernícolas da região do Distrito Federal, centro-oeste do Brasil (Mammalia, Chiroptera). *Revista Brasileira de Zoologia*, 16, 731–770.

Brito, D. & Pavan, S. (2016). *Monodelphis scalops*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e. T97249078A97249081*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-2.RLTS.T97249078A97249081.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Brown, G.G., Brant, A., Garcia, L.M.H., Oliveira, M.M., Prado, M.U., Drumond, M.A., *et al.* (2023). *Fimoscolex sporadochaetus Michaelsen, 1918*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.33838.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Brown Jr., K.S. & Freitas, A.V.L. (2008). Heliconius nattereri C. Felder & R. Felder, 1865. Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (orgs. Machado, A.B.M., Drummond, G.M. & Paglia, A.P.). MMA; Fundação Biodiversitas, Brasília, DF; Belo Horizonte, MG.

Cabot, J. (1992). Family Tinamidae. Em: *Handbook of the birds of the world. Ostrich to Ducks* (orgs. J., del H., Elliott, A. & Sargatal, J.). Lynx Edicions, Barcelona, España, p. 112–138.

Cabot, J., Christie, D.A., Jutglar, F. & Sharpe, C.J. (2020a). Yellow-legged Tinamou (Crypturellus noctivagus), version 1.0. Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E. de). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Cabot, J., Jutglar, F. & Sharpe, C. (2020b). Variegated Tinamou (Crypturellus variegatus). Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology.

Camacho, I. (2016). *Pyrrhura leucotis (Kuhl, 1820)*. *WikiAves*. Disponível em: http://www.wikiaves.com/2256299. Acesso em 11 de abril de 2023.

Campos, F.S., Brito, D. & Solé, M. (2013). Threatened Amphibians and Their Conservation Status within the Protected Area Network in Northeastern Brazil. *Journal of Herpetology*, 47, 277–285.

Carder, G., Plese, T., Machado, F., Paterson, S., Matthews, N., McAnea, L., *et al.* (2018). The Impact of "Selfie" Tourism on the Behaviour and Welfare of Brown-Throated Three-Toed Sloths. *Animals*, 8, 216.

Carnaval, A.C.O.Q., Puschendorf, R., Peixoto, O.L., Verdade, V.K. & Rodrigues, M.T. (2006). Amphibian Chytrid Fungus Broadly Distributed in the Brazilian Atlantic Rain Forest. *EcoHealth*, 3, 41–48.

Carter, T.S., Superina, M. & Leslie, D.M. (2016). *Priodontes maximus* (Cingulata: Chlamyphoridae). *Mammalian Species*, 48, 21–34.

Carvalho, A.H. (2017). *Evolução molecular e cariotípica em Rhipidomys Tschudi, 1845 (Cricetidae, Rodentia)*. Tese (Doutorado em Biologia Animal) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

Cäsar, C., Oliveira, L.C. & Câmara, T. (2019). Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce. Instituto de Pesquisa Bicho do Mato/ Fundação RENOVA, p. 1–282.

Caso, A. (2013). *Spatial differences and local avoidance of ocelot (Leopardus pardalis) and jaguarundi (Puma yagouaroundi) in northeast Mexico*. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Texas A&M University-Kingsville; ProQuest LLC.

Caso, A., Oliveira, T. & Carvajal, S.V. (2015). *Herpailurus yagouaroundi*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T9948A50653167*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-2.RLTS.T9948A50653167.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Castro, T.M. & Silva-Soares, T. (2016). *Répteis da restinga do Parque Estadual Paulo César Vinha: Guarapari, Espírito Santo, Sudeste do Brasil*. 1ª edição. Centro Universitário São Camilo, São Camilo.

Catzeflis, F., Patton, J., Percequillo, A., Bonvicino, C.R. & Weksler, M. (2017). *Chaetomys subspinosus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T4366A22213335*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-2.RLTS.T4366A22213335.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Catzeflis, F., Patton, J., Percequillo, A. & Weksler, M. (2016a). *Euryzygomatomys spinosus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T8418A22205855*. Disponível em: http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T8418A12911004.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Catzeflis, F., Patton, J., Percequillo, A. & Weksler, M. (2016b). *Kannabateomys amblyonyx*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T8418A22205855*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-2.RLTS.T10957A22205666.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Cavarzere, V., Albano, C., Tonetti, V.R., Pacheco, J.F., Whitney, B.M. & Silveira, L.F. (2019). An overlooked hotspot for birds in the Atlantic Forest. *Papéis Avulsos de Zoologia*, 59, e20195905.

CEMAVE. (2018a). Cotinga maculata (Statius Muller, 1776). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 505–507.

CEMAVE. (2018b). Glaucis dohrnii (Bourcier & Mulsant, 1852). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 194–196.

CEMAVE. (2018c). Thamnomanes caesius caesius (Temminck, 1820). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 328–332.

Chaves, Ó.M., Souza Júnior, J.C., Buss, G., Hirano, Z.M.B., Jardim, M.M.A., Amaral, E.L.S., *et al.* (2022). Wildlife is imperiled in peri-urban landscapes: threats to arboreal mammals. *Science of The Total Environment*, 821, 152883.

Chebez, J.C. (1990). Nuestras aves amenazadas. 22. El macuco (Tinamus solitarius). *Nuestras aves*, 8, 5–8.

Cheida, C.C., Nakano-Oliveira, E., Fusco-Costa, R., Rocha-Mendes, F. & Quadros, J. (2006). Ordem Carnivora. Em: *Mamíferos do Brasil.* (orgs. Reis, N.R., Peracchi, A.L., Pedro, W.A. & Lima, I.P.).

Cherem, J.J., Graipel, M.E., Tortato, M.A., Althoff, S.L., Brüggemann, F., Matos, J.Z., *et al.* (2011). Mastofauna terrestre do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, Estado de Santa Catarina, sul do Brasil. *Biotemas*, 24, 73.

Chiarello, A.G. (1998). Diet of the Atlantic forest maned sloth *Bradypus torquatus* (Xenarthra: Bradypodidae). *Journal of Zoology*, 246, 11–19.

Chiarello, A.G. (1999). Effects of fragmentation of the Atlantic forest on mammal communities in south-eastern Brazil. *Biological conservation*, 89, 71–82.

Chiarello, A.G. (2008). Sloth ecology. An overview of field studies. Em: *The biology of the Xenarthra* (orgs. Vizcaıno, S.F. & Loughry, W.J.). University Press of Florida, Gainesville.

Chiarello, A.G., Miranda, F.R., Xavier, G.A.A., Moraes-Barros, N. & Vaz, S.M. (2018a). Bradypus torquatus Illiger, 1811. Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos.* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 34–40.

Chiarello, A.G., Röhe, F., Miranda, F.R., Mourão, G.M., Silva, K.F.M., Vaz, S.M., *et al.* (2018b). Priodontes maximus (Kerr, 1792). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 47–53.

Chiarello, A., Santos, P., Moraes-Barros, N. & Miranda, F. (2022). *Bradypus torquatus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2022: e.T3036A210442361*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2022-2.RLTS.T3036A210442361.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

CITES. (2022). Appendices I, II and III. Valid from 22 june 2022.

Cliffe, R.N., Haupt, R.J., Avey-Arroyo, J.A. & Wilson, R.P. (2015). Sloths like it hot: ambient temperature modulates food intake in the brown-throated sloth (Bradypus variegatus). *PeerJ*, 3, e875.

Coimbra-Filho, A.F. (1981). Callithrix flaviceps (Thomas, 1903) recorded from Minas Gerais, Brazil (Callitrichidae, Primates). *Rev. Brasil. Biol.*, 41, 141–147.

Coimbra-Filho, A.F. (1986). Sagüi-da-serra Callithrix flaviceps (Thomas, 1903). *FBCN/Inf.*, 10, 3.

Collar, N., del Hoyo, J., Bonan, A., Kirwan, G.M., Boesman, P.F.D. & Sharpe, C.J. (2022). Blue-headed Parrot (Pionus menstruus). Em: *Birds of the World* (org. Keeney, B.K.). Cornell Lab of Ornithology.

Collar, N., Kirwan, G.M. & Boesman, P.F.D. (2020a). Golden-tailed Parrotlet (Touit surdus), version 1.0. Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Collar, N., Kirwan, G.M. & Sharpe, C. (2020b). Maroon-faced Parakeet (Pyrrhura leucotis). Em: *Birds of the World* (orgs. Billerman, S.M., Keeney, B.K., Rodewald, P.G. & Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Colli, G.R., Fenker, J., Tedeschi, L., Bataus, Y.S.L., Uhlig, V.M., Silveira, A.L., *et al.* (2018a). Ameivula nativo (Rocha, Bergallo & Peccinini-Seale, 1997). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume IV – Répteis* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília.

Colli, G.R., Fenker, J., Tedeschi, L., Bataus, Y.S.L., Uhlig, V.M., Silveira, A.L., *et al.* (2018b). Amphisbaena nigricauda Gans, 1966. Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume IV – Répteis* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília.

COPAM. (2010). Deliberação Normativa no 147, de 30 de abril de 2010: Aprova a Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna do Estado de Minas Gerais. Diário do Executivo do Estado de Minas Gerais: Diário do Executivo, 04/05/2010.

Corrêa, A.H. (2016). *Taxonomia e distribuição geográfica dos representantes do gênero Pulsatrix Kaup, 1848 (Aves: Strigidae)*. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.

Costa, F.J.V., Ribeiro, R.E., De Souza, C.A. & Navarro, R.D. (2018). Espécies de Aves Traficadas no Brasil. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 7, 324–346.

Costa, S.F. (2009). *Ecologia reprodutiva e análise de viabilidade de uma população do cágado Hydromedusa maximiliani (Testudines, Chelidae) no Parque Estadual Carlos Botelho, SP*. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agroecossistemas) - Ecologia de Agroecossistemas, Universidade de São Paulo, Piracicaba.

Costa, S.M. & Dias, E.J.R. (2019). Comportamento territorial, vocalização e biologia reprodutiva de Allobates olfersioides (Anura: Aromobatidae). *Iheringia. Série Zoologia*, 109, e2019031.

Costa-Braga, D., Rossi, J.L. & Srbek-Araujo, A.C. (2019). Exotic species as the main prey items of the Neotropical otter in the Atlantic Forest, southeastern Brazil. *Tropical Ecology*, 60, 30–40.

Cruz, P., De Angelo, C., Martínez, J.P., Iezzi, M.E., Varela, D., Di Bitetti, M.S., *et al.* (2019). Cats under cover: Habitat models indicate a high dependency on woodlands by Atlantic Forest felids. *Biotropica*, 51, 266–278.

Cunha, O.R. (1961). Lacertílios da Amazônia II: Os lagartos da Amazônia brasileira, com especial referência aos representados na Coleção do Museu Goeldi. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 39, 3–189.

Curbani, F., Zocca, C., Ferreira, R.B., Waichert, C., Sobrinho, T.G. & Srbek-Araujo, A.C. (2021). Litter Surface Temperature: A Driving Factor Affecting Foraging Activity in Dinoponera lucida (Hymenoptera: Formicidae). *Sociobiology*, 68.

Dalapicolla, J. & Leite, Y.L.R. (2015). Taxonomic implications of morphological variation in three species of Trinomys (Rodentia: Echimyidae) from eastern Brazil. *Zootaxa*, 3919, 61–80.

Davis, D.E. (1947). *Notes on the life histories of some Brazilian mammals*. Museu Nacional.

De Almeida, A.C.C. (2021). Avifauna no Refúgio de Vida Silvestre Mata do Buraquinho, João Pessoa, Paraíba, Brasil, com notas naturalísticas sobre as espécies ameaçadas. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 8, 37–75.

de la Sancha, N.U., Libardi, G.S. & Pardiñas, U.F.J. (2020). Discovery of a new genus record for Paraguay, the Atlantic Forest endemic rodent *Abrawayaomys* (Cricetidae, Sigmodontinae). *Mammalia*, 84, 366–371.

del Hoyo, J. (1994). Family Cracidae. Em: *Handbook of the Birds of the World. Volume 2: New World Vultures to Guineafowl* (orgs. J., del H., Sargatal, J. & Elliot, A.). Lynx Edicions, p. 310–363.

del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J. & Cabot, J. (1994). *Handbook of the birds of the world*. Lynx Editions, Barcelona.

del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E. (2019). *Handbook of the Birds of the World Alive*. Lynx Edicions, Barcelona.

Del-Rio, G., Silveira, L.F., Cavarzere, V. & Rêgo, M.A. (2013). A taxonomic review of the Golden-green Woodpecker, Piculus chrysochloros (Aves: Picidae) reveals the existence of six valid taxa. *Zootaxa*, 3626, 531–542.

Desbiez, A.L.J., Keuroghlian, A., Beisiegel, B.M., Medici, E.P., Gatti, A., Pontes, A.R.M., *et al.* (2012). Avaliação do risco de extinção do cateto Pecari tajacu Linnaeus, 1758, no Brasil. *Biodiversidade Brasileira*, 74–83.

Desbiez, A.L.J. & Kluyber, D. (2013). The Role of Giant Armadillos (Priodontes maximus) as Physical Ecosystem Engineers. *Biotropica*, 45, 537–540.

Desbiez, A.L.J., Kluyber, D., Massocato, G.F., Oliveira-Santos, L.G.R. & Attias, N. (2020). Spatial ecology of the giant armadillo Priodontes maximus in Midwestern Brazil. *Journal of Mammalogy*, 101, 151–163.

Di Bitetti, M.S., De Angelo, C.D., Di Blanco, Y.E. & Paviolo, A. (2010). Niche partitioning and species coexistence in a Neotropical felid assemblage. *Acta Oecologica*, 36, 403–412.

Dias, A.M. & Lattke, J.E. (2021). Large ants are not easy – the taxonomy of Dinoponera Roger (Hymenoptera: Formicidae: Ponerinae). *European Journal of Taxonomy*, 784, 1–66.

Dias, B.B., Santos, L.A.D., Lara-Ruiz, P., Cassano, C.R., Pinder, L. & Chiarello, A.G. (2009). First observation on mating and reproductive seasonality in maned sloths Bradypus torquatus (Pilosa: Bradypodidae). *Journal of Ethology*, 27, 97–103.

Dias, E.J.R. & Rocha, C.F.D. (2005). Os Répteis nas Restingas do estado da Bahia: Pesquisa e Ações para sua Conservação. *Instituto Biomas Rio de Janeiro - RJ*, 34.

Dias, L.C.S., Bernardo, C.S.S. & Srbek-Araujo, A.C. (2016). Daily and Seasonal Activity Patterns of the Solitary Tinamou (*Tinamus solitarius*) in the Atlantic Forest of Southeastern Brazil. *The Wilson Journal of Ornithology*, 128, 885–894.

Dias, L.G., Feio, R.N. & Santos, P.S. (2008). New record of Bothriopsis bilineata (Wied, 1825) (Serpentes, Viperidae) in the Atlantic Forest of Minas Gerais, with a discussion on its conservation. *Lundiana*, 9, 75–76.

Dickinson, E.C., Remsen Jr., J.V., Cracraft, J., David, N. & Dowsett, R.J. (2013). *Complete Checklist of the Birds of the World, Vol. 1: Non-passerines*. 4. ed. Aves Press, Eastbourne.

Do Amaral, W.N., Antiqueira, L.M.R. & Horbach, M. (2013). Frutificação e ecologia da germinação de Citharexylum myrianthum Cham (Verbenaceae). *Journal of Biotechnology and Biodiversity*, 4, 207–215.

Drummond, G.M. & Fundação Biodiversitas (Orgs.). (2005). *Biodiversidade em Minas Gerais*. 2. ed., [rev. e ampliada]. Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte.

Edmonds, W. & Zidek, J. (2004). Revision of the Neotropical Dung Beetle genus Sulcophanaeus (Scarabaeidae: Scarabaeinae). *Folia Heyrovskyana*, 11, 1–58.

Eisenberg, J.F. & Redford, K.H. (1999). *Mammals of the Neotropics: Volume 3 The Central Neotropics: Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil*. University of Chicago Press, Chicago.

Emmons, L. & Feer, F. (1997). *Neotropical rainforest mammals: a field guide*. University of Chicago Press, Chicago.

Esbérard, C.E.L., Martins, L.F.S., Cruz, R.C., Costa, R.C., Nunes, M.S., Luz, E.M., *et al.* (1998). Aspectos da biologia de Lonchorhina aurita no Estado do Rio de Janeiro (Mammalia: Chiroptera: Phyllostomidae). *Bioikos*, 10, 46–49.

Esbérard, C.E.L., Motta, J.A. & Perigo, C. (2005). Morcegos cavernícolas da Área de Proteção Ambiental (APA) Nascentes do Rio vermelho, Goiás. *Revista brasileira de Zoociências*, 7.

Escarlate-Tavares, F., Valença-Montenegro, M.M. & Jerusalinsky, L. (Orgs.). (2016). *Plano de Ação Nacional para Conservação dos Mamíferos da Mata Atlântica Central*. Série Espécies Ameaçadas Nº 23. ICMBio, Brasília.

Espinosa, D., Tschapka, M., Aguirre, L., Dumont, E., Rodriguez-Duran, A., Arroyo-Cabrales, J., *et al.* (2019). Family Phyllostomidae (New World Leaf-nosed Bats). Em: *Handbook of the Mammals of the World* (orgs. Wilson, D. E. & Mittermeier, R. A.). Lynx Edicions in association with Conservation International; IUCN, p. 444–583.

Espírito Santo. (2022). Decreto Nº 5237-R, de 25 de novembro de 2022. Declara as espécies de fauna ameaçadas de extinção no Estado do Espírito Santo e dá outras providências.

Famelli, S., Adriano, L.R., Pinheiro, S.C.P., Souza, F.L. & Bertoluci, J. (2014). Reproductive biology of the freshwater turtle hydromedusa maximiliani (Chelidae) from southeastern Brazil. *Chelonian Conservation and Biology*.

Famelli, S., Souza, F.L., Georges, A. & Bertoluci, J. (2016). Movement patterns and activity of the Brazilian snake-necked turtle Hydromedusa maximiliani (Testudines: Chelidae) in southeastern Brazil. *Amphibia Reptilia*, 37, 215–228.

Faria, D. & Giné, G.A.F. (Orgs.). (2010). *Plano de Ação Nacional para Conservação do Ouriço Preto*. Série Espécies Ameaçadas Nº 17. ICMBio, Brasília.

Faria, L., Carrara, L., Antas, P. & Matos, J. (2016). Avifauna da Reserva Biológica do Córrego do Veado, um dos últimos redutos de Floresta Atlântica de Tabuleiros do Espírito Santo, Brasil. *Cotinga*, 38, 47–59.

Feijó, A. & Langguth, A. (2013). Mamíferos de Médio e Grande Porte do Nordeste do Brasil: Distribuição e taxonomia, com descrição de novas espécies. *Revista Nordestina de Biologia*, 22–222.

Feio, R.N. & Caramaschi, U. (2002). Contribuição ao conhecimento da herpetofauna do nordeste do estado de Minas Gerais, Brasil. *Phyllomedusa: Journal of Herpetology*, 1, 105.

Felix, S., Novaes, R.L.M., Souza, R.F. & Avilla, L.S. (2016). Bat assemblage in a karstic area from northern Brazil: seven new occurrences for Tocantins state, including the first record of Glyphonycteris sylvestris Thomas, 1896 for the Cerrado. *Check List*, 12, 1999–1999.

Ferguson-Lees, J. & Christie, D.A. (2001). *Raptors of the World*. Houghton Mifflin Company, Boston; New York.

Fernandes-Ferreira, H., Mendonça, S.V., Albano, C., Ferreira, F.S. & Alves, R.R.N. (2012). Hunting, use and conservation of birds in Northeast Brazil. *Biodiversity and Conservation*, 21, 221–244.

Ferrari, S.F., Kátia, H., Corrêa, M. & Coutinho, P.E.G. (1996). Ecology of the "Southern" Marmosets (Callithrix aurita and Callithrix flaviceps). Em: *Adaptive Radiations of Neotropical Primates* (orgs. Norconk, M.A., Rosenberger, A.L. & Garber, P.A.). Springer US, Boston, MA, p. 157–171.

Ferreguetti, A.C., Graciano, J.M., Luppi, A.P., Pereira-Ribeiro, J., Rocha, C.F.D. & Bergallo, H.G. (2020). Roadkill of medium to large mammals along a Brazilian road (BR-262) in Southeastern Brazil: spatial distribution and seasonal variation. *Studies on Neotropical Fauna and Environment*, 55, 216–225.

Ferreguetti, Á.C., Pereira-Ribeiro, J., Tomas, W.M., Bergallo, H.G. & Rocha, C.F.D. (2018). Density, habitat use, and activity patterns of a vulnerable population of the Solitary Tinamou (*Tinamus solitarius*) in a Brazilian Atlantic Forest fragment. *Canadian Journal of Zoology*, 96, 245–252.

Ferreira, R.B., Mônico, A.T., Silva, E.T., Lirio, F.C.F., Zocca, C., Mageski, M.M., *et al.* (2019). Amphibians of Santa Teresa, Brazil: the hotspot further evaluated. *ZooKeys*, 857, 139–162.

Firme, D.H. (2016). *Revisão sistemática do gênero Celeus Boie, 1831 (Aves: Piciformes: Picidae)*. Tese (Doutorado em Zoologia) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Fraga, C.N., Formigoni, M. de H. & Chaves, F.G. (2019). *Fauna e flora ameaçadas de extinção no estado do Espírito Santo*. Instituto Nacional da Mata Atlântica, Santa Teresa, ES.

França, F.M., Silva, F.A.B., Souza, J.G.M., Grossi, P.C. & Vaz-de-Mello, F.Z. (2012). New distributional data on Oxysternon pteroderum Nevison, 1892 (Scarabaeidae, Scarabaeinae, Phanaeini) and its possible implications in conservation. *ZooKeys*, 174, 1–6.

Freitas, A.V.L., Brant, A., Rosa, A.H.B., Santos, E.C., Dias, F.M.S., Kaminski, L.A., *et al.* (2023). *Hyalyris leptalina (C. Felder & R. Felder, 1865)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.36542.1. Acesso em 11 de abril de 2023.

Freitas, A.V.L. & Marini-Filho, O.J. (Orgs.). (2011). Plano de Ação Nacional para Conservação dos Lepidópteros Ameaçados de Extinção. Em:, Série Espécies Ameaçadas Nº13. ICMBio, Brasília, p. 1–64.

Freitas, A.V.L., Marini-Filho, O.J., Mielke, O.H.H., Casagrande, M.M., Brown Jr, K.S., Kaminski, L.A., *et al.* (2018). Hyalyris leptalina leptalina (C. Felder & R. Felder, 1865). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume VII - Invertebrados* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 132–134.

Galetti, M., Camargo, H., Siqueira, T., Keuroghlian, A., Donatti, C.I., Jorge, M.L.S., *et al.* (2015). Diet overlap and foraging activity between feral pigs and native peccaries in the Pantanal. *PloS one*, 10, e0141459.

Galetti, M., Martuscelli, P., Olmos, F. & Aleixo, A. (1997). Ecology and conservation of the Jacutinga Pipile jacutinga in the Atlantic forest of Brazil. *Biological Conservation*, 82, 31–39.

Geise, L., Oliveira, M.V.B., Percequillo, A.R., Delciellos, A.C., Oliveira, A.C.M., Bonvicino, C.R., *et al.* (2019). *Monodelphis scalops (Thomas, 1888)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.23238.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Geise, L., Pereira, L.G., Bossi, D.E.P. & Bergallo, H.G. (2004). Pattern of elevational distribution and richness of non volant mammals in Itatiaia National Park and its surroundings, in Southeastern Brazil. *Brazilian Journal of Biology*, 64, 599–612.

Giné, G.A.F., Duarte, J.M.B. & Faria, D. (2010). Feeding ecology of a selective folivore, the thin-spined porcupine (*Chaetomys subspinosus*) in the Atlantic forest. *Journal of Mammalogy*, 91, 931–941.

Giné, G.A.F. & Faria, D. (2018). Combining species distribution modeling and field surveys to reappraise the geographic distribution and conservation status of the threatened thin-spined porcupine (Chaetomys subspinosus). *PLOS ONE*, 13, e0207914.

Giordano, A.J. (2015). Ecology and status of the jaguarundi Puma yagouaroundi: A synthesis of existing knowledge. *Mammal Review*, 46, 30–43.

Golder Associates. (2016). *Avaliação de Impacto Sobre as Espécies Terrestres Ameaçadas de Extinção* (Relatório No. RT-031_159-515-2282_02-J). Golder Associates Brasil Consultoria e Projetos Ltda; Samarco Mineração S.A./Fundação Renova.

Gomes, P.S. (2018). *Piculus polyzonus (Valenciennes, 1826)*. *WikiAves*. Disponível em: http://www.wikiaves.com/3203393. Acesso em 11 de abril de 2023.

Gonçalves, G.L., Faria-Correa, M.A., Cunha, A.S. & Freitas, T.R.O. (2007). Bark consumption by the spiny rat Euryzygomatomys spinosus (G. Fischer) (Echimyidae) on a Pinus taeda Linnaeus (Pinaceae) plantation in South Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 24, 260–263.

Gongora, J., Reyna-Hurtado, R., Beck, H., Taber, A., Altrichter, M. & Keuroghlian, A. (2011). *Pecari tajacu*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2011: e.T41777A10562361*. Disponível em: https://doi.org/10.2305/iucn.uk.2011-2.rlts.t41777a10562361.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Gonzalez-Borrajo, N., López-Bao, J.V. & Palomares, F. (2016). Spatial ecology of jaguars, pumas, and ocelots: a review of the state of knowledge. *Mammal review*, 47, 62–75.

Goodwin, G.G. & Greenhall, A.M. (1961). A review of the Bats of Trinidad and Tobago: descriptions, rabies infection, and ecology. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, 122.

Grantsau, R.K.H. (2010). *Guia completo para a identificação das aves do Brasil. Vol. 1*. 1 edição. Vento Verde.

Greenhall, A.M. & Schutt, W.A. (1996). Diaemus youngi. *Mammalian Species*, 1–7.

Gregorin, R., Moras, L.M., Acosta, L.H., Vasconcellos, K.L., Poma, J.L., Santos, F.R., *et al.* (2016). A new species of Eumops (Chiroptera: Molossidae) from southeastern Brazil and Bolivia. *Mammalian Biology*, 81, 235–246.

Gregorin, R., Vasconcellos, K.L. & Gil, B.B. (2015). Two new range records of bats (Chiroptera: Phyllostomidae) for the Atlantic Forest, eastern Brazil. *Mammalia*, 79, 121–124.

Guedes, T.B., Entiauspe-Neto, O.M. & Costa, H.C. (2023). Lista de répteis do Brasil: atualização de 2022. *Herpetologia Brasileira*, 12, 56–161.

Harris, G. & Pimm, S.L. (2008). Range size and extinction risk in forest birds. *Conservation Biology*, 22, 163–171.

Hayssen, V. (2010). Bradypus variegatus (Pilosa: Bradypodidae). *Mammalian Species*, 42, 19–32.

Hershkovitz, P. (1977). *Living New World Monkeys (Platyrrhini), Volume 1: With an Introduction to Primates*. Living New World Monkeys (Platyrrhini): With an Introduction to Primates. University of Chicago Press.

Hilty, S.L., Ascanio, D. & Whittaker, A. (2013). A New Species of Softtail (Furnariidae: *Thripophaga*) from the Delta of the Orinoco River in Venezuela. *The Condor*, 115, 143–154.

Hinkelmann, C. (1999). Glaucis dohrnii. Em: *Handbook of the Birds of the World, Vol. 5: Barn-owls to Hummingbirds.* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A. & Sargatal, J.). Lynx Edicions, p. 537.

Hirsch, A. (2003). *Avaliação da fragmentação do habitat e seleção de áreas prioritárias para a conservação dos primatas na bacia do rio Doce, Minas Gerais, através da aplicação de um sistema de informações geográficas*. Tese (Doutorado em Ecologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Hirsch, A. & Chiarello, A.G. (2012). The endangered maned sloth Bradypus torquatus of the Brazilian Atlantic forest: a review and update of geographical distribution and habitat preferences: Bradypus torquatus distribution. *Mammal Review*, 42, 35–54.

Holt, D.W., Berkley, R., Deppe, C., Enríquez, P.L., Petersen, J.L., Salazar, J.L.R., *et al.* (2020). Least Pygmy-Owl (Glaucidium minutissimum), version 1.0. Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Holt, D.W., Berkley, R., Deppe, C., Henríquez-Rocha, P.L., Petersen, J.L., Rangel-Salazar, J.L., *et al.* (1999). Family Strigidae: species accounts. Em: *Handbook of the Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A. & Sargatal, J.). Lynx Edicions, p. 152–242.

Holzmann, I., Agostini, I., Areta, J.I., Ferreyra, H., Beldomenico, P. & Di Bitetti, M.S. (2010). Impact of yellow fever outbreaks on two howler monkey species (Alouatta guariba clamitans and A. caraya) in Misiones, Argentina. *American Journal of Primatology: Official Journal of the American Society of Primatologists*, 72, 475–480.

ICMBio. (2008). Plano de ação nacional para a conservação de galliformes ameaçados de extinção (acaruãs, jacus, jacutingas, mutuns e urus). Em:, Séries Ameaçadas Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. ICMBio.

ICMBio. (2012a). Plano de Ação Nacional para a Conservação do Mutum-do-sudeste. Sumário Executivo. ICMBio; MMA, Brasília, p. 1–8.

ICMBio. (2012b). Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Passeriformes Ameaçados dos Campos Sulinos e Espinilho. Sumário Executivo. ICMBio, Brasília, p. 8.

ICMBio. (2012c). Plano de Ação Nacional para Conservação das Espécies Endêmicas Ameaçadas de Extinção da Fauna da Região do Baixo e Médio Xingu. Sumário Executivo. ICMBio; MMA, Brasília, p. 1–8.

ICMBio. (2015a). Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves do Cerrado e Pantanal. Sumário Executivo. ICMBio; MMA, p. 8.

ICMBio. (2015b). Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies Ameaçadas e de Importância Socioeconômica do Ecossistema Manguezal (PAN Manguezal). Sumário Executivo. ICMBio, Brasília, p. 1–9.

ICMBio. (2016). Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Amazônia. {Sumário Executivo}. ICMBio; MMA.

ICMBio. (2017). Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Mata Atlântica, 1 ciclo.

ICMBio. (2018a). Plano de Ação Nacional para a Conservação da Fauna Aquática e Semiaquática da Bacia do Baixo Iguaçu - PAN Baixo Iguaçu. Sumário Executivo. ICMBio, Brasília, p. 1–8.

ICMBio. (2018b). Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Grandes Felinos - 1 Ciclo. {Sumário Executivo}. ICMBio; MMA.

ICMBio. (2018c). Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas da Mata Atlântica e da Preguiça-da-coleira - 1 Ciclo. {Sumário Executivo}. ICMBio; MMA.

ICMBio. (2019a). Plano de Ação Nacional para a Conservação da Herpetofauna Ameaçada da Mata Atlântica da Região Sudeste do Brasil. Sumário Executivo. ICMBio; MMA, Brasília, p. 1–6.

ICMBio. (2019b). Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves da Caatinga 2º Ciclo. Sumário Executivo. ICMBio, Brasília.

ICMBio. (2019c). Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Ungulados, 1 ciclo. {Sumário Executivo}. MMA.

ICMBio. (2019d). Plano de Ação Nacional para Conservação de Mamíferos Aquáticos Amazônicos Ameaçados de Extinção. Sumário Executivo. ICMBio, Brasília, p. 8.

ICMBio. (2021a). Plano de Ação Nacional para Conservação da Herpetofauna da Serra do Espinhaço em Minas Gerais. Sumário Executivo. ICMBio; MMA, p. 1–8.

ICMBio. (2021b). Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves dos Campos Sulinos. Sumário Executivo. ICMBio, Brasília.

ICMBio. (2022a). Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Pequenos Mamíferos de Áreas Florestais. ICMBio.

ICMBio. (2022b). Plano de Ação Nacional para Conservação da Herpetofauna do Nordeste. Sumário Executivo. ICMBio; MMA, Brasília, p. 1–8.

ICMBio. (2023a). Plano de Ação Nacional para a Conservação do Tamanduá-bandeira, Tatu-canastra e Tatu-bola (1º ciclo de gestão). Sumário Executivo. ICMBio; MMA, p. 8.

ICMBio. (2023b). *SALVE*. Disponível em: https://salve.icmbio.gov.br. Acesso em 11 de abril de 2023.

IEF. (2021). Plano de Ação Territorial para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção do Território Espinhaço Mineiro. Sumário Executivo. IEF, Belo Horizonte, p. 27.

IEF. (2023). *Plano de Ação Territorial Capixaba-Gerais*. IEMA; IEF; PróEspécies.

Iliff, M.J. (2020). Ornate Hawk-Eagle (Spizaetus ornatus). Em: *Birds of the World* (org. Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

INEMA & SEMA. (2021). *Plano de Ação Territorial de Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção do Território Chapada Diamantina-Serra da Jiboia (PAT Chapada Diamantina-Serra da Jiboia) - Sumário Executivo*. Salvador.

Iniesta, L.F.M., Ratton, P. & Guerra, T.J. (2017). Avian predators avoid attacking artificial aposematic millipedes in Brazilian Atlantic Forest. *Journal of Tropical Ecology*, 33, 89–93.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (2018a). Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos. Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 622.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (2018b). Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves. Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (2018c). Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume VII - Invertebrados. Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 727.

IUCN. (2023). *The IUCN Red List of Threatened Species. Version 2023-1.* Disponível em: https://www.iucnredlist.org. Acesso em 11 de abril de 2023.

IUCN SSC Amphibian Specialist Group & Instituto Boitatá de Etnobiologia e Conservação da Fauna. (2023). *Dasypops schirchi*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2023: e.T57803A172232060*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2023-1.RLTS.T57803A172232060.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Izecksohn, E. & Carvalho-e-Silva, S.P. (2001). *Anfíbios do Município do Rio de Janeiro*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, RJ.

James, S.W. & Brown, G.G. (2010). Rediscovery of Fimoscolex Sporadochaetus Michaelsen 1918 (clitellata: glossoscolecidae), and considerations on the endemism and diversity of Brazilian earthworms. *ACTA ZOOLÓGICA MEXICANA (N.S.)*, 26, 47–58.

Janzen, D.H. & Pond, C.M. (1976). Food and feeding behavior of a captive Costa Rican least pigmy owl Glaucidium minutissimum rarum Griscom (Aves: Strigidae). *Brenesia (Costa Rica)*, 71–80.

Jaramillo, A., Juana, E. & Kirwan, G.M. (2019). Blue Seedeater (Amaurospiza moesta). Em: *Handbook of the Birds of the World Alive* (orgs. J., del H., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E.). Lynx Edicions, Barcelona.

Jerusalinsky, L., Melo, F.R., Mittermeier, R.A., Quadros, S. & Rylands, A.B. (2020). *Callicebus nigrifrons. The IUCN Red List of Threatened Species 2020: e.T39943A17973667.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2020-3.RLTS.T39943A17973667.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Jerusalinsky, L., Talebi, M., Melo, F.R. & Paglia, A.P. (Orgs.). (2011). *Plano de Ação Nacional para Conservação dos Muriquis*. Série Espécies Ameaçadas Nº11. ICMBio, Brasília.

Jerusalinsky, M., L. & Rylands, A.B. (2020). *Callicebus personatus (amended version of 2020 assessment). The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T3555A191700126*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-1.RLTS.T3555A191700126.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Johnson, W.E., Eizirik, E., Pecon-Slattery, J., Murphy, W.J., Antunes, A., Teeling, E., *et al.* (2006). The late Miocene radiation of modern Felidae: a genetic assessment. *Science*, 311, 73–77.

Kaizer, M., Fabres, B., Aguiar-Silva, F.H., Sanaiotti, T.M., Dias, A.R. & Banhos, A. (2023). The prey of the Harpy Eagle in its last reproductive refuges in the Atlantic Forest. *Scientific Reports*, 13, 18308.

Keesen, F., Nunes, A.V. & Scoss, L.M. (2016). Updated list of mammals of Rio Doce State Park, Minas Gerais, Brazil. *Bol. Mus. Biol. Mello Leitão*, (N. Sér.) 38, 139–162.

Keuroghlian, A., Beisiegel, B.M., Antunes, A., Gatti, A., Pontes, A.R.M., Beisiegel, B.M., *et al.* (2023a). *Pecari tajacu*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.9807.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Keuroghlian, A., Beisiegel, B.M., Antunes, A., Gatti, A., Pontes, A.R.M., Beisiegel, B.M., *et al.* (2023b). *Tayassu pecari (Link, 1795)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.9813.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Keuroghlian, A., Desbiez, A.L.J., Beisiegel, B.M., Medici, E.P. & Gatti, A. et al. (2018). Tayassu pecari (Link, 1795). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos*. (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 88–98.

Keuroghlian, A., Desbiez, A., Reyna-Hurtado, R., Altrichter, M., Beck, H., Taber, A., *et al.* (2013). *Tayassu pecari*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T41778A44051115*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-1.RLTS.T41778A44051115.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Keuroghlian, A. & Eaton, D. (2008). Importance of rare habitats and riparian zones in a tropical forest fragment: preferential use by Tayassu pecari, a wide-ranging frugivore. *Journal of Zoology*, 275, 283–293.

Keuroghlian, A., Eaton, D.P. & Longland, W.S. (2004). Area use by white-lipped and collared peccaries (Tayassu pecari and Tayassu tajacu) in a tropical forest fragment. *Biological Conservation*, 120, 411–425.

Kinzey, W.G. & Becker, M. (1983). Activity pattern of the masked titi monkey, Callicebus personatus. *Primates*, 24, 337–343.

Kirwan, G.M. (2009). Notes on the breeding ecology and seasonality of some Brazilian birds. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 17, 121–136.

Kirwan, G.M., del Hoyo, J., Winkler, H., Christie, D.A., Collar, N., Sharpe, C.J., *et al.* (2022). Ringed Woodpecker (Celeus torquatus), version 2.0. Em: *Birds of the World* (org. Keeney, B.K.). The Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Kitchener, A.C., Breitenmoser-Würsten, C., Eizirik, E., Gentry, A., Werdelin, L., Wilting, A., *et al.* (2017). A revised taxonomy of the Felidae: The final report of the Cat Classification Task Force of the IUCN Cat Specialist Group. *Cat News*.

Kobayashi, S. & Langguth, A. (1999). A new species of titi monkey, Callicebus Thomas, from north-eastern Brazil (Primates, Cebidae). *Revista Brasileira de Zoologia*, 16, 531–551.

Kroodsma, D.E., Brewer, D. & Kirwan, G.M. (2020). Thrush-like Wren (Campylorhynchus turdinus). Em: *Birds of the World* (orgs. Billerman, S.M., Keeney, B.K., Rodewald, P.G. & Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Kuhnen, V.V., De Lima, R.E.M., Santos, J.F. & Machado Filho, L.C.P. (2013). Habitat use and circadian pattern of Solitary Tinamou *Tinamus solitarius* in a southern Brazilian Atlantic rainforest. *Bird Conservation International*, 23, 78–82.

Lara, M.C. & Patton, J.L. (2000). Evolutionary diversification of spiny rats (genus Trinomys, Rodentia: Echimyidae) in the Atlantic Forest of Brazil. *Zoological Journal of the Linnean Society*, 130, 661–686.

Lara-Ruiz, P. & Chiarello, A.G. (2005). Life-history traits and sexual dimorphism of the Atlantic Forest maned sloth Bradypus torquatus (Xenarthra: Bradypodidae). *Journal of Zoology*, 267, 63–73.

Larivière, S. (1999). Lontra longicaudis. *Mammalian Species*, 609, 1–5.

Lassieur, S. & Wilson, D.E. (1989). Lonchorhina aurita. *Mammalian species*, 1–4.

Leal, D.C. & Assis, L.C.Á.R. (2018). Pulsatrix perspicillata pulsatrix (Wied, 1820). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília.

Leal, D.C., Marques, F.P. & Silva, S.B.L. (2018a). Claravis geoffroyi (Temminck, 1811). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 169–172.

Leal, D.C., Marques, F.P. & Silva, S.B.L. (2018b). Nyctibius leucopterus (Wied, 1821). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 189–191.

Leal, E.S.B., Gomes-Silva, F.F., De Queiró Guerra Filho, D., De Azevedo Júnior, S.M., Lyra-Neves, R.M. & Telino-Júnior, W.R. (2018c). Update of the distribution of Lonchorhina aurita (Chiroptera), a vulnerable cave-dwelling bat in Brazil. *Neotropical Biology and Conservation*, 13, 254.

Leite, G.A. (2017). O ninho, ovos e filhotes do surucuá-de-coleira Trogon collaris no rio Juruá, Amazônia. *Cotinga*, 39, 41–42.

Lessa, G., Paschoal, A.M.O., Cäsar, C., Falcão, F., Leal, K.P.G., Oliveira, L. de C., *et al.* (2019). Mamíferos. Em: *Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce*. Fundação Renova/Bicho do Mato Instituto de Pesquisa.

Leuchtenberger, C., Dias, D.M., Abra, F.D., Rodrigues, L.A., Ribeiro, P.F.R. & Rheingantz, M.L. (2023). *Lontra longicaudis (Olfers, 1818)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.14010.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Lima, L.M. (2013). *Aves da Mata Atlântica: riqueza, composição, status, endemismos e conservação*. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.

Lombardi, V.T., Santos, K.K., D'Angelo Neto, S., Mazzoni, L.G., Rennó, B., Faetti, R.G., *et al.* (2012). Registros notáveis de aves para o sul do estado de Minas Gerais, Brasil. *Cotinga*, 34, 32–45.

Loss, A.C., Pacheco, M.A.C., Leite, Y.L.R., Caldara-Junior, V. & Lessa, L.G. (2015). Range extension and first record of Euryzygomatomys spinosus (Rodentia, Echimyidae) in the Brazilian Cerrado. *Check List*, 11, 1742.

Loures-Ribeiro, A., Manhães, M.A. & Dias, M.M. (2011). Sensitivity of understorey bird species in two different successional stages of the lowland Atlantic Forest, Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 83, 973–980.

Lowen, J.C., Baertrina, L., Clay, R.P. & Tobias, J.A. (1996). *Biological surveys and conservation priorities in eastern Paraguay*. CSB Conservation Publications, Cambridge, UK.

Lowen, J.C., Clay, R.P., Brooks, T.M., Esquivel, E.Z., Bartrina, L., Barnes, R., *et al.* (1995). Bird conservation in the Paraguayan Atlantic forest. *Cotinga*, 4, 58–64.

Luna, L., Patton, J.L., Pardiñas, U.F.J. & D'Elía, G. (2015). Genus Rhagomys Thomas, 1886. Em: *Mammals of South America*. University of Chicago Press, p. 580–583.

Luz, J.L., Costa, L. de M., Lourenço, E.C. & Esbérard, C.E.L. (2011). Morcegos (Mammalia, Chiroptera) da Reserva Rio das Pedras, Rio de Janeiro, Sudeste do Brasil. *Biota Neotropica*, 11, 95–101.

Machado, A.B.M., Fonseca, G.A.B., Machado, R.B., Aguiar, L.M.S. & Lins, L.V. (1998). *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção.* Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte.

Machado, P.A.R. (1998). Pyrrhura cruentata. Em: *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais* (orgs. Machado, A.B.M., Fonseca, G.A.B., Machado, R.B., Aguiar, L.M.S. & Lins, L.V.). MMA; Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte, p. 262–264.

Machado, R.B., Silveira, L.F., Silva, M.I.S.G., Ubaid, F.K., Medolago, C.A., Francisco, M.R., *et al.* (2020). Reintroduction of songbirds from captivity: the case of the Great-billed Seed-finch (Sporophila maximiliani) in Brazil. *Biodiversity and Conservation*, 29, 1613–1636.

Maestri, R., Kubiak, B.B., Galiano, D., Freitas, T.R.O. & Marinho, J.R. (2015). New record and distribution extension of the rare Atlantic Forest endemic Abrawayaomys ruschii Cunha & Cruz, 1979 (Rodentia, Sigmodontinae). *Check List*, 11, 1558.

Magalhães, J.C.R. (1994). Sobre alguns Tinamídeos florestais brasileiros. *Boletim Ceo*, 16.

Magioli, M. & Ferraz, K.M.P.M.B. (2021). Deforestation leads to prey shrinkage for an apex predator in a biodiversity hotspot. *Mammal Research*, 66, 245–255.

Mallet-Rodrigues, F. & Pacheco, J.F. (2015). The local conservation status of the regionally rarest bird species in the state of Rio de Janeiro, southeastern Brazil. *Journal of Threatened Taxa*, 7, 7510–7537.

Manhães, M.A. & Loures-Ribeiro, A. (2011). Avifauna da Reserva Biológica Municipal Poço D'Anta, Juiz de Fora, MG. *Biota Neotropica*, 11, 275–286.

Marciente, R. & Calouro, A.M. (2009). Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae, Lampronycteris brachyotis (Dobson, 1879): first record in Acre, Brazil. *Check List*, 5, 886.

Marini, M.A., Lima, D.M., Carvalho, C.B., Ubaid, F.K., Silva, G.B.M., Abreu, T.L.S., *et al.* (2018). *Falco deiroleucus Temminck*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.11727. Acesso em 11 de abril de 2023.

Marini, M.A., Lima, D.M., Carvalho, C.B., Ubaid, F.K., Silva, G.B.M., Abreu, T.L.S., *et al.* (2023a). *Melanerpes flavifrons (Vieillot, 1818)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.18947. Acesso em 11 de abril de 2023.

Marini, M.A., Lima, D.M., Carvalho, C.B., Ubaid, F.K., Silva, G.B.M., Abreu, T.L.S., *et al.* (2023b). *Nyctibius grandis Gmelin, 1789*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.18964. Acesso em 11 de abril de 2023.

Marini, M.A., Lima, D.M., Carvalho, C.B., Ubaid, F.K., Silva, G.B.M., Abreu, T.L.S., *et al.* (2023c). *Urubitinga coronata Vieillot, 1817*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.19738. Acesso em 11 de abril de 2023.

Marini, M., Durães, R., Lopes, L., Fernandes, A. & Carvalho, C. (2003). Rediscovery of the Scalloped-antbird (Myrmeciza ruficauda, Thamnophilidae) at Minas Gerais state, Brazil. *Cotinga*, 19, 59–61.

Marques, F.P., Leal, D.C. & Silva, S.B. de L. (2018a). Neomorphus geoffroyi dulcis Snethlage, 1927. Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 179–181.

Marques, F.P., Silva, S.B. de L. & Leal, D.C. (2018b). Crax blumenbachii Spix, 1825. Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 54–57.

Marques, O.A.V. (2019). *Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para as florestas costeiras do Brasil*. Ponto A.

Martinelli, G. & Moraes, M.A. (2013). *Livro Vermelho da Flora do Brasil*. 1 ed. Andrea Jakobsson: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Martins, F.I. & Souza, F.L. (2008). Estimates of growth of the Atlantic rain forest freshwater turtle Hydromedusa maximiliani (Chelidae). *Journal of Herpetology*, 42, 54–60.

Martins, M. & Marques, O.A.V. (2000). *Lachesis muta ssp. rhombeata*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2000: e. T39903A10281034*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2000.RLTS.T39903A10281034.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Martins, W.P. (2005). *Distribuição Geográfica e Conservação do macaco-prego-de-crista, Cebus robustus (Cebidae, Primates)*. Dissertação (Mestrado em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre) - Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais.

Martins, W.P. (2010). *Densidade Populacional e Ecologia de um grupo macaco-prego-de-crista (Cebus robustus; Kuhl, 1820) na Reserva Natural Vale*. Tese (Doutorado em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre) - Universidade Federal de Minas Gerais.

Martins, W.P., Lynch Alfaro, J. & Rylands, A.B. (2017). Reduced range of the endangered crested capuchin monkey (Sapajus robustus) and a possible hybrid zone with Sapajus nigritus. *American Journal of Primatology*, 79, e22696.

Martins, W.P., Melo, F.R., Kierulff, M.C.M., Mittermeier, R.A., Lynch Alfaro, J.W. & Jerusalinsky, L. (2021). *Sapajus robustus (amended version of 2019 assessment). The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T42697A192592444*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-1.RLTS.T42697A192592444.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Mayen, F. (2003). Haematophagous bats in Brazil, their role in rabies transmission, impact on public health, livestock industry and alternatives to an indiscriminate reduction of bat population. *Journal of Veterinary Medicine, Series B*, 50, 469–472.

Medici, E.P. (2011). Family Tapiridae (Tapirs). Em: *Handbook of the Mammals of the World, Volume 2: Hoofed Mammals* (orgs. Wilson, D.E. & Mittermeier, R.A.). Lynx Edicions, Barcelona.

Medici, E.P., Flesher, K., Beisiegel, B.M., Keuroghlian, A., Desbiez, A.L.J., Gatti, A., *et al.* (2018). Tapirus terrestris (Linnaeus, 1758). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II – Mamíferos* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, p. 59–68.

Medici, E.P., Keuroghlian, A., Antunes, A., Gatti, A., Beisiegel, B., Campos, C.B., *et al.* (2023). *Tapirus terrestris (Linnaeus, 1758). SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.9808. Acesso em 11 de abril de 2023.

Medri, Í.M., Mourão, G.M. & Rodrigues, F.H.G. (2006). Ordem Xenarthra. Em: *Mamíferos do Brasil* (orgs. Reis, N.R., Peracchi, A.L., Pedro, W.A. & Lima, I.P.). Londrina, p. 71–99.

Melo, F.R., Boubli, J.P., Mittermeier, R.A., Jerusalinsky, L., Tabacow, F.P., Ferraz, D.S., *et al.* (2021a). *Brachyteles hypoxanthus (amended version of 2019 assessment). The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T2994A191693399*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-1.RLTS.T2994A191693399.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Melo, F.R., Chiarello, A.G., Faria, M.B., Oliveira, P.A., Freitas, R.L.A., Lima, F.S., *et al.* (2004). Novos Registros de Muriqui-do-Norte (Brachyteles Hypoxanthus) no Vale do Rio Jequitinhonha, Minas Gerais e Bahia. *Neotropical Primates*, 12, 139–143.

Melo, F.R., Ferraz, D.S., Valença-Montenegro, M.M., Carvalho, L.O., Pereira, D.G. & Port-Carvalho, M. (2018a). Callithrix aurita (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1812). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 206–2012.

Melo, F.R., Hilário, R.R., Ferraz, D.S., Pereira, D.G., Bicca-Marques, J.C., Jerusaliunsky, L., *et al.* (2021b). *Callithrix flaviceps (amended version of 2020 assessment). The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T3571A191700879.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-1.RLTS.T3571A191700879.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Melo, F.R., Port-Carvalho, M., Pereira, D.G., Ruiz-Miranda, C.R., Ferraz, D.S., Bicca-Marques, J.C., *et al.* (2021c). *Callithrix aurita (amended version of 2020 assessment). The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T3570A191700629*. Disponível em: http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-1.RLTS.T3570A191700629.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Melo, F.R., Quadros, S. & Jerusalinsky, L. (2015). *Avaliação do Risco de Extinção de Callicebus nigrifrons (Spix, 1823) no Brasil. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira*. ICMBio.

Melo, F.R., Quadros, S., Oliveira, L. de C. & Jerusalinsky, L. (2018b). Callicebus personatus (É. Geoffroy, 1812). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 298–302.

Melo, H.R.S., Silva, A.F.T., Olímpio, A.P.M., Sousa, S.A. & Ubaid, F.K. (2019). Filling the distribution gaps of two species of Accipiter Brisson, 1760 (Aves, Accipitriformes) in northeastern Brazil. *Check List*, 15, 203–207.

Melo, T.N., Jesus, P.D. & Leite, G.A. (2022). First observations of parental care in Screaming Piha Lipaugus vociferans. *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, 142.

Mendes, C.S.L. & Melo, F.R. (2007). Situação atual do sagüi-da-serra (Callithrix flaviceps) em fragmentos florestais na Zona da Mata de Minas Gerais. Em: *A Primatologia no Brasil - 10* (org. Bicca-Marques, J.C.). Porto Alegre, p. 163–180.

Mendes, S.L., Oliveira, M.M., Mittermeier, R.A. & Rylands, A.B. (2008a). *Brachyteles hypoxanthus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2008: e.T2994A9529636.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2008.RLTS.T2994A9529636.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Mendes, S.L., Santos, R.R. & Carmo, L.P. (2008b). Brachyteles hypoxanthus (Kuhl, 1820). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (orgs. Machado, A.B.M., Drummond, G.M. & Paglia, A.P.). MMA; Fundação Biodiversitas, Brasília, DF; Belo Horizonte, MG, p. 907.

Mendes, S., Melo, F., Boubli, J., Dias, L., Strier, K., Pinto, L., *et al.* (2005). Directives for the Conservation of the Northern Muriqui, Brachyteles hypoxanthus (Primates, Atelidae). *Neotropical Primates*, 13, 7–18.

Menezes, V.A. & Rocha, C.F.D. (2013). Geographic distribution, population densities, and issues on conservation of whiptail lizards in restinga habitats along the eastern coast of Brazil. *North-Western Journal of Zoology*, 9, 337–344.

Menezes, V.A., Rocha, C.F.D. & Dutra, G.F. (2004). Reproductive Ecology of the Parthenogenetic Whiptail Lizard Cnemidophorus nativo in a Brazilian Restinga Habitat. *Journal of Herpetology*, 38, 280–282.

Michalski, F. & Peres, C.A. (2005). Anthropogenic determinants of primate and carnivore local extinctions in a fragmented forest landscape of southern Amazonia. *Biological Conservation*, 124, 383–396.

Miranda, E.B.P., Menezes, J.F.S., Farias, C.C.L., Munn, C. & Peres, C.A. (2019). Species distribution modeling reveals strongholds and potential reintroduction areas for the world's largest eagle. *PLOS ONE*, 14, e0216323.

Miranda, E.B.P., Peres, C.A., Marini, M.Â. & Downs, C.T. (2020). Harpy Eagle (Harpia harpyja) nest tree selection: Selective logging in Amazon forest threatens Earth's largest eagle. *Biological Conservation*, 250, 108754.

Miranda, F.R., Garbino, G.S.T., Machado, F.A., Perini, F.A., Santos, F.R. & Casali, D.M. (2023). Taxonomic revision of maned sloths, subgenus Bradypus (Scaeopus), Pilosa, Bradypodidae, with revalidation of Bradypus crinitus Gray, 1850. *Journal of Mammalogy*, 104, 86–103.

Moojen, J., Carvalho, J. & Lopes, H. (1941). Observações sobre o conteúdo gástrico das aves brasileiras. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, 36, 405–444.

Moraes-Barros, N., Chiarello, A., Plese, T., Santos, P., Aliaga-Rossel, E., Borbón, A.A., *et al.* (2022). *Bradypus variegatus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2022: e.T3038A210442893*. Disponível em: https://www.iucnredlist.org/species/3038/210442893. Acesso em 11 de abril de 2023.

Moratelli, R., Burgin, C., Cláudio, V., Novaes, R., López-Baucells, A., Haslauer, R., *et al.* (2019). Family Vespertilionidae (vesper bats). Em: *Handbook of the Mammals of the World – Volume 9* (orgs. Wilson, D.E. & Mittermeier, R.A.). Lynx Edicions, p. 716–982.

Morato, R.G., Beisiegel, B.M., Ramalho, E.E., Campos, C.B. & Boulhosa, R.L.P. (2018). Panthera onca (Linnaeus, 1758). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos.* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 353–357.

Morato, R.G., Saranholi, B.H., Campos, C.B., Dias, D.M., Eizirik, E., Fragoso, C.E., *et al.* (2023). *Panthera onca (Linnaeus, 1758)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.14015.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Moura, G.J.B., Santos, E.M., Andrade, E.V.E. & Freire, E.M.X. (2011). Distribuição geográfica e caracterização ecológica dos anfíbios de Pernambuco. Em: *Herpetologia no estado de Pernambuco* (orgs. Moura, G.J.B., Santos, E.M., Oliveira, M.A. & Cabral, M.C.C.). IBAMA, p. 51–84.

Napoli, M.F., Silva, L.M. & Abreu, R.O. (2017). Anfíbios. Em: *Litoral Norte da Bahia: Caracterização Ambiental, Biodiversidade e Conservação* (orgs. Nunes, J.M.C. & Matos, M.R.). EDUFBA, Salvador, p. 357–392.

Nascimento-Costa, M.C., Oliveira, F.V. & Perini, F.A. (2019). Dryadonycteris capixaba (Chiroptera: Phyllostomidae: Glossophaginae): First record for the cerrado and updated geographic distribution map. *Oecologia Australis*, 23, 657–663.

NATURATINS. (2020). *Plano de Ação Territorial para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção do Território Cerrado Tocantins (PAT Cerrado Tocantins)- Sumário Executivo*. Palmas/TO.

Neam, K.D. & Lacher, T.E. (2018). Multi-scale effects of habitat structure and landscape context on a vertebrate with limited dispersal ability (the brown-throated sloth, Bradypus variegatus). *Biotropica*, 50, 684–693.

Neves, L.G., Jerusalinsky, L., Melo, F.R., Rylands, A.B. & Talebi, M. (2017). Primates in Peril. The World's 25 Most Endangered Primates 2016–2018. Northern brown howler - Alouatta guariba guariba (Humboldt, 1812)). p. 96–99.

Neves, L.G., Jerusalinsky, L., Talebi, M., Mittermeier, R.A., Cortés-Ortiz, L. & Melo, F.R. (2021). *Alouatta guariba ssp. guariba (amended version of 2020 assessment). The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T39917A190420483*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-1.RLTS.T39917A190420483.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Nielsen, T., C. & Lopez-Gonzalez, C.A. (2015). *Puma concolor (errata version published in 2016). The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T18868A97216466*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T18868A50663436.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Nogueira, C.C., Argôlo, A.J.S., Arzamendia, V., Azevedo, J.A., Barbo, F.E., Bérnils, R.S., *et al.* (2019). Atlas of Brazilian Snakes: Verified Point-Locality Maps to Mitigate the Wallacean Shortfall in a Megadiverse Snake Fauna. *South American Journal of Herpetology*, 14, 1.

Nogueira, M.R., Lima, I.P., Peracchi, A.L. & Simmons, N.B. (2012). New genus and species of nectar-feeding bat from the Atlantic Forest of southeastern Brazil (Chiroptera: Phyllostomidae: Glossophaginae). *American Museum Novitates*.

O'Neill, J.P., Lane, D.F. & Naka, L.N. (2011). A Cryptic New Species of Thrush (Turdidae: *Turdus*) from Western Amazonia. *The Condor*, 113, 869–880.

Oliveira, J.A. & Bonvicino, C.R. (2011). Ordem Rodentia. Em: *Mamíferos do Brasil* (orgs. Reis, N.R., Peracchi, A.L. & Lima, W.A.P.I.P.). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, p. 358–415.

Oliveira, J.A., Gonçalves, P.R., Patton, J.L., Pardiñas, U.F.G. & D'Elía, G. (2015a). Genus Oxymycterus Waterhouse, 1837. *Mammals of South America*, 2, 247–268.

Oliveira Junior, P.R.R. (2012). *Monitoramento genético da população ex situ da jacutinga (Aburria jacutinga, Aves, Cracidae) como subsídio para a conservação da espécie*. Dissertação (Mestrado em Diversidade Biológica e Conservação) - Instituto de Biociências, Universidade de Federal de São Carlos, Sorocaba, SP.

Oliveira, M.M., Morato, R.G., Jorge, R.S.P. & Paula, R.C. (2021). Agricultural activities and threat to fauna in Brazil: an analysis of the Red Book of Endangered Brazilian Fauna. *Papéis Avulsos de Zoologia*, 61, e20216193–e20216193.

Oliveira, S.L. & Faria, K. de C. (2015). Extension of the known geographic distribution of Lampronycteris brachyotis (Dobson, 1879) (Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae): first records from the Cerrado of the Brazilian Midwest, in the state of Mato Grosso. *Check List*, 11, 1–4.

Oliveira, T.G. (1994). *Neotropical cats: Ecology and Conservation*. EDUFMA, São Luís.

Oliveira, T.G., Fox-Rosales, L.A., Ramírez-Fernández, J.D., Cepeda-Duque, J.C., Zug, R., Sanchez-Lalinde, C., *et al.* (2024). Ecological modeling, biogeography, and phenotypic analyses setting the tiger cats' hyperdimensional niches reveal a new species. *Scientific Reports*, 14, 2395.

Oliveira, T.G., Mazim, F.D., Guilherme, M.B.F., Silva, R.C. & Tirelli, F.P. (2023). *Leopardus wiedii (Schinz, 1821). SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.14009.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Oliveira, T.G., Tortato, M.A., Silveira, L., Kasper, C.B., Mazim, F.D., Lucherini, M., *et al.* (2010). Ocelot ecology and its effect in the small-felid guild in the lowland Neotropics. Em: *Biology and Conservation of Wild Felids* (orgs. Loveridge, D.W. & Macdonald, A.). Oxford University Press, Oxford., p. 563–584.

Oliveira, T., Paviolo, A., Schipper, J., Bianchi, R. & Payan, E. (2015b). *Leopardus wiedii. The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T11511A50654216*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T11511A50654216.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Oliveira, T., Trigo, T., Tortato, M., Paviolo, A., Bianchi, R. & Leite-Pitman, M.R.P. (2016). *Leopardus guttulus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T54010476A54010576*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-2.RLTS.T54010476A54010576.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Olmos, F., Simpson, J., Silveira, L.F. & Azeredo, R. (Orgs.). (2004). *Plano de Ação para a Conservação do Mutum-do-sudeste Crax blumenbachii*. Série Espécies Ameaçadas Nº1. IBAMA.

Pacheco, J.F., Parrini, R., Fonseca, P.S.M., Whitney, B.M. & Maciel, N.C. (1996). Novos registros de aves para o Estado do Rio de Janeiro: Região Norte. *Atualidades Ornitológicas*, 72.

Pacheco, J.F., Silveira, L.F., Aleixo, A., Agne, C.E., Bencke, G.A., Bravo, G.A., *et al.* (2021). Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee—second edition. *Ornithology Research*, 29, 94–105.

Padrón, D.F., Mebert, K., Pareja-Mejía, D., Bauer, A., Vasconcelos, L.D.F., Correia, D., *et al.* (2023). Living in a mosaic of Brazilian Atlantic Forest and plantations: spatial ecology of five bushmaster *Lachesis muta* (Viperidae Crotalinae). *Ethology Ecology & Evolution*, 35, 530–550.

Paglia, A.P., Fonseca, G.A.B., Rylands, A.B., Herrmann, G., Aguiar, L.M.S., Chiarello, A.G., *et al.* (2012). Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil / Annotated Checklist of Brazilian Mammals. Occasional Papers in Conservation Biology, Nº6. Conservation International, Arlington, p. 1–76.

Pallinger, F. & Menq, W. (2021). *Aves de Rapina do Brasil - Diurnos*. TAXON BRASIL, São Paulo/SP.

Pardiñas, U.F.J., Tinoco, N., Barbière, F., Ronez, C., Cañón, C., Lessa, G., *et al.* (2022). Morphological disparity in a hyperdiverse mammal clade: a new morphotype and tribe of Neotropical cricetids. *Zoological Journal of the Linnean Society*, 196, 1013–1038.

Pardiñas, U., Myers, P., León-Paniagua, L., Ordóñez Garza, N., Cook, J., Kryštufek, B., *et al.* (2017). Family Cricetidae. Em: *Handbook of Mammals of the World, Volume 7, Rodents 2*. Lynx Edicions.

Pardiñas, U., Teta, P. & Percequillo, A. (2016). *Abrawayaomys ruschii*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T47760825A22335735*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-2.RLTS.T47760825A22335735.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Parker III, T.A. & Goerck, J.M. (1997). The importance of national parks and biological reserves to bird conservation in the Atlantic forest region of Brazil. *Ornithological Monographs*, 527–541.

Parker III, T.A., Stotz, D.F. & Fitzpatrick, T.A. (1996). Ecological and distributional databases. Em: *Neotropical birds: ecology and conservation* (orgs. Stotz, D.F., Fitzpatrick, J.W., Parker III, T.A. & Moskovits, D.K.). The University of Chicago Press, Chicago, p. 115–131.

Parreira, D.S., Batista, L.D., Ribeiro, H.C.B. & Coelho, M.P.A. (2020). First Record of Dinoponera lucida (Hymenoptera: Formicidae), in the Northeast Region of the State of Minas Gerais, Brazil. *Ensaios e Ciência C Biológicas Agrárias e da Saúde*, 24, 12–15.

Partners in Flight. (2019). Avian Conservation Assessment Database – Partners in Flight Databases, version 2019.

Patrial, L.W. (2008). *Touit surdus (Kuhl, 1820). WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil*. Disponível em: https://www.wikiaves.com.br/wiki/apuim-de-cauda-amarela. Acesso em 11 de abril de 2023.

Patterson, B. (2016). *Trinomys paratus*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T136492A22212105.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-2.RLTS.T136492A22212105.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Patton, J.L., Pardiñas, U.F.J. & D'Elía, G. (2015). *Mammals of South America, Volume 2 - Rodents*. University of Chicago Press, Chicago; London.

Paula, R.C., Desbiez, A. & Cavalcanti, S. (Orgs.). (2013). *Plano de Ação Nacional para Conservação da onça-pintada*. Série Espécies Ameaçadas Nº 19. ICMBio, Brasília.

Paviolo, A., De Angelo, C., Ferraz, K.M.P.M.B., Morato, R.G., Martinez Pardo, J., Srbek-Araujo, A.C., *et al.* (2016). A biodiversity hotspot losing its top predator: The challenge of jaguar conservation in the Atlantic Forest of South America. *Scientific Reports*, 6, 37147.

Payne, R.B. (1997). Family Cuculidae. Em: *Handbook of the Birds of the World, Vol. 4: Sandgrouse to Cuckoos* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A. & Sargatal, J.). Lynx Edicions, p. 508–607.

Pedrosa, E.P., Castro, C.S.S. de & Rocha, F.L. (2021). Threats to the brown-throated three-toed sloth Bradypus variegatus Schinz, 1825 (Pilosa: Bradypodidae) in an urban environment in State of Paraíba, Brazil. *Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 8, 1169–1181.

Peloso, P.L.V., Rocha, C.F.D., Pavan, S.E. & Mendes, S.L. (2008). Activity and microhabitat use by the endemic whiptail lizard, Cnemidophorus nativo (Teiidae), in a restinga habitat (Setiba) in the state of Espírito Santo, Brazil. *South American Journal of Herpetology*, 3, 89–95.

Pena-Barbosa, J.P.P., Sierwald, P. & Brescovit, A.D. (2013). On the largest chelodesmid millipedes: taxonomic review and cladistic analysis of the genus *Odontopeltis* Pocock, 1894 (Diplopoda; Polydesmida; Chelodesmidae): Phylogeny and review of *Odontopeltis*. *Zoological Journal of the Linnean Society*, 169, 737–764.

Percequillo, A.R., Braga, C.A.C., Brandão, M.V., Abreu-Júnior, E.F., Gualda-Barros, J., Lessa, G.M., *et al.* (2017). The genus Abrawayaomys Cunha and Cruz, 1979 (Rodentia: Cricetidae: Sigmodontinae): geographic variation and species definition. *Journal of Mammalogy*, 98, 438–455.

Pereira-Ribeiro, J., Ferreguetti, A.C., Bergallo, H.G. & Rocha, C.F.D. (2020). Density, population size, and habitat use by Ameivula nativo (Teiidae) in a Remnant of Atlantic Forest in Brazil. *Herpetological Conservation and Biology*, 15, 558–566.

Pereira□Ribeiro, J., Ferreguetti, Á.C., Bergallo, H.G. & Rocha, C.F.D. (2020). Changes in the community structure of anurans in the Coastal plain forest, southeastern Brazil. *Ecological Research*, 35, 540–549.

Pessôa, L.M., Tavares, W.C., Oliveira, J.A. & Patton, J.L. (2015). Genus Trinomys Thomas. Em: *Mammals of South America Volume 2: Rodents* (orgs. Patton, P., J.L. & D'Elia, G.). The University of Chicago Press, Chicago, London, p. 999–1017.

Piacentini, V.Q., Aleixo, A., Agne, C.E., Maurício, G.N., Pacheco, J.F., Bravo, G.A., *et al.* (2015). Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee/Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 23, 91–298.

Pimenta, V.T. (2013). *Segregação de recursos por diferentes espécies de morcegos (Mammalia: Chiroptera) na Reserva Biológica de Sooretama*. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas: Biologia Animal) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

Pinto, I.S., Loss, A.C.C., Falqueto, A. & Leite, Y.L.R. (2009). Pequenos mamíferos não voadores em fragmentos de Mata Atlântica e áreas agrícolas em Viana, Espírito Santo, Brasil. *Biota Neotropica*, 9, 355–360.

Pinto, O. (1955). Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas-Gerais. *Arquivos de Zoologia*, 8, 1–52.

Pollock, H.S., Toms, J.D., Tarwater, C.E., Benson, T.J., Karr, J.R. & Brawn, J.D. (2022). Long-term monitoring reveals widespread and severe declines of understory birds in a protected Neotropical forest. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 119, e2108731119.

Pombal Jr., J.P. & Cruz, C.A.G. (2016). Records on breeding behaviour of a rare neotropical microhylid frog, Dasypops schirchi (Gastrophryninae). *Herpetology Notes*, 9, 317–320.

Possamai, C.B., Mendes, S.L. & Strier, K.B. (2019). Decline of a primate community following a yellow fever outbreak in the Brazilian Atlantic Forest. Em: *42nd meeting of the American Society of Primatologists*.

Possamai, C.B., Rodrigues de Melo, F., Mendes, S.L. & Strier, K.B. (2022). Demographic changes in an Atlantic Forest primate community following a yellow fever outbreak. *American Journal of Primatology*, 84.

Povill, C., Oliveira, M.B., De Abreu, F.V.S., Oliveira, R.L., Perini, F.A., Monticelli, C., *et al.* (2023). Genetic Diversity and Insights about Distribution of Brown Howler Monkeys (Alouatta guariba Group)(Atelidae, Alouattinae). *International Journal of Primatology*, 1–23.

Póvoas, D.R., Chaves, N.P., Bezerra, D.C. & Pinheiro, M.F.N. (2012). Raiva em quirópteros no estado do Maranhão: um estudo retrospectivo. *Revista Brasileira de Ciência Veterinária*, 19.

Price, E.C. & Piedade, H.M. (2001). Diet of Northern Masked Titi Monkeys (Callicebus personatus). *Folia Primatologica*, 72, 335–338.

Printes, R.C., Jerusalinsky, L., Sousa, M.C., Rodrigues, L.R.R. & Hirsch, A. (2013). Zoogeography, genetic variation and conservation of the Callicebus personatus group. Em: *Evolutionary Biology and Conservation of Titis, Sakis and Uacaris* (orgs. Veiga, L.M., Barnett, A.A., Ferrari, S.F. & Norconk, M.A.). Cambridge University Press, p. 43–50.

Queiroz, H.L. (1995). *Preguiças e guaribas, os mamíferos folívoros arborícolas do Mamirauá*. CNPq/Sociedade Civil Mamirauá, Brasília.

Quigley, H., Foste.r, R., Petracca, L., Payan, E., Salom, R. & Harmsen, B. (2017). *Panthera onca (errata version published in 2018). The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T15953A123791436*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T15953A50658693.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Quintero, I. & Jácome, A. (2020). Black Hawk-Eagle (Spizaetus tyrannus). Em: *Birds of the World* (org. Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Rasmussen, P.C. & Collar, N. (2020a). Swallow-winged Puffbird (Chelidoptera tenebrosa), version 1.0. Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Rasmussen, P.C. & Collar, N. (2020b). White-fronted Nunbird (Monasa morphoeus). Em: *Birds of the World* (orgs. Billerman, S.M., Keeney, B.K., Rodewald, P.G. & Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Rasmussen, P.C., Collar, N. & Kirwan, G.M. (2020). Buff-bellied Puffbird (Notharchus swainsoni). Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Reid, F. (1997). *A field guide to the mammals of Central America and Southeast Mexico*. Oxford University Press.

Reis, J.N. (2019). *Dois séculos de perda da biodiversidade na bacia do Rio Doce: aves como modelo de estudo*. Dissertação (Mestrado em Manejo e Conservação de Ecossistemas Naturais e Agrários) - Universidade Federal de Viçosa, Florestal.

Reis, N.R., Peracchi, A.L., Batista, C.B., Lima, I.P. & Pereira, A.D. (2017). *História natural dos morcegos brasileiros: chave de identificação de espécies*. Technical Books Editora.

Reis, N.R., Peracchi, A.L., Pedro, W.A. & Lima, I.P. (2007). *Morcegos do Brasil*. Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

Remsen, J.V., Hyde, M.A. & Chapman, A. (1993). The Diets of Neotropical Trogons, Motmots, Barbets and Toucans. *The Condor*, 95, 178–192.

Rheingantz, M.L., Rosas-Ribeiro, P., Gallo-Reynoso, J., Fonseca Silva, V.C., Wallace, R., Utreras, V., *et al.* (2021). *Lontra longicaudis. The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T12304A164577708*. Disponível em: https://dx.doi.

org/10.2305/IUCN.UK.2021-3.RLTS.T12304A164577708.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Rheingantz, M.L., Santiago-Plata, V.M. & Trinca, C.S. (2017). The Neotropical otter Lontra longicaudis: a comprehensive update on the current knowledge and conservation status of this semiaquatic carnivore. *Mammal Review*, 47, 291–305.

Rheingantz, M., Valenzuela, A.E.J., Botero Botero, A., Thoisy, B., Trujillo, F., González, I., *et al.* (2018). *Neotropical Otter Lontra longicaudis*. International Union for Conservation of Nature; Natural Resources.

Ribeiro, J., Vieira, R.G.V., Martins, C.M., Ferreira, F., Araujo, J.P., Ullmann, L.S., *et al.* (2021). Spatial distribution of bat shelters and livestock rabies in Southern Brazil. *Vector-Borne and Zoonotic Diseases*, 21, 785–795.

Ribon, R. (1995). Nova subspécie de Caprimulgus (Linnaeus) (Aves, Caprimulgidae) do Espírito Santo, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 12, 333–337.

Ridgely, R.S., Gwynne, J.A., Tudor, G. & Argel, M. (2015). Guia aves do Brasil: Mata Atlântica do Sudeste. Em: *Guia Aves do Brasil: Mata Atlântica do Sudeste*. p. 424–424.

Roach, N. & Naylor, L. (2016). *Trinomys moojeni*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T136543A22211597.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-2.RLTS.T136543A22211597.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Rocha, C.F.D. (1997). Evidence of an Unisexual Population of the Brazilian Whiptail Lizard Genus Cnemidophorus (Teiidae), with Description of a New Species. *Herpetologica*, 53, 374–382.

Rocha, C.F.D., Bergallo, H.G., Van Sluys, M. & Alves, M.A.S. (2000). As listas de fauna ameaçada: as discrepâncias regionais e a importância e o significado de listas. Em: *Fauna Ameaçada de extinção do Estado do Rio de Janeiro* (orgs. Bergallo, H.G., Rocha, C.F.D., Alves, M.A.S. & Van Sluys, M.A.). Editora da Universidade do Rio de Janeiro - EDUERJ, Rio de Janeiro, p. p 11–16.

Rocha, C.F.D., Menezes, V.A., Bergallo, H.G. & Dutra, G.F. (1999). Cnemidophorus nativo geographic distribution. *Herpetological Review*, 30, 109–109.

Rocha, C.F.D., Van Sluys, M., Bergallo, H.G. & Alves, M.A.S. (2005). Endemic and threatened tetrapods in the restingas of the biodiversity corridors of Serra do Mar and of the central da Mata Atlântica in Eastern Brazil. *Brazilian Journal of Biology*, 65, 159–168.

Rocha, P.A., Feijó, A., Dias, D., Mikalauskas, J., Ruiz-Esparza, J. & Ferrari, S.F. (2014). Major Extension of the Known Range of the Capixaba Nectar-Feeding Bat, Dryadonycteris Capixaba (Chiroptera, Phyllostomidae). Is This Rare Species Widely Distributed in Eastern Brazil? *Mastozoología Neotropical*, 21, 361–366.

Roda, S.A., Machado, A.B.M., Drummond, G.M. & Paglia, A. (2008). Odontophorus capueira plumbeicollis Cory, 1915. Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (orgs. Machado, A.B.M., Drummond, G.M. & Paglia, A.). MMA; Fundação Biodiversitas, Brasília, p. 440–441.

Rodrigues, M.T.U. (2005). Conservação dos répteis brasileiros: os desafios para um país megadiverso. *Megadiversidade*, 1, 87–94.

Rosa, A.H.B., Ribeiro, D.B. & Freitas, A.V.L. (2023). How data curation and new geographical records can change the conservation status of threatened brazilian butterflies. *Journal of Insect Conservation*, 27, 403–414.

Rosas-Ribeiro, P.F., Ranulpho, R. & Venticinque, E. (2017). New records and update on the geographic distribution of Lontra longicaudis (Olfers, 1818)(Carnivora: Mustelidae) in Seasonally Dry Tropical Forests of northeastern Brazil. *Check List*, 13, 2108–2108.

Rossi, N.F. (2011). *Pequenos mamíferos não-voadores do Planalto Atlântico de São Paulo: identificação, história natural e ameaças*. Dissertação (Mestrado em Ciências - Zoologia) - Instituto de Biociências, Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ruiz-García, M., Pinedo-Castro, M. & Shostell, J.M. (2018). Mitogenomics of the jaguarundi (Puma yagouaroundi, Felidae, Carnivora): Disagreement between morphological subspecies and molecular data. *Mammalian Biology*, 93, 153–168.

Ruiz-Garćia, M. & Pinedo-Castro, M. (2013). Population genetics and phylogeographic analyses of the jaguarundi (Puma yagouaroundi) by means of three mitochondrial markers: the first molecular population study of this species. *Molecular population genetics, phylogenetics, evolutionary biology and conservation of the Neotropical carnivores*, 245–288.

Rylands, A., Strier, K., Mittermeier, R., Borovansky, J. & Seal, U.S. (1998). Population and habitat viability assesment workshop for the muriqui (Brachyteles arachnoides). *IUCN and SSC Conservation Breeding Specialist Group Apple Valley*.

Sampaio, E., Lim, B., Peters, S., Miller, B., Cuarón, A.D. & de Grammont, P.C. (2016). *Micronycteris hirsuta*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2016: e.T13378A22124582.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T13378A22124582.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Sanderson, E.W., Redford, K.H., Chetkiewicz, C.B., Medellin, R.A., Rabinowitz, A.R., Robinson, J.G., *et al.* (2002). Planning to Save a Species: the Jaguar as a Model. *Conservation Biology*, 16, 58–72.

Santos, E. & Oliveira, J.A. (2021). New dietary observations on Melanerpes flavifrons (Aves, Picidae): nectar consumption and possible pollination of two inflorescences. *Biotemas*, 34, 1–5.

Santos, P.M., Bailey, L.L., Ribeiro, M.C., Chiarello, A.G. & Paglia, A.P. (2019). Living on the edge: Forest cover threshold effect on endangered maned sloth occurrence in Atlantic Forest. *Biological Conservation*, 240.

Santos, P.M., Ferraz, K.M.P.M.B., Ribeiro, M.C., Niebuhr, B.B., Vancine, M.H., Chiarello, A.G., *et al.* (2022). Natural forest regeneration on anthropized landscapes could overcome climate change effects on the endangered maned sloth (*Bradypus torquatus*, Illiger 1811). *Journal of Mammalogy*, 103, 1383–1396.

Sarasola, J.H., Grande, J.M. & Bechard, M.J. (2018). Conservation Status of Neotropical Raptors. Em: *Birds of Prey: Biology and conservation in the XXI century* (orgs. Sarasola, J., Grande, J. & Negro, J.). Springer, p. 373–394.

Sbragia, I.A. & Pessôa, L.M. (2008). New record of a vulnerable bat, Myotis ruber (E. Geoffroy, 1806)(Chiroptera: Vespertilionidae) in the Caatinga biome, northeastern Brazil. *Mammalian Biology*, 73, 233–237.

Scheibler, D.R. & Christoff, A.U. (2007). Habitat associations of small mammals in southern Brazil and use of regurgitated pellets of birds of prey for inventorying a local fauna. *Brazilian Journal of Biology*, 67, 619–625.

Schiffler, G., Vaz-de-Mello, F.Z. & Azevedo, C.O. (2003). Scarabaeidae s.str. (Coleoptera) do Delta do Rio Doce e Vale do Suruaca no Município de Linhares, Estado do Espírito Santo, Brasil. *Revista Brasileira de Zoociências*, 5, 205–211.

Schulenberg, T.S. (2020). Harpy Eagle (Harpia harpyja). Em: *Birds of the World* (orgs. Billerman, S.M., Keeney, B.K., Rodewald, P.G. & Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Scultori, C., Dias, D. & Peracchi, A.L. (2009). Mammalia, Chiroptera, Phyllostomidae, Lampronycteris brachyotis (Dobson, 1879): first record in the state of Paraná, southern Brazil. *Check List*, 5, 872.

Segura, V., Prevosti, F. & Cassini, G. (2013). Cranial ontogeny in the Puma lineage, Puma concolor, Herpailurus yagouaroundi, and Acinonyx jubatus (Carnivora: Felidae): a three-dimensional geometric morphometric approach. *Zoological Journal of the Linnean Society*, 169, 235–250.

Sekiama, M.L., Reis, N.R., Peracchi, A.L. & Rocha, V.J. (2001). Morcegos do Parque Nacional do Iguaçu, Paraná (Chiroptera, Mammalia). *Revista brasileira de Zoologia*, 18, 749–754.

SEMAD-GO & IEF-MG. (2021). *Plano de Ação Territorial de Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção do Território Veredas Goyaz-Geraes (PAT Veredas Goyaz-Geraes) - Sumário Executivo*.

SEMA-MA, IDEFLOR-Bio & NATURATINS. (2022). *Plano de Ação Territorial de Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção do Território Meio Norte (PAT Meio Norte) - Sumário Executivo*.

Short, L.L. & Kirwan, G.M. (2020). Saffron Toucanet (Pteroglossus bailloni). Em: *Birds of the World* (orgs. Billerman, S.M., Keeney, B.K., Rodewald, P.G. & Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Sick, H. (1997). *Ornitologia Brasileira*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Sigrist, T. (2006). *Aves do Brasil: Uma visão artística*. Avis Brasilis Editora.

Silva, F.A., Assis, C.L., Silva, R.A., Antunes, V.C., Lessa, G. & Quintela, F.M. (2012). Distribuição e conservação do rato-do-bambu Kannabateomys amblyonyx (Rodentia, Echimyidae) no Estado de Minas Gerais, Brasil. *Neotropical Biology and Conservation*, 7.

Silva, F.I.G.P. (2021). *Avifauna em remanescentes de Mata Atlântica no Sul da Bahia: sensibilidade e conservação*. Dissertação. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Silva, L.A.M., Silva, R.M., Santos, J.L., Machado, J.L.M., Santana, M.A.B., Oliveira, A.L., *et al.* (2021). Registro de espoliação em humano pelo morcego vampiro de asas brancas Diaemus youngi (Jentink, 1893)(Chiroptera: Desmodontinae). *Research, Society and Development*, 10, e213101220411–e213101220411.

Silva, L.G., Oliveira, T.G., Kasper, C.B., Cherem, J.J., Moraes, E.A., Paviolo, A., *et al.* (2016). Biogeography of polymorphic phenotypes: Mapping and ecological modelling of coat colour variants in an elusive Neotropical cat, the jaguarundi (Puma yagouaroundi). *Journal of Zoology*, 299, 295–303.

Silva, R.B. (2004). *Ecologia do rato-da-taquara (Kannabateomys amblyonyx) no Parque Estadual de Itapuã*. Dissertação (Mestrado em Biologia: Diversidade e Manejo da Vida Silvestre) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

Silva, R.B. (2005). Ecologia do rato-da-taquara (Kannabateomys amblyonyx) no Parque Estadual de Itapuã. *Mastozoologia Neotropical*, 12, 98–99.

Silva, R.B., Vieira, E.M. & Izar, P. (2008). Social Monogamy and Biparental Care of the Neotropical Southern Bamboo Rat (Kannabateomys amblyonyx). *Journal of Mammalogy*, 89, 1464–1472.

Silva, S.B.L., Leal, D.C. & Marques, F.P. (2018a). Crypturellus noctivagus noctivagus (Wied, 1820). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 21–23.

Silva, S.B.L., Leal, D.C. & Marques, F.P. (2018b). Nyctibius aethereus aethereus (Wied, 1820). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume III - Aves* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 187–189.

Silva, S., Braga, B., Brasil, L., Baía-Júnior, P. & Guimarães, D. (2022). The use of Passeriformes in the eastern Amazonia of Brazil: culture encourages hunting and profit encourages trade. *Oryx*, 56, 218–227.

Silva, S.M., Dávila, J.A., Voirin, B., Lopes, S., Ferrand, N. & Moraes-Barros, N. (2018c). The curious case of Bradypus variegatus sloths: populations in threatened habitats are biodiversity components needing protection. *Biodiversity and Conservation*, 27, 1291–1308.

Silveira, A.L., Nogueira, C.C., Borges-Nojosa, D.M., Costa, G.C., Moura, G.J.B., Winck, G., *et al.* (2021a). *Ameivula nativo*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T50010587A154323361*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-3.RLTS.T50010587A154323361.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, A.L., Rocha, C., Nogueira, C.C., Werneck, F., Moura, G.J.B., Winck, G., *et al.* (2014). *Amphisbaena nigricauda*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2021: e.T75161286A154324051*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2021-3.RLTS.T75161286A154324051.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, F.A., Melo, G.A.R. & Almeida, E.A.B. (2002). *Abelhas brasileiras: sistemática e identificação*. 1. ed. MMA; Fundação Araucária, Belo Horizonte.

Silveira, L.F. (2008a). Claravis godefrida (Temminck, 1811) Columbiformes, Columbidae. Em: *Fauna ameaçada de extinção no Estado de São Paulo: vertebrados* (orgs. Bressan, P.M., Kierulff, M.C.M. & Sugied, A.M.). Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, São Paulo, p. 159.

Silveira, L.F. (2008b). Crax blumenbachii (Spix, 1825). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (orgs. Machado, A.B.M., Drummond, G.M. & Paglia, A.). MMA; Fundação Biodiversitas, Brasília, DF; Belo Horizonte, MG, p. 428–429.

Silveira, L.F. (2008c). Glaucis dohrnii (Bourcier & Mulsant, 1852). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (orgs. Machado, A.B.M., Drummond, G.M. & Paglia, A.). MMA; Fundação Biodiversitas, Brasília, DF; Belo Horizonte, MG, p. 490–491.

Silveira, L.F. (2008d). Pipile jacutinga (Spix, 1825). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (orgs. Machado, A.B.M., Drummond, G.M. & Paglia, A.). MMA e Fundação Biodiversitas, Brasília, DF; Belo Horizonte, MG.

Silveira, L.F., Efe, M.A., Costa, T.V.V. & de Oliveira, T.D. (2021b). *Amaurospiza moesta Hartlaub, 1853*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.29606. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., F., L., Lopes, E.V. & Costa, T.V.V. (2022a). *Crypturellus variegatus (Gmelin, 1789)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.29637.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Lima, D.M., Dias, F.F., Ubaid, F.K., Bencke, G.A., Repenning, M., *et al.* (2021c). *Geotrygon violacea (Temminck, 1809)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.29843. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Lima, D.M., Dias, F.F., Ubaid, F.K., Bencke, G.A., Repenning, M., *et al.* (2022b). *Accipiter poliogaster (Temminck, 1824)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.11482. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Lima, D.M., Dias, F.F., Ubaid, F.K., Bencke, G.A., Repenning, M., *et al.* (2023a). *Crypturellus noctivagus (Wied, 1820)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.29787. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Lima, D.M., Dias, F.F., Ubaid, F.K., Bencke, G.A., Repenning, M., *et al.* (2023b). *Spizaetus ornatus (Daudin, 1800)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.29701. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Lopes, E.V. & Costa, T.V.V. (2023c). *Circus buffoni (Gmelin, 1788)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.29767. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Lopes, E.V. & Costa, T.V.V.D. (2023d). *Chelidoptera tenebrosa (Pallas, 1782)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.29757. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2019a). *Attila spadiceus uropygiatus Wied, 1831*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24454.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2019b). *Cichlocolaptes leucophrus leucophrus (Jardine & Selby, 1830)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24541.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2019c). *Crax blumenbachii Spix, 1825*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24541.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2019d). *Glaucidium minutissimum (Wied, 1830)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24557. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2019e). *Glaucis dohrnii (Bourcier & Mulsant, 1852)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24642. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2019f). *Machaeropterus regulus (Hahn, 1819)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24575. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023e). *Aburria jacutinga (Spix, 1825)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24266. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023f). *Amadonastur lacernulatus (Temminck, 1827)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24273. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023g). *Anumara forbesi Sclater, 1886*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24446. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023h). *Celeus flavus subflavus Sclater & Salvin, 1877*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24469.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023i). *Celeus torquatus tinnunculus (Wagler, 1829)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24471.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023j). *Glaucidium minutissimum (Wied, 1830)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24557. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023k). *Monasa morphoeus morphoeus Hahn & Küster, 1823*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24647.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023l). *Notharchus swainsoni (Gray, 1846)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24678.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023m). *Paraclaravis geoffroyi (Temminck, 1811)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24487.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023n). *Pionus reichenowi Heine, 1844*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24783.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023o). *Pseudastur polionotus (Kaup, 1847)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24788.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023p). *Pteroglossus bailloni Vieillot, 1819*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24789. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023q). *Pyrrhura cruentata Wied, 1820*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24793.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023r). *Pyrrhura leucotis Kuhl, 1820*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24794.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Santos, C.G.M., Albano, C.G., Lima, D.M., Bencke, G.A., Pacheco, J.F., *et al.* (2023s). *Touit surdus (Kuhl, 1820)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.24814.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Silveira, L.F., Soares, E.S. & Bianchi, C.A. (Orgs.). (2008). *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Galliformes Ameaçados de Extinção (acaruãs, jacus, jacutingas, mutuns e urus)*. Série Espécies Ameaçadas Nº 6. ICMBio, Brasília.

Silveira, L., Jácomo, A.T. de A., Furtado, M.M., Torres, N.M., Sollmann, R. & Vynne, C. (2009). Ecology of the Giant Armadillo (Priodontes maximus) in the Grasslands of Central Brazil. *Edentata*, 8-10, 25–34.

Silvério, S.L.B. (2022). *Influência do uso e ocupação do habitat sobre a presença de Callithrix aurita (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1812) (primates: callitrichidae) em fragmentos de mata atlântica na região de Guidoval – MG*. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal) - Universidade Federal de Viçosa.

Simões, C.C., Cerqueira, P.V., Peloso, P. & Aleixo, A. (2022). Integrative taxonomy of Flatbill Flycatchers (Tyrannidae) reveals a new species from the Amazonian lowlands. *Zoologica Scripta*, 51, 41–57.

Simon, J.E. & Ribon, R. (1998). Baillonius bailloni. Em: *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais* (orgs. Machado, A.B.M., Fonseca, G.A.B., Machado, R.B., Aguiar, L.M.S. & Lins, L.V.). Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas, Belo Horizonte, p. 293–295.

Simon, S., Schoereder, J.H. & Teixeira, M.C. (2020). Environmental Response of Dinoponera lucida Emery 1901 (Hymenoptera: Formicidae), an Endemic Threatened Species of the Atlantic Forest Central Corridor. *Sociobiology*, 67, 65.

Simon, S.S., Teixeira, M.C. & Salomão, T. (2016). The reallocattion of the ant species Dinoponera lucida Emery (Formicidae: Ponerinae) population increasing its local genetic diversity. *Sociobiology*, 63, 1058.

Skutch, A.F. (1956). A nesting of the Collared Trogon. *Auk*, 73, 354–366.

Snow, D.W. (2004). Family Cotingidae. Em: *Handbook of the Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A. & Christie, D.). Lynx Edicions, p. 32–110.

Soares, E.S., Amaral, F.S.R. do, Carvalho Filho, E.P.M. de, Granzinolli, M.A., Albuquerque, J.L.B., Lisboa, J.S., *et al.* (2008a). Plano de Ação Nacional para a Conservação de Aves de Rapina. Em:, Série Espécies Ameaçadas Nº5. ICMBio, Brasília, p. 136.

Soares, E.S., Amaral, F.S.R., Carvalho Filho, E.P.M., Granzinolli, M.A., Albuquerque, J.L.B., Lisboa, J.S., *et al.* (Orgs.). (2008b). *Plano de Ação Nacional para a Conservação de Aves de Rapina*. Série Espécies Ameaçadas Nº5. ICMBio; MMA, Brasília.

Solari, S. (2015). *Lonchorhina aurita*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2015: e.T12270A22039503*. Disponível em: http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2015-4.RLTS.T12270A22039503.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Solari, S. (2018a). *Glyphonycteris sylvestris*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2018: e.T13384A22123687*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2018-2.RLTS.T13384A22123687.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Solari, S. (2018b). *Lampronycteris brachyotis*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2018: e.T13376A22131330.* Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2018-2.RLTS.T13376A22131330.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Solari, S. (2019). *Myotis ruber*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2019: e.T14197A22062092*. Disponível em: http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2019-3.RLTS.T14197A22062092.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Solari, S., Medellín, R., Rodŕiguez-Herrera, B., Dumont, E.R., Burneo, S.F., Tavares, V.C., *et al.* (2019). Family Phyllostomidae (new world leaf-nosed bats). *Handbook of the Mammals of the World, Bats*, 9, 444–583.

Sousa, M.A.N., Langguth, A. & Gimenez, E. do A. (2004). Mamíferos dos brejos de altitude Paraíba e Pernambuco. Em: *Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: história natural, ecologia e conservação* (orgs. Pôrto, K.C., Cabral, J.J.P. & Tabarelli, M.). MMA, Brasília, p. 229–254.

Souza e Lima, F.A.N., Gasparini, J.L., Almeida, A.P., Vital, M.V.C. & Mott, T. (2014). Sexual dimorphism in Amphisbaena nigricauda (Reptilia, Squamata, Amphisbaenidae) from Southeastern Brazil. *Iheringia. Série Zoologia*, 104, 299–307.

Souza, F.L. (2004). Uma revisão sobre padrões de atividade, reprodução e alimentação de cágados brasileiros (Testudines, Chelidae). *Phyllomedusa*, 3, 15–27.

Souza, F.L. (2005). The Brazilian Snake-necked Turtle, Hydromedusa maximiliani. *Reptilia*, 47, 47–51.

Souza, F.L. & Abe, A.S. (1997). Population structure, activity, and conservation of the neotropical freshwater turtle, Hydromedusa maximiliani, in Brazil. *Chelonian Conservation and Biology*, 2, 521–525.

Souza, F.L. & Abe, A.S. (1998). Resource partitioning by the Neotropical freshwater turtle, Hydromedusa maximiliani. *Journal of Herpetology*, 32, 106–112.

Souza, F.L., Cunha, A.F., Oliveira, M.A., Pereira, G.A.G., Pinheiro, H.P. & Reis, S.F. (2002a). Partitioning of molecular variation at local spatial scales in the vulnerable neotropical freshwater turtle, Hydromedusa maximiliani (Testudines, Chelidae): implications for the conservation of aquatic organisms in natural hierarchical systems. *Biological Conservation*, 104, 119–126.

Souza, F.L., Cunha, A.F., Oliveira, M.A., Pereira, G.A.G. & Reis, S.F. (2002b). Estimating dispersal and gene flow in the neotropical freshwater turtle Hydromedusa maximiliani (Chelidae) by combining ecological and genetic methods. *Genetics and Molecular Biology*, 25, 151–155.

Souza, F.L., Giraldelli, G.R. & Martins, T.A. (2006). Reproductive aspects of Brazilian side-necked-turtles (Chelidae). *Boletín de la Asociación Herpetológica Española*, 17, 28–34.

Souza, F. & Martins, F. (2009). Hydromedusa maximiliani (Mikan 1825) – Maximilian's Snake-Necked Turtle, Brazilian Snake-Necked Turtle. *Conservation Biology of Freshwater Turtles and Tortoises*, 026.1–026.6.

Sowls, L.K. (1997). *Javelinas and other peccaries: their biology, management, and use*. Texas A&M University Press.

Srbek-Araujo, A.C. (2015). Opportunistic consumption of meat of Jaguar (Mammalia: Carnivora) in the Brazilian Amazon: a case report in the state of Pará. *Natureza online*, 13, 50–52.

Srbek-Araujo, A.C. & Chiarello, A.G. (2017). Population status of the jaguar Panthera onca in one of its last strongholds in the Atlantic Forest. *Oryx*, 51, 246–253.

Srbek-Araujo, A.C., Scoss, L.M., Hirsch, A. & Chiarello, A.G. (2009). Records of the giant-armadillo Priodontes maximus (Cingulata: Dasypodidae) in the Atlantic Forest: are Minas Gerais and Espírito Santo the last strongholds of the species? *Zoologia (Curitiba)*, 26, 461–468.

Stallings, J.R., Fonseca, G.A.B., Pinto, L.P.S., Aguiar, L.M.S. & Sábato, E.L. (1990). Mamíferos do Parque Florestal Estadual do Rio Doce, Minas Gerais, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 7, 663–677.

Stallings, J.R., Kierulff, M.C.M. & Silva, L.F.B.M. (1994). Use of space, and activity patterns of Brazilian Bamboo Rats (Kannabateomys amblyonyx) in exotic habitat. *Journal of Tropical Ecology*, 10, 431–438.

Stattersfield, A.J., Crosby, M.J., Long, A.J. & Wege, D.C. (1998). *Endemic Bird Areas of the World. Priorities for biodiversity conservation*. Cambridge: BirdLife Conservation.

Stotz, D.F., Fitzpatrick, J.W., Parker III, T.A. & Moskovits, D.K. (Orgs.). (1996a). *Neotropical birds: ecology and conservation*. University of Chicago Press, Chicago.

Stotz, D.F., Fitzpatrick, J.W., Parker, T.A. & Moskovits, D.K. (1996b). *Neotropical Birds: Ecology and Conservation.* University of Chicago Press, Chicago.

Straube, F.C., Urben-Filho, A. & Carrano, E. (2008). Claravis godefrida (Temminck, 1811). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção* (orgs. Machado, A.B.M., Drummond, G.M. & Paglia, A.P.). MMA; Biodiversitas, Brasília; Belo Horizonte, p. 452–453.

Straube, F.C., Urben-Filho, A. & Kajiwara, D. (2004). Aves. Em: *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná* (org. Bérnils, M.). Mater Natura - Instituto de Estudos Ambientais, p. 143–496.

Strier, K.B. (2021). The limits of resilience. *Primates*, 62, 861–868.

Strier, K.B. & Ives, A.R. (2012). Unexpected Demography in the Recovery of an Endangered Primate Population. *PLoS ONE*, 7, e44407.

Strier, K.B., Possamai, C.B. & Mendes, S.L. (2015). Dispersal patterns of female northern muriquis: Implications for social dynamics, life history, and conservation. *Dispersing Primate Females: Life History and Social Strategies in Male-Philopatric Species*, 3–22.

Strier, K.B., Possamai, C.B., Tabacow, F.P., Pissinatti, A., Lanna, A.M., Rodrigues De Melo, F., *et al.* (2017). Demographic monitoring of wild muriqui populations: Criteria for defining priority areas and monitoring intensity. *PLOS ONE*, 12, e0188922.

Strier, K.B., Tabacow, F.P., Possamai, C.B., Ferreira, A.I.G., Nery, M.S., Melo, F.R., *et al.* (2019). Status of the northern muriqui (Brachyteles hypoxanthus) in the time of yellow fever. *Primates*, 60, 21–28.

Suzuki, I., Fearnside, N., Tori, W. & Pareja, J.I. (2020). Screaming Piha (Lipaugus vociferans). Em: *Birds of the World* (orgs. Billerman, S.M., Keeney, B.K., Rodewald, P.G. & Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Talebi, M., Melo, F.R., Dias, L.G., Cunha, A.A., Mendes, S.L., Breves, P., *et al.* (2011). Contextualização sobre Brachyteles arachnoides e Brachyteles hypoxanthus. Em: *Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Muriquis*, Série Espécies Ameaçadas Nº11 (orgs. Jerusalinsky, L., Talebi, M. & Melo, F.R.). ICMBio, Brasília, p. 19–64.

Taube, E., Keravec, J., Vié, J.-C. & Duplantier, J.-M. (2001). Reproductive biology and postnatal development in sloths, Bradypus and Choloepus: review with original data from the field (French Guiana) and from captivity. *Mammal Review*, 31, 173–188.

Tavares, W.C. & Pessôa, L.M. (2010). Variação Morfológica em Populações de Trinomys (Thomas, 1921) de Restingas e Matas de Baixada no Estado do Rio de Janeiro. Em: *Mamíferos de Restingas e Manguezais do Brasil* (orgs. Pessôa, L.M., Tavares, W.C. & Siciliano, S.). Sociedade Brasileira de Mastozoologia, p. 128–154.

Teixeira, F.D., Pacheco, A.A. & De Azevedo, F.C.C. (2014a). New Record of the Rufous—Vented Ground—Cuckoo (Neomorphus geoffroyi dulcis) in the Atlantic Forest, Brazil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 22, 278–280.

Teixeira, T.S.M., Dias, D. & Vale, M.M. (2014b). New records and a taxonomic review prompts reassessment of Lonchophylla bokermanni, a rare bat endemic to the Brazilian Cerrado. *Oryx*, 49, 71–73.

Tiepolo, L.M. & Tomas, W.M. (2006). Ordem Artiodactyla. Em: *Mamíferos do Brasil.* (orgs. Reis, N.R., Peracchi, A.L., Pedro, W.A. & Lima, I.P.).

Tinôco, M.S., Browne-Ribeiro, H.C., Cerqueira, R., Dias, M.A. & Nascimento, I.A. (2008). Habitat change and amphibian conservation in the Atlantic Forest of Bahia, Brazil. *Froglog*, 89, 3.

Tirelli, F.P., Saranholi, B.H., Dias, D.M., Azevedo, F.C., Abra, F.D., Lemos, F.G., *et al.* (2023). *Herpailurus yagouaroundi É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1803*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.14020.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Tobias, J.A., Butchart, S.H.M. & Collar, N.J. (2006). Lost and found: a gap analysis for the Neotropical avifauna. *Neotropical Birding*, 1, 4–22.

Tófoli, C.F., Rohe, F. & Setz, E.Z.F. (2009). Hábitos alimentares do jaguarundi (Puma yagouaroundi) (Carnivora, Felidae) em mosaico de Floresta Atlântica e reflorestamento de eucalipto no sudeste do Brasil. *Brazilian Journal of Biology*, 69, 871–877.

Tomotani, B.M. & Silveira, L.F. (2016). A reassessment of the taxonomy of Crypturellus noctivagus (Wied, 1820). *Revista Brasileira de Ornitologia*, 24, 34–45.

Tortato, M.A., Oliveira, T.G., Almeida, L.B. & Beisiegel, B.M. (2013). Avaliação do risco de extinção do gato-maracajá Leopardus wiedii (Schinz, 1821) no Brasil. *Biodiversidade Brasileira*, 5, 76–83.

Tortato, M.A., Oliveira, T.G., Almeida, L.B. & Beisiegel, B.M. (2018). Leopardus wiedii (Schinz, 1821). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 349–352.

Tozetti, A.M., Sawaya, R.J., Molina, F.B., Bérnils, R.S., Barbo, F.E., Leite, J.C. de M., *et al.* (2017). Répteis. Em: *Revisões em zoologia: Mata Atlântica*, Série Pesquisa, 310 (orgs. Monteiro-Filho, E.L. de A. & Conte, C.A.). Ed. UFPR, Curitiba, p. 315–365.

Tracewski, L., Butchart, S.H.M., Di Marco, M., Ficetola, G.F., Rondinini, C., Symes, A., *et al.* (2016). Toward quantification of the impact of 21st-century deforestation on the extinction risk of terrestrial vertebrates. *Conservation Biology*.

Tribe, C.J. (2015). Genus Rhipidomys Tschudi, 1845. Em: *Mammals of South America, Volume 2: Rodents* (orgs. Patton, J.L., Pardiñas, U.F.J. & D'Elía, G.). University of Chicago Press, Chicago, p. 583–616.

Trigo, T.C., Oliveira, T.G., Tortato, M.A., Almeida, L.B., Campos, C.B. & Beisiegel, B.M. (2018). Leopardus guttulus (Hensel, 1872). Em: *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Volume II - Mamíferos* (org. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). ICMBio, Brasília, p. 340–344.

Trigo, T.C., Schneider, A., Oliveira, T.G., Lehugeur, L.M., Silveira, L., Freitas, T.R.O., *et al.* (2013). Molecular Data Reveal Complex Hybridization and a Cryptic Species of Neotropical Wild Cat, 23, 2528–2533.

Ubaid, F.K., Silveira, L.F., Medolago, C.A.B., Costa, T.V.V., Francisco, M.R., Barbosa, K.V.C., *et al.* (2018). Taxonomy, natural history, and conservation of the Great-billed Seed-Finch Sporophila maximiliani (Cabanis, 1851)(Thraupidae, Sporophilinae). *Zootaxa*, 4442, 551–571.

Uieda, W. & Araujo, V.F. (1987). Manutenção dos morcegos hematofagos Diaemus youngii e Diphylla ecaudata (Chiroptera, Phyllostomidae), em cativeiro. Em: *Anais do Seminário Ciências Faculdades Integradas de Uberlândia*. FIUBE, Uberaba, p. 30–42.

Urbieta, G.L., Siqueira, T.Y.S. de & Graciolli, G. (2017). White-winged Vampire Bat, Diaemus youngi (Jentink, 1893) (Mammalia, Chiroptera): Range extension in the Cerrado biome and new locality in Mato Grosso do Sul, southwestern Brazil. *Check List*, 13.

van Roosmalen, M.G.M., van Roosmalen, T. & Mittermeier, R.A. (2002). A taxonomic review of the titi monkeys, genus Callicebus Thomas, 1903, with the description of two new species, Callicebus bernhardi and Callicebus stephennashi, from Brazilian Amazonia. *Neotropical Primates*, 10, 1–52.

Vanny, R.S., Colombi, V.H. & Loss, A.C. (2018). Novo registro de Kannabateomys amblyonyx (Wagner, 1845) (Rodentia: Echimyidae) no Espírito Santo (Brasil) e mapa de distribuição atualizado da espécie. *Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia*, 82, 112–117.

Varela, D., Flesher, K., Cartes, J.L., Bustos, S., Chalukian, S., Ayala, G., *et al.* (2019). *Tapirus terrestris*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2019: e.T21474A45174127*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2019-1.RLTS.T21474A45174127.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Vasconcelos, M.F. (2019a). Panyptila cayennensis (Gmelin, 1789). Em: *Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce* (orgs. Cäsar, C., Oliveira, L.C.O. & Câmara, T.). Fundação Renova/Bicho do Mato Instituto de Pesquisa, p. 173–173.

Vasconcelos, M.F. (2019b). Pulsatrix perspicillata pulsatrix (Wied, 1820). Em: *Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce.* (orgs. Cäsar, C., Oliveira, L.C.O. & Câmara, T.). Fundação Renova/Bicho do Mato Instituto de Pesquisa., p. 214–214.

Vasconcelos, M.F. (2019c). Strix huhula albomarginata (Spix, 1824). Em: *Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce.* (orgs. Cäsar, C., Oliveira, L.C.O. & Câmara, T.). Fundação Renova/Bicho do Mato Instituto de Pesquisa.

Vasconcelos, M.F. (2019d). Tinamus solitarius (Vieillot, 1819). Em: *Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce* (orgs. Cäsar, C., Oliveira, L.C.O. & Câmara, T.). Fundação Renova/Bicho do Mato Instituto de Pesquisa., p. 216–216.

Vasconcelos, M.F. (2019e). Trogon collaris eytoni (Frazer, 1857). Em: *Plano de Ação para Conservação da Biodiversidade Terrestre do Rio Doce* (orgs. Cäsar, C., Oliveira, L.C.O. & Câmara, T.). Fundação Renova/Bicho do Mato Instituto de Pesquisa.

Vasconcelos, M.F. & Lins, L.V. (1998). First records of Caprimulgus hirundinaceus vielliardi for Minas Gerais State, Brazil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, 6, 134–135.

Vaz-de-Mello, F., Larsen, T., Silva, F., Favila, M., Spector, S. & Gill, B. (2013). *Oxysternon pteroderum*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2013: e.T138041A535247*. Disponível em: http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2013-2.RLTS.T138041A535247.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Vaz-de-Mello, F., Larsen, T., Silva, F., Favila, M., Spector, S. & Gill, B. (2020a). *Ateuchus squalidus (amended version of 2013 assessment). The IUCN Red List of Threatened Species 2020: e.T138026A176078304*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2020-3.RLTS.T138026A176078304.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Vaz-de-Mello, F., Larsen, T., Silva, F., Favila, M., Spector, S. & Gill, B. (2020b). *Dichotomius schiffleri (amended version of 2013 assessment)*. *The IUCN Red List of Threatened Species 2020: e.T137111A176235411*. Disponível em: https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2020-3.RLTS.T137111A176235411.en. Acesso em 11 de abril de 2023.

Vaz-de-Mello, F.Z., Benâ, D. de C., Bevilaqua, M.V.O., Brant, A., Ferreira Jr., N., Grossi, P.C., *et al.* (2023). *Oxysternon pteroderum Nevinson, 1892*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.36523.2. Acesso em 11 de abril de 2023.

Vaz-de-Mello, F.Z., Louzada, J.N.C. & Gavino, M. (2001). Nova especie de Dichotomius Hope 1838 (Coleoptera: Scarabaeidae) do Espírito Santo, Brasil. Revista Brasileira de Entomologia 45(2): 99-102. *Revista Brasileira de Entomologia*, 45, 99–102.

Verdade, V.K. & Rodrigues, M.T. (2007). Taxonomic Review of Allobates (Anura, Aromobatidae) from the Atlantic Forest, Brazil. *Journal of Herpetology*, 41, 566–580.

Verde, R.S., Oliveira, S.F., Meneses, A.O., Gonçalves, F., Alencar, L., Silva, T.M., *et al.* (2021). Bats (Mammalia, Chiroptera) from a bamboo-dominated forest in the southwestern Brazilian Amazon, with the first records of Glyphonycteris sylvestris Thomas, 1896 and Phylloderma stenops Peters, 1865 from Acre state. *Check List*, 17, 311–321.

Veronezi, W.R. & Kilpp, J.C. (2017). A Águia-cinzenta (Urubitinga coronata) no munićipio de Painel (Santa Catarina) e observações sobre sua biologia. *Atual Ornitol*, 195, 43–48.

Vidal, E.L., Guerisoli, M., Caruso, N. & Lucherini, M. (2017). Updating the distribution and population status of jaguarundi, puma yagouaroundi (É. Geoffroy, 1803) (Mammalia: Carnivora: Felidae), in the southernmost part of its distribution range. *Check List*, 13, 75–79.

Vieira, L., Louzada, J., Vaz-de-Mello, F.Z., Lopes, P.P. & Silva, F.A.B. (2011). New records, threatens and conservation status for Dichotomius schiffleri Vaz-de-Mello, Louzada & Gavino (Coleoptera: Scarabaeidae): an endangered dung beetle species from Brazilian atlantic forest ecosystems. *Neotropical Entomology*, 40, 282–284.

Vieira, M.V., Olifiers, N., Delciellos, A.C., Antunes, V.Z., Bernardo, L.R., Grelle, C.E.V., *et al.* (2009). Land use vs. fragment size and isolation as determinants of small mammal composition and richness in Atlantic Forest remnants. *Biological Conservation*, 142, 1191–1200.

Villar, N. & Medici, E.P. (2021). Large wild herbivores slow down the rapid decline of plant diversity in a tropical forest biodiversity hotspot. *Journal of Applied Ecology*, 58, 2361–2370.

Villar, N., Siqueira, T., Zipparro, V., Farah, F., Schmaedecke, G., Hortenci, L., *et al.* (2020). The cryptic regulation of diversity by functionally complementary large tropical forest herbivores. *Journal of Ecology*, 108, 279–290.

Vogt, R., Bataus, Y.S.L., Rodrigues, J., Uhlig, V.M., Balestra, R.A.M., Barreto, L.N., *et al.* (2021). *Hydromedusa maximiliani (Mikan, 1825)*. *SALVE*. Disponível em: https://doi.org/10.37002/salve.ficha.20813. Acesso em 11 de abril de 2023.

Walther, B. (2004). Bright-rumped Attila (Attila spadiceus). Em: *Handbook of the Birds of the World Alive* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D.A. & Juana, E.). Lynx Edicions, Barcelona.

Walther, B. (2020). Cinereous Mourner (Laniocera hypopyrra). Em: *Birds of the World* (orgs. Billerman, S.M., Keeney, B.K., Rodewald, P.G. & Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Watters, F., Stringham, O., Shepherd, C.R. & Cassey, P. (2022). The U.S. market for imported wildlife not listed in the CITES multilateral treaty. *Conservation Biology*, 36.

Weber, M.M., Terribile, L.C. & Caceres, N.C. (2010). Potential geographic distribution of Myotis ruber (Chiroptera, Vespertilionidae), a threatened Neotropical bat species. *Mammalia*, 74, 333–338.

Weygoldt, P. (1989). Changes in the composition of mountain stream frog communities in the Atlantic mountains of Brazil: Frogs as indicators of environmental deteriorations? *Studies on Neotropical Fauna and Environment*, 24, 249–255.

WikiAves. (2023). *WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil*. Disponível em: https://www.wikiaves.com.br/index.php. Acesso em 11 de abril de 2023.

Williams, S.L. & Genoways, H.H. (2008). Subfamily Phyllostominae Gray, 1825. Em: *Mammals of South America* (org. Gardner, A.L.). The University of Chicago Press, Chicago, p. 255–300.

Wilman, H., Belmaker, J., Simpson, J., De La Rosa, C., Rivadeneira, M.M. & Jetz, W. (2014). EltonTraits 1.0: Species□level foraging attributes of the world's birds and mammals: Ecological Archives E095□178. *Ecology*, 95, 2027–2027.

Winkler, D.W., Billerman, S.M. & Lovette, I.J. (2020a). Cotingas (Cotingidae). Em: *Birds of the World* (orgs. Billerman, S.M., Keeney, B.K., Rodewald, P.G. & Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Winkler, H. & Christie, D. (2020). Red-stained Woodpecker (Dryobates affinis). Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology.

Winkler, H., Christie, D. & Bonan, A. (2020b). Cream-colored Woodpecker (Celeus flavus). Em: *Birds of the World* (orgs. Billerman, S.M., Keeney, B.K., Rodewald, P.G. & Schulenberg, T.S.). Cornell Lab of Ornithology.

Winkler, H., Christie, D. & Bonan, A. (2020c). Yellow-fronted Woodpecker (Melanerpes flavifrons). Em: *Birds of the World* (orgs. del Hoyo, J., Elliott, A., Sargatal, J., Christie, D. & Juana, E.). Cornell Lab of Ornithology, Ithaca, NY, USA.

Witt, A.A., Mendes, F.C., Grillo, H.C.Z., Hoffmeister, W. & Rossato, N.A. (2019). Primeiro registro de Diaemus youngi (Jentink, 1893) no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Notas sobre mamíferos sudamericanos*, 1.

WWF. (2001). *Atlantic Coast restingas (NT0102)*. Disponível em: http://worldwildlife.org/ecoregions/nt0102. Acesso em 11 de abril de 2023.

WWF-Brasil. (2015). *Áreas Prioritárias para Conservação da Biodiversidade do Estado da Bahia*. Disponível em: http://paisagem.wwf.org.br/projeto.php?id=16. Acesso em 11 de abril de 2023.

Zorzin, G., Carvalho-Filho, E.P.M. & Armond, R.G. (2022). Density, distribution and conservation of the Chaco Eagle (Buteogallus coronatus) in Minas Gerais, southeast Brazil. *Historia Natural*, 12, 111–124.

Glossário

Área de ocupação (AOO): medida utilizada para a calcular área do habitat ocupado pela espécie no interior de sua extensão de ocorrência.

Avaliação global: avaliação que considera todos os indivíduos, populações ou registros de uma espécie, em toda sua área de ocorrência.

Avaliação regional: qualquer avaliação de risco de extinção em uma escala geográfica abaixo do nível global, como uma bacia hidrográfica, bioma, país ou estado.

Declínio continuado: declínio com várias intensidades e em diferentes aspectos (EOO, AOO ou habitat), suscetível de persistir ao menos que ações mitigadoras sejam implementadas.

Espécies ameaçadas: espécies categorizadas como Criticamente em Perigo (CR), Em Perigo (EN) ou Vulnerável (VU).

Espécies não ameaçadas: espécies avaliadas quanto ao risco de extinção nas categorias Quase Ameaçada (NT) e Menos Preocupante (LC).

Estimado: Qualquer Informação derivada de cálculos que podem incorporar suposições estatísticas relacionadas à amostragem sobre a relação entre uma variável observada (índices de abundância, frequência).

Extensão de ocorrência (EOO): área calculada por meio de um mínimo polígono convexo traçado de modo a englobar todos os registros de ocorrência de uma espécie.

Indivíduos maduros: todos indivíduos de uma população com capacidade reprodutiva.

Inferido: informações que pertencem à mesma categoria de unidades, embora não representem uma medida direta da variável principal em questão. Por exemplo, declínio continuado de AOO inferido usando a taxa de perda de habitat.

Listas vermelhas: listas de espécies ameaçadas nas quais foram aplicados uma avaliação de risco de extinção.

Localização condicionada a ameaça: área na qual um único evento de ameaça pode impactar todos os indivíduos da espécie.

Não aplicável: categoria utilizada em avaliações regionais para designar um táxon que ocorre apenas marginalmente na região de interesse ou que não há certeza sobre a distribuição na região alvo da avaliação. Nesses casos, o risco de extinção do táxon não é avaliado.

Observado: qualquer informação obtida por meio de uma observação direta (censo, trabalhos de campo).

População: número total de indivíduos de um táxon.

Projetado: qualquer variável de interesse é extrapolada para o futuro, ou para um determinado espaço.

Redução: diminuição calculada no número de indivíduos maduros.

Severamente fragmentado: situação em que a maioria dos indivíduos está presente em subpopulações pequenas e relativamente isoladas.

Subpopulações: partes de uma população isolada, geralmente isoladas geograficamente, entre as quais há uma baixa troca demográfica ou genética.

Suspeitado: Informação fundamentada em variáveis associadas a distintos tipos de unidades. Por exemplo, a perda de habitat pode ser utilizada para suspeitar uma redução populacional.

Tamanho populacional: o número de indivíduos maduros de uma população.

Tempo de Geração: amplitude do estágio reprodutivo de uma espécie medida pela média dos progenitores da coorte atual.

Apêndice

Anfíbios

Família	Espécie	Categoria	Critério
Aromobatidae	*Allobates olfersioides*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Leptodactylidae	*Physalaemus maximus*	DD	
Microhylidae	*Chiasmocleis lacrimae*		
Microhylidae	*Dasypops schirchi*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)

Aves

Família	Espécie	Categoria	Critério
Accipitridae	*Accipiter poliogaster*	EN	B2ab(ii,iii,iv)
Accipitridae	*Amadonastur lacernulatus*	VU	C2a(i)
Accipitridae	*Circus buffoni*	VU	B1ab(ii,iii)+2ab(ii,iii)
Accipitridae	*Harpia harpyja*	CR	C2a(i)
Accipitridae	*Morphnus guianensis*	DD	
Accipitridae	*Pseudastur polionotus*	VU	B2ab(i,ii,iii)
Accipitridae	*Spizaetus melanoleucus*	NT	B2b(iii)
Accipitridae	*Spizaetus ornatus ornatus*	VU	B2ab(i,ii,iii)
Accipitridae	*Spizaetus tyrannus*	VU	B2ab(i,ii,iii)
Accipitridae	*Urubitinga coronata*	EN	C2a(i)
Apodidae	*Panyptila cayennensis cayennensis*	EN	B2ab(i,ii,iii)
Bucconidae	*Chelidoptera tenebrosa brasiliensis*	VU	B2ab(ii,iii,iv)
Bucconidae	*Monasa morphoeus morphoeus*	EN	B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv)
Bucconidae	*Notharchus swainsoni*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Cardinalidae	*Amaurospiza moesta*	VU	
Cardinalidae	*Cyanoloxia brissonii sterea*	DD	
Cathartidae	*Sarcoramphus papa*	NT	B2b(iii,iv,v)

Aves

Família	Espécie	Categoria	Critério
Ciconiidae	*Ciconia maguari*		
Ciconiidae	*Jabiru mycteria*	LC	
Columbidae	*Geotrygon violacea*	EN	B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv)
Columbidae	*Paraclaravis geoffroyi*	CR(PE)	D
Cotingidae	*Carpornis melanocephala*	EN	B1ab(i,ii,iii)+2ab(i,ii,iii)
Cotingidae	*Cotinga maculata*	CR	C2a(i)
Cotingidae	*Iodopleura pipra pipra*	DD	
Cotingidae	*Laniocera hypopyrra*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Cotingidae	*Lipaugus vociferans*	VU	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Cotingidae	*Procnias nudicollis*	LC	
Cotingidae	*Schiffornis turdina turdina*	EN	B2ab(i,ii,iii)
Cotingidae	*Xipholena atropurpurea*	EN	B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii)
Cracidae	*Aburria jacutinga*	CR	B2ab(i,ii,iii,iv)
Cracidae	*Crax blumenbachii*	EN	C2a(i)
Cracidae	*Penelope obscura*	LC	
Cuculidae	*Neomorphus geoffroyi dulcis*	EN	C2a(i)
Dendrocolaptidae	*Xiphorhynchus guttatus guttatus*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Falconidae	*Falco deiroleucus*	VU	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Formicariidae	*Formicarius colma ruficeps*	EN	B2ab(i,ii,iii)
Furnariidae	*Cichlocolaptes leucophrus leucophrus*	EN	B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii)
Furnariidae	*Glyphorynchus spirurus cuneatus*		
Furnariidae	*Sclerurus caudacutus umbretta*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Furnariidae	*Thripophaga macroura*	VU	B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii)
Galbulidae	*Jacamaralcyon tridactyla*	LC	

Aves

Família	Espécie	Categoria	Critério
Grallariidae	*Grallaria varia intercedens*		
Icteridae	*Anumara forbesi*	VU	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Mimidae	*Mimus gilvus antelius*	DD	
Nyctibiidae	*Nyctibius aethereus aethereus*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Nyctibiidae	*Nyctibius grandis grandis*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Nyctibiidae	*Nyctibius leucopterus*	DD	
Nyctibiidae	*Nyctidromus hirundinaceus vielliardi*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Odontophoridae	*Odontophorus capueira capueira*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Picidae	*Celeus flavus subflavus*	CR	B2ab(ii,iii,iv); C2a(i)
Picidae	*Celeus torquatus tinnunculus*	EN	B1ab(ii,iii,iv)+2ab(ii,iii,iv)
Picidae	*Melanerpes flavifrons*	VU	B2ab(i,ii,iii)
Picidae	*Piculus polyzonus*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Picidae	*Veniliornis affinis affinis*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Pipridae	*Machaeropterus regulus*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Pipridae	*Neopelma aurifrons*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Psittacidae	*Amazona farinosa*	NT	B2b(i,ii,iii)
Psittacidae	*Amazona rhodocorytha*	LC	
Psittacidae	*Amazona vinacea*	LC	
Psittacidae	*Aratinga auricapillus*	LC	
Psittacidae	*Pionus reichenowi*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Psittacidae	*Pyrrhura cruentata*	VU	C2a(i)
Psittacidae	*Pyrrhura leucotis*	VU	C2a(i)
Psittacidae	*Touit surdus*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Ramphastidae	*Pteroglossus bailloni*	EN	B2b(ii,iii, iv)
Rhinocryptidae	*Scytalopus iraiensis*	EN	B2ab(i,ii,iii)

Aves

Família	Espécie	Categoria	Critério
Rhynchocyclidae	*Rhynchocyclus olivaceus olivaceus*	EN	B1ab(i,ii.iii,iv)+2ab(i,ii,iii,iv)
Scleruridae	*Sclerurus macconnelli bahiae*	DD	
Strigidae	*Glaucidium minutissimum*	VU	B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv)
Strigidae	*Pulsatrix perspicillata pulsatrix*	CR	B2ab(iii,iv,v)
Strigidae	*Strix huhula*	VU	B2ab(i,ii,iii,iv)
Thamnophilidae	*Dysithamnus plumbeus*	VU	B2b(i,ii,iii,iv)
Thamnophilidae	*Myrmoderus ruficauda ruficauda*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Thamnophilidae	*Myrmotherula minor*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Thamnophilidae	*Myrmotherula urosticta*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Thamnophilidae	*Thamnomanes caesius caesius*	VU	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Thraupidae	*Sporophila angolensis angolensis*	CR	B2ab(iii,iv,v)
Thraupidae	*Sporophila falcirostris*	VU	B2ab(i,ii,iii,iv)
Thraupidae	*Sporophila frontalis*	VU	B2ab(i,ii,iii,iv)
Thraupidae	*Sporophila maximiliani*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Thraupidae	*Stilpnia peruviana*	DD	
Threskiornithidae	*Platalea ajaja*		
Tinamidae	*Crypturellus noctivagus*	VU	B2ab(ii,iii,iv)
Tinamidae	*Crypturellus variegatus*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv) + B2ab(i,ii,iii,iv)
Tinamidae	*Tinamus solitarius*	VU	B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii)
Trochilidae	*Glaucis dohrnii*	EN	B1ab(i,ii,iii)+2ab(i,ii,iii); C2a(i)
Trochilidae	*Phaethornis margarettae margarettae*		
Troglodytidae	*Campylorhynchus turdinus turdinus*	EN	B1ab(i,ii,iii)+2ab(i,ii,iii)
Trogonidae	*Trogon collaris eytoni*	EN	B1ab(ii,iii)+B2ab(ii,iii)
Turdidae	*Cichlopsis leucogenys*	DD	
Turdidae	*Turdus fumigatus fumigatus*	EN	B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii,)

Aves

Família	Espécie	Categoria	Critério
Tyrannidae	*Attila spadiceus uropygiatus*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+2ab(i,ii,iii,iv)
Tyrannidae	*Conopias trivirgatus trivirgatus*		
Tyrannidae	*Corythopis delalandi*	NT	B2b(ii,iii)
Tyrannidae	*Rhytipterna simplex simplex*	VU	B1ab(i,ii.iii)+2ab(i,ii,iii)

Clitellata

Família	Espécie	Categoria	Critério
Glossoscolecidae	*Fimoscolex sporadochaetus*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Rhinodrilidae	*Rhinodrilus senckenbergi*	DD	

Diplopoda

Família	Espécie	Categoria	Critério
Chelodesmidae	*Odontopeltis aleijadinho*	EN	B1ab(i, ii,iii,iv)+B2ab(i, ii,iii,iv)
Chelodesmidae	*Odontopeltis giganteus*	EN	B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv)
Pseudonannolenidae	*Pseudonannolene microzoporus*	DD	

Insetos

Família	Espécie	Categoria	Critério
Apidae	*Epicharis (Epicharana) pygialis*	DD	
Apidae	*Epicharis (Epicharitides) minima*	DD	
Apidae	*Eufriesea aeneiventris*		
Apidae	*Melipona capixaba*	DD	
Apidae	*Melipona rufiventris*	EN	B2ab(iii,iv)

Insetos

Família	Espécie	Categoria	Critério
Apidae	*Xylocopa truxali*	DD	
Colletidae	*Leioproctus (Hexantheda) missionica*	DD	
Formicidae	*Anochetus oriens*	DD	
Formicidae	*Atta robusta*	DD	
Formicidae	*Diaphoromyrma sofiae*	DD	
Formicidae	*Dinoponera lucida*	EN	B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv)
Formicidae	*Mycetomoellerius atlanticus*		
Hesperiidae	*Drephalys mourei*		
Hesperiidae	*Parelbella polyzona*	DD	
Lucanidae	*Psilodon schuberti*	DD	
Lycaenidae	*Arawacus aethesa*	EN	B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv)
Melolonthidae	*Dynastes paschoali*	DD	
Melolonthidae	*Megasoma (Megasoma) gyas gyas*		
Nymphalidae	*Heliconius nattereri*		
Nymphalidae	*Hyalyris leptalina*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)
Nymphalidae	*Mcclungia cymo fallens*	VU	B1ab(i,ii,iii,iv)
Nymphalidae	*Tithorea harmonia caissara*	DD	
Papilionidae	*Heraclides himeros himeros*	CR	B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv)
Papilionidae	*Mimoides lysithous sebastianus*	DD	
Pieridae	*Moschoneura pinthous methymna*	DD	
Scarabaeidae	*Ateuchus squalidus*	EN	B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv)
Scarabaeidae	*Coprophanaeus machadoi*	DD	
Scarabaeidae	*Coprophanaeus punctatus*	DD	
Scarabaeidae	*Deltochilum (Aganhyboma) trisignatum*	DD	
Scarabaeidae	*Deltochilum elevatum*		

Insetos

Família	Espécie	Categoria	Critério
Scarabaeidae	*Dichotomius schiffleri*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Scarabaeidae	*Oxysternon pteroderum*	EN	B2ab(iii)

Mamíferos

Família	Espécie	Categoria	Critério
Atelidae	*Alouatta guariba clamitans*	NT	B2b(ii,iii,iv)
Atelidae	*Alouatta guariba guariba*	CR	C2a(i)
Atelidae	*Brachyteles hypoxanthus*	EN	C2a(i)
Bradypodidae	*Bradypus crinitus*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Bradypodidae	*Bradypus variegatus*	VU	B2ab(i,ii,iii,iv)
Callitrichidae	*Callithrix aurita*	VU	B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii)
Callitrichidae	*Callithrix flaviceps*	EN	C2a(i)
Canidae	*Chrysocyon brachyurus*		
Canidae	*Speothos venaticus*		
Caviidae	*Hydrochoerus hydrochaeris*	LC	
Cebidae	*Sapajus robustus*	VU	B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv)
Chlamyphoridae	*Priodontes maximus*	CR	C2a(i)
Cricetidae	*Abrawayaomys ruschii*	VU	B1ab(i,ii,iii,iv)
Cricetidae	*Blarinomys breviceps*	NT	B2b(iii,iv)
Cricetidae	*Calomys expulsus*	DD	
Cricetidae	*Holochilus brasiliensis*	DD	
Cricetidae	*Nectomys squamipes*	LC	
Cricetidae	*Oxymycterus dasytrichus*	VU	B2ab(ii,iii,iv)
Cricetidae	*Rhagomys rufescens*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+2ab(i,ii,iii,iv)
Cricetidae	*Rhipidomys tribei*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)

Mamíferos

Família	Espécie	Categoria	Critério
Dasyproctidae	*Dasyprocta leporina*	LC	
Didelphidae	*Chironectes minimus*	DD	
Didelphidae	*Marmosops paulensis*	DD	
Didelphidae	*Monodelphis iheringi*	DD	
Didelphidae	*Monodelphis scalops*	VU	B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii)
Echimyidae	*Euryzygomatomys spinosus*	VU	B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv)
Echimyidae	*Kannabateomys amblyonyx*	VU	B2ab(ii,iii,iv)
Echimyidae	*Trinomys moojeni*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Echimyidae	*Trinomys paratus*	EN	B1ab(i,ii,iii)+B2ab(i,ii,iii)
Echimyidae	*Trinomys setosus*	LC	
Erethizontidae	*Chaetomys subspinosus*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Felidae	*Herpailurus yagouaroundi*	VU	B2ab(ii,iii,v)
Felidae	*Leopardus guttulus*	VU	B2b(ii,iii,iv)
Felidae	*Leopardus pardalis*	NT	B2b(ii,iii)
Felidae	*Leopardus wiedii*	EN	B2ab(ii,iii,iv)
Felidae	*Panthera onca*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Felidae	*Puma concolor*	VU	B2ab(i,ii,iii,iv)
Furipteridae	*Furipterus horrens*	DD	
Molossidae	*Eumops chimaera*	CR	B2ab(ii,iii,iv)
Mustelidae	*Lontra longicaudis*	EN	B2ab(ii,iii,iv,v)
Myrmecophagidae	*Myrmecophaga tridactyla*	DD	
Natalidae	*Natalus macrourus*	DD	
Noctilionidae	*Noctilio leporinus*	LC	
Phyllostomidae	*Carollia brevicauda*	LC	
Phyllostomidae	*Choeroniscus minor*		

Mamíferos

Família	Espécie	Categoria	Critério
Phyllostomidae	*Chrotopterus auritus*	LC	
Phyllostomidae	*Diaemus youngii*	VU	D2
Phyllostomidae	*Dryadonycteris capixaba*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Phyllostomidae	*Glyphonycteris sylvestris*	EN	B1ab(iii,iv)+B2ab(iii,iv)
Phyllostomidae	*Lampronycteris brachyotis*	EN	B1ab(i,iii)+B2ab(i,iii)
Phyllostomidae	*Lichonycteris degener*		
Phyllostomidae	*Lonchophylla bokermanni*	DD	
Phyllostomidae	*Lonchorhina aurita*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Phyllostomidae	*Micronycteris hirsuta*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Pitheciidae	*Callicebus nigrifrons*	VU	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Pitheciidae	*Callicebus personatus*	VU	B2ab(i,ii,iii,iv) + C2a(i)
Procyonidae	*Potos flavus*	DD	
Tapiridae	*Tapirus terrestris*	VU	B2ab(ii,iii,iv)
Tayassuidae	*Dicotyles tajacu*	VU	B2ab(ii,iii,iv)
Tayassuidae	*Tayassu pecari*	EN	B2ab(i,ii,iii,iv)
Thyropteridae	*Thyroptera wynneae*	LC	
Vespertilionidae	Myotis ruber	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)

Répteis

Família	Espécie	Categoria	Critério
Alligatoridae	*Caiman latirostris*	NT	B2b(i,ii,iii,iv)
Amphisbaenidae	*Amphisbaena nigricauda*	EN	B1ab(ii,iii,iv)+B2ab(ii,iii,iv)
Anolidae	*Dactyloa pseudotigrina*	DD	

Répteis

Família	Espécie	Categoria	Critério
Boidae	*Boa constrictor constrictor*	LC	
Boidae	*Corallus hortulana*	LC	
Boidae	*Epicrates cenchria*	LC	
Chelidae	*Hydromedusa maximiliani*	VU	A2c
Colubridae	*Tantilla boipiranga*	LC	
Dipsadidae	*Chlorosoma laticeps*	DD	
Teiidae	*Ameivula nativo*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)
Teiidae	*Salvator merianae*	LC	
Testudinidae	*Chelonoidis carbonarius*		
Testudinidae	*Chelonoidis denticulatus*	DD	
Viperidae	*Bothrops bilineatus bilineatus*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+2ab(i,ii,iii,iv)
Viperidae	*Lachesis muta*	EN	B1ab(i,ii,iii,iv)+B2ab(i,ii,iii,iv)

Índice remissivo de nomes científicos

Abrawayaomys ruschii 356
Aburria jacutinga 55
Accipiter poliogaster 60
Allobates olfersioides 27
Alouatta guariba guariba 360
Amadonastur lacernulatus 64
Amaurospiza moesta 68
Ameivula nativo 31
Amphisbaena nigricauda 34
Anumara forbesi 71
Arawacus aethesa 318
Ateuchus squalidus 322
Attila spadiceus uropygiatus 75
Bothrops bilineatus bilineatus 38
Brachyteles hypoxanthus 364
Bradypus crinitus 368
Bradypus variegatus 372
Callicebus nigrifrons 376
Callicebus personatus 380
Callithrix aurita 384
Callithrix flaviceps 389
Campylorhynchus turdinus turdinus 79
Carpornis melanocephala 82
Celeus flavus subflavus 86
Celeus torquatus tinnunculus 90
Chaetomys subspinosus 393
Chelidoptera tenebrosa brasiliensis 94
Cichlocolaptes leucophrus leucophrus 98

Circus buffoni 101
Cotinga maculata 105
Crax blumenbachii 109
Crypturellus noctivagus 114
Crypturellus variegatus 118
Dasypops schirchi 42
Diaemus youngii 396
Dichotomius schiffleri 325
Dicotyles tajacu 400
Dinoponera lucida 328
Dryadonycteris capixaba 404
Dysithamnus plumbeus 122
Eumops chimaera 407
Euryzygomatomys spinosus 410
Falco deiroleucus 125
Fimoscolex sporadochaetus 331
Formicarius colma ruficeps 129
Geotrygon violacea 133
Glaucidium minutissimum 137
Glaucis dohrnii 141
Glyphonycteris sylvestris 414
Harpia harpyja 145
Heraclides himeros himeros 334
Herpailurus yagouaroundi 417
Hyalyris leptalina 337
Hydromedusa maximiliani 46
Kannabateomys amblyonyx 422
Lachesis muta 51

Lampronycteris brachyotis 426
Laniocera hypopyrra 149
Leopardus guttulus 430
Leopardus wiedii 434
Lipaugus vociferans 153
Lonchorhina aurita 438
Lontra longicaudis 442
Machaeropterus regulus 156
Mcclungia cymo fallens 340
Melanerpes flavifrons 160
Melipona rufiventris 343
Micronycteris hirsuta 447
Monasa morphoeus morphoeus 164
Monodelphis scalops 451
Myotis ruber 454
Myrmoderus ruficauda ruficauda 168
Myrmotherula minor 171
Myrmotherula urosticta 174
Neomorphus geoffroyi dulcis 177
Neopelma aurifrons 181
Notharchus swainsoni 185
Nyctibius aethereus aethereus 189
Nyctibius grandis grandis 193
Nyctidromus hirundinaceus vielliardi 197
Odontopeltis aleijadinho 346
Odontopeltis giganteus 349
Odontophorus capueira capueira 201
Oxymycterus dasytrichus 458

Oxysternon pteroderum 352
Panthera onca 462
Panyptila cayennensis cayennensis 205
Paraclaravis geoffroyi 209
Piculus polyzonus 213
Pionus reichenowi 217
Priodontes maximus 467
Pseudastur polionotus 221
Pteroglossus bailloni 225
Pulsatrix perspicillata pulsatrix 228
Puma concolor 471
Pyrrhura cruentata 232
Pyrrhura leucotis 236
Rhagomys rufescens 476
Rhipidomys tribei 479
Rhynchocyclus olivaceus olivaceus 240
Rhytipterna simplex simplex 243
Sapajus robustus 483
Schiffornis turdina turdina 247
Sclerurus caudacutus umbretta 250
Scytalopus iraiensis 253
Spizaetus ornatus ornatus 257
Spizaetus tyrannus 261
Sporophila angolensis angolensis 265
Sporophila falcirostris 268
Sporophila frontalis 271
Sporophila maximiliani 274
Strix huhula 278

Tapirus terrestris 488
Tayassu pecari 492
Thamnomanes caesius caesius 282
Thripophaga macroura 285
Tinamus solitarius 289
Touit surdus 293
Trinomys moojeni 496
Trinomys paratus 499
Trogon collaris eytoni 297
Turdus fumigatus fumigatus 300
Urubitinga coronata 303
Veniliornis affinis affinis 307
Xipholena atropurpurea 311
Xiphorhynchus guttatus guttatus 314

Índice remissivo de nomes populares

águia-cinzenta 303
anambé-de-asa-branca 311
andorinhão-estofador 205
anfisbena 34
anta 488
anumará 71
apuim-de-cauda-amarela 293
araçari-banana 225
arapaçu-de-garganta-amarela 314
bacurauzinho-da-caatinga 197
balança-rabo-canela 141
barbado 360
benedito-de-testa-amarela 160
besouro 325
besouro-rola-bosta 352
bico-chato-grande 240
bicudo 274
borboleta 318, 334, 337
borboleta-asa-de-vidro 340
caburé-miudinho 137
cágado 46
capitão-de-saíra-amarelo 75
catatau 79
catitu 400
choquinha-chumbo 122
choquinha-de-rabo-cintado 174
choquinha-pequena 171
chora-chuva-de-cara-branca 164
chorona-cinza 149
cigarra-verdadeira 268

coruja-preta 278
crejoá 105
cricrió 153
cuíca-de-três-listras 451
curió 265
escaravelho-leitão-das-restingas 322
falcão-de-peito-laranja 125
flautim-marrom 247
formiga-gigante 328
formigueiro-de-cauda-ruiva 168
fruxu-baiano 181
galinha-do-mato 129
gato-do-mato-do-sul; 430
gato-maracajá 434
gato-mourisco 417
gavião-de-penacho 257
gavião-do-banhado 101
gavião-pega-macaco 261
gavião-pombo-pequeno 64
gavião-pombo 221
gavião-real 145
guiara 410
guigó 376, 380
inhambu-anhangá 118
ipecuá 282
jacu-estalo 177
jacutinga 55
jaó-do-sul 114
jararaca-verde 38
juriti-vermelha 133
lagartinho-de-linhares 31

lontra 442
macaco 483
macuco 289
macuru-de-barriga-castanha 185
mãe-da-lua-gigante 193
mãe-da-lua-parda 189
maitaca-de-barriga-azul 217
minhoca-branca 331
morcego 407, 404, 414, 447
morcego-beija-flor 404
morcego-borboleta-avermelhado 454
morcego-vampiro-de-asas-brancas 396
muriqui 364
murucututu 228
mutum-de-bico-vermelho 109
negrinho-do-mato 68
onça-parda 471
onça-pintada 462
ouriço-preto 393
parau-espelho 209
pica-pau-amarelo 86
pica-pau-avermelhado 307
pica-pau-de-coleira 90
pica-pau-dourado-grande 213
piolho-de-cobra 346, 349
pixoxó 271
preguiça-comum 372
preguiça-de-coleira-do-sul 368
queixada 492
rabo-amarelo 285
rato-da-árvore 479

rato-da-taquara 422
rato-de-espinho 496, 499
rato-do-brejo 458
rato-do-mato 356
rato-do-mato-de-laranjeira 476
sabiá-da-mata 300
sabiá-pimenta 82
sagui-caveirinha 384
sagui-da-serra 389
sapinho-foguete-da-mata-atlântica 27
sapo-cara-de-porco 42
surucuá-de-coleira 297
surucucu 51
tangará-rajado 156
tapaculo-da-várzea 253
tatu-canastra 467
tauató-pintado 60
tiriba-de-orelha-branca 236
tiriba-grande 232
trepador-sobrancelha 98
uru-do-sudeste 201
urubuzinho 94
uruçú-amarela 343
vira-folha-pardo 250
vissiá 243

Crédito das Fotos

Foto	Pg	Autor	Link
Chaetomys subspinosus	1, 3, 393	Leonardo Merçon	https://biofaces.com/post/5303/ourico-preto/
Pteroglossus bailloni	6, 225	Renato Augusto Martins - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Araçari-banana_-_Pteroglossus_bailloni.jpg
Panthera onca	13, 462	Charles J. Sharp - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Jaguar_%28Panthera_onca_palustris%29_female_Piquiri_River_3.jpg
Cotinga maculata	24, 105	Marco Cruz - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Crejo%C3%A1_macho_-_Cotinga_maculata_-_Banded_cotinga.jpg
Allobates olfersioides	27	Renato Augusto Martins - Wikipedia	https://pt.wikipedia.org/wiki/Allobates_olfersioides
Amphisbaena nigricauda	34	João Luiz Gasparini - NUPEM/UFRJ	https://www.researchgate.net/publication/341565244_PLANO_DE_ACAO_NACIONAL_PARA_A_CONSERVACAO_DA_HERPETOFAUNA_AMEACADA_DA_MATA_ATLANTICA_NORDESTINA/figures?lo=1
Bothrops bilineatus bilineatus	38	Sébastien Sant - Inaturalist	https://www.inaturalist.org/observations/47586571
Dasypops schirchi	42	Lucas Aosf - Inaturalist	https://www.inaturalist.org/observations/149658246
Hydromedusa maximiliani	46	Henrique C. Costa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/110011701
Lachesis muta	51	Rodrigo Frazão Alves - BioDiversity4All	https://www.BioDiversity4All.org/observations/187497588
Aburria jacutinga	55	Leonardo Casadei - wikiaves	https://www.wikiaves.com.br/3074021&t=s&s=10065&tag=FOTOALIMENTACAO
Accipiter poliogaster	60	Norton Santos - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/taxa/5146-Accipiter-poliogaster
Amadonastur lacernulatus	64	Marcelo Schmidt Roberti - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/227940459
Amaurospiza moesta	68	Hector Bottai - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Amaurospiza_moesta_-_Blackish-blue_seedeater_%28male%29.JPG
Anumara forbesi	71	Roberto De Oliveira Silva - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/107350712
Attila spadiceus uropygiatus	75	Allan Clé Porto	
Campylorhynchus turdinus turdinus	79	Nick Athanas - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/64387929

Carpornis melanocephala	82	Dario Sanches - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sabi%C3%A1-pimenta_%28Carpornis_melanocephala%29_%2818243450539%29.jpg
Celeus flavus subflavus	86	Gabriel Bonfa - iNaturalist	https://www.inaturalist.org/observations/113051810
Celeus torquatus tinnunculus	90	Gabriel Bonfa - iNaturalist	https://www.inaturalist.org/observations/182230742
Chelidoptera tenebrosa brasiliensis	94	Paul Cools - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/35923514
Cichlocolaptes leucophrus leucophrus	98	Hector Bottai - Wikipedia	https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cichlocolaptes_leucophrus_-_Pale-browed_Treehunter.JPG
Circus buffoni	101	Cláudio Dias Timm - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Circus_buffoni_male_pale_fencepost.jpg
Crax blumenbachii	109	Leonardo Merçon / Instituto Últimos Refúgios - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/10579179
Crypturellus noctivagus	114	Hector Bottai - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/taxa/20574-Crypturellus-noctivagus
Crypturellus variegatus	118	Edson Guilherme - BioDiversity4All	https://www.BioDiversity4All.org/observations/73386578
Dysithamnus plumbeus	122	Gabriel Bonfa - iNaturalist	https://www.inaturalist.org/observations/113051800
Falco deiroleucus	125	Hector Bottai - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Falco_deiroleucus_-_Orange-breasted_Falcon.JPG
Formicarius colma ruficeps	129	Marco Cruz - Wikiaves	
Geotrygon violacea	133	HarmonyonPlanetEarth - Wikipedia	https://pt.wikipedia.org/wiki/Juriti-vermelha#/media/Ficheiro:Violaceous_Quail-Dove,_Panama_(8143020744).jpg
Glaucidium minutissimum	137	Leonardo Casadei - wikiaves	https://www.wikiaves.com.br/2790256&tm=f&t=s&s=10528&o=mp&p=1
Glaucis dohrnii	141	Roberto De Oliveira Silva - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/192631906
Harpia harpyja	145	Quartl - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Harpia_harpyja_qtl1.jpg
Laniocera hypopyrra	149	Gabriel Bonfa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/113630416
Lipaugus vociferans	153	Hector Bottai - Wikipedia	https://pt.wikipedia.org/wiki/Cricri%C3%B3-seringueiro
Machaeropterus regulus	156	Hector Bottai - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Machaeropterus_regulus_-_Stripped_manakin_%28male%29.jpg
Melanerpes flavifrons	160	Dario Sanches - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Melanerpes_flavifrons_-Parque_Nacional_do_Itatiaia,_Rio_de_Janeiro,_Brazil-8.jpg
Monasa morphoeus morphoeus	164	José Alberto Conejo Garcia - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/52799417

Myrmoderus ruficauda ruficauda	168	Gabriel Bonfá	
Myrmotherula minor	171	Gabriel Bonfa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/147919417
Myrmotherula urosticta	174	Gabriel Bonfa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/113630419
Neomorphus geoffroyi dulcis	177	Josh Vandermeulen - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/23698018
Neopelma aurifrons	181	Hector Bottai - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Neopelma_aurifrons_-_Wied%27s_Tyrant-Manakin.jpg
Notharchus swainsoni	185	Ron Knight - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Notharchus_swainsoni_-_Buff-bellied_puffbird_%28cropped%29.jpg
Nyctibius aethereus aethereus	189	Claudio Dias Timm - wikiaves	https://www.wikiaves.com.br/wiki/urutau-pardo?s[]=nyctibius&s[]=aethereus
Nyctibius grandis grandis	193	Allison Dias - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:M%C3%A3e-da-lua-gigante_(Nyctibius_grandis).jpg
Nyctidromus hirundinaceus vielliardi	197	Gabriel Bonfa - BioDiversity4All	https://www.BioDiversity4All.org/observations/113615849
Odontophorus capueira capueira	201	Vanessa Trally Bard - BioDiversity4All	https://www.BioDiversity4All.org/observations/181270968
Panyptila cayennensis cayennensis	205	Marco Cruz	
Paraclaravis geoffroyi	209	Temminck, C.J. (Coenraad Jacob), - Knip, Pauline de Courcelles	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Colomba_Godefrida.jpg
Piculus polyzonus	213	Gabriel Bonfa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/113615922
Pionus reichenowi	217	Gabriel Bonfa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/113808672
Pseudastur polionotus	221	Nick Athanas - Flickr	https://www.flickr.com/photos/antpitta/35232767323
Pulsatrix perspicillata pulsatrix	228	Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pulsatrix_perspicillata_-Woodland_Park_Zoo--8a_%281%29.jpg
Pyrrhura cruentata	232	Gabriel Bonfa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/245323348
Pyrrhura leucotis	236	Gabriel Bonfa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/192217224
Rhynchocyclus olivaceus olivaceus	240	Félix Uribe - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rhynchocyclus_olivaceus_Picoplano_oliv%C3%A1ceo_Olivaceous_flatbill_%28121981864444%29.jpg
Rhytipterna simplex simplex	243	Matheus Fernandes Moraes Silva - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/92365174
Schiffornis turdina turdina	247	Hector Bottai - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Schiffornis_turdina_-_Brown-winged_schiffornis.JPG

Sclerurus caudacutus umbretta	250	Gabriel Bonfá	
Scytalopus iraiensis	253	Edu Franco - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/66841538
Spizaetus ornatus ornatus	257	Mateus Hidalgo - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Spizaetus_ornatus_crop.png
Spizaetus tyrannus	261	Tom Friedel	https://pt.wikipedia.org/wiki/Gavi%C3%A3o-pega-macaco#/media/Ficheiro:Black_Hawk-Eagle.jpg
Sporophila angolensis angolensis	265	Clodoaldo Costa Junior - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/15907807
Sporophila falcirostris	268	Dario Sanches - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sporophila_falcirostris_-Horto_Florestal_de_Sao_Paulo,_Brazil-8.jpg
Sporophila frontalis	271	Dario Sanches - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sporophila_frontalis_-Parque_Estadual_da_Serra_da_Cantareira,_Sao_Paulo,_Brazil-8.jpg
Sporophila maximiliani	274	Ruben D. Layme - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/106139163
Strix huhula	278	Norton Defeis - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Coruja-preta_%28Strix_huhula%29.jpg
Thamnomanes caesius caesius	282	Hector Bottai - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Thamnomanes_caesius_-_Cinereous_antshrike.jpg
Thripophaga macroura	285	Hector Bottai - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Thripophaga_macroura_-_Striated_Softail;_Sooretama,_Espirito_Santo,_Brazil.jpg
Tinamus solitarius	289	Mauro Regalado Soares - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tinamus_solitarius_5.jpg
Touit surdus	293	Gabriel Bonfa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/130814024
Trogon collaris eytoni	297, 566	Allan Clé Porto	
Turdus fumigatus fumigatus	300	Filipe J Ribeiro - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/78029802
Urubitinga coronata	303	Luiz Carlos Rocha - Flickr	https://www.flickr.com/photos/luizmrocha/5640458251/in/photostream/
Veniliornis affinis affinis	307	Leonardo Merçon	
Xipholena atropurpurea	311	Eric Carpenter - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/111655330
Xiphorhynchus guttatus guttatus	314	Cláudio Dias Timm - Wikipedia - Imagem de X. guttatus	https://www.inaturalist.org/photos/95930
Arawacus aethesa	318	Augusto Rosa	
Ateuchus squalidus	322	Mario Cupello	
Dichotomius schiffleri	325	Fernando Vaz de Mello	

Dinoponera lucida	328	April Nobile, CASENT0104920, www.antweb.org	https://www.antweb.org/bigPicture.do?name=casent0104920&shot=p&number=1
Heraclides himeros himeros	334	Augusto Rosa	
Hyalyris leptalina	337	Augusto Rosa	
Mcclungia cymo fallens	340	Augusto Rosa	
Melipona rufiventris	343	Andre de Matos Alves - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Melipona_rufiventris_mondory.png
Odontopeltis giganteus	349	Fábio Giordano - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/taxa/338483-Odontopeltis
Oxysternon pteroderum	352	Rafael Barros - BioDiversity4All	https://www.inaturalist.org/photos/248882027
Abrawayaomys ruschii	356	Maria Clara Nascimento - UFMG	
Alouatta guariba guariba	360	Marlon Lima	
Brachyteles hypoxanthus	364	Marlon Lima	
Bradypus crinitus	368		
Bradypus variegatus	372	Edson Guilherme - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bradypus_variegatus.jpg
Callicebus nigrifrons	376	Rick Costa - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/observations/198409316
Callicebus personatus	380	Samuel Lucas Brasileiro Silvério	
Callithrix aurita	384	Jack Hynes - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Buffy-tufted_marmoset_%28Callithrix_aurita%29.jpg
Callithrix flaviceps	389	Marlon Lima	
Diaemus youngii	396	Juan Cruzado Cortés	https://www.biodiversity4all.org/photos/61730397
Dicotyles tajacu	400	Hans Hillewaert - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pecari_tajacu_%28Costa_Rica%29_%28cropped%29.jpg
Dryadonycteris capixaba	404	Reserva Natural Vale	https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2012/06/nova-especie-de-morcego-e-descoberta-em-linhares-no-es.html
Euryzygomatomys spinosus	410	Emanuelle Pasa	https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-rodentia/familia-echimyidae/guiara-euryzygomatomys-spinosus/
Glyphonycteris sylvestris	414	Jose G. Martinez-Fonseca - iNaturalist	https://www.inaturalist.org/photos/12476715
Herpailurus yagouaroundi	417	Leonardo Merçon	
Kannabateomys amblyonyx	422	Fernando Farias - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/28620128

Lampronycteris brachyotis	426	Geoffrey Gomes - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/491810
Leopardus guttulus	430	BioDiversity4All	https://www.BioDiversity4All.org/observations/71677135
Leopardus wiedii	434	Malene Thyssen - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Margaykat_Leopardus_wiedii.jpg
Lonchorhina aurita	438	Animalia	https://www.animalia.bio/pt/tomess-sword-nosed-bat
Lontra longicaudis	442	Leonardo Merçon	
Micronycteris hirsuta	447	Geoffrey Gomes - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/544277
Monodelphis scalops	451	Marco Aurélio de Sena - BioDiversity4All	https://www.biodiversity4all.org/photos/178241814
Myotis ruber	454	Diego Torres Arboleda	https://www.inaturalist.org/taxa/40330-Myotis-ruber
Oxymycterus dasytrichus	458	Pablo Gonçalves	https://animaldiversity.org/collections/contributors/pablo_goncalves/O.dasytrichus_a/
Priodontes maximus	467	Bradley Davis - iNaturalist	https://www.inaturalist.org/taxa/47085-Priodontes-maximus
Puma concolor	471	Leonardo Merçon	
Rhagomys rufescens	476	Marcelo Passamani - UFLA	
Rhipidomys tribei	479	Natália L. Boroni	
Sapajus robustus	483	Alec Fredericks - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Sapajus_robustus_%28Crested_capuchin%29.jpg
Tapirus terrestris	488	Jean-Marc Rosier - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tapirus_terrestris_%281%29_by_JM_Rosier.jpg
Tayassu pecari	492	Bernard DUPONT - Wikimedia Commons	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:White-lipped_Peccary_Tayassu_pecari_%286782072719%29.jpg
Trinomys moojeni	496	Guilherme Garbino	https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Trinomys.jpg

Este livro é fruto da parceria firmada entre a
Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS) e o
Instituto Internacional para Sustentabilidade (IIS),
com financiamento da Fundação RENOVA no âmbito do projeto
"Avaliação do status de conservação de espécies e prioridades espaciais
para a conservação e restauração na bacia do rio Doce".

Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável

Instituto Internacional para Sustentabilidade

Fundação Renova

ISBN: 978-65-983510-3-8